

José Maurício Ismael Madi Filho

Frei Germano de Annecy (1822-1890): lugares, saberes e práticas

Doutorado em: Educação: História, Política, Sociedade

São Paulo
2022

José Maurício Ismael Madi Filho

Frei Germano de Annecy (1822-1890): lugares, saberes e práticas

Doutorado em: Educação: História, Política, Sociedade

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação: História, Política, Sociedade sob a orientação da Profa. Dra. Katya Braghini.

São Paulo
2022

Banca Examinadora

Dedico esse trabalho ao meu pai,
José Maurício Ismael Madi e à minha
avó, Carmen Ismael Madi, pelas
presenças distantes, assim como são
as estrelas em nossas vidas.

In memoriam.

Agradecimento às agências de fomento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – nº do processo 88887.169612/2018-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – nº do processo 88887.169612/2018-00.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – nº do processo 142303/2018-6.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – nº do processo 142303/2018-6.

AGRADECIMENTOS

Trago no sonho/ E no sangue
Motivos para lutar/ Ladeiras do
divino/ E becos da fome/
Quem cruzou aquela ponte/
Não vai se esquecer/
O que eu sou/ Eu sou em par
Não cheguei/ Não cheguei
sozinho, não

(Lenine)

Produzi minha pesquisa em um momento disruptivo da história do Brasil. Cheguei até aqui porque encontrei em pessoas queridas o apoio necessário para realizar esse trabalho. A elas, agradeço.

À prof. dra. Katya Braghini, minha orientadora, pelas aulas, orientações e pelo entusiasmo com esse trabalho, e também pelas conversas e pelo incentivo à pesquisa e à divulgação científica.

Ao prof. dr. Kazumi Munakata, pelos apontamentos realizados no exame de qualificação, por aceitar compor essa banca, pelas aulas, por ter me orientado no mestrado, pela companhia interessante e prazerosa.

Ao prof. dr. Reginaldo Meloni, pelos apontamentos realizados no exame de qualificação e por ter aceitado o convite para ser arguidor desse trabalho.

À prof. dra. Regina Gualtieri por ter aceitado ser arguidora desse trabalho.

À prof. dra. Ana Paula Ferreira da Silva por ter aceitado compor essa banca de doutorado.

Ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade (EHPS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

À Elisabete Adania, a Betinha, pelas risadas, generosidade e solicitude com que trata os alunos do programa.

À prof. Dra. Bianca Barbagallo Zucchi, querida amiga, pela parceira e por me incentivar a trilhar os caminhos da pesquisa científica.

À prof. dr. Patrícia Carla Martins, por sua generosidade em conversar comigo a respeito da documentação disponível sobre o Seminário Episcopal nos acervos que ela pesquisou.

Ao frei capuchinho Hilário Frighetto, memorialista e historiador da Ordem dos Capuchinhos de Savóia, pela generosidade em responder meus e-mails.

A todos os membros do Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos (NEO), em especial, aos queridos Ricardo Pedro, Raquel Piñas, Camila Marchi e Andrezza Comeski.

Novamente, a Ricardo Pedro, bibliotecário do Colégio Marista Arquidiocesano, pela presteza e solicitude por facilitar o acesso ao acervo da instituição.

À Anne Le Bastard e ao Pierre Moracchini, respectivamente, arquivista e historiador do Arquivo dos Capuchinhos em Paris, por facilitarem a transferência dos acervos documentais dos conventos de Savóia e da Missão Brasil dos capuchinhos de Savóia.

Aos queridos amigos historiadores Victor Martins de Souza e Dirceu Franco por intermediarem a transferência dos acervos do Arquivo dos Capuchinhos de Paris.

À querida Ana Cláudia Fernandes, pela generosidade, pela compreensão, por ser essa pessoa incrível e inspiradora.

Ao Cesar Dellore, pela parceria de sempre.

Aos queridos amigos, Isis Schweter e Rodrigo Brunherotto, Susana Galdino, Travis Silvers e Benicio Galdino Silvers, João Guilherme e Ana Cavinato, Daniel Taniguchi, por partilhar a existência com vocês.

À minha tia Sumaia, a primeira historiadora da família, a quem admiro. Ao meu tio Carlos, pela coragem e perseverança de sempre.

Ao meu tio Tufi e à minha tia Cida, pela presença e pelo incentivo constante.

À minha tia Carmem, pela preocupação comigo.

Ao meu querido primo Jorge Augusto, pelas caminhadas e pelas conversas a respeito do céu diurno e das noites estreladas.

À dona Vera e à dona Sara, pelo carinho, dedicação e auxílio nas horas difíceis.

À minha irmã Maryan Carmem e à minha mãe Armida Crocillo Madi pela expectativa com o término desse trabalho e a quem pude fazer um gosto.

À Marilda Carpanezi e ao Alex Carpanezi, meu carinho, respeito e gratidão.

À Paguzinha, pelas lambidinhas e pela oxitocina.

À Clarissa Resende Batistela, companheira de vida, por compreender minhas ausências, pela escuta acolhedora nos momentos adversos, pelo incentivo constante. Sem você, eu não teria conseguido realizar esse trabalho.

Resumo

A pesquisa apresenta a vida, obra e práticas docentes de Frei Germano de Annecy (1822-1890), capuchinho, natural de Annecy, que viveu no Brasil de 1858 a 1890. De 1858 a 1878, integrou o corpo docente do Seminário Episcopal de São Paulo, então dirigido pelos capuchinhos de Savóia. Posteriormente residiu nas cidades de Franca e Uberaba, respectivamente, e faleceu em 1890 quando intentava voltar à França. No Brasil, frei Germano foi professor de Matemáticas, de Física e de Astronomia, além de projetor de relógios de Sol. É tido como o pioneiro na organização de Gabinetes de Física e na organização de observatórios do clima e do espaço na província de São Paulo, o que o levou a publicar centenas de boletins meteorológicos e dezenas de artigos ou notas a respeito de efemérides astronômicas. Pergunta-se: Quais eram os saberes e as práticas de frei Germano e Annecy? Procura-se saber o que e como ensinava e o que os seus objetos e instrumentos científicos revelam sobre suas práticas científicas, além de como desenvolveu aptidão pelo gosto científico e como suas atividades revelam as relações entre a ciência e a Igreja no século XIX. Trata-se de uma pesquisa que intersecciona a história das ciências e do ensino de ciências sob a perspectiva de uma biografia histórica. As discussões tecidas por Le Goff e Dosse a respeito desse gênero contribuem para a construção do tema, porém a pesquisa conta particularmente com o suporte teórico-metodológico advindo da micro-história a partir de autores como Ginzburg e Levi. Essa pesquisa mobilizou um conjunto documental amplo e variado tais como documentação referente à formação disciplinar dos capuchinhos em Savóia, artigos publicados pela revista da Real Academia de Chambéry, informes relatando as aulas disponíveis no Seminário Episcopal, documentos burocráticos e pessoais a respeito da missão dos capuchinhos de Savóia no Brasil, fotografias, gravuras, cartas, boletins meteorológicos, publicações a respeito de efemérides astronômicas, relatos biográficos e homenagens póstumas a frei Germano de Annecy. Além da abordagem advinda da micro-história, esse conjunto documental é analisado com base nas discussões historiográficas pertinentes à história das ciências e do ensino de ciências e nas contribuições teórico-metodológicas referentes à cultura material e cultura material escolar, presentes em autores como Aubin, Besse, Braghini, Daston, Escolano Benito, Meloni, Munakata, entre outros.

Palavras-chave: Frei Germano de Annecy; Observatório do Seminário Episcopal; Cultura Material e Cultura Material Escolar; História das Ciências e do Ensino de Ciências

Abstract

The research presents the life, work and teaching practices of Fray Germano of Annecy (1822-1890), a capuchin, born in Annecy, who lived in Brazil from 1858 to 1890. From 1858 to 1878, he was part of the teaching staff of the Episcopal Seminary of Sao Paulo. Thereafter he lived in the cities of Franca and Uberaba, respectively, and died in 1890 while attempting to return to his home country, France. Fray Germano was a Mathematics, Physics and Astronomy professor, as well as a sundial projector. He is considered being the pioneer of the Physics Department and was responsible for the weather and space observatories in the province of São Paulo, which led him to publish hundreds of meteorological bulletins and dozens of articles and notes about astronomical ephemeris. The question is: What were the knowledge and practices of Fray Germano of Annecy? This investigation seeks to know what and how he taught and what his scientific objects and instruments reveal about his scientific practices, as well as how he developed an aptitude for scientific taste and how his activities reveal the relationship between science and the Church in the 19th century. This research intersects the history of science and the education of science from a historical perspective. The discussions made by Le Goff and Dosse about this genre contribute to the construction of the theme, but the research relies particularly on the theoretical-methodological support arising from micro-history raised by authors such as Ginzburg and Levi. It also mobilized a wide and varied set of documents, such as documentation regarding the disciplinary formation of Savoia's Capuchin, articles published by the magazine of the Royal Academy of Chambéry, reports describing the classes available at the Episcopal Seminary, bureaucratic and personal documents regarding the mission of the Capuchins of Savoia in Brazil, photographs, engravings, letters, meteorological bulletins, publications on astronomical events, biographical reports and posthumous tributes to Fray Germano of Annecy. Besides the micro-history approach, this set of documents is analyzed based on historiographical discussions relevant to the history of science, science teaching and on theoretical-methodological contributions referring to material culture and school material culture, present in authors such as Aubin, Besse, Braghini, Daston, Escolano Benito, Meloni, Munakata, among others.

Keywords: Fray Germano de Annecy; Observatory of the Episcopal Seminary; Material Culture and School Material Culture; History of Science and Science Teaching.

Lista de figuras

Figura 1 – Alguns exemplos de relógios de Sol mural na Alta-Savóia e na Savóia.....	126
Figura 2 – Traite d’horlogiographie, 1747. Folha de rosto.....	127
Figura 3 – Traite d’horlogiographie, 1747.....	129
Figura 4 – Relógios de Sol de frei Arsene.....	131
Figura 5 – Aulas abertas no Seminário Episcopal em dezembro de 1871	148
Figura 6 – Relógio de Sol mural no Seminário Episcopal de São Paulo (s.d.)	152
Figura 7 – Relógios cúbicos no Seminário Episcopal.....	153
Figura 8 – Fachada do Seminário Episcopal de São Paulo.....	154
Figura 9 – Relatório de despesas do Seminário Episcopal de São Paulo, c. 1860.....	156
Figura 10 – Fotografia de Frei Germano de Annecy por Militão Augusto de Azevedo (1870-1874)	161
Figura 11 – Homenagem a frei Germano de Annecy em gravura de Benedito Calixto (1906)	192
Figura 12 – Fachada do Seminário Episcopal, sem o belvedere, captada por Militão Augusto de Azevedo (c. 1887)	207
Figura 13 – Paróquia de São Cristóvão (antigo Seminário Episcopal), situada na Avenida Tiradentes, 84, vista da fachada e vista de cima	207
Figura 14 – Gravura do Relógio de Sol mural do Seminário Episcopal	212
Figura 15 – Detalhe dos símbolos do Relógio de Sol mural do Seminário Episcopal ...	214
Figura 16 – Detalhe do quadro-horário Relógio de Sol mural do Seminário Episcopal	215
Figura 17 – Gráfico da equação do tempo (1862)	216
Figura 18 – Gráfico do analema (1862)	217
Figura 19 – Gravura do Relógio de Sol mural do Seminário Episcopal com localidades (intervenção nossa)	218
Figura 20 – Detalhe da gravura do quadro-horário de Sol mural do Seminário Episcopal com constelações zodiacais projetadas (intervenção nossa)	219
Figura 21 – A abóboda celeste no sistema heliocêntrico	220
Figura 22 – Projeção de sombras, em um relógio de Sol que representa o artefato de frei Germano de Annecy, em diferentes momentos dos dias que correspondem aos equinócios	221
Figura 23 – Posições características do Sol	222

Figura 24 – Croqui de relógio de Sol mural	222
Figura 25 – Detalhe do analema com intervenções.....	224
Figura 26 – Vista do fundo do Seminário Episcopal - Militão Augusto de Azevedo (1862/1863)	225
Figura 27 – Vista do belvedere do Seminário Episcopal de São Paulo – Militão Augusto de Azevedo (1862/1863)	226
Figura 28 – Vista do céu noturno do Seminário Episcopal (21 de março de 1862) no <i>Stellarium</i>	227
Figura 29 – Vista do céu noturno do Seminário Episcopal (21 de março de 1862) no <i>Stellarium</i> com projeção de constelações	229
Figura 30 – Diagramação da constelação da Ursa Maior	232
Figura 31 – Asterismos: Coroa, Triângulo Austral, Cruzeiro, Quadrado de Pegaso ..	235
Figura 32 – Simulação do Grande Cometa de 1865 visto do Seminário Episcopal de São Paulo (<i>Stellarium</i>)	242
Figura 33 – Sínteses de observações meteorológicas feitas no Seminário Episcopal para os anos de 1866 e 1867	248
Figura 34 – Boletim meteorológico do tempo feito nos dias 26 e 27 de agosto de 1877	251
Figura 35 – Gravura da fachada do Seminário Episcopal (s.d.), feita com base na fotografia de Militão (1862-1863), restaurada por Aypio Leme (com intervenções)	253
Figura 36 – Diagramação do livro <i>Noções elementares de Physica e Chimica</i>	259
Figura 37 – Barômetro a ar ou “simpiesômetro” – L. Casella (c.1850)	264
Figura 38 – Relógio cúbico projeto por frei Germano de Annecy	266
Figura 39 – Relógio de Sol vertical projetado por frei Germano de Annecy instalado na cidade de Franca. Foto de c. 1900	269
Figura 40 – Relógio de Sol vertical projetado por frei Germano de Annecy instalado na cidade de Franca. Foto de 2022	270
Figura 41 – Relógio de Sol de Franca por seus componentes	270
Figura 42 – Placa em memória da projeção do relógio de Sol de Franca.....	271
Figura 43 – L’unique, relógio de Sol vertical projetado por Frei Arsene, em Annecy ...	278

Lista de quadros

Quadro 1 – Documentação sobre o Seminário Episcopal de São Paulo, de 1856 a 1878, e sobre frei Germano de Annecy, de 1858 a 1890, no fundo Ofícios Diversos do APESP	55
Quadro 2 – Artigos assinados por frei Germano e ou que contenham os resultados de suas observações astronômicas, por ordem de ocorrência	61
Quadro 3 – Homenagens póstumas e relatos biográficos publicados em jornais e revistas	64
Quadro 4 – Objetos e instrumentos científicos de Frei Germano de Annecy identificados em fontes diversas	65
Quadro 5 – Aulas abertas no Seminário Episcopal em janeiro de 1858	145
Quadro 6 – Alunos matriculados nas matérias em funcionamento no Seminário Episcopal em 1860	159
Quadro 7 – Cosmografia nos programas de ensino de 1858, 1862 e 1877 do Colégio de Pedro II	238

Lista de tabelas

Tabela 1 – Jornais e periódicos com notícias sobre o Seminário Episcopal consultados para a província de São Paulo	56
Tabela 2 – Boletins meteorológicos publicados por frei Germano de Annecy	61
Tabela 3 – Publicações em que frei Germano é citado: assuntos diversos	63
Tabela 4 - Seminário Menor – aulas de Física e Astronomia (1858-1878)	150

Lista de abreviações

APESP	Arquivo Público do Estado
ACMSP	Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo
ACF	Archive des Capucins en France
AHMF	Arquivo Histórico Municipal de Franca
APMU	Arquivo Público Municipal de Uberaba
OFM	Ordem dos Frades Menores
OFMcap	Ordem dos Frades Menores capuchinhos
CONDEPHAAT	Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado
BCM	Bureau Central Météorologique

SUMÁRIO

Introdução	17
Justificativa	18
História da educação científica: espaços, práticas e objetos	23
Definição do tema e do problema	29
Por uma biografia de frei Germano de Annecy	35
Procedimento de pesquisa	54
Estrutura do trabalho	66
Capítulo 1 – Frei Germano de Annecy e a Savóia	68
1.1 A Savóia: um território na periferia do Reino do Piemonte e Sardenha	69
1.2 A religião católica na Savóia e a ordem capuchinha.....	72
1.3 A cidade de Annecy nos tempos de Frei Germano.....	76
1.4 Frei Germano nos tempos de Annecy.....	80
1.5 Tornando-se capuchinho em Savóia.....	87
Capítulo 2 – Frei Germano de Annecy e o gosto pelas ciências: alguns indícios	99
2.1 Os clérigos e as ciências no século XIX: diálogos possíveis?	106
2.2 Frei Germano de Annecy e o interesse pelas ciências na Savóia.....	114
Capítulo 3 - Frei Germano de Annecy, um sábio nos trópicos	133
3.1 A reforma ultramontana e o início dos trabalhos dos capuchinhos no Seminário Episcopal	135
3.2 Frei Germano de Annecy e o Seminário Episcopal de São Paulo	145
3.3 Frei Germano de Annecy: virtude científica e estima social a partir do Seminário Episcopal	150
3.4 O ocaso dos capuchinhos de Savóia e a permanência de frei Germano	170
3.5 Um astrônomo no sertão: de Uberaba à Franca	179
3.6 O mar como destino?	188
Capítulo 4 - Frei Germano de Annecy: um observador no Seminário Episcopal de São Paulo	194
4.1 Frei Germano de Annecy no Seminário Episcopal: entre lugares de saber e práticas.....	205

4.2 Frei Germano de Annecy: dinâmicas entre o céu diurno e noturno a partir Seminário Episcopal	209
4.3 A observação de cometas e outras efemérides no Seminário Episcopal	238
4.4 Frei Germano e a meteorologia no Seminário Episcopal	245
4.5 Vestígios materiais dos saberes e das práticas de frei Germano	263
Conclusão.....	281
Referências bibliográficas.....	290
Anexos.....	330

Introdução

O presente trabalho debruça-se sobre uma história da vida de um importante personagem da cultura científica do século XIX no Brasil e que, até o momento, não foi alvo de uma pesquisa acadêmica monográfica. Seu nome, frei Germano de Annecy (1822-1890), capuchinho que fixou residência no Brasil a partir do ano de 1858, lecionou Matemáticas, Física e Astronomia, organizou Gabinetes de Física e Observatórios, e, por meio destes publicou centenas de boletins meteorológicos e artigos referentes às suas observações de efemérides astronômicas.¹

Esse trabalho foi pensado em decorrência da minha dissertação de mestrado. Em 2013, recebi o título de mestre pelo Programa de Estudos Pós Graduated em Educação: História, Política, Sociedade com a dissertação intitulada “Animais taxidermizados como materiais didáticos em fins do século XIX e início do século XX”.² O interesse pela pesquisa de mestrado surgiu após a realização de uma visita ao Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, por conta de sua significativa coleção formada por 109 animais taxidermizados localizados, atualmente, nos corredores do terceiro andar do prédio.

Esses artefatos, vestígios da cultura material escolar, foram utilizados como objeto e como fonte em nossa pesquisa. A dissertação buscou compreender a apropriação escolar desses objetos considerando os aspectos acerca de sua biografia: aparecimento e inserção cultural, apropriação escolar e sua vinculação com métodos de ensino e saberes por eles mediados, até o desuso ou utilização em novos contextos.

A utilização de animais taxidermizados como materiais didáticos esteve ligada ao processo marcado pela ampliação e diversificação de materiais escolares resultantes da renovação curricular e pedagógica que se acentuou no século XIX em favor da entrada das ciências no currículo, da educação dos sentidos, do método intuitivo. Tal método propunha uma guinada epistemológica em relação ao ensino dito verbalista pelos seus detratores, ao valorizar os sentidos como instrumentos determinantes para aquisição do conhecimento. Nessa proposição: “os objetos a serem utilizados no ensino [...] assumem

¹ Esse projeto está instituído no projeto de pesquisa A história da escola por seus objetos: Estudos etnohistóricos da escola brasileira (séc. XIX e XX) e, também integra o grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos (NEO), ambos coordenados pela Profa. Dra. Katya Braghini.

² Dissertação orientada pelo Prof. Dr. Kazumi Munakata e integrou o projeto de pesquisa por ele coordenado: A educação dos sentidos na escola contemporânea brasileira (séculos XIX-XX): projetos, práticas, materialidades.

papel fundamental, pois são a garantia de que o conhecimento não seja meramente transmitido, mas gerado com base no contato com o instrumento” (VALDEMARIN, 2000, p. 76).

Em nosso estudo, verificamos que a coleção de taxidermizados do Colégio Marista Arquidiocesano, participava de um conjunto bastante diversificado de materiais didáticos junto de quadros parietais, coleções entomológicas, mineralógicas, e modelos anatômicos, para a formação da coleção de História Natural; e de coleções de instrumentos e máquinas para o ensino de Física e Química. Entretanto, essas coleções foram iniciadas antes de os Maristas chegarem à administração do colégio em 1908, data que marca a elevação da Diocese à Arquidiocese e a mudança do nome do colégio de Diocesano (do Seminário Episcopal) para Arquidiocesano. Portanto, parte daquelas coleções tem uma história pregressa que remonta à fundação do Seminário Episcopal no ano de 1856, quando a instituição foi dirigida pelos capuchinhos de Savóia.

Um desses capuchinhos era frei Germano de Annecy (1822-1890). A presente pesquisa aborda seus saberes e práticas ligados à propagação das ciências, com ênfase no estudo de suas atividades como astrônomo e climatologista realizadas no Seminário Episcopal entre os anos de 1858 e 1878, período em que foi professor da instituição. Em nosso trabalho, abordamos também a passagem do capuchinho por outras cidades, como Uberaba (Minas Gerais), em que residiu entre os anos de 1879 e 1885, e Franca (São Paulo), onde morou desta data até o ano de 1889, período fértil em que frei Germano se manteve ativo na promoção das ciências. Frei Germano faleceu em 1890 enquanto intentava voltar para a sua terra natal.

Justificativa

Frei Germano nasceu no dia 10 de agosto de 1822 na cidade de Annecy, situada na atual Alta-Savóia, França. Ele se formou capuchinho tendo realizado seus estudos de noviço em La-Roche-sur-Foron entre 1841 e 1842, ordenou-se padre em Chambéry, de 1842 a 1845. Depois de desenvolver trabalhos missionários no Chile, no início da década de 1850, transferiu-se para o império brasileiro em 1858 para fazer parte do corpo docente do Seminário Episcopal de São Paulo.

O referido seminário, fundado em 1856, apresentava duas modalidades de ensino: o Seminário Maior, com a incumbência de formar novos quadros para o clero da província; e o Seminário Menor, destinado a ofertar cursos preparatórios e a atender a

demanda por Ensino Secundário de jovens que não necessariamente aspiravam ao sacerdócio. Sob as ordens do Papa Pio IX, o bispo dom Antônio Joaquim de Melo recrutou freis capuchinhos da Província da Savóia, então pertencente ao Reino do Piemonte-Sardenha. Os capuchinhos permaneceram à frente da instituição até 1878.

Uma publicação de 1863 de Clemente Falcão de Sousa Filho fornece pistas sobre o tipo de instrução fornecida pelo Seminário:

os seminaristas que estudam os preparatórios e as ciências, isto é, filosofia, matemática, física, astronomia, história, geografia, latim, francês, inglês e gramática portuguesa. Os alunos d'este seminário podem dedicar-se a qualquer profissão (SOUSA FILHO, 1863, p. 266)³.

De acordo com Sousa Filho (1863), o Seminário Menor oferecia o estudo de língua clássica, como o Latim, e vernáculas, como o Francês, o Inglês e a Gramática Portuguesa, além da Filosofia, da Matemática, da História e da Geografia. Além disso, lá se estudavam também “as ciências” sob as rubricas da Física e da Astronomia. Essa oferta de cursos era possível em razão da presença de frei Germano de Annecy no corpo docente da referida instituição.

A leitura desse excerto nos remete às discussões realizadas por Chervel e Compère (1999) que, ao abordarem a história do ensino ocidental, argumentam que em diferentes épocas, até em uma mesma época, dois tipos de formação eram oferecidas: uma predominante, em que se supõe o estudo de textos clássicos e de clássicos da liturgia e literatura católica, investindo-se da responsabilidade de se integrar o indivíduo aos códigos culturais de seu grupo social e de sua nação e outra, fundada “sobre a natureza, sobre as coisas e sobre o universo, permitindo ao homem se situar no mundo, nele multiplicar suas marcas, índices, inscrever sua ação” (CHERVEL; COMPÈRE, 1999, p. 149).

Esse segundo tipo de formação refere-se ao ensino de ciências. A entrada das ciências na escola secundária está vinculada a uma série de fatores que iniciam o processo de fissuras na hegemonia das humanidades clássicas. No decorrer do século XVIII, o ensino das humanidades foi alvo de diversas críticas, tanto em face das transformações provocadas pela Revolução Industrial que davam vazão às expectativas de uma burguesia que ascendia economicamente, quanto em razão da avaliação quase unânime do fracasso

³ Todas as citações desse trabalho foram transcritas observando as normas ortográficas atuais.

de se aprender a ler e a escrever corretamente o latim. As críticas ao ensino verbalista e dito “tradicionalista” apresentavam desde a intenção de afrouxar o rigor do estudo das línguas clássicas e promover a língua vernácula sem, contudo, modificar seu objetivo e os métodos de estudo, até aquela partidária de uma formação científica, cuja posição mais radical pretendia um ensino utilitarista adaptado ao exercício das profissões. Entretanto, após uma experiência mais consistente com as escolas centrais no período da Revolução Francesa, as disciplinas científicas, em razão de sucessivas reformas, acabaram secundarizadas na escola do século XIX (CHERVEL; COMPÈRE, 1999; BELHOSTE, 1989).

O ensino de ciências que se legitimou no século XIX ficou conhecido como “humanidades científicas” por se aproximar das humanidades pela finalidade de propiciar um ensino desinteressado e elitista, concorrendo para uma formação geral dos alunos, prescindindo de qualquer especialização. Os defensores dessa perspectiva argumentavam que as ciências na escola secundária se destinavam a desenvolver o interesse especulativo e as características gerais do conhecimento, edificando as “humanidades científicas” ao lado das literárias. Até o final do XIX, ao menos na França, o ensino de ciências se pautou na divisão entre as ciências físicas (e naturais) e as matemáticas, ensinadas a partir de metodologias diferentes. Nas ciências matemáticas, embora a observação não estivesse de toda ausente, o ensino primava pela abstração, enquanto nas ciências físicas e naturais, se desenvolvia pela observação e pela experimentação, partindo do uso das coleções e instrumentos dos museus de História Natural e dos gabinetes de Física (BELHOSTE, 1989; HULIN, 2011).

Mesmo secundarizadas no currículo escolar do século XIX, a presença das ciências não deixava de provocar uma certa cisão ao propor a adoção de novas disciplinas acompanhadas de novos métodos de ensino que, por sua vez, valorizavam a aquisição de conhecimento por meio do uso de objetos, de instrumentos e da experimentação (CHERVEL; COMPÈRE, 1999).

É importante destacar que a emergência e a paulatina sedimentação do conhecimento científico sobre o mundo sensível, sobre a natureza, com seus métodos e processos de validação no universo escolar é associado ao avanço dos processos de secularização. Chervel e Compère (1999, p. 165) argumentam que: “o mesmo adjetivo *livre* que legitimava as humanidades é, daí em diante, reivindicado em nome de outra concepção aquela do homem libertado de toda opressão, em particular da religiosa”. Seguindo o mesmo ponto de vista, Souza (2008, p. 94) entende que a escolarização das

ciências ocorreu em razão de um conjunto de elementos correlacionados envolvendo o “movimento iluminista, nutrido, de inúmeros componentes como as transformações do capitalismo, a evolução da ciência moderna e o *triumfo do secularismo*” (grifo meu).

Não se trata aqui de negar a validade de tais conclusões, mas apenas de propor uma redução de escala de análise uma vez que a existência de figuras como a de frei Germano nos leva a perguntar sobre a efetivação de um ensino de ciências conduzido pelas mãos de um frei capuchinho no início da segunda metade do século XIX. Ressalta-se que, para além dos embates com os iluministas no século XVIII, a questão do conhecimento racional foi um problema de primeiro plano para a Igreja no século XIX. Essa questão envolveu os defensores de uma teologia natural e os apologistas que, de maneira geral, defendiam um princípio unificador e divino como elemento explicativo para os fenômenos da natureza; os fideístas, designação para quem é adepto de sistemas filosóficos que elevam a fé acima da razão; e os eclesiásticos que desenvolveram atividade científica sem se reduzir a nenhuma dessas categoriais. Aqueles que não se envolveram nesse debate ou não produziram nenhuma atividade científica, eram, contudo, a grande maioria do clero (FAGES; GUIGNARD, 2018; PERRU, 2014; 2016).

Portanto, a pesquisa sobre frei Germano de Annecy se justifica também por abordar aspectos sensíveis a respeito das relações tecidas entre as ciências e a Igreja Católica no século XIX. A história de frei Germano está ligada ao pioneirismo na organização de observatório do tempo e do espaço por meio do qual se produziu dados quantificáveis a respeito da natureza na província de São Paulo nos tempos do império. Além disso, estudar a biografia de frei Germano de Annecy, na relação entre seus saberes, práticas e materialidades, importa à História da Educação por nos permitir apreender como, no início da segunda metade do século XIX, frei Germano arregimentou alunos para seus cursos de Física e Astronomia, uma vez que o Ensino Secundário era propedêutico e que as ciências físicas e naturais estiveram preteridas dos exames preparatórios até a década de 1880 (HAIDAR, 2008, p. 66).

Frei Germano de Annecy desempenhou importante papel para o estabelecimento do ensino de ciências no Seminário Episcopal, instituição que foi pensada para ser um pilar da reforma ultramontana no país. Se o considerarmos como um indivíduo que tem preferências que são visíveis a partir de seus objetos e publicações, e que seu gosto pelo conhecimento científico foi despertado na relação com os meios sociais em que viveu desde a Savóia, interessa-nos compreender como frei Germano se desenvolveu, e como

esses conhecimentos circularam, comunicados por meio da relação entre artefatos, práticas e saberes, no ambiente escolar, mas também fora dele.

Convém destacar que tanto frei Germano de Annecy quanto o Seminário Episcopal de São Paulo foram alvos de poucas pesquisas acadêmicas. Tal lacuna é ainda mais evidente se considerarmos os propósitos dessa tese. É verdade que o capuchinho em questão foi objeto da curiosidade de memorialistas, historiadores e cronistas locais. Alguns empreenderam pesquisa, produziram homenagens póstumas e breves relatos biográficos publicados em jornais ou em capítulos de livros, geralmente exaltando sua memória e os seus feitos, material que longe de invalidar uma empreitada acadêmica, a estimula. Destaque para os francanos Corrêa Neves, José Chiachiri e João Nascimento Franco cujas atividades resultaram em artigos de jornal sobre o relógio de Sol projetado por frei Germano e montado em Franca em 1886, além da formação de pequenos dossiês presentes no Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMF) e no Archive des Capucins en France (ACF). Em nossa pesquisa, constatamos ainda que frei Germano recebeu pouca atenção dos historiadores das ciências ou das instituições científicas. Nosso destaque vai para Marques dos Santos (2005, p. 19-27), que em *Instituto Astronômico e Geofísico da USP: memória sobre sua formação e evolução*, dedicou-lhe uma breve abordagem biográfica situando-o superficialmente nos primórdios da observação astronômica e meteorológica na província de São Paulo.

Com relação ao Seminário Episcopal, a instituição foi abordada, sobretudo, na área da história das religiões, e de maneira indireta em alguns estudos da História da Educação. Nos estudos de Wernet (1987), o Seminário aparece como um dispositivo a serviço da reforma do bispado de dom Antônio Joaquim de Melo (1852-1861) em favor de um catolicismo conservador estruturado segundo preceitos trentinos para combater os “abusos” do clero de tendência iluminista presente em São Paulo à época. Já Martins (2006), abordou diretamente a instituição do Seminário Episcopal de São Paulo (1856-1908). Em sua pesquisa, a autora destacou a ubiquidade do catolicismo brasileiro e os esforços para a conformação de um clero conservador.

Nas pesquisas do campo da História da Educação, o Seminário Episcopal apresentou um papel indireto ou acessório nas discussões sobre a disseminação da escola secundária na cidade de São Paulo durante o século XIX (BONTEMPI JR., 2004; HAIDAR, 2008). Na pesquisa de Bocchi (2013), que discutiu a constituição dos espaços de ciências no Colégio Marista Arquidiocesano (1908-1940), o Seminário Episcopal foi abordado de maneira introdutória. Já nos artigos publicados por Braghini, Pedro e Piñas

(2014; 2016), expõe-se de maneira mais delimitada a formação do gabinete de ciências da instituição na contiguidade do desenvolvimento de uma cultura científica no país seguida de uma descrição sumária dos objetos e instrumentos cuja coleção teria sido iniciada por frei Germano de Annecy.

Portanto, identificamos uma lacuna de pesquisas sobre a figura de frei Germano. Estudar a história de frei Germano de Annecy ultrapassa uma clivagem presente em determinada corrente historiográfica que supõe uma diferença de status em favor da história das ciências em detrimento à história do ensino de ciências, como se a constituição, produção e reprodução das ciências fosse independente das atividades ligadas ao seu ensino ou que este fosse marginal em relação à produção do conhecimento científico (BELHOSTE, 2011, p. 49). O estudo sobre frei Germano ultrapassa esse desajuste de entendimento da realidade em torno da constituição da ciência não apenas porque as ações dele extrapolaram os muros da escola, mas também porque compreendemos que a ciência se constitui enquanto tal na relação com seu público e também porque uma vocação para ciências pode se realizar a partir da educação secundária, uma vez que nesse nível de ensino se reúne um corpo de profissionais sobre os quais repousam “o edifício institucional das comunidades científicas” (BELHOSTE, 1989, p. 4).⁴

História da Educação Científica: espaços, práticas e objetos

Estudar a história de frei Germano de Annecy, a partir de um programa de pós-graduação centrado no estudo da educação no Brasil, nos leva a confrontar a história das ciências e do ensino de ciências de meados do século XIX.

Frei Germano é contemporâneo de um amplo e complexo movimento multifacetado de difusão, popularização e especialização do conhecimento científico. Em linhas gerais, trata-se de um processo que ao longo do século XIX aponta para a profissionalização das ciências e para a monopolização do conhecimento científico por meio das cátedras universitárias, dos observatórios e demais instituições do Estado. Ao mesmo tempo, o mercado editorial paulatinamente diversifica o formato de suas produções, dilata os assuntos publicados e a imprensa cotidiana passa a dedicar espaços nos jornais a uma variedade de assuntos científicos (boletins meteorológicos, efemérides,

⁴ No original: “l'édifice institutionnel des communautés scientifiques.”

acidentes e descobertas científicas etc.), tais fenômenos foram impulsionados pelo desenvolvimento de novas técnicas e tecnologias que baratearam os custos da produção e pela revolução nos transportes que ampliou a distribuição do material. Nesse ínterim, houve uma profusão de sociedades especializadas convivendo com sociedades eruditas locais. Essas últimas também numerosas, mas marcadas pelo ecletismo publicando conteúdos ligados à história, à literatura, à arqueologia, mas também à botânica, à mineralogia e à meteorologia etc., sobretudo, com abordagem local. Esse movimento perpassou várias camadas sociais, açambarcou diferentes atores sociais (amadores, profissionais, etc.) em perspectiva transnacional, atestando que, de maneira geral, a sociedade de meados do século XIX foi atravessada por uma *libido sciendi*, pelo desejo de partilhar, mas também de produzir um conhecimento científico de tipo e finalidade muito diversificada (BELHOSTE, 2001; BENSUAUDE-VINCENT, 1993; CHAPPEY, 2002; FAGES; GUIGNARD, 2018; PLOUX, 2018).

Se o século XIX é o grande momento de expansão das ciências, um gosto pelo conhecimento científico se gestava desde meados do século XVIII, ao menos nos meios abastados. A física experimental desenvolvia seu público sob a influência dos trabalhos do abade Nollet em Paris, do abade Joseph Fontaine em Annecy, e de outros personagens que realizavam seus espetáculos em espaços variados como sociedades acadêmicas, salões, jardins botânicos, entre outros. No período, o ensino de ciências ganhou impulso também em razão dos trabalhos dos demonstradores que percorriam os colégios oferecendo, propagando e vendendo um amplo catálogo de instrumentos disparadores de experimentos com base em fenômenos, elétricos, magnéticos etc. (BERTOMEU; SIMON, 2012, p. 54; HULIN, 1997, p. 4).

A presença das disciplinas científicas neste nível de ensino adensou a aquisição e ampliou a gama de artefatos e instrumentos por meio dos quais se verifica a difusão de determinadas imagens das ciências e da natureza. Vinculados a esse processo, a cultura das ciências recreativas do século XVIII foi absorvida pela escola e perdurou durante boa parte do século XIX a partir de pressupostos pedagógicos que enfatizavam o protagonismo dos objetos e as apresentações dos fenômenos visuais que constituíam, por vezes, a parte mais importante das lições (BERTOMEU; SIMON, 2012, p. 54; GUIJARRO, 2018, p. 41-42; HULIN, 1997, p. 4).

Contudo, esse foi um movimento bastante descontínuo. A presença de disciplinas científicas em relação às literárias foi desigual nos programas de ensino das escolas secundárias, assim como a distribuição de materiais e locais apropriados para a efetivação

do ensino de ciências foi muito heterogênea, variando entre escolas no interior de um mesmo país e entre países no decurso do século XIX.

Pensando na história do ensino de ciências no Brasil, de acordo com Zancul e Souza (2012), sua instabilidade nos programas de ensino do Colégio de Pedro II no século XIX expressa confrontos mais gerais entre a cultura científica e a cultura literária:

o que se encontrava em questão não era apenas o modo de produção do conhecimento, mas essencialmente a forma de se conceber o mundo e a relação dos homens com o saber. Nesse sentido, a cultura literária caracterizava-se pela predileção pela retórica, a expressão, a sensibilidade linguística, o bom gosto e o estilo, a valorização dos sentimentos que exprimiam a natureza humana, o autoconhecimento. A ciência, ao contrário, distanciava-se cada vez mais da literatura, fundamentando-se em princípios como a racionalidade, a objetividade, a observação empírica, a experimentação, a busca de leis regulares, o conhecimento da Natureza sem a intermediação da autoridade espiritual e sem a contaminação das propriedades humanas afetivas e morais como a emoção, a estética e a ética (ZANCUL; SOUZA, 2012, p. 85).

Ainda de acordo com as autoras, “a cultura literária contava com uma ampla aceitação no círculo restrito da elite letrada brasileira. Ela expressava, sobretudo, um modo de ser requintado, elegante, civilizado compartilhado pelas elites internacionais” (ZANCUL; SOUZA, 2012, p. 86).

Essa situação rebate, portanto, nas disputas que caracterizaram as sucessivas reformas curriculares do Colégio Pedro II. Muito embora, desde a fundação do colégio em 1838, tenham sido previstas disciplinas científicas no currículo e a constituição de respectivas coleções e espaços de ciências, as disciplinas literárias foram predominantes durante todo o século XIX. De acordo com Lorenz

desde 1838, quando o Colégio Pedro II foi inaugurado, até 1889 quando foi proclamada a República no Brasil, o currículo foi alterado oito vezes em consequência de reformas educacionais mais amplas. Nessas reformas, a ênfase dada às quatro áreas de estudo seguiu o padrão estabelecido em 1838; em média 53% da carga horária semanal foi designada para o ensino das Humanidades, 14% para a área de Estudos Sociais, 9% para a de Matemática e 8% para a de Ciências Naturais (LORENZ, 2003, p. 53).

Ainda de acordo com o autor, esse era um contraste que caracterizaria as demais escolas secundárias do império. O caráter propedêutico do Ensino Secundário e o sistema de admissão, os preparatórios, ao prescindirem dos conteúdos científicos em favor dos estudos clássicos para o acesso às faculdades de Medicina e Direito até a década de 1880,

contribuíram para a dificuldade de efetivação do ensino de ciências no período (NICIOLI JUNIOR; MATTOS; 2007, p. 4; LORENZ, 2003, p. 53; HAIDAR, 2008, p. 66).

Entretanto, mesmo em face a tais adversidades, encontramos no Seminário Episcopal de São Paulo uma iniciativa capitaneada pelos esforços de Frei Germano de Annecy que logrou êxito. Podemos situar esse capuchinho na contiguidade dos movimentos de popularização das ciências, além disso, seus saberes e práticas disparados em um momento em que as ciências não estavam plenamente instituídas na escola secundária, ao que parece, desconheceram supostas diferenças de valor entre o ensino e a prática científica.

Com o objetivo de estabelecer diálogos com os trabalhos relacionados ao nosso interesse de pesquisa, realizamos uma busca por trabalhos acadêmicos utilizando os seguintes descritores: ensino de ciências, educação dos sentidos, cultura material escolar, objetos científicos.

No Brasil, a instituição que parece ter iniciado esse processo de organização de espaços escolares específicos e de coleções para o ensino de ciências foi o Colégio de Pedro II. Granato e Araújo (2020, p. 91) argumentam que como uma instituição modelar, o colégio deveria “possuir instalações condizentes para um bom ensino e acomodação dos alunos”. As coleções do colégio para o ensino de Física, História Natural, Geografia, Geodésia, foram formadas ao longo do tempo por meio de compras, doações e intercâmbios com o Museu Nacional⁵. Os autores concluem, a partir dos pedidos de conservação de instrumentos de Física e de objetos de História Natural realizados pelo colégio em 1852 para instituições como o Arsenal de Guerra da Marinha e o Museu Nacional, que essa materialidade era, de fato, utilizada nas aulas da instituição. Ao longo dos séculos XIX e XX, as coleções do colégio continuaram crescendo e, atualmente, contém quase 1.000 objetos de Física que resistiram a sucessivos processos de descarte, e constituem um dos principais acervos do país.

Outro exemplo citado pelos autores é o do Ginásio Pernambucano que visava adequar sua grade curricular aos moldes do Colégio de Pedro II. A formação das coleções de História Natural do colégio decorreu da ação do naturalista Louis Jacques Brunet que lá trabalhou entre os anos de 1855 e 1863. Para o professor, “o ensino das Ciências deveria

⁵ De acordo com Granato e Araújo (2020, p. 92) tais coleções teriam começado a serem formadas observando os estatutos do colégio de 1838 onde constava a determinação para a criação de Gabinete de Física. O registro mais antigo de compra de objetos para tal espaço data de 1843 e trata-se da solicitação de compra de uma máquina elétrica.

ser composto de lições práticas e objetivas, nas quais os alunos pudessem contemplar o objeto estudado” (GRANATO; ARAÚJO, 2020, p. 99).

Podemos situar o trabalho de frei Germano no Seminário Episcopal nesse movimento de constituir coleções para mediar um ensino de Física com base na experimentação, mobilizando a observação dos alunos, muito embora a documentação de que dispomos não permite afirmar uma preocupação em adequar o seminário ao Colégio de Pedro II. Esse processo ocorreu após a saída dos capuchinhos em 1878, quando o então Colégio Diocesano e, posteriormente, o Colégio Marista Arquidiocesano passaram a perseguir a equiparação ao colégio carioca. De acordo com Braghini, Piñas e Pedro (2014) o colégio dispõe atualmente de mais de 800 peças, cuja maior parte da coleção foi adquirida até a década de 1940. A pesquisa desses autores entrevistou os vínculos entre a busca pela equiparação, a aquisição desses objetos e a pedagogia ligada à educação dos sentidos e a ampla circulação de objetos por meio de um sólido mercado voltado para o público escolar constituído de empresas internacionais como, por exemplo, Maison Deyrolle, Les Fils d’Émile Deyrolle, Ducretet, Max Khol e, posteriormente, nacionais como Meister Irmãos, Otto Bender etc. (BRAGHINI; PIÑAS; PEDRO, 2014).

Os espaços para guarda de objetos científicos e as práticas pedagógicas no Colégio Marista Arquidiocesano constituíram o tema de pesquisa de Bocchi (2013). Em seu trabalho, a pesquisadora investigou o museu escolar, os laboratórios e gabinetes do referido colégio argumentando que esses locais sofreram especializações ao longo do tempo constituindo espaços em separado, por exemplo, para as coleções de Física, Química e História Natural, associando as coleções ao método intuitivo e à educação dos sentidos. Se esses espaços passaram por um processo de especialização em razão da constante aquisição de novos materiais e também em observância às prescrições normativas definidoras dos critérios para o processo de equiparação ao Colégio de Pedro II no século XX, somos incentivados a buscar conhecer como seria o gabinete de Frei Germano de Annecy constituído muitos anos antes.

A constituição de espaços escolares voltados ao ensino das ciências, bem como os materiais e instrumentos científicos reunidos nesses espaços, foi alvo da pesquisa de Meloni (2010). Ocupado em estudar a difusão de ideias relativas à valorização do ensino de ciências que culminou na montagem de espaços escolares próprios para esse ensino (laboratórios, gabinetes e museus) no Colégio Culto às Ciências, em Campinas, entre os anos de 1873 e 1910, o autor constatou que essa modalidade de ensino ganhou maior impulso somente a partir da década final império brasileiro.

Além da configuração dos novos espaços escolares como símbolos da renovação pedagógica e como elementos icônicos da emergência de uma nova cultura escolar que se sedimentava no transcurso do século XIX, os materiais didáticos armazenados nesses locais (gabinetes e museus) também ganharam centralidade na elaboração de pesquisas históricas.

Segundo Madi Filho (2013), a apropriação escolar de animais taxidermizados para as aulas de zoologia esteve ligada à possibilidade de se veicular determinados saberes sobre a natureza inculcando o método da história natural: descrição, comparação e classificação. O animal taxidermizado deveria ser colocado em frente aos alunos e o professor lhes educaria o olhar para as partes específicas que rendiam ao animal uma classificação taxonômica: penas, patas e bicos, por exemplo.

Outro objeto pesquisado foi o quadro parietal. Quadros parietais eram utilizados, salvo as especificidades de cada área, para o Ensino Primário e Secundário. Faria (2017), remonta a tradição da representação científica a que pertenciam os parietais e aponta que, apesar das advertências para se utilizar esses artefatos somente na falta das coisas, os quadros parietais se difundiram pelas escolas. Eles permitiam substituir objetos de difícil acesso e também ofereciam esquemas visuais, tendo ampla aceitação para as aulas de História do Brasil e História Natural. Segundo a autora, quadros parietais fizeram parte do conjunto de materiais didáticos tido como inovadores por privilegiar a apreensão de conhecimento a partir da observação.

Os trabalhos de Madi Filho (2013) e de Faria (2017) abordam o desenvolvimento da observação como um item de uma pedagogia renovada adstrita ao ensino de ciências⁶. A respeito desse tema, Munakata nos leva a considerar que “observar” refere-se a um processamento daquilo que já fora visto. Como argumenta o autor, “observar” é diferente de “ver” ou “enxergar”: “trata-se de uma atividade em que se busca depurar o que é ‘essencial’, distinguindo-o do ‘acessório’, ‘aparência’” (MUNAKATA, 2017, p. 13). E, sobre a relação entre a observação e a educação dos sentidos, o autor adverte “que não se trata de educar os sentidos preliminarmente para depois efetuar a educação dos sentidos: a educação dos sentidos é a ocasião em que se processa a educação pelos sentidos e vice-versa” (MUNAKATA, 2017, p. 13).

⁶ Embora esteja-se aqui falando mais pormenorizadamente do ato de observar, não estamos buscando postular uma hegemonia da visão sobre os demais sentidos. Não desconsideramos a importância das mãos para a manipulação dos objetos e construção do conhecimento bem como, o olfato ou audição, canais informacionais importantes no processo educativo.

Há outro elemento relativo à observação que interessa às pesquisas em história do ensino de ciências. O ato de observar não é meramente passivo. Ele é etapa do processo de produção de conhecimento e pressupõe uma adequação do olhar. Essa adequação não exclui evidentemente os outros sentidos nem outras formas de participação dos alunos em aula. O indivíduo aprende a observar, enquanto assimila conteúdos e elabora novos conhecimentos. Nas aulas de ciências, os objetos científicos, máquinas e instrumentos, apresentavam-se como o suporte material de uma educação científica voltada ao desenvolvimento dos sentidos. Braghini (2017) argumenta que sobre os objetos, nas aulas de demonstração, promove-se um olhar educado para as representações científicas, lembrando que as ciências se difundiram justamente por meio de aulas de demonstração e de experimentos desenvolvidos em diversos espaços, dos teatros e salões aristocráticos, aos museus e escolas etc. Espetáculo e instrução também se correlacionavam capitaneados pela força da curiosidade que os objetos e aquilo que designam parecem atrair sobre o observador, conformando “suas ações, seu modo de olhar, por regras e códigos apresentados em aulas de ciências” (BRAGHINI, 2017, p. 212).

Pelo exposto, verificamos que o estudo da história de frei Germano de Annecy intersecciona temas que permeiam as pesquisas em história da educação científica, como a cultura material e a educação dos sentidos. Destaca-se que em sua ação docente, o frei capuchinho instituiu espaços de ciências e disparou uma educação mediada por objetos e instrumentos, conformando modos de observar, constituindo um público para as ciências por meio do conjunto de suas ações como docente, como astrônomo, como climatologista, etc.

Definição do tema e do problema

Frei Germano de Annecy morreu no dia primeiro de maio de 1890, aos 67 anos, a bordo do navio *Bearn*, aportado em Salvador, enquanto tentava retornar à Savóia. O falecimento de Frei Germano foi noticiado em jornais nacionais e replicado em periódicos franceses.⁷ Citaremos aqui os excertos de duas dessas homenagens póstumas veiculadas na imprensa brasileira.⁸ No dia 22 de maio de 1890, o periódico *O Cruzeiro*, destacou:

⁷ Jornais como *La Gironde*, *Le Soleil*, *Le Moniteur Universele*, *Mémorial de la Loire et la Haute-Loire*, *Journal de Montélimar et de la drome*, *La croix* e o *Journal des villes et des campagnes*, registraram homenagens póstumas a frei Germano entre os dias 11 e 28 de junho de 1890.

⁸ Outros jornais fizeram menção a morte de frei Germano: *O Estado de Minas Gerais* e o *Libertador: da sociedade cearense libertadora* (CE) em 26 de maio de 1890. *O Estado de Minas Gerais*, 14 de maio de

A morte de frei Germano foi um desastre para o mundo sábio paulista. As ciências cosmográficas e físicas se cobriram de crepe e curvaram-se chorosas diante do tumulo do humilde religioso capuchinho. [...] S. Paulo perdeu sua maior gloria científica. [Frei Germano] *foi o fundador do primeiro observatório astronômico e climatológico de S. Paulo; foi o fundador e instituidor dos estudos físico-naturais em S. Paulo; foi o fundador do primeiro observatório astronômico e climatológico de Minas, etc., etc.* Seu nome ficou indelevelmente gravado em obras de alto mérito científico (D'A, 22/05/1890, p. 6) (grifos meu).

Desconhecemos o autor dessa homenagem póstuma, porém, apesar do tom um pouco dramático a publicação é no mínimo instigante, pois sugere o pioneirismo de frei Germano de Annecy no campo da educação científica por ter sido o “fundador e o instituidor dos estudos físico-naturais” e no campo mais geral da promoção das ciências, uma vez que foi citado como o “fundador do primeiro observatório astronômico e climatológico de S. Paulo” e o “fundador do primeiro observatório astronômico e climatológico de Minas, etc.”.

Menos dramática, mas igualmente significativa é a homenagem póstuma de Padre Araujo Marcondes publicada no Correio Paulistano no dia 17 de maio de 1890 da qual nos valem os de excerto:

S. Paulo deve ter sentido muito a morte do venerável capuchinho, pois que este empregou mais de terça parte de sua invejável vida no trabalho deste Estado, formando homens para a Religião e para a ciência. Muitos cidadãos que hoje são figuras salientes na sociedade devem o preparo e cultivo de seu espírito, em grande parte ao menos, ao conhecido mestre (MARCONDES, 17/05/1890, p. 2).

Um desses cidadãos de que nos fala Marcondes foi o Monsenhor Manuel Vicente, professor do Seminário Episcopal e ex-aluno de frei Germano de Annecy. Por ocasião da publicação da *Polyanthea*, um material comemorativo do aniversário de 50 anos do Seminário Episcopal, Vicente prestou seguinte depoimento:

tive como professor de Álgebra, Geometria e Física, Frei Germano de Annecy. [...] Frei Germano conhecia Botânica e Mineralogia. Classificava minerais e plantas com máxima presteza e acerto. Mas, no que ele era superior, a ciência em que primava era Astronomia. (POLYANTHEA, 1906, p. 8).

1890, p. 3; *Libertador* 26, maio de 1890. *Novidades*, Rio de Janeiro, 21 de jul. 1890; *A Província de São Paulo*, 13 de maio de 1890; *A Gazeta de Mogy-mirim*, 16 de maio de 1890; *Pharol*, dia 11 de maio de 1890.

Tais homenagens póstumas sugerem a abrangência das ações de frei Germano, um indivíduo que transitava por um corpus de conhecimento formado pelas disciplinas de Filosofia e Teologia franciscana, essas ligadas à sua formação de capuchinho, passando pela Física, Astronomia, Mineralogia, Botânica, Matemáticas etc. Além disso, nos apresentam um sujeito para o qual as ciências, as práticas científicas e o ensino de ciências pareciam imiscuídas em suas ações cotidianas. Mas, quem era esse distinto capuchinho visto como pioneiro no ensino de Física e Astronomia, pioneiro na organização de um observatório do tempo e do espaço na província de São Paulo do século XIX?

Frei Germano de Annecy, natural da cidade de mesmo nome, nasceu no ano de 1822 e aos 19 anos entrou para a ordem dos capuchinhos, formando-se noviço em La-Roche-sur-Foron entre os anos de 1841 e 1842. A partir desta data, concluiu sua formação de padre no convento de Chambéry no ano de 1845. Realizou trabalho missionário no Chile na década de 1850 e foi designado para integrar o corpo docente do Seminário Episcopal em 1858, instituição dirigida pelos capuchinhos de Savóia. Ele encontrou seus confrades frei Eugenio de Rumilly, reitor da instituição, frei Firmino de Centelhas, frei Generoso de Rumilly, nenhum deles designados ou lembrados por qualquer aptidão científica (*POLYANTHEA*, 1906).

A ordem dos capuchinhos não foi a primeira opção do bispo dom Antônio Joaquim de Melo para dirigir o Seminário Episcopal de São Paulo. Antes, tentara a companhia dos salesianos e a dos jesuítas, ante a indisponibilidade dessas, acatou a orientação do papa Pio IX que designou os capuchinhos de Savóia para o trabalho de reforma do clero paulista (MARTINS, 2006; WERNET, 1987). Portanto, a ida de frei Germano e de outros capuchinhos para o Seminário Episcopal foi circunstancial, no sentido de não ter derivado de um projeto que a princípio privilegiasse tal ordem.

Na época da chegada de Frei Germano ao Seminário Episcopal, a cidade de São Paulo possuía cerca de 20 mil habitantes. Em 1854, o *Correio Paulistano* queixava-se da falta de dinamismo da cidade que oferecia senão “meio escassos e acanhados de subsistência”. Apesar de progressos e melhoramentos materiais que começaram a tomar impulsos, ainda que tímidos, naquela década, a cidade apresentava uma feição pouco urbanizada e com poucas fábricas, com traçado urbano bastante irregular, próximo do aspecto do princípio do século XIX (KOSSOY, 2004, p. 398; CAMPOS, 2007, pp. 15-16).

Na época, os estudantes de Direito estimulavam o comércio e atividades culturais ligadas à imprensa incipiente. O curso jurídico também foi responsável por gerar novas demandas por escolas. Nas palavras de Bontempi Jr.:

diretamente derivado da instalação do curso jurídico foi o curso anexo (regulamentado em 1856), cujas aulas de geografia e história, línguas modernas, filosofia, matemática, e geometria, eram frequentadas por aspirantes àquela faculdade; indiretamente, o gabinete topográfico, o seminário episcopal, os colégios particulares e a Escola Normal (1846). (BOMTEMPI JR., 2004, p. 530).

Segundo Martins (2006), a fundação do Seminário Episcopal atendia às múltiplas demandas: das elites espalhadas pela província de São Paulo e até mesmo em outras províncias, interessadas na formação de seus filhos aspirantes aos cursos superiores; da Coroa, naquele momento, preocupada em fornecer uma resposta a setores do clero nacional que haviam participado de movimentos sediciosos; da Igreja Católica, interessada numa reforma curialista do clero reforçando a imagem e o papel do papa entre os sacerdotes espalhados pelo mundo.

Assis (2013) expôs a reorganização da Igreja Católica no século XIX discorrendo sobre os conflitos entre grupos mais progressistas - que defendiam o livre exercício da ciência, gozando de certa autonomia durante o início do papado de Pio IX - e outros mais conservadores - esses últimos argumentavam contra os estudos de teologia em universidades do Estado e em favor da formação nos seminários episcopais. Os conflitos entres esses grupos foram abordados no Concílio Vaticano I (1869-1870) que definiu a infalibilidade do papa como uma instituição centralizadora e de caráter conservador.

É em um cenário marcado pelas expectativas imperiais e eclesiásticas que se dá a chegada de frei Germano de Annecy em 1858. No Seminário, frei Germano atuou como professor de Física, Matemáticas e Astronomia, até 1878, ano em que marca a saída dos capuchinhos da direção do colégio. A partir dessa data, frei Germano transfere-se para Uberaba e, em meados da década de 1880, para Franca, nessas cidades também atuou como docente ministrando as disciplinas de Física e Astronomia, como já anunciado.

Durante sua trajetória no Brasil, como veremos, frei Germano realizou diversas apresentações públicas com luz elétrica, geralmente ocorridas em datas comemorativas e em festejos, eventos que atraíam públicos maiores. Além disso, foi o responsável por ao menos uma dezena de publicações nos jornais do império sobre as mais variadas efemérides como o alinhamento com o planeta Vênus, eclipses, passagens de cometas e

intempéries meteorológicas. Também publicou centenas de boletins meteorológicos a partir das cidades em que viveu. Tanto os boletins quanto as efemérides publicadas em jornais locais, foram replicados em diversos jornais do império, fazendo circular o nome de frei Germano e os conteúdos científicos por ele produzidos.

Todas essas ações fizeram do nome de frei Germano uma referência para que se conhecesse o clima das cidades onde residiu, revelando potencialidades agrícolas e outros aspectos comerciais. Frei Germano também teve seu nome marcado na história a partir da construção de relógios solares. Um deles, um relógio de Sol vertical, projetado em uma das paredes do Seminário Episcopal no ano de 1859 serviu para regular a hora da cidade até o início do século XX, dele resta ainda uma gravura que comunica a sua complexidade. Já o relógio de coluna, construído sobre Mármore de Carrara importado especialmente para essa finalidade, inaugurado na praça da matriz em Franca no ano de 1887, foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT) em 1972, perpetuando o nome de frei Germano entre os francanos.

Estamos, diante de um sujeito católico, capuchinho, expressão de uma Igreja heterogênea, contraditória e com diferentes posturas com relação à produção e difusão do conhecimento científico. Um sujeito que ocupa os espaços deixados pela inexistência de um observatório meteorológico e astronômico na província de São Paulo, que age na intersecção dos movimentos de popularização das ciências e de emergência das disciplinas científicas, sendo ele próprio responsável por agenciar, organizar e pôr em funcionamento um programa referente à educação científica, ao mesmo tempo formativo e senha para uma cultura tecnocientífica.

Dessas informações decorrem algumas questões: como frei Germano arregimentou alunos para os seus cursos de Física e de Astronomia no âmbito de um ensino secundário propedêutico que prescindiu desses conhecimentos para a realização dos exames preparatórios? Quais implicações sociais depreende-se da organização do seu observatório do tempo e do espaço constituído no Seminário Episcopal? Que saberes e práticas eram mediados através desse espaço e como as suas atividades contribuía para a difusão de uma cultura científica? Por que decidiu continuar no império do Brasil após a saída dos capuchinhos? O que isso significou? O que artefatos como os seus relógios de Sol contam ao seu respeito? Como suas virtudes científicas se traduziram em estima social? Qual é a correspondência de seus interesses com relação à Astronomia e a Meteorologia e as ciências praticadas no império? Frei Germano é homem de múltiplas

virtudes à imagem dos diletantes e dos polímatas, observador, poliglota e capuchinho (o que implica em formação que tem por base exercícios espirituais e o estudo da Filosofia e Teologia franciscana), mantinha interesses em diversas áreas já citadas: Física, História Natural, Astronomia e Meteorologia. É possível deslindar a maneira como se deu a sua formação científica?

As perguntas são múltiplas dada a abrangência que a história de frei Germano parece mobilizar. Dos questionamentos mais específicos decorrem outros mais gerais: o que a história de frei Germano revela sobre as relações tecidas entre a Igreja católica e as ciências ao longo do século XIX? Como sua história nos faz pensar a intersecção da história do ensino de ciências e a história das ciências?

O objetivo dessa tese é dar a conhecer e narrar a história de frei Germano de Annecy, com destaque para seus agenciamentos e realizações que culminaram na inusual constituição de alunado para suas aulas de Física e de Astronomia logo no início da segunda metade do século XIX no Seminário Episcopal de São Paulo. Além disso, abordaremos ainda a constituição de seu observatório do tempo e do espaço naquela instituição católica e ultramontana, as suas publicações e o potencial didático-pedagógico do seu relógio de Sol mural, tido como o responsável por ajustar as horas de São Paulo até o início do século XX. Sem desconsiderar seu flerte com a cultura experimental que se expressa na formação de coleção de objetos de Física e em suas apresentações com luz elétrica, nosso estudo centra-se sobretudo na análise de seus saberes e práticas no campo da Astronomia e da Meteorologia.

Busca-se correlacionar os aspectos da formação intelectual e científica do religioso a um tipo de conhecimento científico que circula com ele e por meio de seus artefatos (textos, objetos, boletins meteorológicos, etc.), tendo como anteparo os movimentos realizados pela Igreja católica e pelas ciências em vias de institucionalização ao longo do século XIX.

O recorte temporal da pesquisa circunscreve o período em que frei Germano viveu, ou seja, entre 1822 e 1890, apresentando um foco na atuação dele no Seminário Episcopal. Entretanto, como nos lembra Le Goff (2019, pp. 27-28) o tempo biográfico não necessariamente se confunde com o tempo histórico. Abrimos o compasso cronológico anterior à data de nascimento do capuchinho para discutirmos alguns elementos conjunturais e estruturais presentes na Savóia, esse território então localizado na periferia do Reino do Piemonte-Sardenha, que nos permitem compreender melhor aspectos ligados à cultura, à religiosidade, à condição socioeconômica de sua família, às

condições de desenvolvimento de seu gosto pelas ciências, com os quais dialogou e teceu suas escolhas. Além disso, sua história extrapola a data de sua morte por estar inscrito na memória coletiva por meio de seus artefatos, o principal deles, a saber: o relógio de Sol de coluna localizado na Praça Nossa Senhora da Conceição em Franca.

Frei Germano de Annecy, físico, astrônomo, matemático, climatologista, é um sujeito que articula conhecimentos tecnocientíficos tradicionais a exemplo da projeção de relógios de Sol aos conhecimentos modernos da meteorologia e da eletricidade. Suas ações e agenciamentos contribuíram para a difusão de determinado tipo de conhecimento científico e para amearhar alunos para seus cursos em um momento em que as ciências não estavam nem instituídas nem totalmente normatizadas em disciplinas escolares separadas por recortes especializados, e que os espaços de docência e experimentação estão fundidos e cuja *praxis* harmoniza projetos aparentemente conflitantes como o arcaísmo político e religioso, à modernidade científica e à docência no Ensino Secundário.

Por uma biografia de frei Germano de Annecy

Enveredar pelo caminho do gênero da biografia histórica não foi a primeira opção dessa tese. Inicialmente, propúnhamos centrar nossas análises no Gabinete de Física do Seminário Episcopal de São Paulo com destaque para a docência de frei Germano. Portanto, a ênfase era circunscrever o exercício desse indivíduo e a constituição desse local com as materialidades e as práticas subjacentes. Na trilha desse objetivo, perseguimos as pistas e os vestígios da formação do gabinete de Física no Seminário. Partimos de uma documentação produzida por memorialistas que citava a existência de uma coleção de objetos e instrumentos de Física no Seminário Episcopal formada nos tempos de frei Germano. Segundo Tschudi (1953, p. 210), na década de 1860, havia no Seminário “uma coleção de instrumentos destinados ao ensino de Física”. Já para dom Pedro II, que visitou a instituição em 1875, a coleção era “sofrível” (BEDIAGA, 1999, p. 347).

Infelizmente, nossas fontes apenas citam a existência de um gabinete sem oferecer nenhuma descrição, fosse arquitetônica ou com relação à materialidade ali reunida. A primeira listagem dos instrumentos desse espaço foi produzida por Padre João Vanesse em julho de 1900, em razão do requerimento para o pedido de equiparação do colégio ao Colégio de Pedro II (BRAGHINI; PEDRO; PIÑAS, 2016, p. 224). Dentre o que foi citado

na listagem a indicação de “coleções de areômetros Gay-Lussac”, “garrafas de Leyden”, “células Bunsen, Leclanché e Grenet”, “Vários manômetros”, “aparelho para arco-voltaico”, “ímãs, agulhas”, “barômetros”, logo de início chamou nossa atenção em razão de coincidirem com os interesses de frei Germano. Mas, os capuchinhos saíram da instituição 22 anos antes da elaboração dessa lista. Essa constatação não nos fez desistir imediatamente da empreitada porque tínhamos indicativos de que os frades só carregaram consigo objetos pessoais quando saíram do seminário, ou seja, o patrimônio do colégio permaneceu no espaço em respeito às questões testamentárias estipuladas pelo bispo Dom Antônio que regiam a transição da direção do Seminário Episcopal para o clero ali formado depois de 25 anos funcionamento da instituição (MARTINS, 2006, pp. 215-217).

A nossa impressão era a de que de frei Germano carregou consigo objetos pessoais (inclusive presentes e instrumentos de meteorologia) deixando o restante dos itens do Gabinete de Física no Seminário Episcopal. Essa possibilidade foi reforçada pelo fato dele, no ano de 1880, residindo em Uberaba, ter organizado subscrições públicas para adquirir objetos e instrumentos com vistas a inaugurar um gabinete na cidade. Mais tarde, em Franca, ele adquiriria novos objetos. Portanto, ao sair do Seminário, ele formou novas coleções.

Em 7 de abril de 1888, houve uma reunião de professores no Seminário Episcopal em que foi mencionado que frei Germano propôs por carta a venda de seus instrumentos por dois contos de réis para o colégio⁹. Mais tarde, em 3 de maio de 1888 o jornal carioca *Gazeta da Tarde* foi o único veículo da imprensa que informou que frei Germano havia cedido (e não vendido) o seu gabinete para o Seminário Episcopal. Segundo outro veículo, o *Correio Paulistano*, nesse mesmo dia, frei Germano, esteve na capital, mas o jornal não disse nada a respeito de seu gabinete. A partir daí não há mais nenhuma menção na documentação a respeito do gabinete de frei Germano, nem vestígio se o capuchinho visitou o Seminário Episcopal novamente ou não. Teria ele vendido sua coleção, cedido ou nem uma coisa nem outra? Supondo que ele tivesse transferido seus instrumentos para o Seminário, isso corresponderia a totalidade da coleção ou apenas a uma parte dela? Estaríamos falando de quais instrumentos e objetos?

Para complicar, uma publicação do *Correio Paulistano* de 9 de abril de 1886 informa que o bispo solicitava o despacho dos equipamentos de Física mandados vir de

⁹ Reunião a 7 de abril de 1888. Ata de reunião de professores. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro 03 59.01.003.

Paris que se encontravam na alfândega. Teria sido essa a única compra de instrumentos da instituição depois da saída dos capuchinhos considerando que eles buscariam mais tarde a equiparação ao Colégio de Pedro II? Não sabemos. Mas, inferimos que ao menos uma parte, ou até mesmo a maior parte da listagem realizada por Vanesse em 1900 pertenceu ao capuchinho, mas não foi possível especificar que parte é essa. Além disso, é preciso considerar que tal coleção foi formada por frei Germano em sucessivas ocasiões e em cidades diferentes. Em que medida poderíamos falar de um ensino de Física de Frei Germano de Annecy no colégio Episcopal de São Paulo? Novas pesquisas poderão aprofundar as discussões a respeito da cultura experimental de frei Germano e, a partir de uma abordagem arqueológica e museológica, distinguir da lista apresentada por padre Vanesse quais instrumentos pertenceram a frei Germano. Entretanto, encontrarão dificuldades para falar a respeito do ensino de Física entre os anos de 1858 e 1878.

Após uma ampla pesquisa documental em periódicos, nos arquivos da Cúria Metropolitana de São Paulo, no Arquivo do Estado São Paulo, nos arquivos das cidades de Franca e Uberaba e no Arquivo dos Capuchinhos na França, tínhamos algumas certezas e muitas dúvidas com relação aos instrumentos reunidos pelo frei, de tal maneira que centrar esforços para propor a escrita de uma tese a partir de seu Gabinete de Física do Seminário Episcopal nos pareceu inviável.

Mas, mais que essas dificuldades que se impõem aos historiadores frequentemente confrontados por uma documentação lacunar, a figura de frei Germano reclamava maior atenção de nossa parte. Além disso, os vestígios e indícios dispersos pela documentação, os saberes e as práticas de frei Germano nos convidavam a abordá-lo a partir daquela que talvez seja a sua principal característica: a de ser um observador do tempo e do espaço. Característica essa que se materializa também no seminário em razão, por exemplo, do relógio de Sol e do belvedere que constituem o observatório. A produção de saberes a partir desses espaços teria implicações sociais diversas, desde pedagógicas, passando pela produção e difusão de dados quantitativos a respeito da natureza, além servir à calibragem dos relógios mecânicos da cidade até o início do século XX.

Além disso, a mudança de rota da pesquisa se fez porque um recorte cronológico centrado nos anos de 1858 a 1878, intervalo de tempo que corresponde à presença dos capuchinhos no Seminário Episcopal, excluiria uma abordagem a respeito de sua origem e de aspectos pregressos presentes em Savóia que participaram de sua opção pela vida conventual e o desenvolvimento de seu gosto pelas ciências. Excluiria também os anos finais de sua vida, em que legou ao município de Franca um monumento tombado pelo

poder público. Nos incomodava o fato de não abordar em profundidade um sujeito que no âmbito de uma formação missionária religiosa intersecciona diversos fluxos concernentes à História da Educação, das ciências, a relação entre religião e ciências etc. Os motivos apresentados nos aproximaram do gênero da biografia histórica. Contudo, a opção mais adequada é também muito desafiadora.

Diz Dosse: “Escrever a vida é um horizonte inacessível que, no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender. Todas as gerações aceitaram a aposta biográfica” (2015, p. 11).

Embora, com uma história progressa, *biografia* aparece nos dicionários pela primeira vez em 1721 designando um gênero com o objetivo de narrar a vida dos indivíduos. Ela foi mobilizada no século seguinte por literatos e historiadores interessados em imortalizar as ações dos “grandes homens” concorrendo para a construção da ideia de nação, a partir de uma estrutura narrativa que privilegiava o acontecimento e o fato (DEL PRIORE, 2009, p. 8). No século XIX, a chamada Escola Metódica buscou definir os critérios de cientificidade para a prática historiográfica “a partir do modelo das ciências físicas e naturais [...] pretendeu proscrever a dimensão literária do discurso histórico” (SCHMIDT, 2014, p. 188). Assim posto, pouco a pouco se processava o divórcio, nunca efetivamente consumado, entre os historiadores acadêmicos e os literatos, porém segundo a ideia que se tornou dominante, os primeiros deveriam “descrever e/ou explicar o passado de maneira racional e objetiva, cabendo aos literatos reinventar os fatos de acordo com sua imaginação e subjetividade” (SCHMIDT, 2014, p. 188).

A emergência da Escola dos Annales no início do século XX, propondo intercâmbios com outros campos disciplinares, como a Geografia, a Psicologia, a Sociologia de Simiand e de Durkheim, por exemplo, ao instituir a *história-problema* combateu a abordagem meramente cronológica e o descritivismo positivista, tornando secundários o indivíduo e o fato. Com Febvre e Bloch, a coletividade, as massas e os movimentos econômicos e sociais ganharam relevo. Contudo, como salienta Le Goff (1989, p. 49), não houve entre os fundadores da revista uma postura antibiográfica. Coerente com a renovação historiográfica da qual era um dos vetores, Febvre publicou *Martinho Lutero, um destino* (1928) e *O problema da descrença no século XVI: a religião de Rabelais* (1942).

Apesar dessas exceções, por exemplo, houve um eclipse da biográfica histórica no decorrer do século XX. De acordo com Dosse (2015, pp. 198-199), a apropriação da crítica de Simiand aos “três ídolos da tribo dos historiadores”, banuiu a biografia junto da

história política da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. De 1929 a 1976, a parte destinada ao estudo da biografia na revista oscilou entre 0 e 0,7% de publicações a respeito do tema. Uma situação também foi lamentada por Bloch que constatou o fato de que a história política e a biografia histórica não tinham incorporado os avanços da prática historiográfica de sua época.

A chamada era Braudel consolidou o afastamento do gênero biográfico, consequência de uma produção historiográfica que passou a privilegiar o quantificável, o estatístico, o estrutural e a longa duração (DEL PRIORE, 2009, p. 9). Entre 1960 e 1970, historiadores marxistas e os de inspiração braudeliana mantiveram suas opções por enfoques estruturalistas construídos a partir da análise de dados quantitativos, minimizando a presença dos sujeitos, dos indivíduos na história. Nas palavras de Chartier

Tratava-se antes de mais nada de identificar as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, comandam os mecanismos econômicos, organizam as relações sociais, engendram as formas do discurso. [...] graças à quantificação de séries e aos procedimentos estatísticos, formular rigorosamente as relações estruturais que eram o objeto próprio da história (CHARTIER, 1994, p. 101).

Esse período pode ser considerado o de apogeu da desclassificação da biografia que, com efeito, nunca deixou completamente de ser produzida. Entre as décadas seguintes, de 1970 e 1980 se procedeu a revalorização desse gênero no âmbito mais geral de renovação historiográfica¹⁰. Os historiadores, sensíveis a novas abordagens advindas de perspectivas renovadas da antropologia cultural, ao tomar os indivíduos como produtos e vetores das relações estabelecidas nos ambientes sociais, geográficos e culturais em que enredam suas ações, produziram “vários deslocamentos fundamentais: das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as estratégias singulares” (CHARTIER, 1994, p. 102).

Chartier concorda com Levi quando o historiador italiano argumenta em favor da possibilidade de ação, de negociação, de escolha consciente dos indivíduos no interior de um sistema normativo. De acordo com Levi (1996, p. 179) “nenhum sistema normativo

¹⁰ À renovação historiográfica se seguiu um impulso bastante plural nas formas de empreender biografias históricas que desembocou em abordagens socializantes, existencialistas, psicanalíticas, microhistóricas etc. Em uma síntese seminal, *Usos da biografia*, publicada pela primeira vez nos *Annales* em 1989, Levi discorre e agrupa as experiências de então em 4 tipologias diferentes: “biografia modal”, “biografia e contexto”, “biografia e os casos extremos” e “biografia e hermenêutica”. Mais recentemente, em 2015, veio a lume *O Desafio Biográfico – escrever uma vida*, livro em que François Dosse realiza um amplo balanço historiográfico a respeito do tema.

é de fato suficientemente estruturado para eliminar toda possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou interpretação das regras, de negociação”. Para o autor

a biografia constitui nesse sentido o lugar ideal para se verificar o caráter intersticial – e ainda sim importante - da liberdade de que as pessoas dispõem, assim como para se observar a maneira como funcionam concretamente os sistemas normativos que nunca estão isentos de contradições (LEVI, 1996, p. 180).

Essa posição apresentada por Levi nos oferece recursos analíticos para pensarmos nas ações de frei Germano de Ancecy relativas à construção de sua individualidade, se distinguindo de seus companheiros por desenvolver um gosto pelo conhecimento científico, no interior de sistemas aparentemente rígidos em que se propõem a construção de identidades coletivas, como é o caso do convento dos capuchinhos. Veríamos frei Germano exercitar sua liberdade relativa outras vezes quando, por exemplo, quando decidiu ficar no império brasileiro enquanto os capuchinhos de Savóia foram reorientados a seus conventos de origem em 1878. Essas são situações-chave com diversas implicações para história que nos propomos a contar, houve outras como veremos ao longo da pesquisa.

A produção de um estudo desse tipo nos expõe ao perigo de tomar o resultado de suas ações pelos processos que vivenciou. Dito de outra forma, de partir da constatação oriunda das fontes que nos apresentam frei Germano como um grande matemático e astrônomo e intentar reconstruir de maneira coerente os acontecimentos de sua vida, nos levando a incorrer naquilo que Bourdieu chamou de *a ilusão biográfica* (2006). Em linhas gerais, tal ilusão reside em propor uma causalidade harmônica expressada por uma narrativa linear, etapista, imbuída de fornecer um sentido único, uma coerência, um *telos* a exemplificar, explicar a finalidade dos acontecimentos e ações presentes na vida do biografado.

Escapar a um modelo de racionalidade anacrônica que busca um devir em frei Germano é uma preocupação presente nessa pesquisa. O capuchinho não caminha imperturbavelmente rumo à estima social de que desfrutou. Buscamos abordar frei Germano observando como Le Goff encarou o “seu” São Luís, como um indivíduo que “constrói-se a si próprio e constrói sua época, tanto quanto é construído por ela. E essa construção é feita de acasos, de hesitações, de escolhas” (LE GOFF, 2019, p. 23). A pretensão de Le Goff em produzir uma biografia total de São Luís desembocou numa

obra monumental de quase mil páginas que se estruturou ao longo de quase 15 anos.

Explica o autor:

São Luís participa simultaneamente do econômico, do social, do político, do religioso, do cultural; age em todos esses domínios, pensando-os de uma maneira que o historiador deve analisar e explicar – mesmo quando a busca do indivíduo em questão se torna uma ‘procura utópica’ (LE GOFF, 2019, p. 21).

Temos outros horizontes teórico-metodológicos e pretensões bem mais modestas, mas acompanhamos o historiador francês quando aponta que a biografia histórica não poderia se prestar a “um retorno puro e simples à biografia tradicional, superficial, anedótica, grosseiramente cronológica que se sacrifica a uma psicologia desatualizada incapaz de mostrar o significado histórico geral de uma vida individual (1989, p. 50)”.¹¹

Contudo, ainda conforme Le Goff (1989, p. 51): “a biografia histórica deve ser, pelo menos até certo ponto, uma narrativa, uma narrativa de vida, ela gira em torno de certos eventos individuais ou coletivos - uma biografia *non événementielle* não tem sentido”.¹²

Trata-se, portanto, de uma reapropriação de antigas abordagens, a partir de uma historiografia renovada, a revalorização do gênero biográfico ligou-se, com efeito, ao “retorno da narrativa”. Não é o caso de recuperar o ultrapassado embate empreendido por Stone (1979) lamentando o que chamou pejorativamente de “retorno da narrativa” em favor de simples ordenações cronológicas privilegiando mais o indivíduo que as circunstâncias. Concordamos com Hobsbawm que em resposta à Stone argumenta que “o evento, o indivíduo e até a retomada de algum estilo ou modo de pensar o passado, não são fins em si mesmos, mas meios de esclarecer alguma questão mais ampla, que ultrapassa em muito o relato particular e seus personagens” (HOBSBAWM, 2013, p. 202).

No caso da biografia, essa reapropriação recoloca as possíveis relações estabelecidas entre a História e a Literatura. De acordo com Le Goff, “o método biográfico, mais ainda que outros métodos históricos, visa a produzir ‘efeitos do real’. O que o aproxima ainda mais do método do romancista” (2019, p. 22). Levi, argumenta que

¹¹ No original: “retours à la biographie traditionnelle superficielle, anecdotique, platement chronologique, sacrifiant à une psychologie désuète, incapable de montrer la signification historique générale d’une individuelle.”

¹² No original: “la biographie historique doit se faire, à un certain degré au moins, récit, narration d’une vie, elle s’articule autour de certains événements individuels ou collectifs. une biographie non événementielle n.a pas de sens.”

a biografia-histórica tem sido influenciada direta ou indiretamente pela literatura, pelos modelos biográficos que suscitam “problemas, questões e esquemas psicológicos e comportamentais” a exemplo “dos atos e dos pensamentos da vida cotidiana, das dúvidas e das incertezas, do caráter fragmentário e dinâmico da identidade e dos momentos contraditórios de sua constituição” (LEVI, 1989, pp. 168-169). Entretanto, diferentemente dos romancistas, os historiadores encontram-se pressionados pela massa documental de que dispõem para a construção de seu personagem, de seu objeto. No caso dos historiadores, os tais “efeitos do real” podem ser produzidos

em função da familiaridade com as fontes e com o tempo em que vive sua personagem, de pôr nos próprios documentos, graças a uma ‘desmontagem apropriada’, ‘efeitos do real’, com a verdade dos quais se possa chegar a conclusões. Ou, mais simplesmente, de destrinchar esses documentos para fazer com que neles apareça o que introduz uma convicção razoável de verdade histórica (LE GOFF, 2019, p. 22).

Trata-se de um trabalho que correlaciona o conhecimento, a familiaridade com os contextos em que se desenrolaram a vida do biografado, com a crítica documental. A partir da crítica documental conseguimos enxergar momentos de ação e liberdade relativa de frei Germano no interior de um sistema normativo rígido dos conventos dos capuchinhos e perscrutamos as condições de possibilidade de seu meio para o desenvolvimento de seu intelecto e demais atividades.

Tais procedimentos postulam a distância com relação ao trabalho dos romancistas. Como nos lembra Le Goff:

o historiador optou, de fato, por submeter-se a uma pressão maior: a da documentação que dita a ambição e os limites de sua investigação. Difere nisso do romancista, mesmo quando o romancista se preocupa em informar a verdade do que pretende descrever (2019, p. 22).

Além disso, os historiadores observam as propriedades da narrativa histórica que ligam-se “à organização de um discurso que compreende em si mesmo, sob a forma de citações que constituem efeitos de realidade, os materiais que o fundamentam e cuja compreensão ele pretende produzir” (CHARTIER, 1994, p. 105). O compromisso do historiador se manifesta no trabalho heurístico sobre as fontes e na maneira como a partir delas constrói sua narrativa anunciando seus “procedimentos de acreditação específicos, graças aos quais a história mostra e proclama seu estatuto de conhecimento verdadeiro” (CHARTIER, 1994, p. 105).

O empreendimento de produzir biografias impõe diversos desafios aos historiadores, pois, não raro, as fontes disponíveis não informam sobre as indecisões dos indivíduos, suas angústias, expectativas, receios, processos de tomada de decisão, pelo contrário, muitas vezes informam os resultados já acabados provenientes desses processos. Tais impasses estimulam a busca por novas fontes com a finalidade de descobrir indícios esparsos nos atos, nas palavras e nas práticas cotidianas, e diferentes abordagens para lidarem com seus objetos de estudos o que têm concorrido, junto dos suportes teórico-metodológicos mobilizados pelos pesquisadores, para produção heterogênea desse gênero (LEVI, 1989).

Ao iniciar essa pesquisa, uma série de questionamentos surgiram no aspecto metodológico. Por que produzir uma biografia-histórica de frei Germano? Teríamos condições de discutir como ele desenvolveu o gosto pelo conhecimento científico? Como, a partir dele podemos discutir as questões ligadas à história do ensino de ciências na província de São Paulo? O que era possível fazer a partir das fontes disponíveis? Qual é o grau de obstrução das lacunas? Inviabilizariam nosso projeto?

Na medida em que mergulhava na leitura das fontes em busca de respostas, sentia-me cada vez mais desafiado. Nenhuma grade com as matérias presentes nos conventos em que estudou em Savóia foi encontrada. Nenhuma descrição dos conteúdos das matérias que lecionou, nenhuma anotação a respeito de suas aulas. No decorrer da pesquisa, descobri que o Seminário Episcopal não era alvo de inspeção pública, portanto, nenhum relatório sobre aquela instituição, quando muito, descrições sumárias relatando o número de matriculados e as aulas em funcionamento em determinados anos. Nenhuma listagem segura dos instrumentos e objetos de que frei Germano dispôs. Ante a essas ausências que tornam o trabalho de pesquisa mais sinuoso, abrem-se outras perspectivas a partir dos mesmos conjuntos documentais a respeito desse capuchinho de Annecy.

A massa documental de que dispomos, nos permite afirmar alguns instrumentos e objetos que frei Germano reuniu e projetou ao longo do tempo. São eles: relógio de Sol vertical projetado em uma parede externa do Seminário Episcopal (gravura)¹³; relógio de Sol de coluna instalado na Praça da Matriz em Franca¹⁴; cronômetro John Pool e luneta meridiana da casa de Brunner (presentes do imperador d. Pedro II)¹⁵; higrômetro;

¹³ *Polyanthea* (1906, p. 14).

¹⁴ *Correio Paulistano* (25/8/1885, p. 1).

¹⁵ *O Apóstolo* (14/5/1876, p. 2).

barômetro Gay-Lussac; termômetro centigrado; termômetro fahrenheit¹⁶, arco voltaico¹⁷; carvão mineral¹⁸; coleção de coleópteros (besouros) e de ortópteros (gafanhotos)¹⁹. Além desses instrumentos, centenas de boletins meteorológicos e, ao menos, uma dezena de efemérides publicadas (eclipses, passagens de cometas, observação de planetas). Como entrever as práticas do frei a partir desses objetos e publicações e relacioná-las com as aulas e com a prática das ciências da época?

Outros documentos são igualmente intrigantes e nos estimularam a pensar em modos de depreender informações significativas a partir dos registros civis dele e de seus familiares imediatos, por exemplo. Além disso, a análise das regras conventuais de La-Roche e de Chambéry corroboraram o que já imaginávamos com respeito à formação disciplinar e espiritual dos capuchinhos e nos instigavam a pensar em como ele poderia ter desenvolvido gosto científico no interior de sistemas normativos rígidos que não tinham a educação científica por premissa. Uma cópia manuscrita do século XVIII de um manual de construção de relógios solares publicado no século XVI encontrada no fundo de Savóia no Arquivo dos Capuchinhos em Paris forneceu-nos um importante indício ligado à Astronomia, mas estava muito longe de explicar o gosto dele pela Botânica, pela Geologia, pela Meteorologia etc.

O estabelecimento dessas sucessivas questões e o amadurecimento no percurso dessa pesquisa me aproximou das experiências historiográficas associadas à micro-história, apresentada por Levi (1992, pp. 133-134) como uma prática historiográfica cujos referenciais teóricos podem ser variados e ecléticos selecionados e organizados pelo historiador em atenção ao seu objeto de estudo e às estratégias hermenêuticas e de narrativa. Conforme o autor, “a micro-história, assim como todo trabalho experimental, não tem um corpo de ortodoxia estabelecido para dele se servir”.

A despeito da pluralidade de publicações que surgiram desde meados da década de 1970 a partir do protagonismo de precursores como Carlo Ginzburg, Carlo Poni, Edoardo Grendi e Giovanni Levi, em “Sobre a micro-história”, Levi (1992) depreendeu uma discussão teórica circunscrevendo alguns elementos comuns pertinentes a ela, estabelecendo interlocução com os paradigmas marxistas, levados a termo na história serial, quantitativa e funcionalistas, adstritos a uma abordagem estruturante da cultura, perspectivas então mobilizadas para teorizar e explicar a realidade social.

¹⁶ *A Província de São Paulo* (2/4/1876, p. 2).

¹⁷ Romanini (1970, p. 22).

¹⁸ *Correio Paulistano* (9/6/1870, p. 2).

¹⁹ Marcondes (1890, p. 2).

O autor compreende o trabalho do historiador como uma busca “mais realista do comportamento humano” verificado por meio da ação e do conflito por meio dos quais testa sua liberdade relativa no interior das limitações e contradições “dos sistemas normativos, prescritivos e opressivos”. Para Levi, “a questão é, portanto, como definir as margens – por mais estreitas que possam ser – da liberdade garantida a um indivíduo pelas brechas e contradições dos sistemas normativos que o governam”, continua o autor

Neste tipo de investigação, o historiador não está simplesmente preocupado com a interpretação dos significados, mas antes em definir as ambiguidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais (LEVI, 1992, p. 136).

Tais objetivos, na micro-história, são mediados com base “na redução da escala de observação, em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental” (LEVI, 1992, p. 136). Bem entendida, a redução de escala não tem a ver com a dimensão do objeto de estudo que pode ser um indivíduo, uma aldeia, uma região etc., ela não é objeto em si, mas sim um procedimento analítico. Um procedimento analítico que em nosso caso foi sendo construído conforme nos apropriávamos das fontes e verificávamos diálogos entre o nosso o objeto e sucessivos contextos constituintes. Nesse sentido, mais que definir a “a escala da realidade observada”, estava em jogo o reconhecimento de “uma escala variável de observação” (LEVI, 1992, p. 138).

Conforme Levi (1992), a questão da variação da escala de observação como procedimento está ligada à irredutibilidade dos indivíduos às regras dos sistemas de grande escala e à constatação de que o indivíduo estabelece um conjunto de relacionamentos com vários sistemas normativos, através dos quais se entrevê o papel das contradições sociais e “suas reações à estrutura normativa e suas escolhas com respeito a ela” (LEVI, 1992, p. 138).

Para a micro-história, os sistemas normativos não são de todo homogêneos ou socialmente coerentes, pelo contrário, eles são contraditórios e fragmentários. É nesse sentido que emerge a questão do contexto, não como algo que imputa significados aos seus atores ajustando-os a um sistema, mas sim como um ponto de descoberta “em que um fato aparentemente anômalo ou insignificante assume significado, quando as incoerências ocultas de um sistema aparentemente são reveladas” (LEVI, 1992, p. 155).

De acordo com Ginzburg, a análise micro-histórica é bifronte. Nas palavras do autor: “Por um lado, movendo-se numa escala reduzida, permite em muitos casos uma

reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia. Por outro lado, propõe-se indagar as estruturas invisíveis dentro das quais aquele vivido se articula” (GINZBURG, 1991, pp. 177-178).

Um exercício, entretanto, que recusa reduções deterministas em relação às questões ligadas ao pertencimento social específico fundamentado por um sistema crenças, valores e representações. A nossa decisão de empreender uma redução de escala para estudarmos frei Germano de Annecy redundou na produção desse trabalho que não se limita a reconstruir uma história individual, mas conta-a.

Uma narrativa que não desconsidera os registros civis do seu biografado e de seus familiares, pelos quais apreendemos algumas características de sua origem social e da adesão familiar à densa atmosfera religiosa de Annecy, abordada em nossa pesquisa não apenas como um repositório do mundo católico, mas como uma cidade que se reorganiza a partir do rescaldo da Revolução Francesa e pela situação transicional perpetrada pela industrialização local, produzindo ambiente insalubre, atuando ao mesmo tempo como força de atração de populações dispersas pela região e de demolição de antigas relações sociais de trabalho.

Uma narrativa que não desconsidera tampouco a escolha do nome religioso de frei Germano, mas explica-a a partir dos significados que o ligam a sua região de origem. Uma abordagem que ao buscar compreender o desenvolvimento de seu gosto pelas ciências depara-se com uma situação interessante em que setores do clero secular de Savóia, do bispado de Chambéry, produziam e difundiam conhecimentos científicos na região, mostrando que contatos fronteiriços e interpenetrações não eram completamente incomuns entre essas duas esferas no início do século XIX.

Encontramos um sujeito que é capuchinho, que passou por um processo de inculcação de valores da sua Ordem, guardando características comuns a seus pares. Um capuchinho formado em Savóia, por uma ordem restaurada após a Revolução Francesa, cuja rigidez das normas prefixadas nos regulamentos dos conventos deve ser associada às vicissitudes materiais e humanas da instituição em assegurar seu retorno à região. Porém, ao desenvolver seu gosto plural pelas ciências e ao desempenhar práticas na área da História Natural, da Física e da Astronomia, distinguia-se de seus confrades capuchinhos de Savóia. Como explicá-lo então? Ao que parece, estaríamos diante de um sujeito do tipo “estatisticamente menos frequente”. Entretanto, trata-se de uma atipicidade limitada, uma vez que, segundo Ginzburg: “assim como a língua, a cultura oferece ao

indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” (GINZBURG, 2006, p. 20).

Em *O Queijo e os vermes*, Carlo Ginzburg narra a história do intrépido moleiro de Friuli, Domenico Scandela, dito Menocchio, morto pela inquisição, munido de uma cosmogonia extravagante que desafiava os padrões autoritários da Igreja reformada do século XVI. Nessa obra, Ginzburg argumenta que os estudos biográficos podem apontar para dois caminhos significativos. Quando se debruçam sobre indivíduos “mediócras”, “por isso mesmo representativos”, podem revelar um microcosmo de “um estrato social inteiro num determinado período histórico”. De fato, esse não era o caso de Menocchio. O moleiro sabia ler e não era um camponês típico, não era o tipo estatisticamente mais frequente entre os camponeses da sua região e de seu tempo.

De acordo com Dosse,

em vez de partir do indivíduo médio ou típico de uma categoria socioprofissional, a micro-história, de que são precursores Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi, Giovanni Levi e Carlo Poni, ocupa-se de estudos de caso, de microcosmos, valorizando as situações limites de crise. Esses historiadores dão mais atenção às estratégias individuais, à complexidade dos elementos em jogo e ao caráter imbricado das representações coletivas. Os casos de ruptura dos quais traçaram a história não são concebidos como exaltação da marginalidade, do avesso, do repudiado, mas como uma maneira de realçar a singularidade como entidade problemática, definida pelo paradoxo “o excepcional normal” (DOSSE, 2015, p. 255).

Dosse explica que, nessa perspectiva, para Ginzburg, a biografia não serve para reduzir o biografado às categorias mentais médias, mas para reconhecê-lo “na intersecção de um certo número de conjuntos heterogêneos e é o jogo complexo dessas determinações múltiplas que passa a ser o núcleo de um estudo biográfico” (DOSSE, 2015, p. 255).

Ao analisar as confissões do moleiro friulano, o historiador italiano depara-se com convergência entre as ideias de Menocchio e de grupos intelectuais refinados reforçando a hipótese de influxo recíproco, de influências mútuas, de circularidade cultural entre classes sociais distintas: dominantes e subalternas. A partir dessa chave, analisa o modo pelo qual os distintos fluxos culturais que se expressam na cosmogonia de Menocchio: o queijo e os vermes dele nascidos, dos quais uns se tornaram anjos, outros homens, e o mais sábio e potente de todos, Deus. O historiador italiano entrevê uma ligação entre as explicações de Menocchio e a doutrina da geração espontânea, então em voga nos principais círculos intelectuais quinhentistas. Mas também posiciona a analogia entre a

coagulação do queijo e a condensação da nebulosa que origina a vida numa tradição cosmológica transmitida oralmente, de geração em geração, cujo traço mais longínquo estaria no *Veda* indiano e presença mais evidente na difusão de cultos xamanistas justamente na região do Friuli.

Esses elementos culturais distintos presentes em Menocchio são apreendidos por Ginzburg também por meio da análise das leituras realizadas por Menocchio e também das palavras, ora coloquiais, ora sofisticadas, mobilizadas pelo moleiro em seus depoimentos sinalizando uma reelaboração original derivada da intersecção entre a tradição oral e a cultura escrita explicada à luz de dois processos históricos maiores: a Reforma e a difusão da imprensa. Nas palavras do autor: “Graças à primeira, um simples moleiro pôde pensar em *tomar a palavra* e expor suas próprias opiniões sobre a Igreja e sobre o mundo. Graças à segunda, tivera *palavras* à sua disposição para exprimir a obscura, inarticulada visão de mundo que fervilhava dentro dele” (GINZBURG, 2006, p. 104).

Essas peculiaridades fazem com que Dosse (2015, p. 257) diga que Menocchio não pode ser reduzido a esquemas mais simples e bipolares do tipo “moderno” ou “tradicional”, “popular” ou “erudito”, porque ele é a expressão de uma bricolagem singular. O autor argumenta que a micro-história não renuncia às vias da generalização, mas busca-as. Trata-se de um esforço por conciliar a escolha de um objeto e uma técnica específica perseguindo elucidacões mais gerais.

Com efeito, entre o moleiro Menocchio e o frei Germano, há muitas dessemelhanças. Um é o exemplo radical, apresentava uma origem camponesa, o outro, uma origem urbana, e a pouca distância que separa a aldeia de Montereale da cidade de Annecy, cerca de 800 quilômetros, é agravada pela distância temporal entre as vidas desses dois sujeitos e pelos processos históricos que se seguiram nesse intervalo de tempo. Enquanto Menocchio contestava os dogmas, preceitos e estruturas hierárquicas da Igreja Católica, frei Germano, o primogênito de seu núcleo familiar, tomou o caminho da vida conventual se submetendo a um intenso processo de aculturação resultante de uma longa rotina de exercícios espirituais e introjeção da hierarquia, base da formação disciplinar dos capuchinhos.

Mas, apesar desses traços distintivos, ambos expressam singularidades pronunciadas: Menocchio, cuja cosmologia pessoal é produto de uma bricolagem - uma “inconsciente deformação da fonte” que tende a conduzir o desconhecido ao familiar e que revela convergências com as posições “de grupos de intelectuais dos mais refinados

e conhecedores de seu tempo” (GINZBURG, 2006, p. 19) - e frei Germano em que se vê a hibridação na figura de um sujeito modelado pela OFMcap de Savóia e que também manipula símbolos da modernidade científica da qual é contemporâneo. É Canclini (2019) quem indica a hibridação como processos socioculturais em que se combinam práticas e estruturas antes existentes em separado, para produzir novos objetos, culturas e práticas, relativizando noções rígidas de identidade. De acordo com o autor, a hibridação, frequentemente, surge da criatividade individual e coletiva e ocorre em condições sociais e histórias específicas.

Figuras como a de frei Germano eram incomuns no interior da Igreja, os sacerdotes que desenvolveram atividades científicas formaram uma minoria na Igreja do século XIX. Geralmente, tais eclesiásticos eram oriundos de meios abastados e frequentemente formados em seminários, ou seja, membro do clero diocesano ou secular, como se dizia na época (COLLOMBAT, 2016, p. 169; PERRU, 2014, p. 190).

Frei Germano, não. Ele era oriundo das classes populares da cidade de Annecy e se formara nos conventos dos capuchinhos de Savóia, apenas lembrando. A quase inexistência de menções na documentação e na bibliografia consultada a respeito da vinculação entre os capuchinhos de Savóia e o desenvolvimento de atividades científicas permite inferir que as ciências estavam longe de ser uma prioridade da ordem. Porém, as condições de frei Germano de desenvolver um gosto pelas ciências físicas e naturais não estavam ausentes da paisagem de Savóia, menos ainda da cidade de Chambéry.

Reafirmaremos ao longo do texto que o desenvolvimento do gosto eclético pelas ciências decorreu de sua ação particular de captar fluxos culturais de temporalidades e meios diferentes. Nos conventos dos capuchinhos, sobretudo em Chambéry, frei Germano entrou em contato com uma tradição relojoeira que tem em alguns sacerdotes de ordens religiosas os seus artífices. Isso porque relógios de Sol se tornaria um elemento muito difundido entre os conventos, igrejas, capelas, em razão do estabelecimento da “Regra de São Bento” no século VI que estabeleceu as horas canônicas, através delas, o clero de diferentes partes do mundo entraria em comunidade, em comunhão através de louvores e orações (SCHECHNER, 2001, pp. 193-194).

A esse saber tradicional ele associou sua curiosidade pela natureza que se traduziu nas coleções do Museu do Seminário. Além disso, frei Germano manifesta interesses pela Física que engloba os fenômenos elétricos e os climáticos. Destaca-se que suas atividades no campo da docência e no campo da observação do espaço e do tempo com a organização de observatório e publicações a respeito de fenômenos e dados da natureza são a

expressão de uma *libido sciendi* que circulava em Chambéry. Ela era alimentada não pelos capuchinhos de Savóia, mas sim por alguns religiosos seculares através da organização de entidades como a Sociedade Real Acadêmica de Chambéry, e das publicações de sua revista de onde se depreende, objetivos mais modernos, ligados à propagação de um conhecimento científico útil para o progresso econômico local. A princípio, a manifestação de um interesse pelas ciências de frei Germano se faz por meio da articulação de fluxos culturais, de origens, de temporalidades, de finalidades diferentes e distribuídos em locais distintos que ele os colocará para circular consigo. Em Pestre (1996) e em Jacob (2007; 2011), aprendemos que o conhecimento e as ciências circulam com artefatos repletos de significações culturais e pessoas que manifestam seus gostos, ideologias e práticas.

Para compreender as práticas do frei nos valemos da ideia de *lugares de saber* que sustenta o projeto editorial dirigido por Christian Jacob (2007; 2011; 2012)²⁰. As pesquisas reunidas por Jacob localizam-se na intersecção “de uma micro-história que desestabiliza os modelos gerais, de uma antropologia das práticas que examina a ritualização do saber e de uma sociologia dos coletivos que evidencia as negociações subjacentes a toda partilha de trabalho” (JACOB, 2007, p. 14).²¹

O cruzamento desses trabalhos derivou na construção do projeto com a hipótese de que os saberes não se definem apenas pelos seus enunciados e seus conteúdos, mas também pelas práticas envolvidas na produção e comunicação desses saberes. O objetivo é “restituir a dimensão prática, vivida, material e social dos saberes humanos sem perder de vista a singularidade, as atividades e muitas vezes, os modos de vida dos atores que produzem e transmitem tais saberes” (JACOB, 2012, pp. 214-216).

Das seriações e quantificações emergem as experiências individuais e de grupo, as práticas envolvidas na produção, manipulação e circulação dos saberes - dinâmicas de

²⁰ Jacob esclarece o uso do termo *Lugares de Saber* em vez de *Lugares de Ciência* por situar-se num campo mais aberto englobando os diferentes saberes humanos: os saberes dos povos tradicionais, dos povos letrados, a espiritualidade, as humanidades, as técnicas e, também, as ciências. A partir de uma perspectiva comparativista, o projeto editorial reúne em diferentes unidades de pesquisa, estudos sobre diferentes indivíduos (adivinhos africanos, médicos etc.), comunidades ascéticas (monastérios, academias confucianas etc.), locais de trabalho (laboratórios, jardins, ateliês etc.), lógicas espaciais de difusão de saber, espaços e práticas de produção de saber, em diferentes tempos e espaços. O projeto escapa do relativismo, ao identificar as diferenças entre os casos em vez de negá-las, ao evidenciar diferentes as configurações epistêmicas e práticas singulares, através dos quais se comparam "regimes de verdade - alguns locais, outros universais - que repousam em práticas e procedimentos de validação particulares, mobilizando também ontologias e cosmologias diferentes" (JACOB, 2012, p. 215).

²¹ No original: “À la croisée d’une micro-histoire qui déstabilise les modèles généraux, d’une anthropologie des pratiques qui se penche sur la ritualisation des savoir-faire et d’une sociologie des collectives qui met en évidence les négociations sous-jacentes à tout travail partagé.”

transferência, transmissão, mestiçagem, hibridização - que resultam das relações sociais dos indivíduos e que tem origem nas ações que combinam a mão, o artefato, o gesto e o pensamento (JACOB, 2007).

Trata-se de deslocar a escala de observação dos conteúdos disciplinares e dos enunciados, apresentados a partir de sua forma acabada e estável, para colocar em relevo os processos, as “cadeias operatórias” ou seja, a sequência de gestos – posicionamento do corpo, operações manuais, mentais, práticas sociais, etc. – implicadas na produção de um artefato que objetiva determinado saber. Artefato aqui é compreendido em sentido polissêmico, pode ser um instrumento, um objeto artesanal, um texto, um esquema, uma cura, uma interpretação etc. (JACOB, 2012, p. 216).

Estamos diante de definições amplas, passíveis de serem particularizadas e apropriadas para as análises dos procedimentos de frei Germano. É com essa chave analítica que perscrutamos as projeções dos relógios de Sol, os boletins meteorológicos e as efemérides publicadas, para extrair dessa documentação aquilo que geralmente está oculto, as cadeias operatórias, a relação com os instrumentos e com o meio, as práticas e os saberes envolvidos na produção desses artefatos que comunicam determinado saber científico.

Frei Germano de Annecy era sobretudo um artífice (SENNETT, 2019) e um observador (DASTON, 2011; 2017). Suas ações redundaram na organização de um Museu de História Natural no Seminário Episcopal e de observatórios astronômicos e climatológicos nas três cidades em que morou e na projeção, entre outros, de dois importantes relógios de Sol, o mural que estampava a parede do seminário de São Paulo, e o vertical, alocado em Franca. A observação do tempo e do espaço talvez fosse seu aspecto mais distintivo e identitário e implicou a organização de espaços destinados a essa atividade e a publicação de centenas de boletins meteorológicos e de artigos com base em suas observações de efemérides. Nessa tese, restringiremos nossas análises a partir das produções realizadas sobre o Seminário Episcopal considerado como o primeiro observatório da província. Tentamos correlacionar essa característica de observador à perspectiva de análise oriunda da antropologia dos saberes e das contribuições teórico-metodológicas advindas da cultura material e da cultura material escolar. Nessa pesquisa, os espaços utilizados por frei Germano no Seminário Episcopal não são apreendidos como dados naturais, mas sim, como construções sócio-históricas, tampouco são compreendidos como contingentes, antes são interpretados como constituintes de um programa de saber, de educação e prática científica que deriva de projetos, de

negociações, de ação, que comunicam, suscitam, instigam e seduzem o público escolar para os saberes, enigmas e tradições que os artefatos mediam (ESCOLANO BENITO, 2001; VIÑAO FRAGO, 2001; MANDRESSI, 2007).

Nessa pesquisa, compreendemos os objetos e as materialidades como apropriação social que a humanidade faz do meio físico segundo propósitos e normas culturais, projetos e objetivos, intentamos percebê-los “como *productos* e como *vectores* de relações sociais” (MENESES, 1983, p. 112). As relações sociais que os objetos engendram devem ser enquadradas segundo delimitações espaciais e temporais, levando em conta o que a própria materialidade informa com relação a esse processo.

Assim, objetos e instrumentos científicos informam a respeito dos sistemas preferenciais de pesquisa definidos por cada grupo, escola, laboratório, e a relação com o corpo expressa pelo saber-fazer. A multiplicidade dos interesses de pesquisa não se define por sistemas de valores hierárquicos de questões a resolver, mas por itinerários multiformes que se impõe localmente em razão de critérios heterogêneos cuja valorização social é um dos exemplos (PESTRE, 1996, p. 24).

Para finalizar, buscamos reinsserir os vestígios das ações de frei Germano em seus contextos para fornecer o substrato empírico da tradição pedagógica a qual se ligam (ESCOLANO BENITO, 2007). Nesse sentido, os objetos e materialidades como o belvedere e o relógio de Sol mural do Seminário Episcopal, são compreendidos

como sintetizadores materiais que condensam, em sua aparente simplicidade manifesta, as funções que implementaram a cultura escolar no plano de ação e que auxiliam na implementação da prática pedagógica dos professores e da aprendizagem dos alunos em formação. Da mesma maneira, essas fontes factuais podem ser valorizadas como fragmentos portadores de uma semântica de significados culturais agregados ou implícitos que devem ser elucidados e compreendidos como formas funcionais, estéticas e simbólicas criptografadas em sua simples materialidade como suporte (ESCOLANO BENITO, 2020, p. 31).²²

Para estabelecer vínculo entre os objetos e ensino recorreremos a Meloni (2011) que nos oferece uma maneira de abordar a materialidade escolar como suporte de dois tipos

²² No original: “concebidos como sintetizadores matéricos que condensan, en su aparente simplicidad manifesta, las funciones que implementaron la cultura escolar en el plano de la acción y que ayudan a instrumentar la práctica pedagógica de los enseñantes y el aprendizaje de los alumnos en formación. Igualmente pueden ser valoradas estas fuentes factuales como fragmentos portadores de una semântica de significados culturales aderidos o implícitos que hay que elucidar y comprender como formas funcionales, estéticas y simbólicas encriptadas em su simple materialidad como soporte.”

de informações sobre as aulas de ciências presentes na escola: o conteúdo e o método. Segundo o autor, “ao mesmo tempo em que os materiais indicam o conteúdo real que tem potencial de ser trabalhado, eles dão pistas dos objetivos do processo pedagógico em relação ao comportamento do aluno perante o conhecimento” (MELONI, 2011, p. 48). Complementando essa proposição, destacamos que Braghini (2017) aponta para as múltiplas possibilidades de uso dos instrumentos na escola: como condição de aperfeiçoamento da manipulação; como prova de habilidade em relação ao uso do mesmo; como ludicidade na relação ensino/aprendizagem. A utilização de instrumentos científicos nas aulas reconecta o sentido de entretenimento das audiências, nas palavras da autora:

fosse o sentido de demonstração do próprio objeto, do seu funcionamento, fosse para apresentá-lo como objeto ponte entre a demonstração a ser observada e o exercício do livro, os instrumentos e aparatos nos dão prova de autoridades nas mãos dos cientistas e professores porque estão nas vicissitudes entre o experimento e a teoria, na sua força de chamar a atenção e entreter a plateia (BRAGHINI, 2017, p. 86).

Assim, o instrumento posto em cena confere valor à autoridade do professor e ao fenômeno que dá a ver. Um elemento, que ao mesmo tempo é fruto e engendra modernidade educacional estimulada dessa vez pela escolarização das ciências. Nos apropriamos dessas considerações tecidas pela autora para pensarmos, por exemplo, nas potencialidades e possibilidades de usos do relógio de Sol mural e do belvedere do Seminário por meio dos quais frei Germano comunicava conteúdos de Astronomia usando a análise das dinâmicas do céu diurno e noturno a partir daquela instituição.

Os procedimentos de análise descritos possibilitam localizar em frei Germano fluxos culturais diversos com temporalidades diversas: da Reforma Católica e do Concílio de Trento do século XVI, que tingem a paisagem da Savóia e fornecem o conteúdo litúrgico da conturbada restauração dos capuchinhos na região no pós Revolução Francesa, bem como, da expansão das ciências no século XIX que se fez acompanhar não só de um discurso de progresso, de utilidade e desenvolvimento local, mas também de um desejo de produzir e divulgar conhecimentos. Permitem também acompanhar a circulação de frei Germano, munido de saberes e práticas materializados e comunicados nas suas aulas, nos seus gabinetes, observatórios, nas suas publicações que estamparam os jornais do império, nos seus artefatos, vestígios de sua passagem pelo império brasileiro.

Procedimento de pesquisa

Iniciamos a pesquisa partindo da constatação de que no Seminário Episcopal de São Paulo houve, desde o início da segunda metade do século XIX, ensino de ciências. Pretendíamos compreender como se efetivou tal ensino ministrado naquela instituição religiosa na relação entre os saberes-fazer de frei Germano, a composição material e a localização do gabinete de ciências, portanto, manteríamos um recorte temporal centrado no período entre 1858 e 1878.

Se, por um lado, ficamos diante de uma ausência significativa de documentação direta a respeito das aulas, da grade com a disposição das disciplinas pelo currículo, uma listagem segura dos instrumentos dispostos no gabinete a época da presença dos capuchinhos na instituição, ganhava cada vez mais relevo a figura de frei Germano.

Compreendemos o capuchinho como um personagem importante para o ensino de ciências e para a promoção das ciências em todas as cidades por onde passou. Concluímos então que da análise de suas publicações, das projeções dos relógios de Sol e de seus artefatos, poderíamos apreender seus saberes, práticas e gestos, em suma, seu trabalho científico vinculado a uma episteme que se configurava por meio das ações de observação e descrição de fenômenos da natureza.

Orientamos nosso interesse para conhecer o máximo possível a respeito desse personagem que é frei Germano. Sua origem social, suas escolhas, o desenvolvimento de suas virtudes científicas e os saberes e práticas que circulam consigo e a memória construída em torno dele. Abaixo, seguem os arquivos visitados e os conjuntos das fontes mobilizadas.

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo (ACMSP)

Do material disponível para a pesquisa sobre o Seminário Episcopal, selecionamos aqueles que apresentam informações referentes ao período em que os capuchinhos de Savóia estiveram à frente da instituição:

Seminário Episcopal

Regulamento Particular para Ordenandos (1851); Regulamento do Seminário (1852); Regulamento do Pequeno Seminário (1856); Prospecto do Seminário Episcopal (1856); Índice Alfabético dos alunos (1856-1894); Atas de reunião de professores (1888-1903).

A documentação arrolada permite compreender as normas prescritivas que regem a instituição e que disciplinam as condutas de professores e alunos. Além disso, por esse caminho é possível compreender o Seminário Episcopal como uma instituição que absorve a demanda por ensino de várias cidades não só da província de São Paulo, mas do império como um todo.

Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP)

Com relação ao APESP, descobrimos lendo os relatórios da inspeção pública que o Seminário Episcopal, muito embora, fosse subvencionado, era livre de qualquer tipo de inspeção. Já as buscas realizadas no fundo Ofícios Diversos com os descritores Seminário Episcopal e frei Germano de Anney apresentaram 34 ocorrências de assuntos diversos, dos quais triamos os seguintes:

Quadro 1 – Documentação sobre o Seminário Episcopal de São Paulo, de 1856 a 1878, e sobre frei Germano de Anney, de 1858 a 1890, no fundo Ofícios Diversos do APESP

Remetente	Teor	Período
Sem informação	Prospecto do Seminário Episcopal de São Paulo	-
Antônio, Bispo diocesano	Informou sobre a conclusão da obra do Seminário Episcopal	04/11/1856
Antônio, Bispo diocesano	Informou sobre as aulas abertas no Seminário Episcopal	16/01/1857
Anacleto José Ribeiro Coutinho, Vigário Geral	Remete ao presidente da província o mapa do Seminário Episcopal	07/01/1858
Anacleto José Ribeiro Coutinho	Encaminha o mapa do Seminário Episcopal com o número de professores, alunos e as matérias de ensino	21/02/1860
Francisco Firmino de Centelhas, vice-reitor	Informa sobre o Seminário Episcopal	29/11/1864
Sebastião, bispo de São Paulo	Detalha as aulas ministradas no Seminário Episcopal	19/12/1866
Sebastião, bispo de São Paulo	Detalha as aulas ministradas no Seminário Episcopal	26/12/1867
Eugenio de Rumilly, reitor	Apresenta o relatório sobre o estado do Seminário Episcopal	28/12/1871
Barão de Nogueira da Gama	Entrega no Seminário Episcopal de uma luneta meridiana de Brunner	18/04/1876

Lino, bispo de São Paulo	Remete informações do reitor do Seminário Episcopal	31/12/1876
Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade, vigário geral	Informa o envio das informações prestadas pelo reverendo reitor do Seminário Episcopal	31/12/1877
Leão Bourroul	Solicita que o frei trabalhe junto a ele na repartição central meteorológica	11/08/1888

Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).

Os documentos informam sobre as aulas ministradas na instituição. Além disso, destacamos os que se referem à luneta meridiana do fabricante Brunner enviada de presente a frei Germano por D. Pedro II em 1876 e à especulação feita por Estevam Bourroul em torno do nome do capuchinho para assumir a Estação Meteorológica que seria inaugurada em fins da década de 1880.

Hemeroteca Digital

Com relação à Hemeroteca, utilizamos o descritor “Seminário Episcopal” com intervalo de tempo entre 1850 e 1878.

Tabela 1 – Jornais e periódicos com notícias sobre o Seminário Episcopal consultados para a província de São Paulo

Periódico	Ano	Ocorrências
<i>Almanak da Província de São Paulo</i>	1873	1
<i>Almanak literário paulista</i>	1875 – 1878	3
<i>A República</i>	1877	1
<i>Correio Paulistano</i>	1854 – 1880	201
<i>Diário de S. Paulo</i>	1865-1880	130
<i>Imprensa Academica</i>	1864	1
<i>Indicador de São Paulo: Administrativo, Judicial, Industrial, Profissional e Comercial</i>	1878	1
<i>O Constitucional</i>	1861-1863	6
<i>O Kaleidoscópio</i>	1860	3
<i>O Publicador Paulistano</i>	1857-1859	7
<i>O Tymbira</i>	1860	1
<i>O Ypiranga</i>	1867	6

Fonte: Hemeroteca Digital; Biblioteca Nacional.

Os assuntos abordados ao longo dessas 259 ocorrências foram os mais variados possíveis, além de dezenas de publicações serem repetidas. Podemos destacar os anúncios de missas, notícias de crimes e perturbações da ordem pública, os pedidos de subvenção, as notas diversas relativas às reformas no seminário (colocação de pisos ou degraus no prédio), as disputas entre conservadores e liberais que envolviam o seminário, as transcrições da Assembleia Provincial que fazem menção à instituição etc. Dessa miríade de publicações que envolvem o extramuros do colégio, pinçamos algumas publicações que fornecem informações mais adstritas a nossa pesquisa como os “mapas” que indicam as aulas em funcionamento no Seminário Episcopal em diferentes anos, o número de alunos bolsistas e pagantes, menções a alguns itens da coleção mineralógica de frei Germano, como carvão mineral, e referências a alguns festejos em que se observou demonstrações públicas de eletricidade. Em conjunto, essas publicações nos fornecem alguns indícios sobre a cultura escolar e material do colégio, bem como, sobre os vínculos ideológicos da instituição.

Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMF)

Em Franca, analisamos uma caixa com um dossiê a respeito de frei Germano. Trata-se de uma caixa contendo relatos biográficos; descrição de funcionamento e uso do relógio solar da matriz; processo crime instaurado em razão do furto de instrumentos de frei Germano; registro de nascimento de frei Germano; cartas trocadas entre José Chiachiri, João Nascimento, entusiastas da trajetória de frei Germano, e Padre Bêtemps, então arquivista da ordem dos capuchinhos de Savóia em busca de documentação sobre o frei Germano. O teor das cartas apontava para uma tentativa de declarar a cidade de Franca e de Annecy como “irmãs” em razão da semelhança dos relógios de sol de coluna que há em cada uma delas.

Arquivo Público Municipal de Uberaba (APMU)

Do arquivo público mineiro recebemos 121 edições da *Gazeta de Uberaba* (1879-1884). Trata-se de publicações de boletins meteorológicos. Cada boletim publicado

contém medições referentes a cinco dias. Da informação da fundação ao Externato Culto às Letras, do qual o frei Germano é um dos fundadores. Destaca-se também um artigo de Frei Germano sobre a Meteorologia; sobre a abertura de subscrição para compra de instrumentos para um gabinete de Física; e uma crônica escrita por um leitor a respeito da passagem de um cometa e do papel de frei Germano de Annecy em desmistificar o significado dessa efeméride.

Haute Savoie: Archives Départementales

Por meio do site <www.filae.com>, organizado pela sociedade Filae, especializada no fornecimento de dados genealógicos, que indexa diversos arquivos públicos digitalizados da Europa, tivemos acesso a um conjunto de registros de nascimento, casamento e óbito, de Frei Germano de Annecy e seus familiares como segue:

Annecy: Registre de mariages – Louis Marion e Philipinne Lacombe (pais);
Annecy: Registre de actes de naissance et baptême – Claude Charles Marion (frei Germano); Claude François (irmão); Jean Pierre (irmão); Jeannette (irmã); Colette (irmã).
Annecy: Registre de actes civils de décès (sépulture) – Louis Marion; Philipine Lacombe; Jeannette; Colette; Charles Petits (padrinho); Jean Claude Coster (padrinho); Colette Maison (madrinha).

A análise desse material forneceu elementos a respeito da extensão da sua família, da categoria socioprofissional de seu pai, da baixa expectativa de vida de seus familiares. Ademais, a partir da análise do nome de batismo de frei Germano e de cada um de seus irmãos, foi possível inferir uma dimensão da religiosidade popular daquela família ligada à devoção de santos cultuados na região em razão de suas propriedades protetoras e curandeiras. Todas essas questões permitem compreender a origem social de Frei Germano de Annecy e comparar com a origem social dos eclesiásticos geralmente envolvidos em atividades científicas no século XIX.

Gallica: Biblioteca Nacional da França (digital)

Mémoire de la société académique de Savoie (1825 – 1846)

Conjunto de 12 tomos referentes às publicações da Real Sociedade Acadêmica de Savóia. Trata-se de uma instituição fundada por representantes da sociedade civil e por

membros do clero secular (ou diocesano). A sociedade dirigida pelo bispo mantinha uma publicação eclética, realizada por civis e eclesiásticos, a respeito de diversos assuntos: História, Literatura, Filosofia, Mineralogia, Botânica, Física, Geologia e Meteorologia. A análise do material fornece parâmetros para que se possa compreender o tipo, a finalidade das ciências publicadas por aquelas páginas, além disso, as atividades da sociedade comunicadas pelo periódico fornecem indícios para que pensemos no desenvolvimento, ainda que possivelmente indireto, das aptidões científicas de frei Germano.

Archive des Capucins en France (ACF)

As divisões do fundo de Savóia a que tivemos acesso, foram: P – Brésil; B – Noviciat Province Savoie; E – Actes capitulaires; S - Savoie. O trabalho de triagem e seleção dos documentos foi extenso e bastante dificultoso, pois trata-se de conjuntos documentais manuscritos, basicamente em língua francesa, que somados perfazem um total de 1535 páginas.

Com relação à divisão “P” correspondente à missão Brasil, vale destacar que é composta por um conjunto de sete pastas. Nelas, encontra-se uma documentação muito variada e, por vezes, desordenada. Consta no processo de secularização, cartas trocadas entre os freis do Seminário, relatórios de visitação apostólica, livro de memórias sobre o seminário episcopal, dossiê sobre frei Germano de Annecy, sermões e casamentos celebrados na igreja do Seminário, documentação referente ao Seminário do Glória, às irmãs de São José, à missão capuchinha no Rio Grande do Sul e documentação avulsa. De todo conjunto que tivemos acesso, triamos:

P – Brésil

S/13P - Notes sur le Seminaire Épiscopal de Saint Paul; S/7P - Rapport du P. Matthieu de la Roche Prov. Et visiteur apostolique sur le Seminaire de Saint Paul (1877); S/17P - P. Germain d’Annecy (1822-1890)

O primeiro item corresponde a um livro de memórias escrito por frei Generoso de Rumilly, por ocasião de seu afastamento do Seminário em razão de um processo de secularização sofrido no ano de 1876. Há informações sobre o ambiente interno desgastado entre os professores do seminário, há algumas menções sobre o museu de História Natural e não consta nenhum comentário sobre as aulas.

O segundo item é um relatório produzido a partir da visita apostólica realizada por um dos superiores dos capuchinhos de Savóia, Padre Matthieu. O relatório expõe um ambiente desorganizado e com ausência de documentação seja de ordem financeira ou pedagógica que teria caracterizado a instituição em fins da década de 1870.

Finalmente, o último item selecionado foi composto a partir de trocas de informações entre Francis Betemps, capuchinho de Annecy, e os francanos Nascimento Franco e José Chiachiri Filho. Trata-se de um arquivo espelho do dossiê do Arquivo Histórico do município de Franca (SP). Destacamos a carta escrita pelo frei lazarista que acompanhou frei Germano a bordo do navio *Bearn*, através da qual temos acesso a alguns sentimentos de frei Germano externado na iminência de sua morte.

B - Chambéry (1781-1845)

S/7B - Prêts de promesse des novices avant leur profession (1781-1845).

S/13B - Regolamento de' Collegi per missioni estere stabiliti, ed affidati dalla Sacra Congregazione di Propaganda Fide all'ordine dei pp. Cappuccini nelle città, e rispettivi conventi di Roma e Chambéry (1845)

S/13B - Règlement pour les Etudiants Capucins (1843)

E - Actes capitulaires

S/1E - Articles adictionnels et explicatifs du Cérémonial pour établir l'uniformité de Discipline dans nos couvents.

S/1E - Ordonnances de la C. R. Définition, à la suite du Chapitre provincial tenu à Chambéry, le 18 août 1848.

Com exceção do primeiro item que trata dos votos realizados pelos noviços, dos quais se depreende os ritos desse cerimonial, as divisões “B” e “E” correspondem às regras normativas que visam disciplinar a conduta e a construção de uma identidade capuchinha.

S - Savoie

S/23S - Traité D'horlogiographie pour les constructions des cadrans solaires demonstre des plusieurs diferentes manieres

O material corresponde a um tratado de construção de relógios de Sol que pertenceu a frei Arsène, primo mais velho de Frei Germano. Não sabemos quando o material foi destinado a ele, possivelmente, circulou pelos conventos de Savóia antes de ter como último destino a cidade de Annecy. Em nossa leitura articulamos o material com

uma prática cultural de construção desse tipo de artefato presente na Savóia e também compartilhada por alguns capuchinhos.

Periódicos diversos

As publicações realizadas que envolvem frei Germano de Annecy são inúmeras e podem ser achadas em diferentes bases de dados, das quais citamos Hemeroteca Digital (diferentes periódicos), Arquivo Público de Uberaba (*Gazeta de Uberaba*) e Arquivo do jornal *O Estado de S.Paulo (A Província de São Paulo)*. As publicações que envolvem o nome do frei Capuchinho começam a partir da segunda metade da década de 1860 e se contam ao número das centenas, muitas dessas publicações são replicações realizadas por vários veículos. A título de organização, dividimos tais publicações em 4 categorias: 1^a) Boletins meteorológicos publicados por frei Germano; 2^a) Artigos publicados por frei Germano; 3^a) Assuntos diversos; 4^a) Homenagens póstumas e relatos biográficos.

Tabela 2 – Boletins meteorológicos publicados por frei Germano de Annecy

Periódico	Período	Nº de publicações
<i>A Província de São Paulo</i>	1875-1878	383
<i>Gazeta de Uberaba</i>	1879-1884	121

Fontes: Acervo do jornal *O Estado de S.Paulo*; Arquivo Público Municipal de Uberaba.

Cada publicação apresenta boletins para intervalos de tempo de 2 a 5 dias. São medições auferidas em pelo menos dois momentos de cada dia de coleta de dados. Além disso, apresentam os instrumentos utilizados e a cronometragem dos fenômenos observados nos permitindo conhecer sua prática científica para além dos resultados comunicados.

Quadro 2 – Artigos assinados por frei Germano e ou que contenham os resultados de suas observações astronômicas, por ordem de ocorrência

Periódico	Data	Assunto
<i>Correio Paulistano</i> (SP)	12/2/1865	Passagem de cometa
<i>Correio Mercantil e Instructivo, Político, Universal</i> (RJ)	17/2/1865	Passagem de cometa
<i>Jornal do Comércio</i> (RJ)	19/2/1865	Passagem de cometa

<i>Diário de S.Paulo</i> (SP)	29/8/1867	Eclipse
<i>Correio Paulistano</i> (SP)	22/11/1874	Eclipse
<i>A Nação, Jornal Político, Comercial e Litterario</i> (RJ)	28/11/1874	Notícia da passagem de Vênus
<i>Jornal do Comércio</i> (RJ)	2/12/1874	Notícia da passagem de Vênus
<i>A Província de São Paulo</i> (SP)	5/8/1876	Artigo sobre os gafanhotos
<i>A Província de São Paulo</i> (SP)	22/8/1877	Eclipse
<i>Diário do Rio de Janeiro</i> (RJ)	23/8/1877	Eclipse
<i>O Apostolo</i> : periódico religioso, moral, doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade (RJ)	24/8/1877	Eclipse
<i>Gazeta de Uberaba</i> (MG)	3/5/1879	Artigo sobre a meteorologia
<i>Gazeta de Uberaba</i> (MG)	7/7/1880	Eclipse
<i>Gazeta de Uberaba</i> (MG)	15/5/1882	Eclipse
<i>Gazeta de Uberaba</i> (MG)	15/6/1882	Passagem de cometa
<i>Gazeta de Uberaba</i> (MG)	30/6/1882	Passagem de cometa
<i>Gazeta de Uberaba</i> (MG)	6/7/1882	Passagem de cometa
<i>Gazeta de Uberaba</i> (MG)	11/7/1882	Passagem de cometa
<i>Correio Paulistano</i> (SP)	13/7/1882	Passagem de cometa Wells
<i>Gazeta de Uberaba</i> (MG)	16/7/1882	Passagem de cometa
<i>Jornal do Comércio</i> (RJ)	23/7/1882	Passagem de cometa
<i>O Apóstolo</i> (RJ)	26/7/1882	Passagem de cometa
<i>Jornal do Comércio</i> (RJ)	28/7/1882	Passagem de cometa
<i>Gazeta de Uberaba</i> (RJ)	12/10/1882	Passagem de cometa
<i>O Pharol</i> (MG)	24/10/1882	Passagem de cometa
<i>O Piracicabano</i> (SP)	8/10/1884	Eclipse
<i>A Justiça</i> (SP)	25/10/1885	Relógio de Sol – frei Germano convida para participar do leilão e inauguração do Gabinete de Física

Fontes: Hemeroteca Digital; Arquivo Público Municipal de Uberaba; Acervo do *O Estado de S.Paulo*.

A análise desses materiais nos permite compreender o modo com que frei Germano se referia aos fenômenos celestes e o seu saber-fazer de astrônomo na relação entre corpo, instrumento de observação e a coisa observada. Além disso, destacamos seu artigo sobre gafanhotos e sobre a meteorologia. No primeiro caso, a apresentação não foge muito do estilo das lições de coisas. No segundo, entrevemos o entusiasmo do capuchinho por essa ciência climatológica. Em todos esses casos, é possível inferir atividades pedagógicas subjacentes a essas práticas.

Tabela 3– Publicações em que frei Germano é citado: assuntos diversos

Periódico	Ano	Ocorrências
<i>Jornal do Commercio</i> (RJ)	1874-1889	55
<i>Correio Paulistano</i> (SP)	1867-1889	37
<i>O Apostolo</i> : periódico religioso, moral, doutrinário, consagrado aos interesses da religião e da sociedade (RJ)	1876-1889	36
<i>A Justiça</i> (SP)	1884-1889	12
<i>Gazeta de notícias</i> (RJ)	1883-1889	9

Fonte: Hemeroteca Digital; Biblioteca Nacional.

Com o uso do descritor “frei Germano” que abriga as variações “frei Germano de Anncy” e “frei Germano d’Anncy” verifica-se 149 ocorrências na Hemeroteca Digital espalhadas por 42 periódicos. Muitos desses periódicos mencionaram apenas uma vez o nome do capuchinho, replicando publicações de outros veículos. Apresentamos a lista dos 5 jornais com o maior número de publicações que condicionaram os demais.

O conjunto dessas publicações oferece diversos aspectos da inserção social de frei Germano de Anncy em diferentes contextos. Vimos que frei Germano era solicitado para calcular vazão de rio, negociar a expansão da malha ferroviária para Uberaba, arbitrar junto aos demais párocos em favor do progresso das ciências, conduzir reformas para instalação de para-raios, projetar e arrecadar fundos para seu relógio de Sol, gabinete de física etc.

Quadro 3 – Homenagens póstumas e relatos biográficos publicados em jornais e revistas

Autor	Periódico	Data	Título
Padre Senna de Freitas	<i>O Estado de S.Paulo</i>	12/6/1890	Frey Germano
Padre Araújo Marcondes	<i>Correio Paulistano</i>	17/5/1890	Frei Germano
D'A	<i>O Cruzeiro</i>	22/5/1890	-
Carmelino Corrêa Júnior	<i>Comércio da Franca</i>	14/07/1957	O gnomo de Frei Germano
Pedro Umberto Romanini	<i>CESP paulista</i>	14/12/1978	Frei Germano, 1870: Faça-se a Luz
-	<i>Jornal da Tarde</i>	30/04/1990	1870, um frei ilumina o Jardim da Luz com eletricidade
-	<i>Comércio da Franca</i>	01/05/1990	Há cem anos morria frei Germano, o construtor do relógio de Sol
José Chiachiri Filho	<i>Comércio da Franca</i>	29/03/1998	O sol marca o tempo também em Annecy
João Nascimento Franco	<i>Comércio da Franca</i>	30/06/1999	Franca e Annecy, cidades irmãs

Fontes: Hemeroteca Digital; Acervo do *Estado de S.Paulo*; Arquivo Histórico Municipal de Franca.

Tais publicações fornecem um quadro da maneira pela qual uma imagem de frei Germano foi sendo sedimentada na memória coletiva. Suas virtudes científicas sempre exaltadas vão sobrepondo suas qualidades sacerdotais conferindo-lhe distinção social, produzindo ao longo do tempo, no caso de Franca, vínculos entre a trajetória do homem e a identidade da cidade. Destaca-se que esse aspecto foi ainda mais ressaltado em virtude do processo de restauro do relógio solar que findou em 2019.

Fontes iconográficas

Fotografias da parte externa do Seminário Episcopal realizada por Militão Augusto de Azevedo; Fotografia de frei Germano de Annecy (MUSEU PAULISTA – Catálogo online); Fotografia de reconstituição do Gabinete de frei Germano de Annecy (*Polyanthea*, 1906); Gravura em homenagem à Frei Germano (*Polyanthea*, 1906); Gravura do Relógio de Sol vertical projetado em uma das paredes do Seminário Episcopal

(*Polyanthea*, 1906), Fotografias da praça da Matriz em Franca e do Relógio de Sol (AHMF).

O conjunto de imagens citadas permite conhecer aspectos relativos à arquitetura do Seminário Episcopal e o terraço que servia de observatório astronômico a frei Germano. Além disso, oferece imagens dos dois relógios de Sol que serão analisados a partir dos preceitos da cultura material e material escolar com intuito de discutirmos as práticas e os saberes que mediam e sua relação com o currículo da escola secundária. Por fim destacamos as fotografias e a gravura em homenagem a frei Germano permitem pensar em aspectos de sua inserção social no século XIX, bem como, a construção de uma memória em torno dele exaltando os aspectos de suas virtudes científicas.

Coleção de objetos e instrumentos científicos

Não dispomos de uma listagem circunscrita a um recorte espaço/temporal bem definido para a coleção de objetos e instrumentos científicos reunidos por frei Germano. Só se pode falar neles na medida em que foram reunidos ao longo do tempo, sendo impossível distinguir quais deles teriam sido comprados. Ressalta-se, contudo, que há uma anterioridade entre a posse desses objetos por frei Germano em relação a menção deles nas fontes.

Quadro 4 – Objetos e instrumentos científicos de Frei Germano de Ancey identificados em fontes diversas

Instrumentos e objetos	Data	Fonte
Máquina hidráulica Bichos e aves taxidermizadas	28/2/1864	CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 28 fev. 1864. Ano 11, n. 2388, p. 1-2.
Carvão mineral	1870	CORREIO PAULISTANO, São Paulo, 9 de jun. 1870, ano 17, n. 4176, p. 2.
Coleção de besouro Coleção de gafanhoto	Citado em 1874	RUMILLY, Generoso. <i>Notes sur le Séminaire Episcopal de Saint Paul</i> (Brésil). [s.d.].
Higrômetro Barômetro Gay-Lussac centigrado Termômetro fahrenheit	04/02/1875 Termômetro	A PROVÍNCIA DE S.PAULO, São Paulo, 5 fev. 1875, ano 1, n. 20, p. 2.

Agulha de Variação Luneta Relógio de sol (Seminário Episcopal)	19/08/1875	BEDIAGA, Begonha (org.). <i>Diário do Imperador d. Pedro II</i> (1840-1891). Petrópolis: Museu Imperial. v. 16.
Cronômetro John Pool Luneta meridiana Brunner	14/5/1876	<i>O APÓSTOLO</i> , Rio de Janeiro, 14 maio 1876, ano 11, n. 54, p. 4
Relógio de sol (Praça da Matriz em Franca)	25/11/1885	<i>CORREIO PAULISTANO</i> , São Paulo, 25 ago. 1885. Ano 32, n. 8701, p. 1.
Coleção de borboleta	1890	MARCONDES, Araujo. Frei Germano. <i>Correio Paulistano</i> , São Paulo, 17 maio, 1890. Ano 36. p. 2.
Arco voltaico	1978	ROMANINI, Pedro Umberto. Frei Germano, 1870: “faça-se luz”. <i>Cespaulista</i> , 1978, São Paulo, ano 3, n. 14.

Fontes: Museu Imperial; Hemeroteca Digital. Biblioteca Nacional; Archive des Capucins en Paris; Acervo do *Estado de S.Paulo*.

Tais itens são encarados, por meio da perspectiva da cultura material e da cultura material escolar, como fontes e objetos de conhecimento e também como produtos e vetores das relações sociais, mediando determinado tipo de saber que circulou pelos textos e demonstrações públicas.

Estrutura do trabalho

A presente pesquisa está estruturada em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, abrimos o compasso cronológico para um momento anterior ao nascimento de frei Germano de Ancecy. Trata-se de compreender os aspectos que fizeram da Savóia um ambiente marcado pela cultura francesa e pela presença massiva da Igreja Católica, cuja cidade de Ancecy desempenhou um papel religioso fundamental. Na sequência, mencionamos algumas características da religiosidade de frei Germano e de seus familiares, situando-os no início do século XIX, período em que se assistiu ao avanço da industrialização e suas diversas implicações socioeconômicas naquela cidade. Por fim, concentramo-nos em alguns aspectos da vida capuchinha de frei Germano nos conventos de La-Roche-sur-Foron e Chambéry.

No segundo capítulo, buscando compreender os saberes e práticas que circulam com frei Germano, empreendemos uma abordagem a respeito do desenvolvimento do gosto desse capuchinho pelas ciências discutindo a maneira pela qual ele se apropriou de fluxos culturais distintos, presentes em ambientes diversos para desenvolver, de um lado,

um interesse pela cultura tradicional da projeção de relógios solares e, de outro, saberes nas áreas, por exemplo, da meteorologia, da mineralogia então identificados com a modernidade científica e o progresso material. Esse desenvolvimento leva em consideração uma discussão sobre as relações entre as ciências e a Igreja católica, as interpenetrações e exclusões no âmbito de institucionalizações e de reforma vivenciadas no século XIX. Para melhor compreender a figura de frei Germano de Annecy reduzimos nossa escala de análise para o papel do bispado na promoção das ciências em Chambéry na primeira metade daquele século.

No terceiro capítulo, discorremos sobre os processos que culminaram na vinda dos capuchinhos para o império brasileiro em meio a um projeto ultramontano de reforma do clero que culminou na fundação do Seminário Episcopal. Tratamos da chegada de frei Germano em São Paulo e de seus agenciamentos que lhe conferiu alunos para seus cursos de Astronomia e Física ainda no início da segunda metade do século XIX, na demarcação de espaços de ciências que redundou na organização de um observatório do tempo e do espaço naquela instituição. Abordamos os bastidores do Seminário Episcopal e o ocaso dos capuchinhos no Seminário em meio às crescentes controvérsias religiosas no império. Discutimos a presença de frei Germano nas cidades de Uberaba e Franca, sua inserção social, relacionando-a com a difusão das ciências. Buscamos apresentar a forma pela qual suas virtudes científicas lhes conferiram estima social. Por fim, discutimos sua tentativa de retorno à sua terra natal e seus instantes finais a bordo do navio *Bearn*.

No quarto capítulo, problematizamos aquela que talvez seja a principal característica de frei Germano, a de ser um observador da natureza. Historicizamos essa categoria buscando conhecer os elementos culturais que vinculam frei Germano ao terreno institucional da Astronomia e da Meteorologia moderna. Restringimos nossas análises em suas ações a partir do Seminário Episcopal que culminaram na produção dos espaços que formaram seu observatório, o relógio de Sol e o belvedere, constituintes de um programa de produção de ciências. Discutimos as práticas e os saberes mediados por essas materialidades bem como suas publicações resultantes de suas observações do tempo e do espaço. Fechamos o capítulo citando vestígios materiais de sua vida no império, destacando a inserção cultural do seu relógio de Sol vertical na cultura francana, compreendendo-o como um lugar de saber, de memória e de identidade.

Capítulo 1 - Frei Germano de Annecy, a Savóia e o gosto pela ciência

Filho de Saboia, oriundo de uma família simples e profundamente cristã, como se encontra sem custo n'essa raça patriarcal que faz a honra da França; nascido no ar puríssimo e quase religioso d'essas cordilheiras dos Alpes, que são um dos contrafortes e uma das grandezas da Europa; cingido, logo desde a infância, por essa eterna coroa de neve, da bela neve translúcida e azulada que alastra, como um enorme festão de arminho, a aresta de toda aquela cadeia orográfica da sua Saboia. Frei Germano conservou até a morte intactos e ardentes dois amores, o amor de Deus e o amor da Natureza (FREITAS, 1890, p. 1).

Por ocasião da morte de frei Germano de Annecy em 1 de maio de 1890, padre Senna Freitas publicou uma homenagem póstuma ao sábio capuchinho no jornal *O Estado de S.Paulo* no dia 12 de junho daquele ano.²³ No trecho selecionado para essa epígrafe, padre Senna Freitas aponta o estrato social de origem de seu homenageado, “uma família simples”, menciona na sequência os aspectos religiosos dessa família “profundamente cristã”, realiza descrição da paisagem da Savóia destacando elementos topográficos e místicos “nascido no ar puríssimo e quase religioso d'essas cordilheiras dos Alpes” e, por fim, afirma o apreço de Frei Germano pelo amor de Deus e pelo amor da natureza.

A epígrafe que escolhemos para ser o nosso ponto de partida suscita muitas perguntas: como era e em que consistia a “religiosidade” e a “simplicidade” da família de Frei Germano? Em que circunstância teria ocorrido o encontro do frei com Deus? E com a natureza? Dessas questões decorrem outras mais gerais: que região é essa por onde circula esse ar “quase religioso”? Qual é a relação entre a Savóia e a França? A última pergunta leva em conta o fato de que quando frei Germano nasceu, a região pertencia à monarquia do Reino do Piemonte e Sardenha. Porém, ela apresentava um ambiente com marcas culturais francesas, como a língua, por exemplo. Quando frei Germano morreu em 1890, a região já integrava a França.

²³ Convém uma nota para apresentar brevemente padre Senna Freitas. Natural de Ponta Delgada, em Portugal, realizou seus votos de lazarista na França. Religioso ultramontano, intransigente no respeito aos dogmas da Igreja, era sensível ao progresso das ciências e admitia conciliar o conhecimento científico e a religião. Ele tornou-se professor do Seminário Episcopal alguns anos após a saída dos capuchinhos da instituição (ALCÂNTARA, 2015, pp. 235-236). Padre Senna Freitas seria informado da presença de frei Germano pelas marcas do capuchinho deixadas na instituição, além disso, eles se conheceram numa das vezes que frei Germano visitou e se hospedou no seminário.

Tais questões não são simples de serem respondidas, entretanto enfrentá-las nos permite conhecer alguns aspectos da paisagem cultural, política e religiosa ligados à história de Frei Germano que, oriundo de uma família humilde, se tornou professor mediando duas instâncias muitas vezes percebidas inevitavelmente como antagônicas, sobretudo, a partir de uma imagem construída no fim do século XIX: a religião católica e as ciências.

1.1 - A Savóia: um território na periferia do Reino do Piemonte

Frei Germano nasceu em 10 de agosto de 1822. Ele é natural da cidade de Annecy, que atualmente pertence ao departamento da Alta-Savóia. A Savóia, incluída a região que atualmente corresponde à Alta-Savóia, constituía o Reino do Piemonte e Sardenha. Uma região marcada por uma complexa paisagem - montanhas, depressões, canais, planícies e vales - onde se estruturou uma sociedade majoritariamente católica, organizada em torno de capelas, igrejas e paróquias - e predominantemente rural, salvo as poucas cidades que desenvolveram tecido urbano mais significativo e os impulsos do turismo e da industrialização no decurso do século XIX (SAVOY, 2017, p. 1; BLANCHARD, 1916, p. 369).

Situada ao sul de Genebra, a leste da França e a oeste do reino do Piemonte-Sardenha, o ducado de Savóia fixou seus limites territoriais tardiamente, se caracterizando como um território de fronteiras porosas, mal definidas, difíceis de defender e transpostas ao longo do tempo por movimentos migratórios, sobretudo em direção à França.²⁴ Do século XVI ao XVIII, a região sofreu com ocupações que somadas totalizam quase 50 anos. À exceção da ocupação espanhola entre 1742 e 1748, no contexto das guerras de sucessão ao trono austríaco, todas foram francesas (MILBACH, 2012, p. 19).²⁵

Tais eventos contribuíram para forjar fortes singularidades na região. Em 1539, por exemplo, foi instituída por lei nunca revogada a obrigação de se adotar o francês como língua oficial nos atos administrativos, confirmando uma francofonia já existente. Além

²⁴ No início do século XVI, a Savóia era um estado feudal, abrangendo de norte a sul, os territórios do lago Neuchâtel, atual Suíça, até a cidade de Nice, França. De oeste a leste, seus territórios se estendiam da entrada da cidade de Lyon, até Verceil, na atual Itália, próximo do então do ducado de Milão (DEVOS, 1985, pp.17-18).

²⁵ Para saber mais sobre as disputas dinásticas que culminaram na ocupação da Savóia pela Coroa espanhola, ver Milbach (2012) e Savoy (2017).

disso, foi instituído o parlamento em Chambéry, mais tarde tornado o Senado de Savóia, uma instituição que encarnou uma certa soberania local. No ano de 1563, os duques deixaram o “berço da casa de Savóia” e transferiram a capital de Chambéry para Turim, postulando uma falta de identificação entre a unidade territorial e o poder real (MILBACH, 2012, p. 18).

A região constituía apenas a periferia do Reino do Piemonte, do qual era isolada pelos Alpes. Com a mudança da capital para a Turim, a região de Savóia foi se tornando cada vez mais negligenciada. De acordo com Savoy (2017, p. 8), ao longo do século XVIII o peso demográfico da região em relação ao Reino do Piemonte caiu de 27,5% para 14%.

Na noite do dia 21 para 22 de setembro de 1792, um dia após a proclamação da república na França, as tropas francesas com a justificativa da necessidade de exercer o domínio sobre as “fronteiras naturais”, invadiram Chambéry e, pela primeira vez, anexaram de fato a Savóia, em um processo ocorrido sem combate ou ocupação militar (MILBACH, 2012, p. 2).

Durante mais de vinte anos, as leis revolucionárias e, posteriormente, as bonapartistas foram aplicadas na região. Porém, as tratativas do Congresso de Viena realizado em 1814 e, mais especificamente, as dos Tratados de Paris assinados em 1814 e 1815, postularam o restabelecimento da monarquia sarda e o retorno da Savóia ao reino do Piemonte-Sardenha em 1815 (TOMAMICHEL, 2018, p. 108).²⁶ Portanto, pode-se supor que frei Germano nasceu em um período de aparente calma política e religiosa na região, porém esse era um momento instável e informado das memórias dos eventos turbulentos pregressos.

O impulso conservador se fez presente nas relações entre o Estado e a Igreja: “a Restauração sarda, que não reconheceu nem a liberdade de consciência e nem as de culto, fez do catolicismo um pilar social e do clero um agente do poder” (MILBACH, 2014, p. 89).²⁷ Os registros civis retornaram às mãos dos curas paroquiais e a obrigação do casamento religioso foi restabelecida. No plano jurídico, a presença da religião católica também ficou bastante evidente com o Código Penal de 1839 que tipificava infrações

²⁶ De acordo com Tomamichel (2018, p. 108), o Tratado de Paris de 30 de maio de 1814 deixou a parte oriental do território da Savóia para a França, inclusive Annecy e Chambéry, o resto do território fora de Genebra foi para o Piemonte. Somente a partir do Tratado de Paris é que todos os territórios da Savóia retornaram ao reino da Sardenha.

²⁷ No original: “La Restauration sarde, qui ne reconnaît ni la liberté de conscience ni celle des cultes, fait du catholicisme un pilier de l’ordre social et du clergé un agent du pouvoir.”

como profanar hóstias, blasfêmia e iconoclastia, passíveis de punição com prisões ou até mesmo com pena de morte.²⁸

No bojo dos acontecimentos da Primavera dos Povos (1848) e do *Risorgimento*, Napoleão III negociou seu apoio diplomático e militar com o Reino de Piemonte-Sardenha envolvido nos conflitos de unificação italiana, em troca da anexação definitiva da Savóia, entretanto, essa troca foi postergada por parte dos sardos. A política centralizadora implementada pelo conde de Cavour contribuiu para gerar forte descontentamento entre os savoianos com relação à política piemontesa acusada de menosprezar os interesses locais com relação aos direitos aduaneiros, bem como, com a instalação do sistema ferroviário, mais preocupado com o dinamismo de Turim.

Além disso, a política de secularização, empreendida pelo primeiro-ministro por meio de um conjunto de leis promulgadas entre os anos de 1848 e 1855 instaurando a instrução laica e a submissão dos institutos religiosos ao controle do ministério, aboliu os privilégios eclesiásticos, restringiu a liberdade de expressão dos padres nos púlpitos e suprimiu as ordens religiosas contemplativas, entre elas as dos capuchinhos. Descontente, o clero passou a trabalhar pela ruptura com o Piemonte. Esses fatos associados à participação da Savóia na Guerra da Crimeia (1854-1856), aumentaram a impopularidade da Coroa, contribuindo para a fermentação do desejo de emancipação política na região (SORREL, 2013, p. 111).

Quase quarenta anos após o nascimento de frei Germano, em 1860, após os tratados assinados entre Napoleão III e o rei do Piemonte, a Savóia foi transferida para a França, anexada definitivamente. As negociações foram ratificadas por plebiscito popular, um procedimento novo, resultado dos processos políticos que abalaram as estruturas do Antigo Regime e também das mudanças nas estratégias diplomáticas, ligadas à situação daquele território (MILBACH, 2014).

²⁸ A natureza dessa relação entre o Estado e a Igreja não deve ser confundida. Ela se inscreve dentro de um “galicanismo savoiarado”. Desde 1715, era prerrogativa do Senado validar qualquer bula ou disposição papal antes de sua entrada em vigor na Savóia. No século XIX, por exemplo, o Senado não hesitou em rejeitar em 1833 a delegação apostólica enviada pelo papa Gregório XVI para estudar a disciplina eclesiástica nos estados da Sardenha (MILBACH, 2014 p. 90; SAVOY, 2017, p. 13).

1.2 - A religião católica na Savóia e a ordem capuchinha

A religião católica foi um dos elementos estruturantes da política, da cultura e da construção de uma identidade para a Savóia. Não por acaso, a Igreja obteve um papel destacado nas disposições jurídicas que organizaram a monarquia sarda restaurada. Ainda que ao longo do tempo a adesão ao catolicismo tenha apresentado variações entre as classes sociais e entre as regiões, mais ou menos conservadoras e mais ou menos rurais, conforme Baud (1985, p. 6): “um dos traços dominantes do temperamento savoiarde consiste na vinculação ao catolicismo ‘intransigente no rigor moral e pragmático nas contingências da vida’”.²⁹

A presença do catolicismo na Savóia se acentuou, sobretudo, a partir do século XVI com o influxo advindo das Reformas Religiosas e com as ações governamentais dos duques interessados em barrar o avanço do protestantismo que se disseminava a partir dos territórios que formam a atual Suíça. A expansão do calvinismo em Genebra, distante apenas 40 quilômetros da cidade de Annecy, correlacionou-se com a ação política de estabelecer uma demarcação cultural e tornar a cidade suíça independente do Ducado de Savóia (LINDBERG, 2001, p. 36). Até então Genebra era uma sede diocesana que chegou a contar com 512 paróquias distribuídas em um território de cerca de 6.8000 km² que englobava uma parte da atual Suíça, toda a região do atual departamento da Alta-Savóia, e boa parte do atual departamento da Savóia (DEVOS; GROSPERRIN, 1985, pp. 10-15).

Os governantes de Genebra ocuparam as paróquias da região do Chablais, uma antiga província savoiana fronteira à atual Suíça situada ao sul do Lago Lemano, e lá propagaram a Reforma Protestante de 1535 por mais de meio século. Os padres que não aderiram ao movimento reformador foram banidos de Genebra, seus conventos foram suprimidos, as cerimônias papais e os catecismos foram interditados e, em 1569, o bispo e sua comitiva foram obrigados a deixar a cidade. O novo local escolhido para ser a sede do bispado foi a cidade Annecy (BAUD, 1985, p. 4).

Na época, Annecy contava com cerca de 1.500 habitantes e já apresentava alguma importância religiosa que a credenciou para se tornar a sede diocesana. De acordo com Blanchard (1919, pp. 413-414), além de rota de peregrinação de fiéis, a cidade era equipada com tribunal eclesiástico (1492) e conventos como o dos dominicanos (1422), das clarissas (1535), dos celestinos (1521) e dos franciscanos (1535). Com a instalação

²⁹ No original: “l’un des traits dominants du tempérament savoyard consiste dans l’attachement au catholicisme ‘à la fois intransigeant dans sa rigueur morale e pragmatique dans les contingences de la vie’”.

do bispado em 1569, a cidade se tornou um posto avançado de combate à disseminação do protestantismo na região que envolveu, sobretudo, todo o norte da Savóia. As ações implementadas seguiram os moldes do Concílio de Trento, visando a restauração católica com base na reforma doutrinária e disciplinar, e no trabalho missionário apostólico. A partir das instruções de Emmanuel-Philibert, duque entre os anos de 1553 e 1580, o senado estabeleceu que

chefes de família com seus filhos e servos devem comparecer a sermões católicos sob pena de multa. Os professores das escolas devem instruir seus alunos na verdadeira fé, fazê-los confessar e tomar a comunhão nas principais festas, ensiná-los a reconhecer os hereges e a ter cuidado com seus ensinamentos (DEVOS, 1985, p. 141).³⁰

Estas prescrições visavam envolver diversos espaços e etapas da vida, estabelecendo as práticas, os ritmos e os rituais cotidianos condicionando a ordem social. Tais medidas visavam circunscrever várias dimensões da vida cotidiana, fazendo do catolicismo um elemento de coesão social. A essas ações foram somadas a estratégia missionária de conversão de fiéis na região do Chablais, conduzidas, principalmente, pelos freis capuchinhos.

A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMcap) foi estruturada no século XVI a partir da Reforma Capuchinha ocorrida no interior da Ordem dos Frades Menores (OFM).³¹ Formalmente institucionalizada no âmbito da Reforma Religiosa Católica, a OFMcap tinha por prerrogativas o culto à pobreza, à austeridade, à oração vinculados ao trabalho pastoral juntos aos pobres, preceitos mais ligados aos primeiros momentos da ordem franciscana. A partir de 1574, com a autorização do papa Gregório XIII, os capuchinhos se espalharam pelo mundo desenvolvendo trabalho pastoral e carregando consigo os ideais tridentinos de reforma do clero e combate ao avanço do protestantismo (ZUGNO, 2016, p. 49).

³⁰ No original: “les chefs de famille avec leurs enfants et domestiques doivent assister aux prédications catholiques sous peine d’amende. Les maitres d’école doivent instruire leurs élèves de la vraie foi, les faire confesser et communier aus grandes fêtes, leur apprendre à reconnaître les hérétiques et à se mettre en garde contre leurs enseignements.”

³¹ A OFM, estabelecida no século XIII pela ação de Francesco Bernardone, mais conhecido como São Francisco de Assis, foi fundada sobre as bases do radicalismo religioso e do desapego material pregando uma restauração da vida apostólica mais ligada aos primórdios do cristianismo. Ela surge nuançada pelo movimento de urbanização, aumento da circulação monetária e, paradoxalmente, o elogio da pobreza. Logo após a aprovação da regra dos franciscanos pelo Papa Inocêncio III em 1210, o trabalho missionário dos frades ultrapassou rapidamente as fronteiras da Península Itálica e a Ordem dos Frades Menores se consolidou como uma das principais potências dentro da Igreja (LE GOFF, 2011, p. 24; PASQUINI, 2017, pp. 43-44).

Os capuchinhos chegaram em Savóia em fins do século XVI. O trabalho missionário de combate ao avanço do protestantismo ganhou forte impulso sob o bispado de François de Sales, entre os anos de 1602 e 1622. No período de seu ministério, o bispo favoreceu a expansão de novas ordens religiosas como a dos barnabitas e, sobretudo, a dos capuchinhos, que se tornaram muito populares na Savóia (DEVOS, 1985, p. 160).

Paralelamente à difusão dos capuchinhos pela Savóia, com o bispado de Sales, o papel estratégico da cidade de Annecy para a expansão e consolidação do catolicismo na Savóia foi adensado. No final do século XVII, a cidade chegou a possuir 11 conventos para uma população estimada em 4.500 pessoas (BLANCHARD, 1916, p. 413; COGNIN, 1934, p. 89; DEVOS, 1985, p. 172).

O fenômeno de expansão das ordens religiosas do qual a cidade de Annecy é um exemplo, é sobretudo urbano. Das cidades partiam as missões pastorais endereçadas a evangelizar o mundo rural. Entretanto, paralelamente à expansão dos conventos nas áreas mais urbanizadas, houve uma ampla profusão de capelas nos povoados e nas áreas rurais e montanhosas da Savóia que se contam às centenas. Se comparada com as igrejas, as capelas tinham valor acessório, entretanto desempenhavam um papel importante do ponto de vista econômico e social.

Na confluência de interesses entre a população que habita as regiões montanhosas e a Igreja, as capelas se espalharam se configurando como o ponto de encontro de aldeões, comboios, festas religiosas, peregrinações e celebrações de missas. Elas se inscreveram no cotidiano pelas badaladas dos sinos localizados nas torres sineiras que desenham uma paisagem sonora, convidando os fiéis para as orações, advertindo a população e buscando afastar os perigos das tempestades, incêndios, epidemias, entre outros informes, cumprindo, portanto, funções de proteção e de culto, um centro de sacralidade e de identidade social (DEVOS, 1986, p. 141).

A cartografia das capelas mostra que elas se espalharam sobretudo pelas regiões montanhosas do Chablais, do Giffre, de Val d'Arly e pelo maciço de Thônes. Elas também estavam presentes na cidade de Annecy, e foram se escasseando pelas áreas de planícies. Era comum que as capelas tivessem mais de um santo padroeiro e a sua disseminação fornece também uma ideia da religiosidade popular.

O antropólogo franco-holandês Arnald van Gennep argumenta que os cultos populares a determinados santos na Savóia ocorriam em razão da crença dessas entidades em operar milagres específicos, seja a cura de uma doença, a ajuda no parto, as bênçãos às sementes, às colheitas, ao plantio, o combate aos maus espíritos, a proteção à saúde

dos seres humanos e demais animais, a prevenção de incêndios etc. Para tanto, o panteão privado, os altares particulares, bem como, os das capelas, aglutinavam as entidades de acordo com as necessidades locais, muito variadas se pensarmos na extensão e na complexidade topográfica do território da Savóia. Destaca-se ainda que, nem sempre, os padroeiros das capelas coincidiam com os das paróquias locais. Assim, para o autor, duas correntes deveriam ser distinguidas, a do culto popular, pronunciando uma devoção coletiva, resultado de séculos de veneração dos cidadãos, mas sobretudo dos camponeses aos protetores reunidos nos modestos oratórios rurais desassistidos das visitas bispais, e o culto litúrgico, do padroeiro paroquial, adstrito às decisões e pretensões diocesanas. (GENNEP, 1927; 1978).³²

Com a invasão francesa da Savóia em setembro de 1792, a estrutura da Igreja Católica foi profundamente abalada naquela região. Um decreto promulgado em outubro daquele ano culminou no confisco dos bens da Igreja e na proibição das ordens religiosas de receber novos noviços e de lhes pronunciar os votos, provocando a fuga de muitas ordens religiosas como a dos capuchinhos da Savóia para outras regiões do reino do Piemonte. No início do ano seguinte, em 8 de fevereiro de 1793, o clero foi instado a fazer um juramento à proclamação da Igreja Constitucional da Savóia. Segundo os termos da proclamação, o bispo e os padres seriam eleitos e todos os funcionários eclesiásticos deveriam prestar um juramento de subordinação ao poder público em presença de oficiais municipais e do povo. Os clérigos que se recusaram a fazer o juramento tomaram o caminho do exílio, um montante de cerca de 70% do efetivo da diocese de Annecy (DEVOS, 1985, p. 225).

Mais tarde, em 1802, já durante o período do Consulado, a França invadiu o Piemonte e, por meio da promulgação de um novo decreto, aboliu as congregações religiosas, postulando formalmente o fim da Província dos Capuchinhos de Savóia (COGNIN, 1934, p. 100).

Somente a partir do Congresso de Viena e dos Tratados de Paris, a Igreja Católica poderia de fato trabalhar para restaurar sua posição na região. Ela retornou, como vimos, como uma instituição de Estado, como uma religião oficial com a responsabilidade de garantir a coesão social na Savóia e definir as prerrogativas do ensino elementar. Contudo,

³² Nos referimos aqui a dois ensaios. O primeiro, *Essai sur le culte populaire des Saints Franciscains en Savoie* publicado em 1927, no qual o autor discorre sobre a difusão dos santos franciscanos na Savoia e a substituição do culto popular a São Francisco de Assis pelo culto à São Francisco de Sales. O segundo livro *Culte populaire des saints en savoie* (1978), trata da reunião de um conjunto de artigos entre 1916 e 1932 em que o autor perscruta a difusão e a evolução dos cultos populares a diversas santidades na Savoia.

o século XIX seria um período de grandes desafios para a instituição. A Savóia já não apresentava uma adesão uniforme ao catolicismo. Havia claros contrastes entre as áreas montanhosas e as planícies. Enquanto as primeiras permaneceram muito ligadas à fé católica, as últimas manifestaram crescente indiferença religiosa. Já entre os vales industrializados emergiram diferenças notáveis: um declarado anticlericalismo se esprou na região do Faucigny, pelas cidades de Sallanches, Cluses, Samoens e Bonneville, marcadas pela influência de Genebra e pela presença de sociedades voltarianas, às quais contrastavam o catolicismo resolutivo e intransigente de Thonon, de La Roche e de Annecy, que se manteve durante todo o período como um centro difusor de propaganda contrarrevolucionária (BAUD, 1985, p. 6).

1.3 - A cidade de Annecy nos tempos de Frei Germano

Annecy está situada a 446 metros acima do nível do mar, trata-se de uma cidade lacustre. O Lago de Annecy, uma formação natural alimentada pelo regime torrencial, pelo Rio Thiou e pelos canais que escoam as águas dos montes e florestas para o local, apresenta comprimento máximo de 14 e largura máxima de 3,5 quilômetros, perfazendo um perímetro de aproximadamente 32 quilômetros. Ao longo do lago, se estabeleceram vários vilarejos que desempenhavam atividades agrícolas e pesqueiras, dentre os quais podemos citar Annecy-Le-Vieux, Veyrier-Du-Lac, Talloires etc. (DEVOS, 1991, p. 46). Annecy é uma cidade de vale circundada por diferentes tipos de formações geológicas: do cais do lago é possível observar o Monte de Veyrier, o cume nevado da Montanha Tournette, o Penhasco do Parmelan e encostas. É uma região de contato entre formações montanhosas e planícies: em razão dos canais de água que cortam a cidade e dessa forte variedade paisagística, Annecy recebe o apelido de “Pérola dos Alpes” (BLANCHARD, 1916, pp. 371-372).

Até o final do século XVIII, a cidade viveu experiências descontínuas com relação ao desenvolvimento fabril e manufatureiro, mesmo assim a presença da sede do bispado, de setores da nobreza e de funcionários reais era suficiente para ocupar economicamente metade da população. No período, profissionais liberais, como advogados e médicos, e uma pluralidade de artesãos e de outros trabalhadores urbanos como alfaiates, moleiros, oleiros, sapateiros, chapeleiros, couteiros, pedreiros, quebradores de pedra, marceneiros, comerciantes e agricultores, - esses localizados em arrabaldes como Annecy-le-Vieux -, forneciam estrutura e faziam de Annecy uma cidade comercial. A anexação da Savóia à

França promovida pela Revolução Francesa seguida da debandada de setores da Igreja e da nobreza, que, juntos somavam quase um quinto de uma população estimada em 4 mil pessoas, desestabilizou e freou a atividade econômica até o fim daquela década (BLANCHARD, 1916, pp. 417-419).

No espaço de 30 anos que separam a ocupação da cidade em 1792 do nascimento de frei Germano, Annecy assistiu a uma transformação significativa de sua paisagem urbana e de seu sistema produtivo e de trabalho: muitos conventos foram apropriados pelo Estado revolucionário e seus espaços foram reconfigurados segundo as conveniências do novo momento, como é o caso do convento dos capuchinhos que deu lugar a um hospital na década de 1790 (PHILIPPE, 1860, p.131).

Logo no início do século XIX, a concessão de benefícios fiscais associados à iniciativa privada foi favorecida pela disponibilidade de recursos naturais como força motriz abundante e regular proveniente das águas dos canais e do Rio Thiou, e de matérias-primas como argila, ferro, cal e madeira, essa última proveniente das florestas da região. Além disso, o depósito de carvão mineral descoberto na cadeia montanhosa do Entrevernes em 1794, garantiu matriz energética para promover o desenvolvimento industrial da cidade (BLANCHARD, 1916, p. 422).

O desenvolvimento fabril na cidade ocupou muitos dos conventos vazios de então. Quando frei Germano nasceu, uma vidraçaria funcionava no mesmo local que abrigou o centenário convento das anunciadas. O antigo seminário da cidade dava espaço a uma fábrica de tecidos e os conventos da visitação já tinham sido substituídos por duas fábricas, uma de tecidos indianos e a outra, de cerâmica. A mais surpreendente das manufaturas instaladas na cidade foi a do capitalista savoiano Duport, um empresário que adquirira experiência com manufaturas de tecido em Lyon. Ele estabeleceu, em 1804 às margens do Thiou, a Manufatura de Annecy no centenário convento das clarissas. Em 1812, empregava cerca de 700 trabalhadores e trabalhadoras de todas as idades para a realização de ofícios diversos. Estima-se que no período, em locais diversos, foram abertas outras cinco olarias, fábrica de sulfato de cobre e curtumes (BARBIER, 1875, p. 28 e 318; BLANCHARD, 1916, p. 424; MARTIGNOLES, 2001, p. 9).

Nesse período, a cidade já havia se tornado um dos principais polos industriais da Savóia e os efeitos desse crescimento não passaram despercebidos. Em 1822, uma testemunha não deixou de notar que essas modificações implicaram em “uma

circunstância infeliz, que faria com que as oficinas fechassem, seria um golpe mortal para tantas famílias, que dela tiram o seu meio de vida” (BARBIER, 1875, p. 54).³³

A entrada da cidade na “era do progresso” promoveu significativo crescimento populacional, a cidade passou de cerca de 4.300 habitantes em 1793 para aproximadamente 6.700 habitantes em 1824, esse número chegaria a quase dobrar nas duas décadas seguintes (BLANCHARD, 1916, p. 427).

O nascimento de frei Germano na cidade de Annecy está diretamente ligado a essa expansão do contingente populacional. Diversas famílias que habitavam os vilarejos dos arredores se puseram em marcha em direção à Annecy, entre elas a dos futuros pais do frei capuchinho, Philipine Lacombe e Louis Marion. Philipine acompanhou seus pais Claude Lacombe e Marie Lacombe que deixaram o vilarejo de Saint-Eustache, localizado a 15 quilômetros a sudoeste do Lago de Annecy em direção à “pérola dos Alpes”. Essa tomada de decisão não parece ter sido meramente aventureira, já havia muitos Lacombe naquela cidade e o crescimento populacional de Annecy parecia uma boa oportunidade para um mestre sapateiro como era o caso de Claude Lacombe (LIBER DEFUNCTORUM, 1801-1861, p. 66).

Temos poucos registros da família Marion. Sabemos, no entanto, que Louis Marion, era filho de Charlotte Deri e François Marion e que eles eram naturais da pequena Talloires. Não temos nenhuma informação adicional sobre François Marion. Quando Louis Marion e Philipine Lacombe se casaram em 1821, assunto do qual voltaremos, François Marion já havia falecido. É provável que a transferência dos Marion para Annecy tenha ocorrido em um contexto menos feliz que o dos Lacombe. Sabemos que Louis era chapeleiro e, como mencionamos, a expansão das fábricas foi o ocaso de muitas oficinas da região. É provável que a migração para aquela cidade tenha sido constrangida por necessidades econômicas (REGISTRE DE ACTES DE NAISSANCE, 1812-1815, p. 656).

Seja como for, a cidade de Annecy não era muito aprazível para os trabalhadores oriundos das camadas populares. Os bairros tradicionalmente habitados por lavradores e trabalhadores apresentavam pequenas casas, muitas delas de madeira, mal ventiladas, situadas muito próximas umas às outras, como se amontoassem também às margens dos canais da cidade (PHILIPPE, 1860, p. 109).³⁴ Em 1831, por exemplo, cerca de 60% das

³³ No original: “Une circonstance malheureuse, qui ferait fermer les ateliers, serait comme un coup de mort porté à tant de familles, qui en tirent leurs moyens d'existence.”

³⁴ Segundo Jules Phillipe, algumas medidas de saneamento seriam tomadas somente a partir do fim da década de 1850, como a instalação de fontes em alguns quarteirões ofertando água para população e

casas não tinham latrinas e, em boa parte das que possuíam esse dispositivo eram defeituosas e apresentavam mau funcionamento (MARTIGNOLES, 2011, p. 83).

Os quarteirões desses bairros eram estreitos, irregulares e geralmente sujos. Sobretudo, na primeira metade do século XIX as ruas, por vezes, ficavam “fornadas de montes de estrume, e onde se joga não só os excrementos, a água cinzenta e a água da lavagem, essa do dia e da noite, mas também as cascas dos vegetais, a borra de café” (MARTIGNOLES, 2011, p. 84).³⁵

À insalubridade das ruas juntava-se, no tempo da restauração da monarquia sarda, mais de 500 hectares de pântanos e charcos situados ao redor da cidade. Esses locais eram repositórios dos protozoários e de mosquitos que disseminavam a malária em Annecy, além disso, garantiam uma atmosfera fria e úmida causadora de doenças articulares e respiratórias. A difusão de tais doenças entre a população era facilitada pelo ambiente sujo, mal ventilado e repleto de resíduos de madeira e algodão das fábricas. A cidade também foi atingida diversas vezes por epidemias como a de varíola em 1829 e a de cólera para o triênio seguinte, essa última ainda retornaria no outono de 1854, ceifando centenas de vidas em Annecy. Na região, era comum também doenças como rubéola, escarlatina, sarampo, tifo etc. (BOGEY-REY; PALLUEL-GUILLARD, 1987, p. 4; MARTIGNOLES, 2011, p. 84).

Todos esses fatores forçavam para baixo a expectativa de vida na cidade. Durante o período sardo ela girava em torno de 30 anos em Annecy enquanto a média na Savóia do norte era de 35 anos.³⁶ Ao lado dos baixos índices de expectativa de vida, estavam os altos índices de mortalidade infantil: um terço dos recém-nascidos não rompiam a barreira da primeira infância, esse número poderia subir até a metade se forem isolados os dados das crianças enjeitadas deixadas nas instituições asilares. Nas palavras de Bogey-Rey e Palluel-Guillard “desnutridas, descuidadas, sujas, as crianças foram as primeiras vítimas de todas as epidemias, sob o olhar resignado dos pais. Demorou quase um século para ver

demolição de casas de madeira. O autor não faz nenhuma menção sobre a remoção ou realocação da população desses locais.

³⁵ No original: “quant aux rues, il faut imaginer qu'elles sont bordées de tas de fumiers et qu'on y jette non seulement les déjections, les eaux ménagères et de lavage, et cela de jour comme de nuit, mais aussi les pelures de légumes, le marc de café.”

³⁶ A porcentagem de óbitos antes dos 30 anos não é inferior a 47,5% durante o período sardo, ela não ultrapassará jamais a casa dos 35% para as últimas três décadas do século XIX, resultado das ações de assepsia e da maior atenção dispensada pelas autoridades francesas para a saúde pública.

essa mortalidade assustadora cortada pela metade” (BOGEY-REY; PALLUEL-GUILLARD, 1987, p. 4).³⁷

A Annecy, nos tempos de Frei Germano apresentava um cenário marcado pelo desenvolvimento fabril e pela religiosidade católica. A experiência cotidiana da morte era preenchida pelo catolicismo que fornecia uma miríade de santos protetores invocados constantemente contra os males do mundo, se a morte era inevitável, assegurar a salvação individual através da conduta moral estabelecida pela Igreja Católica acabava se apresentando como uma estratégia pessoal e um elemento de coesão social.

1.4 - Frei Germano nos tempos de Annecy

No dia 08 de novembro de 1821, na igreja de São Pedro, Philippine Lacombe aos 20 anos casou-se com Louis Marion, que na época tinha 24 anos (REGISTRE DES MARIAGES, 1816, p. 62).

O primogênito do casal foi Claude Charles Marion, mais tarde frei Germano de Annecy. Claude nasceu no dia 10 de agosto de 1822, quase nove meses depois do enlace matrimonial de seus pais.³⁸ Claude teve ainda outros quatro irmãos: Colette Marion, Claude François, Jeannette Marion e Jean Pierre Marion.

Ao que parece a família de Claude era, de fato, humilde, provavelmente tinha uma condição material precária. Como sinalizamos acima, Louis Marion era chapeleiro e à Philippine coube o trabalho de cuidar da casa e dos cinco filhos. A análise dos registros de batismo dos filhos dos Marion permite entrever que ao menos uma fração da rede de sociabilidade do casal era formada pela categoria socioprofissional de Louis: os padrinhos Charles Petits e Jean Claude Coster eram chapeleiros, e a madrinha Colette Maison era filha de chapeleiro.³⁹

A produção de chapéus não era uma novidade na cidade. Desde o século XVII se verifica impulsos e retrocessos quanto a tentativa de estabelecer uma fabricação regular desse artigo em Annecy (BLANCHARD, 1916, p. 411). Contudo, é provável que o ofício

³⁷ No original: “Mal nourris, mal soignés, mal nettoyés, les enfants étaient les premières victimes de toutes les épidémies, sous l’œil résigné de leurs parents. Il fallut près d’un siècle pour voir cette effrayant mortalité se réduire de moitié.”

³⁸ De agora em diante, até o momento em que professa seus votos, nos referiremos a frei Germano pelo seu nome de registro Claude Charles Marion.

³⁹ As informações a respeito do grupo familiar de Claude Charles Marion e da fração da rede de sociabilidade de sua família estão disponíveis nos Archives de Haute-Savoie, nos seguintes registros: Annecy: naissances (1812-1815); Annecy: Registre de actes de naissance et baptême (1823-1837); Annecy: Registre de actes civils de déclarations de décès (1861).

de chapeleiro estivesse passando por um processo de precarização crescente já a partir do início do século XIX em razão da expansão das fábricas e manufaturas. Maurice Garden em *Ouvriers et artisans au XVIII siècle: L'exemple lyonnais et les problèmes de classification* realizou um estudo sobre a sociedade de Lyon do período de expansão das manufaturas naquela cidade. Mais especificamente, seu interesse de pesquisa consistiu em comparar as categorias socioprofissionais do artesanato e da manufatura considerando as classificações definidoras de hierarquia e os aspectos socioeconômicos relativos aos ofícios dos ramos da alimentação, da construção e do setor têxtil. Para tanto, o autor se valeu da análise quantitativa e qualitativa dos contratos de casamento, mais especificamente dos valores dos dotes contidos neles, permitindo-lhe discernir sobre os níveis de renda das diferentes categorias de trabalhadores da Lyon do século XVIII (GARDEN, 1970).

Segundo o autor, a média de dotes realizada pelos chapeleiros está entre as mais baixas do período junto da dos pedreiros e sapateiros. As profissões que realizaram os dotes maiores foram, em ordem decrescente: padeiros, açougueiros, marceneiros, tintureiro e tanoeiros. As diferenças ficam mais proeminentes quando se comparam os valores das médias realizadas no interior da mesma categoria: enquanto a média de um mestre sapateiro era o dobro do sapateiro, a do mestre chapeleiro era simplesmente onze vezes maior que a do chapeleiro (GARDEN, 1970, pp. 45-46).

Não se trata de transpor acriticamente o modelo construído por Garden para o contexto de Annecy, entretanto, algumas considerações devem ser feitas. A primeira delas é que a manufatura de Annecy que em seu auge no ano de 1829 chegou a ter cerca de 1.200 funcionários, foi fundada por um sujeito que adquiriu experiência empresarial em Lyon e já mencionamos que a expansão das fábricas e manufaturas na cidade de Annecy implicou o ocaso de muitas oficinas particulares. Além desses indícios que nos permitem inferir que o núcleo familiar dos Marion estava longe de ser abastado, os registros de óbito da diocese de Annecy fazem distinção de hierarquia entre o profissional de um ofício e o mestre de ofício. Como no registro de obtido de Louis Marion consta que sua profissão era a de chapeleiro, conclui-se que ele exercia uma atividade que estava na base da hierarquia de sua categoria socioprofissional (REGISTRE DE ACTES DE DÉCÈS, 1842, p. 115)⁴⁰.

⁴⁰ O *Registre de actes de décès pour l'année 1842* discriminava a categoria socioprofissional, no obituário foram registrados o falecimento de mestres chapeleiros e de chapeleiros. Ver páginas 40, 61, 115, 449 e 672.

A família de Philipine e Louis Marion parece incorporar a angústia de viver em uma cidade marcada pelos altos índices de mortalidade infantil e baixa expectativa de vida. É provável que essa situação ligada a forte presença da religião católica tenha fornecido a medida da religiosidade do casal, condicionando-os a buscar auxílio nos santos cultuados nas igrejas e capelas situadas em Annecy e região em função de suas propriedades protetoras e curativas, como forma de suprir as necessidades do espírito e também aquelas advindas de uma carestia material. Um traço do catolicismo do casal pode ser encontrado nos nomes de cada um de seus filhos, enquanto a falta de recursos materiais encontra sua expressão na expectativa de vida dos familiares.

O primogênito recebeu na pia batismal o nome de Claude Charles Marion. Em Taillories, vilarejo de origem de Louis Marion, havia uma capela dedicada a Saint Claude e no dia desse santo, 6 de junho, era celebrada uma festa religiosa para a qual afluíam procissões votivas de diversos povoados para o local. Claude era santo protetor cultuado para se obter bênçãos aos frutos da terra e às colheitas e proteção contra a peste e doenças contagiosas (DEVOS; JOISTEN, 1978, pp. 209-210).⁴¹

Um ano e dez meses depois, Claude ganhava sua primeira irmã, Colette Marion que nasceu no dia 20 de junho de 1824 (REGISTRE DE ACTES DE NAISSANCE..., 1823-1837, p. 60). Não nos parece mera coincidência que a escolha do nome da filha mais velha estivesse associada à Sainte Colette, canonizada em 1807. A santa foi a reformadora dos franciscanos, mais especificamente, da ordem das clarissas no século XV. O convento das clarissas se estabeleceu em Annecy em 1535, seguindo a regra reformada de Sainte Colette e funcionou situado em uma rua de mesmo nome até 1793, época da expulsão das ordens regulares da cidade (BLANCHARD, 1916, p. 413; DEVOS, 1985, p. 193). No século XIX, as arcadas do claustro e as colunas que sustentavam o edifício ainda resistiam, demarcando a memória da ordem na cidade afrontada pela montagem da fábrica de tecidos indianos em 1804 (PHILLIPE, 1860, p. 213).

No entanto, Claude conviveria pouco com a sua irmã. Colette fora mais um número na estatística que assolava a cidade, falecendo em 7 de setembro de 1825 com um ano e três meses de idade (SEPULTURES, 1816, p. 261). A ata de sepultura não informou a causa da morte da menina Colette. Embora a morte de crianças fosse um

⁴¹ Acredita-se que tal celebração tivera início em 1592, quando o povoado da região foi flagelado pela peste e a capela fora erigida sobre o local onde as vítimas da peste foram enterradas, ou em 1631, quando em razão das festas em homenagem ao santo, o povoado teria sido preservado da doença contagiosa que assolou a vizinhança, vitimando somente em Annecy cerca de duas mil pessoas (BOGEY-REY; PALLUEL-GUILLARD, 1987, p. 4; DEVOS; JOISTEN, 1978, pp. 209-210).

acontecimento corriqueiro, era sempre um evento triste que quebrava a expectativa dos pais de ver seus filhos romperem o período crítico da primeira infância. Servia de consolo apenas o fato de que uma criança falecida nessa idade era considerada livre de pecado, se tornava um “anjinho” e tinha um espaço assegurado no paraíso (BOGEY-REY; PALLUEL-GUILLARD, 1987, p. 16). Quando Colette faleceu, Claude Charles tinha três anos incompletos e talvez guardasse apenas lapsos de memória com relação aos ritos fúnebres, o velório e o luto de seus pais.

É provável que Philipine Lacombe já estivesse grávida novamente. As altas taxas de mortalidade infantil eram acompanhadas de altas taxas de natalidade no período. Em 1826, Philipine deu à luz a seu terceiro filho e Claude Charles teria novamente um irmão. Ela escolheu para o menino outro nome composto, Claude François Marion (REGISTRE DE ACTES CIVIS..., 1861, p. 381). A repetição do primeiro nome seria por superstição? Promessa buscando assegurar a sobrevivência de seu terceiro filho? Não sabemos, mas, a escolha do segundo nome da criança nos remete à Saint François de Sales. O santo tinha uma reputação polivalente, sendo invocado para abençoar os trabalhos agrícolas, proteger dos perigos das montanhas e das cheias do Lago de Annecy, curar as doenças do rebanho, dos humanos adultos, das crianças, auxiliar nos trabalhos de parto etc. (DEVOS; JOISTEN, 1978, p. 63; GENNEP, 1973, p. 151).

No ano seguinte, os garotos ganharam a companhia de uma irmã, a menina Jeannette (REGISTRE DE ACTES CIVIS DE DÉCÈS, 1830, p. 405). A escolha do nome da menina não deixa de reforçar nossas hipóteses anteriores, pois trata-se do diminutivo do nome Jeanne. Em 1610, Jeanne de Chantal junto de François de Sales, fundou a ordem da visitação, cuja sede era a cidade de Annecy. Em 1824, o convento da visitação foi reconstruído, dois anos depois, as relíquias e os ossos desses dois santos foram transferidos para lá em uma grande procissão acompanhada pela própria família real. À tumba desses santos, se organizavam peregrinações individuais ou em grupo durante o ano todo, mas que se concentravam entre os dias 21 e 23 de agosto período em se fazia festas a eles (DEVOS; JOISTEN, 1978, p. 50 e 62).

Em 13 de fevereiro de 1829, chegou o caçula da família, Jean Pierre (REGISTRE DE ACTES DE NAISSANCE..., 1823-1837, p. 255). Philipine e Louis escolheram um nome que remete diretamente à universalidade dos santos bíblicos aos quais se dedicavam festas populares religiosas na cidade de Annecy em junho, entre os dias 24 e 29, bem como, de quem se fazia a leitura dos evangelhos aos domingos. Esses santos eram invocados para abençoar os plantios e as colheitas, bem como, por serem especializados

no combate a doenças desde dores de dentes, epilepsia, epidemias etc. (DEVOS; JOISTEN, 1978, p. 124; GENNEP; 1973).

No seguinte, em 20 de abril de 1830, Jeannette faleceu, mais uma criança que não conseguiu romper a barreira da primeira infância e a família “ganhava” mais um “anjinho”. Claude já tinha idade suficiente para se afetar com os ritos fúnebres, com o velório em casa, com o murmúrio das orações, com as badaladas dos sinos das capelas e das igrejas e com o período de luto assumido por seus pais. Todos aqueles ritos seriam vivenciados mais uma vez por Claude Charles e seus irmãos naquele ano difícil. No dia 12 de novembro de 1830, Philippine Lacombe faleceu. Era raro para uma mulher envelhecer naquela época, elas dependiam de sorte e uma constituição física robusta que as permitisse enfrentar as múltiplas gravidezes, os extenuantes afazeres domésticos, a falta de salubridade e os desequilíbrios alimentares (BOGEY-REY; PALLUEL-GUILLARD, 1987, p. 16).

Aos oito anos de idade, Claude Charles havia perdido duas irmãs e sua mãe. É possível que como filho mais velho ele tenha ajudado a cuidar de seus outros dois irmãos enquanto seu pai trabalhava ou ainda que essa tarefa tenha sido assumida pela sua avó paterna ou por algum outro parente por parte de mãe⁴².

Com relação à educação de Claude Charles Marion, é muito provável que ele tenha sido alfabetizado durante a catequese, prática comum na cidade de Annecy e região e que, além disso, tenha recebido formação elementar gratuita em alguma escola comunal ou na *École des Frères Chriettiennes*, estabelecida em Annecy logo no início da década de 1830. Em qualquer um dos casos, de acordo com a reforma do ensino personificada no *Regolamento per la scuola* de 1822, ele obteve uma educação a partir de uma posição monopolista do clero com relação ao ensino primário (MILBACH, 2014 p. 89). A reforma concedia amplos poderes à Igreja fornecendo-lhe a prerrogativa para designar docentes oriundos de seus quadros clericais ou atestar publicamente a idoneidade e a religiosidade cristã dos professores leigos (JULLIARD, 2011, p. 46). Isso nos permite inferir que Claude recebeu educação e escolarização com base nos preceitos da doutrina católica. A escola primária se destinava a ensinar a contar, a ler e a escrever em francês e, como segunda língua, o italiano (JULLIARD, 2011, p. 46).

⁴² Diferentemente dos Marion, havia muitos Lacombe em Annecy. Os registros consultados indicam que entre 1800 e 1850 registraram 7 nascimentos, dos quais 5 referem-se ao núcleo familiar de Louis e Philippine, enquanto os Lacombe registraram mais de 50 nascimentos espalhados por núcleos familiares diversos.

Ao completar 18 anos de idade, Claude Charles Marion decidiu pela entrada na ordem dos capuchinhos. Participar de uma ordem religiosa austera como essa tinha se tornado incomum entre os filhos da nobreza ou da alta-burguesia desde meados da segunda metade do século XVIII (DEVOS, 1985, p. 199). Entretanto, conquistar o “estado de clero” era uma estratégia de muitas famílias interessadas em assegurar para seus filhos uma vida sem sobressaltos financeiros. Para esse segmento social, não se tratava de desejar a austeridade da regra dos capuchinhos, mas sim de suportá-la. Não por acaso, os ordinandos, na medida do possível, pressionavam seus superiores para abrandar os artigos dos regulamentos conventuais (DOMPNIER, 1994, p. 209).

Ascender ao “estado de clero” demandava um investimento financeiro. Em 1848, na Província dos Capuchinhos em Chambéry, que abarcava todo o território da Savóia e da Alta Savóia, o valor integral para realizar o ano de noviciado e assim entrar na ordem era de 400 francos (ACTES CAPITULAIRES, 1817-1890, p. 34). No mesmo período, um operário adulto do sexo masculino da Manufatura de Annecy sem nenhuma especialização recebia entre 1,50 e 2 francos, enquanto aquele que desempenhava um trabalho especializado recebia cerca de 4,25 francos a cada doze horas trabalhadas (MARTIGNOLES, 2011, p. 34).

Não estamos sugerindo que Louis Marion fosse de fato um operário da Manufatura de Annecy, mas esses valores revelam que, embora, os conventos dispusessem de um percentual de bolsas integrais e parciais que os permitiam garantir o recrutamento para o noviciado, entrar para a ordem dos capuchinhos não era uma possibilidade para a maioria das famílias dos trabalhadores desejosas de dispor para os seus filhos uma vida futura longe dos baixos salários e da rotina extenuante do mundo das fábricas.

Assegurar estabilidade econômica era um fator importante e não deve ser desconsiderado na tentativa de abordamos as motivações que conduziram Claude pelo caminho conventual. Em 1840, a cidade de Annecy assistia a uma acelerada mudança no sistema produtivo e nas relações de trabalho, cada vez mais as oficinas particulares davam lugar às manufaturas, precarizando a renda e as condições de trabalho. Diante de um mundo que apresentava a perspectiva futura da insegurança material e financeira, a experiência já conhecida da vida conventual das ordens religiosas regulares se apresentava como uma alternativa plausível.

Mas, se a dimensão econômica é importante, no caso de Claude Charles Marion ela não deve ser separada das hipóteses vocativas. Claude Charles era oriundo de Annecy,

cidade onde a Igreja Católica e o catolicismo instituíram coesão social e rede de sociabilidade. A religiosidade pairava na cidade, sede histórica do bispado, por meio dos edifícios das igrejas, das capelas e dos conventos, dos cultos litúrgicos e credos populares dedicados aos santos curadores, das missas dominicais, dos ritos como o batizado, catequese, casamento, velório, sepultamento, das festas populares, das procissões que interligavam a região em diversos momentos do ano, das badaladas dos sinos informando as horas canônicas, os ritos religiosos ou de quaisquer outros avisos como incêndios e tempestades, bem como, por meio da instrução elementar calcada nos preceitos educativos da moral católica.

Não se trata, entretanto, de supor uma relação determinista. Com efeito, tais elementos que concorrem para a formação do religioso e para a reprodução dos fiéis católicos não são imediatamente convertidos em quadros clericais de uma ordem religiosa regular. Mas, se considerarmos que Claude Charles Marion era o primogênito e que sua escolha foi acompanhada da renúncia de possíveis bens materiais ou direitos de herança que pudesse ter, é pertinente que os aspectos vocacionais tenham presidido, pelo menos em um primeiro momento ou em certo aspecto, a escolha dele.

É importante destacar que apesar de ser o primogênito de seu núcleo, Claude Charles Marion não foi o primeiro da família a escolher a ordem dos capuchinhos como uma orientação de vida. Tal escolha já havia sido realizada pelo seu primo por parte de mãe, Jean Marie Dumurgier que viveu entre os anos de 1808 e 1879 (DÉCLARATIONS DE DÉCÈS, 1879, p. 147). Em 1828, Dumurgier, cujo nome religioso era frei Arsene, professou seus votos de noviço no convento de Yenne (PRETS DES PROMESSES..., 1828, p. 100). Claude Charles Marion parece influenciado de alguma forma pela experiência de Dumurgier, não só em razão de sua entrada na OFMcap, mas também porque, a exemplo de seu primo mais velho, ele desenvolveu interesse e se tornou um renomado construtor de relógios de sol. Não na Savóia, e sim no Brasil.

Claude Charles Marion chegou ao Brasil em 1858 onde morou por mais de 30 anos. Para além das memórias de seus familiares, quais lembranças ele teria carregado consigo da cidade de Annecy? Será que a pedra de carvão mineral presente em sua coleção mineralógica do Seminário Episcopal de São Paulo despertava-lhe a memória do Monte Entrevernes? Ou ainda, a vazão do Rio Cassú em Uberaba que ele calculou para a instalação de uma fábrica de tecidos (*Jornal da Tarde*, 25/3/1881, p. 1) o fazia lembrar da força motriz das águas do Rio Thiou movimentando dos motores da Manufatura de Annecy?

É possível imaginar que as memórias de Frei Germano com relação à cidade de Annecy tenham sido evocadas nessas e em diversas outras situações. Mas, para que isso acontecesse, seria preciso que ele se formasse como missionário e despertasse sua vocação para os estudos científicos.

1.5 - Tornando-se capuchinho em Savóia

Os capuchinhos só retornariam à Savóia após em 1814, quando a monarquia restaurada sob reinado de Victor-Emmanuel I restabeleceu legislação em vigor no período anterior à invasão francesa da Savóia (FRIGHETTO, 2015, p. 23).

Eugène de Rumilly, então pároco em Lyon, um dos últimos religiosos professores da província de Savóia, apresentou um projeto de restauração à Cúria Geral dos Capuchinhos em Roma, em dezembro de 1816. Em 17 de fevereiro foi designado pelo Papa Pio VII como Comissário Geral dos Capuchinhos da Província de Savóia, com plenos poderes para reunir os irmãos dispersos pela Revolução e restaurar a província. Naquele mesmo ano, o convento de Chantillon no Vale de Aosta foi restabelecido (COGNIN, 1934, p. 111).

Entretanto, o retorno dos demais conventos não seria imediato, nem a restauração da ordem seria completa. Muitos entraves se apresentaram para a realização desse projeto. Um deles referia-se à questão dos edifícios para o estabelecimento da ordem dos capuchinhos, já que eles tinham sido destruídos, confiscados pelo poder revolucionário para o estabelecimento de equipamentos administrativos ou convertidos em propriedade privada para a instalação de fábricas e manufaturas na região. Somente em outubro de 1818, Eugène de Rumilly conseguiu comprar o antigo convento das anunciadas na cidade Chambéry e pôde então instalar os capuchinhos na antiga sede da província. Mais tarde, foi a vez do convento de Yenne, em 1824, seguido do reestabelecimento do convento em La-Roche-sur-Foron no ano de 1832. No fim de 1833, os capuchinhos somavam nos quatro conventos cerca de 27 frades, 15 irmãos laicos e 8 noviços e, em 1841, a Província de Savóia foi formalmente restabelecida. Segundo Zugno: “o principal ministério a que se dedicaram os frades era a pregação de missões populares na região da Savóia e em todo sul da França” (ZUGNO, 2016, p. 49).

Durante a década de 1850, os capuchinhos de Savóia assumiram a direção do Seminário Episcopal de São Paulo. Na década seguinte, em 1863, a Província dos capuchinhos seria designada para assumir uma missão apostólica nas Ilhas Seychelles, na

África Oriental. O impulso missionário foi acompanhado de tensões políticas para os capuchinhos de Savóia. No contexto da unificação italiana, o Parlamento do Reino da Sardenha proclamou em 1855 as “Leis de nacionalização dos bens eclesiásticos” suprimindo os bens de diversas ordens religiosas. Tal situação seria amenizada somente com a anexação da Savóia pela França, entretanto, a ordem nesse período sofreria com a escassez de vocacionados à vida capuchinha e com as tensões em relação à República francesa que chegou a determinar na década de 1880 a supressão dos conventos estabelecidos após a Revolução e a obrigatoriedade de prestação de serviço militar de um ano aos seminaristas e três anos aos religiosos das ordens regulares (ZUGNO, 2016, p. 51).

1.5.1 - Frei Germano e o noviciado

Tornar-se capuchinho resulta de um procedimento que se realiza comumente em um convento, nesse espaço o indivíduo emprega seu corpo e seu espírito, submetendo-se a uma vida ascética de estudos e exercícios espirituais quando se forja uma identidade concernente a ordem da qual participa. Nesse sentido, para além dos estudos teológicos empreendidos na formação dos capuchinhos, ganham relevo as práticas envolvidas na construção social de tal identidade que definem a natureza do vínculo entre o indivíduo e seu grupo, suas formas de pertencimento ou exclusão dessa comunidade. As práticas têm o papel de veicular os saberes inscritos nos conteúdos, mas também de conformar os aspectos comportamentais e corporais assegurando a coesão comunitária, os instrumentos de poder e o traço identitário (JACOB, 2007).

Na abordagem a seguir, valemo-nos das regras e regulamentos que normatizavam a vida conventual. Evitando o equívoco de reduzir a complexidade do passado às letras de tais documentos, interessa-nos, no entanto, a partir da análise das prescrições nos aproximar dos valores, da rotina, dos exercícios e das práticas que instituem configurações espaciais e fazem do saber algo partilhado, inscritos nesses mesmos documentos.

Claude Charles Marion, completou 18 anos em agosto de 1840, mas precisou esperar até maio do ano seguinte para que fossem admitidos novos noviços no convento dos capuchinhos da cidade de La-Roche-sur-Foron. Ele não pode seguir os passos de seu primo e se dirigir para Yenne. Em 1832, em razão da falta de disponibilidade de religiosos e padres mestres, o noviciado acabou sendo transferido para Chambéry. Nesse mesmo ano, o convento de Chambéry foi requisitado para servir de hospital às vítimas das

epidemias de peste e cólera, impactando na transferência do noviciado para La-Rochesur-Foron, onde permaneceu por mais de 70 anos (FRIGHETTO, 2015, p. 26).

O noviciado é um período de provação, de assimilação inicial da cultura da ordem dos capuchinhos em que o vocacionado passa a inculcar o hábito de controlar e reprimir o corpo, por meio de exercícios diários, individuais e coletivos, que combinam recolhimento, clausura, oração, estudos etc. De acordo com Dompnier, o objetivo do noviciado é modelar o novo religioso. Nas palavras do autor:

por um lado, é preciso lhe fazer abandonar todo apego ao mundo e a seus valores; as provações que suporta são destinadas a pôr à prova a sua capacidade de romper com valores mundanos, mas também de quebrar a sua própria vontade, para que aceite submeter-se inteiramente às prescrições da vida conventual. A outra função do noviciado é assegurar que os novos padrões de comportamento sejam suficientemente assimilados para constituir uma espécie de segunda natureza para o ano de prova (DOMPNIER, 1994, p. 206).⁴³

Pretendia-se alcançar tais objetivos por meio da imposição de um conjunto de regras de convivência combinado exercícios espirituais e a estrita observação da Regra de São Francisco de Assis que discute, ao longo dos seus 12 capítulos, elementos definidores da identidade franciscana como a vocação, a devoção, o ideal missionário e o trabalho apostólico, o jejum, a pregação, a penitência, a castidade, a humildade etc.⁴⁴

Estruturam a vida a ordem as Constituições dos Capuchinhos que são comentários à Regra de São Francisco de Assis e que, desde a primeira publicação no século XVI, recebem revisões de tempos em tempos. Além desses documentos, cada província promulga artigos adicionais visando uniformizar a disciplina conventual. Em La-Rochesur-Foron, por exemplo, a cúpula dos capuchinhos reunida em 28 de setembro de 1839 promulgou os *Articles adictionnels et explicatifs du Cérémonial pour établir l'uniformité de Discipline dans nos couvents*, um conjunto de oito artigos abordando algumas regras para os exercícios espirituais e para o convívio comunitário nos conventos da Savóia. Além

⁴³ No original: “D’une part, il faut lui faire abandonner tout attachement au monde et à ses valeurs; les épreuves qu’il endure ont pour finalité de tester sa capacité à opérer cette rupture, et aussi de briser sa volonté propre pour qu’il accepte de soumettre entièrement aux prescriptions de la vie conventuelle. L’autre fonction du noviciat est d’arriver à ce que les nouvelles normes de comportement soient suffisamment assimilées pour constituer une sorte de seconde nature de l’année d’épreuve.”

⁴⁴ O ano de 1223 é o de publicação da Regra Bulada da Ordem dos Frades Menores. Do século XIII aos dias atuais, a Regra foi alvo de cinco declarações pontifícias definindo e suavizando algumas questões relativas à pobreza e à posse de bens e dinheiro. Para mais informações sobre o assunto, ver Carvalho (2005).

dessas questões de trabalho e zeladoria para os conventos, o documento versava sobre a rotina das confissões entre os noviços. Em seu artigo terceiro:

Os noviços continuarão a confessar sua culpa de acordo com as Constituições. Mas na terça, quinta e sábado, confessarão sozinhos ao R.P. Mestre, na segunda, quarta e sexta-feira o farão na presença de toda a comunidade ao Superior após o sinal para o jantar (ARTICLES ADICTIONNELS, 1839, p. 18).⁴⁵

Os exercícios de confissão, além de prerrogativa de salvação individual, de controle do corpo e do espírito, também apresentam um aspecto formativo. É no ato de confessar sistematicamente que o religioso apreende o rito e desenvolve as habilidades para futuramente se tornar um confessor. Exercícios disciplinares e trabalho conventual foram dois pilares partícipes da formação de Claude Charles Marion.

Em maio de 1842, ele professou seus votos de capuchinho, como segue:

No ano de mil oitocentos e quarenta e dois, no dia vinte e seis do mês de maio, no convento dos reverendos padres capuchinhos de La Roche, da diocese de Annecy, eu Claude Charles filho legítimo de Louis Marion e Philippine Lacombe, da cidade de Annecy, nascido em dez de agosto de mil oitocentos e vinte e dois, chamado em religião pelo nome de Rd. frei Germano, declaro e atesto diante de Deus, do padre Mestre e das testemunhas abaixo assinadas, que tendo terminado meu ano de provação no dia dezoito deste mês, por volta das oito horas da manhã, e depois previsto fazer hoje a festa do corpo de Deus, por volta das três da tarde a minha solene profissão nesta religião dos capuchinhos, ouço, digo, declaro e protesto fazer voluntariamente, de boa vontade, com real intenção de me obrigar perante Deus e perante os homens pelos votos de pobreza, castidade e obediência na dita religião (PRETS DES PROMESSES..., 1828, p. 184).⁴⁶

⁴⁵ No original: “Les novices continueront à dire leur coulpe selon que portent les Constitutions. Mais le mardi, jeudi et samedi, ils la diront seuls au R.P. Maitre, les lundi, mercredi et vendredi ils la diront en présence de toute la communauté au Supérieur après le signal du diner.”

⁴⁶ No original: “L’an 1842 Mil huit cent quarante deux, le vingt-six du mois de mai, au couvent des réverends pères Capucins de La Roche diocèse d’Annecy, moi Claude Charles fils légitime de Louis Marion et Philippine Lacombe, de la ville d’Annecy, né le dix août mil huit cent vingt deux, appelé en religion Rd frère Germain clerc, déclare et atteste devant Dieu, devant Pere Maitre, et devant les témoins sous-signés, qu’ayant fini mon année de probation le dix-huit du présent mois, vers les huit heures du matin, et qu’ensuite devant faire aujourd’hui, fête du corps de Dieu, vers les trois heures du soir ma profession solennelle en cette religion des Capucins, j’entends, je dis, je déclare, et proteste de la faire volontairement, de plein gré, avec une vraie intention de m’obliger devant Dieu et devant les hommes par les voeux de pauvreté, de chasteté et d’obéissance en la ditte religion.”

Pode-se dizer que o momento de professar os votos é bastante esperado pelo noviço depois de atravessar o ano de estágio probatório. O documento escrito por Frei Germano é protocolar, diferentes postulantes lavram de próprio punho os votos seguindo a mesma estrutura. Mas, ainda sim, pela leitura do documento é possível depreender o rito: professar os votos é um ato solene que se faz em comunidade, diante testemunhas da alta hierarquia do convento, dos capítulos padres e do definidor guardião, e diante de Deus reforçando a intenção de praticar a castidade, a pobreza e a obediência. Na sequência, a cerimônia se consuma na “Festa do corpo de Deus”, ou seja, na consagração da eucaristia, um momento catártico em que o religioso toma a hóstia e o vinho, transubstanciados no corpo e no sangue de Cristo. Mas, para além dessas questões, interessa-nos destacar a escolha do nome religioso feita por Claude Charles.

Saint Germain é um santo cultuado na região de Annecy, ele foi o primeiro prior da abadia de Taillories. Trata-se de um ermitão que no século XI se retira em solidão e se instala por cerca de 40 anos na fenda de um penhasco projetado sobre o vilarejo, na borda do Lago de Annecy. Onde o santo fez sua morada em meio à natureza, no século XVI foi erigida uma capela, ponto de chegada de diversas procissões votivas. Os peregrinos se dirigiam em busca de milagres e de maravilharem-se percorrendo com os olhos e com os dedos as marcas das mãos e dos joelhos do santo milagrosamente deixadas nas “rochas macias”, presença perene do santo naquelas inscrições (DEVOS; JOISTEN, 1985, p. 65).

Claude Charles Marion seguiu a tradição de seus pais, Philipine e Louis Marion, e escolheu um nome significativo para si. Está longe de ser uma impertinência pensar que se trata de uma homenagem ao seu pai, nativo do vilarejo de Tallories, morto durante o inverno de janeiro de 1842 (REGISTRE DES ACTES DE DÉCÈS, 1842, p. 115). É interessante destacar que Saint Germain era especializado na cura de crianças enfermas, o que manteria Claude afetivamente ligado aos seus irmãos, além disso, os preceitos da vida eremítica como a humildade, a solidão, a paciência, a contemplação em meio à natureza, parecem ter sido caros ao capuchinho. Ao tomar para si o nome de Germano, é possível que Claude Charles Marion estivesse buscando vincular-se simbolicamente a um suporte de memória para as paisagens de sua terra natal, para seus vínculos afetivos, mas também, ao amor pela natureza cujo estudo científico forneceria novos parâmetros para a compreensão do mundo natural.

1.5.2 - No convento de Chambéry

Em maio de 1842, frei Germano deixou o convento de La-Roche com destino à Chambéry, percorrendo mais de 130 quilômetros sobre o lombo de mulas para chegar ao seu destino, onde concluiria sua formação em 20 de março de 1845 (BIOGRAPHIES FRANCISCAINES, s.d., p. 34).

Esse período de três anos incompletos foi regido pelo *Règlement pour les Etudiants Capucins*, um conjunto de regras destinadas a desenvolver nos estudantes não somente “um conhecimento aprofundado das ciências e das letras sacras, mas sobretudo daquilo que forma o conhecimento e a prática da disciplina regular e de todas as virtudes próprias a seu santo estado” (RÈGLEMENT, 1839, p. 2).⁴⁷

Trata-se de um manuscrito de 51 páginas com prescrições para imprimir nos freis a identidade dos capuchinhos, como segue:

Ora, isto é, conformar-se a uma vida tão sábia e tão digna da alta missão de nossa ordem que, junto com os Definidores C.C. R.R. P.P., elaboramos o seguinte Regulamento cujo objetivo é:

1º - regular as relações dos alunos com seus superiores, seus colegas de estudo, os demais membros da família e com as pessoas externas.

2º - para fixar os vários exercícios que devem compartilhar seu tempo.

3º traçar as práticas das virtudes, que têm uma relação mais imediata com a sua condição de estudantes religiosos capuchinhos (RÈGLEMENT, 1839, pp. 2-3).

O Regulamento desdobra cada um desses objetivos ao longo de três capítulos “Diversas relações dos Estudantes Capuchinhos”, “Ordem dos exercícios e das tarefas”, “Virtudes às quais os Estudantes devem se aplicar mais”, e dois anexos, “Avisos particulares aos Estudantes Capuchinhos” e “Regulamento dos estudos: do Diretor Espiritual e dos Professores”.⁴⁸ Não se trata de reduzir a história de Frei Germano de Annecy ao regulamento dos capuchinhos de Savóia, entretanto, da leitura do documento depreende-se ao menos os valores que presidiram a elaboração das normas relativas ao funcionamento e à rotina subjacentes ao convento de Chambéry, sede da Província dos capuchinhos na época em que frei Germano completou seus estudos.

⁴⁷ No original: “à donner à nos étudiants une connaissance approfondie des sciences et des lettres sacrées, mais surtout qu’on les forme à la connaissance et à la pratique de la discipline régulière et de toutes les vertus propres à leur saint état.”

⁴⁸ No original: “Chapitre 1 - Divers rapports des Etudiants Capucins; Chapitre 2 – Ordre des exercices et des emplois; Chapitre 3 – Vertus auxquelles les Etudiants doivent le plus s’appliquer; Avis particuliers aux Etudiants Capucins; Règlement des Etudes: Du Directeur Spirituel et des Professeurs.”

1.5.3 - Hierarquia, disciplina e rotina

O funcionamento do convento que frei Germano frequentou era garantido por meio de um rígido sistema hierárquico que definia as posições, os papéis e o regime disciplinar implicado na formação dos novos quadros dos capuchinhos. Um dos principais aspectos presente no Regulamento era a relação de subordinação que definia as condutas e as formas de convívio dos estudantes capuchinhos entre si e com seus superiores.

O pedido de permissão era a prerrogativa para a realização das mais variadas atividades como fazer a tonsura, portar livros nas celas, se ausentar da sala de estudos, estudar no período noturno, realizar algum tipo de trabalho ou receber visitas, essas deveriam ser breves e o diretor do convento tinha a prerrogativa de decidir se o visitando seria ou não acompanhado de um confrade (RÈGLEMENT, 1839, pp. 10-11).

Para se conformar capuchinho, frei Germano se submeteu a um regulamento determinava uma série de proibições como reuniões particulares, visitas às celas de outros freis, falar de política ou quaisquer outras “frivolidades mundanas”, queixar-se dos confrades, dos superiores ou comentar respeito do programa de estudos e das penitências estabelecidas. Em paralelo se estimulava a aquisição e a sedimentação de novos hábitos, como dirigir uma intenção antes de se alimentar, tomar a refeição com modéstia, caminhar pausadamente, sem arrastar sandálias, usar capuz e a cabeça reclinada, mantendo os olhos orientados para baixo, falar pouco e se servir de fórmulas de respeito denotativas de polidez religiosa, seja pedindo perdão ou clamando o amor de Deus no início das conversas. Nas celas, deveriam evitar de olhar pela janela ou se revirar na cama. Elas deveriam ser mantidas limpas e organizadas, sendo dedicados a Jesus Cristo, à Virgem Maria, à São Francisco e ao seu santo de devoção, os quais seriam saudados sempre que os estudantes entrassem ou saíssem desses ambientes (RÈGLEMENT, 1839, pp. 37-45).

O regulamento pretendia se fazer efetivo por meio de um conjunto punições. A mais comum era o pedido de perdão, a essa se somava a obrigação de beijar os pés do superior em público em razão de alguma falta cometida ou ficar de joelhos para tomar a refeição. A fala desmedida era corrigida com a determinação de beijar a terra e o desrespeito às regras com relação às visitas e aos passeios poderia ser punido com a obrigação de comer terra para reparar a falta cometida (RÈGLEMENT, 1839, pp. 3-7).

Tais prescrições, proibições e punições visavam disciplinar conjuntamente corpo e espírito como forma de assegurar a obediência estrita aos superiores e de garantir a renúncia a qualquer à vontade própria e o desapego das coisas mundanas. A obediência

era compreendida como critério de fidelidade à Regra e elemento de sociabilidade regular, cuja imagem se fundava no respeito à hierarquia. A ela se somava o cumprimento dos exercícios prescritos pelos superiores, empreendidos na formação do religioso ideal (DOMPINIER, 1994, p. 204).

A rotina entre os capuchinhos intercalava momentos de estudo e de oração, demarcando as diferentes ações cotidianas dos freis. Os exercícios espirituais se realizavam por meio da alternância de práticas comunitárias e individuais e se estruturavam de acordo com as horas canônicas e a liturgia própria dos capuchinhos.

Todos os dias, os estudantes desde o amanhecer faziam orações, rezavam os ofícios de Nossa Senhora, realizavam leituras das sagradas escrituras, além de ladainhas, cantorias, louvores e invocações a São José, a São Francisco e a Virgem Maria, acompanhados de expressões corporais típicas, como a entonação adequada, a flexão de joelhos, os sinais da cruz, etc. Essas práticas ocorriam em diversos momentos do dia, obedecendo a liturgia das horas canônicas, e nos mais variados lugares como nas celas, no lavatório, no oratório, no refeitório, no jardim, na capela, na igreja etc. fazendo do convento um local em que espaço e o tempo o tempo são ritualizados (RÈGLEMENT, 1839).

A participação na vida comunitária era um aspecto central presente no Regulamento que destacava o dever de todos em executar as tarefas e os exercícios coletivos. Segundo Dompnier (1994, p. 205),

o exercício, na acepção mais larga do termo, é assim a base sobre a qual se edificam a identidade e a coesão do grupo, isso que se torna a dizer de uma outra maneira que a ordem é uma sociedade de eleição onde se entra com um ideal pessoal e se realiza durante às práticas comunitárias (DOMPINIER 1994, p. 205).⁴⁹

Assim, se tornar capuchinho resulta de um processo de construção social que correlaciona práticas de estudo, de tarefas e de exercícios comunitários que se realiza em um local, separado pelos muros, pelos ritmos, pelas normas específicas de conduta pessoal e de sociabilidade. No convento se inscreve uma comunidade religiosa marcada pela tensão entre a transmissão e a recepção de saberes canônicos e o forjamento de uma identidade adstrita à ordem e à soteriologia que faz dele, ao mesmo tempo, um lugar de sabedoria e de salvação, um lugar de saber (STROUMSA, 2007).

⁴⁹ No original: “L’exercice, dans l’acception la plus large du terme, est ainsi la base sur laquelle s’édifient l’identité et la cohésion du groupe, ce qui revient à dire d’une autre manière que l’ordre est bien une Société d’élection, où l’on entre avec un idéal personnel à la réalisation contribuent les pratiques communaires.”

1.5.4 - Lazer e trabalho

O regime disciplinar instaurado no convento de Chambéry admitia breves momentos de recreação: diariamente após o almoço ou durante os passeios noturnos às quartas-feiras. Havia também períodos mais longos de folga que coincidiam com os dias de festas dedicadas aos santos aos quais a ordem se vinculava: São José, Virgem Maria, São Francisco de Assis e também aos franciscanos Saint Fidèle de Sigmaringen (1578-1622), Saint Antoine de Padoue (1195-1231) e Saint Bonaventure (1482-1588) que inspiravam estudos teológicos, canônicos e a conduta moral no convento. Também era concedida folga na segunda-feira de Pentecostes, em alguns momentos da Semana Santa e nos dias de festas organizadas pelos padres e professores do convento (REGLÈMENT, 1839, p. 35).

Durante as festas, não era incomum que os capuchinhos pudessem beber, comer, rir, cantar e se divertir com mais liberdade. Esses breves momentos de relaxamento antecipavam os períodos de observância mais estrita da regra, servindo para atenuar a austeridade do Regulamento. Quem não conseguisse cumprir constantemente os requisitos da Regra, deveria se refugiar no trabalho. A questão do trabalho disciplinado nas Constituições Capuchinhas era encarada como como um modo de fugir da ociosidade, de fornecer bons exemplos e tornar-se menos oneroso ao mundo. Para os capuchinhos o trabalho seria, “apenas uma pausa na atividade espiritual, que ocupa a maior parte do tempo do religioso. Portanto, tem uma função de lazer, à mente não sendo capaz de permanecer ocupada em meditação” (DOMPINIER, 1994, p. 200).⁵⁰

Cabe-nos então perguntar com que tipo de trabalho os freis poderiam se envolver? Dompnier nos responde que as fontes que abordam esse tema são raras. Segundo o autor,

a melhor, sem dúvida, é uma gravura do século XVII, retirada de uma série que apresenta a avie capuchinha e ilustra o tema *Laboramus operantes manibus nostris*. Em primeiro plano, dois religiosos fazem uma cesta de vime enquanto duas outras manejam o pilão e o almofariz em um boticário; ao fundo, evoca-se o claustro do convento onde os irmãos transplantam plantas em alguns pontos enquanto outros se movimentam em frente no pomar. Obviamente, portanto, a obra se destina principalmente às necessidades da comunidade, embora se

⁵⁰ No original: “en définitive le travail n’est qu’une pause dans l’activité spirituelle, qui occupe la majeure partie du temps du religieux. Il a donc une fonction de loisir, l’esprit ne pouvant en permanence demeurer occupé à la méditation.”

possa presumir que as drogas e os unguentos preparados também serão usados fora do convento (DOMPNIER 1994, p. 202).⁵¹

Da leitura dessa citação depreende-se que a questão do trabalho se dirige não só à comunidade religiosa, mas também, como supõe o autor, à sociedade em geral situada para além dos muros do convento. Na segunda metade do século XVIII, adensavam na ordem os comentários que exortavam os religiosos ao trabalho como uma forma de construir uma boa imagem dos capuchinhos, combater os críticos das ordens mendicantes e o relaxamento da vida religiosa que se abatia no período (Dompnier 1994, p. 202).

1.5.5 - Os capuchinhos de Savóia e o trabalho missionário

Os capuchinhos construíram uma longa tradição missionária na região da Savóia. Como vimos anteriormente, sob o bispado de Francisco de Sales entre 1602 e 1622, eles se notabilizaram por combater o avanço do protestantismo na região do Chablais. No período, se consagrou a celebração das “Quarenta Horas”. Estruturada por frei Chérubin de Maurienne: “durante quarenta horas, na presença da eucaristia exposta solenemente em um altar construído na praça central da cidade, os frades se revezavam, de hora em hora, na pregação, intercalada por cânticos, para a população” (ZUGNO, 2016, p. 308).

A restauração da ordem conduzida por frei Eugène de Rumilly evocou o ideal missionário dos primeiros capuchinhos que se fixaram na região. Os missionários eram preparados para conduzir exercícios ordinários no âmbito das campanhas que se espalhavam pela Savóia e pelo sul da França. Tais exercícios consistiam em orações, celebração de missas, pregações e exames de consciência etc. As campanhas missionárias duravam em média três semanas (COGNIN 1933, pp. 156; 160-161).

A tradição e o ideal missionário dos Capuchinhos de Savóia foram reconhecidas justamente no ano de 1841 pela publicação do *Regolamento de' Collegi per missioni estere stabiliti, ed affidati dalla Sacra Congregazione di Propaganda Fide all'ordine dei pp. Cappuccini nelle città, e rispettivi conventi di Roma e Chambéry*.

⁵¹ No original: “la meilleure est sans doute une gravure du XVII siècle, extraite d’une série présentant l’avie capucins, et illustrant le thème *Laboramus operantes manibus nostris*. Au premier plan, deux religieux confectionnent une corbeille en osier pendant que deux autres manient pilon et mortier dans une apothicairerie; au fond est évoqué le clos du convento où des frères repiquent des plants dans des spots tandis que d’autres s’affairent devant les espailiers d’un verger. À l’évidence, les travaux sont donc principalement destinés aux besoins de communauté, même si l’on peut supposer que les drogues et onguents confectionnés seront aussi utilisés hors du couvent.”

O objetivo da Congregação da Propagação da Fé (“Propaganda Fide”) era o de coordenar o trabalho missionários das congregações e ordens religiosas.⁵² O regulamento em questão reforçava os aspectos caros aos capuchinhos como, por exemplo, a necessidade dos freis se dedicar à vida comunitária e aos exercícios espirituais:

sabendo o Padre Procurador Geral que o Postulante nas Missões reúne as condições indicadas [...], antes de aplicá-lo ao estudo das ciências e das línguas, o fará esperar dez dias inteiros em grande concentração aos Exercícios Espirituais que serão encerrados com a confissão geral de seus pecados sob a orientação do Diretor Espiritual (REGOLAMENTO..., 1841, p. 5).⁵³

Destaca-se que ao abordar a questão dos exercícios espirituais, o documento não deixa de mencionar o “estudo das ciências e das línguas”, embora não discorra sobre o assunto. Se somam aos exercícios espirituais, normas já conhecidas como o uso de vestimentas simples, a prática rigorosa do silêncio, à frequência aos sacramentos, além das proibições de conversas triviais e visitas nas celas dos freis (REGOLAMENTO..., 1841, p. 5).⁵⁴

Mas, nos interessa mencionar outros aspectos circunscritos à formação do missionário. Segundo o *Regolamento*, o postulante deveria apresentar um atestado de conduta “exemplar” e “edificante” e um certificado de cumprimento de curso escolástico de Filosofia e Teologia. Além de se aplicarem nos estudos das ciências, das línguas, e das matérias teológicas, sobretudo, das controvérsias como forma de obter a conversão dos “hereses” e “infieis”, não pela violência, mas sim, pelo conhecimento levando-os a reconhecer a “verdade católica” (REGOLAMENTO..., 1841, pp. 7-9).

Não sabemos ao certo se essa formação complementar para se tornar um missionário ocorreu concomitantemente ou após Frei Germano completar seus estudos de capuchinho em 1845. Entretanto, é possível afirmar que frei Germano de Annecy tenha

⁵² A origem da congregação fundada pelo papa Gregório XV em 27 de junho de 1622, não por acaso, está ligada aos freis capuchinhos da província de Savóia, Chérubin Maurienne e Jérôme Narni, missionários na região do Chablais (ZUGNO, 2016, p. 29).

⁵³ No original: “conoscendo il. P. Procuratore Generale, che il Postulante alle Missioni riunisca le indicate condizioni, gi darè luogo in uno dei detti Collegi, e prima però di applicarlo allo studio dele scienze, e dele lingue, lo farà attendere per dieci intieri giorni in gran raccoglimento ai Spirituali Esercizj che veran chiusi com la general confessione dele sue colpe sotto la guida del Direttore spirituale.”

⁵⁴ Note que na época em que o documento foi escrito, a palavra “ciências” tinha uma acepção mais ampla e podia ser apresentada segundo a divisão exatas, especulativas e morais. Mesmo a Teologia Natural era comumente classificada entre as ciências indutivas. Voltaremos a esse assunto mais à frente. Para mais informações, ver Harrison (2017) e Williams (2003).

se destacado nos seus estudos uma vez que foi designado para ser um dos líderes conduzindo uma missão apostólica no Chile no ano de 1853.⁵⁵

Até aqui, verificamos algumas prerrogativas da vida conventual dos capuchinhos de Savóia a qual se inseriu frei Germano de Annecy. Além dos estudos de teologia, filosofia franciscana, das sagradas escrituras, para tornar-se um capuchinho, Frei Germano se submeteu a um conjunto de exercícios diários, individuais ou comunitários, que envolviam a oração, a meditação, o jejum, o recolhimento na cela, a penitência, a disciplina, o trabalho, práticas constituidoras da identidade dos capuchinhos que tem como eixo a humildade e a pobreza.

Contudo, estamos falando de um sujeito cuja história é marcada não somente pelas características que configuram, em um sentido estrito, a identidade dos capuchinhos conformada no interior de um sistema rígido e hierárquico. Mas de alguém que usou de sua liberdade relativa e operou nas contradições desse sistema, negociando a possibilidade de ter livros em sua cela, de se dedicar ao estudo das ciências, de adquirir conhecimentos e desenvolver as práticas que, ainda que pudessem decorrer de formas de lazer e de estratégias para amenizar a dureza das regras conventuais, circularam consigo.

Mas, resta ainda a pergunta, como ele teria desenvolvido o gosto pelas ciências e a aptidão para o conhecimento científico considerando a formação espiritual dos capuchinhos e as dificuldades enfrentadas pela ordem no decurso do processo de restauração?

⁵⁵ Segundo os *Annales de la propagation de la foi: recueil périodique des lettres des évêques et des missionnaires des missions des deux mondes, et de tous les documents relatifs aux missions et à l'oeuvre de la Propagation de la Foi*, 1853, p. 80. Lyon: Chez L'éditeur des Annales. 54 freis capuchinhos destinados a evangelizar os *araucans* partiram de diferentes portos do Chile: 25 embarcaram de Gênese, sob a condução de Pascal de Camarasa; 15 de Brest e 14 do porto de Rochefort, 8 sob a condução de Raymond de Lérida e 6 sob a liderança de frei Germano de Annecy.

Capítulo 2 - Frei Germano de Annecy e o gosto pelas ciências: alguns indícios

Seu coração pertencia à virtude, sua cabeça à ciência. Tal região superior em que lhe disparavam as ambições. Quer em Roma, onde cursou os primeiros estudos, que lhe acordaram os primeiros sintomas d'essa sublime diátese do saber, de que sofreu toda a vida, quer em França, onde já compunha um interessante trabalho sobre Geologia, [...] quer no Seminário Episcopal de S. Paulo do qual foi eminente professor por muitos anos [...]. Se em pleno século XIX, depois de tantos e tamanhos serviços prestados pelo clero às ciências, serviços evidentes e incontestáveis, enormes, até nas ciências naturais e nas exatas a partir de Alberto o Grande e de Rogerio Bacon, a partir de Kischer, do Conego Copérnico, e do Cardeal Cusa até Spalanzani, Moigno e Secchi, se depois, digo, de tantos serviços efetivos fosse ainda necessários ou apenas admissível demonstrar que o padre não é adverso à ciência, antes um de seus mais prestados cultores e propagadores, ai caberia a evidenciá-lo o nome laureado de frei Germano (FREITAS, 1890, p. 1).

Na continuação de seu relato biográfico sobre frei Germano de Annecy, padre Senna Freitas tocou em dois temas centrais para o desenvolvimento desse capítulo: a questão do lugar de origem do gosto do capuchinho pelas ciências e a relação entre ciência e religião no século XIX.

De saída, cabe ressaltar que no afã de exaltar frei Germano de Annecy, a quem atribuiu um papel de cultor e propagador das ciências, padre Senna Freitas apresentou uma imprecisão ao destacar a cidade de Roma como o local gerador de seus interesses nesse terreno. Certamente, a então sede do Vaticano, do Pontifício Colégio Urbano de “Propaganda Fide”, do Observatório do Vaticano, onde fez carreira o jesuíta padre Angelo Secchi (1818-1878), o mais renomado astrônomo eclesiástico da história contemporânea, destacado também entre os leigos, era uma forma de enaltecer a biografia de Frei Germano e, por extensão, a própria história da Igreja Católica.

É verdade que não temos nenhum registro sobre frei Germano para o intervalo de tempo entre 1846 e 1853. Porém, diferentemente do que afirma Senna Freitas em seu relato, como já vimos, os primeiros estudos do capuchinho foram realizados na própria Savóia. Embora, nada impeça que ele tenha visitado Roma por alguma ocasião, convém ressaltar que frei Germano prescindiu da necessidade de conhecer a Cidade Eterna, antes foi em sua terra natal que ele encontraria as condições de possibilidades para desenvolver seu gosto pelas ciências. Voltaremos a esse assunto no final do capítulo.

Por ora, interessa-nos focar na questão da relação entre ciência e religião que o relato dele suscita. Ao caracterizar frei Germano como sacerdote e como artífice do conhecimento científico, o autor manifestou-se em defesa da Igreja católica. Ao mencionar que não é necessário dizer “que o padre não é adverso à ciência”, ele combatia a imagem de que a instituição era hostil por natureza ao conhecimento científico. Senna Freitas entabulou uma sequência de nomes de sacerdotes que em diferentes tempos manifestaram interesse pelo conhecimento científico, reagindo a posturas anticlericais, alimentadas pelo iluminismo e positivismo, transigentes com os processos de secularização que marcam o século XIX (VERUCCI, 1998, p. 34). Para Comte, por exemplo, o período testemunhava a transição do estágio metafísico para o mais avançado estágio de desenvolvimento científico ou “positivo”, seus seguidores disseminaram também a ideia de que às ciências progrediam rompendo com dogmas e superstições (BELHOSTE⁵⁶, [s.d.], p. 2; HARRISON, 2007, p. 9; LE GOFF, 1990, p. 258).

Mas, mais do que o discurso de Senna Freitas em homenagem ao capuchinho e em defesa à Igreja, é a própria trajetória de frei Germano, lecionando, observando, publicando conteúdos oriundos de suas práticas científicas, que nos permite matizar a imagem dos processos de secularização como sendo homogêneos e livres de quaisquer contradições. Porém, a força desse constructo, de um processo irresistível, que se desdobraria sobre um conflito perene entre razão e fé, entre ciência e religião, advém, com efeito, de sua plausibilidade. De acordo com Belhoste, pode-se pensar na secularização dentro do mundo intelectual, compreendendo-a como um

processo constitutivo, de natureza social e também ideológica e que faz parte de uma longa temporalidade. Pode definir-se sobretudo como um gradual empoderamento em relação à esfera clerical, já em plena marcha no século XVII. Esse empoderamento, ele próprio intimamente ligado à ascensão do poder dos Estados laicos, acompanha o estabelecimento gradual de um espaço de comunicação em grande escala, escapando a todo controle formal e contando com o desenvolvimento de novas tecnologias, novas práticas culturais e novas sociabilidades (BELHOSTE, [s.d.], p. 10).⁵⁷

⁵⁶ O texto a que nos referimos chama-se *Science et Secularisation*, sabemos que se trata de um texto recente, pois Belhoste apresentou dados de 2018. Nele, Belhoste, realiza um breve debate historiográfico a respeito das relações entre a religião e a ciência em que acusa que o fato religioso é abordado apenas de maneira incidental nas academias e nas produções historiográficas. Buscando escapar de abordagens muito esquemáticas, o autor sugere novos caminhos de pesquisa a partir do reconhecimento da polissemia do termo secularização e da necessidade do estudo dos locais e contextos em que ela se desenvolve.

⁵⁷ No original: “est un processus constitutif, de nature autant sociale qu’idéologique et qui s’inscrit dans une temporalité longue. Elle peut se définir avant tout comme une autonomisation progressive par rapport à la sphère cléricale, déjà bien engagée au XVIIe siècle. Cette autonomisation, elle-même liée étroitement à la montée en puissance des Etats séculiers, accompagne la mise en place progressive d’un espace

O autor alerta que é preciso considerar, no entanto, que se esse processo perpassou as elites abastadas e educadas, pouco ou nada afetou as categorias populares e que tais explicações mais gerais devem ser submetidas a pesquisas que investiguem contextos e meios sociais locais (BELHOSTE, [s.d.], p. 11). Dentre as “novas práticas culturais e novas sociabilidades” de que nos fala Belhoste, situa-se a institucionalização e a profissionalização das ciências que se desenrola no século XIX, o século das revoluções liberais, da burocratização do Estado, da ascensão do nacionalismo etc.

Pensando na França, mais especificamente em Paris e, a partir de uma abordagem esquemática, temos que o fim do Antigo Regime desestabilizou a prática do mecenato presente na Academia de Ciências, abrindo espaço para a emergência de uma nova rede de sociabilidade dominada por poucos indivíduos cuja autoridade política era constituída a partir do reconhecimento de suas produções científicas e de suas posições institucionais (BELHOSTE, 2001, p. 18). Uma estruturação que, segundo Belhoste, foi associando frações do mundo acadêmico, oriundas das ciências físicas e naturais, ao mundo do trabalho. A fração erudita da tecnocracia de Estado, integrada ao mundo erudito, composta de um lado por físicos e matemáticos presentes nos conselhos administrativos e nas escolas de aplicação e de outro pela medicina ligada ao universo da saúde, não se limitava exclusivamente à resolução de problemas práticos ainda que se ocupasse das aplicações técnico-científicas de suas áreas de estudo (BELHOSTE, 2001, p. 43).

Tal conjuntura, também esteve associada à expansão de instituições de ensino e pesquisa. Na década de 1850, somente em Paris, além da Escola Politécnica, havia outros grandes estabelecimentos públicos como a Escola de Minas, a Escola de Pontes e Estradas, o Museu de História Natural, a Faculdade de Ciências, a Faculdade de Medicina e a Escola de Farmácia e a Escola de Medicina Veterinária de Alfort (CHAPPEY, 2002, p. 40; BELHOSTE, 2001, p. 27).

Esses movimentos concorreram para o surgimento de novas disciplinas como Farmacologia, Anatomia Patológica, Fisiologia e novas práticas clínico hospitalares. Belhoste (2001) argumenta que os professores das instituições de ensino desempenharam papel fundamental na especialização das ciências, na atomização disciplinar e no acoplamento delas com a tecnocracia promovendo contato e trocas de experiências entre diferentes universos intelectuais e profissionais. De acordo com Peter Burke, no século

communicationnel à grande échelle, échappant à tout contrôle formel et s'appuyant sur le développement de nouvelles technologies, de nouvelles pratiques culturelles et de nouvelles sociabilités.”

XIX, as sociedades científicas especializadas se difundiram, pressionando também pelo surgimento de novas disciplinas e pela especialização das ciências (BURKE, 2020, p. 197).

Bastante sintomático desse processo em marcha é o surgimento paulatino de uma nova categoria profissional designada pelo termo *cientista*, que entrou em uso na Inglaterra a partir da década de 1830, sendo seguido de perto na França onde *spécialité* [especialidade] e *spécialiste* [especialista] passaram a ser utilizados entre as décadas de 1830 e 1840, primeiramente ligados à medicina (BURKE, 2020, pp. 189-206). Esses novos profissionais cada vez mais vinculados a instituições, a universidades e a programas de pesquisa, fariam das ciências suas atividades principais, diferindo-se dos eruditos ou dos sujeitos que anteriormente dedicavam apenas o tempo livre à prática científica (PERRU, 2014, p. 188).

Acompanhando e constituindo esse processo, o próprio termo *ciência* sofreu alterações restritivas em seus significados. Conforme Williams (2007, pp. 78-80), no decurso do século XIX *ciência* deixaria de apresentar significados muito gerais, identificando e descrevendo habilidades ou conhecimentos como a Física, o Direito, a Teologia etc. Essas modificações acompanharam os movimentos de estruturação e delimitação da prática científica e contribuíram para o surgimento no século XIX da “*ciência como estudo teórico e metódico da natureza*” (WILLIAMS, 2007, p. 80) (grifos do autor).

Contudo, esse processo também não foi automático. Seria necessário esperar até a década de 1860 para encontrar quem recomendasse utilizar o termo *ciência* para aludir tão somente às ciências físicas e experimentais, excluindo as chamadas metafísica e teológica. Ainda de acordo com Williams,

essa exclusão particular foi o clímax de uma discussão decisiva, mas a especialização excluiu, sob aquela tela, muitas outras áreas do conhecimento e da aprendizagem. Cientista, método científico e verdadeiro cientista se especializaram nos métodos bem-sucedidos das ciências naturais, principalmente física, química e biologia. Outros estudos podiam ser teóricos e metódicos, mas isso não era o mais importante; o que se considerava definidor era o caráter objetivo concreto do material e do método, que nessas áreas andavam de mãos dadas (WILLIAMS, 2007, p. 81).

A circunscrição dos significados que gravitavam entorno da palavra *ciência* foi associada a métodos e critérios vislumbrando a construção de uma verdade científica depurada de sentidos e explicações mágicas, dogmáticas, religiosas. Nesse sentido, de acordo com Belhoste

A verdade científica é agora inteiramente distinta da verdade teológica: na arena acadêmica, é por meio de uma administração de evidências baseada apenas em fatos e raciocínio que o debate pode ser legitimamente arbitrado. No entanto, a neutralidade epistêmica não é ideologicamente neutra. Ela impõe rejeitar todas as formas de "superstição", isto é, do naturalismo mágico, daí a condenação definitiva da astrologia, a purificação de todos os vestígios alquímicos na química e, finalmente, a rejeição de tudo o que é sobrenatural no estudo dos fenômenos da física (BELHOSTE, [s.d.], p. 13).⁵⁸

Ainda conforme o autor,

a força do dispositivo é que ele não depende das opiniões pessoais dos estudiosos, que também podem ser homens de fé, mas do próprio status da verdade científica. Assim secularizada, a ciência, por sua vez, torna-se um importante recurso ideológico e um poderoso agente de secularização (BELHOSTE, [s.d.], p. 13).⁵⁹

Ora, esse é um processo sociopolítico e ideológico que permeou diversos espaços e incidiu de muitas maneiras sobre o clero. Para ficarmos num exemplo concreto, na França, conforme Perru (2014), as sociedades dedicadas às ciências experimentais eram majoritariamente hostis à entrada ou à permanência de clérigos entre seus associados. A imposição de diploma universitário para o ingresso ou permanência em muitas delas restringiu sobremaneira a participação dos eclesiásticos. Essas condições adversas associadas à proibição do Papa Pio IX aos clérigos de frequentar as universidades napoleônicas obliteraram os projetos de clérigos de seguirem carreira de pesquisador, restringindo-lhes as possibilidades de frequentar sociedades especializadas no decurso do XIX (PERRU, 2014, p. 191).⁶⁰

⁵⁸ No original: "La vérité scientifique est désormais entièrement distincte de la vérité théologique: dans l'enceinte savante, c'est par une administration de la preuve fondée uniquement sur les faits et les raisonnements que le débat peut être légitimement arbitré. Pour autant, la neutralité épistémique n'est pas neutre idéologiquement. Elle impose de rejeter toute forme de 'superstition', c'est à dire de naturalisme magique, d'où la condamnation définitive de l'astrologie, l'épuration de toute trace alchimique en chimie, et, finalement, le rejet de tout surnaturel dans l'étude des phénomènes physiques."

⁵⁹ No original: "La force du dispositif tient à ce qu'il ne dépend pas des opinions personnelles des savants, qui peuvent être par ailleurs des hommes de foi, mais du statut même de la vérité scientifique. Ainsi sécularisée, la science devient à son tour une ressource idéologique majeure et un agent puissant de la sécularisation."

⁶⁰ A esse respeito, pode-se citar também o caso da Sociedade Real da Inglaterra, na qual o naturalista darwinista Thomas Huxley junto de seus pares formou uma rede secular alternativa à hierarquia científica dominada por clérigos e acabou obtendo êxito nas deliberações relativas às mudanças de critérios para a afiliação na Sociedade Real, provocando um contínuo esvaziamento dos quadros eclesiásticos da instituição (HARRISON, 2017, pp. 174-175).

Tal proibição está intimamente ligada à maneira pela qual a Igreja Romana respondia aos mais diversos processos políticos e culturais do século XIX que desafiavam sua autoridade e implicava em perda de sua hegemonia em contraposição às emergências e estruturações de Estados laicos nos continentes europeu e americano. De acordo com Santirocchi (2017, p. 175): “a atuação da Igreja acabou, por vezes, contribuindo para o avanço desse processo, enquanto em outras ocasiões o freou” (SANTIROCCHI, 2017, p. 175).

Desde a Revolução Francesa, a Igreja Católica sentiu-se desafiada pelas revoluções liberais das décadas de 1830 e 1840, pela emergência de Estados liberais e constitucionalistas que viam na Cúria Romana uma ameaça externa à soberania nacional, passando pela invasão dos estados pontifícios que abalou o poder temporal do papa durante a unificação italiana na década de 1870 (MICELI, 1985, p. 32; ROUX, 2014, p. 33).

Conforme Santirocchi (2017), em resposta a esse cenário, a Igreja almejou constituir uma soberania universal e paralela aos Estados onde estava inserida. Tratava-se de reforçar a figura do papado, a partir de uma reforma religiosa que compensasse as perdas no interior do ordenamento jurídico dos novos estados constitucionalistas, com a formação de um corpo eclesiástico supranacional e supraestatal convergente com os desígnios da Cúria romana (SANTIROCCHI, 2017, p. 175). Trata-se de uma fase em que a Igreja católica é comumente descrita pela historiografia como conservadora, como imbuída de um projeto “antimoderno” em razão de, no âmbito do enfrentamento às novas tendências políticas e culturais, ter reafirmado a escolástica, reestabelecido a Companhia de Jesus e se apoiado nas diretrizes do Concílio de Trento no que tange à liturgia, aos ritos, e o estabelecimento de seminários episcopais para a formação de um novo clero secular (ou diocesano) inspirada na formação intelectual e disciplinar oferecida pelos conventos e mosteiros ao clero regular (ABREU, 1996, p. 350, 351; SANTIROCCHI, 2010, p. 24; SILVA; CARVALHO, 2019, p. 18).

Em conjunto, os pontificados de Gregório XVI (1831-1844), de Pio IX (1844-1878) e de Leão XIII (1878-1903) são considerados os expoentes dessa ampla reforma curialista, dita ultramontana, com vistas a “re Cristianizar o mundo”, o Estado e a sociedade.⁶¹ Com Pio IX, a reforma se intensifica, com a publicação da encíclica *Quanta*

⁶¹ Conforme Santirocchi (2010, p. 24) a palavra “ultramontanismo” derivada do latim significa “para além dos montes”. Era o termo utilizado no medievo para designar todos os papas eleitos que não tinham origem italiana. No século XVII, o termo passou a ser utilizado para identificar aqueles que defendiam a superioridade dos papas sobre os reis, período em que a Companhia de Jesus passou a ser identificada com

Cura, em 1864. O documento se fez acompanhar do *Syllabus Errorum*, um catálogo de oitenta proposições condenando os “horrores do mundo moderno”. Le Goff explica que

Na encíclica *Quanta cura*, o papa condenava os principais erros modernos: o racionalismo, que chega a negar a divindade do Cristo; o galicanismo, que exige uma sanção do poder civil para o exercício da autoridade eclesiástica; o estatismo, que visa o monopólio do ensino e suprime as ordens religiosas; o socialismo, que pretende submeter totalmente a família ao Estado; a doutrina dos economistas que consideram a organização da sociedade como não tendo outro objetivo senão a aquisição de riquezas; finalmente e sobretudo o naturalismo, que considera como um progresso que a sociedade humana seja constituída e governada sem ter em conta a religião (LE GOFF, 1990, p. 262).

Com relação às oitenta proposições do *Syllabus*, compreendidas como inaceitáveis estão o comunismo, o racionalismo, o naturalismo, as revoluções burguesas, o liberalismo, a maçonaria, a separação entre a Igreja e o Estado, as liberdades de religião, de imprensa, casamento civil etc. e, conforme Le Goff (1990, p. 263): “finalmente, a octogésima e última proposição condenada era assim formulada: ‘O Pontífice Romano pode e deve reconciliar-se e transigir com *o progresso*, com o liberalismo e a civilização moderna’”.

Seis anos mais tarde, o Concílio Vaticano I proclamava, em 1870, o controverso dogma de infalibilidade pontifícia em que o Sumo Pontífice é apresentado como fonte de todos os ensinamentos de uma Igreja cada vez mais “romana” e cada vez menos “nacional” (MICELI, 1985, p. 32; SANTIROCHI, 2010, p. 24; SILVA; CARVALHO, 2019, p. 19; COSTA, 2021, p. 70).

A movimentação da Cúria suscitou diversas reações entre civis e entre os próprios eclesiásticos. De acordo com Le Goff, a publicação do *Syllabus*

encantou os reacionários e os progressistas anticatólicos e mergulhou os católicos “progressistas” ou simplesmente liberais na confusão, mas muitos deles, a começar pelos membros da hierarquia, encontraram palavras e meios de o tornar quase inofensivo ou de o voltar ao contrário. Contudo, se o *Syllabus* tranquilizou momentaneamente os meios mais reacionários, católicos ou não, fez de forma geral crescer o mal-estar no mundo católico perante o progresso (LE GOFF, 1990, p. 263).

o ultramontanismo. Mais tarde, no século XIX, ultramontanismo foi usado também de forma pejorativa pelos seus detratores para tachar os clérigos vinculados às ideias reformistas.

A confusão a que foram lançados os católicos no interior da Igreja católica referem-se à uma herança cultural do século XVIII marcada também pela existência de clérigos como os abades Nollet e Rouelle, que realizavam apresentações no Jardim do Rei que atraíam cavalheiros e letrados, e do abade Pluche, que escreveu o *Espetáculo da Natureza*, publicado em 1732 e reimpresso várias vezes ao longo daquele século (BENSAUDE-VINCENT, 1989, p. 50).

Tal situação apontada por Jacques Le Goff deixa uma porta entreaberta para que pensemos na complexidade desse processo de estruturação dessas instituições, nos comportamentos e nas posturas heterodoxas historicamente explicáveis e que expressam as dinâmicas de contato e de exclusão entre o mundo científico e o mundo católico, condição para que dimensionemos a própria figura de frei Germano de Annecy.

2.1 - Os clérigos e as ciências no século XIX: diálogos possíveis?

Conforme Olivier Perru (2014; 2016), os eclesiásticos que desenvolveram algum tipo de atividade científica no século XIX eram uma grande minoria no interior do mundo católico. Por um lado, porque a institucionalização e profissionalização das ciências foi acompanhada de processos de secularização que dificultaram as ações do clero nesse terreno; por outro, porque a prioridade da Igreja era formar sacerdotes e não cientistas.

Tal fato, já havia sido observado há mais de um século por padre Desidério Deschand na obra *Os grandes sábios e a fé* [s.d] que ele dedicou para tentar combater a ideia de incompatibilidade entre ciência e a fé. Para comprovar sua tese, o autor citou nomes de renomados cientistas católicos do século XIX e dedicou um capítulo exclusivo aos trabalhos realizados pelos sacerdotes na esfera das ciências. Entretanto, de saída, adverte o seu leitor que “pela natureza dos estudos a que se dedicavam, como pelo seu ministério, não parecem os sacerdotes católicos preparados para ocuparem lugar saliente nas ciências que até aqui temos explorado” (DESCHAND, s.d., p. 212).

Porém, a despeito dos diferentes objetivos, das diferentes finalidades e do modo como os representantes do mundo científico e a cúpula romana da Igreja responderam aos desafios e demandas interpostos pelo século XIX, não se deve simplesmente desconsiderar que a *libido sciendi* extrapolou o âmbito das elites eruditas e também alimentou homens da Igreja. Além disso, a estruturação do campo científico não foi automática e, ao longo desse processo, a depender do contexto, o amadorismo constituiu importante modalidade de prática científica. Os clérigos que desempenharam atividade

científica eram, sobretudo, amadores que, dentro de suas possibilidades e conforme suas ideologias, também contribuíram para a formação de um público para as ciências através demonstrações públicas, do ensino, da realização de atividades práticas, da organização de sociedades eruditas, da coordenação de projetos editoriais etc.

De acordo com Perru, entre os eclesiásticos que empreenderam pesquisa científica no século XIX e proporcionaram avanços em suas áreas de estudo: “nenhuma Teologia Natural em Mendel, nem apologética em padre Secchi, astrônomo romano da Companhia de Jesus” (PERRU, 2016, p. 26).⁶² Contudo, lamenta o autor: “No entanto, deve-se lembrar que no século XIX, esses clérigos, cientistas de primeiro plano como Mendel ou Padre Secchi, eram uma pequena minoria” (PERRU, 2016, p. 26).⁶³

Perru se refere a Gregor Mendel (1822-1884) e a Angelo Secchi (1818-1878) como “cientistas de primeiro plano” porque as atividades que desempenharam, seja no campo da pesquisa genética ou no da astronomia, prescindiram da apologética e, além disso, contribuíram para avanços em suas áreas de estudo.⁶⁴ Padre Secchi ainda, junto do barnabita Francesco Denza, coordenou uma rede formada por cerca de 200 estações meteorológicas estendidas dos Alpes até a Sicília (BIANUCCI, 2012, p. 221; PERRU, 2016, p. 19).

Pesquisadores como Mendel ou Secchi foram minoria no interior da Igreja pela própria finalidade da instituição, mas não apenas por esse motivo. Os clérigos cientistas eram minoria também porque, em sua maior parte, se encontravam desprovidos de meios materiais, de vínculos com programas de pesquisa, conseguindo dispor apenas do tempo livre para a prática científica. Se a difusão de laboratórios com instrumentação técnica, específica e especializada pelo mundo secular foi errática, foi tanto mais difícil de se generalizar pelos conventos e seminários da Igreja (PERRU, 2014, p. 189).⁶⁵

⁶² No original: “aucune théologie naturelle chez Mendel, pas d’apologétique chez le Père Secchi, astronome romain de la compagnie de Jésus.”

⁶³ No original: “Cependant, il faut rappeler qu’au XIXe siècle, ces clercs, scientifiques de premier plan comme Mendel ou le P. Secchi, sont une infime minorité.”

⁶⁴ A apologética é um recurso utilizado para mediar os campos da Igreja e da cultura, fornecendo um instrumento de defesa do catolicismo. É perceptível sua aplicação a partir da segunda metade do século XVIII, momento em que se assiste a ascensão de preceitos filosóficos racionalistas e materialistas que paulatinamente passaram a prescindir da teologia para fornecer explicações com relação ao mundo natural. Para mais informações a esse respeito, ver Kirschleger, 2002.

⁶⁵ Apenas para exemplificar, enquanto cientistas como Foucault (1819-1888), Fizeau (1819-1896) e Boussingault (1802-1897) encontraram boas condições de pesquisa, outros laboratórios careciam de instrumentação e materiais adequados: o zoólogo Paul Bert (1822-1886) queixou-se das condições do laboratório da faculdade de Bordeaux, já Milne-Edwards, em 1847, reclamou da situação dos laboratórios de Zoologia da Soubornne, sendo seguido por Édouard Branly (1844-1940) que em 1869 denunciou insuficiência material dos laboratórios da mesma instituição (HULIN, 2011, p. 68; PERRU, 2014, p. 190).

Nas instituições religiosas era mais fácil realizar trabalho intelectual e pesquisas nos domínios que não necessitavam de material experimental dispendioso. Mas, quais eram as atividades mais possíveis e mais comuns entre os clérigos? Perru, ao analisar os relatórios produzidos sob a demanda do então ministro da Instrução Pública, Victor Duruy no ano de 1867, para situar o estágio da produção científica na França momentos antes da Exposição Universal daquele ano, constatou que a grande maioria dos padres citados eram contempladores da natureza.

No *Rapport sur les progrès récents des sciences zoologiques en France* produzido por Henri Milne-Edwards, então responsável pela cátedra de mamíferos do Museu de História Natural de Paris, o abade Dupuy, foi citado em razão de seu livro *Histoire Naturelle des mollusques terrestres et d'eau douce qui vivent en France*. No mesmo relatório, Milne-Edward cita ainda os padres missionários Montrouzier (1820-1897) e Armand David (1826-1900) em razão de, respectivamente, remeterem espécimes zoológicos da Polinésia ao Museu de História Natural de Bordeaux e da Manchúria ao Museu de História Natural de Paris (PERRU, 2014, pp. 192-194).

Já os eclesiásticos que se dedicam aos estudos da geologia e da paleontologia formam a categoria mais numerosa dentro da Igreja. No *Rapport sur les progrès de la géologie et de la paléontologie en France pendant l'année de 1866*, o naturalista Gustave Cotteau cita o abade Edmond Lambert (1826-1886) pela publicação do *Cours Élémentaire de Géologie*, já os abades Bourgeois e Delaunay aparecem listados em dois trabalhos paleontológicos junto à descoberta de esqueletos fossilizados. Além desses, abade Pouech descobriu uma gruta em Mas d'Azil, além de fósseis de dinossauros. Os abades Vallet de Chambéry e Chevalier de Touraine são citados por suas descobertas de fósseis humanos e de animais das eras terciárias e secundárias, e por manterem contatos com grandes paleontólogos de sua época como Lartet ou D'Archiac (PERRU, 2014, p. 196).

Por fim, no relatório *Rapport sur les progrès de la botanique phytographique* produzido pelo então professor de botânica do Museu de História Natural de Paris, Adolphe Brongniart, cita os trabalhos de clérigos como Ravaud que publicou treze fascículos do *Guide du Botaniste en Dauphiné, excursions bryologiques et lichénologiques* e de Frère Ogerien por ter coordenado o livro em três volumes *l'Histoire Naturelle du Jura* em que a flora desse departamento vizinho à Savóia é inventariada (PERRU, 2014, p. 198).

Paralelamente ao processo de profissionalização e especialização das ciências, os clérigos participaram da construção e difusão de um saber segundo suas possibilidades materiais e ideológicas, trabalhando como se trabalhavam os clérigos naturalistas do século anterior: coletando espécimes, classificando, produzindo compêndios. Esses exemplos, além de atestar o interesse desses clérigos nas áreas da História Natural, sugerem que durante o II Império na França eles ainda conseguiram manter relações com sociedades e instituições de referência como o Museu de História Natural de Paris. Porém, conforme Perru (2014, p. 6), a maioria dos sacerdotes franceses que desempenhou alguma atividade científica fez do discurso da ciência ou do progresso tecnológico terreno da apologética, provas da existência divina, subordinando esses elementos aos desígnios de Deus.

Essas considerações iniciais sugerem que a questão da relação entre ciência e religião no decurso do século XIX não deve se restringir a planos discursivos e às imagens fixas que opõem razão e fé, antievolucionistas e evolucionistas ateus, por exemplo. Além disso, é preciso considerar que processo de institucionalização das ciências no mundo erudito, da profissionalização dos cientistas, não foi imediato e nem homogêneo, assim como não foram automáticos e nem homogêneos os processos ortodoxos motivados pela reforma empreendida pela Cúria Romana. As relações tecidas entre o clero e as ciências retroagem a um período do século XIX em que as esferas dessas duas instâncias ainda estavam se constituindo e esse processo foi marcado por contatos e exclusões ao longo do período. Como essa história dialoga com nosso objeto de pesquisa?

No rescaldo da Revolução Francesa, mais particularmente nas primeiras décadas do século XIX, a Igreja Católica, seja França ou na Savóia, no afã de reconquistar seu papel de agente do Estado e de controle da sociedade, buscou estigmatizar os representantes do racionalismo, da filosofia iluminista, seja por meio dos cultos ou da imprensa, como sendo os responsáveis pelos “males” e “pragas” que teriam produzido o terror jacobino e a “desmoralização” dos povos (CHAPPEY, 2002, pp. 13-14). Nesse período, tem atuação destacada o clérigo François-René de Chateaubriand, em *Génie du christianisme*, livro produzido durante seu exílio na década de 1790, mas publicado em 1802, o autor se apresenta como o “anti-Voltaire”. Uma produção apologética através da qual Chateaubriand se vale da Astronomia e da História Natural para reforçar os dogmas da Igreja: os fósseis encontrados nas montanhas seriam as provas do dilúvio e da cólera de Deus e as posições do Sol no amanhecer, ao meio-dia e ao entardecer corroboram a santíssima trindade. Por meio de poemas, o autor procurava relacionar a idade da Terra e

o texto bíblico. Mesmo não sendo uma unanimidade no interior da Igreja, o livro *Génie du chrietianisme* foi um sucesso público (PERRU, 2014, p. 34).

Somente a partir da Restauração os discursos de alguns quadros do clero em favor do desenvolvimento científico passaram a ser ouvidos no interior da Igreja Católica. Em um momento de reaproximação da Igreja com o aparelho de Estado francês, Monsenhor Denis-Antoine Frayssinous foi agraciado com o cargo de Grão-Mestre de Universidade em 1822. Nesse mesmo ano foi nomeado para assumir o recém criado Ministério dos Afazeres Eclesiásticos e de Instrução Pública, órgão que chefiou até o ano de 1826, dois anos antes de o Ministério da Instrução Pública se constituir como um ministério à parte. Ele é o autor da famosa conferência *Moisé considéré comme historien des temps primitifs* (1817), quando promoveu uma adaptação das teorias propostas por Buffon e Cuvier às narrativas de Moisés, tornando flexível o significado e assimilando os dias do Gênesis a períodos de tempo de duração indeterminada. Um esforço de convergência com as descobertas oriundas das pesquisas geológicas que expandia a idade da Terra para além do texto bíblico, liberando os religiosos a se dedicarem ao estudo da Geologia (CHAPPEY, 2002, p. 12; PERRU, 2014, pp. 92-93).⁶⁶

Essa nova situação abriu espaço para os clérigos críticos às posturas assumidas pela instituição contra o desenvolvimento científico se fizessem ouvir. Novos jornais católicos, como o *Le Catholique*, denunciavam o fato de o clero não acompanhar o desenvolvimento científico. Durante o decênio de 1820, o livro *Génie du chrietianisme* passou a ser considerado por parte significativa do clero como um material fantasioso e carente de provas, mais nocivo que útil ao catolicismo (PERRU, 2014, p. 72).

Nesse contexto de reaproximação com as ciências outros clérigos ganharam projeção, dentre eles destaca-se a figura de Félicité de Lamennais que deplorava a adesão dos religiosos ao lirismo presente na obra *Génie du crihstianisme* de Chateaubriand (PERRU, 2014, p. 132). Lamennais argumentava que a Igreja Católica deveria deixar de estigmatizar as ciências e passar a investir no campo da produção científica a partir do desenvolvimento de uma “ciência católica” a se inscrever no combate pela defesa do catolicismo.⁶⁷ Para Lamennais e seus seguidores, a religião católica era a única

⁶⁶ Porém, para Frayssinous os praticantes da “verdadeira” ciência seriam homens da estirpe dos católicos Cauchy e Ampere, ou do protestante Cuvier - cuja hipótese do fixismo era apropriada pela visão ortodoxa da Criação - ante à “falsa” ciência representada por Lamarck e sua teoria do transformismo empenhada em “lançar a humanidade na escuridão” (PERRU, 2014, p. 88).

⁶⁷ Segundo Laplanche (1988, pp. 64-66), o termo “ciência católica” variou ao longo do século XIX desde que foi utilizado por Lamennais e seus seguidores. Na década de 1830, Gerbet, discípulo de Lamennais, argumentava que a ciência católica presidida pela Teologia tinha o objetivo de melhorar e desenvolver a

“verdadeira” e universal. O projeto de “ciência católica” consistia em colocar os diferentes saberes e conhecimentos humanos a serviço da Teologia. Nas palavras de Chappey, “Lamennais estabelece um projeto enciclopédico visando reconstituir uma coerência epistemológica e uma unidade metodológica (certeza pela fé baseada em evidências) entre os diferentes tipos de conhecimento” (CHAPPEY, 2019, p. 12).⁶⁸

Lamennais reuniu muitos seguidores e seus escritos se disseminaram por várias dioceses e conventos da França e da região da Savóia. Segundo Collombat (2016, pp. 340-341), Lamennais em seus escritos

Aproveitou para apelar ao clero para que renovasse a ciência religiosa para adaptá-la à evolução da sociedade. Trata-se de ensinar nos seminários uma teologia que não afasta mais os alunos. Isso é crucial, especialmente em Savóia, após a hemorragia que afetou o clero após a Revolução (COLLOMBAT, 2016, p. 341).⁶⁹

Mesmo afastado da Igreja em 1832 por ocasião da publicação da encíclica *Mirais Vos* que o condenou por flertar com o movimento revolucionário de 1830 e por defender abertamente a separação entre a Igreja e o Estado, colocando-se em rota de colisão com a política antiliberal do papado, a corrente lamennaisiana deixou frutos (PERRU, 2004, p. 138; GUIGNARD e FAGES, 2018, p. 5).

De certa forma, o legado de Lamennais pode ser sentido no âmbito do movimento de popularização das ciências, no qual a imprensa periódica e o mercado editorial desempenharam papel fundamental, contribuindo para constituir um público para as ciências. Bensaude-Vincent analisando a difusão e a duração dessas revistas de popularização das ciências não deixou de destacar a vitalidade do projeto conduzido por abade Moigno (um dos clérigos citados por Senna Freitas na epígrafe desse capítulo). Nas palavras da autora:

Até o final do século [XIX]: depois de *Cosmos*, uma revista enciclopédica do progresso das ciências e suas aplicações nas artes e na indústria criada em 1852 por um eclesiástico, Abbé Moigno, aparece *L'Ami des sciences* fundado em 1855 de Victor Meunier, depois *La*

inteligência humana. Porém, no periódico *La Science catholique* lançado em 1886, o termo era usado em oposição à “ciência falaciosa” que separava seu empirismo da filosofia católica da história.

⁶⁸ No original: “Lamennais met en place un projet encyclopédique susceptible de reconstituer une cohérence épistémologique et une unité méthodologique (la certitude par la Foi fondée sur l'évidence) entre les différents savoirs.”

⁶⁹ No original: “Il en profite pour appeler le clergé à renouveler la science religieuse pour l'adapter à l'évolution de la société. Cela passe par l'enseignement dans les séminaires d'une théologie qui ne rebute plus les élèves. Cela est crucial surtout en Savoie, après l'hémorragie qui a touché le clergé suite à la Révolution.”

Science pour tous, criado em 1856 por H. Le Couturier, que ao mesmo tempo lançou o *Le Musée des sciences*. Ao todo, 15 revistas apareceram em Paris em 1865, com expectativa de vida extremamente variável. Alguns duram apenas cinco ou seis anos, outros como *Cosmos*, do Padre Moigno, suportaram altos e baixos, cisões e reconciliações, até 1935 (BENSAUDE-VINCENT, 1993, p. 50).⁷⁰

De acordo com Perru (2016, p. 30), os eclesiásticos tiveram uma participação pouco efetiva no empreendimento da popularização das ciências, entretanto, o abade Moigno figura entre os mais profícuos nessa atividade considerando os dois universos, o religioso e o leigo. Moigno não escondia sua pretensão em relacionar a ciência e a fé. Ele manteve uma publicação robusta, traduziu livros, realizou conferências e coordenou projetos editoriais falando em nome do progresso e das ciências, mas buscando concordar esses assuntos aos dogmas católicos, em última instância, subordinando a razão à fé (REDONDI, 1988, p. 207).⁷¹

Perru (2016) ao analisar as publicações da revista *Cosmos* nos informa que o projeto editorial era enciclopédico e manifestava um interesse eclético pelas ciências como Física, Química, História Natural, Matemática, Astronomia etc. As publicações também permitiam aos leitores entrarem em contato com o contexto dos progressos técnicos de interesse à economia, como os avanços no sistema de transportes ferroviário e marítimo, na iluminação privada e pública, na mecânica, na Medicina, na indústria etc. Além disso, no periódico havia a replicação de publicações de boletins meteorológicos do Observatório de Paris e de efemérides como tempestades e passagens de cometas. Moigno, exortava ainda as autoridades públicas, francesas e inglesas a prestarem a atenção na aplicação de progressos que ele julgava pertinente para a dinamização da economia e para a melhoria da qualidade de vida de suas populações. Mas, ao mesmo tempo que defendia os benefícios do progresso, alertava para a sedução e os perigos desse mesmo progresso de estimular o fascínio e o materialismo, afastando os homens de Deus e fazendo da humanidade o espaço da barbárie (PERRU, 2016, p. 48).

⁷⁰ No original: “jusqu'à la fin du siècle: après *Cosmos*, revue encyclopédique des progrès des sciences et de leurs applications aux arts et à l'industrie créé en 1852 par un ecclésiastique, l'abbé Moigno, paraît *L'Ami des sciences* fondé en 1855 par Victor Meunier puis *La Science pour tous* créé en 1856 par H. Le Couturier, qui lance en même temps *Le Musée des sciences*. Au total, 15 revues paraissent à Paris en 1865 qui ont des durées de vie extrêmement variables. Certaines ne durent que cinq ou six ans, d'autres comme *Cosmos*, de l'abbé Moigno, perdurent avec des hauts et des bas, des scissions puis des réconciliations, jusqu'en 1935.”

⁷¹ Dos trabalhos publicados por Moigno, destacamos *Traité de télégraphie électrique*, Paris 1849; *Les accidents des chemins de fer et l'électricité. Système de signaux électriques*, Paris 1856; *Le Stéréoscope et le Pseudoscope*, Paris 1852; "Préface", A. Cauchy, *Sept leçons de physique générale*, Paris 1885. *Cours de sciences vulgarisée, résumé oral du progrès scientifique et industriel*, Paris, 1864-1866. Moigno também traduziu trabalhos de diversos autores como Tyndall, Grove, Rankine, Secchi (REDONDI, 1988, p. 207).

A questão do desenvolvimento científico e do progresso material também foi tema das sociedades eruditas, muitas delas fundadas ou frequentadas por homens da Igreja. Para fecharmos esse tópico, cabe pontuar conforme Ploux (2018, p. 24) que, antes da criação tardia dos estabelecimentos de pesquisa em metrópoles como Paris, as sociedades eruditas provincianas eram instâncias legítimas na promoção de uma cultura erudita, quando não, científica. Nesses ambientes, os indivíduos atuavam às margens da ciência profissional, convertiam mérito em estima social e apresentavam uma preocupação com o bem público e o progresso material local.

Esses locais funcionavam como espaços de sociabilidade e permitiam aos religiosos um ambiente formativo em paralelo àqueles sob o controle da Igreja. Alguns homens da Igreja, geralmente oriundos de meios abastados, sentiam a necessidade de extrapolar o âmbito da formação clerical e desempenhar pesquisas em outras áreas do conhecimento como forma de promover seu desenvolvimento intelectual. Muitas dessas sociedades, que contavam com especialistas e diletantes entre seus membros, eram frequentadas por homens do clero francês e do clero savoiardo. De acordo com Collombat (2016, p. 169), em fins do século XVIII, ao menos 20% do público das academias francesas era constituído por homens da igreja.

Na região da Savóia, também houve sociedades fundadas ou frequentadas por sacerdotes oriundos do alto clero. Dentre elas destaca-se o caso da Academia do Vale de Isère de 1865 que teve o padre François-Marie Million entre os fundadores e o caso da Sociedade de História e Arqueologia de Maurienne fundada pelo reverendo Saturnin Truchet em 1856. Em Chambéry, em 1824, a Sociedade Real Acadêmica tem o então cardeal Alexis Billiet, mais tarde bispo, entre seus fundadores; em 1844, é inaugurada a Sociedade de História Natural, seguida do Museu de História Natural, pelo cônego Chamousset, ambos representantes do clero secular (COLLOMBAT, 2016). Tais eram os principais dispositivos intelectuais da capital da Savóia, essa região periférica e quase esquecida do Reino do Piemonte, onde, a partir da Restauração, a Igreja católica voltaria a desempenhar um papel de agente do Estado. Avaliar tal contexto associado ao retorno dos capuchinhos para Savóia nos leva ao encontro de indícios que explicariam parte dos interesses de frei Germano de Annecy.

2.2 - Frei Germano de Annecy e o interesse pelas ciências na Savóia

Para construir esse tópico caminhamos por indícios, uns mais outros menos contundentes, por meio de fontes que situam nossas indagações de maneira tangencial, indireta, mas que a partir de uma “escuta atenta ao passado” (DAVIS, 1987, p. 21) nos pareceu possível abordar o “horizonte de possibilidades latentes” onde “se exercita a liberdade condicionada de cada um” (GINZBURG, 2006, p. 20), para conseguir explicar frei Germano.

A ausência de planos de estudos que constituíram a formação capuchinha de frei Germano impôs algumas dificuldades. Porém, a ausência de menção a existência de Gabinetes de Física, Museu de História Natural e de Observatórios nos conventos dos capuchinhos de Savóia nos pareceu um sinal evidente de que a prática científica não era uma prioridade da ordem, mais ocupada em consolidar seu processo de restauração na região pós Congresso de Viena e em combater a ausência de professores e alunos. Não que os capuchinhos de Savóia fossem hostis ou indiferentes a determinados tipos de prática e de conhecimento científico, mas não encontramos entre eles outros exemplos de freis que mantiveram interesses e produções em áreas variadas tais como Astronomia, Meteorologia, Física, História Natural, como foi o caso de frei Germano de Annecy.

Com relação a esse assunto temos algumas considerações.

A primeira refere-se ao fato de que em 1842, frei Germano professa seus votos de formatura de noviciado diante do definidor guardião Laurent d’Aoste (PRETS DES PROMESSES..., 1828, p. 184), um sacerdote que ficaria bastante conhecido entre os capuchinhos. Laurent entrou no convento de Yenne em maio de 1828 e se tornou padre em 1832. A partir daí assumiu uma série de cargos: foi professor de Filosofia e de “cursos acessórios” nos conventos de Yenne, Chambéry e La Roche-sur-Foron; de 1836 a 1841, foi o guardião do convento de La Roche-sur-Foron; de 1841 a 1845 foi o definidor da Província dos Capuchinhos. Mais tarde, se tornou encarregado da Província dos Capuchinhos da França, cargo exercido de 1847 a 1865 em Paris, ainda ocuparia o cargo de vigário geral da diocese d’Aoste e a partir de 1875 e seria o provincial eleito da Savóia até o ano de sua morte em 1880 (GOGNIN, 1935, pp. 267-268; BARENTON, 1904, p. 122).

Durante o período em que esteve encarregado da Província dos Capuchinhos na França, sediada em Paris, publicou o cerimonial para a formação dos capuchinhos. Nessa publicação, Laurent d’Aoste (1860, p. 267) definiu que o currículo para a formação dos

freis naquela província consistia “em cursos de filosofia, matemáticas e física, teologia dogmática e moral e eloquência sagrada. Além desses cursos principais, duas aulas de escrituras sagradas e duas aulas de história eclesiástica são dadas por semana”.⁷²

Vê-se que em Laurent havia uma preocupação com o ensino de ciências para a formação dos freis capuchinhos. De fato, Laurent foi um homem de múltiplos interesses e um curioso pela ciência e sua relação com as sagradas escrituras como duas de suas publicações *Études géologiques, philologiques et scripturales sur la Cosmogonie de Moïse*, publicado em 1863 e o *Traité élémentaire de géologie*, sem data. Suas produções lhe permitiram se tornar membro de sociedades eruditas como a Sociedade Real Acadêmica, sediada em Chambéry, e a Academia Saint-Anselme (ou Académie Valdôtaine) do qual foi presidente entre 1867 e 1878 (GOGNIN, 1935, p. 267, 268; BARENTON, 1904, p. 122).⁷³

Frei Germano foi aluno de Laurent d’Aoste durante o noviciado em La Rochesur-Foron e, talvez, durante seus estudos no convento de Chambéry. É possível que frei Germano o tenha acompanhado nas diversas missões de inverno pelas cidades de Marselha, Lyon, Toulouse, Paris etc., e que como fruto dessa convivência, entre discípulo e mestre, tenha desenvolvido interesse pelos estudos científicos, talvez mais especificamente pela geologia se considerarmos os títulos das publicações citadas acima.

Uma segunda consideração refere-se ao ambiente cultural de Chambéry e o papel desempenhado pelo clero secular na promoção das ciências no local. E por que isso nos interessa? Depois de professar seus votos de noviço em 1842, frei Germano se estabeleceu em Chambéry a fim de complementar seus estudos. Na época, a cidade contava com cerca de 16 mil habitantes, pequena, mas crescia ano a ano em razão de novos impulsos administrativos, religiosos, comerciais e industriais realizados a partir do processo de restauração da monarquia sarda (GILLIO, 1946, p. 301).

Nesse período, o principal convento dos capuchinhos da Savóia tinha apenas 24 anos. O retorno dos capuchinhos para Chambéry em 1818 também contou com o envolvimento de membros do clero secular como o é o caso do monsenhor Rey, então vigário geral a época, e futuro membro da Academia Real de Ciências (JUSSIÉU, 1863, p. 183). O interesse do clero secular na ordem dos capuchinhos era preencher a lacuna de

⁷² No original: “cours de philosophie, de mathématiques et de physique, de théologie dogmatique et morale, et d’éloquence sacrée. Outre ces cours principaux, on donne par semaine deux leçons d’Écriture sainte et deux leçons d’histoire ecclésiastique.”

⁷³ Laurent d’Aoste foi um doutrinador produção literária abarca livros de cunho estritamente religioso, endereçados especificamente à formação dos capuchinhos, como o *Manuel du Tiers-Ordre de notre séraphique père Saint François dit de l’ordre e de la pénitence* publicado em 1845.

entidades religiosas destinadas à pregação e à atividade missionária provocada pelo período revolucionário. Para o monsenhor Rey, a presença de uma ordem missionária apresentaria ainda a vantagem de fornecer ao “clero secular um exemplo vivo da prática dos conselhos evangélicos no sacerdócio” (RUFFIN, 1858, p. 127).⁷⁴

Cabe destacar que se os capuchinhos forneceria um exemplo de conduta apostólica aos membros do clero secular, frei Germano de Annecy se inspiraria em uma ambiência cultural que em parte era constituída sob a égide dos sacerdotes diocesanos que atuavam em Chambéry para desenvolver alguns aspectos de seu gosto pelas ciências.

Os capuchinhos foram a única ordem religiosa masculina a retornar à Chambéry na primeira metade do século XIX. A volta deles coincide com a reorganização geral do clero na cidade. Em 1819, a capital dos estados da Savóia recuperava o status de sede arquidiocesana. Sob o comando do clero secular estava o Grande Seminário de Chambéry, instituição estabelecida em 1803 com o intuito de formar o clero da diocese. Destacamos que além das disciplinas de Teologia, de Filosofia, de História Eclesiástica, de Eloquência Sagrada e Escritura Santa, no currículo do seminário estava presente também a disciplina de Física (JUSSIEU, 1863, p. 181).

O interesse do clero pelas ciências extrapolou o âmbito daquela instituição. O clero secular organizou e dirigiu as únicas duas sociedades eruditas e científicas da cidade. A primeira, a Sociedade Real Acadêmica, fundada no ano de 1824, teve como entusiasta Alexis Billiet, antigo professor do Grande Seminário de Chambéry, vigário geral na época e futuro arcebispo da região. Já, a segunda, a Sociedade de História Natural, fundada em 1844, pelo prelado e ex-aluno do Grande Seminário da cidade, Chamousset François-Marie. Essa sociedade contava ainda com um Jardim Botânico e um Museu de História Natural (FERRARIS, 1847, p. 74; COLLOMBAT, 2016, p. 169).

O bispo Billiet é descrito por Collombat como alguém que “queria disseminar entre seu clero os grandes avanços científicos de sua época. Na verdade, ele está muito interessado em aumentar o nível intelectual de seus padres” (COLLOMBAT, 2016, p. 170).⁷⁵

Os esforços do bispo foram exitosos nesse sentido. Junto de Chamousset, alimentava o interesse pelo estudo da Teologia, Mineralogia, Geologia, Botânica, Meteorologia etc. De modo que, quando frei Germano chegou à cidade, já havia uma

⁷⁴ No original: “clergé séculier un exemple vivant de la pratique des conseils évangéliques dans le sacerdoce.”

⁷⁵ No original: “En réalité, Mgr Billiet veut diffuser dans son clergé les grandes avancées scientifiques de son temps. En effet, il est très attaché à accroître le niveau intellectuel de ses prêtres.”

tradição de medições meteorológicas em Chambéry, com publicações em periódicos iniciadas por Billiet e adensadas por Chamousset que se valeu da instalação de instrumentos como termômetros e barômetros no Seminário e nas igrejas de diferentes cidades da região (PILLET, 1892, pp. 112-113).

É bastante significativo que esses equipamentos culturais, Grande Seminário, Jardim Botânico e Museu de História Natural, distassem, cada qual, cerca de um quilômetro do convento dos capuchinhos. Mesmo a despeito do rigor disciplinar imposto pela regra dos capuchinhos é muito improvável que frei Germano, na condição de estudante ou mesmo depois de professado seus votos de padre, não tenha conhecido nenhum desses lugares.

Também vamos encontrar uma afinidade entre os interesses científicos de frei Germano e as publicações periódicas realizadas pela Sociedade Real Acadêmica. Essa sociedade, ao longo do século XIX, teve entre seus membros cânones, padres, abades, missionários capuchinhos, professores do Grande Seminário de Chambéry, dividindo espaço com professores universitários, advogados, naturalistas, físicos, geólogos, arqueólogos, militares, médicos, engenheiros, arquivistas, além de políticos, condes e barões.⁷⁶

Tal diversidade de perfis é expressão de uma sociedade eclética publicando assuntos relacionados à História, à Literatura, à Religião e mantendo interesses científicos variados que encontram um denominador comum na produção e difusão de conhecimentos locais, dentre eles, conhecimento científicos que pudessem ser úteis, que apresentassem uma aplicabilidade passível de ser revertida no desenvolvimento material de Chambéry e região. Essa postura é pretendida e se evidencia logo no discurso de abertura realizado pelo secretário da sociedade

Sempre se desejou, e com razão, que se estabelecesse em Chambéry uma Sociedade especialmente dedicada à pesquisa útil ao país e à coleta de todos os pontos de vista que possam contribuir para o bem público. [...] Se pudéssemos acreditar que o progresso do conhecimento e da indústria não acompanhou na Saboia, na proporção exata, o aumento da população e das necessidades públicas e privadas que são, posteriormente, a principal causa desse atraso só se poderia encontrar na falta de meios adequados para dar a conhecer os recursos que as nossas montanhas oferecem à agricultura e indústria transformadora,

⁷⁶ No site da sociedade é mantida publicada uma lista dos membros de 1819 a 1909. Durante o período se verifica essa diversidade, esse ecletismo presente no quadro dos membros da sociedade. Ver: <<https://www.academiasavoie.org/>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

suscitar uma emulação útil, provocar a investigação e acelerar o desenvolvimento das artes (RAYMOND, 1825, p. 4).⁷⁷

O discurso de Raymond foi proferido 39 anos antes da publicação da *Quanta Cura* e dava o tom dos objetivos pretendidos pelo alto clero savoiano naquele canto mal atendido do Reino do Piemonte. Monsenhor Raymond, narra ainda, que numa das reuniões de formação conduzidas por Billiet, o cardeal expos que pretendia um braço de trabalho na sociedade voltado “a observações botânicas, zoológicas, mineralógicas e meteorológicas aplicadas às localidades” (RAYMOND, 1825, p. 16).⁷⁸

Quando frei Germano chegou em Chambéry, a Sociedade Real Acadêmica estava há 17 anos em funcionamento e já tinha publicado 10 tomos da revista *Mémoire de la société académique de Savoie*.⁷⁹ É provável que o convívio com o frei Laurent d’Aoest tenha-o instigado a se interessar pelas atividades científicas do clero local e nas publicações da sociedade.

Os trabalhos da sociedade contaram, principalmente, com o envolvimento contundente do abade Rendu, também um ex-aluno do Grande Seminário de Chambéry e bispo de Annecy entre 1843 e 1859, e o já citados Alexis Billiet e Chamousset. Por meio da publicação da revista, eles não deixavam de conciliar progressos científicos e certas visões teológicas. Por exemplo, em seu primeiro artigo, publicado no volume de estreia da sociedade Rendu (1827, p. 98), ao abordar “as causas da irregularidade dos ventos na parte inferior da atmosfera” refutou a explicação que estaria presente no verbete “vento” da Enciclopédia, argumentando: “É inútil refutar metodicamente uma teoria tão improvável como aquela que atribui a irregularidade do vento às explosões repentinas produzidas pela fermentação das exalações” (Rendu, 1827, p. 123).⁸⁰ O autor preferia pensar que tais irregularidades eram causadas pelos obstáculos que se interpunham ao fluxo do vento na parte inferior da atmosfera. Para além da causa da “irregularidade dos

⁷⁷ No original: “On a toujours désiré, et avec raison, qu’il pût s’établir à Chambéry une Société spécialement occupée de recherches utiles au pays et de recueillir toutes les vues qui peuvent concourir au bien public. [...] Si l’on pouvait croire que le progrès des lumières et de l’industrie n’eût pas suivi en Savoie, dans une exacte proportion, l’accroissement de la population et celui des besoins publics et privés qui en est la suite, la cause principale de ce retard n’aurait pu se trouver que dans le défaut de moyens propres à faire connaître les ressources que nos montagnes offrent à l’industrie agricole et manufacturière, à exciter mie utile émulation, à provoquer les recherches et à accélérer le perfectionnement des arts.”

⁷⁸ No original: “d’observations appliquée aux localités, sur la botanique, la zoologie, la minéralogie et la météorologie.”

⁷⁹ A publicação foi irregular como se pode notar: tomo 1, 1825; tomo 2, 1827; tomo 3, 1828; tomo 4, 1830; tomo 5, 1831; tomo 6, 1833; tomo 7, 1835; tomo 8, 1837; tomo 9, 1839; tomo 10, 1841; tomo 11, 1843; tomo 12, 1846.

⁸⁰ No original: “Il est inutile de réfuter méthodiquement une théorie aussi invraisemblable que celle qui attribue l’irrégularité du vent aux explosions subites produites par la fermentation des exhalaisons.”

ventos”, o autor em seu artigo prescindiu de explicações teológicas para afirmar a posição da Igreja que ele representava.

Allexis Billiet, também no primeiro volume, reforçava as posições do clero. Em *Aperçus géologiques sur les environs de Chambéry*, queixava-se “Depois de um século, os filósofos parecem ter se concentrado para atacar direta ou indiretamente a história sagrada, florescendo no que diz respeito ao dilúvio e à criação” (BILLIET, 1825, p. 135).⁸¹

O cerne da questão para ele era que para fazer retroagir a idade da Terra se descarta “qualquer ideia de catástrofe; todos os fenômenos presentes na superfície do globo são explicados pela ação lenta das causas ordinárias” (BILLIET, 1825, p. 135).⁸²

Corbin captou bem o clima intelectual e cultural do início do século XIX ao mencionar as diferentes percepções que duas pessoas poderiam ter dos rochedos oceânicos: “Para uma, os rochedos costeiros figuravam os restos imutáveis do dilúvio; para a outra, o resultado da usura do tempo, o sinal da infinita sucessão dos ciclos geológicos” (CORBIN, 1998, p. 102).

É verdade que Alexis Billiet não faz de seu texto uma defesa do dilúvio em si, mas busca descredibilizar os interlocutores que elegeram ao mencionar que vai apresentar aos leitores os resultados de suas observações feitas nos arredores de Chambéry “para provar que o estado atual desta bacia não pode ser atribuído exclusivamente ao lento e progressivo funcionamento das causas ordinárias, e para demonstrar a ação violenta de uma ou mais catástrofes” (BILLIET, 1825, p. 135).⁸³

O que se segue é uma exposição da composição geológica da bacia local com base na discussão a respeito da presença do que chamou de três classes de rocha “calcário, arenito e cascalho”.

Billiet apresenta sua perspectiva de uma ciência católica, ao mesmo tempo que dá a conhecer as montanhas, a composição mineral das montanhas, sempre passíveis de ser úteis ao progresso da agricultura e da industrialização. As questões de ordem mais apologéticas ficaram mais restritas aos artigos que tinham a Geologia por tema, embora

⁸¹ No original: “Depuis un siècle, les philosophes ont paru s'être concertés pour attaquer directement ou indirectement l'histoire sainte, surtout en ce qui regarde le déluge et la création.”

⁸² No original: “toute idée de catastrophe; on explique tous les phénomènes que présente aujourd'hui la surface du globe, par l'action lente des causes ordinaires.”

⁸³ No original: “pour prouver que l'état présent de ce bassin ne peut pas être attribué exclusivement à l'opération lente et progressive des causes ordinaires, et démontrer l'action violente d'une ou de plusieurs catástrofes.”

fossem mobilizadas apenas para introduzir explicações mais gerais a respeito da paisagem do entorno de Chambéry.

Ao longo dos 12 volumes, publicados de 1825 a 1847, os conteúdos da revista foram muito variados abordando questões filosóficas; características históricas; arqueológicas; mas também geográficas, topográficas, geológicas e meteorológicas de Chambéry e do entorno; teorias a respeito da formação dos ventos, das geadas e do orvalho; práticas agrícolas; no campo da saúde, epidemias e vacinas, a descoberta de remédios, o desenvolvimento de novos procedimentos médicos cirúrgicos; no campo da Física, Ótica, Eletricidade e Magnetismo; sem deixar de mencionar os novos processos industriais nas áreas da vestimenta, metalurgia etc.

A revista da Sociedade ainda publicou a correspondência que Rendu trocou com Biot, então professor de Física Matemática no Collège de France, a respeito de fenômenos magnéticos (MEMÓIRE, 1828), e as cartas trocadas com os naturalistas M. De Luc e M. Lecoq, a respeito de assuntos ligados à Geologia e à Mineralogia (MÉMOIRE, 1848).

Mas, convém destacar que a meteorologia, as condições climáticas de Chambéry e região e suas ligações com a agricultura estiveram entre os assuntos mais recorrentes. Nos dois primeiros volumes da revista da sociedade, Alexis Billiet forneceu sínteses de dados climáticos de dois anos. Essas sínteses tomavam entre 15 e 20 páginas da publicação e eram constituídas por tabelas com registro de médias mensais calculadas a partir de observações com barômetros e termômetros, pluviômetros etc. Billiet ainda tecia comentários sobre as condições climáticas locais e o comportamento observado de seus aparelhos, como se vê na proposição a seguir: “Normalmente, o barômetro e o termômetro trabalham em direções opostas: quando um sobe, o outro desce e vice-versa” (BILLIET, 1827, p. 250).⁸⁴

Nos quatro volumes seguintes, com a nomeação do cardeal Billiet para o bispado de Maurienne, os boletins com as sínteses das observações meteorológicas ficaram a cargo de um dos sócios-fundadores, o médico Gouvert. Com ele, os boletins foram agregados a extensos relatórios sobre agricultura local, relacionando o desenvolvimento vegetal da região às condições climáticas de cada estação, devidamente registrada por seus aparelhos. A publicação de boletins meteorológicos foi retomada no penúltimo tomo da revista quando Chaumosset (1845, pp. 101-113) publicou um extenso boletim com a

⁸⁴ No original: “Ordinairement le baromètre et le thermomètre marchent en sens inverse: quando l’un s’élève, l’autre baisse, et réciproquement.”

síntese de 1829 a 1842 das observações pluviométricas por ele registradas, relacionando-as com a prática agrícola.

Mas, a meteorologia não se fazia presente apenas em forma de sínteses e boletins. Direta ou indiretamente, ela esteve presente em assuntos de natureza prática, descritiva ou teórica.

Rendu, em 1841, no longo artigo *Théorie des glaciers de la Savoie* (1841, pp. 39-159), abordou o papel das chuvas, do vento, da neve, da topografia da região do entorno de Chambéry na formação do gelo presente nas cadeias montanhosas. Já Billiet, em 1843, em *Des brises périodiques dans les vallées des alpes* (1843, pp. 1-24) discutiu a características das brisas observadas a partir de seus aparelhos situados em Maurienne, relacionando-as aos meses, às estações do ano e à topografia local. No mesmo ano, o abade Chamousset publicou o trabalho *Élévation de Chambéry au-dessus du niveau de la mer, pour servir de base au nivellement barométrique* (1843, pp. 24-90) em que revisou os estudos a respeito das alturas das montanhas de Chambéry, combinando-os com novas observações barométricas para estabelecer novos valores para o relevo da região.

Além desses trabalhos técnico-científicos, a abordagem das condições meteorológicas e climáticas da região podia assumir contornos pitorescos quando os frades tentavam deprender meios de prevenir a região dos efeitos deletérios das quedas acentuadas e abruptas da temperatura. Na edição de 1830, por exemplo, o abade Genevois (1830, p. 157-189) publicou *Mémoire sula la nature des vapeurs aqueuses et sur la formation de la grêle*. Trata-se de um interessante e curioso artigo em que o autor realizou um estado da arte a respeito da ocorrência do granizo, fenômeno ainda mal compreendido à época. A partir da constatação do papel da eletricidade na formação desse fenômeno climático, supôs criar sistemas de “paragranizo”, colocando hastes de ferro no cume das árvores mais altas da região. O autor defende que

Seguindo este método, temos tanto madeiramento como antigranizo em geral; e este último muito mais eficaz, pois buscará eletricidade muito mais alto, que a extrairá por vários pontos, e que a conduzirá pelo tronco da árvore, condutor igual a vários milhares de fios de ferro (GENEVOIS, 1830, pp. 159-160).⁸⁵

⁸⁵ No original: “En suivant cette méthode, nous avons à la fois un boisage et un paragrêlage général; et ce dernier beaucoup plus efficace, puisqu'il ira chercher l'électricité bien plus haut, qu'il la soutirera par plusieurs pointes, et qu'il la conduira par le tronc de l'arbre, conducteur égal à plusieurs milliers de fils de fer.”

De certa forma, o artigo de Genevois convergia com os propósitos do abade Rendu de buscar meios de preservar a agricultura local das intempéries do clima. Em 1827, abade Rendu em *Effets que la fumée peut produire dans l’atmosphère pour préserver la végétation d’un abaissement de température capable de la détruire* (1827, pp. 35-65) cogitou, num curioso artigo, a possibilidade de produzir nuvens artificiais com fumaça como forma de proteger a agricultura da região dos fenômenos climáticos adversos. Rendu partia de suas observações coadunadas por sua constatação de que as geadas são antecedidas por noites calmas e serenas. Sendo assim, bastaria reconhecer um padrão informado por observações meteorológicas e produzir nuvens artificiais feitas de fumaça pois “a presença de nuvens ou a agitação da atmosfera são, portanto, conservantes. Na impotência de agir sobre camadas de ar para movê-los e produzir o vento, tentamos formar nuvens artificiais” (1827, pp. 39-40).⁸⁶

A partir da observação e da produção de dados sistemáticos do comportamento do clima da região, da identificação das pré-condições de formação de geadas, neve e granizo, se poderia testar a produção de nuvens como artifício para afastar o mau tempo. Por óbvio, a questão aqui não é julgar o fundamento do argumento de Rendu ou de Genevois, as ciências são feitas de postulações equivocadas de tentativas e erro, mas afirmar o papel da Sociedade e dos clérigos que a compuseram na promoção do desenvolvimento local, na imaginação, na proposição de soluções para os problemas locais, no seu papel de agente do Estado.

Pelo conjunto formado a partir da finalidade da sociedade em promover uma ciência utilitária, dos procedimentos adotados pelo grupo para a comunicação da produção, pela associação formada em prol do progresso de Chambéry e região, pela convergência dos assuntos valorizando o elemento local segundo as mais variadas áreas do saber (História, Literatura, Mineralogia, Meteorologia, Botânica etc.) compreendemos a Sociedade Real Acadêmica como um *lugar de saber*, que em sentido amplo, é definido por Jacob como

o conjunto de procedimentos pelos quais os membros de uma sociedade, ou de um grupo nessa sociedade, dão sentido ao mundo que os cerca, em suas dimensões físicas e metafísicas, visíveis e invisíveis, ao mundo dos seres vivos ou da matéria inerte, ao mundo humano em todas as suas dimensões, ao tempo e ao espaço. Esses procedimentos

⁸⁶ No original: “La présence des nuages ou l’agitation de l’atmosphère sont donc des préservatif. Dans l’impuissance d’agir sur les couches d’air pour les déplacer et produire le vent, on a essayé de former des nuages factices.”

materializam-se na linguagem, nas formas discursivas, no manejo dos signos e dos símbolos, nos artefatos, nos instrumentos, nos gestos e nas práticas que pretendem agir sobre esse mundo (JACOB, 2012, p. 211).

Ao menos indiretamente, frei germano participou desse *lugar do saber*. Já não nos parece nenhuma coincidência que frei Germano de Annecy tenha publicado nos jornais brasileiros boletins meteorológicos, artigos mencionando a importância da meteorologia para a prática agrícola e ter constituído coleções de mineralógicas. Não nos surpreende afirmações presentes na homenagem póstuma realizada por Senna Freitas (1890, p. 1) que frei Germano enquanto esteve na França teria escrito um interessante trabalho na área de Geologia. Se não encontramos nenhum indício que comprove esse fato, não deixamos de apreender uma correspondência entre os interesses de frei Germano e os manifestados pelos clérigos implicados nas sociedades eruditas da cidade de Chambéry.

A hipótese de que frei Germano de Annecy, caso não tenha chegado a frequentar as reuniões dessas entidades, tenha tido acesso às publicações delas não deve ser descartada. A possibilidade se fundamenta no fato de que a constituição dessas sociedades visava também o desenvolvimento intelectual do clero e não devemos desconsiderar uma relação de proximidade entre o clero secular e os capuchinhos em Chambéry da primeira metade do século XIX.

Monsenhor Rey que intercedeu pelo retorno dos capuchinhos para Chambéry era amigo de frei Eugène de Rumilly e membro da Sociedade Real Acadêmica (JUSSIÉU, 1863, p. 183), e, por ocasião da morte frei Eugène, um canône de Chambéry e membro da Academia realizou uma oração fúnebre na igreja da ordem dos capuchinhos naquela cidade no dia 11 de maio de 1843 (MÉNABRÉA, 1846, p. 609).

Outro exemplo de proximidade entre os capuchinhos e o clero secular é o fato de que o antigo secretário perpétuo da Academia, o membro com o maior número de publicações de trabalhos científicos naquela entidade e, então bispo da diocese de Annecy, Louis Rendu ter solicitado no ano de 1859 a presença de Alphonse de Rumilly - ex-procurador geral dos capuchinhos, e um dos primeiros membros da ordem restaurada - no Grande Seminário de Chambéry para que o acompanhasse em seus últimos momentos de vida. O abade Guillermin, um dos biógrafos de Louis Rendu, narra a seguinte passagem com ele: “às três da tarde, ele [Rendu] me disse: ‘você [Guillermin] deve escrever ao padre Afonso; diga para que venha; quero fazer um pequeno retiro com

ele. Esse bom padre não me recusará isso, disse ele, ele sabe bem que jamais recusei nada aos padres” (GUILLERMIN, 1867, p. 168).⁸⁷

Considerando que os capuchinhos fizeram uma linha litúrgica auxiliar ao clero secular de Savóia no período pós-revolucionário, que o retorno deles à Chambéry contou com a anuência do bispo, que o clero secular da cidade mantinha um Seminário Episcopal com aulas de Física e História Natural, que seus diletos representantes eram os responsáveis pela promoção das ciências na cidade, até por questões de utilidade e progresso material, organizando sociedades e publicações, que tinham por premissa o desenvolvimento intelectual do clero também nessas áreas e, comparando os interesses e os assuntos publicados pela revista da Sociedade Real Acadêmica com os de frei Germano, está longe de ser uma impertinência supor que, se ele não frequentou algumas das reuniões dessas sociedades, ao menos entrou em contato com a edição de cada tomo do periódico *Mémoire de la société académique de Savoie*, talvez presente na biblioteca do convento dos capuchinhos.

Contudo, uma parte bastante significativa dos interesses de frei Germano por assuntos científicos, mais especificamente, pela Astronomia e por construções de relógio de Sol, não foram alimentados especificamente pela Sociedade Real Acadêmica; não encontramos uma só menção a esses assuntos nos doze tomos da revista publicada pela sociedade.

O que explica o desenvolvimento do gosto e das habilidades desse capuchinho nessa área do conhecimento? Vamos encontrar a resposta a essa pergunta na paisagem cultural da Savóia, fortemente marcada pela presença de relógios de Sol, na ação constituinte desse artefato na liturgia católica, e nas influências, dessa vez, recebidas no interior dos conventos dos capuchinhos de Savóia. O que os explicam lá?

É difícil determinar exatamente a época de origem dos relógios de Sol.⁸⁸ Certamente, a orientação temporal da humanidade pelas sombras projetadas em razão do movimento aparente do Sol é anterior a qualquer registro dessa prática. Porém, os

⁸⁷ No original: “A trois heures de l'après-midi, il me dit: ‘Il faut écrire au Père Alphonse; dites-lui qu'il vienne; je veux taire une petite retraite avec lui. Ce bon Père ne me refusera pas cela, dit-il, il sait bien que je n'ai jamais rien refusé aux Pères.’”

⁸⁸ Trata-se de um artefato que tem por característica a mobilidade, a circulação e o aprimoramento constante. Entre os caldeus, no século III a.C., após o estabelecimento dos signos do zodíaco e da divisão do dia em 2 períodos compostos por doze horas cada, os relógios passariam a ser portáteis e a representar 12 linhas horárias sobre uma pedra esférica côncava. Entre gregos e romanos, a haste do relógio de Sol passaria a ser posicionada considerando a declinação do eixo de inclinação da Terra, diminuindo as distorções horárias que ocorriam conforme o período do ano (ROHR, 1965, pp. 7-11).

vestígios mais antigos são de papiros egípcios com representação de obeliscos indicando que essa prática teria surgido entre aquele povo pelo menos 1.500 anos antes de Cristo (ISLER, 2003, p. 8; ROHR, 1965, pp. 4-5).

Esses artefatos só se generalizariam pelo mundo católico a partir do século VI, mais especificamente quando Bento de Núrsia escreveu a regra beneditina no Mosteiro de Mont-Saccin, disciplinando os momentos de trabalho e repouso que configuram a vida monástica. Ao dividir o dia entre as horas canônicas, períodos destinados à celebração dos ofícios por meio de orações, cânticos, louvores e ladainhas, estabelecia-se uma padronização para a vida regular uma vez que os monges acreditavam que o poder da oração era potencializado quando toda a comunidade religiosa levantava suas vozes coletivamente (ISLER, 2003, p. 8; SCHECHNER, 2001, pp. 193-194).

Os séculos XVI e XVII marcam o período de apogeu desse artefato na Europa. No período, uma multidão de relógios solares verticais e horizontais foram construídos nas catedrais, igrejas, capelas, jardins e edifícios comunitários etc. No panorama gnomônico da França, a Savóia possui um papel relevante mantendo os mais antigos relógios solares do período moderno como o de Argonay, vilarejo da Alta Savóia situado nas proximidades de Annecy, construído em 1656, e o de Saint-Jean-de-la-Porte, Savóia, construído em 1659. Há atualmente mais de 380 relógios solares espalhados pela região, um número que não cessa de crescer em razão de constantes descobertas feitas através de pesquisas inventariais e das descobertas de vestígios mais ou menos preservados nas paredes dos edifícios da região (ISLER, 2003, p. 12).

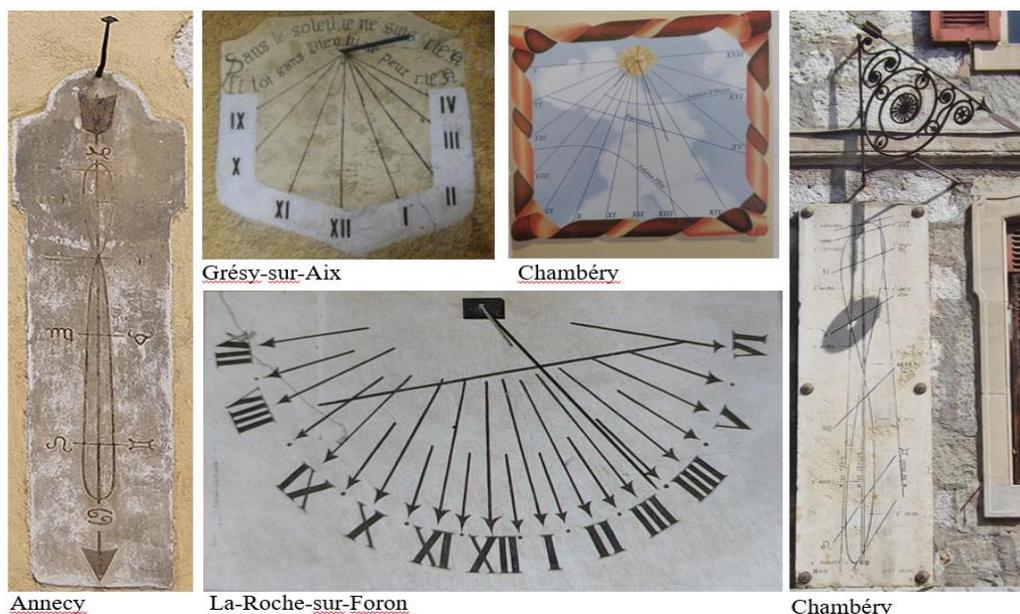
Patrimônio mais numeroso na zona rural que na zona urbana, por serem regiões menos suscetíveis aos melhoramentos técnicos e remodelamento do plano arquitetônico, os relógios de sol se concentravam antes de tudo nos edifícios religiosos nos muros altos e ensolarados das igrejas, dos conventos e capelas dos povoados instaladas, geralmente, no centro da comunidade. Os relógios deveriam ser visíveis a todos demarcando as horas canônicas e servindo de instrumento de organização do trabalho e das demais formas de sociabilidade a que se destinavam as capelas, como mencionado anteriormente (ISLER, 2003, p. 12).

A difusão desse artefato na região, portanto, esteve intimamente ligado à difusão das ordens religiosas pela Savóia no esforço de conter a expansão do protestantismo na região. Mas, esses artefatos não se restringiram aos edifícios religiosos. A partir do século XVIII, os relógios solares figuraram nas paredes das casas de proprietários particulares como um objeto de ornamentação e distinção social para seus proprietários, sobretudo

quando estes contratavam artistas especializados que faziam dos relógios solares verdadeiras obras de arte, fontes de fruição estética. Em menor número, se encontram também vestígios desse artefato em algumas casas de camponeses situados tanto nas regiões de montanha quanto nas de planície interessados em planificar seu trabalho diário.

Frei Germano foi afetado por essa paisagem cultural.

Figura 1 – Alguns exemplos de relógios de Sol mural na Alta-Savóia e na Savóia



Fonte: ISLER, François. Cadrans Solaires des pays de Savoie. Chambéry: Fontaine Siloe, 2003.

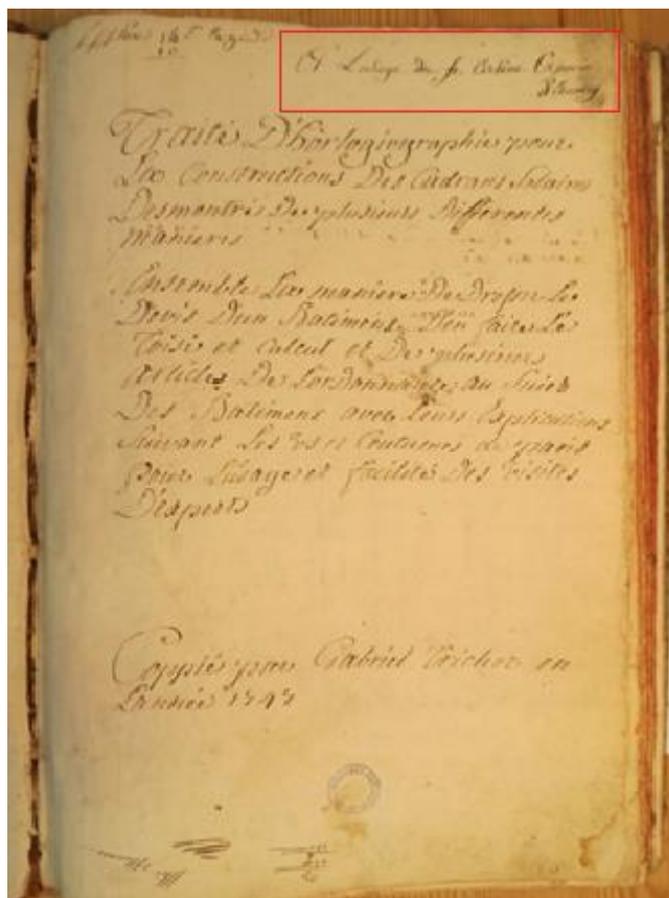
Os relógios de Sol citados acima são apenas alguns dos exemplos que frei Germano poderia ter visto, pois são de cidades de La-Roche até Chambéry passando pelo caminho de Annecy. Nota-se que apesar de serem todos relógios de Sol mural eles podem apresentar muitas diferenças entre si, isso ocorre em razão da técnica empregada neles.

Os relógios de La-Roche e de Grésy-sur-Aix são produções mais simples e utilizam uma técnica mais elementar que o de Chambéry, composto de linhas de equinócio e de solstício para indicar o início de cada estação do ano e a entrada a aparente do Sol em determinada casa do zodíaco. Mais complexos são os dois relógios das extremidades, o de Annecy e o de Chambéry, eles apresentam a representação gráfica do analema, uma inovação tecnológica do século XVIII que permite converter a hora solar em hora média. Teremos a oportunidade de abordar esse assunto mais à frente.

Mas, além desses artefatos que instigam a curiosidade, frei Germano teve seu primo, o capuchinho frei Arsene, como um mentor. No Arquivo dos Capuchinhos da França, no fundo de Savóia, subdivisão Annecy, encontra-se tombado o seguinte livro:

Traité D'horlogiographie pour les constructions des cadrans solaires demonstre des plusieurs diferentes manieres. Um manual escrito por um autor desconhecido, publicado no ano de 1564 e copiado à mão por Gabriel Trichot, em 1747. Na folha de rosto, há menção de que o material se destinava ao uso de frei Arsene.

Figura 2 - *Traité d'horlogiographie*, 1747. Folha de rosto.



Fonte: Archives des Capucins de France – Savoie S/23S. No detalhe, indicação ao uso de frei Arsene.

Não sabemos a data em que tal inscrição foi inserida, mas temos o indicativo de que manuais como esse circularam pelos conventos dos capuchinhos de Savóia, sendo muito provável que frei Germano tenha se servido especificamente desse material. Deve-se destacar que tal material só foi parar em Annecy a partir de 1872, quando o convento dos capuchinhos foi restabelecido naquela cidade e que, na década de 1840, os únicos conventos que forneciam formação para noviços e superior para padres era o de La-Roche-sur-Foron e o de Chambéry, o que reforça a nossa hipótese (FRIGHETTO, 2002).

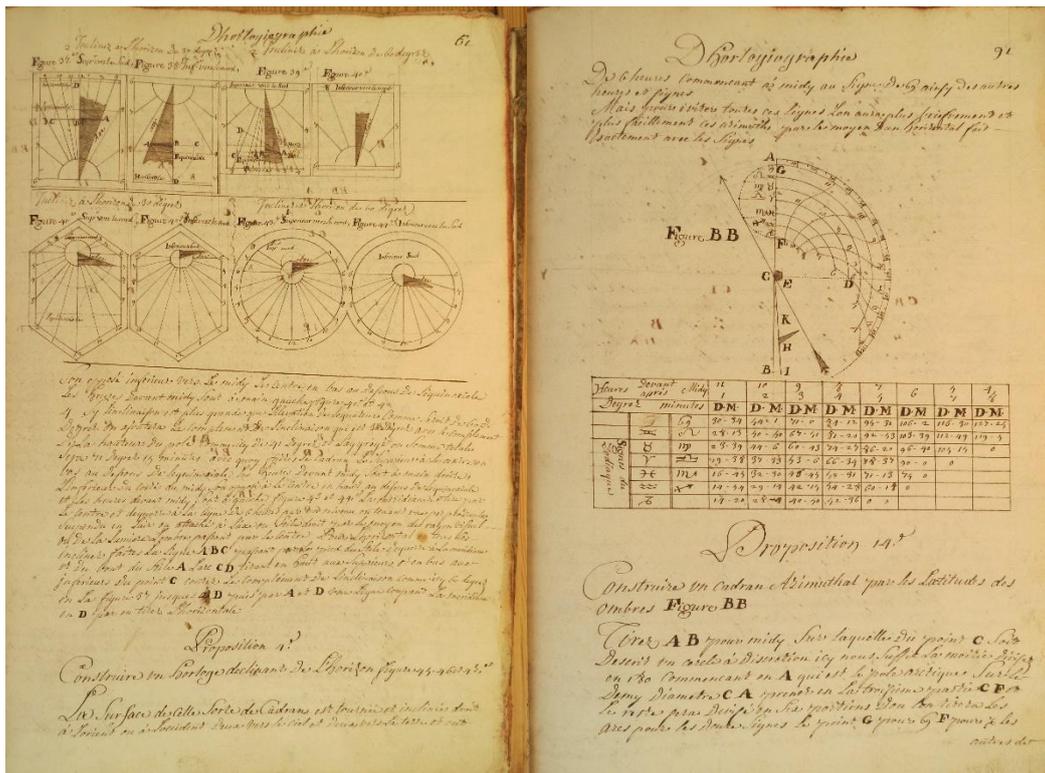
O manuscrito contém dez capítulos, em um total de 162 páginas enriquecidas com tabelas e figuras que representam e ilustram instrumentos, relógios e cálculos geométrico-

descritivos. O livro é basicamente dividido em duas partes: o primeiro capítulo é um prelúdio em que se dispõem de conceitos básicos que circunscrevem a arte de projetar relógios de Sol. Os demais capítulos, com uma abordagem estritamente técnica, oferecem um passo a passo para a construção de relógios azimutais, horizontais, verticais, esféricos, relógios em superfícies côncavas e convexas, relógios babilônicos, itálicos e judaicos (TRAITÉ D’HORLOGIOGRAPHIE, 1747).

A fim de introduzir o leitor, o primeiro capítulo apresenta conceitos da Astronomia e da Geometria que fundamentam a arte da projeção de relógios de Sol. Por meio de 46 proposições são definidos diversos termos como zênite, nadir, polos, eixo, circunferência, paralela, diâmetro, perpendicular, grau, ângulo, pontos cardeais, meridiano, latitude, longitude, equinócio, solstício, signo, movimentos da Terra, estações do ano, constelações zodiacais, tipos de relógios de Sol, partes de um relógio de Sol etc. (TRAITÉ D’HORLOGIOGRAPHIE, 1747, pp. 1-12).

O livro é ainda permeado de tabelas como por exemplo a que apresenta as latitudes e longitudes das “principais cidades do universo”, o grau de declinação do Sol em cada constelação do zodíaco e de mencionar ferramentas utilizadas para cálculos e projeções como: compassos, réguas, esquadros, anéis, ponteiros, globos, cilindros, semicírculos, pínulas etc. Além desses elementos, o material é ricamente ilustrado com os passos a passo para construção dos relógios e compreensão dos conceitos trabalhados (TRAITÉ D’HORLOGIOGRAPHIE, 1747).

Figura 3 - Traité d'horlogiographie, 1747.



Fonte: Archives des Capucins de France – Savoie S/23S.

Na imagem da esquerda, o extrato de uma página apresentando diferentes tipos de tabela graduada com várias possibilidades de fixação do gnomon, haste que intercepta a fonte luminosa e projeta a sombra sobre o quadro para indicar a hora solar. Na imagem da direita, um exemplo de projeção de relógio solar azimutal, com as constelações zodiacais atravessadas pelo movimento aparente do Sol. Exemplos como esses aliando ilustrações, cálculos e explicações por escrito perpassam todo o material tornando completamente fluidas as fronteiras entre a ciência e a técnica.

O *Traité D'horlogiographie pour les constructions des cadrans solaires demonstre des plusieurs diferentes manieres* é um material de estudo que tem a pretensão de ser didático, embora, nitidamente, se destinasse a iniciados. Tudo nos leva crer que o desenvolvimento e aprendizagem de frei Germano na arte da projeção de relógios de Sol se deu em razão dos estudos de manuais como o citado acima, mas também na partilha com outras pessoas e em contato com os artefatos que tingiam a paisagem da região. Nossa percepção a respeito do modo como o capuchinho se tornou um mestre-relojeiro encontra a fundamentação teórica nos escritos de Sennett (2009) e de Escolano Benito (2020) que afirmam o papel da cultura material, bem como, o das relações sociais, da

cooperação e da perícia artesanal envolvidos no desenvolvimento do interesse, na projeção e produção de artefatos.

Vale destacar que a respeito da dinâmica presente na aprendizagem da projeção de relógios de Sol na Savóia, Isler (2003) argumenta que

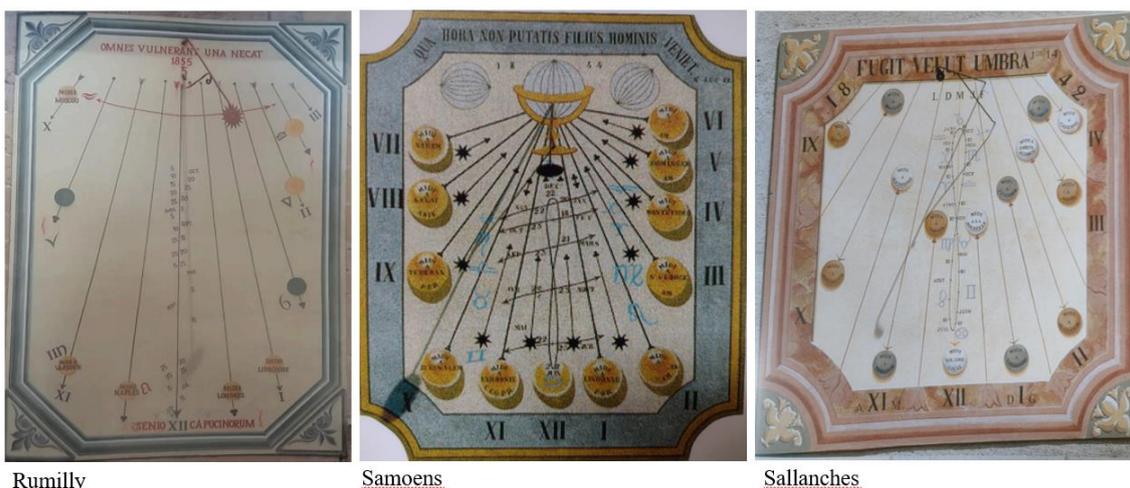
a arte gnomônica é uma ciência que é personalizada na realização final. Os “mestres-relojeiros” detêm um saber-fazer tradicional que combina arte e ciência. Astronomia e cálculo geométrico da sombra projetada são ensinados por religiosos eruditos e cientistas (ISLER, 2003, p. 17).⁸⁹

Para desenvolver suas habilidades e tornar-se um “mestre-relojeiro”, frei Germano se dedicou individualmente ao estudo, mas também ao convívio com outras pessoas que transmitem tais conhecimentos a partir de um “fazer com” que permitiu o acesso a um saber tradicional, partilhado entre religiosos. Nesse sentido de compartilhamento de conhecimentos, Frei Arsene parece ter um significado importante na vida de Frei Germano. Lembremos que ele era primo mais velho e que, provavelmente, sua entrada para ordem dos capuchinhos influenciou a escolha de frei Germano. Outrossim, considerando os interesses de frei Germano, é plausível supor uma relação de admiração para com o primo mais velho que possivelmente lhe falava sobre os movimentos da Terra, sobre o movimento aparente do Sol, sobre os condicionantes das estações do ano ou ainda sobre constelações zodiacais que adornam o firmamento, motivando frei Germano a desenvolver uma aptidão para a arte gnomônica.

Frei Arsene se notabilizou como grande construtor de relógio solar entre os capuchinhos.⁹⁰ Além de relógios espalhados pelos conventos da Alta-Savóia, Arsene assina o relógio que estampa a parede da Igreja de Rumilly, atribuem-se a ele outros dois, um localizado em Samoens e outro em Sallanches (GOTTELAND, 2004, p. 15; ISLER, 2003, p. 28).

⁸⁹ No original: “l’art gnomonique est une science qui se personnalise dans la réalisation finale. Les “maîtres-cadranyers” détiennent unsavoir-faire traditionnel qui allie l’art et la science. L’astronomie et le calcul géométrique de l’ombre portée sont enseignés par des hommes d’Église savants et des scientifiques.”

⁹⁰ Além de frei Àrsene, outros nomes se notabilizaram na região como a dos italianos Giovanni Zarbula, Fece Zuccoli, Guiseppe Gibel que cruzavam frequentemente o Piemonte para oferecer seus serviços a particulares na Savóia do século XIX.

Figura 4 - Relógios de Sol de frei Arsene.

Fonte: ISLER, François. Cadrans Solaires des pays de Savoie, pp. 30-31.

Com relação à Figura 4, a primeira coisa a se destacar é que todos esses relógios foram projetados em datas relativamente próximas, indicando que pode se tratar sim de um material produzido pela mesma pessoa. Enquanto o relógio mais novo, o de Rumilly, foi inaugurado em 1855, o Samoens e o de Sallanches foram respectivamente em 1844 e 1842, data em que frei Germano estava residindo em Savóia. Quem sabe não presenciou a elaboração do projeto. Os dois últimos relógios da direita, são atribuídos ao frei Arsene em razão da semelhança que guardam entre si e com o primeiro relógio, o único assinado. Porém, os três parecem conter a mesmas assinaturas: os três são verticais murais, ambos apresentam lemas em latim, todos são compostos do analema para a conversão da hora local em hora média. Além desses elementos, os três apresentam símbolos do zodíaco para fazer referência à entrada aparente do Sol em determinada constelação e em todos, nos locais indicados pelos círculos, há indicação de horas meridianas de algumas cidades do mundo como Moscou, Nápoles, Lisboa, Londres, por exemplo.

A complexidade desses artefatos resulta de um sólido conhecimento nas áreas de Astronomia, Geometria, Matemática etc. Como veremos adiante, esses modelos guardam semelhanças com os artefatos projetados por frei Germano de Annecy. Seguimos Le Goff (2019, p. 28) quando nos orienta a “não esquecer que os homens, como indivíduos ou em grupo, acumulam uma parte considerável de seus conhecimentos e de seus hábitos na infância e na juventude, quando sofrem a influência dos mais velhos, pais, mestres, anciãos”.

Relembramos que não encontramos em nenhum dos 12 tomos do periódico da Sociedade Real Acadêmica, *Mémoire de la société académique de Savoie*, qualquer

menção ao tema dos relógios solares. Essa constatação reforça nossa hipótese de que frei Germano captou fluxos culturais oriundos de ambientes diversos. Do lado dos capuchinhos incorporou uma tradição e deu novo impulso a um artefato que estaria em vias de se tornar obsoleto, dados os progressos técnicos na área da relojoaria mecânica e nas convenções nacionais e internacionais instituidoras das horas oficiais em contraposição ao uso das horas locais. Flertando com clero diocesano e com as publicações da dita sociedade, frei Germano desenvolveu um gosto pela modernidade científica ali representada no discurso de uma ciência útil e pragmática, consoante com os ditames da religião, que se revela nas aplicações da meteorologia, da mineralogia, da botânica, da física, ao progresso material local.

Frei Germano de Annecy, portanto, despertou o gosto pelas ciências aproveitando essa ambiência proporcionada pelo convento em Chambéry. Sintetizando e tirando proveito das possibilidades ali presentes, o capuchinho manteve múltiplos interesses científicos, como os das áreas da Astronomia e da Meteorologia, projetou relógios e constituiu observatórios e estações meteorológicas disponibilizando dados quantitativos de interesse público a respeito do clima e dos astros paralelamente ao processo que apontava para a especialização e profissionalização da atividade científica.

Com a bagagem intelectual iniciada na Savóia, frei Germano fez circular consigo um tipo de conhecimento que estimulou e encontrou carência de oferta no Brasil, na província de São Paulo. No ano de 1858, nem as disciplinas científicas eram imprescindíveis no âmbito da escola secundária, propedêutica, voltada aos preparatórios, nem a província dispunha de agências e instituições para garantir o fornecimento de dados meteorológicos ou espaciais, por exemplo. Frei Germano não descuidou da possibilidade de atuar nos dois campos. Além de ensinar Física, Astronomia e Matemáticas, se inscreveu na cultura local por meio de suas práticas científicas, ajudando a constituir um público para as ciências.

CAPÍTULO 3 - Frei Germano de Annecy, um sábio nos trópicos

Nota representante do movimento intelectual e científico da cidade, posto que particularíssimo e fechado à curiosidade pública, é o Gabinete de Física e o modesto Observatório Astronômico do Seminário Episcopal. Frei Germano, capuchinho ilustradíssimo, e que faz da matemática e da astronomia verdadeiro culto, é a alma, o padre Secchi, e talvez o exclusivo sacerdote daquele pequenino templo científico, ali estranhamente engravado naquele Instituto de educação ultramontana e dogmática (ALMANACH LITTERARIO PAULISTA, 1877, p. 36).

Frei Germano de Annecy era missionário. Desempenhou atividades de catequese e conversão junto aos ameríndios no Chile entre os anos de 1853 e 1858. A partir dessa data, foi enviado ao império brasileiro onde viveu por 32 anos.

Historicamente, a atividade missionária vincula-se a interações sociais desiguais, desniveladas, entre atores com diferentes anseios, recursos e cosmovisões. A empresa das missões foi muito difundida logo no início do período moderno beneficiada pela expansão marítima das potências europeias coloniais. As missões católicas fizeram parte de um empreendimento global, apoiada e financiada por atores políticos muito díspares e, não raro, rivais. De maneira geral, os principais atores políticos que impulsionaram as missões católicas foram os reinos ibéricos, a coroa francesa e a *Propaganda Fide*, essa última, responsável organizar e evitar disputas entre ordens religiosas ou a sobreposição delas em um mesmo território (CASTELNAU-L'ESTOILE *et al.*, 2011, pp. 1-2; PIZZORUSSO, 2011, pp. 25-28).

Estabelecidas sobre as bases de um trabalho apostólico de concepção tridentina, no plano interno, as missões visavam combater a expansão do protestantismo no norte da Europa, como visto, já no plano externo, regiões da África, da Ásia e das Américas foram alvos das atividades missionárias. Além dos trabalhos de conversão, a atividade missionária está ligada à circulação de artefatos e saberes, a acúmulos de informação, à produção e à difusão de conhecimentos para o meio cultural europeu por meio de redes através das quais se transmitiam informações de cunho geográfico, cosmográfico, biológico e etnológico a respeito dos territórios que evangelizavam e dos povos espalhados pelos “quatro cantos do mundo” e por onde também afluíram modos,

costumes e saberes com vistas a impor o catolicismo a todas as regiões do planeta (CASTELNAU-L'ESTOILE *et al.*, 2011; GRUZINSKI, 2014).

De acordo com Castelnau-l'Estoile (*et al.*, 2011, pp. 4-5), atores sociais como viajantes, colonos, empreendedores, comerciantes e missionários também devem ser reconhecidos e investigados como atores sociais que produziram saberes com base no empirismo e na experimentação, coletaram dados e difundiram informações em escala mundial. Tais dinâmicas de produção e disseminação de saberes participam da construção do período moderno. Em especial, a estratégia missionária passava pelo saber, numa relação dialética e complementar, marcada também por tensões, assimilações, renúncias, interdições, interpenetrações, contradições e concorrências que variavam conforme contextos e conjunturas locais (CASTELNAU-L'ESTOILE *et al.*, 2011; GRUZINSKI, 2014; PIZZORUSSO, 2011).

Frei Germano desempenhou suas atividades missionárias no século XIX. Nesse período, a Igreja manifestava o objetivo de oferecer uma resposta ao avanço da secularização e laicização resultantes do desenvolvimento científico e da ascensão de novas teorias sociais e de novos modelos políticos constitucionais que desafiavam seu poder no interior da burocracia dos Estados. Como missionário e a exemplo de seus confrades, frei Germano experimentou uma forma religiosa particular de vivenciar sua fé que implica movimento, circulação, negociação, conflito, relações sociais em ambientes diversos e modos de inserção social que, no caso dele, foram favorecidos por sua cultura científica.

A vinda de frei Germano para assumir um posto no Seminário Episcopal de São Paulo, então dirigido pelos capuchinhos de Savóia, independeu da vontade dele e foi resultante de uma confluência de fatores políticos e religiosos que articulam as demandas locais às necessidades da OFMcap de Savóia e às pretensões da Cúria Romana. Como veremos neste capítulo, o período em que ele viveu no Brasil evolui de uma momentânea convergência de interesses entre a cúpula do governo imperial e o Vaticano para distanciamentos mais sérios entre essas instâncias, mas que não foram suficientes para abalar a estima que o imperador Dom Pedro II tinha por tal capuchinho.

A inauguração do Seminário na cidade de São Paulo ocorreu em meados da década de 1850 no âmbito da reforma do clero paulista empreendida por Dom Antônio Joaquim de Melo, bispo de 1851 a 1861. Mas, como essa reforma se articula com a história dos capuchinhos de Savóia, mais especificamente a de frei Germano?

3.1 - A reforma ultramontana e o início dos trabalhos dos capuchinhos de Savóia no Seminário Episcopal

No Brasil oitocentista, as complexas relações tecidas entre o império e a Cúria Romana resultaram das diferenças entre as expectativas do governo com relação ao clero, sobre o qual buscava exercer controle no âmbito das contradições do Estado confessional brasileiro e os projetos da Igreja Católica que, durante o século XIX, empreendeu reformas religiosas centralizadoras, “romanizantes”, reforçando os papéis da Cúria Romana e o poder do papa. Os diferentes anseios e expectativas entre o imperador junto as suas elites políticas e a Santa Sé e seus conselheiros levaram a uma escalada de tensão nas décadas de 1860, 70 e 80 que culminou na ameaça de cisma entre essas instâncias. Entretanto, nas décadas de 1840 e 1850, época de fundação do Seminário Episcopal e da vinda dos capuchinhos de Savóia, o ultramontanismo foi apoiado pelo governo como um recurso para fortalecer o Estado (SANTIROCCHI, 2017).

Como isso foi possível?

Na primeira metade do século XIX, a elite clerical era majoritariamente regalista, maçônica, formada no espírito da reforma pombalina, defensora da ascendência do poder temporal sobre o espiritual. A institucionalização do Estado brasileiro no pós-independência manteve-se vinculada à Igreja Católica, sendo o catolicismo a religião oficial do império. O sistema de padroado e o regalismo, herdado da política pombalina, que submetia o poder eclesiástico ao poder civil, incorporava o clero ao funcionalismo público e que restaurou o beneplácito – direito de consentir ou não a difusão de bulas e encíclicas papais - foi mesclado, no período imperial, às ideias constitucionalistas e de soberania nacional. A Igreja era compreendida como um departamento governamental pelo império brasileiro. No âmbito das atividades civis, cabia a ela o controle sobre os registros civis como o de batismo, casamento, óbito, testamento etc. (WERNET, 1987, pp. 19-40; SANTIROCCHI, 2015, pp. 79-80).

Os grupos ultramontanos eram minoria no país, mas em razão de militarem na defesa da unidade territorial e da manutenção do poder centralizado, fazendo frente aos movimentos sediciosos e autonomistas que ocorreram no período regencial e adentraram o governo de Dom Pedro II (1840-1889), passaram a receber apoio de parte da elite dirigente. Um desses eventos foi a chamada Revolução Liberal de 1842, protagonizada pelas províncias de Minas Gerais e São Paulo, que teve o padre Diogo Feijó entre as

lideranças e que contou com o envolvimento do “clero liberal”, do clero das “luzes”.⁹¹ Para contrabalancear a composição eclesiástica do império, Dom Pedro II nomeou, em 1844, para o bispado de Mariana, o lazarista Antônio Vicente Viçoso e, em 1851, para episcopado de São Paulo, Antônio Joaquim de Melo, religiosos que haviam se destacado por suas posições monarquistas e em defesa da unidade nacional em face ao movimento revoltoso citado (SANTIROCCHI, 2015, p. 82; SOUZA, 2013, pp. 134-135).

Dom Antônio Joaquim de Melo era natural de Itu e nasceu no dia 29 de setembro de 1791. Em 1810 ordenou-se padre, sob a proteção de um ex-jesuíta, José Campos de Lara. Esse religioso, que permaneceu no Brasil apesar da expulsão da ordem por Pombal, fez a doação de uma chácara no bairro da Luz, na cidade de São Paulo, a Antônio como patrimônio pela ordenação de seu protegido. Durante toda a década de 1840, Antônio atuou e pregou contra os preceitos da Revolução Liberal, defendeu a autoridade do imperador, do Papa e a ordem dos jesuítas (COELHO, 2016, pp. 125-128).

Os episcopados de Dom Antônio Vicente Viçoso (1844-1875) e de Dom Antônio Joaquim de Melo (1851-1861) foram responsáveis pela definição das linhas mestras da reforma do clero brasileiro⁹². De acordo com Santirocchi, o modelo proposto por esses bispos pode ser resumido nos seguintes pontos:

- 1.º Resgate da autoridade pontifícia e episcopal;
- 2.º Defesa da autonomia da Igreja em relação ao Estado e combate ao regalismo;
- 3.º Reforma do clero por meio: a) do combate ao concubinato clerical; b) da educação em seminários sob a direção de ordens religiosas reformadas; b) da maior rigidez nas ordenações sacerdotais; c) do envio de sacerdotes e seminaristas para se formarem na Europa; d) da uniformização do ministério episcopal e clerical; e) da correção e moralização do clero; f) do combate ou desincentivo à participação dos párocos na política partidária, cargos eletivos ou administrativos civis;
- 4.º Grande escrúpulo e rigidez na escolha dos beneficiários a serem indicados para nomeação imperial;
- 5.º Instituição de ordens religiosas reformadas, masculinas e femininas;
- 6.º Reformar e educar os fiéis por meio: a) da reforma do clero; b) do fortalecimento hierárquico; c) da limitação da participação dos leigos na administração da Igreja; d) da

⁹¹ Padre Diogo Feijó liderou o clero paulista entre 1826 e 1842, foi deputado em 1826, Ministro da Justiça em 1831, e regente entre os anos de 1835 e 1837. Diogo Feijó, era contrário ao celibato e à presença de congregações de frades estrangeiros no país. Entusiasta da criação de uma Igreja Nacional, brasileira, afastada de Roma, sua concepção dominou o cenário político do período em detrimento da vertente, então minoritária, do catolicismo ultramontano (COELHO, 2016; WERNET, 1987).

⁹² Esses religiosos não foram meros executores da Cúria Romana, pelo contrário, a ação desses preladados, em certa medida, antecedeu a formulação de uma política reformista da cúpula da Igreja Católica para o país. No Brasil, o ímpeto reformista derivou de um processo de mão dupla, da troca de informações e demandas entre o bispado e a Santa Sé para que a reforma pudesse ser implementada observando as necessidades e prioridades das igrejas e paróquias locais. Sobre esse assunto, ver Santirocchi (2013; 2015) e Silva e Carvalho (2019).

popularização da catequese tridentina; e) do incentivo à participação nos sacramentos; f) da intervenção administrativa nos centros de romaria e irmandades tradicionais; g) da importação de devoções e movimentos religiosos da Europa (SANTIROCCHI, 2013, p. 13).

As proposições acima, agrupadas por Santirocchi (2013), evidenciam a profundidade da reforma pretendida pelos bispos. A sociedade brasileira do século XIX manifestava uma religiosidade herdada da experiência da catequese e da conquista marcado por um catolicismo barroco, triunfalista e nacionalista em que o catolicismo fazia “parte da vida, tanto nas suas dimensões públicas e oficiais, quanto nas domésticas e pessoais” (SOUZA, 2013, pp. 129-130). Tratava-se de um cotidiano marcado pela interpenetração entre as esferas do sagrado e do profano, em que poder político e poder religioso se confundiam na figura do imperador, chefe efetivo da Igreja nessas paragens, e não na autoridade do papa, “figura muitas vezes obscurecida, cuja atuação era muito distante” (WERNET, 1987, p. 18). O clero nacional, em grande medida, permanecia alheio aos desígnios da Reforma Tridentina em que a permeação dos valores e equipamentos (seminários, visitas pastorais, combate as heresias, as superstições, fortalecimento da hierarquia eclesiástica e dos sacramentos) foi bem mais errática que na Europa (SANTIROCCHI, 2015, p. 71).

A reforma empreendida por dom Antônio tinha como antagonista o clero dito nacional envolvido nas funções administrativas do Estado e acumulando funções de negociantes, de professores, de fazendeiros e ou de políticos. Tais práticas eram comuns tanto às vertentes do chamado “clero tradicional”, aquela mais popular, leiga, geralmente com formação precária e de práticas supersticiosas, quanto aos padres ligados à maçonaria e ao iluminismo lusitano, interessados em uma maior autonomia com relação à Cúpula da Igreja Católica em Roma (WERNET, 1987, pp. 19-40; SANTIROCCHI, 2015, pp. 79-80, 103).

A fundação do Seminário Episcopal de São Paulo seria um dos principais pilares da reforma religiosa que teve na figura de dom Antônio um expoente e um precursor. Estabelecido com base nos rígidos preceitos disciplinares tridentinos de isolamento do convívio social e familiar, o Seminário Episcopal de São Paulo acabaria desempenhado uma dupla função estratégica de formar fiéis alinhados aos valores do catolicismo intransigente e de quadros moralizados impulsionando a reforma do clero local (BENCOSTA, 2000; MARTINS, 2006).

O que torna essa história ainda mais interessante para os efeitos de nossa pesquisa é que os capuchinhos de Savóia não foram nem a primeira, nem a segunda, nem mesmo foram uma opção do bispo reformador. Além disso, eles desenvolveriam suas atividades no Seminário Episcopal em meio a um cenário marcado por disputas com membros do clero local, com políticos e com a imprensa, cujas hostilidades foram construídas antes mesmo de se cogitar a vinda deles para o Seminário Episcopal.

A fundação do Seminário Episcopal no bairro da Luz contou com empenho pessoal do bispo dom Antônio Joaquim de Melo. Logo no início do seu bispado, no ano de 1851, a Assembleia Legislativa Provincial concedeu uma subvenção anual no valor 4:000\$000 que foi paga até o ano de 1863 para apoiar o projeto do Seminário. Tal subvenção, conforme a lei provincial n. 14, de 19-7-1852, foi condicionada à inspeção do governo provincial. Entretanto, o bispo interditou essa resolução argumentando em favor da não interferência civil nos assuntos eclesiásticos. O fato gerou disputa entre o governo provincial e o bispado que foi arbitrada em favor deste pelo império brasileiro, na época interessado na reforma. Por meio do Aviso do Ministro da Justiça de 18-9-1855 foi declarado que a instituição dos Seminários era de competência eclesiástica, apenas dependente de atos dos Poderes Gerais, não sujeita à fiscalização do Inspetor Geral da Instrução Pública da Província. Uma decisão controversa se considerarmos o caso do Seminário Episcopal de São Paulo que, como veremos, desde a sua inauguração em 1856, apresentou um caráter misto, recebendo ordinandos e não ordinandos, ou seja, a instituição não apresentava um caráter exclusivista de formação de quadros para a Igreja Católica.⁹³ A não sujeição do Seminário à inspeção pública reverberou durante anos na imprensa e na Assembleia Legislativa (MARTINS, 2006, p. 166; WERNET, 1987, p. 104).⁹⁴

A subvenção concedida era insuficiente para viabilizar o seu projeto reformador. Para custeá-lo, o bispo dom Antônio, mobilizou todas as paróquias de sua diocese para arrecadar esmolas junto aos fiéis. Com o dinheiro arrecadado, ele comprou um terreno anexo à chácara episcopal da qual doou uma parte do terreno para aumentar a área do

⁹³ Embora, o Seminário tenha ficado livre da inspeção pública, houve uma contínua prestação de contas por meio de relatórios com informações a respeito das aulas em funcionamento e número de matriculados em determinado ano letivo. Encontramos 11 relatórios produzidos para o intervalo de tempo 1857-1877. O material era geralmente endereçado à Assembleia Provincial. As informações foram consultadas no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo, no acervo digitalizado da seção *Ofícios diversos*, com os descritores “Seminário”, “Seminário Episcopal” e “Seminário Diocesano”. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/textual/oficios_diversos>. Acesso em 09 out. 2022.

⁹⁴ Para acompanhar o debate na imprensa a respeito da não inspeção do Seminário Episcopal, ver: *Correio Paulistano* n. 908, 910, 1770, 2062, 2078, 2281, 3046; *Diário de S.Paulo*, n. 562; *O Tymbira*, n. 16.

futuro seminário (MARTINS, 2016, pp. 157-158; WERNET, 1987, p. 105). O projeto de dom Antônio era ambicioso.⁹⁵ O local escolhido para sediar o seu Seminário, o bairro da Luz, ao longo do século XIX, se estruturava como o primeiro bairro de elite da cidade de São Paulo que crescia em direção ao Mosteiro da Luz. O bairro contava ainda com equipamentos urbanos como Jardim Botânico e com a Casa de Correção. Em 1867, seria inaugurada a Estação Ferroviária da Luz, bem em frente ao Seminário Episcopal. Ao lado de chácaras semirruais, foram se estabelecendo construções elaboradas, convertendo a região num subúrbio que “reunia o maior número de residências elegantes da cidade” (CAMPOS, 2005, p. 12).

O Seminário Episcopal, localizado na atual Avenida Tiradentes, veio compor a paisagem do bairro. Situada em um vasto território, o sobrado correspondente à primeira ala do edifício começou a ser construída no ano de 1853 e foi finalizado somente três anos mais tarde, em 1856, sendo considerado um dos maiores da capital (CAMPOS, 2007, p. 82).

Mas, apesar desses avanços, a institucionalização do seminário se fez em meio às dificuldades para arregimentar quadro docente num contexto de intensas disputas políticas e religiosas que excederam a questão da inspeção provincial. Logo na sua primeira Carta Pastoral, datada de 1852, Dom Antônio explicitou sua intenção de abrir um seminário para remediar a “decadência geral do clero”, desconsiderando completamente o cabido e a Comissão Eclesiástica da Assembleia Legislativa que não foram consultados nem para a construção do prédio e menos ainda em relação a organização interna da instituição. Apesar da existência de quadros ilustrados no clero paulista formados na Academia Jurídica de São Paulo, pós-graduados em Ciências Jurídicas, Filosofia e Teologia, Dom Antônio decidiu evitar ao máximo o aproveitamento de sacerdotes tradicionalmente identificados com o catolicismo regalista e foi em busca de quadros eclesiásticos simpáticos à ideologia reformista com perfis diferentes dos que existiam na província (WERNET, 1987, pp. 105-106).

É a partir dessa busca por quadros eclesiásticos que os rumos da reforma ultramontana no Seminário Episcopal de São Paulo cruzam os caminhos de frei Germano de Annecy e a vinda desse capuchinho para o Brasil começa a ser definida. O plano inicial do bispo era arregimentar professores e diretores jesuítas para o seminário em razão de

⁹⁵ Além disso, o bispo cedeu sua biblioteca particular para a instituição e adquiriu uma fazenda na Serra da Cantareira, utilizada como refúgio de férias para os seminaristas, para o fornecimento de alimentos e para conservação de animais e materiais de construção que foram utilizados na construção do Seminário. Para mais informações sobre a atuação do bispo dom Antônio, ver Martins (2006) e Wernet (1987).

sua forte simpatia pela ordem, porém o Superior Geral dos Jesuítas, em Roma, negou seu pedido alegando ser insuficiente o número de jesuítas que estavam no império brasileiro. Dom Antônio recorreu então aos lazaristas, congregação que desde o início do século XIX comandava a educação nos poucos seminários brasileiros. Somente diante da nova negativa é que dom Antônio teria recorrido à Cúria Romana (WERNET, 1987, p. 106).

Jean de Cognin, em *Les Capucins em Savóie*, argumenta que o papa Pio IX decidiu investir aos capuchinhos de Savóia a responsabilidade de assumir tal missão junto ao Seminário Episcopal de São Paulo. De acordo com o autor, logo que o definidor geral da ordem dos capuchinhos de Savóia, frei Afonso de Rumilly esteve em Roma, no ano de 1853, lhe foi oferecida a missão de “tomar a direção do Grande e do Pequeno Seminário, que o bispo de São Paulo acabara de fundar na sua cidade episcopal” (COGNIN, 1934, pp. 184-185).⁹⁶

Na ocasião, os capuchinhos de Savóia, além de possuírem as credenciais ideológicas, estavam passando por sérias dificuldades. Na década de 1850, durante o governo do chanceler conde de Cavour, do reino do Piemonte e Sardenha, foram aprovadas as leis Siccardi (1850) e Ratazzi (1855) que, na prática, confiscavam bens e baniam a legitimidade das ordens religiosas na região (FRIGHETTO, 2002, pp. 28-29).⁹⁷

Curiosamente, essa situação associou os capuchinhos de Savóia, que apresentavam dificuldades internas para consolidar seu processo de restauração combinadas a uma situação política que pressionava a busca de soluções para a ordem, às vicissitudes da reforma do clero paulista. Essa seria a primeira vez que os capuchinhos de Savóia assumiriam a direção de um seminário episcopal no século XIX (COGNIN, 1934). Entretanto, a designação deles para assumirem a direção do Seminário Episcopal de São Paulo não resolvia de imediato a questão da disponibilização de recursos humanos para a missão, tampouco definia de início a vinda de frei Germano de Annecy para a cidade de São Paulo.

Como bem ponderou Jean de Cognin “a generosidade do Soberano Pontífice só resolveu parte das dificuldades; ainda havia aquela - a mais delicada - fornecer trabalhadores particularmente talentosos. Tarefa difícil!” (COGNIN, 1934, p. 185).⁹⁸ Por

⁹⁶ No original: “prendre la direction du Grand et du Petit-Séminaires, que venait de fonder en sa ville épiscopale l'évêque de Saint-Paul.”

⁹⁷ Os capuchinhos de Savóia deixariam de ser concernidos por tais leis somente em 1860 (FRIGHETTO, 2002, pp. 28-29).

⁹⁸ No original: “les générosités du Souverain Pontife ne résolvaient qu'une part des difficultés; restait encore celle - la plus délicate - de fournir des ouvriers particulièrement doués. Tâche ardue!”

determinação papal, no início de 1854, chegaram três capuchinhos no império brasileiro: frei Afonso de Rumilly, o definidor da ordem, acompanhado de seu sobrinho, frei Eugênio de Rumilly e, do espanhol, frei Firmino de Centelhas. De acordo com o frei Generoso de Rumilly em seu livro de memórias *Notes sur le Séminaire Episcopal de Saint Paul* [s.d.], frei Afonso de Rumilly retornou para a Europa com a incumbência de arrebatar mais professores para o projeto.⁹⁹ Nas palavras do autor “enquanto o padre Afonso partiu para a Europa no dia 10 de julho de 1854, apesar da promessa de enviar professores, ele deixou o padre Eugênio e o padre Firmino sozinhos. E todos os esforços desses dois padres foram inúteis durante dois anos” (RUMILLY, s.d., p. 8).¹⁰⁰

Rumilly narra que os freis iniciaram suas atividades docentes no Palácio Episcopal, ainda no ano de 1854, uma vez que o seminário não havia sido inaugurado. De acordo com Rumilly,

O padre Eugênio e o padre Firmino, portanto, permaneceram em São Paulo por 2 anos, ainda esperando que seus superiores em Roma enviassem as bases do contrato assinado, e um número limitado de religiosos para poder abrir o Seminário. Nesse intervalo abriram no palácio Episcopal, casa que pertencia ao bispo, dois cursos, um de Teologia ministrado pelo padre Eugênio e outro de Filosofia do padre Firmino (RUMILLY, s.d., p. 3).¹⁰¹

Conforme frei Generoso de Rumilly, os documentos, o contrato, o regulamento e as regras de conduta que deveriam ser assinadas e reenviadas para São Paulo se perderam no escritório da procuradoria da ordem em Roma (RUMILLY, s.d., p. 9). Esses relatos do prelado revelam que o estabelecimento do Seminário Episcopal, que os processos iniciais da reforma do clero na província foram erráticos, descumprindo as expectativas do bispo, que desde o início buscou ordens religiosas mais identificadas com missões e projetos educativos escolarizados e dos capuchinhos envolvidos, que enfrentariam

⁹⁹ Livro de memória escrito à mão por frei Generoso de Rumilly que lecionou no Seminário entre os anos 1858 e 1874. O material apresenta uma narrativa em forma de diário com registros bem espaçados no início e mais adensado no final. A narrativa dá a entender que muitos fatos foram registrados *a posteriori*. Este não é um material celebrativo, pelo contrário. Apresenta a ótica de um capuchinho obrigado a deixar a instituição para responder a um processo de secularização por suposto comportamento inadequado. Sua última anotação é no dia 8 de outubro de 1877.

¹⁰⁰ No original: “P. Alphonse repartit pour Europe le 10 Juillet 1854, malgré la promesse d’envoyer les professeurs, il laissa le P. Eugène et le P. Firmin seuls. Et tous les efforts de ces deux Pères furent inutiles, pendant 2 ans.”

¹⁰¹ No original: “Le P. Eugène et le P. Firmin, demeurèrent pour conséquent à St. Paul pendant 2 ans, attendant toujours que Ses Supérieurs de Rome envoyassent les bases du contrat signées, et un nombre limités de Religieux pour pouvoir ouvrir le Séminaire. mais ce fut en vain. Pendant cet intervalle ils ouvrirent dans le palais Episcopal, maison qui appartenait à l’Evêque, deux cours, l’un de Théologie tenu par le P. Eugène et l’autre de philosophie tenu par le P. Firmin.”

dificuldades com recursos humanos, materiais e com as questões políticas no império brasileiro durante os mais de vinte anos que estiveram em São Paulo. Seja como for, de acordo com Martins (2006) e Wernet (1987), os freis Eugênio e Firmino iniciaram suas atividades no palácio Episcopal com 14 alunos ordinandos, mas a demanda por vagas no seminário pressionava pela expansão na oferta de docentes.

O Seminário Episcopal de São Paulo foi inaugurado ainda inacabado no dia 9 de novembro de 1856. Em razão da inauguração do prédio, foi celebrada uma missa solene no Recolhimento da Luz. Depois da missa, se dirigiram para a capela improvisada do Seminário, o reitor, o vice-reitor, o cabido, autoridades eclesiásticas, o presidente da Província, os alunos e muitos cidadãos distintos que aguardavam o evento. Frei Eugênio de Rumilly proferiu um discurso discorrendo sobre o papel do Concílio de Trento e lamentando que autores da Filosofia moderna como Kant, Spinoza e Rousseau tivessem tanta aceitação em São Paulo. O capuchinho argumentou em favor de uma ciência e educação cristãs capazes de desencorajar o envolvimento do clero na política e em movimentos sediciosos, acirrando as disputas que se estenderiam pelas décadas seguintes entre o Seminário Episcopal, os sacerdotes regalistas e os membros da Academia Jurídica (WERNET, 1987, p. 114).

O Seminário Episcopal se apresentou afirmando o seu papel de demarcação cultural e, apesar das disputas políticas e ideológicas em que se envolveu, assistiu a uma procura crescente do alunado em toda sua primeira década de funcionamento. Um relatório produzido no dia 16 de janeiro de 1857 por dom Antônio Joaquim de Melo dirigido à Assembleia Provincial, quando o seminário completava pouco mais de dois meses de funcionamento, nos permite deslindar algumas questões. Vejamos.

O Seminário tem 29 alunos. 10 frequentam as duas aulas de Teologia Dogmática e Moral, o restante estuda preparatórios [ilegível] de modo que segue: aula inferior 9; estudantes [ilegível] de Gramática Nacional, Latim, Frances: aula superior, em que estuda Latim e Frances 10. Além destas há mais aula de Catecismo Raciocinado para todos, e outra elementar para os principiantes: aula de História Universal, mais eclesiástica; aula de Geografia para todos; [ilegível] de Música, [ilegível] de Cantochão para os que já sabem Música; aula de Matemática, [ilegível] em fim de Pronúncia Francesa. A aula de Filosofia principiará logo que haja número suficiente de alunos adiantados em outros preparatórios (MELO, 1857, p. 1).

De início, verifica-se que o corpo discente do Seminário dobrou com a inauguração da instituição, passando de 14 em 1854 para 29 no início de 1857. Destaca-

se também que a instituição, em janeiro de 1857, apresentava um público ordinando e um público voltado para os preparatórios, que iniciaram seus estudos ainda em 1856.¹⁰² Estava em jogo garantir uma formação integral do clero na própria instituição, uma vez que o estudo no Seminário Menor era pré-requisito para o ingresso no Seminário Maior. Além disso, tratava-se de captar uma demanda por educação secundária das famílias espalhadas pela província e uma tentativa de se garantir financiamento para o projeto.¹⁰³

Naquele momento, o corpo docente era constituído apenas de frei Eugênio de Rumilly (reitor até 1873), de Frei Firmino de Centelhas (vice-reitor) e do reverendo Joaquim José de Gomes de Sant’anna, amigo do bispo diocesano. Dom Antônio ainda pretendia “aplicar a quantia de 8:00\$rs, que tem de receber do tesouro, na aquisição de 5 lentes e 2 fâmulos, que tem de vir da grande casa dos Lazaristas de Paris” (*CORREIO PAULISTANO*, 12/02/1857, p. 1).

Com o crescimento do Seminário, a questão da falta de mão de obra docente ficou mais dramática. Enquanto tentava os lazaristas, o bispo designou frei Eugênio de Rumilly para ir a Roma em busca de arregimentar professores para a instituição. O capuchinho zarpu no dia 15 de fevereiro e foi recebido pelo Papa no dia 25 de abril. Entretanto, frei Eugênio “apenas obteve, padre Antônio Vibonati, que lhe foi imposto em Roma” (RUMILLY, s.d., p. 6).¹⁰⁴

Os prelados retornaram para o Brasil em setembro daquele ano. No ano seguinte, em janeiro de 1858, o presidente da província de São Paulo encaminhou à Assembleia Provincial um relatório, chamado de “mapa”, com informações relativas às aulas abertas no Seminário Episcopal, conforme o quadro a seguir.

¹⁰² Convém destacar que nesse relatório, a instituição se apresentava somente sob o nome de Seminário: as designações Seminário Maior, Grande Seminário, Seminário Menor, Pequeno Seminário ou ainda, Colégio Diocesano, só aparecerão posteriormente, indicando que a precisão terminológica derivou de um processo de especialização dos espaços da instituição.

¹⁰³ De acordo com Martins (2006) seminários Maior e Menor estavam vinculados também por uma estratégia de aumentar maior aporte financeiro para a manutenção do projeto de formação clerical que permaneceu até 1906 quando a Congregação dos Irmãos Maristas assumiu o ensino civil.

¹⁰⁴ No original: “ne put obtenir que le P. François Antoine de Vibonati, napolitain, qu’on lui imposa à Rome.”

Quadro 5 – Aulas abertas no Seminário Episcopal em janeiro de 1858

Professores	Cadeiras de ensino
Frei Eugenio de Rumilly	Teologia Moral Geografia Comunicação francesa Catecismo raciocinado
Frei Firmino de Centelhas	Teologia dogmática História Matemática
Frei Francisco de Vibonatti	Filosofia Canto gregoriano
Rvd. Joaquim José Gomes de Sant'Anna	Música
Rvd. José Pereira da Silva Barros	2ª cadeira de Latim
Francisco de Paula Reis	3ª cadeira de Latim

Fonte: Quadro elaborado com base nas informações prestadas em 7 de janeiro de 1858 pelo bispo de São Paulo. Arquivo do Estado de São Paulo – Ofícios Diversos (*online*) – Seminário Episcopal.

Naquele ano, de acordo com relatório apresentado, o Seminário possuía então 62 alunos, dos quais 9 eram gratuitos e 8 não satisfaziam por completo as mensalidades.¹⁰⁵ A quantidade de alunos mais que dobrou em relação ao ano anterior. Os lazaristas parisienses não vieram constituir o corpo docente do Seminário, como se pode observar no quadro acima, e a solução encontrada foi integração de mais professores nacionais.

É nesse contexto que “o padre Germano de Annecy chega do Chile sob a demanda do padre Eugênio” (RUMILLY, s.d., p. 8).¹⁰⁶ Frei Germano e Frei Eugênio, não foram propriamente companheiros de turma. Frei Germano de Annecy era 5 anos mais velho e concluiu sua formação no convento de Chambéry em 1845, seis anos antes de Frei Eugênio realizar seus votos. Mas, para além dessa constatação, a vinda de frei Germano resulta de uma determinação de frei Eugênio e marca o protagonismo que os capuchinhos

¹⁰⁵ De acordo com a sessão da Assembleia Legislativa Provincial no *Correio Paulistano* em 9 de abril de 1859, o órgão legislativo passou a subvencionar o Seminário Episcopal no ano de 1858 com a quantia de 4:000\$000 anuais em troca da admissão de alunos bolsistas, fossem eles integrais ou parciais (*CORREIO PAULISTANO*, 7/4/1859, p. 2).

¹⁰⁶ No Original: “Le P. Germain d’Annecy arriva du Chili en 1858 sur la demande du P. Eugène.”

vinham assumindo na instituição. No ano seguinte, em 1859, dá-se a chegada de frei Generoso de Rumilly (RUMILLY, s.d., p. 8).

Naquele momento, portanto, o corpo docente do Seminário estava constituído pelos capuchinhos de Savóia frei Eugênio de Rumilly, frei Firmino de Centelhas, frei Generoso de Rumilly e frei Germano de Annecy, pelo capuchinho italiano, frei Francisco de Vibonnati, pelos padres seculares brasileiros, Joaquim de Sant'Anna, José da Silva Barros e Francisco de Paula Reis. Ao longo dos 22 anos em que os capuchinos conduziram a instituição, houve modificações no quadro docente com substituições e com acréscimos de outros professores nacionais e estrangeiros.

3.2 - Frei Germano de Annecy e o Seminário Episcopal de São Paulo

Frei Germano de Annecy veio para São Paulo em 1858, ele tinha entre 34 e 35 anos. Naquela época, a cidade possuía cerca de 20 mil habitantes e era descrita como letárgica, mal iluminada e entediante, portanto, muito diferente da metrópole que ganhara impulso extraordinário a partir das últimas três décadas do século XIX em razão da expansão da economia cafeeira, da chegada dos imigrantes, dos novos serviços de iluminação pública a gás, da expansão da malha ferroviária e da implementação do novo sistema de transporte urbano, o bonde a tração animal (KOSSOY, 2004, p. 387-393).¹⁰⁷

Nessa época, a imprensa periódica começa a dar seus primeiros passos com a fundação do *Correio Paulistano* (1854), secundado pelo *Diário de São Paulo* (1865), e pela *A Província de São Paulo* (1875), estimulados pelo cenário cultural propiciado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco (CRUZ, 2004, p. 358).¹⁰⁸

É nesse cenário onde se encetam os processos de transição vivenciados pela cidade de São Paulo que podemos localizar o início das atividades de frei Germano de Annecy. Ele veio para São Paulo para constituir o corpo docente de uma instituição de inspiração

¹⁰⁷ É preciso ponderar que na década de 1850 já se entevia progressos materiais como a reconstrução da Ponte do Açu (1853) e as construções do Matadouro Municipal (1853), da Caixa d'Água (1857), do Cemitério Público (1858), e o aperfeiçoamento da malha viária central com pavimentação, retificação de traçados e aberturas de vias etc. Porém, em 1872, quando a cidade contava com cerca de 32 mil habitantes, um relatório do governo provincial ainda a descrevia como paupérrima, carente de equipamentos urbanos, atrás de outras cidades como Cuiabá, Porto Alegre, Niterói, Fortaleza, Belém, Recife, Salvador, e Rio de Janeiro. Para mais informações, ver Porta (2004).

¹⁰⁸ A efetivação da imprensa diária em São Paulo não foi automática. Esses periódicos conviveram com uma experiência de imprensa que lhes era anterior, que contribuiu para a constituição de uma experiência literária nacional, mas caracterizada por publicações mais simples, de periodicidade irregular e conteúdo panfletário, de financiamento escasso e vida efêmera. Para mais informações sobre esse assunto, ver Cruz (2004); Martins e Luca (2015).

tridentina regida segundo preceitos morais austeros, conforme o disciplinado pelo *Prospecto do Seminário Episcopal de São Paulo* (1856).¹⁰⁹

Segundo o *Prospecto*, todos os seminaristas deveriam se confessar ao menos uma vez por mês e quanto ao isolamento: não podiam enviar ou receber cartas sem que essas passassem pelas mãos do Reitor, tampouco, podiam sair às ruas desacompanhados e ou sem licença. Todo contato com o mundo externo ao Seminário deveria ser mediado pelos freis (*PROSPECTO*, 1856).

Além disso, o documento instituía

O ponto característico e essencial deste Seminário é que o aluno, que nele tiver sido matriculado, não sairá mais; senão dois meses antes de ser promovido às ordens sacras, findos os quais ele voltará a concluir sua carreira. Quem tiver saído uma vez, não será mais aceito (*PROSPECTO*, 1856).

Muito embora, o isolamento fosse a estratégia para se criar um local separado do ambiente profano, ao que parece, nem os seminaristas e nem seus familiares estavam preparados para o rigor dessa regra. Conforme a edição de 8 de dezembro de 1858 do *Correio Paulistano*, o bispo pretendia conceder o direito de passar férias em casa aos ordinandos que ainda não haviam iniciado o curso teológico (*CORREIO PAULISTANO*, 8/12/1858, p. 3).

Na época em que frei Germano chegou ao Seminário, a instituição ainda recebia alunos externos. Conforme o prospecto: “Não se recebem alunos externos, senão até a idade de 14 anos. Pagarão por mês 4\$ rs. adiantados, lhes é proibido, sob pena de exclusão, toda relação com os internos” (*PROSPECTO*, 1856).

Esse artigo explicita o desconforto da administração do Seminário quanto à admissão de alunos externos, obviamente porque esses elementos ameaçavam a condição de isolamento dos internos que, como vimos, caracteriza os seminários tridentinos. A partir de 1859, a instituição “não receberia mais alunos externos” (RUMILLY, s.d., p. 8).¹¹⁰

O *Prospecto* disciplinava a rotina dos seminaristas. Do amanhecer, das 5 horas, momento que eles deveriam despertar, arrumar a cama, fazer o asseio e dirigir-se à capela

¹⁰⁹ Esse prospecto sintetizava algumas das proposições presentes em dois documentos precedentes publicados pelo bispo dom Antônio Joaquim de Melo: *Regulamento para os ordinandos e Regulamento ao clero*, ambos de 1852. Esses documentos discutem assuntos de ordem litúrgica, moral, dogmática e comportamental, visando a construção de uma conduta reformada. Para mais informações sobre esse assunto, ver Coelho (2016), Martins (2006) e Wernet (1987).

¹¹⁰ No original: “on ne recevait pas d’externes.”

até a hora do repouso, às 21 horas, o dia apresentava doze subdivisões alternando exercícios espirituais, estudos e breves momentos destinados à alimentação e ao recreio. Somente nos dias de sueto (domingos, dias santos e quintas-feiras) tal rotina era um pouco relaxada, com menos obrigações e maiores intervalos entre uma atividade e outra. O documento se voltava ainda exclusivamente para os ordinandos que tinham a incumbência de seguir todos os dispositivos comuns acrescidos de exercícios espirituais específicos para a categoria, constituindo mais uma prova de que desde o início dos trabalhos a instituição atendia a um público leigo e a um aspirante (PROSPECTO, 1856).

O regime disciplinar contido no *Prospecto* não era nenhum um pouco estranho a frei Germano de Annecy, religioso que já observara nos conventos de La-Roche e de Chambéry regras de condutas constituídas até mesmo de punições físicas e psicológicas. Entretanto, se as regras, regulamentos e prospectos buscam substantivamente, com maior ou menor sucesso, formatar o comportamento no interior das instituições tridentinas, fossem conventos ou seminários, as ações, as práticas dos sujeitos concorrem para singularizar essas instituições. Nesse sentido, convém questionar: quais foram as implicações da atuação de frei Germano para o Seminário Episcopal? Iniciaremos essa discussão verificando o impacto de sua presença na oferta das matérias que eram fornecidas na instituição.

Nosso ponto de partida é a análise de um prospecto exclusivo do Seminário Menor que acompanhou um relatório produzido no ano de 1871. Portanto, 15 anos após a inauguração do seminário, em um período em que a instituição estava mais experiente e com seus espaços, Seminário Maior e Seminário Menor, mais bem delimitados. No prospecto, o reitor informava o seguinte: “As aulas do seminário menor, funcionando todas este ano, são as mencionadas no prospecto da casa, do qual aqui junto um exemplar” (RUMILLY, 1871, s.p.).¹¹¹

Podemos inferir da citação acima que as aulas do Seminário Menor não necessariamente “funcionavam” todas ao mesmo tempo, porém, naquele ano, todas estavam abertas, segundo o reitor. E quais seriam essas aulas? Vejamos o quadro a seguir.

¹¹¹ O prospecto exclusivo do Seminário Menor acompanha o relatório endereçado por frei Eugênio de Rumilly às autoridades eclesiásticas nas figuras do Arcediago e do Vigário Capitular da Diocese em 28 de dezembro de 1871. O prospecto exclusivo do Seminário Menor não apresentava a data de sua publicação, mas utilizaremos o ano de 1871 como sua referência temporal, pois a primeira e única vez que topamos com um documento desse tipo foi nesse ano, acompanhando o relatório produzido por frei Eugênio de Rumilly.

Figura 5 – Aulas abertas no Seminário Episcopal em dezembro de 1871

AULAS PRINCIPAES	AULAS ESPECIAES
Philosophia (2 annos)	Geometria, physica, astronomia, historia da idade media e moderna.
Rhetorica	Mathematica, historia romana, Francez, Inglez.
1ª aula de latim	Historia antiga, geographia, Francez.
2ª " de latim	Historia universal, geographia, Arithmetica.
3ª " de latim	Historia patria, geographia, Arithmetica, e musica vocal.
4ª " da lingua nacional	Geographia, historia sagrada.
Aulas livres	Allemao, grego e desenho.

Fonte: Pequeno Seminário Episcopal de S.Paulo - Arquivo do Estado de São Paulo – Ofícios Diversos (*online*).

Da leitura do conteúdo acima conclui-se que havia duas modalidades de curso. Uma era chamada de “Aulas principais” e a outra de “Aulas especiais”. Coincidência ou não, intencionalmente ou não, as três matérias que abrem a coluna das aulas especiais, Geometria, Física e Astronomia, eram ofertadas por frei Germano. Ainda segundo o *Prospecto*, essas modalidades de curso funcionavam da seguinte forma: “Os alunos que não se destinam a alguma carreira literária, podem, a pedido dos pais, ser dispensados das aulas principais, e frequentar somente os cursos especiais, que lhes convierem, como francês, geografia, aritmética etc. (*PROSPECTO*, 1871)”.

Tem-se, portanto, que a escolha das “aulas especiais” era facultativa e que elas funcionavam como um complemento das “Aulas principais”. A estrutura apresentada pelo Seminário Menor possibilitava um leque de opções para os alunos e, apesar de constituir o padrão do Ensino Secundário no período, de função propedêutica, se diferenciava por não restringir a oferta de matérias aos conteúdos exigidos nos exames de preparatórios por meio das chamadas aulas avulsas (HAIDAR, 2008, p. 45).

Mas, quais eram os conhecimentos exigidos nos exames para o ingresso nas faculdades do império? De acordo com Haidar, somente em 1887, os exames preparatórios para Medicina passaram a exigir noções de Ciências Físicas e Naturais, até então, vigorava nos preparatórios os conteúdos disciplinados pelo decreto 1.387, de 28 de abril de 1854, quais eram: Latim, Francês, Inglês, Filosofia Racional e Moral, Aritmética e Geometria, História, Geografia e Álgebra. Para as Faculdade de Direito, a introdução da Álgebra nos exames era a única alteração nas exigências fixadas pelos estatutos de 1831, que previam para os exames preparatórios Língua Francesa, Latim, Gramática Latina, Filosofia Racional e Moral, Geometria, Inglês, Aritmética, História e Geografia. Nem mesmo as condições de matrícula na Escola de Minas e Ouro Preto ou na Escola Politécnica fundadas na década de 1870 eram mais exigentes quanto aos conteúdos

científicos. Para a matrícula nessas instituições, o Decreto n. 8.785, de 30 de novembro de 1882 exigia conhecimentos elementares nas seguintes matérias: Português, Francês, Inglês, História, Geografia, Aritmética, Álgebra, Geometria, Trigonometria e Desenho Geométrico (HAIDAR, 2008, pp. 45-68).

Com efeito, a existência de alunos matriculados nas aulas de Física e Astronomia fornecia um caráter distintivo ao Seminário Episcopal uma vez que a historiografia da educação aponta a quase inexistência de alunos para esses cursos nas primeiras décadas da segunda metade do século XIX. A frequência nessas matérias era baixa até mesmo no modelar Colégio de Pedro II que oferecia o grau de bacharel para aqueles que cumprissem todo o ciclo do Ensino Secundário (HAIDAR, 2008; LORENZ; VECCHIA, 2015; LORENZ, 2003).

Se os conhecimentos de Física e de Astronomia eram prescindíveis para a formação sacerdotal, se não eram cobrados nos exames preparatórios dos cursos mencionados acima e se não eram oferecidos pela maioria das instituições de ensino, o que explica o fato dessas matérias estarem funcionando no Seminário Episcopal em 1871? Teria sido aquele um ano atípico para instituição?

Os dados compilados dos relatórios apresentados à Assembleia Provincial e dos publicados na imprensa a que tivemos acesso sugerem que a matrícula de alunos e o funcionamento das aulas de Física e Astronomia eram, de certa maneira, habituais, como se vê na tabela a seguir.

Tabela 4 - Seminário Menor – aulas de Física e Astronomia (1858-1878)

	Astronomia	Física
1858	-	-
1858	X	-
1860	X	X
1864	X	X
1866	X	X
1867	-	X

1870	X	X
1871	X	X
1874	X	X
1876	X	X
1877	X	X

Fontes: Hemeroteca Digital Brasileira; Arquivo Público do Estado de São Paulo.¹¹²

A Tabela 4 apresenta 11 relatórios abrangendo um intervalo de tempo de 20 anos. Nesse período, a administração dos capuchinhos no Seminário Episcopal foi do auge à decadência, mesmo assim, observamos uma certa constância na procura dos alunos por essas aulas. Felizmente, em 1858 houve a produção de dois relatórios, um deles realizado, já pontuamos anteriormente, em janeiro e o outro, no final daquele ano, após a chegada de frei Germano. O comparativo entre os dois relatórios, bem como, a leitura da série toda, permitem concluir que a chegada e a presença de frei Germano foram determinantes para que as matérias de Astronomia e Física fossem frequentemente escolhidas pelos alunos.

Obviamente, o fato de o Seminário Episcopal funcionar em regime de internato pode ter favorecido escolhas menos pragmáticas por parte dos alunos, mas, o que as teriam motivado? Os relatórios não nos apresentam essa resposta, mas vamos encontrá-la acompanhando os vestígios das ações e agenciamentos realizados por frei Germano que impactaram significativamente na arquitetura, demais espaços e no cotidiano do Seminário Episcopal de São Paulo, bem como, na estima social alcançada em razão de suas virtudes científicas.

3.3 Frei Germano de Annecy: virtude científica e estima social a partir do Seminário Episcopal

O título desse tópico é inspirado em um texto de François Ploux (2018) em que o autor discute o papel da produção de saber realizada por intermédio das sociedades

¹¹² Verificar nos anexos de A à M os *prints* dos documentos utilizados para a montagem do quadro referente às aulas de Astronomia e de Física que funcionaram no Seminário Episcopal. Informamos que, apenas em 1876, houve registro de aulas de Cosmografia, para todos os demais, a rubrica utilizada nos relatórios foi Astronomia.

eruditas, espalhadas pelas províncias francesas do século XIX, como um marcador social.¹¹³ De acordo com o autor, para setores das burguesias provinciais, integrar-se aos seletos grupos das sociedades eruditas era uma forma de se distinguir dos homens comuns e de constituir uma rede de sociabilidade de elite formada por frações da aristocracia fundiária. As atividades intelectuais de pesquisa e publicação procediam também de estratégias coletivas de distinção e integração cujo valor social era condizente com sua raridade e ou sua preocupação com o bem público. Ainda conforme o autor, a adesão aos valores associados ao progresso, ao bem público e à necessidade de se firmar no espaço público constituíam estímulos para os homens do século XIX que acabaram convertendo, à margem da ciência profissional, mérito acadêmico em lucros simbólicos, em estima social.

É verdade que frei Germano não participou de nenhuma sociedade erudita enquanto morou em São Paulo, tampouco elas pareciam existir na cidade, mas como veremos, inferimos que as apresentações com energia elétrica, os trabalhos no campo da meteorologia e da astronomia, dados também à raridade deles na província e o crescente interesse por esses assuntos no império, concorreram para a construção de uma estima social entorno de seu nome. Tal estima, que acabou servindo para distingui-lo de seus confrades seminaristas como exemplifica a epígrafe desse capítulo, não derivou de um processo rápido ou automático, mas corresponde a uma vivência de cerca de 20 anos da qual temos alguns vestígios e indícios.

Logo em 1858, frei Germano começou a preparar seu cartão de visitas que ficaria pronto somente no ano seguinte: um relógio de Sol mural vertical (*APÓSTOLO*, 14/11/1884, p. 3).

¹¹³ O texto em questão chama-se “L’estime et la vertu: culture scientifique et identité bourgeois dans la France provinciale au XIX siècle” e integra o dossiê “Libido sciendi: l’amour du savoir (1840-1900)” dirigido por Volny Fages e Laurence Guignard, publicado na *Revue d’histoire du XIX siècle*, em 2018.

Figura 6 - Relógio de Sol mural no Seminário Episcopal de São Paulo (s.d.)



Fonte: Marques dos Santos, 2005, p. 22.

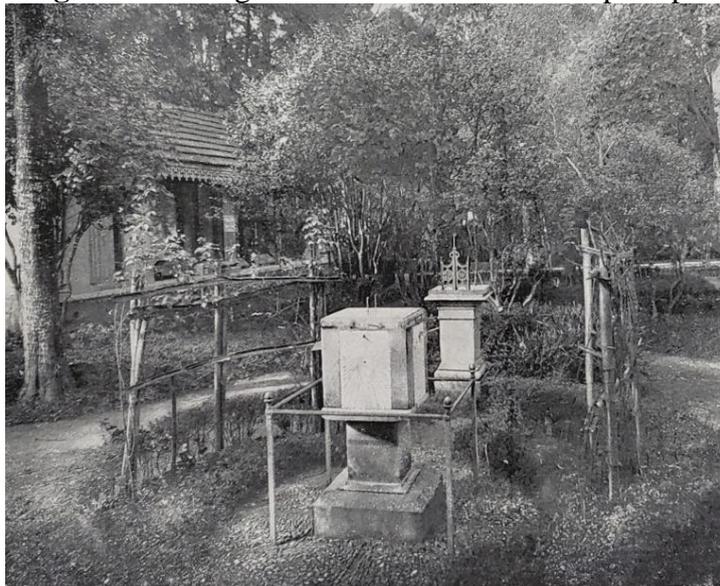
A fotografia apresenta um artefato restaurado em 1884 (*APÓSTOLO*, 14/11/1884, p. 3) do qual realizaremos uma análise mais pormenorizada no capítulo seguinte. Por enquanto, cabe ressaltar que se trata de um artefato que, além das horas, informa a posição da Terra em seu movimento anual em torno do Sol.

Deve-se considerar que a projeção e a fabricação de um artefato como esse resulta de investimentos pessoais e relações sociais, pressupõe saber-fazer, instrumentos e uma sequência de etapas marcando o cotidiano daquela instituição desde o início de sua produção. Por seus símbolos, seus elementos geométricos, recursos literários e enigmas técnicos, é provável que o relógio de Sol se impusesse no cotidiano do Seminário Episcopal mediando saberes, incitando diálogos, estimulando a curiosidade dos estudantes. Vale lembrar que, no relatório de dezembro de 1858, o primeiro realizado a partir da vinda de frei Germano, dom Antônio informou que já estavam funcionando as aulas de Teologia Moral, Teologia Dogmática, Retórica, Latim, Português, História da Igreja, Aritmética, Geografia, Francês, História Sagrada, Música, Canto Gregoriano,

Geografia e Cosmografia (MELO, 1858. p. 2). Destacamos que entre de 1858 a 1862, a Astronomia não era oferecida nem no Colégio de Pedro II (VECHIA; LORENZ, 1998).

Obviamente, a escolha dos alunos derivava da presença de frei Germano, de suas ações e da construção do relógio de Sol vertical mural por ele projetado. A esse relógio devem ser associados outros dois artefatos astronômicos como se vê a seguir na imagem a seguir.

Figura 7 – Relógios cúbicos no Seminário Episcopal



Fonte: *Polyanthea* (1906, p. 15).

As interferências realizadas por frei Germano no espaço do Seminário Episcopal contribuíram para a construção de uma cultura tecnocientífica, afetando as pessoas e parte das atividades humanas que aconteceram naquele ambiente. Mas, os quadrantes e o relógio de Sol mural não foram as únicas marcas deixadas por frei Germano, ele influenciaria ainda o próprio desenho arquitetônico do Seminário Episcopal.

Frei Germano chegou no Seminário em um momento de crescimento da instituição. Em dezembro de 1858, o bispo dom Antônio mencionava que havia 78 alunos matriculados, portanto, 16 alunos a mais que no começo do ano. A procura de alunos pelo Seminário continuava crescendo pressionando dom Antônio a cuidar de “edificar uma nova casa adjacente a outra para poder estabelecer entre os ordinandos e os meninos uma separação que tanto a estes como aqueles será de grande utilidade” (MELO, 1858, p. 2).

Em breve, o Seminário Episcopal atingiria o ponto máximo de 170 seminaristas matriculados.¹¹⁴

Estava em pauta um problema para os religiosos reformistas ultramontanos: o da convivência no mesmo prédio de estudantes ordinandos e não ordinandos, prejudicando o isolamento dos primeiros. Urgia, então, a construção de uma segunda ala. De acordo com Eudes Campos (2007, p. 21) a edificação do novo prédio do Seminário Episcopal foi iniciada em 1858 e inaugurada no ano de 1860. Ainda segundo o autor, a construção da capela, em 1859, e a do segundo lanço foram supervisionadas e influenciadas diretamente pelos capuchinhos de Savóia.¹¹⁵ A fotografia a seguir apresenta a fachada completa do Seminário Episcopal.

Figura 8 - Fachada do Seminário Episcopal de São Paulo



Fonte: Militão Augusto de Azevedo. Seminário Episcopal, 1862/1863, fotografia. Acervo da Biblioteca Mário de Andrade / SMC, São Paulo.

A imagem captada pela lente de Militão Augusto de Azevedo entre 1862 e 1863 é bastante sugestiva. Nela, podemos notar claramente mais de cem pessoas perfiladas em frente ao Seminário. E a distribuição deles pelo prédio da instituição esteve diretamente

¹¹⁴ De acordo com Sousa Filho (1863, p. 266) no ano de 1863, apenas 27 seminaristas destinavam-se ao curso teológico. Destacamos ainda que o Seminário Episcopal atingiria essa marca de 170 seminaristas matriculados novamente em 1867. A partir daí, os números oscilam para baixo: 125 em 1869; 140 em 1870; 80 em 1876; 71 em 1878, no ano em que os capuchinhos deixaram a instituição. Os dados foram retirados de *Correio Paulistano* (1867, p. 2; 1876, p. 1) e de *Diário de S. Paulo* (1869, p. 1; 1870, p. 1; 1878, p. 1).

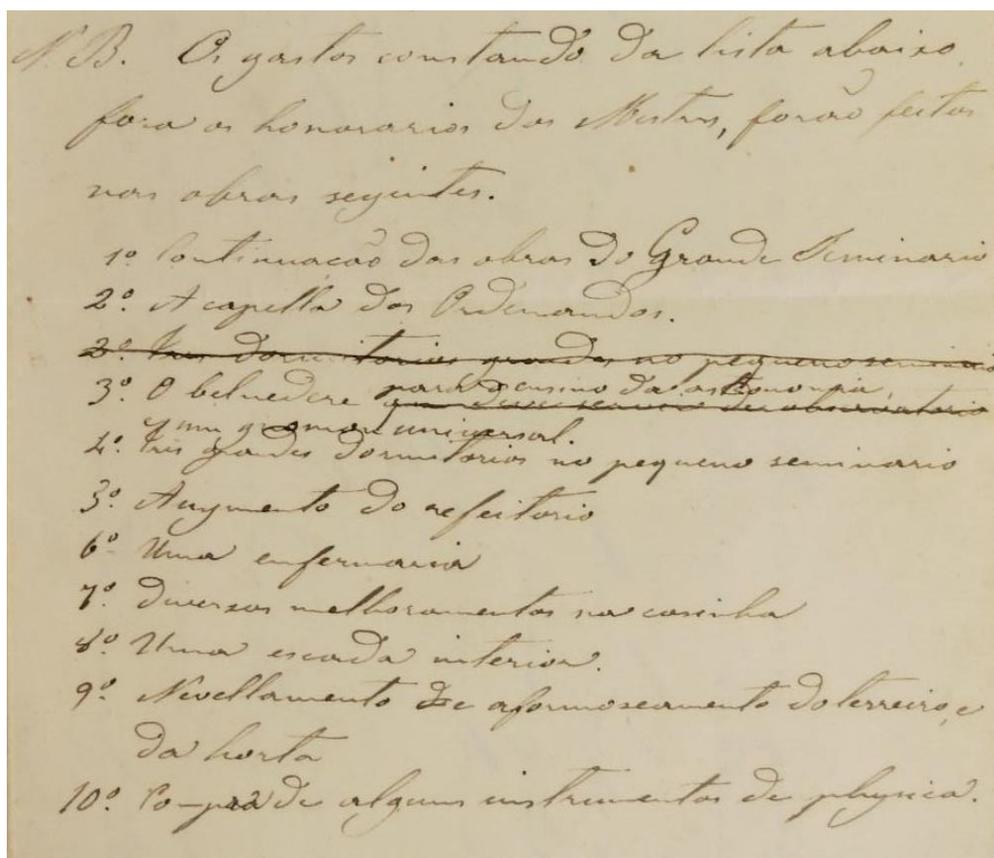
¹¹⁵ Vale destacar que nesse biênio (1858-1860), o bispo dom Antônio estava realizando visitas pastorais, adoeceu e retirou-se para Itu, onde faleceu em 1861, sem ver a segunda ala inaugurada (RUMILLY, s.d., p. 10).

associada ao plano arquitetônico do Seminário, ficando a ala norte, ou ala da direita, destinada ao Seminário Menor, e a ala recém-inaugurada, destinada ao Seminário Maior¹¹⁶. Uma observação mais detida da imagem revela a diferença dos materiais empregados na construção do segundo lanço. A primeira ala, dada inexistência no período de fábrica de tijolos para a construção foi edificada a partir do sistema de taipas-de-pilão, enquanto a utilização de tijolos na segunda ala, denota o contínuo progresso material da cidade de São Paulo na área da construção civil em finais da década de 1850 (CAMPOS, 2007, pp. 83-84).

Além disso, a ala recém-inaugurada apresentava uma importante novidade, um torreão encimado por um terraço. De acordo com Campos, tratava-se de um espaço “para ser usado como observatório astronômico do frei Germano d’Annecy e como mirante, de onde se gozava uma bela vista sobre São Paulo” (CAMPOS, 2007, pp. 83-84). Cabe a pergunta: já naquele momento, nos anos iniciais do Seminário Episcopal, frei Germano teria presença suficiente para influenciar no desenho arquitetônico do novo prédio?

Encontramos no Arquivo do Capuchinhos em Paris, uma carta assinada por frei Eugênio de Rumilly, de 1861, relatando de modo genérico a prestação de contas do ano corrente considerando o adiantamento de 30:000#000, conferido pela Tesouraria Geral da Província, relativo ao provimento de professores de 1860 a 1863. De acordo com o documento a verba foi empregada da seguinte forma:

¹¹⁶ Com o término das obras, a capela passou a ser o elemento de divisão entre a parte norte, destinada ao Seminário Menor e a parte sul, destinado ao Seminário Maior. Assim, os alunos de ambos os setores compartilhavam ainda os locais de uso comum como pátio, refeitório e quintal, porém em horários diferentes, restringindo ao máximo o contato entre ordinandos e não ordinandos (MARTINS, 2006).

Figura 9 – Relatório de despesas do Seminário Episcopal de São Paulo, 1861

Fonte: Arquivo dos Capuchinhos em Paris, França. C. 14, p. 1.

A prestação de contas em questão revela que o seminário fora inaugurado restando ainda obras a serem realizadas e ou finalizadas, como alguns dormitórios no pequeno seminário, continuação das obras do grande seminário, aumento do refeitório, construção de uma enfermaria e melhoras na cozinha. Particularmente, nos chama atenção os itens 3 e 10 do documento que respectivamente citam “o belvedere para o ensino da Astronomia”, “um gnomon universal” e a compra de “alguns instrumentos de physica”.¹¹⁷

Tal documento, reforça nosso argumento de que as ações de frei Germano foram fundamentais para justificar o gasto com a compra de instrumentos de Física e com a interferência no projeto arquitetônico do seminário. Tomados em conjunto, o relatório de despesas, as imagens dos relógios solares cúbicos, do relógio de Sol mural e do belvedere, revelam um espaço demarcado a partir de dimensões objetiva-subjetiva constituente de práticas que serão analisadas no capítulo seguinte. Por ora, convém destacar, conforme Viñao Frago que

¹¹⁷ Essa é a única menção que encontramos referente a compras de instrumentos pelo Seminário Episcopal no tempo dos capuchinhos. Infelizmente, não há nenhuma descrição dos objetos.

o espaço jamais é neutro: em vez disso, ele carrega, em sua configuração como território e lugar, signos, símbolos e vestígios da condição e das relações sociais de e entre aqueles que o habitam. O espaço comunica; mostra, a quem sabe ler, o emprego que o ser humano faz dele mesmo. Um emprego que varia em cada cultura; que é um produto cultural específico, que diz respeito não só a relações interpessoais – distâncias, território pessoal, contatos, comunicação, conflitos de poder -, mas também à liturgia e ritos sociais, à simbologia das disposições dos objetos e dos corpos – localização e posturas -, à sua hierarquia e relações (VIÑAO FRAGO, 2001, p. 63).

Com base nas proposições de Viñao Frago (2001) citadas acima, compreendemos que em determinados espaços do Seminário Episcopal ocorreu a materialização de esquemas intelectuais e culturais apreendidos na Savóia e que circularam juntamente com frei Germano. É pertinente pensarmos que artefatos como o relógio de Sol mural mantivesse alguma relação com a organização racional dos afazeres dos seminaristas, fossem eles ordinandos ou não ordinandos, disciplinando as atividades de oração, lazer e estudo ao longo do dia. Destaca-se que frei Germano, provavelmente, encontrou em frei Eugênio de Rumilly, então diretor do Seminário, uma figura que realizou concessões e convergiu com os objetivos almejados por frei Germano, contribuindo para a criação de uma infraestrutura que contou com a compra de alguns instrumentos e a construção de um belvedere para que servisse de local de ensino.

É nítido que a presença de frei Germano incrementou a cultura escolar do seminário com a construção de novos espaços, com a oferta de novas aulas e com a aplicação de uma metodologia de ensino coadjuvado por artefatos concorrendo com as humanidades literárias. Convém destacar que a construção do terraço serviu para matizar o isolamento vivenciado por aquela instituição tridentina. Tratava-se de um canal de acesso privilegiado à paisagem e ao cotidiano de São Paulo. Não por acaso, foi desse belvedere que parte dos docentes do Seminário constituída por frei Eugênio, frei Firmino, frei Generoso, frei Teodoro, frei Justo, frei Gonçalo e frei Germano assistiu a tragédia de 6 de setembro de 1865 envolvendo o descarrilamento de trens na parte da Estrada de Ferro Inglesa que da Moóca se estendia até a Estação da Luz. De acordo com o cronista Antônio Egydio Martins (1863-1922), os professores do Seminário foram os primeiros a prestar auxílio aos feridos do acidente ferroviário (MARTINS, 1909, pp. 195-196).

Frei Germano de Annecy fez do belvedere do seminário mais um local de saber e um palco para eventualmente comunicar conhecimentos científicos por meio de espetáculos a públicos muitos mais amplos que o da comunidade escolar. Já em 1863, Souza Filho, ao analisar a fachada do Seminário Episcopal comentou:

Na extremidade do lanço esquerdo do edifício há um pequeno terraço que serve de observatório; ali tem feito o professor de física experiências com a luz elétrica, projetando-a sobre a cidade; e também se tem feito observações astronômicas (SOUSA FILHO, 1863, p. 267).

Nem bem havia se passado três anos da inauguração do lanço esquerdo do edifício e aquele espaço já era compreendido e divulgado como um local em que o professor de Física realizava suas experiências com luz elétrica e observações astronômicas. É interessante destacar que o relato fora realizado por Clemente de Souza Filho, um deputado que de apoiador passou a crítico do Seminário Episcopal, do que a instituição representava e da isenção da inspeção pública.¹¹⁸

As habilidades de frei Germano, notadas por Clemente de Souza, não passavam desapercibidas pelos seminaristas. Já em 1860, Anacleto Coutinho, então vigário, endereçou à Assembleia o único relatório sobre o Seminário Episcopal de que dispomos em que consta um quadro contendo não só as aulas funcionando, mas também o número de alunos matriculados.

Quadro 6 – Alunos matriculados nas matérias em funcionamento no Seminário Episcopal em 1860

Matérias de ensino	Nomes dos professores	Nº de alunos
Teologia moral e Eloquência Sagrada	Frei Eugênio de Rumilly	21
Teologia dogmática História da eucaristia	Frei Firmino de Centelhas	21
Filosofia	Frei Francisco Vibonati	10
Matemáticas, Astronomia e Física	Frei Germano de Annecy	15
Retórica	Frei João José de Monte Fiori	5
Francês, Aritmética, Inglês, Geografia, Música	Frei Generoso de Rumilly	44
1ª aula de Latim e História	Francisco de Paula Rodrigues	9
2ª aula de Latim e História	Rvd. José Pereira de Passos	33
3ª aula de Latim	Rvd. Antônio Candido de Alvarenga	28

¹¹⁸ Sobre esse assunto, ver a edição do *Correio Paulistano* de 28 de fevereiro de 1864 que publicou a transcrição da 38ª sessão Ordinária da Assembleia Legislativa Provincial. Na ocasião, o deputado questionou a capacidade intelectual dos padres, o número de alunos pobres estudando na instituição, o sistema de ensino, a ideologia ultramontana (pejorativamente chamada de jesuitismo), a isenção de inspeção pública etc. (*CORREIO PAULISTANO*, 28/2/1864, p. 2).

Ala dos principiantes	Rvd. Candido Corrêa	32
-----------------------	---------------------	----

Fonte: Quadro elaborado com base nas informações prestadas em 21 de fevereiro de 1860 por Anacleto Coutinho. Arquivo do Estado de São Paulo (APESP) – Ofícios Diversos (*online*) – Seminário Episcopal.

Com relação às “matérias de ensino” ofertadas por frei Germano, consta que, naquele ano, o capuchinho estava responsável pelas aulas de Matemáticas, Astronomia e Física. Não fica claro, no entanto, se o frei tinha 15 alunos por matéria ou se esse número significava a soma de alunos matriculados nessas três. Porém, temos a sugestão de que esses números poderiam variar bastante¹¹⁹.

Não sabemos ao certo com que regularidade o Seminário Episcopal manteve essa prática, mas a edição de 3 de março de 1862 do *Correio Paulistano* informava que “no dia 2 do corrente teve lugar a distribuição anual dos prêmios aos alunos que mais se haviam se distinguido no ano letivo” (*CORREIO PAULISTANO*, 9/3/1862, p. 2).¹²⁰ Na relação de alunos matriculados e premiados por matéria, consta que Astronomia recebeu 24 alunos. Os premiados foram, respectivamente: Antônio Benedicto dos Santos Malheiros e Eloy Bicudo Varella Lessa. O primeiro se formou bacharel em Direito, o segundo foi um político brasileiro mais conhecido como Barão Lessa. Nenhum dos dois seguiu uma carreira científica, possivelmente matricularam-se nas aulas de Astronomia por curiosidade intelectual despertada pelo ambiente convidativo e pelo convívio com frei Germano.

Naquele ano de 1862, Astronomia teve menos inscritos que Geografia e Latim, ambos com 54 alunos, mas, apresentou mais matriculados que História (22), Retórica (17), Inglês (22) e Filosofia (10) (*CORREIO PAULISTANO*, 9/3/1862, p. 2).

Infelizmente, não dispomos de nenhuma outra publicação que forneça o número de matriculados por ano nas aulas disponibilizadas pelo Seminário Episcopal. Mas, não parece o caso desconsiderar que a comparação entre o número de alunos matriculados registrados no relatório de 1860, 15, possivelmente distribuídos entre três matérias, e os 24 relatados na reportagem do *Correio Paulistano* em 1862, sugere tendência de crescimento e apresenta números expressivos.

¹¹⁹ Convém assinalar que o quadro representa uma estrutura hierárquica do Seminário. Nas duas primeiras linhas estão as matérias lecionadas no Seminário Maior, respectivamente ofertadas pelo reitor e pelo vice-reitor da instituição. Além disso, os seis primeiros nomes que aparecem no quadro são de professores estrangeiros (4 capuchinhos franceses e 2 italianos), um padrão que se repete em outros relatórios do gênero.

¹²⁰ Uma revisão bibliográfica sobre a temática da disciplina escolar, dos prêmios e castigos aplicados no Brasil entre os séculos XVIII e XIX, bem como, uma análise sobre o modo como essas estratégias eram utilizadas pelos Maristas à frente do Colégio Arquidiocesano pode ser encontrada em PIÑAS (2014).

É certo, no entanto, que a regularidade com que frei Germano garantiu alunos para as matérias de Física e Astronomia tem muito a ver com seus saberes e práticas cotidianas que resultavam em divulgação de conhecimento científico, concorriam para matizar a imagem ortodoxa do Seminário Episcopal e lhe conferia estima e prestígio, ao menos, no interior do seminário.

Frei Germano de Annecy fez do terraço do Seminário Episcopal seu observatório astronômico e sua estação meteorológica. Enquanto esteve no Seminário Episcopal, publicou ao menos 4 artigos referentes a efemérides como eclipses, passagens de cometa e trânsito planetário de Vênus. Assuntos em voga internacionalmente e que constituíam área de interesse da prática astronômica no Imperial Observatório do Rio de Janeiro (NADER, 2015).¹²¹ As ações e os escritos do capuchinho no campo da Astronomia concorriam para garantir que conteúdos relacionados a essa área do conhecimento científico fossem estampados nos periódicos da imprensa do império.¹²²

Temos indícios que as observações astronômicas realizadas por frei Germano de Annecy não necessariamente eram atividades isoladas ou compartilhada apenas com a comunidade do Seminário Episcopal, uma vez que o escritor e cronista Ulrico Zwingli afirmou que foi “ao seminário a convite de frei Germano para observar com ele o eclipse” (*CORREIO PAULISTANO*, 31/8/1867, p. 2). Assim, pode-se concluir que essas atividades de observação eram também compartilhadas, oportunidades para o estabelecimento de relações sociais mediadas pelo interesse científico.

As atividades de frei Germano de Annecy no campo da Astronomia, projeções de Relógios de Sol, aulas, observações e artigos, o notabilizaram. No início da década de 1870, ele foi fotografado por Militão Augusto de Azevedo.

¹²¹ No século XIX, em âmbito internacional, foram organizadas expedições astronômicas para observação de efemérides como como trânsito planetário e eclipses solares. Pode-se dizer que império em razão dos esforços de dom Pedro II se insere no contexto a partir da organização da expedição para a observação do eclipse solar de 1858. Sobre esse assunto, ver Nader (2015).

¹²² Frei Germano publicou assuntos referentes à eclipses do sol, da lua, passagens de cometas e trânsito planetário como segue: “Observações sobre o cometa de 1865”, publicado no *Correio Paulistano* na edição de 12 de fevereiro de 1865; “Eclipse do Sol”, publicado no *Diário de S.Paulo* na edição de 29 de agosto de 1867; “Passagem de Vênus”, publicado no *Correio Paulistano* na edição de 22 de novembro de 1874 e, por fim, “Eclipse”, publicado no *O Apóstolo*, na edição de 24 de agosto de 1877.

Figura 10: Fotografia de Frei Germano de Annecy por Militão Augusto de Azevedo (1870-1874)



Fonte: Museu Paulista USP – Coleção Militão Augusto de Azevedo.
Referência: 1.16539.0288.2117

Na ocasião, Militão encampava um projeto de fotografar os personagens que ele considerava de destaque na sociedade paulistana. Do Seminário Episcopal, apenas dois freis foram escolhidos: frei Eugênio de Rumilly, por ser o reitor da Instituição, e frei Germano de Annecy, agraciado com a legenda: “o primeiro astrônomo de São Paulo”. De fato, frei Germano foi o primeiro astrônomo de São Paulo se utilizarmos como critério a nova realidade política do Brasil imperial, independente.¹²³

Frei Germano mantinha unidos os interesses pela Astronomia e pela Meteorologia. Na sua primeira publicação abordando a passagem de um cometa em 1865, destacando seu brilho, rota, coordenadas geográficas e celestes, Frei Germano mencionou que “as observações meteorológicas não feito constar que a temperatura conservou-se mui elevada, sendo termo médio, sempre mais alta que nos dois anos precedentes (*CORREIO PAULISTANO*, 12/2/1865, p. 2)”

Esse é o primeiro indício para afirmar que, pelo menos, desde o início da década de 1860, frei Germano já realizava medições meteorológicas. Mais tarde, as medições de frei Germano de Annecy estamparam as páginas do jornal *A Província de São Paulo*. Entre os anos de 1875 e 1878, o capuchinho forneceu dados para 383 boletins meteorológicos relativos ao tempo feito, contribuindo para fomentar nos leitores e nas

¹²³ Frei Germano não foi primeiro astrônomo de São Paulo, antes dele, os astrônomos portugueses, Bento Sanches Dorta e Francisco de Oliveira Barbosa já haviam realizado observações astronômicas na região da cidade de São Paulo ainda no século XVIII (MARQUES DOS SANTOS, 2005, p. 13).

autoridades públicas o interesse pelo tema. Assunto ao qual retornaremos no capítulo a seguir.

Mas, as ações de frei Germano de Annecy extrapolaram a produção de conteúdo para impressos. Ao lado projeção dos relógios de Sol, suas demonstrações com iluminação elétrica tinham a possibilidade de comunicar conteúdos científicos a um público mais heterogêneo que o leitor de impressos. Essa história começa já em 1863 corroborando a informação de Clemente Souza Filho de que terraço do Seminário era palco de “experiências com luz elétrica”. Na edição de 14 de junho de 1863, o jornal *Correio Paulistano* informava que, por ocasião dos festejos, havia acontecido “uma brilhante iluminação na fachada do Seminário Episcopal (*CORREIO PAULISTANO*, 16/6/1863, p. 2).

O dia em que ocorreu tal evento foi muito sugestivo: festividade do Divino Espírito Santo. Frei Germano parece associar um símbolo da modernidade científica, uma promessa de progresso material capaz de romper literalmente a escuridão da noite, à tradição católica para a qual o Espírito Santo representa uma metáfora da luz e da iluminação (ALMEIDA, 2015, p. 45). Também não deixava de ser um aceno às tradições monárquicas, já que essa festa religiosa de raízes judaicas e pagãs, apropriada pelo catolicismo, foi oficialmente instituída em Portugal por iniciativa da rainha D. Isabel (1271-1336) e, em razão da colonização portuguesa, o festejo se disseminou por boa parte território que viria a constituir o Brasil (ABREU, 1999; MARIANO; SIUDA-AMBROZIAK, 2021).

Vale lembrar que as festas religiosas consistiam ainda no início da segunda metade do século XIX as principais formas de lazer da população. De acordo com Martins (1911, p. 70), tradicionalmente, as comemorações da Festa do Divino eram precedidas de um cortejo que saía pelas ruas de toda a cidade, onde os cavalheiros, os foliões, os representantes do imperador na festa, conduziam bandeiras e arrecadavam fundos para o festejo.¹²⁴ O festejo ocorrido em que frei Germano associou sua demonstração foi assim descrito: “três bandas de música executaram incessantemente belas peças, e assim uma infinidade de fogos e fogueiras, o que tudo chamou a concorrência de milhares de pessoas a desfrutar algumas horas de aprazível recreio no ameno campo da Luz” (*CORREIO PAULISTANO*, 16/3/1863, p. 2).

¹²⁴ A partir do bispado de dom Antônio, contudo, houve uma determinação para que o levantamento desses fundos ficasse restrito às paróquias responsáveis em ocorresse o cortejo. Determinação que ganharia mais efeito a partir de 1878, quando o governo da província exigiu um cumprimento do que fora estabelecido pela Pastoral de 1857 (MARTINS, 1912, p. 70).

Os dotes do capuchinho não serviam apenas às festas religiosas. Em agosto de 1868, mais especificamente nos dias 12, 13 e 14, as comemorações em relação ao desempenho das forças brasileiras na Guerra do Paraguai foram custeadas por alguns vereadores da Câmara Municipal. Nos conta Antônio Egydio Martins:

a fachada do antigo edifício, em que esteve, naquele tempo, a cadeia e o Paço Municipal, foi também, com capricho ornamentada e, á noite iluminada, tendo sido feito, por cima da porta principal daquele edifício, uma engenhosa armação, na qual se via a passagem de um pequeno navio de guerra pelo Humaytá, dando-se, assim uma ideia do que foi esse brilhante feito da gloriosa marinha brasileira. No mesmo largo e por ocasião dos referidos festejos foi, pelo sábio religioso capuchinho frei Germano d'Annecy, então professor de matemática do Seminário Episcopal, instalado um serviço de iluminação elétrica, a qual, por ser uma novidade foi muito apreciada pelo antigo povo paulista (MARTINS, 1912, p. 42).

No ano seguinte, por ocasião da inauguração do chafariz do Largo da Luz e do fim da reforma do Jardim Botânico, noticiava o *Diário de S. Paulo* em 30 de maio de 1869 que na noite do dia 28 “na extremidade da rua fronteira a entrada principal colocou-se um foco de luz elétrica, devido ao obsequio dos dignos e estimáveis religiosos do seminário. Por cuidado deles iluminou-se também o chafariz do largo” (*DIÁRIO DE S. PAULO*, 30/5/1869, p. 3).

Mas, talvez o ano de 1870 tenha sido o mais movimentado nesse sentido. Em abril, maio e junho foram realizadas diversas festividades em comemoração à vitória brasileira na Guerra do Paraguai. Com a concorrência da Câmara Municipal e do Seminário Episcopal, frei Germano iluminou a fachada da Casa Garraux nos dias 25, 26 e 27 de abril, então, a mais importante livraria da cidade.

Nenhuma de nossas fontes de época descreve o método ou a técnica utilizada por frei Germano. Contudo, o professor Pedro Umberto Romanini no artigo “Frei Germano, 1870: ‘Faça-se Luz’” publicado em 1978 na *Cespaulista*, indica que o engenho do capuchinho não tinha emprego comercial. Além disso, o autor sugere que frei Germano teria utilizado um acumulador de Gaston Planté e lâmpadas de arco voltaico, que funcionam ligando dois eletrodos de carvão a um gerador, onde produz-se uma descarga elétrica que flui de um eletrodo a outro. Ainda de acordo com Romanini: “Frei Germano teria utilizado o arco em recipiente fechado, o que permite o aumento de 8 para 100 horas na duração dos carvões. As lâmpadas utilizadas eram construídas com vidros de farmácia” (ROMANINI, 1978, p. 22).

Certamente, o procedimento era uma grande novidade na província. Pelos relatos descritos e pela consideração de Romanini (1978) fica evidente que frei Germano de Annecy flertava com uma cultura experimental e era um artífice da ciência espetáculo e isso tem implicações importantes na constituição de um público para as ciências. De acordo com Nieto-Galán, na ciência espetacular o fator visual assume um papel fundamental. Nas palavras do autor,

sem descartar a oralidade, nem a capacidade persuasiva do filósofo natural perante o seu público, nem a explicação escrita que acompanha a exposição dos objetos, a imagem torna-se uma linguagem mais acessível que encurta a distância entre o especialista e o leigo, e que abre espaços supostamente esotéricos, círculos de aprendizagem e suas linguagens especializadas para um público mais amplo (NIETO-GALAN, 2011, pp. 82-83).¹²⁵

As experiências com energia elétrica como as empreendidas pelo capuchinho fundem sob o signo da ciência o espetáculo e a teatralidade, seduzem e despertam o interesse do público espectador ao passo que reforçam a autoridade do professor ou demonstrador (BRAGHINI, 2017). Frei Germano iluminava a fachada do recém-inaugurado Seminário Episcopal chamando a atenção do público do festejo, propagandeando a instituição como um local de ciência e luz, e outros locais da cidade, manipulando uma promessa de progresso material num período em que São Paulo era mal iluminada por lampiões presos às paredes das casas ou fixados em postes de luz alimentados com querosene que conferia às ruas uma alternância entre fochos de luz e penumbra – somente no início da década de 1870 com a iluminação a gás haveria qualquer progresso nesse sentido (BRUNO, 1984, pp. 549-551). Certamente, as iluminações realizadas por frei Germano, ao passo que se dava em espetáculo ao público externo, atraía alunos para suas aulas de Física no Seminário.

Contamos na documentação ao menos 11 iluminações realizadas por frei Germano em diferentes ocasiões entre 1863 e 1873 e uma última em 1877. Em abril de 1872, em razão dos festejos da Semana Santa, frei Germano proporcionou apresentações na cidade de Jundiaí e, em agosto daquele ano, o capuchinho proporcionou um espetáculo aos campineiros em razão da inauguração do trecho ferroviário Jundiaí-Campinas. Na

¹²⁵ No original: “sin descartar la oralidad, ni la capacidad de persuasión del filósofo natural ante su público, ni la explicación escrita que acompaña la exposición de objetos, la imagen se convierte en un lenguaje más asequible que acorta la distancia entre el experto y el profano, y que abre los círculos supuestamente esotéricos del saber y sus lenguajes especializados a un público más amplio.”

ocasião, frei Eugênio de Rumilly celebrou uma missa e frei Germano iluminou a estação, sacralizando o progresso no interior paulista (RUMILLY, s.d., pp. 45-66).

Em uma de suas idas à Campinas, frei Germano conheceu o botânico e farmacêutico Joaquim Corrêa de Mello. Conforme Padre Marcondes (1890, p. 2), frei Germano foi aluno de botânica de Corrêa de Mello, mostrando o estabelecimento de vínculos a partir de interesses científicos e indicando que o arcabouço intelectual de frei Germano de Annecy não foi meramente transplantado da Savóia para o Império, mas que nessas paragens ocorreram adaptações e acréscimos em razão de estudos da natureza, de fenômenos locais e de encontros com outros sujeitos que detinham conhecimentos que interessavam ao capuchinho.¹²⁶ Podemos supor que o capuchinho tenha feito dos jardins do Seminário seus locais de estudo e aplicação em razão de ser lembrado por Senna Freitas “reclinado sobre a relva com as mãos tismadas de terra [...] estudava através de seus óculos de presbítero, a histologia d’uma planta, a estrutura delicada dos órgãos d’uma flor” (FREITAS, 1890, p. 1).

Além dessas ações, frei Germano também concorreu para a organização de um Museu História Natural no Seminário Episcopal. Desconhecemos sua exata localização na planta arquitetônica da instituição, mas é possível dizer que o local não passou despercebido. J.J. Tschudi, explorador e ministro suíço em sua viagem à província de São Paulo no começo da década de 1860, visitou o Seminário Episcopal, destacando que: “o instituto possui um observatório, um pequeno museu de história natural e uma coleção de instrumentos destinados ao ensino de Física” (TSCHUDI, 1953, p. 210).

Nota-se que do vasto terreno ocupado pelo seminário, de todos os ambientes que compunham os dois lanços construídos, Tschudi destacou a existência do pequeno museu, da coleção de instrumentos e do observatório. Nada de excepcional, visto o suíço era também naturalista e, segundo Taunay, “uma das mais notáveis figuras dentre os cultores das ciências naturais no século XIX” (TAUNAY, 1953, p. 12). Para além da correspondência entre os interesses de Tschudi e os lugares do seminário por ele mencionados, destaca-se que esses ambientes eram fechados à curiosidade pública, porém eram locais visitados, o “pequeno museu de História Natural”, por exemplo, configurava-se como um espaço de sociabilidade destinado ao estreitamento de relações interpessoais que distinguiam o Seminário Episcopal.

¹²⁶ Frei Germano e Corrêa de Mello se tornaram próximos. O capuchinho fora o confessor do farmacêutico tendo se deslocado de São Paulo à Campinas em dezembro de 1877 especialmente para auxiliar o amigo em seu leito de morte (*O APÓSTOLO*, 1877, p. 2).

Frei Generoso narra que na noite do dia 10 de janeiro de 1874, o Seminário Episcopal recebeu uma visita imprevista do contra-almirante francês da Fragata Vênus Leon Noel, de sua esposa Leonie Noel e de uma pequena comitiva formada por secretários da embaixada francesa e belga, entre outros senhores. De acordo com o capuchinho “esses senhores vieram nos visitar, fomos descansar no meu quarto, e de lá fomos ao Museu onde peguei alguns besouros e gafanhotos que a senhora apreciou” (RUMILLY, s.d., p. 124).¹²⁷

A dama levava consigo cartão-postais da natureza brasileira, gafanhotos, besouros, borboletas entre outros espécimes entesourados no Seminário Episcopal. Mas, essa não foi a única vez com que os visitantes saíam do Seminário carregando consigo lembranças do museu. Anos antes, de acordo com Frei Genoroso, em 1869, o príncipe da Casa dos Bourbons, Filipe de Bourbon “retornou ao Seminário; ele levou alguns objetos como lembrança” (RUMILLY, s.d., p. 40).¹²⁸

Após uma visita a São Paulo, ao Seminário Episcopal, o príncipe partia rumo a corte carioca no dia 30 de novembro. De lá, do Palácio Imperial, chega ao Seminário Episcopal uma carta datada de 27 de janeiro de 1870, escrita pelo seu secretário, Caracciolo de Castelluccio

Encarregado por Monsenhor Príncipe Filipe de Bourbon, tenho a honra de lhe enviar esta carta para testemunhar mais uma vez a satisfação que Monsenhor demonstrou ao visitar o seminário, por vocês tão bem dirigido, durante sua curta estadia em São Paulo, e agradecer novamente pelo acolhimento que lhe foi dado tanto por você [frei Eugênio de Rumilly] quanto por seus confrades. Mas, o monsenhor ainda tem outra lembrança que lhe foi dada por vocês e que ele guardará sempre com a maior felicidade, e são as pequenas joias mineralógicas (CASTELLUCCIO, 1870, p. 1).¹²⁹

Pela leitura do trecho, sabemos também que os objetos que o príncipe carregou consigo eram “pequenas joias mineralógicas”. A estadia dele e de seu secretário parece

¹²⁷ No original: “ces messieurs sont venus nous visiter, nous sommes allés nous reposer dans ma chambre, et de là au Musée où j’ai pris quelques coleoptères, sauterelles etc qui plaisaient à cette dame.”

¹²⁸ No original: “Il est revenu au Séminaire ; il a emporté du Musée quelques objets comme souvenir.”

¹²⁹ No original: “Chargé pour [...] Monseigneur le Prince Philippe de Bourbon, j’ai l’honneur de vous adresser la présente pour vous témoigner encore une fois la satisfaction que Monseigneur a prouvé en visitant le séminaire, pour vous si bien dirigé, pendant son court séjour à St. Paul, et en même temps vous remercier de nouveau pour l’accueil qui Lui a été fait soit pour vous, que pour vos Confrères. Mais Monseigneur a encore un autre souvenir, qui lui a été offert [par] vous tous, et qu’il gardera toujours avec le plus grand bonheur, et ces sont des petits bijoux mineralogiques.”

ter sido agradável, com parte dos assuntos girando em torno dos espaços de saber do Seminário Episcopal. Na sequência da carta, Caracciolo de Castelluccio informa que

Monsenhor visitando um gabinete mineralógico, teve a oportunidade de apreciar um pequeno instrumento, feito para o estudo da cristalização, e acreditando que poderia ser de alguma utilidade para vocês, buscou adquirir um igual e me ordenou que enviasse a vocês. Monsenhor também me encarregou de apresentar-lhe seus cumprimentos e pedir-lhe ao mesmo tempo que os aceite por todos esses bons padres (CASTELLUCCIO, 1870, p. 2).¹³⁰

Filipe de Bourbon quis retribuir a estadia e os itens da coleção de mineralogia que ganhou enviando para o Seminário Episcopal um “um pequeno instrumento feito para o estudo da cristalização”. De acordo com frei Generoso

Recebi uma carta de agradecimento do príncipe Filipe de Bourbon por intermédio de seu secretário M. R. Caracciolo de Castelluccio. Ele disse em sua carta que de lembrança nos enviou uma pequena máquina para o estudo de cristalizações, mas nós nunca a recebemos (RUMILLY, s.d., p. 42).¹³¹

Infelizmente, os capuchinhos nunca receberam tal aparelho. Convém destacar ainda que o Museu de História Natural do Seminário Episcopal podia exercer um papel de referência na pesquisa e na classificação de novos minérios descobertos como a atesta a nota publicada no *Correio Paulistano* reproduzida a seguir: “A frei Germano – Pedindo esclarecimentos sobre a qualidade do carvão de pedra, descoberto no município de Caçapava, visto existirem, segundo consta, algumas amostras do mesmo no seminário episcopal” (*CORREIO PAULISTANO*, 9/6/1870, p. 2). Nesse sentido, as coleções e o conhecimento de frei Germano poderiam ser mobilizados para a identificação talvez de uma jazida de um elemento mineral combustível com aplicação industrial.

É importante ressaltar que o Museu de História Natural não estava ligada ao ensino formal da botânica, mineralogia ou da zoologia, visto que História Natural sequer

¹³⁰ No original: “Monseigneur en visitant un gabinet mineralogique, a eu l’occasion d’apprécier un petit instrument, fait pour l’étude des cristallisation, et croissent qu’il pouvait vou être de quelque utilité, il a cherché a en avoir un tout à fait pareil, et il m’ordonne de vous l’expédier. Monseigneur me charge aussi de vous presenter ses compliments, et de vous prier en même temps de les faire agréer à tous ces bons Pères.”

¹³¹No original: “J’ai reçu une lettre de remerciement du Prince Philippe de Bourbon, pour l’entremise de son secretaire M. R. Caracciolo de Castelluccio. Il dit sur la lettre qu’en souvenir il nous envoie une petite machine pour l’étude des cristallisations; mais nous ne l’avions pas reçue.”

foi mencionada nos relatórios e nos “mapas” do Seminário Episcopal. Mas, independentemente disso e de seu tamanho, podemos pensar no Museu do Seminário Episcopal como um local organizado para ser visto, para ser olhado e visitado por pessoas autorizadas. Podemos pensá-lo como um repositório da natureza, um ambiente onde se tecem relações sociais mediadas por objetos e coleções, pela experiência do sensível que convida à fruição estética e à organização intelectual do saber, um local que incita sistemas de trocas e interações sociais e revelam as predileções, possibilidades e visões de mundo de seus colecionadores (BALLÉ, 2011, p. 168; THÉBAUD-SORGER, 2015, p. 134).

Além de Phillipe de Bourbon, o Seminário Episcopal fora visitado pelo príncipe Philippe de Saxe Coburgo Gotha que em viagem por São Paulo percorreu “os principais pontos da cidade, visitando a casa de correção, recolhimento da Luz, Seminário Episcopal, e a noite o teatro” (*CORREIO PAULISTANO*, 25/8/1868, p. 1). Mas, uma curiosa publicação no dia 2 de setembro do jornal *O Ypiranga*, periódico de cunho liberal informou que “em viagem pela Europa encontrou-se frei Germano com S. A. O sr. Felipe de Saxe” e que “o príncipe prometeu visitar o frade aqui”. Prossegue a notícia: “Em sua viagem de *tourista* veio o príncipe até S. Paulo e desempenhou a promessa. Ao desembarcar na Luz procurou por frei Germano, só para ele era a visita; [...] veio visitar um amigo e não aturar importunos.” (*O YPIRANGA*, 2/9/1868, p. 3).

Essa é a única menção de que dispomos narrando uma viagem de frei Germano de Annecy para Europa. Destaca-se o reconhecimento desse capuchinho ao ser recebido por um representante proeminente da realeza na Europa e, posteriormente, recebê-lo em fins da década de 1860, em uma visita ao Seminário Episcopal especialmente para ver o capuchinho. Mas, o que esses dois príncipes tinham em comum que o ligaram de alguma forma com o Seminário Episcopal e com Frei Germano de Annecy? Ambos eram parentes de dom Pedro II, o que nos assegura que o imperador já tivesse conhecimento dos predicados de frei Germano de Annecy.

Entre os dias 18 e 31 de agosto de 1875, o imperador viajou a São Paulo. No dia 19 daquele mês, ele esteve no Seminário Episcopal e registrou em diário pessoal as impressões de sua visita. Acompanhemos:

19 de agosto de 1875 às 6 ½ - 59° fora da janela.

7h - Seminário episcopal. Linda posição do Quiosque do observatório de F. Germano Annecy. Os eixos dos pilares que sustentam o Quiosque são perpendiculares aos rumos das principais povoações cujos nomes foram colocados correspondentemente. No Quiosque há uma pequena

luneta meridiana com que Fr. Germano já observou passagens de astros. Relógios do sol e da lua marcando horas e estações e um numa parede do seminário indicando o meio-dia em S. Paulo e diferentes lugares da terra; até Ilhas Marquesas.

Bonita igreja.

Gabinete de física e de história natural sofrível.

Fr. Germano há 10 anos que faz observações meteorológicas. Jardim bem plantado. Dá bem o carvalho branco. Rua de bambus. Moinho de vento para tirar água do poço. Hei de mandar um cronômetro e agulha de variação a Fr. Germano, que é saboiardo. O reitor é Fr. Firmino de Centellas, catalão, mas que residiu muitos anos em França (BEDIAGA, 1999, p. 346).

Novamente, as duas pessoas mencionadas no relato são o reitor da instituição e frei Germano de Annecy. As anotações de dom Pedro II nos permitem constatar alguns aspectos já afirmados como a identificação do terraço com observatório de frei Germano de Annecy. O imperador, ao registrar o encontro com frei Germano, não deixa de citar as características que mais lhe guardavam feição, a de climatologista e a de astrônomo mostrando ter conhecimento de que frei Germano já realizara observações de efemérides e vinha realizando medições meteorológicas desde a década de 1860.

Nota-se ainda uma afinidade ou o gosto em comum pela meteorologia compartilhado pelos dois. O imperador inicia o seu relato informando a temperatura daquele dia “59° fora da janela”. Assim como tantos aristocratas, burgueses europeus e o próprio frei Germano, o imperador balizava sensações térmicas a partir dos dados aferidos nos instrumentos, nesse caso, num termômetro com escala Fahrenheit. Além disso, dom Pedro II não deixou de notar a orientação espacial anotada nos eixos de sustentação do quiosque e o relógio de Sol gravado numa das paredes do pátio indicando a hora meridiana de vários locais do planeta. Se constata, portanto, que os espaços projetados por frei Germano concorriam para a elevação de sua estima junto ao imperador do Brasil. Aliás, é notório que dom Pedro II, tido como um mecenas e incentivador das ciências, tinha predileção pela Astronomia, tanto que mandara construir um observatório no telhado do Palácio da Quinta da Boa Vista, onde fazia suas observações particulares (NADER, 2015, p. 43).

Com relação às impressões causadas pela reunião de objetos e instrumentos, dom Pedro II tem uma avaliação pouco entusiasmada. Refere-se ao instrumento de observação de frei Germano como “pequena luneta meridiana” e qualifica como “sofrível” o “gabinete de física e de história natural”, com a cumplicidade que os diários pessoais permitem. Infelizmente, o imperador não nos ofereceu nenhuma descrição mais detalhada de sua avaliação, no entanto, ele estava longe de ser desqualificado para emitir suas

opiniões a respeito do assunto, pelo contrário, dom Pedro II tinha afinidade com diversas áreas do conhecimento como Física, Química, Astronomia, História Natural (NADER, 2015; SHWARCZ, 1998; SHWARCZ; DANTAS, 2008; SANTOS, 2004).¹³² É muito provável que o monarca tivesse razão e o estado desses objetos e instrumentos refletisse as enormes dificuldades financeiras e políticas pelas quais passava a instituição nos idos 1875, em vias de dissolução.

3.4 O ocaso dos capuchinhos de Savóia e a permanência de frei Germano

Garantir uma situação financeira equilibrada para o Seminário Episcopal foi um desafio para a administração dos capuchinhos. Já no início da década de 1860, mesmo em face das mensalidades dos alunos, das subvenções recebidas, da renúncia dos proventos dos professores em favor das obras do seminário, o reitor Eugênio de Rumilly informava que “para se concluir o grande seminário e dispor o pequeno de maneira a fim de poder efetivar a desejada separação que deve haver entre eles exigiria uma despesa de 30 para 40 contos” (RUMILLY, 1861, p. 1). Um segundo documento, sem data e sem assinatura, intitulado “Obras a fazer no seminário Episcopal” listava que para reformas de vigas, assoalhos, construção de cômodos, de enfermaria, de rouparia, reforma da cozinha, calçada, banheiro etc., seriam necessários cerca de 35 contos, isso sem incluir gastos correntes anuais (OBRAS..., s.d., s.p.).

Os gastos elevados com a manutenção do Seminário Episcopal tornavam a instituição vulnerável às oscilações negativas no quadro discente e, nesse sentido, a década de 1870 foi particularmente difícil para a instituição. Entre 1870 e 1878, a instituição viu decrescer o número de alunos pela metade, passando de 140 no início do decênio para apenas 71 no final daquele período. Na metade do período, em 1874, segundo frei Generoso, o Seminário Episcopal contava com 85 alunos matriculados, dos quais 12 percebiam reduções na mensalidade e o restante arcava com 30 mil réis mensais. O montante anual deveria render ao Seminário Episcopal o valor aproximado de 24 contos de réis no ano, caso não houvesse inadimplência. No ano anterior, os capuchinhos já haviam contraído empréstimo de 8 contos junto ao Barão de Iguape para solver as despesas do ano corrente (RUMILLY, s.d., p. 170).

¹³² A leitura dos diários do imperador corrobora os interesses do imperador pelas ciências. Além de anotações relativas as observações astronômicas realizadas por ele, os diários mostram que ele ensinava Física e Química para suas netas e anotava suas impressões a respeito de museus, laboratórios e gabinetes que visitava ao redor do mundo.

A contabilidade apresentada de maneira muito superficial serve apenas para fornecer-nos indícios de que talvez guarnecer as coleções de Física e História Natural fosse algo secundário, como notou dom Pedro II. Destaca-se ainda que o imperador registra sua pretensão de presentear frei Germano de Annecy com um cronômetro e com uma agulha de variação, um vestígio que exprime estima pelo distinto capuchinho. Esse registro é especialmente interessante porque frei Germano é um capuchinho de Savóia, representante de uma reforma religiosa que naquele momento, em 1875, ainda ocupava o centro de uma disputa ideológica opondo as prerrogativas da Igreja Romana aos princípios presentes no império.

Desde meados da década de 1850, dom Pedro II vinha obstaculizando o crescimento da Igreja Católica romana no império. Nos 40 anos de seu reinado, fundou apenas 3 dioceses; em 1855, pôs fim ao recrutamento de noviços para as ordens e congregações religiosas; em 1863, baixou o Decreto 3.073 com vistas a reorganizar os seminários subsidiados pelo Estado, fornecendo-lhe a prerrogativa de constituir concursos públicos para o preenchimento das cadeiras dessas instituições; nesse mesmo ano, regulamentou os casamentos mistos entre protestantes católicos e investiu os pastores do direito de realizar casamentos com efeitos civis; além disso, rechaçou a aplicação da encíclica papal *Quanta Cura* e do *Syllabus Errorum* nas terras do império (COELHO, 2016, pp. 187-191; ROUX, 2014, p. 34).

A década de 1870 foi o ápice das contradições inerentes aos diferentes projetos relativos à Igreja Romana no império e envolveu o Seminário Episcopal. No ano de 1873, tem início os acontecimentos que vão desembocar na chamada Questão Religiosa, quando clérigos ultramontanos condenaram a celebração de missas por padres regalistas e maçons, desafiando a autoridade política de dom Pedro II. Tal fato culminou na prisão de dom Vital de Oliveira, então bispo de Olinda e Pernambuco e ex-professor do seminário de São Paulo. Seu advogado, João Mendes Júnior, era um quadro egresso do Seminário Episcopal formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Martins (2006, p. 222) argumenta que o Seminário Episcopal formou clérigos afinados com o Vaticano e essa relação de proximidade com os envolvidos no caso dessa contenda teria despertado o temor da punição em frei Eugênio de Rumilly. O reitor, após a realização de uma visita à sede dos capuchinhos italianos no Morro do Castelo, na cidade do Rio de Janeiro, desapareceu sem deixar notícias de seu paradeiro. O ocorrido fez com que frei Firmino

de Centellas assumisse a reitoria da casa em 1873, cargo que ocupou até 1879, um ano após a saída dos capuchinhos da instituição.¹³³

A situação se deterioraria ainda mais para o Seminário. No seguinte, em 1874, após uma visita à cidade do Rio de Janeiro, frei Generoso de Rumilly foi acusado de quebra de decoro da OFMcap por ter abandonado o hábito religioso e assumido vestes leigas e, por supostamente, ter frequentado teatros. A denúncia foi acatada pelos superiores da OFMcap de Savóia em Roma e frei Generoso foi afastado de suas funções e aconselhado a retornar para a França para aguardar o julgamento do processo de secularização que lhe foi aberto. Em defesa de frei Generoso de Rumilly foram escritas 16 cartas.¹³⁴ Frei Germano de Annecy, foi um dos que intercedeu pelo seu confrade. Reproduzimos aqui a carta endereçada aos superiores da ordem em Roma em 14 de 1875:

a pedido do padre Generoso de Rumilly, de quem sou confessor, para revelar aos nossos superiores o que sei sob o selo da confissão a seu respeito, declaro que o padre Generoso é perfeitamente inocente das acusações feitas contra ele. Só a paixão e a má-fé poderiam incriminar o fato trivial neste país de ter usado vestimenta secular no Rio de Janeiro no ano passado; fato motivado: 1º por casos particulares pelos quais Pe. Generoso foi responsável como procurador do Seminário; 2º pela guerra aberta contra os sacerdotes, religiosos e em particular os capuchinhos de São Paulo; 3º não provocar a indignação pública e evitar insultos e agressões ao Sr. Henri A. D. da Gama que nunca abandonou o Padre Generoso durante sua estada no Rio de Janeiro; 4º pelo conselho dado por Pe. Eugênio, reitor do Seminário, durante sua estada no Rio nos meses de fevereiro e março, à via de exasperação das mentes contra a religião. Todas as outras acusações são pura calúnia. Certifico que desde que conheci o padre Generoso não só ele não causou escândalo neste país, onde é muito conhecido; mas sempre cumpriu fielmente seus deveres de religioso, lente e procurador do Seminário. Em testemunho do que faço sua presente declaração, que é a expressão da verdade. Quero que este atestado justifique o padre Generoso das acusações contra ele. Espero que os nossos superiores, conhecendo a futilidade e a falsidade de tal acusação, mantenham o padre Generoso nas funções que dignamente desempenhou durante 17 anos, apesar dos sofrimentos e injustiças de que foi vítima, e que restituam-lhe a estima e a confiança que nunca mereceu perder (ANNECY, 1875, pp. 1-2)¹³⁵.

¹³³ Cabe destacar que conforme frei Genoroso, ao menos desde 1867 frei Eugênio cogitava deixar o cargo de reitor da instituição frustrado com as dificuldades de gerir os professores, com o relacionamento com a imprensa e as disputas com clero secular (RUMILLY, s.d.).

¹³⁴ As cartas foram escritas em 1875 por ex-alunos residentes no Rio de Janeiro, pelos bispos dom Vital e dom Macedo (esse ainda se encontrava preso na lendária prisão de Ilha das Cobras), pelo seu médico, Barata Ribeiro, pelo ex-presidente da província, padre Vicente Pires da Motta, por Henri da Gama, do Morro do Castelo e por seus confrades do Seminário, frei Firmino de Centellas e padre Carlos Terrier. Material encontra-se disponível no Arquivo do Capuchinhos em Paris.

¹³⁵ No original: “Sur la demande du P. Généraux de Rumily dont je suis le confesseur de révéler à nos supérieurs ce que je sais sous le ceau de la confession à son égard, jé déclare que le P. Genereux estparfaitement innocent des accusations faites contre lui. Il n'ya que la passion et la mauvaise foi qui aient

Frei Germano é enfático na solicitação de que frei Generoso seja absolvido das acusações feitas contra ele. Além disso, sua carta deixa transparecer certo descontentamento e indignação com relação ao constrangimento que frei Generoso estava sofrendo após mais de 17 anos de serviços prestados à causa do Seminário Episcopal. Frei Germano menciona em sua exposição um clima de hostilidade presente na cidade da Corte, uma situação de exasperação do sentimento contra os capuchinhos de Savóia e contra a reforma religiosa que eles representam. Tal tensão estaria na base das acusações realizadas contra frei Generoso.

Durante o exílio do companheiro, frei Germano enviou-lhe outras cartas, manifestando seus sentimentos com relação à situação do Seminário Episcopal no fim daquele decênio. Comentou logo em 30 de julho de 1875, dia em que foi realizada uma cerimônia para a posse de novos superiores, que frei Generoso foi “relegado ao terceiro ou ao quarto plano”

Vi isso com tristeza, mas com resignação. No entanto, perdi um pouco de minha alegria e meu amor em minhas aceitações habituais e favoritas, e temo que dias ainda mais tristes e desanimadores estejam por vir; Que a vontade de Deus seja feita! O Seminário perdeu muito de sua reputação (ANNECY, 1875, p. 1).¹³⁶

O momento de fato era desencorajador. A fala de frei Germano, reflete a crise vivenciada pela administração dos capuchinhos. Na carta seguinte, enviada ao frei Generoso, em 30 de outubro de 1875, frei Germano assume um tom mais melancólico:

pu incriminer le fait futile dans ce pays d'avoir usé d'habillments séculiers à Rio Janeiro l'année dernière; fait motivé: 1° par des affaires particulières dont étaient chargé le P. Genereux comme procureur du Séminaire; 2° par la guerre ouverte faite aux prêtres, aux religieux et en particulier aux capucins de St. Paul; 3° pour ne pas provoquer l'indignation publique et éviter des insultes et des voies de fait à M. Henri A. D. da Gama qui n'a jamais abandonné le P. Genereux pendant son séjour à Rio de Janeiro; 4° par le conseil donné de la part du P. Eugène, recteur d Seminaire, pendant son séjour à Rio au mois de février et mars, à la vie de l'exaspération des esprits contre la religion. Toutes les autres accusations sont le pures calomnies. J'atteste que depuis que jé connais le P.Génereux non seulement il n'a donné aucun scandale dans ce pays, où il est très connu; mais il a toujours fidelement rempli ses devoirs de religieux, de Lecteur et de Procureur su Séminaire. En foi de quoi je fais sa présent déclaration qu'est l'expression de la vérité. Je désire que cette attestation justifie le P. Génereux des portées contre lui. j'ai l'espoir que nos supérieurs connaissant la futilité et la fausseté d'une telle accusation, maintiendront le P. Genereux dans les fonctions qu'il a dignement remplies pendant 17 ans malgré les souffrances et les injustices dont il a été victime, et qu'ils lui rendront l'estime et la confiance qu'il n'a jamais mérité de perdre.”

¹³⁶ No original: “j’ai vu cela avec tristesse mais avec résignation. Cependant j’ai perdu un peu de ma gaité et de mon amour à mes acceptations habituelles et favorites, et je crain de voir venir des jours encore plus tristes et plus décourageant; que la volonté de Dieu se fasse! Le Séminaire a perdu énormément de sa réputation.”

o negócio aqui vai de mal a pior [...]. Quando pelo menos armarem armadilhas para mim, farão com que eu caia nelas porque a resolução de me sacrificar foi tomada irrevogavelmente. Disseram-me até que, como eu amava tanto o Chile, [eu] faria bem em ir para lá. Devemos entender como estou triste e desanimado; então não é só você que sofre. Prevejo que mais cedo ou mais tarde sucumbirei, então qual resolução tomar peço ao bom Deus que me ilumine. Eu só tenho uma esperança e que é te encontrar um dia e fazermos juntos o bem que pudermos, seremos pelo menos dois para suportar as desgraças da vida. (ANNECY, 1875, p. 2).¹³⁷

Frei Germano continua apresentando uma percepção negativa a respeito da situação vivenciada pelo Seminário, mas não só. A maneira como frei Germano expressa seus sentimentos de frustração e desapontamento com os rumos do Seminário parece ir além de uma tentativa de consolar o amigo afastado injustamente de suas funções. Cabe destacar ainda que no excerto, ao expor as provocações recebidas em relação ao seu apreço pelo Chile, fica a sugestão de que sua saída de lá foi à revelia e resultou de um cumprimento de ordem para integrar uma missão que agora estava em franco declínio. Frei Germano se mostra abatido diante dessa situação e expõe uma situação de isolamento ao falar em “armadilhas” preparadas para ele. A fala de frei Germano aponta para uma situação de desunião entre os professores do Seminário Episcopal.

Entretanto, em meio a uma situação desencorajante de crise do Seminário Episcopal - instituição pela qual frei Germano abandonara sua missão no Chile e onde lecionava há pelo menos 18 anos – um fato concorreu para a elevação de sua autoestima. Na edição de 14 de maio de 1876 o *Apóstolo* noticiava o seguinte:

Sabemos que o erudito capuchinho, residente no Seminário Episcopal, Fr. Germano de Annecy, recebera do Imperador, por este enviado antes de sua partida para os Estados Unidos, dois importantes instrumentos astronômicos: um cronometro de John Poole, e uma luneta de Bruner, portátil, para observar com precisão a passagem dos astros pelo meridiano. É o que há de mais perfeito no gênero. O mimo é a significação do apreço e merecimento científico de Fr. Germano. O valor dos instrumentos é estimado em cerca de três contos de réis (*O APÓSTOLO*, 14/5/1876, p. 4).

¹³⁷ No original: “Les affaires marchent ici de mal en pire [...]. Quand à mois, on me tend des pieges, on m’y fera tomber parce que la resolution de me sacrifier est prise irrevocablement. On m’a fait même entendre que puisque j’aimai tant le Chili [me] ferai peut être bien d’y aller. Nous devez comprendre combien je suis triste et découragé ; ce n’est donc pas seulement vous qui souffre. Je prevoi que tôt ou tard je succomberai alors quelle résolution prendre je demande au bon Dieu de m’eclairer. J’ai une seule espérance c’est celle de me reunir un jour à vous et de faire ensemble le bien que nous pourrons nous serons au moins deux pour supporter les disgraces de la vie.”

Por tudo que mencionamos, o gesto do monarca não deixava de ser um ato político sinalizando que a crise religiosa vivenciada no país tinha como componente a intransigência dos reformistas em seguir as orientações do Vaticano a despeito dos posicionamentos políticos do império do qual o catolicismo era a religião oficial de Estado. Dito de outra forma, Pedro II sabia diferenciar as instituições e os sujeitos e seu gesto prestigiava frei Germano por seus serviços prestados na divulgação de conhecimento científico. Porém, para além do reconhecimento, fica também a sugestão de uma dimensão afetiva existente entre o soberano e o capuchinho que contribuiria para influenciar nas tomadas de decisão de frei Germano em um futuro muito próximo.

Em meio à crise vivenciada pelo Seminário Episcopal e direção dos capuchinhos de Savóia, o visitador apostólico, frei Mathiew de la Roche, foi designado para realizar uma inspeção junto ao Seminário Episcopal que se iniciou em janeiro de 1877. De sua visita canônica, frei Mathiew expôs com perplexidade em uma carta endereçada aos seus superiores que

estava diante de um seminário que não havia nenhuma convenção, nem acordos por escrito com os três Bispos de São Paulo e da Província de Savóia, não tinha nada aprovado, nada fixo, nada assinado, encontrei somente o básico (anteprojeto de base) elaborado pelo Sr. Padre Afonso de Rumilly (ROCHE, 1877, p. 1).¹³⁸

As palavras iniciais do visitador apostólico corroboram a tese de que o Seminário Episcopal, embora tenha alcançado números expressivos no que respeita a formação de sacerdotes e cumprido um importante papel na reforma do clero brasileiro apresentou um funcionamento errático.¹³⁹

Ao lamentar a ausência de convenções internas e de acordos por escritos firmados com os bispos de São Paulo e ao informar a existência somente do anteprojeto elaborado por frei Afonso de Rumilly em meados de 1850, frei Mathiew contribui para esclarecer a nossa dificuldade em encontrar um *corpus* documental relativo à composição do Museu de História Natural, do Gabinete de Física, às matrículas e frequências específicas por matéria dos preparatórios ou ainda à metodologia e à concepção pedagógica adotada no Seminário. O visitador, sem abordar as questões externas que impactaram no cotidiano do seminário argumentou em outro trecho o que, para ele, seriam as causas da decadência

¹³⁸ No original: “j’étais en face d’un Séminaire, qui n’avait ni conventions, ni accords par écrit avec les trois évêques de St. Paul et la province de Savoie; on n’avait rien arrêté, rien fixé, rien sîgoré; je n’ai trouvé les bases élaborées par le Rm père Alphonse de Rumilly.”

¹³⁹ De acordo com a contabilidade apresentada por Martins (2006, p. 281), até 1878 o Seminário ordenou mais de 80 religiosos, dos quais pelo menos 19 se tornaram cônegos e 3 assumiram bispados.

do Seminário “a falta de elemento espiritual e a ausência de elemento administrativo, a falta do elemento científico, assim como a mistura de professores capuchinhos e brasileiros” (ROCHE, 1877, p. 19).¹⁴⁰

A visita de frei Mathiew de La Roche expôs as contradições com as quais os capuchinhos lidaram à frente do Seminário Episcopal. Em seu relatório final mencionou que a contabilidade do Seminário Episcopal estava um “verdadeiro caos” e que as questões administrativas associadas ao declínio do elemento espiritual, do elemento científico subjacente às aulas e a desunião entre os professores eram o cerne dos problemas enfrentados pelo Seminário Episcopal. Para solucioná-los, com a aprovação do bispo diocesano, dom Lino Deodato, propunha uma série de medidas que envolviam reformas administrativas, estabelecimento de novos estatutos e regulamentos e modificações no corpo docente. Para implementá-las, solicitava a permissão para trazer de Savóia 6 ou 7 religiosos de sua escolha e a assunção do cargo de reitor do Seminário Episcopal Seminário de São Paulo (ROCHE, 1877, p. 25).¹⁴¹

Seja como for, qualquer tentativa da Ordem dos Capuchinhos de Savóia de restabelecer o comando no Seminário esbarraria no aviso expedido pelo Ministério dos Negócios do Império em janeiro de novembro de 1877 mandando cumprir o decreto n. 3.073 de 22 de abril de 1863 que tornava obrigatório concurso público para o preenchimento das cadeiras dos seminários do império, o que acabou por levar a termo a experiência dos capuchinhos de Savóia à frente do Seminário Episcopal. O aviso dava apenas 6 meses para o cumprimento da ordem (*DIARIO DE S.PAULO*, 5/12/1877, p. 2).

No editorial de 8 de março de 1878, o jornal *A Província de São Paulo* expôs seu ponto de vista sobre o tema. Partindo de uma defesa liberal do ensino, o jornal reconhecia que as circunstâncias políticas do império, a concessão de monopólios e privilégios dificultavam o florescimento e o sucesso de escolas particulares de Ensino Secundário que pressionaria pela qualidade do ensino em razão da concorrência no setor. Diante desse cenário de concessões e privilégio é que o jornal defendia ao menos que o poder público inspecionasse as instituições de ensino subvencionadas. Para o jornal: “concedida a proteção legal a estabelecimentos determinados de instrução, a fiscalização governamental do ensino há de forçosamente apreciar a maneira porque são escolhidos

¹⁴⁰ No original: “le manque d’élément spirituel, el l’absence d’élément administratif, le manque d’élément scientifique, aínsi que le mélange de professeurs capucins et brésiliens.”

¹⁴¹ A visita de frei Mathiew acabou servindo a dois propósitos. O secundário é que atestou a inocência de frei Generoso de Rumilly que acabou sendo convidado para assumir um posto no convento de La Roche sur Foron, onde faleceu em 1879.

os professores, aos quais tem de pagar ordenados” e continuava “os seminários do império não devem, portanto, sair da regra estabelecida” (*A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO*, 9/3/1878, p. 1).

Fazendo coro com às críticas ao Seminário ao longo do tempo, o editorial justificava a sua posição: “Não é o Seminário um instituto puramente religioso: é também um curso de preparatório” (*A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO*, 9/3/1878, p. 1). Destaca-se ainda que o jornal informa que o Seminário Episcopal de São Paulo já havia sido a instituição de ensino mais procurada na província, mas que naquela altura dos acontecimentos era “insignificantíssima a quantidade dos discípulos, já não dizemos das aulas de Teologia, mas de todas as outras disciplinas de que se compõem os cursos ali estabelecidos” (*A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO*, 9/3/1878, p. 1).

Após a abordar o declínio da instituição, o editorial ponderava

não pomos em dúvida a capacidade e a proficiência de alguns religiosos no Seminário. [...] Fr. Germano de Annecy, por exemplo, por si só poderia nomeado a qualquer colégio em que estivesse lecionando. Mas, quem garantirá aos pais que seus filhos receberão no estabelecimento uma instrução metódica, regular, aperfeiçoada em todas as aulas que precisar? (*A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO*, 9/3/1878, p. 1).

Resta claro que o jornal estimava frei Germano. Dito de outra forma, não lhe endereçava as desconfianças de que eram alvo os professores que atuavam naquela instituição sob o signo do ultramontanismo. Em junho daquele ano, frei Germano de Annecy retirou-se para o município da Corte e de lá retornaria à Europa. Na ocasião, o jornal publicou no dia 10 uma nota de agradecimento pelos boletins meteorológicos fornecidos entre os anos de 1875 e 1878. Na nota, em que se refere a frei Germano como “o ornamento do Seminário” o jornal noticiava:

Sabemos que hoje retira-se desta capital com destino a seguir do Rio para a Europa, este distinto professor do Seminário Episcopal [...]. Consultado frequentemente por várias pessoas desta cidade desta cidade sobre assuntos científicos, sempre mostrava-se disposto a prestar com maior amabilidade os serviços de suas luzes e estudo (*A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO*, 15/6/1878, p.2).

Porém, frei Germano não chegou a deixar o município da Corte. O historiador capuchinho da ordem de Savóia, contemporâneo, Eugène de Bellevaux, em seu

Nécrologie et Annales Biographiques des FF Mineurs Capucins de la Province de Savoie
1611-1902 afirmou

em relação à amizade com M. Liais; diretor do observatório do Rio de Janeiro, foi nomeado pelo imperador dom Pedro, que lhe tinha também em particular estima, vice-diretor desse mesmo observatório, mais como sua saúde não lhe permitiu se juntar à capital do Brasil, ele foi nomeado membro correspondente não residente (BELLEVAUX, 1902, p. 302).¹⁴²

Conforme Bellevaux, frei Germano fora convidado por dom Pedro II para assumir a vice-direção do Imperial Observatório (IORJ) naquele fatídico ano de 1878. A notícia repercutiu igualmente nos jornais *O Cruzeiro* (12/9/1878, p. 2) e *Correio Paulistano* (10/9/1878, p. 2):

Nos *Annaes Catholicos*, que se publicam em Paris, lê-se o seguinte relativo ao observatório astronômico do Rio e o frei Germano d'Annecy, por onde se póde ver que o jornalista francês *sabe* mais das cousas deste Império do que nós outros:

“O Imperador D. Pedro confiou à um capuchinho, o padre Germano d'Annecy, a direção do observatório astronômico do Rio de Janeiro. Este religioso foi chamado do pequeno seminário de S. Paulo (Brasil) onde lecionava, com grande fama, o curso de matemática” (*CORREIO PAULISTANO*, 10/9/1878, p. 2).

Nota-se uma discrepância presente no relato de Bellevaux (1902) nos periódicos citados com relação ao posto a que frei Germano teria sido convidado a assumir no IORJ. Com efeito, na documentação de que dispomos, não conseguimos confirmar esse convite feito a frei Germano, nem tampouco negar que ele realmente tenha existido.

Seja como for, um convite realizado pelo próprio imperador seria uma grande honraria, mas o que se sabe, é que essa foi recusada por Frei Germano que alegou problemas de saúde. O fato de frei Germano não retornar à Savóia pode indicar ao mesmo tempo um descontentamento para com a Ordem dos Capuchinhos, revelado nas cartas enviadas a frei Generoso, por exemplo, e um desejo de permanecer no país onde se sentiu útil, um artífice da promoção das ciências, e onde desfrutava de reconhecimento e

¹⁴² No original: “en relation d'amitié avec M. Liais; directeur de l'observatoire de Rio de Janeiro, il fut nommé par l'empereur dom Pedro, qui l'avait aussi em particulière estime, sous-directeur de ce même observatoire, mais as santé ne lui ayant pas permis de séjourner dans la capitale du Brésil, il em fut nommé membre correspondant non résidant.”

prestígio social. Sobre a recusa em assumir um cargo no posto diretivo do Imperial Observatório a que se levar em consideração que, na ocasião do processo contra frei Generoso, frei Germano mostrava descontentamento com relação a situação política e com o tratamento dispensado aos religiosos, sobretudo, aos capuchinhos na capital do Império. Além dessa situação desconfortável, Nader (2015) informa que o clima em que se estabelecia a direção de Liais no Imperial Observatório era marcado por disputas políticas com representantes militares do império. É possível, portanto, que esses fatores, condições de saúde, possível desinteresse em retornar à Savóia e mais a situação política presente na cidade do Rio de Janeiro, tenham de fato contribuído para que frei Germano buscasse um lugar mais tranquilo e de clima mais ameno.

3.5 - Um astrônomo no “sertão”: de Uberaba à Franca

Em meados de 1879, frei Germano de Annecy se estabeleceu em Uberaba, na província de Minas Gerais. Não são claros os motivos da ida do capuchinho especificamente para lá. A cidade de Uberaba, embora fosse menor que São Paulo, ocupava posição estratégica no Triângulo Mineiro, região muito identificada com a Província de São Paulo.¹⁴³ Além disso, a região estava passando por um momento de urbanização que pode ser evidenciado pelo crescimento demográfico: comparando os dados apresentados nos censos de 1872 com os do censo de 1890, tem-se que a cidade passou de 10.589 para 20.818 habitantes (DANTAS, 2009, p. 69; OLIVEIRA, 2018, p. 85).¹⁴⁴

Situada numa encruzilhada de caminhos, a cidade pecuarista e comercial, apesar de estar se desenvolvendo como um centro comercial e urbano, apresentava aparência provinciana, pelos traços rurais e pelos latifúndios em sua paisagem, pelo coronelismo e um cotidiano marcado pela violência, inclusive político-partidária, opondo os representantes do Partido Conservador aos do Partido Liberal, as duas agremiações

¹⁴³ Essa proximidade se expressava pelo fato de o Sertão da Farinha Podre, região onde se insere Uberaba, ter pertencido às províncias de Goiás e de São Paulo e ser mais próximo da capital paulista que da capital mineira. Em 1875, Uberaba ainda lideraria uma campanha separatista para reanexação à São Paulo (DANTAS, 2009, p. 70).

¹⁴⁴ Uberaba só foi elevada à condição de cidade em 1856. O povoado formado no Sertão da Farinha Podre se desenvolveu após o declínio das atividades mineradoras das regiões auríferas e, em razão de suas terras férteis e de suas pastagens atraiu colonos. Ali se formou uma economia marcada pela atividade pastoril, pela agricultura de subsistência e pelo comércio (DANTAS, 2009, p. 70).

políticas que controlavam o poder na Uberaba daqueles tempos (DANTAS, 2009, p. 66; FONSECA, 2014, p. 199; RICCIOPPO, 2007, p. 100).

Esse foi o cenário de atuação de Frei Germano. Sua estratégia de inserção no tecido social uberabense seria mediada pelos seus saberes e passaria pela forma com que a cidade e os grupos políticos tirariam proveito deles. O capuchinho acertou com o jornal *A Gazeta de Uberaba*, recém-inaugurado, a publicação de boletins meteorológicos por ele produzidos. Ao longo de 5 anos, frei Germano publicou assiduamente boletins meteorológicos e, conforme a ocorrência, artigos a respeito de observações sobre efemérides astronômicas.

Além de indicar e fornecer boletins meteorológicos, frei Germano atuou em atividades educacionais da cidade. Já em julho de 1879, o capuchinho integrou o corpo docente Liceu Uberabense, onde lecionou Geometria, Álgebra e Cosmografia durante aquele que foi o último ano de funcionamento do colégio (*GAZETA DE UBERABA*, 13/7/1879, p. 2). O Liceu oferecia instrução secundária e foi fundado e dirigido pelo jornalista francano César Ribeiro. Destaca-se que ele era maçom, sugerindo que frei Germano adotava posturas flexíveis e heterodoxas extrapolando as prerrogativas da reforma religiosa e do papado de Pio IX. A escola em que ele lecionou, contudo, teve uma existência efêmera e funcionou somente por três anos. Segundo Riccioppo (2007, pp. 121-122) o Liceu Uberabense padeceu dos mesmos infortúnios ligados a disputas políticas entre as famílias locais que já haviam feito cessar outras experiências educacionais particulares em Uberaba.

O proprietário do colégio, César Ribeiro, retornou para Franca, enquanto isso, os antigos professores do colégio, frei Germano, Miguel d'Abreu e Coutinho decidiram fundar um novo estabelecimento para dar continuidade ao ensino que era por eles oferecido. Nas palavras do capuchinho publicadas na edição de 14 de dezembro de 1879: “acedendo as instancias de vários cavalheiros e da maioria dos alunos do extinto Lyceu Uberabense, resolvemos fundar um externato em que serão leccionados os preparatórios exigidos para matrícula nos cursos superiores do Império” (*GAZETA DE UBERABA*, 14/12/1879, p. 3).

Ainda de acordo com a publicação, as matérias ofertadas seriam Retórica, História, Português, Francês, Latim, Geometria, Aritmética, e Álgebra, essas três últimas matérias ministradas por frei Germano de Annecy (*GAZETA DE UBERABA*, 1879, p. 3). Nota-se, contudo, a significativa, porém momentânea ausência de aulas de Física, que sempre foram uma de suas áreas de interesse. No ano seguinte, frei Germano chegou a

dirigir de fato o Externato Uberabense, cargo que ocupou por pouco mais de um ano, sendo substituído em 1882 por Antônio Silverio Pereira (*CORREIO PAULISTANO* 8/2/1882).

A partir de 1880, o capuchinho introduziu as aulas de Física no colégio e iniciou uma campanha para a compra de instrumentos e montagem de um Gabinete. A edição do dia 3 de outubro de 1880 da *Gazeta de Uberaba* divulgava:

o ilustrado sr. frei Germano d'Annecy propõe-se a fundar nesta cidade um gabinete de física. Um tal estabelecimento é de incontestável importância para todas as classes da sociedade, e por isso, esperamos que s. revdm. encontre da parte do público uberabense todo o apoio de que precisa. O sr. frei Germano precisa comprar para tal fim alguns instrumentos indispensáveis, e para isto pretende promover uma subscrição, que esperamos será bem recebida; e ao mesmo tempo fornece ao gabinete, por empréstimo, todos os importantes instrumentos de que dispõe. Felicitando ao ilustre iniciador da ideia, congratulamo-nos com os uberabenses por mais esta fonte de progresso e irradiação de luz. (*GAZETA DE UBERABA*, 3/10/1880, p. 2)

É interessante o modo com que frei Germano estabelecia uma negociação com a população local. A abertura de subscrição para a compra de instrumentos sugere que muito provavelmente frei Germano tenha carregado consigo do Seminário Episcopal apenas objetos e instrumentos pessoais (como a luneta que ganhou de dom Pedro II, por exemplo) e que o grosso do gabinete que havia montado permaneceu na instituição por direito, porque pertencia ao Seminário.¹⁴⁵ Em Uberaba, o gabinete e a coleção de instrumentos eram apresentados como elementos necessários ao fazer da ciência, essa, por sua vez, era imediatamente identificada com o progresso da cidade. Na ausência de instituições de Estado, frei Germano se apresentava como seu mediador. Na falta de recursos financeiros para financiar seu projeto, frei Germano adotava a estratégia de testar sua estima social, de barganhar suas práticas e saberes junto aos uberabenses, o que parecia ser viável.

Segundo Hildebrando Pontes (1879-1940), frei Germano era bastante conhecido na cidade. Conforme o memorialista, na casa do capuchinho havia um “pequeno, porém magnífico campo experimental de agricultura e até jardim com estufas e caramanchões,

¹⁴⁵ De acordo com Martins (2006, p. 216), em 1880, um superior da OFMcap Savóia, de Chambéry endereçou uma carta o dom Lino, então bispo de São Paulo, destacando os aspectos positivos dos mais de 25 anos de serviços prestados ao Seminário Episcopal em que destacou a formação de um patrimônio material constituído de, entre outras coisas, mobília, biblioteca e Gabinete de Física, o que reforça a hipótese de que quer que tenha sido adquirido com receita da instituição lá permaneceu.

que toda Uberaba visitava, encantada, pelo método prático de cultura adotado” (PONTES, s.d., p. 2).

Talvez haja algum exagero nas palavras de Pontes, mas o fato é que publicar na *Gazeta de Uberaba*, dirigir e lecionar em uma escola secundária particular, assegurava a frei Germano o contato com uma parcela da elite econômica local. De acordo com Pontes, frei Germano teve alunos como farmacêutico Jurselino de Carvalho, José Domingos de Andrade, Wenceslau José dos Santos, dr. Galdino Antônio da Sila e o tenente coronel José Américo Teixeira Junqueira, esse último, oriundo de família latifundiária. Pontes narra que frei Germano projetou um relógio de Sol para o “Coronel João Francisco Diniz Junqueira, em sua fazenda das ‘Melancias’, atual propriedade de seu filho Coronel José Américo Teixeira Junqueira (PONTES, s.d., p. 2)”.

Essa inserção social mediada por suas virtudes lhe garantiu sucesso em seu propósito de montagem do Gabinete de Física. O qual foi inaugurado no dia 24 de abril de 1881 com “vários e importantes instrumentos modernos, com os quais procedeu o diretor a algumas experiencias curiosíssimas, a vista dos espectadores” (*GAZETA DE UBERABA*, 28/4/1881, p. 2).

Conforme Pontes, além do telescópio ofertado pelo imperador, o local contava com instrumentos e aparelhos oferecidos “por um grupo de uberabenses em cujo número se contavam, além de outros, o Coronel João Francisco Diniz Junqueira, Capitão Luiz Soares Pinheiro, José de Oliveira e Coronel José Teixeira Alves de Oliveira” (PONTES, s.d., p. 3).

Aos poucos, o capuchinho ia se tornando uma figura conhecida na cidade. Na Uberaba que ensaiava uma industrialização, frei Germano foi solicitado para projetar o desenho arquitetônico da fábrica de tecidos instalada nas proximidades das margens do Rio Cassú. Para orientar a instalação da fábrica de modo a aproveitar a vazão do rio para movimentar o maquinário, ele produziu um relatório com informações a respeito da velocidade média, do volume e da força da correnteza também no período da estiagem (*GAZETA DE UBERABA*, 17/03/1881, p. 2).

Frei Germano ainda seria designado de acordo com *O Apóstolo* (11/11/1883), para se dirigir até Campinas levando consigo assinaturas de fazendeiros como a da família Teixeira e de comerciantes para propor à diretoria da Mogiana a construção de um ramal para Uberaba. Porém, o trecho da Mogiana só chegaria em Uberaba seis anos mais tarde.

Frei Germano não veria pessoalmente a inauguração do trecho da Mogiana em Uberaba. Desde meados de 1884, o capuchinho se preparava para fixar moradia em

Franca. No dia 20, *A Gazeta de Uberaba* replicava uma nota que havia saído no jornal francano *A Justiça*, nela lia-se

Sabemos que este erudito monge franciscano, uma das glórias da excelsa falange a que pertence, vai transferir sua residência para esta cidade [Franca] [...].

Ao passo que todas as cidades que desejam o progresso assim anseiam pela ida do sábio religioso para seu grêmio, a de Uberaba se procura arredá-lo, naturalmente porque não serve para intrigas, e é inimigo das trevas do obscurantismo.

Causa pasmo que o ilustre Franciscano, residente há mais 30 anos no Brasil, onde conta simpatia desde o mais humilde cativo até S. M. o Imperador, viesse sofrer guerra nesta cidade (*GAZETA DE UBERABA*, 20/5/1884, p. 2).

Não sabemos quais foram os reais motivos da saída de frei Germano de Uberaba. Pelo tom da nota, parece ter relação com desavenças políticas. Destacamos, no entanto, que o jornal *A Justiça* era propriedade de Estevão Leão Bourroul. Bacharel, católico ultramontano, deputado provincial e um dos responsáveis pela fundação do Partido Conservador em Franca, Bourroul teve papel destacado na política francana e foi muito próximo a frei Germano de Annecy.

A mudança de frei Germano de Uberaba para Franca foi articulada também por Monsenhor Cândido Rosa, seu antigo pupilo. O pároco foi um dos principais nomes do Partido Conservador, uma conduta exótica para um religioso formado no Seminário Episcopal.

Nas palavras de Tosi

Monsenhor Rosa, junto com o coronel depois Major José Garcia Duarte - futuro Barão da Franca em 1888 - e o Bacharel, Deputado Provincial Estevão Leão Bourroul foram os personagens mais destacados na tecitura da hegemonia conservadora na cidade [...] suas condutas estavam estabelecendo ordenamentos, adequações e relações que estreitavam muito o âmbito em que um articulado contrário pudesse se mover. Monarquistas, escravistas e adeptos de uma moral eclesiástica também conservadora foram homens que, em seu tempo, tomaram-se os protagonistas de uma primeira onda de modernização (TOSI, 2002, p. 59).

A mudança de frei Germano para a cidade de Franca não deixa de apresentar esse elemento político em que o capuchinho tem a sua imagem associada a um projeto de modernização urbana conduzida por homens conservadores. Entretanto, o convívio de

frei Germano não se limitava apenas a pessoas desse espectro ideológico como veremos a seguir.

Antes de fixar moradia entre os francanos, frei Germano viajou até a cidade de São Paulo para visitar o Seminário Episcopal. Não seria a primeira vez que ele visitava a antiga instituição, também não seria a última. Porém, nessa visita iniciada em agosto de 1884, o capuchinho teria a oportunidade de reparar o relógio de Sol vertical e de se encontrar mais uma vez com dom Pedro II. De acordo com o jornal *O Apóstolo* (14/11/1884, p. 3) a ocasião era a celebração do 28º aniversário do Seminário Episcopal, evento que reuniu o imperador, o capuchinho, o corpo docente da instituição, além do bispo e do presidente da província.

Após a visita ao Seminário Episcopal de São Paulo, frei Germano viajou até Franca. Não sabemos por quanto tempo ele esteve nessa passagem por Franca. O certo é que de lá, ele foi uma última vez a Uberaba e retornou em definitivo para o interior paulista em março de 1885. Nesse meio de tempo, o jornal *A Justiça* alimentava seu público com notas sobre a mudança do “insigne matemático” Frei Germano de Annecy (*A JUSTIÇA*, 1/2/1885, p. 1).

Na edição do 2 de abril, o jornal *A Justiça* lançou uma nota que vale reproduzi-la na íntegra

No dia 27 do passado chegou a esta cidade o Revdm. Sr. Frei Germano de Annecy, sábio capuchinho, vindo de Uberaba para fixar residência na Franca.

A meia légua de distância foram encontrar o ilustre Franciscano grande número de cavalheiros, dando assim publica manifestação de subido apreço em que têm as virtudes e a ilustração de Frei Germano.

À entrada da cidade, a banda de música local esperava o venerando amigo, e acompanhou-o até a casa de sua residência, subindo ao ar muitas dúzias de rojões.

Abraçando afetosamente S. Revmd., damos os parabéns aos Francanos por tão brilhante aquisição.

O Revmd. Frei Germano propõe-se a leccionar particularmente matemáticas, astronomia elementar, física e química.

Esperamos ver brevemente um núcleo, embora pequeno, de excelentes discípulos, cursar as aulas do eminente franciscano (*A JUSTIÇA*, 2/4/1885).

A chegada de frei Germano em Franca é descrita como um evento memorável, para ser visto e ouvido, algo para ser noticiado e espalhado entre a gente da cidade, valorizando a imagem do capuchinho e dos responsáveis por sua vinda. O capuchinho certamente saberia tirar proveito de toda estima e prestígio que aquele ato representava.

A nota em questão pontuou ainda que frei Germano se propunha a fazer aquilo que fizera durante toda a sua estadia no Brasil: lecionar.

A cidade de Franca guardava muitas semelhanças com a cidade de Uberaba. Localizada em um entroncamento da “Estrada dos Goiases” que ligava São Paulo a Goiás e a Mato Grosso, a cidade evoluiu de um povoado no Sertão do Rio Pardo formado por mineiros, no refluxo das atividades mineradoras no século XVIII. Em 1856, o povoado seria alçado à categoria de cidade: “Franca do Imperador”. Franca conservava sua feição colonial e rural, formada por chácaras e pequenos agrupamentos esparsos mais ou menos distantes do núcleo urbano francano localizado no topo da Colina Central, local de fundação da freguesia (TAVARES, 2007, p. 32). Em 1886, um ano após a chegada de frei Germano, a população francana perfazia um total de 10.040 habitantes dos quais cerca de 13% referiam-se ao contingente de escravizados.

Foi na companhia de um velho conhecido que frei Germano continuaria lecionando, dessa vez, na cidade de Franca. Naquela época, o único colégio particular de Ensino Secundário era o Lyceu Culto às Letras. O colégio foi fundado pelos portugueses maçons, Gaspar da Silva e o já citado César Ribeiro em 1884 e estava funcionando na Chácara Emilia. Eles eram proprietários também do jornal *O Nono Districto*, republicano e simpático à causa abolicionista. No colégio, estudava-se os preparatórios e mais Alemão, Italiano, Agrimensura, Física e História Natural. Frei Germano lecionava Matemáticas, Física e Cosmografia, segundo peça publicitária do colégio veiculada no jornal *Correio Paulistano* (13/9/1887, p. 2).

É absolutamente inusitado o que a postura heterodoxa de frei Germano foi capaz de produzir na cidade. Frei Germano foi professor e morava na chácara de monsenhor Rosa, além disso, lecionava no colégio do maçom César Ribeiro. A historiografia descreve monsenhor Rosa como ardoroso no combate à maçonaria a qual César Ribeiro era um representante (TAVARES, 2007).

Na mudança para Franca, frei Germano carregou seus instrumentos consigo. Porém, sua coleção provavelmente aumentou em solo francano. Estava previsto para o dia primeiro de novembro de 1885 a inauguração do Gabinete de Física de Frei Germano. Uma publicação replicada do jornal *Nono Districto* na edição de 15 de outubro do *Correio Paulistano*, mencionava que Franca possuiria “um completo gabinete de física, onde se encontram os mais modernos e aperfeiçoados instrumentos e máquinas e valendo quantia superior a 20:000\$000” (*CORREIO PAULISTANO*, 15/10/1885, p. 2).

Não dispomos de meios para comprovar a cifra com que foi avaliado o gabinete de Física de frei Germano de Anncy.¹⁴⁶ É provável, no entanto, que o capuchinho encontrou a possibilidade adquirir novos instrumentos e talvez seu mecenas tenha sido o próprio César Ribeiro, uma vez que as coleções serviriam à parte pedagógica e publicitária do colégio, como deixa transparecer a publicação.

Entre os anos de 1885 e 1886, frei Germano com o concurso do povo francano, viabilizou um ambicioso projeto de dotar a praça da cidade com um relógio de Sol projetado em mármore de Carrara proveniente da Itália. A imprensa reportava que o Gabinete de Física e o relógio de Sol eram “dois melhoramentos de alta significação que vai possuir a Franca, e que despertarão por certo naquele povo o gosto pelas ciências naturais” (*O APÓSTOLO*, 6/11/1885, p. 2).

Entretanto, a situação próspera que o capuchinho vivenciava na cidade de Franca não estava isenta das contradições do sistema escravista, da arbitrariedade e da violência locais. Em meio aos preparativos para captação de fundos e execução de seu relógio de Sol, frei Germano teve seus pertences roubados (*A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO*, 9/5/1886, p. 2).

A porta da casa na chácara de Monsenhor Candido Rosa, onde morava frei Germano, foi arrombada no dia da procissão da Paixão de Cristo ocasião em que se furtou uma canastra contendo vários pertences do capuchinho. No depoimento prestado no dia 30 de abril de 1886, em companhia frei Germano informara havia sido lhe roubado

um cronômetro de um Jonh Pool, presente do imperador Pedro II, no valor de cerca de um conto de réis; um aneroide; 200 mil réis em notas e notas do Tesouro de 10 e 20 mil réis; 700 mil réis; com esse dinheiro também havia 10 pesos de ouro chilenos e mexicanos, trazidos do Chile 30 anos antes; 4 ouros 5 moedas de ouro com a efígie de Dona Maria II; uma moeda brasileira de 20 mil réis, algumas bolivianas; 8 ou 10 moedas de prata e outras pequenas moedas de prata (ANNECY, 1886, p. 37).

Fora-lhe furtado toda a reserva que ele tinha.¹⁴⁷ Embora as somas apresentadas possam conferir ares de atipicidade a esse capuchinho, convém destacar que ele estava

¹⁴⁶ Consideramos tratar de uma cifra significativa uma vez que ela correspondia ao dobro da subvenção anual destinada aos pagamentos dos professores do Seminário Episcopal ou quase ao orçamento de 24.000:000 do ano 1874 daquela instituição referente à mensalidade dos alunos (RUMILLY, s.d., p. 164).

¹⁴⁷ A título de exemplo, por meio da utilização do conversor de valores para a moeda corrente disponibilizado na página principal do site do acervo online do jornal o *Estado de S.Paulo*, em valores aproximativos, temos que um 1 réis seria equivalente à 0,08 real. Logo, um conto de réis (um milhão de réis) corresponderia à 80 mil reais. Para efetuar esse cálculo, informamos à calculadora do site em questão

vivendo fora dos conventos desde 1879 e que além de clérigo, lecionava nos colégios da cidade. Tal roubo foi absolutamente frustrante para frei Germano por tudo que lhe fora subtraído: coleções, objetos afetivos, uma quantidade razoável de dinheiro, o aneroide e o cronômetro que ganhara do imperador do Brasil por seus dotes científicos bem como pelos desdobramentos do fato. No seu depoimento prestado à polícia, frei Germano buscara isentar os escravizados que trabalhavam na chácara: “A primeira impressão foi nos italianos Francisco Tarsia e Pascuale Pezzioni, não nos negros” (ANNECY, 1886, p. 37).

Porém o inquérito foi conduzido de forma truculenta pelo delegado Firminiano Braga que se valeu do expediente de ameaças e torturas. Braga mandou surrar publicamente de “bacalhau”, - um chicote com cabo de madeira e cinco tiras de couro com nós ou retorcidos -, um forro e a escravizada inocentada por frei Germano. O fato foi considerado escandaloso para o período em que a abolição estava prestes a acontecer e gerou uma diligência aberta contra o delegado (*CORREIO PAULISTANO*, 28/2/1887).

O processo foi julgado por Estevão Leão Bourrou e o caso foi encerrado em 28 de maio de 1886 sem nenhuma condenação e o crime permaneceu insolúvel. É provável que esses acontecimentos tenham descontentado frei Germano de Annecy.

Paralelamente a esses acontecimentos, a imprensa noticiava que frei Germano era consultado por João Alfredo, presidente da província de São de Paulo, a respeito de um observatório meteorológico que ele pretendia inaugurar no jardim público da capital (*A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO*, 16/1/1886, p. 2). Os jornais cariocas *Diário de Notícias* (6/1/1886, p. 2) e *Jornal do Comércio* (6/1/1886, p. 3) cravavam que frei Germano dirigiria o observatório que seria inaugurado em 1886, fato que nunca aconteceu.

Naqueles anos finais da década de 1880, foi amadurecendo em frei Germano a ideia de voltar para a sua terra natal. Descapitalizado, ele esteve disposto a se desfazer de sua coleção de Física como informa o reitor do Seminário Episcopal, Monsenhor João Alves Guimarães na reunião de professores do dia 7 de abril 1888 dizendo que o capuchinho tinha proposto “a venda de seus instrumentos de Física e química por dois contos de réis, ficando ele na organização de vir montar o gabinete do Seminário”.¹⁴⁸

Por meio de uma carta enviada em julho de 1890 pelo frei Fiel do convento dos capuchinhos do Morro do Castelo no Rio de Janeiro ao Padre Provincial do Capuchinhos

a data do depoimento de frei Germano de Annecy. O conversor utilizado está disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em 11 set. 2022.

¹⁴⁸ Informação retirada da Ata de reunião dos professores do Seminário Episcopal. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo. Livro 03 59.01.003.

em Savóia, sabemos que frei Germano chegou no Morro do Castelo em janeiro de 1890. Recebeu um auxílio financeiro de frei Fiel em troca da celebração de 42 missas. Alegando receio da febre-amarela, foi se estabelecer em Petrópolis, não sabemos especificamente onde, mas a cidade é reconhecida por ter sido local de veraneio da corte. Retornou ao convento para passar a Páscoa entre os capuchinhos e, depois, ainda no mês de abril, subiu a bordo do navio *Bearn* rumo à Europa (FIEL, 1890, p. 2).

3.6 - O mar como destino?

Frei Germano embarcou a bordo do navio *Bearn* em abril, não sabemos exatamente o dia. A embarcação tinha por destino a cidade portuária de Marselha, no sul da França. Trata-se de uma viagem transatlântica e que cruza uma parte do Mar Mediterrâneo. Depois desse trecho, frei Germano tomaria um trem na cidade e percorreria quase quatrocentos quilômetros por trilhos para reencontrar a cidade de Annecy. Mesmo estando a bordo de um navio a vapor, trata-se de uma viagem relativamente longa, seguramente mais 20 dias. Além disso, para realizar tal travessia, é preciso condições mínimas de saúde, mas frei Germano parecia não as reunir. Debilitado, adoecido, ele sabia que não tinha muito tempo de vida.

Ao embarcar em sua derradeira viagem, ele encontrou um conhecido, o cartuxo padre Vicent, que estava indo para Valbonne, na província do Grenoble, perto da Savóia. Padre Vicent escreveu uma carta relatando os instantes finais de frei Germano. De acordo com o cartuxo, ao vê-lo, frei Germano foi logo informando “Estou muito doente”, ele diz novamente. “Certamente, [muita sorte] ter um padre para me assistir nos últimos momentos, no caminho” (VICENT, 30/5/1890, p. 2).¹⁴⁹

Frei Germano, segundo Vincent estava doente do fígado e sofria com ulcerações e acabou não suportando a longa parada do navio *Bearn* na enseada da Bahia, no porto de Salvador para realizar um carregamento de mercadorias. Vicent narra que no dia 30 de abril, adentraram em sua cabine convocando-o para que socorresse frei Germano

Eis que por volta de meia-noite, alguém vem me chamar dizendo: “Venha rápido: o Frei Germano está morrendo.” – Eu não conseguia acreditar: – “Então, respondi, eu o vi de dia: ele estava bem, apesar de estar deitado em sua cabine!” – “Não! Venha rápido, rápido”. A

¹⁴⁹ No original: “Je suis bien malade”, repart-il. Certes, [fort aise] je suis d’avoir un prêtre pour m’assister aux derniers moments, en route.”

despeito de minhas dúvidas, dirigi-me a seu chamado. Era mesmo verdade: ele estava agonizando! Ele me pediu que lhe desse a extrema-unção (VICENT, 30/05/1890, p. 2).¹⁵⁰

Frei Germano falou-lhe de seus últimos desejos, 100 missas com a intenção para o repouso de sua alma depois mais 20 ou 30 que ele não havia quitado. Nesse sentido, frei Germano era um autêntico capuchinho. Segundo Dompnier (1994), o sujeito entra para a Ordem dos Capuchinhos, onde coletivamente, cada indivíduo busca a salvação para a própria alma. De acordo com o autor, a encomenda de missas póstumas tinha essa finalidade.

O seu companheiro de viagem ao perceber que ele havia melhorado, aconselhou a descansar: “Amanhã! Amanhã! Coragem! Esperança, o senhor poderá, então, especificar tudo para mim”. Vendo que o frei dormira, ele também dormiu na mesma cabine. Por volta das 4 horas da manhã, frei Germano acordou agonizando, o fim de sua jornada se aproximara de maneira irreversível. Conforme explica Vicent (1890)

Tive tempo de lhe dar a absolvição, depois de recitar as orações dos agonizantes, enfim, fechei seus olhos. O médico veio constatar seu falecimento; sepultamento. Mostrei onde estava seu dinheiro. O Senhor Comissário de bordo [ilegível] colocou o bom Frei Germano morto em terra, com todas as honras que eu tratei que lhe fossem prestadas como francês. Não queriam fazê-lo passar por italiano? (VINCENT, 31/5/1890, p. 3).¹⁵¹

Frei Germano foi enterrado no dia 1º de maio de 1890 em Salvador e recebeu o cerimonial em francês, como ele se via, mesmo tendo crescido e se tornado adulto num território pertencente ao Reino do Piemonte. Ainda, segundo seu companheiro de viagem, “de mais, o pobre defunto deixou ainda um belo observatório astronômico, barômetros, cronômetros, etc. de grande valor nas mãos do cura de Franca” (VINCENT, 31/5/1890, p. 2).¹⁵²

¹⁵⁰ No original: “Ne voilà-t-il pas que, vers minuit, l’on vient m’appeler, disant: “Venez” “Venez vite: le Frey Germano se meurt!” Je ne pouvais le croire: “Allons donc, répondis-je; je l’ai vu dans la journée: il allait bien, quoique couché dans sa cabine!” “Non, non! Venez vite, vite [---] Malgré mes doutes, je me rends à son <appel>. C’était bien vrai: il entra en agonie! Il me prie de lui donner l’absolution in extremis.”

¹⁵¹ No original: J’eus encore le temps de renouveler l’absolution, puis de réciter les prières des Agonisants, enfin je lui fermai les yeux. Le médecin vint alors constater son décès: on l’ensevelit. Je montrai où se trouvait son argent. M. le commissaire du bord [ilegível] on a remis le bon Frey Germano mort à terre, avec tous les honneurs que j’ai tâché de lui faire rendre, en qualité de Français. Ne voulait-on pas le faire passer pour Italien?”

¹⁵² No original: “De plus, le pauvre défunt laisse encore un bel observatoire astronomique, baromètres, chronomètres, etc. de grande valeur entre les mains du curé de Franca do Imperador.”

Essa passagem da carta de frei Vincent sugere que caso frei Germano tenha realizado de fato a venda de seus instrumentos para o Seminário Episcopal, essa transação não abrangeu a totalidade de seus artefatos. Buscando seguir a trilha de tais objetos, frei Fiel, do Morro do Castelo, reclamou aos superiores capuchinhos dizendo que escrevera ao menos três vezes ao pároco de Franca questionando-o a respeito dos instrumentos de Física de frei Germano, entretanto, não obtivera nenhuma resposta. Talvez, ele tenha ficado sem resposta porque provavelmente uma parte sensível desta coleção já não estava mais em Franca e sim, no Seminário Episcopal.

Sabemos, no entanto, que a ligação entre frei Germano de Annecy e o Seminário Episcopal permaneceu de alguma forma mesmo após a saída dos capuchinhos da instituição em 1878 e também mesmo após a morte de frei Germano de Annecy em 1890.

Faz mister destacar que o Seminário Episcopal em 1906 publicou a *Polyanthea* comemorativa de seus 50 anos. Trata-se de um material celebrativo, como o próprio nome sugere, preparado pelos padres diocesanos, ex-alunos dos capuchinhos e que se encontravam na condição de professores e reitores do Seminário Episcopal de então. Contar a história do Seminário Episcopal é abordar os mais de 20 anos em que a instituição fora comandada pelos capuchinhos de Savóia e a *Polyanthea* o fez por meio de um capítulo intitulado "O primeiro corpo docente do Seminário Episcopal". No texto, o ex-aluno e então professor do Seminário Episcopal, Monsenhor Manuel Vicente, exaltou a erudição de vários mestres da instituição, se referindo a frei Germano por sua habilidade em classificar minerais e vegetais e por sua paixão pela Astronomia (VICENTE, 1906, p. 8).

Ressaltamos a maneira como a *Polyanthea* trabalhou a memória de frei Germano de Annecy. A publicação utilizou seis páginas para apresentar fotografias e notas biográficas de 15 clérigos que formaram o corpo docente do seminário no tempo dos capuchinhos e concentrou outras seis páginas somente para o perfil de frei Germano¹⁵³. A *Polyanthea* republicou na íntegra a homenagem póstuma escrita por padre Senna Freitas a frei Germano de Annecy. Além dos excertos que de já nos valem, nela, o capuchinho era lembrado por suas elucubrações científicas e vigílias equipadas por seu

¹⁵³ De acordo com a *Polyanthea* (1906) o primeiro corpo docente do Seminário Episcopal fora formado por frei Eugênio de Rumilly, Teologia; Frei Vital de Oliveira; frei Firmino Teologia Moral; Generoso, capuchinho francês, professor de Inglês, Retórica e Música; frei Teodoro de Moie, Filosofia; Frei Justo, Latim; Frei Calixto, Francês e Desenho; Frei Carlos Maria Terrier, Teologia Dogmática; Padre Henrique Schiffer, Aritmética; Padre Francisco Raggy, História; frei Francisco Vibonati; Padre Avelino Marcondes de Araújo, Latim e Geografia; padre José Marcondes Homem de Melo, Francês e Latim; Padre Julio Ribeiro de Campos, Língua Portuguesa.

telescópio, pelo relógio de Sol gravado na parede do pátio, pelo estudo da botânica realizado nos jardins do seminário, virtudes científicas associadas ao estereótipo do sábio que vestia um "hábito desbotado" e conservava o "cabelo em completo desalinho". O escrito de Padre Senna Freitas continha ainda uma frase que soava quase como um manifesto: "Frei Germano honrava a classe de que fazia parte e deixava provado que a religião e o burel não são inimigos da ciência" (FREITAS, 1906 [1890], p. 15).

Compreendemos a *Polyanthea* a partir da chave explicativa proposta por Le Goff (1990), como um documento/monumento, algo cuja produção, constituição e permanência se fez e faz eivada por um regime de intencionalidades. De acordo com o autor, "O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias" (LE GOFF, 1990, p. 545).

Nesse sentido, produto de uma relação de poder, resultante de uma conjuntura social, econômica e política, o documento é também projetivo. Nos parece, portanto, que além de prestar uma homenagem, o reavivamento do relato biográfico de padre Senna Freitas a frei Germano de Ancecy (1890), bem como o destaque aos saberes e práticas do capuchinho realizado pela *Polyanthea* (1906), coadunava com uma estratégia do colégio que buscava se apresentar como uma das principais instituições de Ensino Secundário do país. Não à toa, Padre Marcondes, ex-aluno de frei Germano, então reitor do seminário, iniciou os trâmites para a equiparação da instituição ao Colégio de Pedro II já no ano de 1900¹⁵⁴.

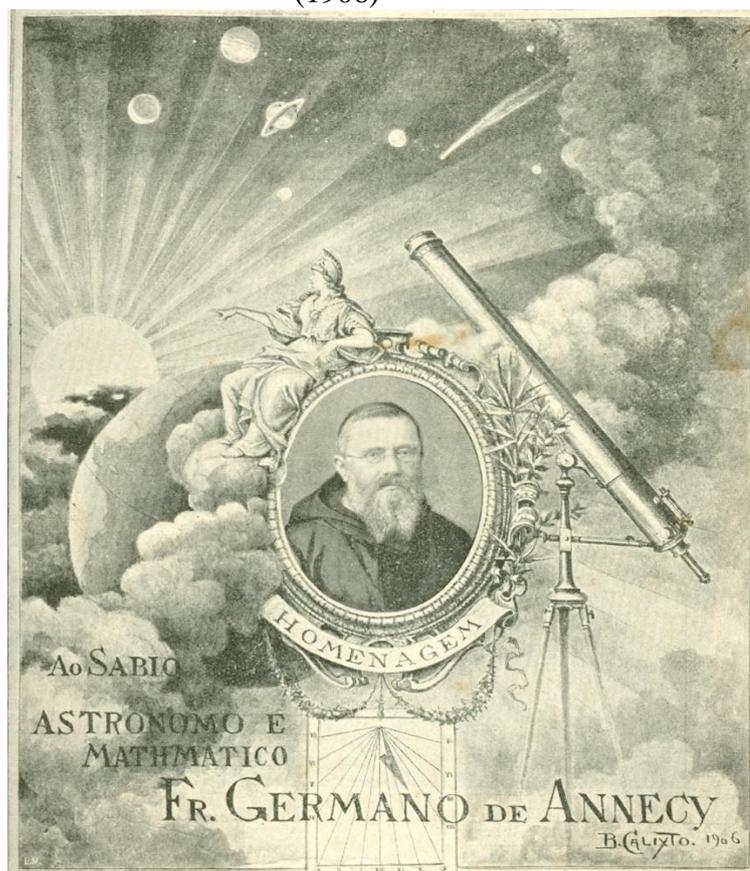
Ao dar destaque a frei Germano de Ancecy, a *Polyanthea* (1906) apresentava o Seminário como herdeiro de seu legado, mantendo e adquirindo os objetos e instrumentos para as aulas de ciências implicadas na formação de seus alunos, uma forma de olhar para o seu mito fundador localizado no período monárquico e projetar um futuro republicano. Mas, para além de uso mais pragmático, a produção de uma memória institucional em que se estreitam os vínculos com frei Germano de Ancecy, envolve também, digamos, dinâmicas mais afetivas.

Ao longo desse capítulo, vimos que de 1884 a 1888, frei Germano visitou algumas vezes o Seminário Episcopal. Na última delas, conforme Senna Freitas, durante uma

¹⁵⁴ De acordo com Braghini, Pedro e Piñas (2017, pp. 224-225) como parte do trâmite burocrático do processo de equiparação, o Seminário Episcopal recebeu um visita *in loco* de um representante do governo federal em que o comissário fiscal enviou ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores um relatório e elogiando entre outras coisas, a estrutura física e o mobiliário com destaque para os "laboratórios, gabinete e aparelhos necessários para o ensino das ciências físicas e naturais" (RODRIGUES *apud* BRAGHINI, PEDRO, PIÑAS, 2017, p. 226).

conversa no jardim do Seminário Episcopal o capuchinho lhe confidenciara “que era provável que tornasse a ser aqui [Seminário Episcopal] professor” (FREITAS, 1906 [1890], p. 15). Passados 16 anos da morte do capuchinho, a presença dele era reclamada pelos objetos e instrumentos, pelos quadrantes espalhados pelo jardim, pelo relógio de Sol mural, pelo belvedere. Ao que tudo indica, a *Polyanthea* (1906) buscou demarcar tal memória em uma produção artística encomendada ao renomado artista Benedito Calixto.

Figura 11 – Homenagem a frei Germano de Ancecy em gravura de Benedito Calixto (1906)



Fonte: *Polyanthea* (1906, p. 13).

A imagem ocupou uma página inteira da *Polyanthea*. A composição parece se inspirar também em um trecho do próprio relato de Senna Freitas (1906 [1890], p. 15) quando este diz: “armado do telescópio, [frei Germano] viajava por essas ilhas cintilantes do espaço infinito buscando devassar-lhes [...] a atmosfera, as refrações azuladas ou vermelhas das suas vegetações, as montanhas ou os anéis, as crateras ou a protuberância dos planetas”.

Calixto produziu trabalho sugestivo, buscando constituir uma memória visual para referenciar as qualidades de astrônomo de frei Germano. Na gravura, nota-se a presença uma luneta tangenciando o retrato e, embaixo deste, um quadro de horas de relógio de Sol, dois dos artefatos com os quais o capuchinho demonstrou parte de suas virtudes científicas. Na alegoria produzida pelo artista, frei Germano, vestido com o hábito de capuchinho, ocupa o centro da imagem, sobreposto à imagem do planeta Terra e encimado por uma musa representando a razão e o conhecimento. Ela aponta para o Sol que lança seus raios afastando a escuridão, as trevas da ignorância, iluminando a nebulosa, descortinando um universo constituído por planetas e demais corpos celestes, objetos observados por frei Germano de Annecy.

Uma alegoria para expressar a relação entre ciência e fé cristalizada na imagem de frei Germano que o Seminário construía para se apropriar. E, a despeito da construção de um passado idílico, resistem alguns vestígios constituintes de suas práticas nesse que foi considerado o primeiro observatório do tempo e do espaço na província de São Paulo. Quais seriam as implicações da produção de lugares de saber e de artefatos astronômicos e meteorológicos no e a partir do Seminário Episcopal?

CAPÍTULO 4 - Frei Germano de Annecy: um observador no seminário episcopal de São Paulo

Frei Germano era considerado como profundo conhecedor de astronomia, ciência a que consagrava o seu tempo estudando-a com afinco e observando sempre (O ESTADO DE S.PAULO, 13/05/1890, p. 1).

Efetivamente, frei Germano dedicou suas vigílias ao estudo de fenômenos científicos e naturais, tornando-se vulto proeminente na ciência (O PAIZ, 18/06/1890, p. 1).

Fez lindas coleções entomológicas, principalmente de lepidópteros e coleópteros; tinha um observatório astronômico em um dos ângulos do Seminário, d'onde sempre assíduo observador, seguia os movimentos do tempo e dos astros (MARCONDES, 1890, p. 2).

Vimos no capítulo anterior que Frei Germano de Annecy, por meio de seus saberes e práticas, gozou de prestígio no império brasileiro. Sua inserção social foi mediada por virtudes científicas que fizeram dele uma referência nas cidades em que habitou. Frei Germano, com maior ou menor intensidade e dedicação, manifestou interesse pela História Natural, pela Física, pelas Matemáticas, pela Astronomia e pela Meteorologia, como dito antes. Esse rol abrangente de conhecimentos mobilizados por frei Germano, por vezes, desvia nossa atenção do fato de que ele também era poliglota (dominava, pelo menos, o francês, o português, o latim e, provavelmente, o castelhano e o italiano), além de ser conhecedor da Teologia e demais disciplinas corporais, espirituais e intelectuais que fizeram dele um capuchinho.

Em meio a uma cultura crescente da especialização científica, vemos em frei Germano a sobrevivência de um tipo de sujeito que pode ser identificado pelo termo “polímata”.¹⁵⁵ À guisa de definição, Burke (2020, pp. 26-27) propôs distinções entres os tipos de polímata que ele escrutinou da Renascença à contemporaneidade. Para o autor, em oposição aos polímatas ativos há os passivos, estudiosos que “não produzem nada (ou,

¹⁵⁵ No decurso dos séculos XVIII e XIX, os constantes desenvolvimentos nas ciências (na especialização e na profissionalização) desembocaram no surgimento de uma nova categoria profissional designada pelo neologismo “cientista” e, em contrapartida, concorreram para produzir uma conotação pejorativa para os termos “amador” e “diletante”. Destaca-se que um dos objetivos do estudo prosopográfico realizado por Peter Burke em *O Polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag* (2020) é justamente perscrutar a resiliência, as condições de possibilidade e a sobrevivência dessas figuras tidas como polímatas na contemporaneidade.

pelo menos, nada de novo)”. Haveria ainda os que são considerados circunscritos, ou seja, aqueles que dominam disciplinas correlacionadas e aqueles que “à maneira dos polígamos [...] pulam de um campo a outro no decorrer de suas vidas intelectuais”. Duas outras categorias apresentadas pelo historiador seriam o polímata do “tipo centrífugo, que acumula conhecimentos sem se preocupar com as conexões, e o estudioso centrípeto, que tem uma visão da unidade do conhecimento e tenta encaixar suas diferentes partes em grande sistema” (BURKE, 2020, p. 27).

Ainda que não seja nossa intenção ensaiar uma classificação estrita para frei Germano, compreende-se como essa categoria pode ser ajustada para a um sujeito de formação capuchinha cujos interesses se materializaram em suas aulas, nas apresentações com luz elétrica, em suas coleções de objetos de História Natural, nas coleções de objetos e de instrumentos científicos, na projeção de relógios de Sol, nas centenas de publicações de boletins meteorológicos e nas publicações a respeito das efemérides astronômicas.

Pode-se questionar qual o elã subjacente a essas atividades. Elas encontram seu denominador comum no cultivo daquele que talvez seja o seu principal atributo, o de *observar* a natureza e os movimentos do tempo e dos astros. Nesse capítulo, nos concentraremos nos atributos de observador de frei Germano nos terrenos da Meteorologia e da Astronomia em razão da extensão, dos significados e da qualidade dos vestígios de sua atuação nessas áreas.

Conforme Crary (2012, p. 15), o sujeito observador “é a um só tempo produto histórico e lugar de certas práticas, técnicas, instituições e procedimentos de subjetivação”. Ainda nas palavras do autor,

observar significa ‘conformar as próprias ações, obedecer a’, como quando se observam regras, códigos, regulamentos e práticas. Obviamente, um observador é aquele que vê. Mas o mais importante é que é aquele que vê em um determinado conjunto de possibilidades, estando inscrito em um sistema de convenções e restrições. Por ‘convenções’ sugiro muito mais do que práticas de representações. Se é possível afirmar que existe um observador específico do século XIX, ou de qualquer outro período, ele somente o é como *efeito* de um sistema irreduzivelmente heterogêneo de relações discursivas, sociais, tecnológicas e institucionais. Não há um sujeito prévio a esse campo em contínua transformação (CRARY, 2012, p. 15).

Crary discorre acerca de um conjunto de ações específicas que vinculam o observador a comunidades plurais que circunscrevem e definem o que e como se observa e isso em relação aos arranjos e pluralidades de força que tornam possíveis a capacidade

do observador. Em *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX* (2012), o autor preocupa-se com a emergência difusa e heterogênea na sociedade de novos regimes de visualidade que vão paulatinamente impregnando os modos de produção estética, mas também de conhecimento, de ciência e tecnologia, concorrendo para tornar hegemônicos novos modos de visão, visão subjetiva, de pós-visão, de produtividade do observador que se expressam em novos objetos, dos quais o estereoscópio, fenacistoscópio e taumatrópico são alguns dos exemplos analisados.

Munakata (2022) comenta que para Crary, a transformação na concepção do observador consiste na organização de uma nova objetividade que se fundamenta na relação de contiguidade entre o sujeito e o aparato ótico utilizado, declinando o ponto de vista e a representação do observador. No século XIX, esse novo paradigma teria operado a crise da câmera escura, de valor apodítico, fundamentado na separação entre o objeto e o sujeito e na relação entre o sujeito e o aparato ótico (seja ele uma câmera escura, um microscópio, um telescópio etc.) em que a autoridade de um olho ideal, ou bem treinado, permanecia incontestável (CRARY, 2012, p. 127; MUNAKATA, 2021, p. 111).

Não estamos em posição de afirmar se frei Germano foi ou em que medida teria sido afetado pela emergência e desenvolvimento dos novos regimes de visualidade do século XIX. Contudo, é possível inferir que sua conformação de observador responde ao terreno institucional que se estrutura com o advento da modernidade e que passa por mudanças ao longo dela. Convém considerar que frei Germano, por exemplo, foi um relojoeiro aprendiz que se formou, provavelmente, na companhia de seus pares e da materialidade dos artefatos e estudando os tratados de projeção de relógios de Sol que contribuem para o processo de difusão de saberes, de práticas constitutivas de identidades comunitárias, mas também para a instituição do que se denomina científico.

Conforme Pomata (2011) e Daston (2011; 2015), entre os séculos XVI e XVIII, a observação passa de um gênero epistêmico mais ligado à Astronomia e à Anatomia para se tornar uma parte essencial e ubíqua de toda a prática científica. O ato de observar se torna subjacente e constituinte das profundas mudanças que se processaram nas formas de se pesquisar, nas concepções, nas práticas e nas produções de saberes acerca do mundo natural. Nesse período, objetos novos (de origem animal, mineral e vegetal, oriundos dos quatro cantos do mundo, objetos na esfera celeste ou ainda o corpo humano), foram abordadas por métodos e suportes novos ou renovados (coleções, anatomias, experiências, destilações), por novos sujeitos (artesãos, apoticários, membros de

sociedades eruditas) em novos locais (laboratórios, observatórios, no campo, no gabinete, na corte)¹⁵⁶. Na esteira dessas mudanças

As relações entre certas disciplinas mais antigas também foram modificadas: a astronomia e a ótica, que a classificação medieval do conhecimento tradicionalmente agrupava com a geometria e a teoria da música, aproximou-se da filosofia natural que, por sua vez, se fundiu com a história natural, indo além da antiga distinção entre filosofia (o estudo das causas universais) e história (o estudo de casos particulares). A própria definição de "conhecimento natural" evoluiu da referência a conclusões necessárias derivadas da experiência cotidiana para se referir a prováveis hipóteses testadas a partir de fenômenos observados em laboratório, sob condições restritas, ou com o auxílio de instrumentos (como o microscópio ou o telescópio, mas também o termômetro e o barômetro), que ultrapassou os limites da observação muito além do que a percepção humana sozinha permite sem instrumentos (DASTON, 2015, p. 177).¹⁵⁷

A natureza passa a ser recortada e estudada por muitos campos de saber e de expertise. A estruturação e ou renovação desses campos, cada um de maneira muito particular, se fez acompanhar de uma inversão de autoridade com relação aos cânones do conhecimento. Nas palavras de Bourguet e Lacour (2015, p. 257)¹⁵⁸, “os Modernos não passam mais pelos Antigos para ler a natureza, mas partem de seu próprio conhecimento do mundo natural para interpretar o conhecimento antigo”. Além disso, de acordo com os autores uma “nova hierarquia dos valores epistêmicos se revela no caso do conflito de autoridade entre as coisas vistas e as coisas lidas” (BOURGUET; LACOUR, 2015, p. 260).¹⁵⁹

¹⁵⁶ Esse é um quadro notadamente esquemático. Em *Philosophies de la nature et Philosophie Naturelle* (1500-1750), Daston (2015) aprofunda a análise sobre as transformações na Filosofia Natural e nas filosofias naturais analisando as combinações, recombinações, permanências e rupturas entre o sistema de pensamento dos antigos e dos modernos, justapondo três quadros em torno dos anos 1550, 1650 e 1750 em que se localizam as produções de Bacon, Vessalis, Copérnico, Galileu, Képler, Descartes, Newton entre outros.

¹⁵⁷ No original: “Les rapports entre certaines disciplines plus anciennes furent également modifiés: l’astronomie et l’optique, que la classification médiévale du savoir regroupait traditionnellement avec la géométrie et la théorie de la musique, se rapprochèrent de la philosophie naturelle, qui à son tour fusionna avec l’histoire naturelle, dépassant ainsi la distinction ancienne entre *philosophia* (l’étude des causes universelles) et *historia* (l’étude des cas particuliers). La définition même de la “connaissance naturelle” évolua, cessant de désigner des conclusions nécessaires dérivées de l’expérience quotidienne pour désigner des hypothèses probables mises à l’épreuve de phénomènes observés en laboratoire, dans des conditions contraintes ou à l’aide d’instruments (tels que le microscope ou le télescope, mais aussi le thermomètre et le baromètre), qui repoussaient les limites de l’observation bien au-delà de ce que permet la seule perception humaine sans instruments.”

¹⁵⁸ No original: “Les Modernes n’en passent plus par les Anciens pour lire la nature mais partent de leur propre connaissance du monde naturel pour interpréter les savoirs anciens.”

¹⁵⁹ No original: “La nouvelle hiérarchie des valeurs épistémiques se révèle dans les cas de conflits d’autorité entre choses vues et choses lues.”

Tomando a Astronomia por exemplo, o desenvolvimento da observação metódica e repetitiva de um mesmo objeto esteve inicialmente vinculado à produção dos antigos. Existia um sentimento de continuidade entre os astrônomos dos séculos XVI e XVII para com seus predecessores que, de acordo com Daston

também derivava de um desejo de testar – não apenas acrescentar – e melhorar observações anteriores, um processo que paradoxalmente os levou primeiro a se vangloriar de seus próprios avanços e depois a cultivar uma consciência cada vez mais escrupulosa de possíveis fontes de erro. Tanto o orgulho do progresso quanto o medo do erro estavam ligados ao que era, pelo menos no Ocidente latino, uma nova prática de observação astronômica, com paralelos em outras ciências observacionais modernas: a repetição sistemática da mesma observação noite após noite, ao longo de anos e décadas (DASTON, 2011, pp. 93-94)¹⁶⁰.

O receio de errar, de repetir erros, mas também o desejo de progredir, de produzir novos conhecimentos impulsionou estudos e pesquisas constituídas pela prática da observação assídua na Astronomia com paralelo em outras ciências naturais. Pomata (2015, p. 49) argumenta que a astronomia foi o berço “das observações como um gênero disciplinar”.¹⁶¹ De acordo com a autora, as observações sistemáticas e repetitivas foram empreendidas na tentativa de expurgar da Astronomia a Astrologia e, além disso, por meio da imprensa, as observações celestes se disseminaram visando a estruturação de um campo empírico e coletivo de observação. Os esforços empreendidos na compilação e publicação de observações realizadas por mestres de ofício permitiam a divulgação para comunidades astronômicas mais amplas, oferecendo um modelo pedagógico, através da experiência acumulada, do que e de como observar.

Os astrônomos não foram os únicos a realizar observações sistemáticas e a publicar o resultado de suas observações. Na medicina, por exemplo, a palavra “observação” ganha uma semântica nova: deixa de exprimir um conjunto de regras e receitas (como, por exemplo, as seguidas para enfrentar uma epidemia) para assumir um sentido descritivo e observacional. É o que sugere Pomata (2015, p. 53) quando analisa o *Observationes anatomicae* (1561), de Falloppio. Nesse livro, conforme Pomata, destaca-

¹⁶⁰ No original: “also derived from a desire to test - not just add to - and improve upon past observations, a process that paradoxically led them first to vaunt their own advances and later to cultivate an ever more scrupulous awareness of possible sources of error. Pride in progress as well as fear of error were both tied to what was, at least in the Latin West, a new practice in astronomical observation, with parallels in other early modern observational sciences: the systematic repetition of the same observation night after night, over years and decades.”

¹⁶¹ No original: “the cradle of the observations as a disciplinary genre.”

se o uso sistemático do verbo “observar” em detrimento de outros verbos como “ver”, “perscrutar”, “inspecionar”, sugerindo o desenvolvimento de uma autoconsciência do observador anatomista.

Poderíamos estender nossos exemplos a muitas outras áreas do saber (Astrologia, Alquimia, Química, História Natural, Filologia, Direito etc.) vinculando seus desenvolvimentos no período moderno à emergência e consolidação do observador, mas isso fugiria aos propósitos desse capítulo. Convém destacar, entretanto, que na Meteorologia se processou lenta e paulatinamente uma transformação que desembocou na forma moderna de análise do tempo e do clima, com observatórios meteorológicos, muitos deles particulares, espalhados pelos territórios dos Estados nacionais no século XIX.

Nesse século, além do já citado exemplo de Angelo Secchi, na Península Itálica, podemos destacar os esforços iniciais de Emmanuel Liais e a gestão de Le Verrier, de 1854 a 1870, no Observatório de Paris incentivando a organização paulatina de observatórios espalhados pelo território francês, cedendo-lhes instrumentos, designando horários, formas de observação e de registro. Esse trabalho que se estendeu coligando observatórios oficiais de outras nações com vistas a elaborar quadros sinóticos mais complexos, envolvendo porções territoriais continentais e se valeu da cobertura gradual das redes telegráficas sobre a superfície da Terra, transformaram profundamente os modos de produção e circulação de informações. Estava em jogo a produção de dados sobre o clima com vistas a favorecer uma prática meteorológica preditiva e a racionalizar não apenas o conhecimento a respeito da natureza, mas também sobre as práticas agrícolas, médicas e de transporte, fossem terrestres ou aquáticos (LOCHER, 2008, pp. 63-73).

Trata-se de uma construção complexa, ora precária e descontínua, ora vitoriosa que redundava em uma nova visão de mundo a respeito dos fenômenos climatológicos. Uma história que, no século XIX, se desenvolve em paralelo e é também responsiva à difusão do gosto pela Meteorologia que, a partir de 1830, açambarcou uma diversidade de atores sociais, práticas, discursos e lugares de observação como navios, escolas, balões, observatórios institucionais e particulares (LOCHER, 2008).

Mas, somente a partir do século XVII, a Meteorologia, pouco a pouco, se desprenderia do estudo dos meteoros, caracterizados por Aristóteles como fenômenos

naturais irregulares originários no mundo sublunar.¹⁶² De acordo com Barboza (2012) a emergência da Meteorologia moderna responde a um processo geral que perpassou as ciências da natureza, qual seja, a busca por regularidades, por quantificação dos objetos e fenômenos observados cujo resultado deve ser passível de ser traduzido em linguagem matemática. Barboza explica que o próprio conceito de tempo na meteorologia moderna, que até inclui fenômenos estudados por Aristóteles, estava distante dos meteoros do estagirita, nas palavras da autora:

Ao fazer tal afirmação, não estou apenas admitindo que as principais propriedades (temperatura, pressão e umidade do ar) do meio onde esses fenômenos têm origem, a atmosfera, devem ser rotineiramente medidas – é que no limite elas *só podem ser observadas* por meio de instrumentos científicos. Quanto à representação do tempo, sua forma atual é preferencialmente gráfica (e numérica) – um emaranhado de linhas e símbolos plotados em mapas da superfície da Terra, pouco compreensíveis, aliás, para os “não iniciados” (BARBOZA, 2012, p. 6).

Fica evidente, portanto, que o estudo da Meteorologia comunga de preceitos mais gerais como os relativos ao imperativo da observação direta e sistemática da natureza, produção quantitativa de dados, formas específicas de representar os resultados alcançados tornando-os inteligíveis a uma determinada comunidade de iniciados no assunto. Além disso, podemos depreender que, além das formas específicas de registros dos dados observados, a emergência e o desenvolvimento do observador moderno, seja ele um naturalista, um astrônomo ou um meteorologista, requer o domínio do gestual, do funcionamento do aparato técnico, bem como, da percepção informada, potencializada pelo uso de recurso instrumental: termômetros, barômetros, lunetas, telescópios e microscópios, instrumentos que surgiram e ou passaram a ser utilizados entre os séculos XVI e XVII.

Bem compreendido, os instrumentos submetidos a procedimentos e operações específicas, permitem a visualização concreta do objeto de estudo, revestindo de sentido o trabalho de quem os emprega. Partindo de Besse (2011), pode-se pensá-los como constituintes da natureza da operação de visualização que é resultante de uma codificação

¹⁶² Na filosofia aristotélica os meteoros incluíam tanto fenômenos que hoje são estudados pela Astronomia como cometas, estrelas cadentes, a Via Láctea, como os que hoje são objetos da Meteorologia como nuvens, ventos chuvas, granizo etc. Porém, a compreensão desses fenômenos dava-se “a partir de diferentes combinações entre as supostas qualidades constituintes da matéria [...] as nuvens e as chuvas [...] eram entendidas como ar úmido transformado em água, enquanto os ventos e as estrelas não passavam de ar muito leve e seco emanado dos solos” (BARBOZA, 2012, p. 8).

ao mesmo tempo técnica e cultural da percepção. De acordo com o autor a visualização ou as imagens que se formam desse processo “também podem ser consideradas como lugares de invenção e experimentação, de abertura a novas realidades” (BESSE, 2011, p. 580).¹⁶³

Entretanto, convém destacar, como argumenta Munakata (2021), que a invenção de instrumentos como a luneta e o microscópio não significou adesão imediata a esses aparatos. Era preciso tornar crível que os fenômenos que eles davam a ver e a entender, incompreensíveis a olho desarmado, tratava-se de um alargamento do campo da visão e não uma deformação da realidade. Nesse sentido, indaga o autor

Mas o que é isto — *a realidade* —, que se apresenta não mais diante dos olhos, mas da objetiva, um pedaço de vidro colocado na extremidade de um tubo? Como se certificar que aquelas estranhas figuras que se esboçam no microscópio estão lá mesmo, dentro da gota de água colocada na lâmina imediatamente abaixo da objetiva e, de resto, invisíveis a olho nu? (MUNAKATA, 2021, pp. 106-107).

Na sequência de sua reflexão a respeito dos impactos provocados pelo campo de observação ampliado, Munakata (2021) se apoia em Rossi (2001) para recordar que tais dificuldades provavelmente estiveram presentes entre os contemporâneos de Galileu convidados a fazerem o uso luneta. Naquele momento, potencializar a visão através daquele instrumento, ver as crateras lunares, tensionava crenças muito arraigadas da perfectibilidade da esfera lunar, por exemplo. Bianucci (2012) destaca que quando Galileu em 1609 apontou sua luneta para a Lua ficou admirado

A Lua tinha montanhas, crateras e planícies (ou mares?). [...] Era um mundo, como a Terra, com as luzes do amanhecer e do anoitecer, uma paisagem de vales e penhascos; não a esfera suave, perfeita e imutável descrita pela astronomia ptolomaica e feita pela doutrina da Igreja. (BIANUCCI, 2012, p. 75)¹⁶⁴

A radicalidade desse mundo novo que se descortinava através do tubo da luneta residia não apenas no enfrentamento à Igreja, mas a um paradigma milenar da Astronomia.

¹⁶³ No original: “peuvent être considérées également comme des lieux d’invention et d’expérimentation, d’ouverture vers des réalités inédites.”

¹⁶⁴ No original: “La Luna aveva montagne, crateri e pianure (o mari?). [...] Era un mondo, comme la Terra, con luci dell’alba e del tramonto, un paesaggio di valli e dirupi; non la sfera liscia, perfetta e immutabile descritta dall’atonomia ptolemaica e fatta própria dalla dottrina dela Chiesa.”

Além disso, cabe destacar que, nos diferentes campos do conhecimento, os objetos da percepção do observador científico geralmente diferem dos objetos da percepção cotidiana “dos comuns”. Isso porque, munido de instrumentos ou a olho nu, o que é percebido pelo observador é codificado pela teoria, pelo conteúdo cultural que ele domina e que torna sua percepção especializada, ligada a uma comunidade de referência. E, mesmo no interior de uma determinada comunidade de conhecimento, há diferenças entre o que é percebido por um iniciante e o que o é por um iniciado. Daston (2017, p. 94) conclui a partir dos escritos do biólogo Ludwig Fleck que “o noviço vê apenas borrões e manchas sob o microscópio; experiência e treinamento são exigidos para que seja possível dar sentido a esse caos visual, para que seja possível ver coisas”. Ainda acompanhado Fleck, diz Daston (2017, p. 94): “Para Fleck, aprender a ver como um cientista é uma questão de experiência acumulada – não somente de um indivíduo, mas de uma coletividade bem treinada”.

A experiência, individual e coletiva é a condição para a conformação do observador. A consolidação da observação como um gênero epistêmico em diferentes campos do conhecimento resulta de um extenso e variado trabalho coletivo que se revela na relação campo/gabinete, na intensa troca epistolar entre os pesquisadores e nas publicações capitaneadas pelas sociedades eruditas e especializadas ao longo do tempo. Abstraindo as controvérsias, as disputas, as especificidades e vicissitudes que envolveram anatomistas, meteorologistas, astrônomos, naturalistas etc., estava em jogo estabilizar o objeto da percepção para uma comunidade autorreferenciada, mas não necessariamente exclusiva a ela. Nesse sentido, conforme Daston (2011, p. 93): “à medida que a observação se tornava repetitiva e coletiva, o desafio de sintetizar a sequência de anotações feitas por um indivíduo complementava o de integrar o conjunto de relatos produzidos por uma comunidade”.¹⁶⁵

Pertencer a uma comunidade de observadores, significa ter a percepção educada segundo os critérios específicos e registrar o produto das observações de acordo com as convenções estabelecidas que tornam o dado inteligível e significativo, pensando e acompanhando os processos históricos que os definem. Os observadores em seus observatórios particulares até podiam realizar suas atividades com liberdade e autonomia, mas não deixavam de estar ligados a uma comunidade de referência pela cultura de

¹⁶⁵ No original: “As observation became repetitive as well as collective, the challenge of synthesizing the sequence of notes made by an individual complemented that of integrating the ensemble of reports produced by a community.”

determinado objeto de percepção e regimes de visualidade. O que nos leva a indagar o que e como frei Germano observava e com quem se comunicava.

No exercício de seu atributo de observador, frei Germano atravessou diversos regimes de visualidade, adestrou a percepção, desenvolveu o domínio gestual junto dos aparatos técnicos, publicou seus resultados de acordo com convenções específicas e se serviu de materialidades variadas para dar suporte às suas práticas.

Nas cidades por onde passou, frei Germano organizou observatórios que continham pequenas estações meteorológicas e realizou publicações a respeito de suas observações sobre o tempo e o espaço. As atividades de astrônomo e de meteorologista de frei Germano encontraram certos paralelos com o momento de valorização dessas áreas no império brasileiro. A partir da década 1870, sob a direção de Emmanuel Liais (1870-1881), o Observatório, não sem disputas e conflitos, se desligou do viés utilitarista ligada à formação de militares e de engenheiros civis e, a exemplo de outras instituições congêneres espalhadas pelo mundo, passou empreender uma atuação voltada à pesquisa científica (VIDEIRA; HENRIQUES, 2014, pp. 334-336).¹⁶⁶

Tais mudanças foram respaldadas pelo imperador dom Pedro II que aspirava reconhecimento internacional não apenas com relação ao aspecto econômico, mas também do ponto de vista cultural e científico em diversas áreas do conhecimento. Desde a segunda metade do século XIX, o imperador vinha buscando incentivar expedições científicas motivadas pelo estudo da Astronomia, dentre as quais citamos a destinada à observação do eclipse total do Sol em 1858, então comandada pelo jovem astrônomo do Observatório de Paris, que mais tarde viria a dirigir o IORJ, Liais, e a passagem de Vênus pelo disco solar em 1882 (NADER, 2015, p. 34).

É também a partir da segunda metade do século XIX que se ensaia no império brasileiro uma expansão das medições meteorológicas, com tentativas de organização de redes que têm o trânsito dos dados produzidos facilitado pela extensão dos cabos de telégrafo e da malha ferroviária (SAMPAIO FERRAZ, s.d., pp. 214-220).

A vinda de frei Germano para a província de São Paulo esteve ligada a um projeto religioso que nada tinha a ver com o momento de valorização e desenvolvimento da Astronomia e Meteorologia no império¹⁶⁷. Porém, seus saberes e práticas dialogaram

¹⁶⁶ Para mais informações sobre a história do IORJ, ver Campos (2014); Barroso Júnior e Junqueira (2014); Videira e Henriques (2014), e Nader (2015).

¹⁶⁷ Esse momento de valorização dos assuntos relacionados à Astronomia encontra, ao menos, um respaldo quantitativo no aumento das publicações nos periódicos utilizando os seguintes termos “Astronomia”, “Cometa”, “Eclipse”, “Vênus” para um intervalo de tempo assinalado entre os anos 1840 e 1889.

direta ou indiretamente com esse processo de valorização das ciências citadas acima por meio do ensino e de suas publicações que circularam em alguns veículos da imprensa. A respeito da Astronomia, durante o tempo que o capuchinho viveu no Brasil, ele observou a passagem de três cometas: um 1865 e outros dois em 1882. Seus registros renderam um total de 18 publicações, contando as originais e as replicadas, que circularam em jornais de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Além disso, seus registros renderam 8 publicações referentes à observação de eclipses e três publicações a respeito do trânsito de Vênus pelo disco do Sol, em 1874 (cf. o Quadro 2 da página 61).

Com relação à Meteorologia (cf. a Tabela 2 da página 61), frei Germano publicou de 1875 a 1878, no jornal *A Província de São Paulo*, 388 boletins meteorológicos. Já, na *Gazeta de Uberaba*, entre os anos 1879 e 1884, o capuchinho publicou 180 boletins com os resultados de suas observações com relação ao tempo feito. Conclui-se, portanto, que frei Germano fez no mínimo, 588 publicações de boletins nos dois jornais citados. Os boletins publicados no periódico paulistano reuniam dados de dois a três dias de observação, enquanto os publicados na *Gazeta de Uberaba* apresentavam dados de cinco dias de observação.

Curiosamente, o resultado de suas observações realizadas a respeito do tempo feito em Uberaba foi estampado em periódicos cariocas: o jornal *O Apóstolo*, de 1880 a 1882, publicou 19 médias relativas aos boletins meteorológicos veiculados na *Gazeta de Uberaba*; já o *Jornal do Comércio* (RJ), de 1879 a 1884, publicou 42 médias de boletins veiculados em Uberaba.¹⁶⁸

Se tomarmos o conjunto de suas publicações nas áreas da Astronomia e da Meteorologia, é possível considerar que, de certa forma, elas constituem um momento de expansão da presença de assuntos de cunhos científicos nos jornais brasileiros ocorrido no último quartel do século XIX, sobretudo, na imprensa paulista e carioca de que nos falam Alfonso-Goldfarb, Ferraz e Figueirôa (1997, p. 230).¹⁶⁹

Entretanto, é preciso considerar que esses termos também eram utilizados em assuntos diversos, como na literatura, por exemplo. Para mais informações sobre o assunto ver Nader (2015).

¹⁶⁸ O jornal *O Apóstolo* era um dos principais porta-vozes na defesa da reforma ultramontana no Brasil (SILVA, 2020). É possível que ao replicar algumas das publicações de frei Germano, o periódico visasse matizar a ideia de oposição entre as ciências e a Igreja Católica. Com relação aos boletins publicados no jornal *O Comércio*, destacamos que eles eram publicados juntamente com outras notícias veiculadas a respeito da cidade de Uberaba.

¹⁶⁹ Fizemos uma ampla busca nas revistas salvaguardadas pelo APESP e pela Hemeroteca Digital (Biblioteca Nacional) e não encontramos nenhum artigo publicado por frei Germano de Annecy.

4.1 - Frei Germano de Annecy no Seminário Episcopal: entre lugares de saber e práticas

Christian Jacob (2007, pp. 22-23; 2012, p. 218), ao apresentar uma discussão teórica a respeito de seu projeto *Lugares de saber*, nos lembra de um dado importante: os antropólogos e os sociólogos que estudam as sociedades contemporâneas, constroem seus objetos de estudo com base na observação direta dos sujeitos e das práticas que analisam. Já os historiadores dependem da mediação das fontes materiais, iconográficas e ou escritas que nos oferecem diferentes ângulos de visão e análise a respeito das práticas e dos saberes mediados por artefatos e atores em um determinado tempo e contexto. A indicação teórica sobre os lugares de saber, somada à atitude do historiador permite melhores entendimentos sobre as ações de frei Germano.

As ações e práticas de frei Germano de Annecy no Seminário Episcopal de São Paulo converteram a instituição em um lugar de saberes para além daqueles que tradicionalmente envolvem uma comunidade religiosa. Lá, além de formar uma pequena coleção de instrumentos de Física, concorreu por organizar um Museu de História Natural e espaços dedicados às observações de Astronomia e Meteorologia, que designaremos por observatório.

Convém pontuar, lembrando David Aubin (2015, pp. 55-56), que os observatórios se apresentam como locais de práticas garantidoras de padrões de medição e produção de dados numéricos a respeito do tempo e do espaço. É verdade que o autor está pensando em espaços laicos destinados exclusivamente às práticas científicas, espaços que na Europa entre os séculos XVIII e XIX conquistaram afeições do Estado moderno, e estiveram intrinsecamente envolvidos no desenvolvimento agrícola, na industrialização e na burocratização da administração pública. Já Monique Gros (2019), constatou que paralelamente à institucionalização do Bureau des Longitudes (1795), órgão que tutelou o Observatório de Paris até 1854, e à expansão de observatórios institucionais pelas províncias francesas a partir da década de 1870, havia observatórios particulares, dirigidos por astrônomos amadores, espalhados por cidades francesas desde o século XVIII. Sobretudo, no século XIX, ocorreram algumas associações entre observatórios institucionais e particulares partilhando tarefas e compartilhando dados a respeito das observações climatológicas e astronômicas (GROS, 2018; LOCHER, 2008).

Pensando no caso brasileiro, na perspectiva da museologia, Márcia Cristina Alves (2021) realizou um levantamento no qual pesquisou a expansão dos observatórios

astronômicos e ou meteorológicos no país.¹⁷⁰ Se tomarmos o século XIX como referência, conforme a autora, os principais estabelecimentos foram o Imperial Observatório do Rio de Janeiro (1827-1922), o do Arsenal da Marinha de Pernambuco (1855), o do Palácio Imperial de São Cristóvão (1862), o Observatório da Escola Politécnica do Rio de Janeiro (1881-1921), o Observatório de Goiás (1888-1909), o da Escola de Minas de Ouro Preto (1883). Considerando, especificamente, o caso da cidade de São Paulo, somente na Avenida Paulista, entre o ano de sua fundação, 1891, e a segunda década do século XX foram fundados 4 observatórios particulares e um institucional, o Observatório de São Paulo (1912), mais tarde transferido para o Parque CienTec/USP, em 1930. A autora destaca ainda o observatório particular do professor José Feliciano de Oliveira (1895-1927) e o de Couto José Magalhães (1887-1893). Por fim, Alves (2021) informa que em todo o seu levantamento, encontrou somente dois observatórios vinculados a instituições religiosas: o Observatório de São Bento (1923) e o do Seminário Episcopal (1858-1878).

Destacamos que a análise da obra de Alves (2021) oferece um panorama da difusão desses observatórios com diferentes status pelo país, bem como, reforça o nosso entendimento com relação ao pioneirismo de frei Germano de Annecy na província de São Paulo, anunciado logo na introdução desse trabalho.

Não pretendemos exagerar a dimensão do observatório de frei Germano e nem suas atividades, tampouco assemelhá-lo a observatórios oficiais. O observatório de frei Germano não era uma instituição oficial de Estado, nem era conduzido por um funcionário contratado para fornecer regularmente boletins quantitativos a respeito do mundo natural, além disso, foi organizado em um Seminário Episcopal, um lugar cuja premissa era a prática religiosa.

O observatório de frei Germano do Seminário Episcopal já não existe mais. Após a saída dos capuchinhos, o torreão foi demolido em meados da década de 1880. A imagem a seguir, de tempos posteriores, mostra a sua ausência.

¹⁷⁰ De acordo com Alves (2021), de meados do século XIX até o início do século XX foram fundados 24 observatórios desses, 16 encontram-se demolidos. Esses podiam ser institucionais, escolares e ou particulares e se distribuíram pelas cidades de Recife, Goiás Velho, Porto Alegre, Ouro Preto e São Paulo. Muitos deles tiveram uma existência efêmera e uma produtividade irregular, considerando os poucos vestígios de práticas que sobreviveram ao tempo.

Figura 12 – Fachada do Seminário Episcopal, sem o belvedere, captada por Militão Augusto de Azevedo (c. 1887)



Fonte: Acervo Instituto Moreira Sales.

Não foram encontradas nenhuma informação a respeito da reforma do prédio ou da demolição do belvedere na década de 1880 que constituía o Observatório ao frei Germano de Anncy. Na década de 1920, a parte sul que correspondia ao Seminário Maior, onde ficava o terraço do capuchinho, cedeu espaço à abertura da Rua 25 de Janeiro.

Figura 13 – Paróquia de São Cristóvão (antigo Seminário Episcopal), situada na Avenida Tiradentes, 84 (Vista frontal e aérea)



Fonte: Google Earth, 24 set. 2022 (acervo pessoal).

Mesmo em face dessas modificações estruturais que descaracterizaram o Observatório do Seminário Episcopal, julgamos possuir vestígios que nos permitem abordar as atividades de frei Germano de Anncy. O capuchinho dividia seu tempo entre

o sacerdócio, a observação e a docência, muito embora essas últimas podiam ocorrer ao mesmo tempo. São justamente essas características que nos interessam: um observatório comandado por um religioso desobrigado de funções públicas, de publicações regulares, mas que ainda sim teve seus dados apropriados em publicações que buscavam oferecer um panorama climático do país.

Em acordo com Aubin (2015), Escolano Benito (2020) e Jacob (2007; 2012), partimos da premissa que os saberes são produzidos localmente e instituem materialidades. Considerando que tal observatório esteve localizado em um Seminário Episcopal, uma instituição voltada para a formação sacerdotal e para o ensino secundário, veremos que a organização de seus espaços constituía um programa por meio de sua materialidade, veiculando valores culturais, discursos, contribuindo para a formação de esquemas cognitivos e motores, sendo fonte de experiências e aprendizagens entre os seminaristas. Interessa-nos compreender possíveis lógicas internas da partilha desses saberes.

Além disso, os saberes produzidos por frei Germano a respeito do tempo e do espaço circularam para além dos muros da escola. Em alguma medida, seu idealizador se imbuíu de oferecer a um público mais amplo parâmetros para as interpretações das efemérides astronômicas e das condições climáticas, matizando assim a ideia de isolamento social que caracteriza as instituições como o Seminário Episcopal. Interessa-nos também compreender a circulação dos saberes produzidos por frei Germano.

Vimos no capítulo anterior que as ações de frei Germano interferiram diretamente no espaço do Seminário Episcopal, na arquitetura da instituição, revelando um projeto de produção de saber. Pensaremos nas atividades de frei Germano de Annecy no campo da astronomia e no campo da meteorologia, sobretudo, a partir de dois lugares de saber específicos, que não existem mais, cuja conjunção forma de maneira mais complexa o seu observatório, a saber: o relógio de Sol mural e o belvedere. Dois lugares de saber que podiam atuar em sinergia para uma observação mais completa do céu diurno e noturno. Do belvedere se podia acompanhar também o clima. As atividades desempenhadas nesses lugares ou mediadas por eles engendraram implicações sociais diversas.

4. 2 - Frei Germano de Annecy: dinâmicas entre o céu diurno e noturno a partir Seminário Episcopal

Na observação do céu diurno proposta por frei Germano, o relógio de Sol mural era um artefato cuja importância extrapolou o ambiente interno do Seminário Episcopal, servindo de referência para a comunidade externa ajustar os ponteiros de seus relógios mecânicos. Para compreendermos o significado desse artefato projetado por frei Germano é preciso esclarecer algumas questões sociais e tecnocientíficas pertinentes a esses dispositivos.

O princípio de funcionamento do relógio de Sol repousa sobre três elementos: (1) uma fonte luminosa móvel, (2) uma haste (também chamada de gnomôn) que intercepta a luz emitida pela fonte móvel produzindo sombras e (3) uma tabela graduada em horas onde se projetam as sombras que foram formadas. Conforme Oliveira Filho e Oliveira Saraiva (2014, p. 43): “durante o dia, a haste, ao ser iluminada pelo Sol, forma uma sombra cujo tamanho depende da hora do dia e da época do ano. [...] Ao longo de um dia, a sombra é máxima no nascer e no ocaso do Sol, e é mínima ao meio-dia”.

Se opondo ao tempo médio, aquele do relógio mecânico que marca as horas regulares, o relógio de Sol fornece o tempo solar verdadeiro, determinado pelo movimento aparente do Sol na eclíptica. Em razão de fatores combinados como a obliquidade, a órbita elíptica da Terra em torno do Sol, e a excentricidade do movimento de translação, que não apresenta velocidade constante, em relação à duração média de um dia, o tempo verdadeiro pode apresentar de uma variação máxima positiva de 16 minutos à uma máxima negativa de 14 minutos.¹⁷¹ Contudo, os constantes aperfeiçoamentos na arte da gnomônica (ou arte de projetar relógios solares) a partir do século XVI permitiriam aprimorar a orientação espacial do relógio de Sol e a desenvolver, posteriormente, a equação do tempo, a fim de possibilitar a conversão do tempo verdadeiro para o tempo médio por meio de uma equação matemática (CORNEC, LABAT-SEGALEN e ROUXEL, 2011, p. 4; RAMOS e REINERT, 2004, p. 23).

De acordo com Ramos e Reinert (2004) e Conec, Labat-Segalen e Rouxel (2011), os relógios de Sol além de servirem de referência para os mecânicos, tornaram-se importantes para a administração do horário e gerenciamento das chegadas e saídas dos

¹⁷¹ Mais informações a esse respeito podem ser encontradas em Medidas de Tempo. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/tempo/tempo.htm>>. Acesso em: 1 maio de 2022.

trens nas ferrovias. Porém, a relação estabelecida entre os relógios de Sol e os novos meios de transporte e comunicação (ferrovias, telegrafia e, mais tarde, o rádio) seria efêmera. O desenvolvimento das pesquisas astronômicas e convenções políticas com o intuito de estabelecer um meridiano longitudinal de referência para padronizar internacionalmente as longitudes da Terra esteve relacionado ao estabelecimento das horas oficiais de cada país. As horas oficiais, difundidas pelas modernas vias de comunicação, determinaram o ocaso dos relógios de Sol e se sobrepuseram às horas locais¹⁷². A adoção da Hora Legal Brasileira ocorreu somente em 1913 por meio da Lei n. 2.784 que impôs a adoção do meridiano de Greenwich como referencial longitudinal, em concordância com o sistema universal da hora aprovado em 1884 no Congresso de Washington (LUZ; VERGARA, 2015).¹⁷³

A adoção da Hora Legal Brasileira em conjunto com o desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte também contribuiu para esvaziar os usos do relógio de Sol mural projetado por frei Germano no Seminário Episcopal. Em 1931, o doutor Alypio Leme de Oliveira, na época diretor do Observatório de São Paulo, no artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* “A questão da horas, suas convenções e a hora de verão”, fez menção ao relógio de Sol mural de frei Germano dizendo que naquele ano tal artefato ainda poderia ser visto “não como eu o conheci, cheio de curiosos detalhes, mas já muito mutilado pelas mãos inábeis dos borradores de paredes, e despido daquela expressão mística que dera o sábio capuchinho” (OLIVEIRA, 1931, p. 3).

No mesmo artigo, Leme destacou ainda que os dispositivos projetados por frei Germano forneceram, até o começo do século XX, a hora de São Paulo. Segundo o astrônomo,

A S. Paulo Railway lá ia semanalmente tomar a hora que seu telégrafo e o silvo de suas locomotivas levavam de estação em estação, distribuindo-a por todo interior. Mas aqui, era o tempo médio que se tomava ao meio-dia, e não a hora verdadeira, como outrora (OLIVEIRA, 1931, p. 3).

¹⁷² De acordo com Ramos e Reinert (2004), o século XIX marca o período de declínio dos relógios de Sol na França com o estabelecimento da hora oficial de Paris em 1816. Porém, esse processo não foi automático e as horas locais continuaram aceitáveis por tempo considerável fora das capitais, como na região dos Altos Alpes, onde somente Zarbula produziu mais de 70 exemplares entre os anos de 1832 e 1872.

¹⁷³ O estabelecimento de um referencial longitudinal mundial respondia às necessidades criadas em razão da expansão de observatórios astronômicos e das navegações que reclamavam por uma padronização internacional desse elemento de localização. Em 1884, convencionou-se que a Terra seria cortada por 24 faixas horárias de 15 graus cada, cuja referência inicial seria Greenwich. A França adotou esse sistema somente em 1911 (LUZ; VERGARA, 2015).

Podemos então supor, com base na fala do então diretor do Observatório Astronômico de São Paulo, Alypio Leme (1931), que essa relação pode ter ocorrido por décadas uma vez que a Estação da Luz, situada quase em frente ao Seminário, foi inaugurada no ano de 1867. Integrado ao campanário, orientando as badaladas do sino que ritmava as atividades eclesiais e comunicavam as horas canônicas, deve-se considerar que esse relógio contribuía para a formação de uma paisagem sonora através da qual os cidadãos poderiam calibrar os ponteiros de seus relógios mecânicos e regular suas atividades cotidianas.

Compreendemos, portanto, que o relógio de Sol mural de frei Germano de Annecy constituía o observatório astronômico do capuchinho no Seminário Episcopal. Mas, o que a análise em si desse artefato nos permite conhecer?

Sabemos que, por ocasião da visita de dom Predo II e de sua esposa, Teresa Cristina, ao Seminário Episcopal no ano 1884, frei Germano conduziu uma manutenção naquele artefato para receber o casal real. Na edição de 14 de novembro de 1884, o jornal *O Apóstolo* replicou uma matéria a respeito da viagem das altezas à cidade de São Paulo, dedicando espaço considerável ao abordar o artefato do capuchinho. A seguir, reproduziremos um trecho. De acordo com a reportagem, havia

na província de S. Paulo muitos trabalhos deste gênero feitos pelo sábio capuchinho, mas a casa, onde ele leccionou por mais de 20 anos, guarda o de maior perfeição, sendo talvez o único de tais proporções no Brasil e um dos mais complicados e mais exatos entre os conhecidos. Acha-se em posição vertical, traçado em uma parede que tem 5°50' de declinação para leste, com 13 metros de altura sobre 8 de largura. [...] O *gnomon* ainda marca sobre o meridiano os dias da entrada do sol nos signos do zodíaco, os quais se acham desenhados sobre a parede. Os meses e os dias acham-se escritos de modo a poder-se acompanhar o movimento aparente do sol. Foram traçadas a equinocial e as curvas indicadoras no caminho do astro no solstício, 21 de junho, e nos dias que correspondem aos signos zodiacais de Geminis a Leo e de Taurus a Virgo. Os meridianos das ilhas Marquesas, S. Francisco, Nova-Orleans, Lima e Mato Grosso, Bagdá, S. Petersburgo, Roma, Paris, Lisboa e Ilha das Flores também estão colocados na hora relativa ao meridiano desta cidade. No pedestal que sustenta o plano horizontal acham-se os antípodas – Ilha Rasa – e marca-se a meia noite nas ilhas – Arrou, Oceania. É um trabalho que merece ser visitado, porque na posição em que se acha a parede atendendo-se a complexidade dos cálculos são para afirmar a paciência e a ciência do seu autor, Frei Germano d'Annecy (*O APÓSTOLO*, 14/11/1884, p. 2).

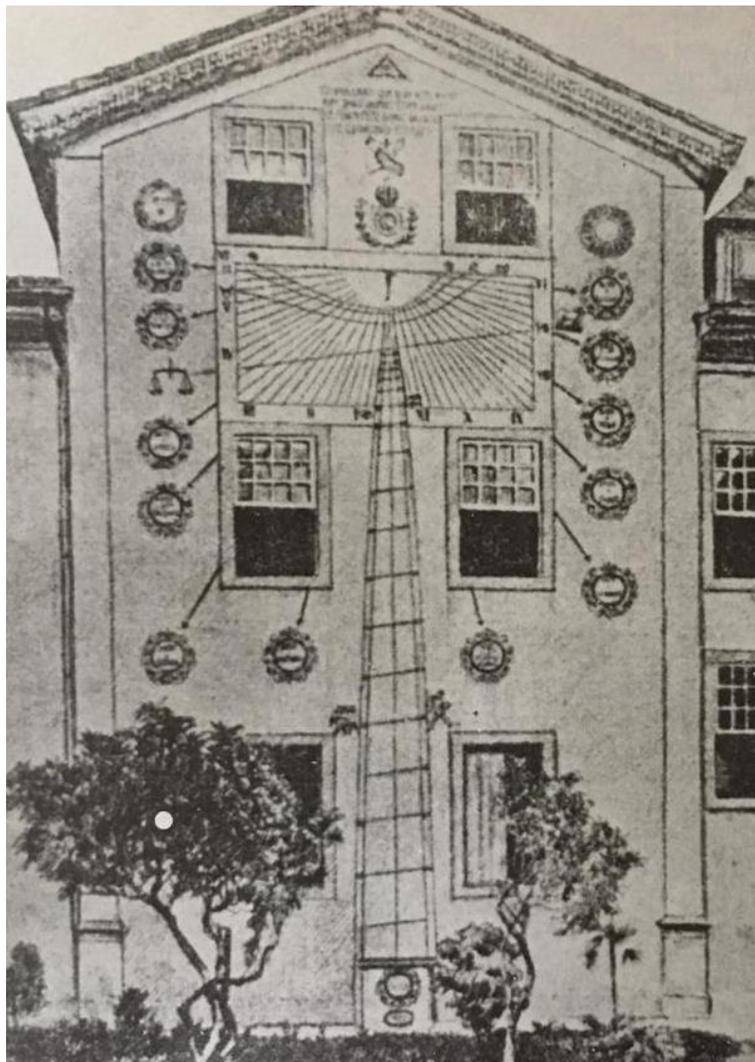
Trata-se de um trecho elogioso, obviamente. Além disso, lança a hipótese quanto à singularidade de um artefato como esse e com essas proporções em solo brasileiro. Para

realizarmos um estudo do relógio de Sol mural de frei Germano de Annecy, faremos um passo a passo onde também utilizaremos as informações supracitadas.

De início, tomemos as menções relativas às suas significativas dimensões: “13 metros de altura sobre 8 de largura”.

Trata-se de um exagero? Vejamos a gravura a seguir:

Figura 14 – Gravura do Relógio de Sol mural do Seminário Episcopal



Fonte: Ribeiro e Tescarolo (1985, p. 23).¹⁷⁴

Contemplar o relógio de Sol mural de frei Germano é ser capturado por suas significativas dimensões, seus “curiosos detalhes” e sua “expressão mística”, como apontou Aлыпio Leme (1931). Se considerarmos todos os elementos gráficos da gravura

¹⁷⁴ Faremos a análise como base em uma gravura presente na seguinte publicação RIBEIRO, Renato Ventura; TESCAROLO, Ricardo. *Colégio Arquidiocesano de São Paulo*. São Paulo: Loyola, 1985.

que representa o relógio de Sol, vê-se que o artefato projetado ocupava uma parede inteira de três andares, do chão até as proximidades do telhado. Pode-se imaginar o trabalho e o tempo despendido para gravar o relógio de Sol desse tamanho e com tais recursos técnicos e estéticos. Impossível não ser notado: curiosas linhas partiam da base do relógio convergindo para um quadro onde se multiplicavam e assumiam outros sentidos e formatos. Gravado entre as janelas superiores da parede, o quadro de horas era contornado por números romanos, símbolos das constelações zodiacais e circunferências adornadas emoldurando nomes de cidades.

A projeção de um relógio como esse não significava somente a circulação de saberes e práticas culturais apreendidas em seu contexto de origem na Savóia. Indispensáveis à consecução do projeto, foi necessário a frei Germano aplicar seus conhecimentos a um novo contexto material, respondendo aos problemas e possibilidades colocadas localmente. Como nenhuma parede do Seminário Episcopal havia sido projetada para receber um artefato como esse, pode-se estimar que dentre as primeiras tarefas a que se propôs frei Germano foi a de encontrar uma que reunisse condições suficientes para receber a gravação desse artefato. Embora, não tenhamos descoberto sua localização exata, é possível afirmar que frei Germano buscou uma parede voltada para o eixo Norte-Sul para que recebesse a maior quantidade de raios solares ao longo do dia. Além disso, seria preciso realizar projeções e cálculos geométricos e trigonométricos, para designar na parede escolhida a localização e o tamanho adequado do quadro para receber as linhas zodiacais inscritas nele. Uma operação que certamente correlacionou informações relativas ao eixo de inclinação da Terra, à latitude da cidade São Paulo e à orientação cardinal do Seminário Episcopal e a declinação da parede que, conforme a publicação do jornal *O Apóstolo* (14/11/1884, p. 2) correspondia a $5^{\circ}50'$.¹⁷⁵

As minúcias, os detalhes técnicos e estéticos não eram aleatórios. A apreciação deles nos permite enxergar em frei Germano algumas das características do artífice de Sennett (2009), dotado de habilidade adquirida em razão do estudo e da aprendizagem com pessoas e materialidades, vinculado a pares e antepassados, mediador de ideias e práticas, um perito que prezava pela qualidade do seu produto e inscrevia sua identidade, sua assinatura, em seus trabalhos. Além disso, tal apreciação, nos aproxima das

¹⁷⁵ Nossas considerações com relação às etapas de trabalho de frei Germano para projetar um relógio de Sol mural com projeção das linhas zodiacais nos quadros horários tiveram por base a leitura de manuais e tratados para a construção desse tipo de artefato. Mais informações a esse respeito, ver: ESTEBAM (2009); ARFE (1882); TRICHOT (1742).

intencionalidades desse projeto e do que ele dá a ver a partir de um regime de visualidade, de modos de ver, conforme Besse (2011, pp. 580-588).

A seguir, analisaremos suas partes principais, destacando, inicialmente, que todos os seus componentes técnicos, simbólicos e didáticos eram encimados por três símbolos e uma divisa (lema), como se vê no detalhe:

Figura 15 – Detalhe dos símbolos do Relógio de Sol mural do Seminário Episcopal



Fonte: Ribeiro e Tescarolo (1985, p. 23).

Mesmo com a imagem apresentando uma baixa resolução, é possível inferir que o primeiro item, de baixo para cima, seja o brasão de armas da bandeira imperial ou o da casa imperial do Brasil em que se vê, possivelmente, os ramos de café e tabaco, a esfera armilar e, por fim, a coroa com o forro. Acima dele, o símbolo dos capuchinhos: um braço vestido com hábito sobreposto ao braço desnudo, ambos junto ao crucifixo, indicando os aspectos sociais e religiosos da Ordem. O último símbolo é o de um triângulo com um olho, ou Olho da Providência, elemento dotado de diversos significados para diferentes culturas que remontam a Antiguidade: o triângulo equilátero simboliza “a divindade, a harmonia e a proporção” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 903). Mais especificamente para a arte cristã, o olho retratado no triângulo com raios de luz refere-se à Santíssima Trindade (CARVALHO; CHAVES, 2015).

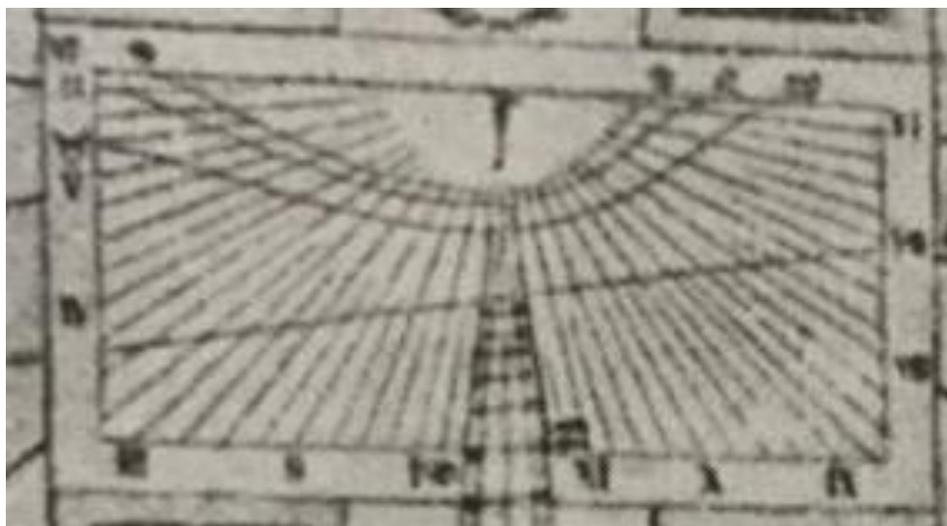
Entre os dois últimos símbolos, frei Germano reproduziu uma epigrama inspirada em Platão, escrita por Jean-Baptiste Rousseau (1669-1741), poeta francês que viveu exilado em Savóia. O jornal *O Apóstolo* (14/11/1884, p. 2) a publicou em sua matéria, reproduzimos aqui o original em francês, tal como era visto pela comunidade do Seminário:

Ce vieillard qui d'un vol agile,
Fuit sans jamais être arrêté
Le temps, cette image mobile,
De l'immobile éternité¹⁷⁶

A estrofe intrigava a compreensão através das figuras de linguagem com as quais se referia ao tempo, à inexorabilidade de sua passagem independentemente da vontade de humana. Tomados em conjunto, a epigrama e os grafismos escolhidos por frei Germano para finalizar a concepção estética de seu artefato, permite pensarmos em uma relação hierárquica - o brasão imperial sustentando o símbolo dos capuchinhos e sobre todos eles, a representação da Santíssima Trindade – ou ainda, na monarquia brasileira como a base de sustentação para um projeto religioso que, no Seminário Episcopal, encontrava-se dirigido pela OFMcap de Savóia.

Tal relógio de Sol encontrava-se situado numa instituição religiosa que oferecia instrução secundária, ofertava aulas de Astronomia e tinha alunos matriculados para essas aulas. É possível inferir, portanto, que tal artefato apresentava uma função didática por meio da qual seria possível apresentar ou mesmo explicar proposições científicas a partir da interpretação das sombras projetadas no quadro horário do relógio. Vejamos:

Figura 16 – Detalhe do quadro-horário Relógio de Sol mural do Seminário Episcopal



Fonte: Ribeiro e Tescarolo (1985. p. 23)

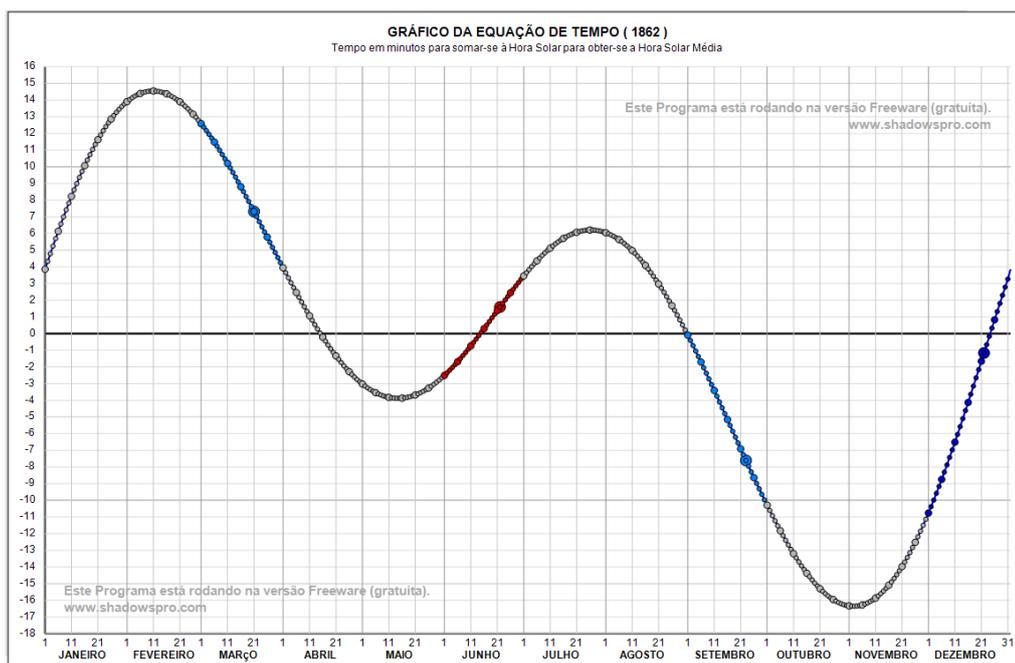
Trata-se de um quadro dividido em doze horas iguais representadas por números romanos. As horas, por sua vez, foram subdivididas em quarto de hora. Nota-se também

¹⁷⁶ Tradução nossa: Esse velho que com um voo ágil/Foge sem nunca ser aprisionado/O tempo, essa imagem móvel/Da imóvel eternidade.

que os espaços projetados entre cada faixa de tempo variavam conforme o horário, sendo mais espaçadas no início da manhã e no fim da tarde e mais estreitas perto do meio-dia, conforme o movimento aparente do Sol na eclíptica. A expressão da hora média, de acordo com o jornal *O Apóstolo* era favorecida por “um plano horizontal, formado por uma tábua de mármore semicircular” (14/11/1884, p. 2).

Não é possível visualizar a “tábua semicircular” de que o periódico nos fala, contudo pode-se supor que apresentasse recursos gráficos para a conversão da hora solar em hora média. De acordo com Eynde (2008, p. 29), somente no século XVIII começaram a ser produzidos grafismos apresentando variações e conversões das horas solares em hora médias, um recurso técnico que alcançaria melhor desempenho no século XIX. A seguir, a representação de dois deles que poderiam ter figurado no relógio mural do Seminário para permitir a aferição do tempo-médio: o gráfico da equação do tempo e o analema.

Figura 17 – Gráfico da equação do tempo (1862)

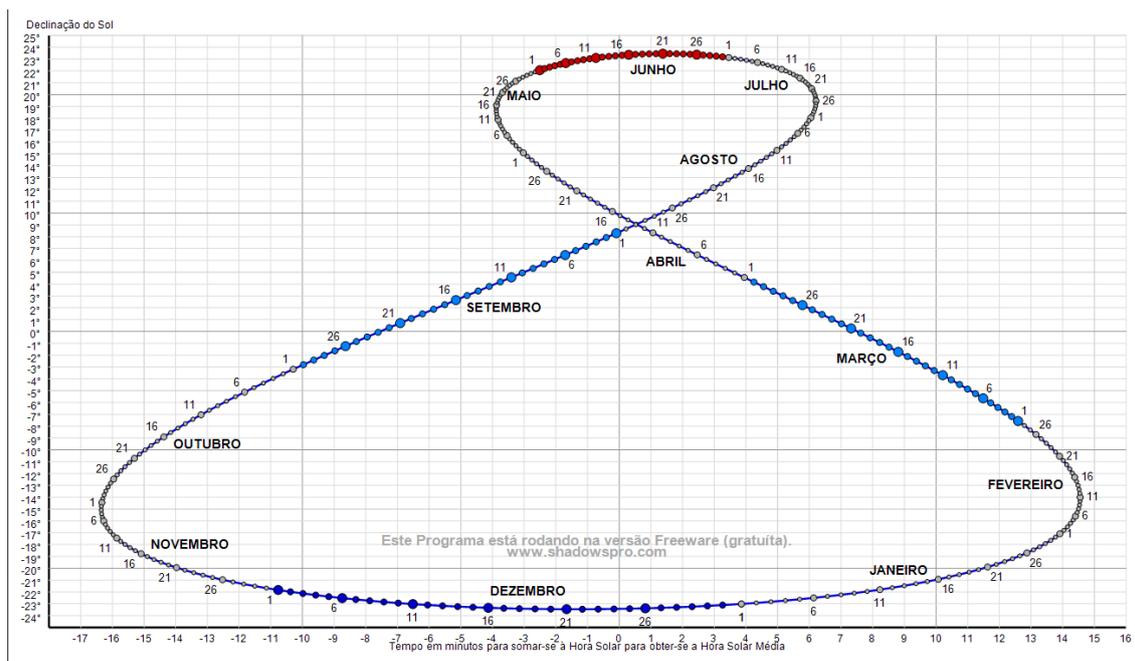


Fonte: Shadows Pro¹⁷⁷ – Cadrans solaires et Astrolabes. Disponível em: www.shadowspro.com. Acesso em: 29 out. 2021.

¹⁷⁷ *Shadows Pro* é um software destinado ao design de astrolábios e de relógios de Sol de diferentes tipos. Para utilizá-lo, basta escolher as características do artefato e indicar as coordenadas de sua localização para realizar a sua projeção. Isso vale para o cálculo da equação do tempo e do analema que representam a declinação do Sol ao longo do tempo em uma dada localidade.

A equação do tempo representada pelo gráfico acima foi projetada com o recurso do *software Shadows Pro* considerando a latitude da cidade de São Paulo: ela expressa a variação local da duração do dia conforme a época do ano. O gráfico apresenta dados numéricos específicos para compor uma equação matemática com o intuito de converter a hora solar em hora média. Outro recurso que poderia ter sido utilizado é o analema.

Figura 18 – Gráfico do analema (1862)

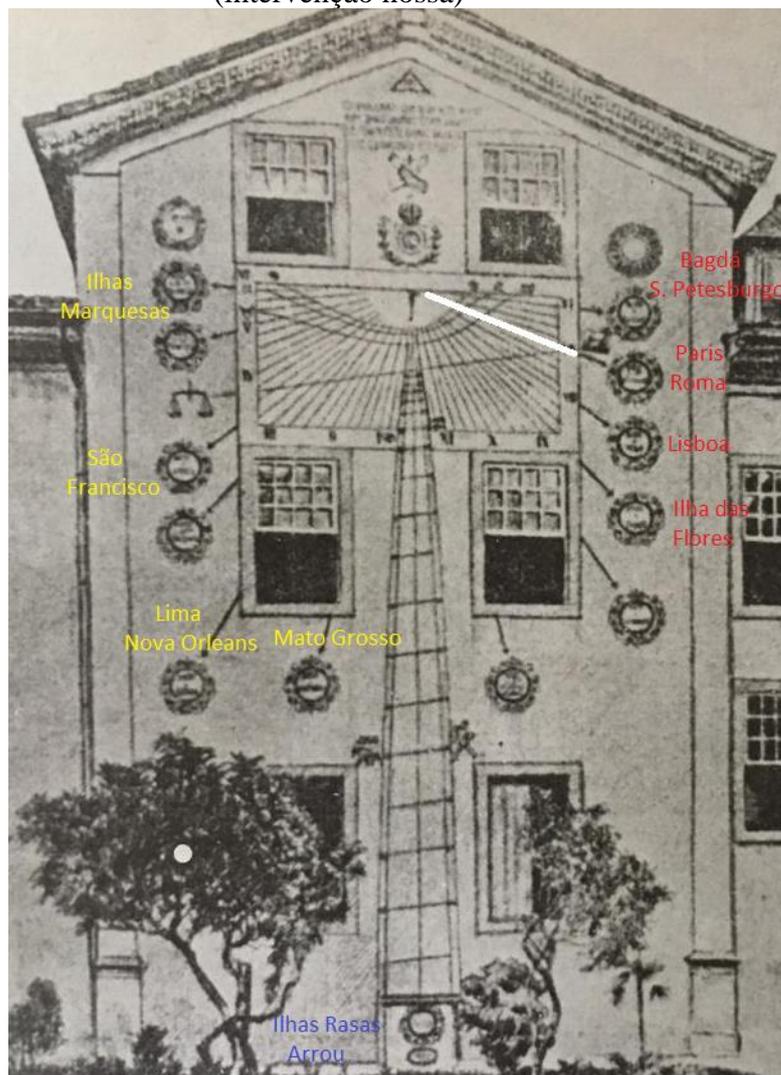


Fonte: Shadows Pro – Cadrans solaires et Astrolabes. Disponível em: <www.shadowspro.com>. Acesso em: 29 out. 2021.

O analema, nada mais é que a “materialização” da equação do tempo. Além disso, ele pode ser compreendido como uma projeção de uma figura em forma de “8” relativa às diferentes posições do Sol observadas diariamente ao longo do ano na mesma hora solar média. No eixo horizontal, a variação temporal positiva e negativa. No eixo vertical, a variação da declinação do Sol. Por conta dessas aplicações é que Alypio Leme (1931) afirmou que o relógio de Sol de frei Germano foi utilizado para calibrar os ponteiros da estação ferroviária.

Além da dinâmica das horas, frei Germano demarcou no quadro os fusos horários relativos à algumas localidades. Na imagem a seguir, introduzimos as localidades citadas no artigo do jornal *O Apóstolo* (14/11/1884, p. 2) considerando que correspondem a horas meridianas em relação ao horário da cidade de São Paulo. Além disso, fizemos uma marcação no quadro horário para evidenciar o seu funcionamento.

Figura 19 – Gravura do Relógio de Sol mural do Seminário Episcopal com localidades (intervenção nossa)



Fontes: Ribeiro e Tescarolo (1985. p. 23); *O Apóstolo* (14/11/1884, p. 2).

Destacamos em vermelho as cidades citadas no artigo e que estão localizadas no Hemisfério Leste e em amarelo, as localizadas no Hemisfério Oeste. Utilizamos a cor azul para designar a antípoda Ilha Rasa e uma ilha da Oceania designada como “Arrou” no periódico.¹⁷⁸

A representação proposta por frei Germano comunica ao espectador que quando são 7h da manhã em São Paulo é meio dia em Paris e em Roma. Porém, poderia servir

¹⁷⁸ A antípoda de São Paulo é o local mais distante da cidade, frei Germano se referiu a ela por “Ilha Rasa”, o antigo nome de um ilhéu pertencente às Ilhas Daito, no Japão. Com relação a localidade citada na Oceania, não conseguimos descobrir sua localização, entretanto, com a informação de que ela serve para marcar a meia-noite, inferimos que se trata de um lugar situado na mesma faixa longitudinal das ilhas japonesas citadas.

para mediar outros saberes, informando que tais cidades encontram-se na mesma longitude e que, a longitude delas dista 75° da longitude de São Paulo.

Outro elemento a destacar em nossa análise são as representações das linhas do zodíaco projetadas por frei Germano no quadro-horário, como na imagem a seguir. Conforme Eynde (2008), projeções de linhas zodiacais nos quadros horários dos relógios de Sol eram recursos disponíveis nos manuais e tratados de construção de relógios de Sol desde o século XVI.¹⁷⁹

Figura 20 – Detalhe da gravura do quadro-horário de Sol mural do Seminário Episcopal com constelações zodiacais projetadas (intervenção nossa)



Fontes: Ribeiro e Tescarolo (1985, p. 23); *O Apóstolo* (14/11/1884, p. 2).

Na imagem, o quadro do relógio apresenta projeções zodiacais às quais sobrepusemos nomes e cores para evidenciá-las. Partimos do que foi informado pelo jornal *O Apóstolo* (14/11/1884, p. 2) para demarcar com vermelho o solstício de inverno; com azul, a linha equinocial; com verde, a entrada aparente do Sol em Leão e em Gêmeos, e com marrom, entrada do astro solar nas constelações de Virgem e de Touro¹⁸⁰. Por didatismo, introduzimos no quadro datas convencionais e aproximadas em que essas efemérides ocorriam.¹⁸¹

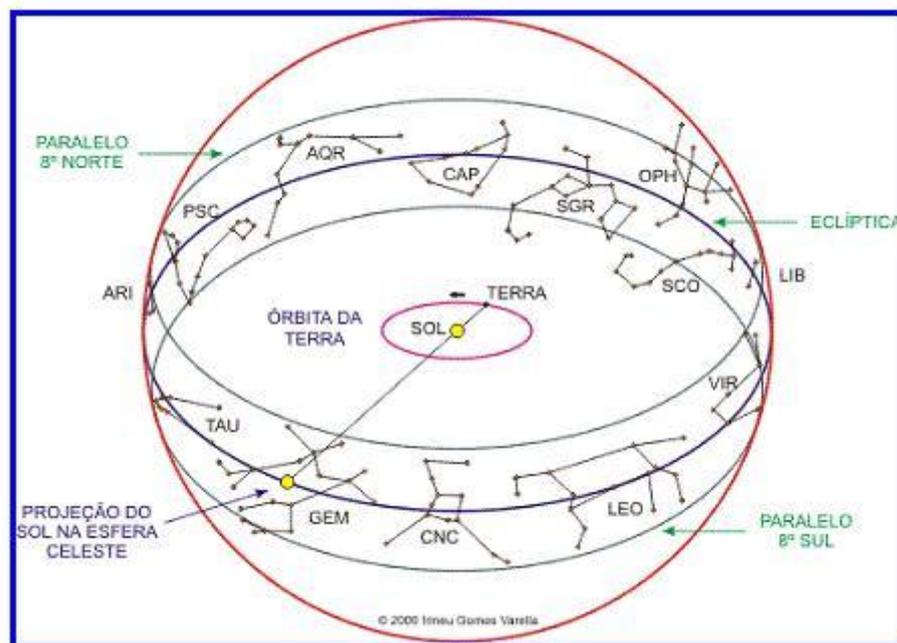
¹⁷⁹ Um exemplo é o já citado livro copiado por Trichot (1747) que apresentava tabelas de declinação do Sol e demonstrações geométricas e de cálculos matemáticos para a inclusão das linhas zodiacais no quadro horário do artefato.

¹⁸⁰ Um elemento que permanece desafiando a nossa compreensão é a inversão de símbolos referentes à linha equinocial gravada no quadro do relógio. Note que as ilustrações que representam áries e libra estão trocadas. Trata-se de algo muito básico, é improvável que frei Germano tenha simplesmente confundido o local das casas zodiacais.

¹⁸¹ Em razão das características da órbita terrestre, as datas em que ocorrem equinócios e solstícios podem variar um dia: solstício de inverno ocorre dia 20 ou 21 de junho e o de verão, 21 ou 22 de dezembro; equinócio de outono ocorre no dia 20 ou 21 de março, já o equinócio de primavera ocorre dia 22 ou 23 de setembro.

A representação a seguir nos fornece uma ideia do que se quer dizer com a informação de que o Sol está “entrando” em uma casa zodiacal.

Figura 21 – A abóboda celeste no sistema heliocêntrico

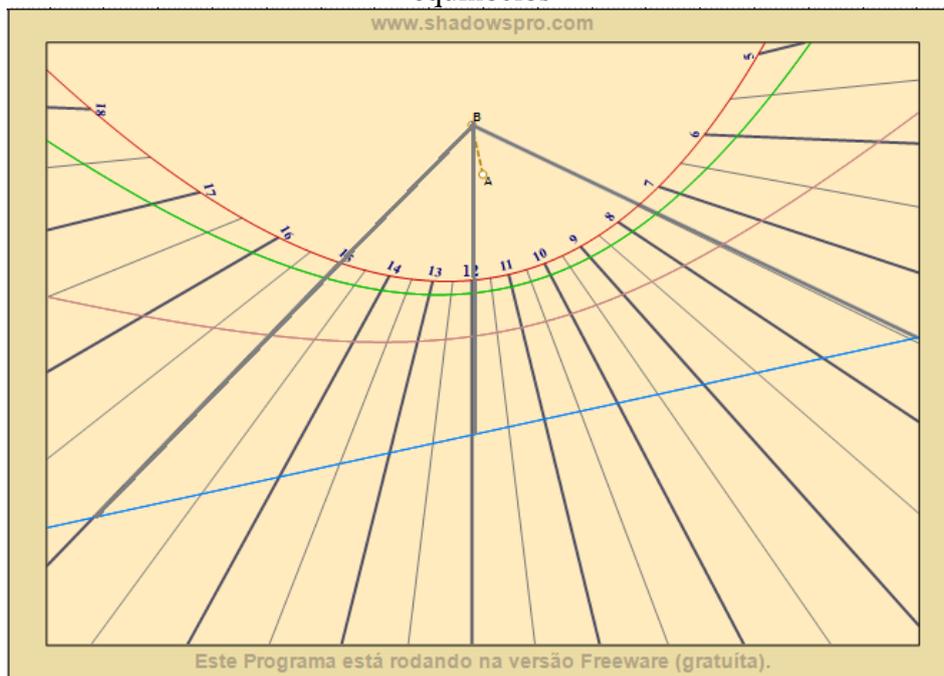


Fonte: Conhecendo as constelações. Disponível em: <http://xingu.fisica.ufmg.br:8087/oap/public/dicas13.htm>. Acesso em: 29 out. 2021.

Note que na imagem, as constelações zodiacais circunscrevem o Sol e a Terra. O planeta foi representado em seu movimento de translação em torno do Sol. Como o movimento de rotação da Terra ocorre no sentido anti-horário, tem-se que o movimento aparente do Sol ocorre de oeste para leste “na esfera celeste chamada eclíptica” (OLIVEIRA FILHO; SARAIVA, 2014, p. 68). A posição do Sol entre as estrelas desloca-se lentamente, cerca de um grau para leste a cada dia. Na representação, enquanto o planeta se desloca passando por sagitário em direção à capricórnio, o Sol, em seu movimento aparente, está passando por gêmeos em direção à câncer.

Relógios de Sol como o de frei Germano são projetados para realizar, por meio das sombras que incidem no quadro horário, a demarcação espacial da posição da Terra em sua órbita. Assim, aproximadamente, nos dias 21 de março e 23 de setembro, quando ocorrem os equinócios, o limite da sombra projetada no quadro horário deveria coincidir exatamente com a linha equinocial traçada no quadro-horário como se vê na imagem a seguir.

Figura 22 – Projeção de sombras, em um relógio de Sol que representa o artefato de frei Germano de Annecy, em diferentes momentos dos dias que correspondem aos equinócios



Fonte: Shadows Pro¹⁸² – Cadrans solaires et Astrolabes. Disponível em: www.shadowspro.com. Acesso em: 29 out 2021.

Com o intuito de representar tal experiência, fixamos na imagem três diferentes momentos (7h30; 12h; 15h) em que o limite da sombra projetada percorre o quadro horário nos dias de equinócio.

Em seu movimento aparente na eclíptica, o Sol apresenta quatro posições características: quando cruza o equador celeste formando os equinócios e quando se encontra na sua declinação máxima, positiva ou negativa, formando os solstícios.

¹⁸² Relógio de Sol projetado no *Shadows Pro* com as coordenadas da cidade de São Paulo e com o grau de declinação da parede do Seminário. Para tanto, utilizamos a ferramenta “animação das sombras” do *software* - que simula a projeção de sombras ao longo do dia e ao longo do ano - para visualizarmos tal fenômeno e nos aproximar do que era visto pelos seminaristas que contemplassem o relógio nos dias de equinócio.

As representações levam em consideração a inclinação do eixo da Terra de $23^{\circ}27'$, por isso, o movimento aparente do Sol ocorre de maneira inclinada na eclíptica. Na medida em que a Terra orbita o Sol, considerando o seu eixo de inclinação, tem-se a mudança do paralelo da Terra que recebe maior incidência de raios solares e, disso, resultam-se as quatro estações do ano. Nas representações acima, temos na sequência, a posição do Sol no início de cada uma das estações e as respectivas projeções de sombra no quadro de um dado relógio de Sol mural. Os equinócios acontecem quando o Sol, em seu movimento aparente, cruza o equador celeste. Nesse dia, o grau de declinação é zero e dia e noite apresentam durações iguais de 12h para cada período. Em seu movimento ascendente, quando o Sol aparentemente cruza o equador celeste, aproximadamente no dia 21 de março, ocorre o equinócio de outono e, em seu movimento descendente, quando torna a cruzar a esfera celeste por volta do dia 23 de setembro, ocorre o equinócio de primavera, marcando o início dessas estações no Hemisfério Sul. Porém, por volta do dia 21 de junho, o Sol encontra-se em sua máxima declinação positiva. Quando isso ocorre, tem-se a duração mais curta de um dia, característica do solstício de inverno, marcando o início dessa estação do ano neste hemisfério, representada pela menor extensão das sombras projetadas em um relógio de Sol mural. Partindo da mesma lógica, por volta do dia 22 de dezembro, o Sol está em sua máxima declinação negativa. No Hemisfério Sul, esse dia apresenta a maior duração no ano, marcando o início do verão (OLIVEIRA FILHO; SARAIVA, 2014).

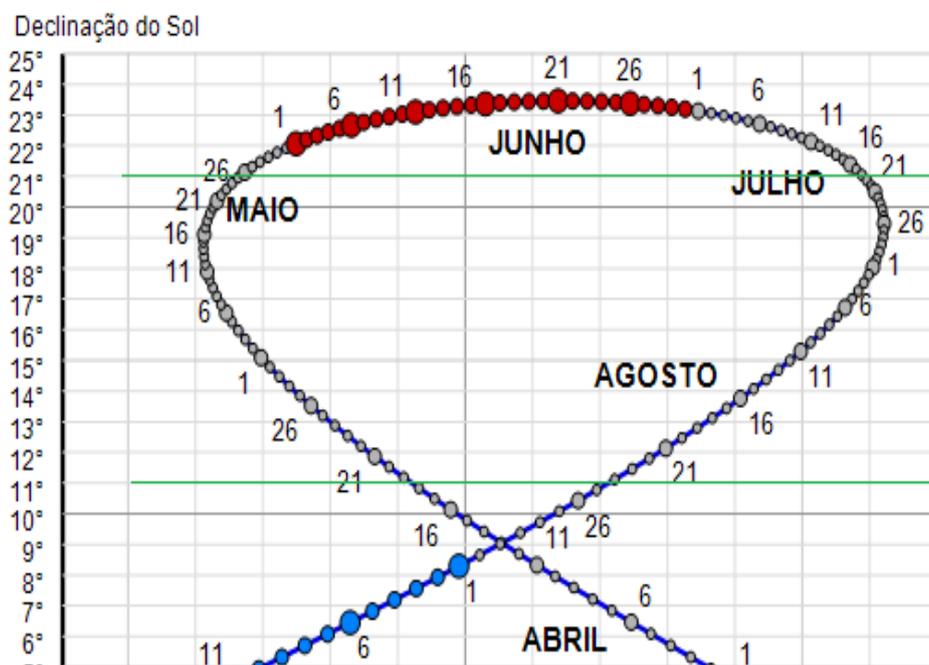
Destacamos que, das quatro posições mais representativas do astro solar na eclíptica, o relógio de Sol de frei Germano dava acesso à 3 delas: o solstício de inverno e os dois equinócios, entre os quais, o capuchinho projetou o restante das linhas que marcam a entrada do Sol nas constelações zodiacais passíveis de serem vistas segundo o contexto material e as coordenadas geográficas do Seminário Episcopal de São Paulo. Esses eventos estão associados aos dias e meses do ano informados pelas características das sombras projetadas sobre o artefato.

Por exemplo, tanto no dia 22 de julho quanto no dia 21 de maio, a sombra percorreria o mesmo trajeto, a linha verde postada no quadro. Porém, isso não é tudo. Entre 21 de junho e 22 de julho, a extensão da sombra projetada pelo gnômom ficaria circunscrita ao intervalo compreendido entre as linhas vermelha e verde. O mesmo pode-se afirmar para o intervalo de 22 de julho a 23 de agosto ou entre 21 de abril e 21 de maio, quando a extensão da sombra projetada pelo gnômom ficaria circunscrita às linhas verde

e marrom (ver Figura 20)¹⁸⁴. Se considerarmos o artefato todo, do quadro-horário até a base do relógio, é possível inferir que a interpretação das sombras projetadas indicasse o mês corrente.

Mas, como é possível que o intervalo de tempo entre julho e agosto provoque a projeção de sombras cujas extensão seja muito semelhantes às sombras projetadas entre os meses de abril e maio? Para compreendermos essa questão, analisemos um detalhe do analema.

Figura 25 – Detalhe do analema com intervenções



Fonte: Shadows Pro – Cadrans solaires et Astrolabes <www.shadowspro.com>. Acesso em 05 out. 2022.

O gráfico representa o analema, ou seja, o movimento que Sol descreve anualmente na esfera celeste. Vê-se que entre os dias 21 de abril e 21 de maio o Sol ocupa a mesma faixa de declinação que entre os dias 21 de julho a 21 de agosto, fazendo com que em ambos os intervalos a sombra ficasse circunscrita aos espaços representados de Leão a Virgem e de Touro a Gêmeos no relógio do capuchinho. Porém, com uma diferença importante: de abril a maio a declinação aumenta e de julho a agosto, decresce.

Considerando que as sombras projetadas em um relógio de Sol mural variam ao longo do ano, de um prolongamento mínimo no solstício de inverno a um prolongamento

¹⁸⁴ A título de exemplo, no anexo N encontra-se uma simulação realizada no software *Shadows Pro* considerando o modelo de relógio projetado por frei Germano, a latitude da cidade de São Paulo. Além disso, utilizamos o mesmo horário e o mesmo dia para realizar 12 projeções, uma para cada mês do ano.

máximo no solstício de verão e que esse é um movimento cíclico, ou seja, que a partir do solstício de verão a extensão das sombras vai apresentar um encurtamento progressivo até atingir novamente o solstício de inverno, depreende-se que tal artefato funciona também como um calendário solar (EYNDE, 2008, p. 34).

É notável o esforço com o qual frei Germano buscava retirar o máximo de informações possíveis do céu diurno. Este, em geral, é pobre de representações uma vez que a luz do Sol torna imperceptível o brilho das estrelas (ZUCKER, 2011, p. 588).

Mas, frei Germano não se ocupou apenas da dinâmica do céu diurno vista do Seminário Episcopal. Se o relógio de Sol oferecia acesso à posição da Terra em sua órbita em torno do Sol, o belvedere favoreceria uma observação direta do céu noturno cujas informações seriam mediadas pela materialidade distante da Lua, dos cometas, dos planetas, das estrelas etc. Esta hipótese leva em consideração o relatório de despesas (figura 9, p. 157) que justifica o gasto com a construção do belvedere para o ensino de Astronomia. Assim sendo, o belvedere é compreendido como um vestígio das práticas de observação, sobretudo, do céu noturno a partir daquela instituição.

A imagem a seguir, tomada dos fundos Seminário, nos dá uma ideia de ausência de construções vizinhas ao belvedere.

Figura 26 – Vista do fundo do Seminário Episcopal – Militão Augusto de Azevedo (1862/1863)



Fonte: Lago (2001, p. 48).

Na sequência, uma fotografia captada sobre o belvedere do Seminário Episcopal no começo da década de 1860 estimula a nossa imaginação quanto ao céu noturno visto naquela época da cidade de São Paulo.

Figura 27 – Vista a partir do belvedere do Seminário Episcopal de São Paulo
Militão Augusto de Azevedo (1862/1863)



Fonte: Lago (2001, p. 48).

A imagem aqui reproduzida é uma das três captadas pela lente de Militão do belvedere do Seminário, cujo conjunto ele nomeou como “Vista geral da cidade”. Ao fundo da imagem tomada pelo fotógrafo sobre o belvedere se pode identificar “o Convento e a Igreja do Carmo, e a Igreja da Ordem Terceira, a Matriz, a Igreja dos Remédios, e a Igreja e o Mosteiro de São Bento” (LAGO, 2001, p. 48). Destaca-se na imagem os descampados e a ausência significativa de construções próximas ao belvedere.

O cenário que desconhecia fontes de iluminação artificial sugere a ocorrência corriqueira das noites estreladas. Com o auxílio do *software Stellarium*¹⁸⁵ produzimos uma simulação do céu noturno visto do Seminário Episcopal.

¹⁸⁵ O *Stellarium* é um *software* de Astronomia, um planetário de código aberto. Para a obtenção de tal imagem, na janela de localização do *software* informamos o nome da cidade, sua elevação, as coordenadas geográficas (latitude e longitude) considerando a localização do Seminário Episcopal, bem como, o dia, o mês e o ano desejados para obter tal simulação. Disponível em: <<https://stellarium.org/pt/>>. Acesso em: 24 set. 2021.

Figura 28 – Vista do céu noturno do Seminário Episcopal (21 de março de 1862) no *Stellarium*.



Fonte: *Stellarium*. Disponível em: <<https://stellarium.org/pt/>>. Acesso em: 29 out. 2021.

Trata-se da representação do céu noturno simulada a partir do Seminário Episcopal. Para a captação dessa imagem, indicamos no *software* o dia 21 de março de 1862. Para a finalidade de nossa argumentação, poderíamos ter escolhido qualquer data, porém optamos por designar o dia em que ocorreu o equinócio no ano em que frei Germano tinha 24 alunos. Para o dia escolhido, e numa dada hora, essa seria a configuração do céu noturno a que se tinha a acesso do céu do belvedere considerando condições climáticas ideais e ausência de nuvens. A despeito da simulação de uma noite estrelada, a princípio, as poucas informações que o leigo retira olhando um céu estrelado referem-se às sensações sensoriais a respeito da maior ou menor intensidade do brilho de uma ou outra estrela, mais nada. Talvez, essa dificuldade resida no fato de que “ver” é diferente de “observar”. Conforme Besse, visualizar, é “fazer entrar a percepção em um código e em uma linguagem, e é reformular a percepção nos termos desse código e dessa linguagem” (BESSE, 2011, pp. 581-582).¹⁸⁶

Mas, frei Germano não era propriamente um leigo a olhar uma noite estrelada. Monsenhor Vicente, seu ex-aluno, o descrevia como alguém capaz de designar “as posições das estrelas de todas as constelações dos dois hemisférios, em qualquer dia do mês e em qualquer hora do dia como se as estivesse a olhar todo momento” (VICENTE,

¹⁸⁶ No original: “c’est faire entrer la perception dans un code et un langage, et c’est reformuler cette dans les termes de ce code et de ce langage.”

1906, p. 8). É claro que a frase de Vicente pode conter exageros, mas tais informações não nos parecem aleatórias ou completamente infundadas.

De acordo com Monsenhor Vicente, frei Germano era capaz de reconhecer estrelas e constelações. Trata-se de um atributo que obedece a uma lógica, conforme Zucker

a estrela, para ser identificada, deve ser imediatamente apreendida em uma configuração. [...] Assim, a *configuração* é a chave principal para identificar uma estrutura geométrica básica, que pode ser relativamente simples (um determinado alinhamento, uma figura geométrica), desde que correlacionada a um contexto mais geral (ZUCKER, 2006, pp. 590-591).¹⁸⁷

Vê-se, portanto, que o procedimento de se observar o céu não se resume ao ato de olhar as estrelas, comparar o brilho e o tamanho entre elas. A produção de saber a partir da observação noturna requer reconhecer a configuração, o asterismo, ou seja, a reunião arbitrária das estrelas dispersas na abóboda a que se dá o nome de constelação. Os registros que frei Germano realizou das passagens dos cometas parecem confirmar tais atributos.

São comuns em seus escritos a respeito de suas observações, momentos em que cita a órbita de um cometa “devendo passar brevemente pela constelação do Leão” e estando “a uma distância angular de 12 a 13 graus de Regulus e de Marte” ou ainda “no dia 12 este astro estava na constelação da Virgem e um grau e meio acima do planeta Marte” (*GAZETA DE UBERABA*, 30/6/1882, p. 2).

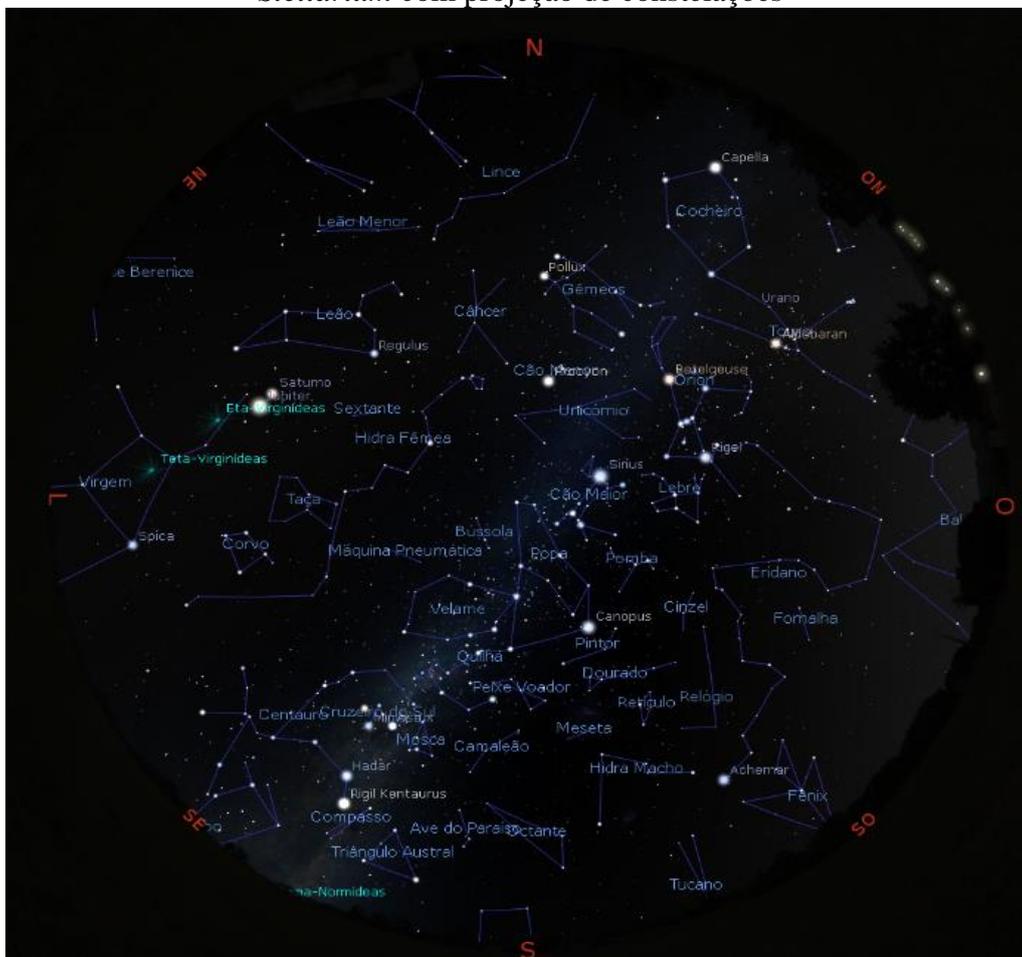
Em outro artigo, cita que um cometa está “atravessando as constelações austrais: Sextante, Hidra e Bussola” e que “acha-se na constelação do Cão maior”. No mesmo artigo, diz ainda que “podia-se observar a olho desarmado muito perto da estrela E [...] a uma distância de 12 graus de Sirius” (*GAZETA DE UBERABA*, 14/1/1883, p. 1).

Esses rápidos exemplos confirmam que frei Germano utilizava as constelações zodiacais, valendo-se de elementos referenciais do céu noturno para descrever a órbita de diferentes cometas. Além do que foi citado, é possível afirmar ao menos, que ele era capaz de distinguir os planetas, designar estrelas como A, Arturius, Archenar e, além das constelações zodiacais, Microscópio, Grou e Eridano (*CORREIO PAULISTANO*, 12/2/1865, p. 2).

¹⁸⁷ No original: “l'étoile, pour être identifiée, doit-elle être d'emblée saisie dans une configuration. [...] Ainsi, la configuration est la principale clé d'identification d'une structure géométrique de base, qui peut être relativement simple (un alignement particulier, une figure géométrique), porvu qu'elle soit corrélée à un context plus general.”

Para quem é capaz de designar a posição das estrelas, de reconhecer a configuração das constelações, o céu noturno apresenta-se como um espaço cultural com inúmeras possibilidades.

Figura 29 – Vista do céu noturno do Seminário Episcopal (21 de março de 1862) no *Stellarium* com projeção de constelações



Fonte: *Stellarium* – intervenção gerada pelo *software* a partir da indicação de data e horário.
Disponível em: <<https://stellarium.org/pt/>>. Acesso em: 29 out. 2021.

A imagem representa uma configuração que muda ao longo da noite e ao longo do ano em razão dos movimentos da Terra. A imagem em questão, ao simular o que era visto em parte da noite de 1862 é representativa das diversas temporalidades e dos diversos povos que buscaram estabelecer uma ordenação para o céu noturno. Algumas constelações foram designadas durante as Grandes Navegações, como são os casos do Triângulo Austral e Cruzeiro do Sul, essa última utilizada para localizar o sul geográfico e o Polo Sul. Outras, como é caso da constelação de Centauro, remete diretamente aos gregos, esses, por sua vez, incorporaram muitas das constelações designadas pelos povos mesopotâmicos (LIMA NETO, 2022, p. 5).

Os agrupamentos das estrelas, realizados arbitrariamente pelos humanos, formam objetos, animais e seres mitológicos representados espacialmente por figuras geométricas. O ato de olhar as estrelas e designar constelações buscando ordenar o céu noturno é milenar e, ao longo do tempo, diferentes culturas interferiram nesse processo e transmitiram seus conhecimentos oralmente. Mesmo hoje, diferentes culturas possuem a sua concepção mística, mitológica, gráfica, temporal a respeito do céu, o que indica uma ordem não evolutiva sobre conhecê-lo, apreciá-lo, percebê-lo, estudá-lo. Mas, para este estudo, a ideia é compreender os processos de conhecimento a partir de uma valoração científica ou do modo de observação de recorrências e suas possíveis medições e entendimentos, pensando o desenvolvimento de um conhecimento que torna o céu um recorte de conhecimento objetivo, científico. Além disso, como veremos, os saberes e práticas que frei Germano dominava com relação ao céu noturno também circulavam em tratados, prescrições e livros didáticos sobre astronomia no mesmo período.

Com o desenvolvimento da imprensa, a partir da era moderna, as configurações e asterismos circulam em cartas celestes e em outras obras para além dos grupos de iniciados. No século XIX, diferentes trabalhos de popularização da Astronomia, com mais ou menos rigor e densidade, além de abordarem temas sensíveis para a área como a Terra e seus movimentos, as coordenadas geográficas, as estações do ano, os equinócios e solstícios, as eras e precessão dos equinócios, o dia e a noite, os cometas, os meteoros, a Lua, os planetas e seus satélites, se ocuparam também das estrelas, discutindo suas características, seus movimentos, as diferentes escalas de brilho, suas cores, suas classificações no firmamento, bem como, as constelações, seus formatos e composição estelar, seus usos práticos para a geolocalização, para se reconhecer os períodos do ano, bem como, as histórias e tradições por trás de seu surgimento.

Em 1835, veio à lume o livro de Hémann *L'astronomie et la météorologie récréatives: d'après De Lalande, Herschell, MM. Arago, Ajasson de Grandsagne, Cournot, etc.* Nele, o autor apresenta um histórico da Astronomia e especula que a origem das constelações se ligava à atividade dos pastores egípcios: as constelações do Pastor e da Ursa Maior, por exemplo, estariam ligadas às épocas de colheita e as de Aquário e Peixes indicariam as cheias e inundações provocada pelo Nilo. Mais à frente (1835, pp. 163-164), aborda o papel dos mitos ao citar as batalhas épicas de Hércules pelas constelações zodiacais, onde diz: “a entrada da Soleira no signo de Leão responde à

Vitória de Hércules sobre o Leão da Nemeia” (1835, p. 165).¹⁸⁸ Porém, antes disso, cita superficialmente a evolução histórica das quantidades de constelações designada da Antiguidade ao período contemporâneo e esforça-se para descrever as que julga as mais importantes, como nesse caso “As duas cabeças de Gêmeos, de segunda magnitude, bastante próximas uma da outra, localizadas no meio do espaço entre Órion e a Ursa Maior” (HÉMANN, 1835, p. 166).¹⁸⁹

Mais tarde, em 1854, foi publicado a obra póstuma do reconhecido astrônomo, François Arago, *Astronomie Populaire*. Ao tratar do céu noturno, Arago (1853) argumentava que as questões históricas também agitavam o debate entre os conhecedores da Astronomia, conforme argumenta: “A questão de quando as constelações foram criadas tem sido muito debatido pelos homens do primeiro mérito, mas sem que tenham chegado a uma solução sem grandes dificuldades” (ARAGO, 1853, p. 333).¹⁹⁰ Ao propor um histórico para a designação das constelações, o astrônomo citou o livro de Jó, as obras de poetas antigos como Clemente de Alexandria, Hesíodo, Hiparco, Homero, Heródoto, bem como a correspondência entre as casas zodiacais e os deuses egípcios onde Áries foi consagrado à Júpiter Hammon, Touro à Apis, Gêmeos às Hórus e Harpócrates, Câncer à Anúbis e, assim, por diante (ARAGO, 1853, pp. 334-336). Arago apresentou também um histórico da produção de catálogos estelares, de cartas celestes, citando autores como Ptolomeu e Hiparco, além de autores modernos como Képler, Hévélius, até Jérôme Lalande que catalogou cerca de 45 mil estrelas.

Conforme o autor, a melhor maneira para se conhecer e encontrar as constelações (ou os asterismos), seria por meio da comparação de cartas celestes com o céu noturno. Mas, aponta que na impossibilidade de consultar uma, deve-se reconhecer alguns marcos no céu, para tanto, avisa que indicará “os principais grupos estelares que podem ser encontrados por alinhamentos a partir da Ursa Maior, constelação conhecida por todos e constantemente visível em nossos climas” (ARAGO, 1853, p. 337).¹⁹¹

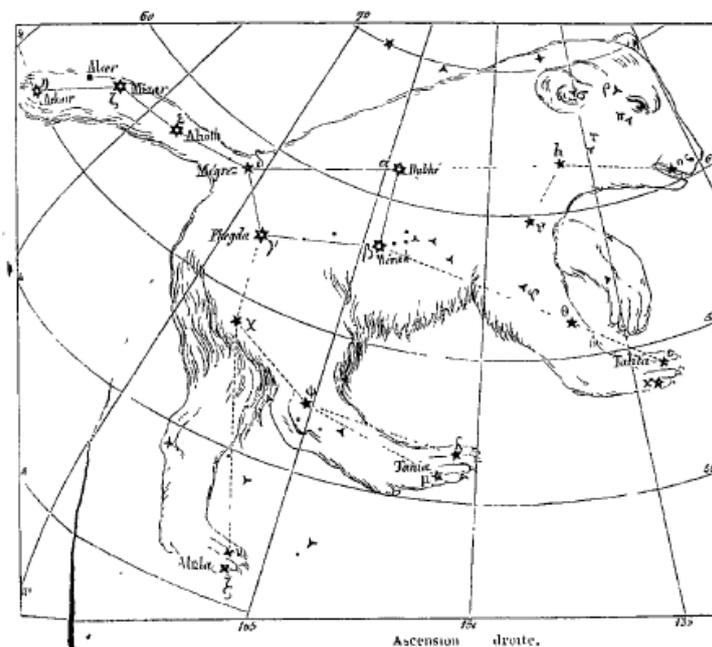
Para construir seu argumento, apresenta uma imagem da constelação referida:

¹⁸⁸ No original: “l’entrée du Soleira au signe du Lion réponse à la Victoire d’Hercule sur le Lion de Némée.”

¹⁸⁹ No original: “Les deux têtes des Gémeaux, de la seconde grandeur, assez proches l’une de l’autre, son située au milieu de espace qu’il y a entre Orion et la Grande-Ourse.”

¹⁹⁰ No original: “La question de savoir à quelle époque les constellations furent créées a été vivement débattue par des hommes du premier mérite, mais sans qu’ils soient arrivés à une solution exempte de difficultés sérieuses.”

¹⁹¹ No original: “les principaux groupes étoilés qui peuvent être retrouvés par des alignements en partant de la Grande Ourse, constellation connue de tout le monde et constamment visible dans nos climats.”

Figura 30 – Diagramação da constelação da Ursa Maior

Fonte: Arago (1853, p. 337).

Com base na gravura, o autor analisa a disposição e o brilho das estrelas dessa constelação, nomeando a cada uma delas. Partindo dessa constelação, Arago orienta o encontro da estrela Polar: “A Polar é a terceira estrela do timão ou da cauda, numa constelação parecida com a Grande Ursa, porém, menor que ela, disposta em sentido inverso e que se chama Pequena Ursa” (ARAGO, 1853, p. 340).¹⁹²

Na sequência, diz o autor:

Cassiopeia é uma constelação notável composta de estrelas de segunda grandeza, está sempre em frente à Ursa Maior, relativamente para a estrela polar. Então, quando a Ursa Maior está no ponto mais alto de seu curso diurno, Cassiopeia está próximo do horizonte e vice-versa; se a Ursa Maior brilha no leste, Cassiopeia é vista no oeste (ARAGO, 1853, p. 340).¹⁹³

Não é necessário alongarmo-nos nesses exemplos. Nem retomar uma discussão a respeito de regimes de visualidade e da necessidade de conformações e formatações mínimas, de alguma familiaridade com as constelações, para transpormos tais orientações

¹⁹² No original: “La Polaire est la troisième étoile du timon ou de la queue, dans une constellation semblable à la Grande Ourse, plus petite qu'elle, placée en sens inverse, et qu'on appelle Petite Ourse.”

¹⁹³ No original: “Cassiopee est une constellation fort remarquable, qui renferme plusieurs étoiles de deuxième grandeur; elle est toujours directement opposée à la Grande Ourse, relativement à l'étoile polaire. Ainsi, quand la Grande Ourse est dans le point le plus élevé de sa course diurne, Cassiopee est voisine de l'horizon et réciproquement; si la Grande Ourse brille à l'orient, Cassiopee se voit à l'occident de la Polaire.”

do papel e, assim, reconhecer as estrelas e os asterismos citados no texto. Antes, interessa ressaltar o registro de uma tradição milenar que se reatualiza e se fixa nessas obras. Além disso, da leitura do texto de Arago depreendem-se práticas diante do céu noturno, uma vez que o autor escreve como se estivesse designando estrelas e constelações na companhia imaginária de um discípulo ou de um espectador.

Camille Flammarion, afamado popularizador da Astronomia, autor de diversos títulos como *Astronomie Populaire: description générale du ciel* (1880) se apresentava como um entusiasta do ensino dessa ciência também na escola primária. Flammarion foi o responsável pela escrita do verbete “Astronomie”, produzido para o *Dictionnaire de pédagogie et d’instruction primaire* (1882) sob a direção de Ferdinand Buisson, em que argumentava

O que poderia ser mais interessante, por exemplo, para o pai, para a mãe, para o professor, do que mostrar à criança as estrelas mais brilhantes do céu em uma noite de verão ou de inverno? Ensiná-lo a reconhecer imediatamente as sete estrelas famosas da Carruagem, encontrar a estrela polar com a ajuda de um alinhamento simples e orientar-se exatamente, para que no meio da noite ele encontre seu caminho sem dificuldade? O que poderia ser mais fácil de aprender os nomes e observar a posição das principais estrelas e constelações, reconhecer o zodíaco e encontrar o caminho no céu que o Sol parece seguir? Até as crianças vão gostar de ver subirem no Leste, atingindo seu ponto mais alto, que representa o meridiano de cada lugar, vendos descer no Oeste, e esta será uma oportunidade para fazê-los pensar no movimento de rotação da Terra, a que se deve todas essas aparições. Faremos com quem procurem os planetas que se movem ao longo do zodíaco e, com a ajuda de um pequeno telescópio, mostrar-se-ão os satélites de Júpiter, o anel de Saturno, as fases de Vênus (FLAMMARION, 1882, p. 135).¹⁹⁴

No excerto selecionado, Camille Flammarion fala dos aspectos recreacionais envolvidos no estudo do céu noturno e de práticas de observação a olho nu ou armado, de onde depreende-se uma educação dos sentidos para reconhecer estrelas e constelações e, desse ato, compreender aspectos mais gerais pertinentes à Astronomia básica, como o

¹⁹⁴ No original: “Quoi de plus intéressant, par exemple, pour le père de famille, pour la ère, pour l’instituteur ou l’institutrice, que de montrer à l’enfant les plus brillantes étoiles du ciel, par une belle soirée d’été ou même d’hiver? De lui apprendre à reconnaître immédiatement les sept étoiles célèbres du Chariot, à trouver l’étoile polaire à l’aide d’un simple alignement, et à s’orienter exactement, de telle sorte qu’em pleine nuit se dirige sans peine? Quoi de plus facile que d’apprendre les noms et d’observer la position des étoiles et des constellations principales, de reconnaître le zodiaque et de trouver dans le ciel le chemin que le soleil paraît suivre? Les enfants mêmes se plairont à voir les étoiles se lever à l’orient, arriver à leur point de culmination, qui représente le méridien de chaque lieu, à les voir descendre à l’occident, et ce sera l’occasion de les faire réfléchir au mouvement de rotation de la terre, auquel toutes ces apparences son dues. Un leur fera chercher les planètes se mouvant le long du zodiaque, et, à l’aide d’une petite lunette, on leur montrera les satélites de Jupter, l’anneau de Saturne, les phases de Venus.”

movimento de rotação da Terra por exemplo. Mas, antes mesmo de produzir esse verbete, em 1877, ele publicava o seu *Petite Astronomie descriptive (adaptée aux besoins de l'enseignement)*.

Tratava-se de um manual ilustrado, que reivindicava uma posição auxiliar para o ensino de Astronomia, em que se abordavam assuntos como a Terra e seus movimentos, o dia e a noite, os climas e as estações do ano, a Lua, o Sol, eclipses, cometas etc. Das 219 páginas que compõem tal manual, 38 eram dedicadas ao estudo das estrelas e constelações. Nessas seções específicas, acompanhado de ilustrações, o autor discorreu sobre estrelas cadentes, sobre características gerais das estrelas (brilho, tamanho, distância, cor, periodicidade), sobre a classificação delas, sobre as características do céu noturno visível a partir dos hemisférios Sul e Norte, sobre os deslocamento aparente das constelações na abóboda celeste ao longo de uma noite, sobre as constelações, suas histórias, mitos, sobre as características da composição estelar das constelações, bem como, do uso delas para o reconhecimento das estações do ano, entre outros (FLAMMARION, 1877, pp. 171-209).

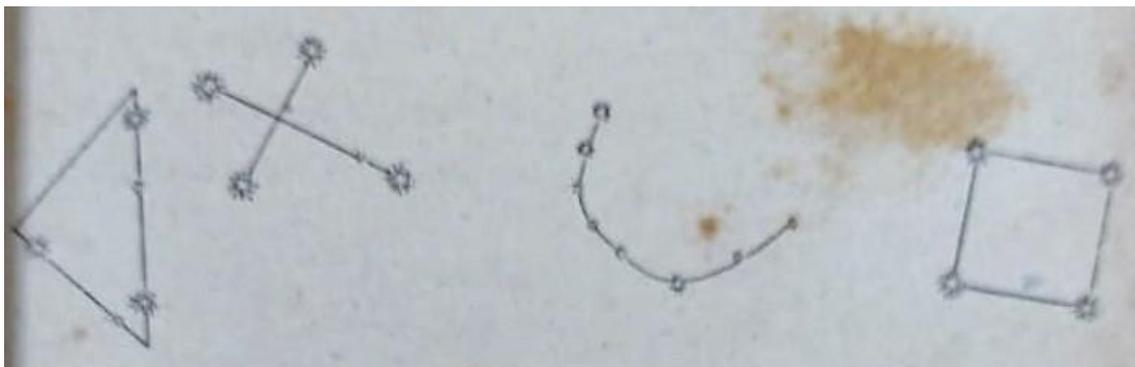
O céu noturno também foi assunto de manuais escolares presentes no do século XIX.¹⁹⁵ No livro *Elementos de Cosmographia* (189-), de Affonso José dos Santos, prefaciado pelo astrônomo belga Luiz Cruls (diretor do Observatório Imperial de 1881 a 1908), as estrelas eram estudadas segundo suas características (cor, brilho, periodicidade etc.) e de seus agrupamentos formando constelações. Ao definir constelação, dizia Santos

A constelação toma o nome da forma que representa. Assim, a constelação da *Coroa* tem justamente a semelhança de uma coroa; do mesmo modo a do *Triângulo austral* com um triângulo, a do *Cruzeiro*, com uma cruz; a do *Quadrado de Pegaso*, semelhante a um quadrilátero etc. (SANTOS, 189-, p. 20).

À sua explicação, o autor adicionou a seguinte representação:

¹⁹⁵ Afirmação com base no levantamento realizado na Biblioteca do Livro Didático (Livres) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Com as palavras-chave “Astronomia” e “Cosmographia” e tendo o século XIX como recorte temporal, identificamos 5 livros: *Astronomia Illustrada* (1853), de Asa Smith; *Astronomia Popular* (1882), Bibliotheca do Povo e das escolas; *Noções de Astronomia* (1890), de Raul Villa-Lobos; *Elementos de Cosmographia* (1894) de Alfredo Moreira Pinto e *Elementos de Cosmographia* (189-), de Affonso José dos Santos.

Figura 31 – Asterismos: Coroa, Triângulo Austral, Cruzeiro, Quadrado de Pegaso



Fonte: Santos (189-, p. 20).

Destaca-se a preocupação do autor em qualificar a sua explicação, revestindo-a de elementos concretos, reconhecíveis visualmente. Aliás, essa era uma característica de seu livro que apresentava “112 figuras intercaladas no texto”. Entretanto, supõe-se que exemplos como o disposto acima estavam longe de serem suficientes para a educar a percepção dos alunos tornando-os capazes de reconhecer tais constelações no céu estrelado.

Outro indicativo do estudo do céu noturno a partir da observação direta de astros e estrelas pode ser encontrado no livro *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia. O personagem Sérgio informa que, o diretor do colégio, Aristarcho

iniciara um curso noturno de cosmografia. Estrelas era com ele. [...] E vissem-no, à janela, indicando as constelações, impelindo-as a com o pontudo dedo. Nós, discípulos, não víamos nada; mas admirávamos. [...] Quanto a mim, o que sobretudo maravilhava era a coragem com que Aristarcho fisgava os astros, quando todos sabem que apontar estrelas faz criar verrugas. [...] Eu tomei amor às coisas do espaço e estudava profundamente a mecânica do infinito pelo compendio de Abreu. Para as noites brumosas, Aristarcho tinha os aparelhos. Uma infinidade dos maquinismos do ensino astronômico [...]. Um atravancamento indescritível, sobre a mesa, de estrelas e arames torcidos, rodas dentadas de latão, lâmpadas frouxas parodiando o Sol. (POMPEIA, 1888, pp. 84-85).

Não nos parece necessário retomar a discussão a respeito dos métodos, das finalidades e pretensões empregados nas produções históricas e literárias, bastando apenas ressaltar que a Literatura pode servir aos historiadores como um recurso na análise de uma determinada realidade, sendo um registro privilegiado de seu tempo (PESAVENTO, 2003, p. 40).

A respeito de *O Ateneu* interessa-nos mencionar que essa obra é representativa do movimento literário realista no Brasil. O personagem Sérgio, aluno interno do colégio, cita o início de um curso noturno de Cosmografia. No excerto selecionado, há a afirmação do uso de artefatos como uma alternativa à impossibilidade de observação direta do céu noturno nas “noites brumosas”. A passagem é bastante sugestiva de uma forma de ensino que se faz acompanhar do deleite causado pela contemplação do céu noturno, da autoridade com que se revestia o professor no ato de designar as estrelas e constelações, constringendo credences populares.

Não se trata de partir desses exemplos para determinar de maneira e acrítica e mecanicista um programa de ensino bem estruturado e executado por frei Germano, o qual, de fato, desconhecemos. Antes, nos interessa destacar que, na intersecção dos exemplos extraídos da literatura de popularização das ciências, do dicionário pedagógico, dos manuais escolares, do romance realista brasileiro, pode-se depreender derivações da estruturação de um campo empírico e coletivo de observação no terreno da Astronomia gestado ao longo do tempo e que instituí um postulado científico que se constitui no processo de ensino e aprendizagem sustentados por práticas de observação. Discorrendo acerca do ensino de ciências, Braghini (2017, p. 5) reconhece um “entusiasmo pela observação por que esta se apresentava como uma poderosa forma de persuasão, refinadora dos próprios sentidos, calibradora de julgamentos”. Em outro momento, diz a autora “a compreensão do que se entendia por ‘observação’ em aulas de ciências leva à descoberta das regras, dos códigos e das práticas que criaram um sistema de convenções e limitações a respeito do que poderia ser visto e aprendido nas aulas” (BRAGHINI, 2017, p. 5).

Antes de encerrarmos esse tópico, convém retornar uma vez mais ao exemplo retirado do livro *O Ateneu*, para perscrutar a trajetória educacional de Raul Pompeia pelas instituições de ensino da corte. Em 1874, ele matriculou-se no Colégio Abílio, de propriedade do barão de Macaúbas, associado à figura de seu personagem Aristarcho. Mais tarde, em 1879, transfere-se para o Colégio de Pedro II, para concluir seus estudos secundários, onde justamente se ensinava Cosmografia com base no estudo do compêndio, citado por ele no romance, *Elementos de Geografia e moderna e Cosmographia*, de Pedro Abreu (LORENZ, 2010, p. 311).¹⁹⁶

¹⁹⁶ Conforme Lorenz (2010, pp. 311-314), o livro de Pedro de Abreu foi adotado no Colégio de Pedro II entre 1865 e 1895. Ele era constituído de duas partes independentes: Geografia, contemplada com cerca de 200 páginas e, Cosmografia, com cerca de 50 páginas a depender da edição.

Raul Pompeia chegava ao Colégio de Pedro II em um momento que a Cosmografia passava a ser oferecida autonomamente. O quadro a seguir refere-se à três momentos diferentes da presença de um curso chamado Cosmografia nos Programas de Ensino do Colégio de Pedro II.

Quadro 7 – Cosmografia nos programas de ensino de 1858, 1862 e 1877 do Colégio de Pedro II

1858 -	1862 - (Quarto ano) Geografia e Cosmografia	1877 - (Sexto ano) Cosmografia
-	1. Limites, posição, superfície da África, divisão, governo e religião dos seus países e ou regiões e suas cidades mais notáveis. 2. Idem da América e Oceania. 3. Cosmografia, universo, astros e sua divisão. Esfera celeste. 4. Estrelas, nebulosas, cometas, planetas e seus movimentos. 5. Atração universal e suas leis gerais. 6. Sol, sua constituição e movimentos. Figura da Terra e demonstração da sua rotação e revolução. 7. Sistemas de Ptolomeu e Copérnico. 8. Linhas e círculos da esfera celeste. 9. Estações e posições da esfera. 10. Latitudes e longitudes. 11. Lua e eclipses.	1. Círculos da esfera. 2. Distância angular, diâmetro aparente e paralaxe. 3. Estrelas. 4. Planetas. 5. Cometas, estrelas cadentes, bólidos e aerólitos. 6. Sol e sistemas Ptolomeu e Copérnico. 7. Leis de Kepler, atração e repulsão. 8. Figura, rotação e revolução da Terra. 9. Estações. 10. Posição da esfera. 11. Dias. 12. Precessão dos equinócios, nutação e obliquidade da eclíptica. 13. Lua. 14. Eclipses. 15. Latitude e longitude.

Fonte: Elaborado com base em Vechia e Lorenz (1998, pp. 41-81).

Não é nosso propósito sugerir uma história da disciplina Cosmografia no Colégio de Pedro II. Também não pretendemos tomar o programa prescrito do Colégio pela realidade mesma, senão estabelecer alguns paralelos com as possibilidades de ensino dessa ciência no Seminário Episcopal no tempo de frei Germano. O primeiro elemento a destacar é que, se levado em conta apenas o recorte temporal proposto pelo quadro, Cosmografia passa da ausência de um corpo disciplinar no programa de 1858 ao status de disciplina autônoma no programa de 1877. Porém, a partir de 1882, a Cosmografia voltaria a desempenhar papel complementar ao estudo de Geografia, sendo na maior parte desse intervalo, ofertada como um conteúdo complementar ao curso de Geografia, contemplado com três aulas semanais (LORENZ, 2010; VECHIA; LORENZ, 1998).

Situação diferente acontecia no Seminário Episcopal que, de 1858 a 1878, dos treze relatórios consultados, verificamos que em nove oportunidades, frei Germano tivera alunos para seus cursos de Astronomia. Nota-se também uma diferença de nomenclatura

entre o Seminário Episcopal, que utiliza o termo Astronomia, e o Colégio de Pedro II, que se vale do termo Cosmografia. Em geral, identifica-se a Cosmografia como uma ciência descritiva e a Astronomia, como uma ciência “que promove investigações quantitativas e qualitativas de fenômenos relacionados aos corpos celestes” (LORENZ, 2010, p. 303).

Talvez, as diferenças com relação às nomenclaturas utilizadas pelo Seminário Episcopal e pelo Colégio de Pedro II não fossem meramente aparentes. É somente no Seminário Episcopal que frei Germano sustenta a rubrica do ensino de Astronomia. Quando o capuchinho se estabeleceu em Uberaba, passou a ofertar aulas de Cosmografia. Talvez porque na escola em que lecionou e dirigiu, o regime escolar era o externato e lá não existia um belvedere e nem um relógio de Sol mural.

Embora, desconheçamos o programa de seus cursos de Astronomia, a duração de suas aulas, a profundidade ou superficialidade com que abordou os conteúdos, fica a sugestão de que o relógio de Sol e o belvedere eram duas materialidades de que poderia se valer o capuchinho, ele um sujeito observador, na prática junto aos seminaristas. Na análise dessas duas materialidades, nós fizemos uma incursão pelos conteúdos da Astronomia básica no intuito de compreender as suas possibilidades de mediação de modo que é plausível supor que fossem utilizadas para despertar o interesse nos alunos, para corroborar explicações ou apenas introduzir assuntos tais como: o estudo das coordenadas geográficas (latitude e longitude), do movimento aparente do Sol na eclíptica, dos movimentos da Terra (rotação, translação), das estrelas e constelações, do eixo de inclinação do planeta, das estações do ano. Além disso, se associadas, poderiam oferecer uma demonstração prática do fenômeno da precessão dos equinócios, dos movimentos axiais da Terra, com base na análise das constelações nos dias que o relógio de Sol indica a “entrada” do astro solar em uma das casas do zodíaco representada no quadro-horário.

4. 3 - A observação de cometas e outras efemérides no Seminário Episcopal

No ano de 1874, mais especificamente no dia 22 novembro de 1874, frei Germano publicou um artigo no *Correio Paulistano* relativo ao trânsito de Vênus pelo disco solar que repercutiu na imprensa carioca. Trata-se de um fenômeno periódico, porém um tanto quanto raro: os trânsitos planetários de Vênus pelo disco solar ocorrem a cada par de 8

anos seguidos de intervalos de cada 121,5 e 105,5 anos (NADER, 2015, p. 43).¹⁹⁷ Com muita sorte, talvez você consiga ver ao menos uma vez este fenômeno, com o detalhe de que ele é visível no continente americano em apenas uma ocasião.

No século XIX, as passagens de Vênus pelo disco do Sol ocorrem em 1874 e 1882. Frei Germano mencionou que nas duas últimas passagens, as de 1761 e 1769, o fenômeno não havia sido satisfatoriamente observado e depositava maiores expectativas para o século XIX quando: “os progressos da ciência, a perfeição dos instrumentos, a cooperação dos melhores astrônomos, e a escolhas das estações de observação prometem um resultado muito mais satisfatório” (ANNECY, 22/11/1874, p. 2).

Mas, o que havia de especial nesse fenômeno? Que tipo de interesses despertava na comunidade astronômica de então? Quem nos responde é frei Germano: “O estudo desse fenômeno, que só pode ter lugar duas vezes num século, é da maior importância, porque, mais do que qualquer outro meio, serve para determinar a paralaxe do sol e por conseguinte a sua distância da Terra” (ANNECY, 22/11/1874, p. 2).

Frei Germano explicava que

conhecidas a velocidade de Vênus e a distância das duas cordas paralelas, que observadores, colocados em duas estações distantes, têm visto aparecer sobre o disco do sol, conhecendo além disto, segundo as leis de Kepler, a relação das distâncias da Terra e de Vênus ao Sol, e calculando por meio das coordenadas geográficas o comprimento da corda que une os lugares de observação, poderemos com o auxílio destes dados fácil e exatamente achar essa paralaxe (ANNECY, 22/11/1874, p. 2).

A busca por determinar a paralaxe tinha histórico. Os elementos metodológicos básicos descritos por frei Germano para sua obtenção foram sendo paulatinamente desenvolvidos e ganharam mais impulsos a partir das contribuições de Edmund Halley e Josep-Nicolas Deslile no século XVIII. Para além das questões estritamente técnicas que envolvem o assunto, determinar a paralaxe solar permitiria conhecer as distâncias das estrelas próximas ao Sol e a distância média entre a Terra e o Sol e, partir daí, seguindo as relações de Kepler, determinar qualquer distância interplanetária no sistema solar. Essa

¹⁹⁷ A velocidade orbital de Vênus é maior que a da Terra. A cada 243 dias, Vênus completa uma volta em torno do Sol e a cada 19 meses “ultrapassa” o planeta Terra. Contudo, o plano da órbita de Vênus é inclinado de 3,4° em relação ao da Terra fazendo com o que o alinhamento entre esses planetas e o Sol não ocorra efetivamente a cada 19 meses. Em razão da inclinação orbital relativa, Vênus pode ser visto no nodo (ponto de alinhamento entre Sol, Vênus e Terra) ascendente ou descendente a cada par de 8 anos seguidos dos intervalos de 121,5 ou 105,5 anos. Para mais informações a respeito, ver: AUGUSTO e SOBRINHO (2007); LIMA NETO (2022); NADER (2015).

possibilidade movimentou profundamente a Astronomia e motivou expedições astronômicas nos séculos XVIII e XIX (AUGUSTO; SOBRINHO, 2007).

Participar desse movimento para observação de tal efeméride despertava o interesse intelectual de D. Pedro II disposto também a inserir o Brasil na vanguarda da Astronomia mundial. Naquele ano de 1874, o IORJ, sob a chefia de Liais, angariou fundos para enviar o astrônomo Francisco Antônio de Almeida Júnior para a cidade de Nagasaki, no Japão, que deveria integrar a missão francesa para observar o fenômeno no dia 9 de dezembro daquele ano (NADER, 2015, pp. 86-88). Para a segunda passagem de Vênus pelo disco solar, em 1882, o império ficou responsável por organizar ao menos 4 estações de observação que abrigaram astrônomos europeus, sendo uma situada na cidade de Olinda, outra no Rio de Janeiro, uma Punta Arenas, na Patagônia chilena e a outra nas Antilhas (NADER, 2015, pp. 91-94).¹⁹⁸

O fenômeno ocorreu numa quarta-feira em 6 de dezembro de 1882, mas o mau tempo impediu que o mesmo fosse observado por D. Pedro II, do Rio de Janeiro, e por frei Germano, que nessa época já se encontrava na cidade de Uberaba. De toda forma, ao escrever sobre o assunto em 1874, ao antecipar em quase uma década os debates que movimentaram a opinião pública no império, frei Germano mostrava interesses em comum com uma prática astronomia que também se estabelecia no império, motivada também por dom Pedro II por meio do IORJ.

Frei Germano construiu sua reputação como astrônomo lecionando, designando constelações, projetando relógios de Sol no Seminário Episcopal e publicando os resultados de suas observações de cometas e outras efemérides. Em janeiro de 1865, a cidade de São Paulo foi surpreendida pela passagem daquele que ficaria conhecido como o Grande Cometa do Sul 1865 (C/1865 B1). A seu respeito, escreveu frei Germano para o jornal carioca *Correio Mercantil*

Este cometa, assim como o de 1861, não parece ter sido previsto; nem anunciado pelos astrônomos, posto que não tem o brilho e as dimensões daquele, pode, entretanto, pode ser contado como um dos mais belos que atravessam o nosso sistema planetário (*CORREIO MERCANTIL*, 17/02/1865, p. 1).

De fato, esse corpo celeste foi muito pouco documentado, distinguindo o trabalho do capuchinho. Visível somente no Hemisfério Sul, tratava-se de um cometa não

¹⁹⁸ O evento mobilizou a opinião pública e esquentou à oposição ao governo de D. Pedro II contrário ao dispêndio na organização das expedições internacionais.

periódico, com órbita hiperbólica, registrado apenas na África do Sul, na Martinica, no Chile e no Brasil, em São Paulo e em São João Del Rei. Nota-se a ausência de observações publicadas pelo Imperial Observatório (BRANHAM, 2018, p. 163). Na sequência, frei Germano faz uma descrição desse corpo celeste.

Seu núcleo é muito aparente e sua cauda magnífica.

Apareceu nos primeiros dias de janeiro, somente depois de sua passagem ao periélio. Sua direção no firmamento é de poente a SSE., percorrendo obra de um grau por dia.

Cortou a eclíptica, nos primeiros dias de janeiro, o plano de sua órbita, formando sobre a órbita da terra um ângulo de cerca de 65°. Sua derrota no céu é assinalada por sua passagem pelas constelações do *Microscópio* e do *Grou*.

Deve ganhar a constelação de *Eridan*, passando muito perto da bela estrela *A*, de primeira ordem, (do *Achernar*), onde desaparecerá provavelmente para nossa vista. Achava-se a 28 de janeiro por 48° de inclinação austral, e 325 de ascensão direta. No dia 6 de fevereiro tinha 53° de declinação austral, e 327 de ascensão direta.

A cauda, oposta ao sol, está um pouco inclinada para o sul, formando com o rumo do núcleo um ângulo de cerca de 12°. Nos primeiros dias a cauda subtendia um arco celeste de 20°, o que representa um valor absoluto de mais de 12,000,000 de léguas. (*CORREIO MERCANTIL*, 17/02/1865, p. 1).

Frei Germano aponta que o cometa apareceu nos primeiros dias de janeiro após a passagem pelo periélio. Trata-se de uma informação técnica importante: formados basicamente por rocha, gelo e poeira, quando se aproxima do Sol, o gelo sublima e forma uma região esférica gasosa chamada coma, em sua trajetória, esse material é expelido para longe do núcleo formando a cauda (OLIVEIRA FILHO; SARAIVA 2014, p. 143).

De acordo com a leitura do artigo, o cometa passou a ser visto logo nos primeiros dias de janeiro daquele ano. Frei Germano realizou uma descrição científica, valendo-se de coordenadas, de conceitos geométricos e de unidades de medida para comunicar aquilo que era visto no céu da cidade. Com relação a isso, por meio do uso do *software Stellarium* produzimos uma representação desse cometa com base nas informações apresentada por frei Germano: dia 28 de janeiro de 1865, 48° de inclinação austral e 325° de ascensão direta, associada aos dados apresentados para a cauda que correspondem à aproximadamente 12 milhões de léguas ou 50 milhões de quilômetros. A seguir uma simulação do que poderia ser visto do belvedere do Seminário Episcopal naquele dia.

Figura 32 – Simulação do Grande Cometa de 1865 visto do Seminário Episcopal de São Paulo (*Stellarium*)



Fonte: Stellarium¹⁹⁹. Disponível em: <<https://stellarium.org/pt/>>. Acesso em: 29 out. 2021.

O horário escolhido para a captura de tela foi o das 18h49m, quando ocorre o pôr do Sol e o cometa passa a ganhar melhor visibilidade. Naquele dia, foi possível vê-lo até às 20h20m. A inserção das coordenadas fornecidas pelo frei Germano produz uma imagem de um corpo celeste cuja órbita assinala a passagem entre as constelações de Grou e de Microscópio, como observou o capuchinho.

Não é possível afirmar se o núcleo do cometa tinha ou não a intensidade do brilho sugerida pela representação, porém, o seu tamanho foi simulado com base nos dados fornecidos pelo capuchinho. Convém lembrar que o capuchinho rendeu-se citando-o como um dos mais “belos” e com uma “cauda magnífica”. Até ganhar a constelação de Eridan, distanciando-se do Sol e, portanto, ficando imperceptível, o cometa pode ser visível por mais de um mês. Supomos que vigílias possam ter ocorrido acompanhadas de membros da comunidade do Seminário Episcopal. A passagem desse cometa, visível por tanto tempo, do céu daquela pacata cidade, daquela região da Luz do comecinho da segunda metade do século XIX tinha potencial para agitar o belvedere.

Durante séculos os cometas foram vistos com admiração, mas também com temor. No imaginário popular predominou a ideia de que eles anunciavam maus presságios

¹⁹⁹ Esclarecemos que esse cometa não foi catalogado pelo site *Stellarium*. A escolha da imagem para representá-lo é arbitrária, porém ela foi gerada com base nas informações cedidas por frei Germano de Annecy.

associados às catástrofes naturais, epidemias, declínios de império entre outros. Resquícios dessas crenças ainda podiam ser encontradas na cidade de São Paulo do século XIX. Por exemplo, em um folhetim publicado no *Correio Paulistano*, escreveu Silvio Silvis

Viu já o cometa a minha leitora?

Há gente que olha para essas cousas como a ruins agouros e desta vez até eu estou desconfiado do tal caudato.

Não leram de certo os vaticínios de alguns astrólogos, ano passado, que profetizaram o embate dele com a terra? (SILVIS, 29/1/1865, p. 1).

Estúpido foi Aristacho, um correspondente de Limeira que escreveu também para o *Correio Paulistano*

Agora a ordem do dia é o cometa que tem se mostrado da abóboda do céu em algumas noites. As mulheres, espíritos que não compreendem o estudo da astrologia aterradas supõem que é o anúncio de grandes desgraças, mas todos os que pensão acertadamente sabem que esse cometa é um astro e que só aparece num tempo dado (ARISTACHO, 29/1/1865, p. 1).

Tanto no excerto presente na seção literária, quanto no segundo trecho, que exprime o patriarcado, identifica-se certa pressão exercida pelos cometas sobre o imaginário popular. Porém, Babinet, em 1853, argumentava que, ao menos para Paris, nos círculos intelectuais, em razão da processual separação ocorrida entre a astronomia e a astrologia, a influência da lua, dos eclipses, planetas e cometas sobre a vida e as estruturas sociais foi perdendo muito do interesse de outrora, quando se acreditava encontrar nesses eventos previsões sobre política, religião e ou medicina. Tais interesses, na medida que a pesquisa científica se desenvolvia, eram substituídos pela curiosidade a respeito da composição do Sol e das manchas solares, das crateras lunares, da ausência de habitantes extraterrestres, das fases de planetas como Mercúrio e Vênus, das luas de Júpiter, da formação de eclipses solares e lunares, da órbita e da composição dos cometas (BABINET, 1853, pp. 376-377).

É nesse sentido que compreendemos a atividade de frei Germano, seus interesses intelectuais, produzindo a partir de um observatório localizado no Seminário Episcopal, concorrendo por tornar hegemônica uma interpretação científica a respeito das efemérides astronômicas. A linguagem utilizada para descrever a órbita do cometa, o tamanho da cauda, as constelações, os ângulos ascendentes ou declinantes, até podia ser

excessivamente técnica ou inacessível a muitos leitores, mas imprimia uma racionalidade para o evento, significando-o segundo o código cultural da Astronomia.

Tal racionalidade mobilizada para descrever as efemérides astronômicas concorriam por desmistificar tais ocorrências. Não é mero acaso que, no *Diário de S. Paulo*, houve uma queixa em razão da surpresa negativa provocada pela ocorrência imprevista de um eclipse lunar. Eis:

Já compreendeis, caros leitores, que pretendo falar do eclipse total da lua, realizado na noite de terça-feira. Com franqueza o digo, tive o meu susto porquanto não esperava por semelhante ocorrência, que nem ao menos foi anunciada pelos eruditos astrônomos do Seminário Episcopal. Se tivessem prevenido com antecedência, muita gente não teria corrido com medo de algum cataclisma (*DIÁRIO DE S. PAULO*, 14/7/1870, p. 1).

A imagem é de um gracioso alvoroço. Um evento inesperado, carregado de séculos de significados premonitórios, ainda manifestava seu potencial para tomar de assalto a tranquilidade dos cidadãos, como mostra a nota acima.

Nas abordagens sobre as ocorrências de eclipses, frei Germano também adotava uma postura técnica, como denota a publicação a seguir:

Dá-se hoje o eclipse do Sol, que é anunciado pelo seguinte modo pelo observatório do Seminário Episcopal:
[...]
Para S. Paulo, o eclipse será parcial, mas bastante notável; eclipsando-se 7 décimos do disco do Sol.
- Princípio do eclipse – 8 horas da manhã.
- Meio do eclipse – 9 h. 22m.
- Fim do eclipse – 10 h. 45m. (*DIÁRIO DE S. PAULO*, 29/8/1867, p. 3).

Como se lê, a descrição de tal evento é bem circunscrita, marcando o início, o meio e o final do eclipse sem transigir com elementos da cultura popular a respeito da ocorrência dessas efemérides. Além de ter suas observações publicadas em jornais, *O Indicador da Província* (1878)²⁰⁰ contou com as projeções astronômicas, com as comunicações dos eclipses realizadas por frei Germano para aquele ano corrente.

²⁰⁰ Os almanaques e indicadores integraram publicações que a apresentavam dados estatísticos e ajudavam a constituir um retrato panorâmico da província composto ainda por diversos outros elementos ligados à instrução pública e particular, negócios eclesiásticos, balança comercial, malha ferroviária, indústrias, comércio etc., característicos dessas publicações associadas à expansão da cultura letrada e ao desenvolvimento econômico da província (FERREIRA, 2006).

De acordo com Henriques (2010, p. 119), as predições das efemérides e as análises objetivas das órbitas dos planetas publicadas em jornais e revistas ratificavam a racionalidade adstrita à Astronomia, legitimando-a como um campo de conhecimento e saber em contraposição às crendices e misticismos que envolviam os cometas e eclipses.

No último quarto do século XIX, a Astronomia estava se tornando cada vez mais complexa e passava por uma profunda mudança. A emergência da astrofísica com a introdução da técnica fotográfica, com o aperfeiçoamento do espectroscópio e o desenvolvimento de telescópios cada vez mais potentes, com as novas técnicas e métodos de observação dilatavam-se as formas de estudo do universo para além do Sistema solar agregando ainda as possibilidades de análises químicas, de massa, densidade, temperatura, radiação e de magnitude de astros, estrelas e demais corpos celestes (HENRIQUES, 2010, p. 96; ROSA, 2012, p. 105).

Depreende-se das publicações de frei Germano que ele era um adepto de uma prática tradicional, a chamada Astronomia de Posição. Tal prática mantinha um profundo vínculo com as matemáticas, trigonometria e geometria, por exemplo, o que explica a destreza do capuchinho também nessa área do saber. A Astronomia de Posição é um ramo tradicional dessa ciência cujo lastro é milenar e foi evoluindo a partir do desenvolvimento de técnicas de observação a olho nu e a olho armado de telescópio. Ela se ocupa da identificação e medição dos astros, do plano de suas órbitas, das distâncias entre eles e a Terra, da dimensão do sistema solar, do mapeamento de constelações e descrições de estrelas presentes na abóboda celeste etc. (HENRIQUES, 2010, p. 96; ROSA, 2012, pp. 106-107).

Frei Germano era, portanto, um dos representantes desse ramo da Astronomia no império brasileiro.

4.4 - Frei Germano e a meteorologia no Seminário Episcopal

Em 15 de junho de 1879, logo após se instalar na cidade de Uberaba, frei Germano publicou na *Gazeta de Uberaba*, um artigo intitulado “Meteorologia”. Nele, o capuchinho apresentou uma visão amadurecida e consciente de seu papel e de sua atividade nesse campo, fruto de anos de reflexão e prática desenvolvida no Seminário Episcopal.

No artigo de 1879, frei Germano afirmava que a prática da meteorologia era “pouco conhecida 50 anos atrás”, mas que ela interessava “no mais alto grau – à

agricultura, à navegação e à higiene pública”. Ecoando discursos em favor da modernização da meteorologia, frei Germano mencionou que

hoje no velho continente não há uma cidade, uma vila, por pouco importante que seja que não tenha o seu observatório meteorológico. Estes estabelecimentos, secundários além da utilidade para os estudos de climatologia de cada lugar, concorrem, estando em comunicação com os observatórios primários, a resolver os problemas da mais alta transcendência dos fenômenos atmosféricos (ANNECY, 15/06/1879, p. 1).

Não sem algum exagero ao se referir à expansão dos observatórios meteorológicos, o capuchinho apresentava uma imagem da Meteorologia na Europa, buscando agregar valor à sua prática ao afirmar a importância dos observatórios secundários para o estudo da climatologia local, para o compartilhamento de dados, ideias e propósitos em cooperar na resolução “dos problemas da mais alta transcendência dos fenômenos meteorológicos”. Frei Germano parecia orgulhar-se de sua condição de observador do tempo: ele apresentava uma visão integradora dessa prática da qual a disponibilização de dados locais assumia importância decisiva.

De acordo com o capuchinho, os dados mais importantes a serem produzidos no observatório eram: “A pressão atmosférica, a temperatura da manhã e da tarde, a MÁXIMA e MÍNIMA do dia; o estado da atmosfera relativamente à humidade; a qualidade da chuva caída, e finalmente, a direção dos ventos” (ANNECY, 15/06/1879, p. 1). E que, para tanto, deveriam ser empregados respectivamente “um número limitado de aparelhos e instrumentos, cujos principais são barômetros, termômetros, higrômetros, udômetros ou pluviômetros, cata-ventos e anemômetros” (ANNECY, 15/06/1879, p. 1).²⁰¹

Embora, frei Germano não tenha sido o primeiro a realizar medições meteorológicas na cidade de São Paulo a organização de seu observatório antecipou em quase três décadas a Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo fundada em 1886 e chefiada por Oliver Derby. Entre as seções da comissão, estava a Seção de Botânica e Meteorologia, então embrião do Serviço Meteorológico de São Paulo, que

²⁰¹ Conforme Locher (2008), a organização de uma estação meteorológica não dependia de altos investimentos: com cerca de 300 francos seria possível dispor de aparelhos como um barômetro Fortin, termômetros e higrômetros comparáveis aos que eram utilizados por observatórios oficiais. Esses valores correspondiam ao preço de um daguerreótipo ou de uma luneta simples. Mesmo com cerca de 50 francos seria possível adquirir os mesmos instrumentos, mas de baixa precisão.

passou a operar na casa de Loefgreen, como já o dissemos (MARQUES DOS SANTOS, 2005, pp. 30-31).

Frei Germano de Annecy começou a realizar observações meteorológicas no Brasil a partir do Seminário Episcopal de São Paulo. Não sabemos exatamente quando o capuchinho as teria começado, porém temos indícios de que foi logo no começo da década de 1860, possivelmente a partir da compra de instrumentos para o Gabinete de Física mencionada no capítulo anterior. Na parte final de seu primeiro artigo a respeito da passagem do Cometa publicado no jornal *O Correio Paulistano*, na edição do dia 12 de fevereiro de 1865, o capuchinho informou

Durante sua presença no horizonte, as observações meteorológicas não feito constar que a temperatura se conservou muito elevada, sendo termo médio, sempre mais alta que nos dois anos precedentes. A quantidade de água caída em janeiro foi pouca, em comparação com os anos passados. O termo médio foi de 185 milímetros, enquanto o do mês de janeiro de 1863 foi de 334 milímetros, e o de 1864 de 218 milímetros. A pressão barométrica também foi constante, marcando, termo médio, 700 milímetros (*CORREIO PAULISTANO*, 12/02/1865, p. 2).

Interessa-nos constatar que, desde pelo menos 1863, já realizava suas observações meteorológicas. Além disso, ao se referir às médias de chuvas caídas para os meses de janeiro de 1863 a 1865, há a sugestão de uma observação mais sistemática seguida da produção de sínteses. Nossas hipóteses se confirmam com a análise dos dados apresentados no *Almanak Província de São Paulo para 1873*. A publicação apresentou uma seção designada “Observações meteorológicas” com dados compilados de 1866 a 1871. Observemos alguns padrões:

Figura 33 – Síntese de observações meteorológicas feitas no Seminário Episcopal para os anos de 1866 e 1867

ANNO DE 1866		ANNO DE 1867	
CHUVA CAHIDA		CHUVA CAHIDA	
Janeiro	200 millimetros	Janeiro	56 millimetros
Fevereiro	280 »	Fevereiro.	75 »
Março.	103 »	Março.	88 »
Abril .	195 »	Abril	45 »
Maió	25 »	Maió	87 »
Junho.	45 »	Junho.	45 »
Julho.	30 »	Julho .	111 »
Agosto	60 »	Agosto	76 »
Setembro.	21 »	Setembro.	51 »
Outubro	49 »	Outubro	65 »
Novembro	93 »	Novembro	103 »
Dezembro	72 »	Dezembro	99 »
Total	1.173 »	Total	901 »
Pressão média da atmospherá	701 millimetros.	Pressão média da atmospherá ao meio dia	701,6 millimetros.
		Temperatura média ao meio-dia	22°,2 centigrados.
		Estado hygrometrico »	» 84°.
		Viração média S.E.	
		Maior temperatura ao meio-dia	28°,2 centigrados.
		Menor temperatura ao meio-dia	15°.

Fonte: *Almanak Província de São Paulo para 1873*.

A imagem apresenta dados para o primeiro par de anos representados na publicação. De saída, informamos que a partir de 1867, frei Germano adotou como padrão a apresentação de dados mais completos e disciplinados a respeito do clima paulistano: ele estabelece um horário de referência para aferir os instrumentos: meio-dia. Além disso, a partir daquele ano, as médias pluviométricas mensais e a média anual da pressão atmosférica seriam acompanhadas dos dados referentes à temperatura, às direções do vento e ao estado higrométrico (umidade do ar).

Essas médias publicadas no *Almanak* sugerem que frei Germano realizava observação e registro sistemático do tempo. Golinski (2002, p. 38), ao avaliar a produção de dados atmosféricos na Inglaterra, argumentou que as observações atmosféricas sistemáticas ao longo do tempo, por meio do uso de instrumentos meteorológicos, mostrava que as variações climáticas bruscas, antes tidas como irregulares, se apresentavam dentro de limites já conhecidos, revelando as características climáticas de dada localidade e afastando o assombro com fenômenos climáticos mais severos como tempestades ou quedas repentinas e acentuadas de temperatura.

Mais tarde, as medições de frei Germano de Annecy estamparam as páginas do jornal *A Província de São Paulo*. Entre os anos de 1875 e 1878, o capuchinho forneceu rotineiramente, porém com intervalos, dados para a publicação de boletins meteorológicos relativos ao tempo feito. O momento mais metódico de publicação desses dados coincide com um momento de valorização da prática meteorológica no império brasileiro.

De acordo com Delgado de Carvalho (1917) na segunda metade do século XIX, sobretudo a partir da década 1870 há uma expansão da rede climatológica no império brasileiro. Nas palavras do autor

O período de 1872 a 1876 foi, em muitos aspectos, um período próspero para a meteorologia no Brasil. Uma evolução está ocorrendo. Enquanto no Rio, Liais reorganizou o Observatório, na Bahia a Escola Imperial de Agricultura de S. Bento das Lages dedicou-se desde 1872 às observações meteorológicas, retomadas em 1881 pelo Dr. Rozendo Guimarães; as recém-inauguradas ferrovias estaduais, a E. F. dom Pedro II e E. F. Thereza Christina, comece a registrar observações meteorológicas nas províncias do Rio e Santa Catarina; por iniciativa do governo italiano são inauguradas três estações meteorológicas no Norte, em Recife, Vitória e Colônia Izabel (1876); o governo imperial criou igualmente estações no sul (CARVALHO, 1917, p. 72).²⁰²

Trata-se de um período em que diversas iniciativas institucionais começam a aparecer de Sul a Nordeste do país, seja acompanhando a malha ferroviária, como nos casos de Rio de Janeiro e Santa Catarina, ou por financiamento internacional, como nas cidades do Recife, Vitória e Colônia Izabel. Sem deixar de citar a reorganização do IORJ realizada por Lias e as observações tomadas em São Bento de Lages.

Na sequência de seu relato, conclui Delgado Carvalho:

Uma nova fase se abre: de todas as partes chegam dados e séries de observações; relações entre a meteorologia e a agricultura se apresentam mais estreitas; já no Nordeste do país, a sede teria levado a observações das chuvas e, no Sul, os interesses da colonização conduziram o estudo das condições climáticas de adaptação, entretanto,

²⁰² No original: “La période de 1872 à 1876 fut, à plusieurs titres, une période prospère pour la météorologie au Brésil. Une évolution s'opère. Tandis qu'à Rio, Liais réorganise l'Observatoire, à Bahia l'Ecole Impériale d'Agriculture de S. Bento das Lages s'adonne dès 1872 aux observations météorologiques, reprises en 1881 par le Dr. Rozendo Guimarães; les chemins de fer d'Etat, récemment inaugurés, l'E. F. dom Pedro II et l'E. F. Thereza Christina, se mettent à enregistrer des observations météorologiques dans les provinces de Rio et de Santa Catharina; grâce à l'initiative du Gouvernement italien trois stations météorologiques s'ouvrent dans le Nord, à Recife, à Victoria et à Colonia Izabel (1876); le Gouvernement impérial crée également des stations dans le Rio Grande do Sul.”

a grande iniciativa paulista não tinha feito ainda sua aparição (CARVALHO, 1912, p. 72).²⁰³

Ressalta-se que, ao mesmo tempo em que valorizava a nova fase relativa à produção de dados climatológicos, lamentava da falta de um observatório público na capital de São Paulo para a década de 1870. Entretanto, o autor não deixou de reconhecer os trabalhos do capuchinho ao mencionar: “se deve citar igualmente as observações de fr. Germano de Annecy, tomadas em S.Paulo entre 1870 e 1875” (CARVALHO, 1912, p. 72).²⁰⁴

A década seguinte parece constituir um momento ainda de maior esforço por integração dos observatórios meteorológicos do país. Na continuidade dos trabalhos de Emmanuel Liais, Luis Cruls, diretor do IORJ desde 1882, publicou em 1885, um artigo no *Jornal do Comércio* (RJ) onde fazia um convite

às pessoas que estejam dispostas a empreender observações meteorológicas de conformidade com o que acabo de expor. Semelhante coadjuvação seria um grande serviço prestado à ciência e o alcance dos resultados colhidos, como utilidade prática (CRULS, 26/11/1885, p. 1).

Cruls convidava àqueles que estivessem dispostos a colaborar com os trabalhos do IORJ e solicitava que, além das medições já desenvolvidas pelos observadores, fossem realizadas observações simultâneas em tempo local correspondente às coordenadas geográficas fornecidas. Em seu artigo, Cruls mencionou ainda que desde 1881 o IORJ recebia boletins mensais e que as remessas aumentavam ano a ano. Das 16 estações meteorológicas distribuídas pelas províncias de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Piauí, o afamado astrônomo citou nominalmente 12 colaboradores, dentre os quais, frei Germano de Annecy.²⁰⁵

Àquela altura, frei Germano já havia inscrito seu nome na climatologia do país em razão dos serviços prestados anteriormente. Na década de 1870, o capuchinho passou a

²⁰³No original: “Une nouvelle phase s'ouvre donc; de toutes parts arrivent des données et des séries d'observations; les relations entre la météorologie et l'agriculture se présentent plus étroites; déjà dans le Nord-Est du pays la soif avait poussé à l'observation des pluies, et dans le Sud les intérêts de la colonisation avaient amené l'étude des conditions climatiques d'adaptation, et cependant la grande initiative pauliste n'a pas encore fait son apparition.”

²⁰⁴No original: “on doit citer également les observations du Fr. Germano d'Annecy, prises à S.Paulo entre 1870 et 1875.”

²⁰⁵Entretanto, destacamos que não encontramos registros das observações realizadas por frei Germano em nenhum dos 5 tomos dos *Anais do Observatório Imperial* publicados, respectivamente, nos anos de 1882 e 1889, e nem na *Revista do Observatório*, publicada mensalmente entre os anos de 1886 e 1890.

atuar de maneira mais sistemática e a publicar maior volume de boletins na imprensa periódica. Naquele difícil período entre 1875 e 1878 que marca o ocaso do Seminário, Frei Germano realizou centenas de publicações no jornal *A Província de São Paulo*: no ano 1875, ele publicou 126 boletins; no ano de 1876, 121 boletins; no ano de 1877, 100 boletins e, em 1878, ano da saída dos capuchinhos, apenas 36 boletins. Nos parecem números expressivos se considerarmos que ele não fazia das medições a sua profissão. Cada boletim podia apresentar dados relativos de um até três dias observados, embora, a ocorrência de boletins com observações para um ou dois dias era mais comum.

A análise dos registros das observações a seguir nos permitem uma aproximação às práticas de frei Germano. Vejamos:

Figura 34 – Boletim meteorológico do tempo feito nos dias 26 e 27 de agosto de 1877

Meteorologia—Observações meteorológicas feitas no Seminário Episcopal.							
—Dia 26 de Agosto de 1877.							
Horas	Th.	Ct.	Th.	Fh.	Hygr.	Bar.	G. S. Ventos
6. h.	14,5		95	93		696,6	S E
meio-dia	19,5		104	93		698,	S
Temperatura minima—13,5							Ct.
Temperatura maxima—18,5							Ct.
Chuva cahida das 4 horas da tarde do dia 25 ás 4 horas da tarde do dia 26—35, ^{mm}							
—Dia 27 de Agosto:							
Horas	Th.	Ct.	Th.	Fh.	Hygr.	Bar.	G. S. Ventos
6. h.	11,		89	91		697,	S O
meio-dia	21,5		70	73		695,	S E
Temperatura minima—10,							Ct.
Temperatura maxima—21,5							Ct.
Chuva cahida das 4 horas da tarde do dia 26 ás 4 horas da tarde do dia 27—,6 ^{mm}							

Fonte: *A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO* (29/08/1877) – O Acervo do *O Estado S.Paulo* (online)

Pegamos um boletim de agosto de 1877: selecionamos aleatoriamente, porém para esse jornal, todos os boletins seguem o mesmo padrão de registro. A primeira coisa a que devemos nos ater é que a publicação coloca em relevo o Seminário Episcopal, não o observador. Durante o período que frei Germano residiu em São Paulo, a imprensa comumente, ao veicular as observações do capuchinho, se referia mais ao observatório do Seminário Episcopal do que a frei Germano. Inferimos tratar-se de uma forma de valorizar a instituição como um todo, de se valer desse tipo de produção para tentar diminuir a resistência dos opositores ao projeto do seminário. Já vimos em Dompnier (1994), que o trabalho comunitário era a forma com que os capuchinhos buscavam

legitimar seus trabalhos missionários. Assim, nos parece que as observações de frei Germano satisfaziam seu ímpeto pessoal, ao passo que concorria para valorizar o Seminário, muito embora, o resultado de seus trabalhos o distinguiu dos demais religiosos daquela instituição.

A análise desse boletim relativo ao tempo feito mostra que frei Germano passou a realizar duas medições por dia, aferindo seus instrumentos às 6h da manhã e ao meio-dia, registrando a variação climática nesse intervalo de tempo. Um trabalho cotidiano favorecido pela disciplina capuchinha que lhe antecederam o hábito e o capacitou para a observação metódica.

Mas, há ainda outro aspecto que devemos destacar com respeito a produção desses boletins. Seguindo as discussões propostas por Besse (2011), podemos pensar nessas publicações como quadros, como esquemas visuais que dispõem dados e incitam outras operações cognitivas e estilos de pensamento. Nas palavras do autor: “as escolhas gráficas são também escolhas intelectuais. Os modelos visuais são ao mesmo tempo expressões e suporte de operações conceituais, e essa demarcação nos faz deixar uma concepção puramente ilustrativa da imagem científica” (BESSE, 2011, p. 585).²⁰⁶

Tais boletins meteorológicos são resultantes de processos intelectuais – individuais e coletivos – que fornecem novos parâmetros matemáticos, para que se possa estabelecer padrões de comportamento climático para meses e estações do ano, bem como, para interpretar as sensações informadas pelos sentidos. Não se trata de supor que as publicações de frei Germano suplantassem em seus leitores modos tradicionais de conhecer/reconhecer o tempo atmosférico, antes é mais crível pensar, acompanhando Golinski (2002, p. 34), que os artefatos, medições e publicações entravam em cena compondo com a sabedoria popular os modos de se sentir o clima.

A análise do boletim publicado por frei Germano nos permite ainda perceber que seu trabalho de meteorologista se realizava pela conjunção de uma série de instrumentos: termômetro centígrado (escala Celsius), termômetro Fahrenheit, higrômetro, barômetro Gay-Lussac. Outros instrumentos aparecem apenas de modo implícito na publicação, seriam eles o cata-vento, anemômetro e o pluviômetro. Por meio do uso deles, frei Germano lograva obter, respectivamente, dados a respeito da variação térmica, da umidade, da pressão atmosférica, da direção e força dos ventos e do volume da

²⁰⁶ No original: “Les choix graphiques sont aussi des choix intellectuels. Les modèles visuels sont à la fois les expressions et les supports d’opérations conceptuels, et cette remarque nous fait sortir d’une conception purement illustrative de l’image Scientifique.”

precipitação da chuva. Instrumentos como termômetros, barômetros, higrômetros até podiam ficar guardados em um cômodo, em uma saleta, quiçá junto de outros instrumentos do Gabinete de Física. Mas, o cata-vento, o anemômetro e o pluviômetro, pela natureza de sua medição, deveriam ficar no quintal, ou melhor, no belvedere, o espaço mais indicado para captar a incidência de ventos, por exemplo, minimizando interferências em seu curso. A imagem a seguir contribui com a nossa argumentação.

Figura 35 – Gravura da fachada do Seminário Episcopal (s.d.), feita com base na fotografia de Militão (1862-1863), restaurada por Alypio Leme (com intervenções)



Fonte: Camargo (1951, p. 324)

A cena é conhecida porque essa foto apresenta o Seminário frontalmente, mas alguns detalhes novos merecem nossa atenção. No rodapé da gravura, à esquerda, há uma inscrição meio apagada em que se lê “photo restaurada por Alypio Leme de Oliveira”. À direita, no detalhe da imagem do belvedere há, como se nota, ao menos dois aparelhos. São eles: catavento – que indica a direção dos ventos - possivelmente acoplado anemômetro – instrumento que mede a força dos ventos - e para-raios. Alypio Leme viveu de 1886 a 1954, portanto, não conheceu o belvedere do Seminário Episcopal. Além disso, quando comparado com a fotografia disposta anteriormente (cf. Figura 34 p. 252) nota-se que Alypio Leme introduziu na cena um instrumento meteorológico (cata-vento) com

a função de indicar a direção dos ventos, tal como os dados informados nos boletins meteorológicos produzidos por frei Germano.²⁰⁷

Tais inconsistências, nesse caso, não devem subtrair o valor dos indícios uma vez que os dados referentes aos boletins publicados por frei Germano, bem como, seu artigo no qual apresenta a necessária composição material de uma pequena estação meteorológica, correspondem à imagem produzida por Alypio Leme, ainda que não seja possível especificar a marca ou tipo desses instrumentos. Seja como for, a imagem é sugestiva ao evidenciar outros valores culturais e científicos agregados àquele lugar de saber.

O observatório meteorológico de frei Germano e a rotina de observações do capuchinho compuseram a paisagem do Seminário Episcopal. Considerando que ele realizou observações naquela instituição, pelo menos de 1863 a 1878, e que tinha alunos para seus cursos de Física, é possível supor que ao menos, em alguns momentos, sua prática científica se confundisse com suas aulas ou que essas fossem mediadas pelos instrumentos de seu observatório. Mesmo não dispondo de seu programa de estudos para a Meteorologia, é possível ensaiar algumas aproximações.

Na França, a Física Experimental foi introduzida nas escolas centrais em 1795 e nos liceus napoleônicos em 1802. De acordo com Lorenz (2010, p. 223), a reforma de Guizot (1832-1833) e a de Salvandy (1847) impulsionaram a produção de novos compêndios adequados aos programas oficiais responsivos aos conteúdos exigidos para o exame de *baccalauréat*, apresentando tópicos que, em geral, representariam os conteúdos de Física para o restante do século XIX: “as Propriedades Gerais dos Corpos, Gravidade, Hidrostática, Calor, Eletricidade, Galvanismo, Magnetismo, Eletromagnetismo, Ações Moleculares, Acústica, Óptica e Meteorologia” (LORENZ, 2010, p. 223). A partir da segunda metade do século XIX, os manuais escolares franceses assumiriam um caráter mais matemático rendendo maior atenção aos conceitos da Física e suas aplicações práticas. Nas palavras do autor: “os textos, assim, passaram a descrever bombas hidráulicas, motores, geradores; tecnologias emergentes como equipamentos fotográficos e fonográficos, o telégrafo, o telefone e o microfone; e instrumentos de meteorologia e climatologia” (LORENZ, 2010, p. 218).

²⁰⁷ Considerando que Militão realizou seu registro fotográfico entre 1862 e 1863 e que a primeira publicação meteorológica de frei Germano contendo direção dos ventos data de 1867, infere-se que o registro de Militão é anterior a alocação desses instrumentos no belvedere. Ou ainda, que instrumentos como os representados por Alypio Leme já existiam na época do registro de Militão, mas teriam sido retirados do belvedere no momento da tomada da imagem.

No Brasil, a Meteorologia, enquanto subárea da Física, passou a fazer parte dos programas de ensino do Colégio de Pedro II a partir de 1858. Se tomarmos como exemplo os programas de Física para os anos 1858, 1862 e 1877, verificamos que eles foram, respectivamente, apresentada com um dos tópicos do programa de Física sob as rubricas de “noções sobre a meteorologia”, “generalidades sobre a meteorologia” e “meteorologia” (VECCHIA; LORENZ, 1998, pp. 50-77).

Mas, o que se compreendia por Meteorologia?

Conforme o verbete “Meteorologie”, produzido pelo astrônomo, físico e meteorologista Alfred Angot (1848-1924) para o *Nouveau dictionnaire de pédagogie et d'instruction primire*²⁰⁸, publicado em 1911, sob a direção de Ferdinand Buisson,

A meteorologia é a parte da física do globo que trata mais especificamente dos fenômenos dos quais a atmosfera é sede: variações de temperatura, umidade e pressão do ar; formação de nuvens, chuva, neve, orvalho; direção e força do vento; relações que existem entre essas várias ordens de fenômenos. Esta ciência conduz, como resultados práticos, por um lado, ao estudo dos grandes movimentos da atmosfera e conseqüentemente à *previsão do tempo*, por outro, à *climatologia*, onde se examina a influência dos vários fenômenos atmosféricos nas características geográficas de um país, sobre a produção do solo, o desenvolvimento de plantas e animais, as migrações das aves, a saúde pública etc. (ANGOT, 1911).²⁰⁹

Angot (1911), esclarece, portanto, que a Meteorologia trata dos fenômenos atmosféricos por meios dos quais pode-se chegar à previsão do tempo, ou ainda, ao estudo da climatologia e suas influências sobre as características geográficas de um país. Ao se referir a um programa de ensino para a meteorologia, o autor aponta que

Do ponto de vista pedagógico, a meteorologia está incluída no programa de estudos de ciências das escolas normais primárias, e as observações, obrigatórias para os alunos, permitem-lhes ser iniciados no manuseamento de alguns instrumentos de precisão, ao mesmo tempo

²⁰⁸ Consultamos a versão digital do material presente no site Institut Français de L'éducation (Ifé). Disponível em: <<http://www.inrp.fr/edition-electronique/lodel/dictionnaire-ferdinand-buisson/document.php?id=3173>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

²⁰⁹ No original: “La météorologie est la partie de la physique du globe qui traite plus spécialement des phénomènes dont l'atmosphère est le siège: variations de la température, de l'humidité et de la pression de l'air ; formation des nuages, de la pluie, de la neige, de la rosée ; direction et force du vent ; relations qui existent entre ces divers ordres de phénomènes. Cette science conduit, comme résultats pratiques, d'une part à l'étude des grands mouvements de l'atmosphère et par suite à la *prévision du temps*, de l'autre à la *climatologie*, ou l'on examine l'influence des divers phénomènes atmosphériques sur les caractères géographiques d'une contrée, sur les productions du sol, le développement des végétaux et des animaux, les migrations des oiseaux, la santé publique, etc.”

que aprendem fornecer dados essenciais para os meteorologistas. (ANGOT, 1911).²¹⁰

Nessa passagem, é explícita a referência ao programa instituído por Le Verrier junto ao ministro da Instrução Pública, Victor Duruy, que organizou, na década de 1860, um serviço de observação meteorológica em todas as escolas normais primárias. Essas instituições, segundo critérios preestabelecidos, deveriam fornecer dados meteorológicos ao Observatório de Paris e, após 1878, ao Bureau Central Météorologique (BCM) (LOCHER, 2008, p. 76).²¹¹

Paralelamente às observações rotineiras, os alunos deveriam compreender

que as teorias em meteorologia são apenas a aplicação aos fenômenos da atmosfera das leis gerais da física. Os diferentes caracteres da variação diurna e anual da temperatura em todas as regiões da Terra resultam, portanto, dos movimentos do Sol e da maneira como o calor que ele nos envia é absorvido ou irradiado pela superfície do globo, terra ou água; se explicará igualmente pelas leis da física a formação dos vários fenômenos aquosos, chuva, neve, orvalho, geada, gelo negro, etc. Após o estudo da temperatura e da chuva, que constituem os principais fatores do clima e sobre os quais se deve dar especial ênfase, pode-se fazer um estudo do clima local e sua comparação com o clima de outras regiões da França. (ANGOT, 1911).

Depreendemos da leitura dos excertos de Angot (1911) que a Meteorologia está submetida às leis da Física e que a compreensão dessas leis se faz a partir da análise de dados produzidos rotineiramente a respeito do clima de uma determinada localidade. Seu escrito apresenta pontos de convergência com o verbete “meteorologia” que figurou no segundo do tomo do *Dictionnaire de Pédagogie*, também dirigido por Buisson. Naquela oportunidade, o químico Hippolyte Marié-Davy argumentava que a Meteorologia é “essencialmente uma ciência de observação que lida com fatos de extrema mobilidade” (MARIÉ-DAVY, 1888, p. 1302).²¹² Para o autor, o termômetro, o barômetro, o pluviômetro e o catavento seriam os principais instrumentos de estudos gerais do clima e das estações do ano. Ainda conforme Marié-Davy (1888, p. 1302) esses quatro instrumentos “formam a base dos avisos meteorológicos em uso na maioria dos países

²¹⁰ No original: “Au point de vue pédagogique, la météorologie est comprise dans le programme des études de sciences des écoles normales primaires, et les observations, obligatoires pour les élèves, permettent de les initier au maniement de quelques instruments de précision, en même temps qu'elles fournissent des données indispensables pour les météorologistes.”

²¹¹ De acordo com Locher (2008), tal prática se estendeu até a Primeira Guerra Mundial. Os alunos internos do último ano eram os responsáveis pelas observações que deveriam ocorrer de 3 em 3 horas, das 6h da manhã às 21h sob a supervisão de seus professores.

²¹² No original: “essentiellement une science d'observation portant sur des faits d'une mobilité extreme.”

civilizados hoje. [...] suas indicações, acrescidas daquelas fornecidas pelo exame direto do estado do céu, podem levar à descoberta das causas das variações do tempo”.²¹³

Nota-se uma correspondência entre os instrumentos citados por Marié-Davy e o que frei Germano possuía em seu observatório: pluviômetro, termômetro, catavento e barômetro, além do higrômetro. Não é possível afirmar que frei Germano de Annecy supervisionasse seus alunos na obtenção de dados meteorológicos junto aos instrumentos de seu observatório, como ocorria aos estudantes das escolas normais francesas. Entretanto, supõe-se sim que o ensino praticado pelo capuchinho era mediado pelo uso de seus instrumentos meteorológicos. Pelo menos, é o que sugere a propaganda feita por Augusto Cesar Ribeiro anunciando a integração de frei Germano ao corpo docente do Liceu de Uberaba onde dizia que o capuchinho iria “residir n’uma casa contigua ao edifício em funciona o Liceu, pondo à disposição dos alunos os seus numerosos instrumentos científicos, familiarizando-os com as observações dos fenômenos atmosféricos” (RIBEIRO, 13/7/1879, p. 2).

Claro, a nota refere-se a um momento imediatamente posterior a saída do capuchinho do Seminário Episcopal, porém ela não provoca nenhum estranhamento ou surpresa. Frei Germano, era um observador, flertava com a cultura experimental, com a ciência espetáculo e, como vimos em diversos momentos, há fortes indícios de que suas aulas eram mediadas por artefatos e instrumentos científicos. A fala de Ribeiro nos apresenta informações importantes: os instrumentos científicos estão à disposição dos alunos para que fossem familiarizados com as observações dos fenômenos meteorológicos, sugerindo, portanto, que o ensino de meteorologia praticado por frei Germano não estava restrito à abordagem de conceitos e nem se estancava na descrição do objeto, embora essas etapas pareçam constituir o processo de ensino.

De todos os instrumentos destinados à observação dos fenômenos meteorológicos, o barômetro, é o mais chamativo e mais curioso por gerar informações que o observador não é capaz de captar a não ser analisando-o. Já nos casos do termômetro, do catavento e do higrômetro, as sensações corporais e a observação da natureza permitem inferir a temperatura, se o dia está quente ou frio, a força e a direção dos ventos, bem como a umidade do ar, se o dia está seco ou úmido (GOLINSKI, 2002, p. 34).

²¹³ No original: “forment la base du travail des avertissements météorologiques en usage dans la plupart des pays civilisés. [...] leurs indications, augmentées de celles que fournit l’examen direct: de l’état dn ciel, peuvent conduire à la découverte des causes des variations du temps.”

O barômetro se difundiu entre os séculos XVII e XVIII por entre as famílias inglesas abastadas, por exemplo, que tinham a observação meteorológica por hábito, mesmo que recreativo, em razão da crença de que a expansão ou retração do mercúrio pelo tubo predissesse as condições climáticas. Essa situação foi também estimulada pelos fabricantes de instrumentos meteorológicos que impulsionara as vendas do barômetro ao registrarem no suporte do instrumento as condições climáticas conforme a variação do mercúrio pelo tubo. Os registros mais comuns eram, em ordem decrescente: “muito seco”, “bom”, “mudança”, “chuva”, “muita chuva”, “tormenta” (GOLISNKI, 2002).

No entanto, essa era uma abordagem controversa e longe de ser consensual entre os filósofos naturais, já que muitas vezes a marcação no tubo do instrumento não era representativa da realidade. Porém, as observações constantes sugeriam que de fato pudesse existir uma correlação entre as variações do mercúrio no tubo do termômetro e do barômetro que tendia a manter-se elevado durante a invernia e período com clima estável. No século XIX, com a expansão dos observatórios meteorológicos e com a produção quantitativa cotidiana de dados meteorológicos que conferiam um histórico para as medições do clima, houve novas apostas no potencial preditivo do barômetro. Seus registros deveriam ser correlacionados com os dados produzidos pelos outros instrumentos (termômetros, cataventos, pluviômetros, higrômetros), bem como, confrontado com o histórico das medições produzidas e dos fenômenos climáticos ocorridos (GOLISNKI, 2002; LOCHER, 2008).

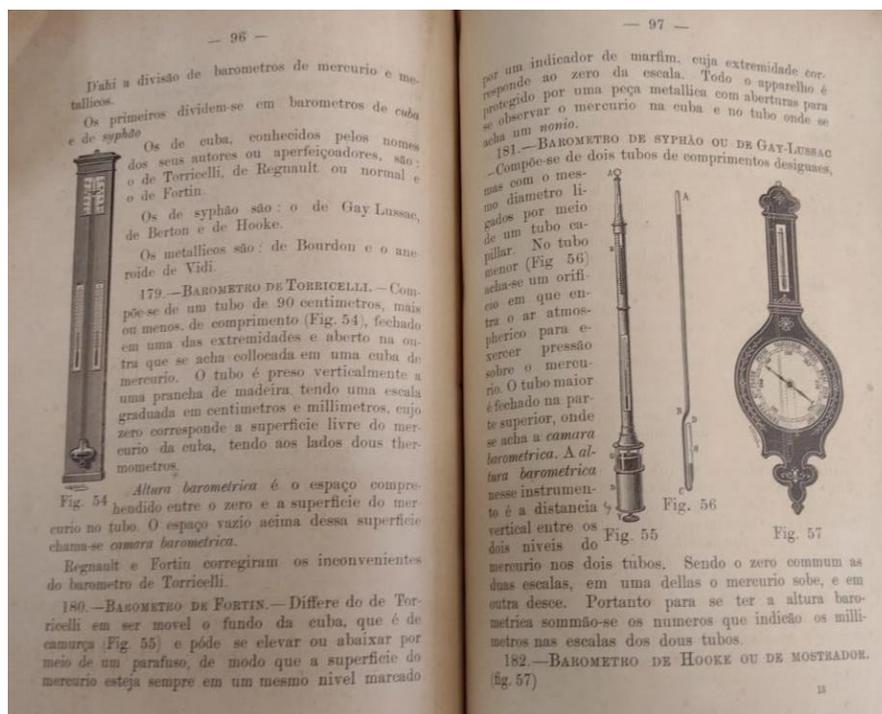
Temos por hipótese que frei Germano tinha predileção pelo barômetro de Gay-Lussac que era utilizado em suas observações. Pelo menos, o barômetro foi o único instrumento para o qual ele chegou a publicar um comentário. Na última parte de seu artigo “Meteorologia”, publicado na *Gazeta de Uberaba* em 13 de julho de 1879, o capuchinho dizia que:

Reservando-nos para tempo oportuno sua descrição, diremos de passagem uma palavra a respeito do barômetro.

Este admirável instrumento, cuja invenção é devida ao celebre Torricelli, e sua aplicação ao imortal Pascal; não só serve para calcular a altura dos diferentes pontos do globo, à prognosticar as mudanças e variações do tempo: como também por suas observações simultâneas nos observatórios primários, ele nos faz seguir passo a passo esses terríveis meteoros do ar; as tempestades, os tornados, os ciclones; indicando quase matematicamente sua marcha, avisando horas, e mesmo dias antes, sua aparição nas regiões nas regiões por onde eles devem exercer sus fúrias e produzir suas ruínas; dando destarte ao cultivador e ao viajante o tempo de se acautelarem, e ao navegante, prestes a sair do porto, o aviso de esperar um tempo mais propício para atravessar os mares (ANNECY, 13/7/1879, p. 1).

De fato, frei Germano não deixou nenhuma descrição por escrito do barômetro, porém a menção feita em seu texto serve de indícios para pensarmos que essa poderia ser uma etapa de suas aulas. Encontramos correspondência dessa prática de descrever instrumentos científicos nos manuais escolares do século XIX como no compêndio *Noções de Physica e Chimica* (1876), de Ayres Albuquerque Gama, professor na Escola Normal de Pernambuco e no livro *Noções Elementares de Physica e Chimica* (1890), de J. E. de Macedo Soares, professor na Escola Normal de São Paulo.²¹⁴ Em ambos os livros, no tópico no qual abordam a pressão atmosférica, há imagens e descrições de diversos tipos de barômetros como no exemplo a seguir.

Figura 36 – Diagramação do livro *Noções elementares de Physica e Chimica*



Fonte: SOARES, 1890, p. 97. Biblioteca do Livro Didático/USP – fotografia tirada pelo autor.

No livro de Macedo Soares (1890), da esquerda para a direita, são apresentados os seguintes instrumentos: barômetro de Torricelli, barômetro de Fortin, barômetro de Gay-Lussac e barômetro de Hook. O barômetro de Gay-Lussac era assim descrito:

²¹⁴ Ambos os materiais foram consultados na Biblioteca do Livro Didático (Livres) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

compõe-se de dois tubos com comprimentos desiguais, mas com o mesmo diâmetro ligados por meio de um tubo capilar. No tubo menor, acha-se um orifício em que entra o ar atmosférico para exercer pressão sobre o mercúrio. O tubo maior é fechado na parte superior onde se acha a *câmara barométrica*. A altura barométrica nesse instrumento é a distância vertical entre os dois níveis de mercúrio nos dois tubos. [...] Portanto, para se ter a altura barométrica somam-se os números que indicam os milímetros nas escalas dos dois tubos (SOARES, 1890, p. 97).

Além da descrição dos barômetros, ambos compêndios tecem considerações a respeito das variações regulares da altura barométrica ao longo do dia (máximas pela manhã e mínimas pela tarde) e das irregulares, que não obedecem a nenhuma lei, bem como do uso desse para se medir altitude dos lugares e as variações da pressão atmosféricas.

Considerando que a apresentação, a descrição e usos de instrumentos científicos, eram tidos como conteúdos de ensino, parece plausível supor que frei Germano se valeu desse expediente, porém tendo em vista o próprio instrumento a ser descrito, não uma gravura. Além disso, a fala do capuchinho, a despeito de sugerir ainda no século XIX resquícios da terminologia aristotélica identificada pelo uso da expressão “meteoro”, demonstra a importância com que ele se refere ao barômetro em razão das possibilidades preditivas desse instrumento quando associado a leituras realizadas pelos observatórios primários.

Frei Germano constrói em sua narrativa a imagem de um tempo em movimento que pode ser captado pelo uso do barômetro. É plausível supor que tais considerações a respeito não só do barômetro, mas de todos os instrumentos que compõem um observatório meteorológico, seu funcionamento e o papel da integração entre observatórios primários e secundários compusesse suas aulas, ensejando também formas científicas de pensar, interpretar e observar os dados do tempo e do espaço.

Durante os quase 20 anos em que viveu no Seminário Episcopal, frei Germano de Annecy interferiu na arquitetura da instituição e passou a contribuir para a constituição de um público para as ciências. Por meio de seu observatório, publicou sínteses anuais e centenas de boletins meteorológicos, forneceu publicações a respeito da observação de efemérides e projetou um artefato que foi responsável pelo padrão horário da cidade de São Paulo durante décadas. Depois, mudou-se para Uberaba publicando boletins meteorológicos quase que semanalmente de 1879 a 1884.

Conforme Padre Senna Freitas (1890), frei Germano teria organizado um estudo sobre climatologia com base nos dados observados ao longo de sua vida, contudo, tal trabalho se perdeu por ocasião de sua morte no navio *Bearn*.

Por fim, convém considerar com Aubin (2015) que observatórios são polos geradores de dados quantitativos dispostos a circular; e com Jacob (2007) que argumenta que as circulações às vezes desembocam em resultados inesperados. Os dados produzidos por frei Germano não ficaram restritos ao público leitor dos periódicos em que foram publicados. Suas observações foram associadas as de outros observadores e concorreram para fornecer uma imagem do clima do país endereçada a públicos com interesses distintos.

Em 1889, Alfred Marc, vice-presidente da *Société de Géographie Commerciale de Paris* e redator do jornal *Le Brésil*, publicou o estudo intitulado *Le Brésil – excursion a travers ses 20 provinces*. O objetivo do livro de Marc, editado pelo engenheiro militar D'Argollo-Ferrão, era o de produzir “um manual que lhes permita apreciar com melhor conhecimento dos fatos, os recursos e as garantias que o Brasil oferece aos capitais e à força de trabalho tentados a depositar sua confiança nele” (MARC, 1889, p. III).²¹⁵

Tarefa difícil segundo o autor porque o Brasil, carecia de dados estatísticos e apresentava significativas lacunas de informação ao envolver seu vasto território naquele período. Porém, ao abordar a província de São Paulo, Marc destacou que

por 12 anos, o padre Germain de Annecy observou que o termômetro nunca subiu acima de 30° na sombra. A quantidade média de chuva por 10 anos foi de 1.500 milímetros por ano. É em suma a temperatura do nosso sul da Europa, mas sem frio ou calor extremos (MARC, 1889, p. 173).²¹⁶

Mais do que a caracterização climática propriamente dita, é em um cenário lacunar que se destaca trabalhos como o de frei Germano por possibilitar alguma consideração a respeito do clima de sua localidade com base nas práticas da climatologia moderna. Seguindo nessa mesma linha, Oscar D'Araujo em “Le climat du Brésil”, artigo publicado em 1896 na *La Science française: revue populaire illustrée*, apontava que mesmo com uma rede meteorológica incipiente, com base no exame cuidadoso dos dados esparsos

²¹⁵ No original: “un manuel leur permettant d'apprécier en meilleure connaissance de cause, les ressources et les garanties qu'offre le Brésil aux capitaux et aux bras tentés de lui accorder leur confiance.”

²¹⁶ No original: “Pendant 12 ans, le P. Germain d'Annecy a constaté que le thermomètre ne s'est jamais élevé à l'ombre à plus de 30°. La quantité moyenne des pluies a été pendant 10 ans de 1,500 millimètres par an. C'est en somme la température de notre midi d'Europe, mais sans extrême en froid ou en chaud.”

recolhidos a partir de cidades situadas em diferentes latitudes e com características paisagísticas variadas como nos vales dos rios Amazonas, Paraná, São Francisco, no sopé de montanhas e planaltos de São Paulo, Minas e Goiás, produzidas por viajantes como Saint-Hilaire, Humboldt, Castelnau, Agassiz, Wallace, por engenheiros, no curso das ferrovias e de personalidades como Liais, Pompeu, Sarmiento, Lund e de frei Germano de Ancey, por exemplo, seria possível algumas concluir (D'ARAUJO, 1896, p. 355).

Os dados climáticos produzidos por Frei Germano também foram utilizados por Leeuw, vice-cônsul holandês no Brasil, que em seu livro, *Brazillie: Een land der Toekomst* [Brasil: um país do futuro], publicado em Amsterdã no ano de 1909, oferecia um panorama industrial, geográfico e agrícola do país, e também por Tancredo do Amaral que, em *Ensino Cívico*, publicado no ano de 1896, apresentava para um público escolar noções sobre a organização política e administrativa, sobre o comércio, a indústria, a viação férrea, a geografia, flora, a fauna e o clima do estado de São Paulo.

Mas, para além dessa abordagem econômica ou didática da caracterização do clima nacional, os dados produzidos por frei Germano foram associados a dados produzidos por outros observadores para fornecer um panorama climatérico do país utilizado por Juliano Moreira, médico psiquiatra, diretor do Hospital Nacional dos Alienados do Rio de Janeiro, e por Afrânio Peixoto, médico e professor na Faculdade de Medicina da mesma cidade, que integrou a argumentação da comunicação “Les maladies mentales au Brésil”, apresentada no *Congrès International de Psychiatrie, de Neurologie, de Psychologie et de l'Assistances des aliénés*, ocorrido em Amsterdã em 1907.

Na ocasião, os médicos utilizaram dados a respeito das médias anuais presentes em diferentes regiões do país, abrangendo a extensão do território brasileiro situado entre as latitudes 5° ao Norte e 33°46' ao Sul. Dentre as cidades destacadas, os autores citaram as variações térmicas observadas pelo capuchinho para a cidade de Uberaba. O objetivo era argumentar que “nestas condições climáticas vivem os representantes de todas os grupos étnicos da Terra” (MOREIRA; PEIXOTO, 1907, p. 242).²¹⁷ A partir de um estudo de patologia comparada, tomando por base a vastidão do país, os autores concluíram que “não conseguimos encontrar nenhum afeto, nem mesmo uma variação ou um caráter

²¹⁷ No original: “sous ces conditions climatiques vivente les représentants de tous les groupes ethniques de la Terra.”

particular de patologia mental, pelo qual possamos atribuir a responsabilidade direta e imediata ao clima” (MOREIRA; PEIXOTO, 1907, p. 243).²¹⁸

Os breves exemplos arrolados demonstram que a circulação dos dados produzidos pode seguir caminhos inesperados, bastando estarem prontos para serem apropriados para a produção de conhecimento com finalidades variadas. Destacamos que frei Germano foi um operário da meteorologia, observando e registrando sistematicamente os dados climáticos.

4.5 Instrumentos e artefatos: vestígios materiais dos saberes e das práticas de frei Germano

O acervo do Colégio Marista Arquidiocesano salvaguarda um instrumento meteorológico datado de cerca de 1850 que provavelmente pertenceu a frei Germano de Anney: trata-se de um barômetro a ar ou o “simpiesômetro”.

²¹⁸ No original: “nous n’avons pu trouver une affection quelconque, pas même une variation ou un caractère particulier em pathologie mentale, dont nous puissions attribuer au climat la responsabilité directe et immédiate.”

Figura 37 – Barômetro a ar ou “simpiesômetro” – L. Casella (c.1850)



Fonte: Coleção de Física do Museu Escolar Memorial do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, Referência: 450330²¹⁹.

O barômetro em questão apresenta 59 centímetros de comprimento, com escalas gravadas em madeira onde se lê as inscrições “Rain” (chuva), “Change” (mudança), “Fair” (bom). O instrumento apresenta dois bulbos: o superior é fechado e preenchido com gás hidrogênio e o inferior é aberto e contém com um fluido colorido. Enquanto o fluido colorido se expande pelo tubo, o hidrogênio se retrai no bulbo superior. Esse mecanismo sofre ação tanto da pressão atmosférica como da temperatura, ou seja, mesmo em uma pressão estável o fluido é móvel. Para corrigir a temperatura, foi alocado um

²¹⁹ O trabalho de inventário dos instrumentos científicos do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, foi desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Escola e seus Objetos (NEO) entre os anos de 2015 e 2019 sob coordenação da Profa. Dra. Katya Braghini, sob financiamento do CNPq, e está disponível para consulta pública no site: <<https://biblioteca.grupomarista.org.br/pergamum/biblioteca/index.php>>.

termômetro. O operador deveria utilizar primeiramente a escala do termômetro de mercúrio para depois deduzir a pressão a partir da escala do barômetro. Esse instrumento foi largamente utilizado em embarcações marítimas até meados do século XIX (BELVILLE, 1858, pp. 41-42).

O simpiesômetro foi patenteado por Alexander Adie (1775-1858) de Edimburgo, na Escócia, renomado fabricante de instrumentos científicos, especialmente, meteorológicos. Com a invenção e difusão dos barômetros aneroides, o simpiesômetro paulatinamente caiu em desuso, tornando-se item de colecionador.

Com relação aos artefatos astronômicos, são dois os principais vestígios materiais, verticais, legados por frei Germano de Annecy que são hoje encontram-se salvaguardados, mas com situações, status e trajetórias diversas. Um ressent-se de não preservar o nome de seu projetista e de demandar restauro, o outro se apresenta na fusão de elementos técnicos e científicos, estéticos, simbólicos, ritualísticos que o faz um lugar de saber e um lugar de memória (JACOB, 2007; 2012; NORA, 1993).

A cidade de São Paulo guarda ainda um vestígio tridimensional das projeções de frei Germano: trata-se do relógio solar cúbico que figurava no jardim do Seminário Episcopal (cf. Figura 7, p. 154). Depois de sofrer sucessivos deslocamentos em seus usos, encontrava-se “abandonado” até que, por volta dos anos 1930, Aypio Leme levou o artefato para a sede do Observatório de São Paulo, localizada na Avenida Paulista, desde a inauguração em 1912. Mais tarde, com a inauguração do Observatório Astronômico de São Paulo no Parque da Água Funda, o artefato foi transportado para lá onde encontra-se definitivamente instalado em frente ao pavilhão do grande equatorial (MARQUES DOS SANTOS, 2005, pp. 20-21).

O parque onde está localizado o quadrante de frei Germano é gerido hoje pela Universidade de São Paulo e recebe o nome de Parque de Ciência e Tecnologia da USP (CienTec).

Figura 38 – Relógio cúbico projeto por frei Germano de Anncy



Fonte: Parque de Ciência e Tecnologia da USP (CienTec) (Acervo pessoal).

Evidentemente, o local de salvaguarda apresenta coerência com a essência desse relógio de Sol, que materializa ciência e tecnologia entorno de seu projeto. Entretanto, quando o fotografamos, não havia uma menção sequer, nem por placa, nem no *QRcode*, de nenhuma explicação junto ao artefato que o ligasse à figura de frei Germano de Anncy. Pelo contrário, tal artefato funciona como um vestígio apagado das formas analógicas de medição do tempo, alijando a memória de seu artífice. Esse que, segundo consta, foi o responsável pela projeção de um relógio que teria fornecido a hora média para a cidade de São Paulo até 1912, justamente o ano de inauguração do Observatório Astronômico.

Fortuna completamente diferente teve o relógio de Sol localizado na praça Nossa Senhora da Conceição, em frente à Igreja da Matriz, no município de Franca.

O relógio de Sol de Franca é um monumento à memória coletiva que começou a ser projetado em 1885. No início de agosto daquele ano, a *Gazeta da Tarde* do Rio de Janeiro replicava uma notícia veiculada em um jornal francano onde se lia que

O notável matemático e astrônomo [frei Germano] alimenta as esperanças de dotar esta cidade com esse modesto monumento, que será construído sob a sua competéssima direção [...]. O sistema que empregará na construção do relógio, que é inteiramente novo e de sua

invenção, consiste n'um paralelepípedo retângulo de mármore que, além de marcar as horas na face superior, indica-as há também nas quatro faces laterais (*GAZETA DA TARDE*, 7/8/1885, p. 3).

Tratava-se de um empreendimento que, conforme o jornal veiculava, seria resultante de uma nova técnica de projeção, o que, de certa maneira, concorria por singularizar seu artífice, por singularizar a cidade. Estamos falando de um artefato personalizado projetado pelo estimado e “notável matemático e astrônomo”. A execução do projeto contou com amplo apoio popular alimentado pelos jornais locais. Conforme se lê no *Correio Paulistano* que replicou uma notícia veiculada em alguma folha francana:

Será um elegante monumento, que, além de embelezar a cidade, terá grande utilidade para a população que não possui um regulador onde possa com exatidão matemática acertar os seus relógios.

[...]

Frei Germano deseja que a inauguração deste monumento coincida com a da estrada de ferro.

O orçamento da obra não excedo a quantia de 1:500\$000, vindo o mármore diretamente da Itália.

Pretende o ilustre capuchinho dirigir-se às senhoras francanas solicitando prendas para um bazar de que tirará a quantia necessária para o monumento, ficando o remanescente, se houver, para as obras da matriz.

No bazar, as mesmas senhoras venderão os objetos.

Nós garantimos sem receio o bom êxito da tentativa de frei Germano, porque ela só aproveita a Franca e, além disso conhecemos a generosidade das distintas francanas e quanto respeitam sacerdote tão virtuoso como frei Germano d'Annecy (*CORREIO PAULISTANO*, 25/8/1885, p. 3).

A reprodução desse longo trecho justifica-se pela sua riqueza de informações e pela história curiosa que ele narra: a construção de um relógio de Sol cujos componentes seriam feitos de mármore, custeado a partir do envolvimento da sociedade francana.

Nota-se que o redator correlaciona aspectos técnicos e estéticos que constituiriam aquela peça, aquele “elegante monumento” que funcionaria como um “regulador” para os francanos acertarem com exatidão seus ponteiros. Além disso, a informação de que frei Germano pretendia inaugurar o relógio no mesmo dia da estrada de ferro explicita um elemento celebrativo, uma recompensa simbólica coroando de mérito o artífice, reforçando sua estima e, quem sabe, projetando seu nome para o futuro. Mas também afirmava os vínculos efêmeros entre esses elementos com trajetórias contrárias naquele momento: a expansão ferroviária era vista como fator de modernização e de modernidade, já o relógio de Sol teria o seu fator de modernidade, que é a sua projeção para o

fornecimento de hora média, em vias de ser deslocada. Por fim, destaca-se o papel assumido pelas senhoras francanas no levantamento de fundos para execução de tal projeto. Fato talvez inusitado, parece ser a expressão de uma sociabilidade católica.

Um projeto cuja a execução foi possível em razão da organização de leilões e bazares para os quais concorreram artesãs e consumidores francanos, que foram divulgados pelos jornais da cidade e que reuniu pelo mesmo propósito monsenhor Cândido Rosa, antigo pupilo de frei Germano, religioso conservador, contrário à maçonaria, e Augusto Cesar Ribeiro, maçom, empregador e amigo do capuchinho que, noticiou em seu jornal *Nono Districto* conforme notícia replicada no *Correio Paulistano* (15/10/1885, p. 2): “o leilão promovido pelos revms. Padre-mestre frei Germano d’Anncy e vigário Candido Rosa, em benefício do relógio de Sol projetado pelo sapientíssimo capuchinho, há de se efetuar no sábado, 31 do corrente [mês]”.

Além das prendas e leilões, frei Germano trabalhava para atrair público como se vê no aviso escrito por ele e publicado no jornal *A Justiça*:

O leilão, cujas prendas devem reverter em benefício do projetado relógio do sol, terá lugar no dia 31 do corrente, às quatro horas da tarde, se o tempo permitir, em frente à casa da Misericórdia. A inauguração do gabinete de Física se efetuará no dia 1.º de Novembro, à mesma hora (ANNECY, 25/10/1885, p. 3).

Frei Germano aludia à ciência espetáculo, a colocava em movimento para financiar o seu projeto do relógio de Sol. O suporte material do artefato era composto por nada menos que 3 peças, um cilindro, um cubo e uma esfera de mármore pesando no total cerca de duas toneladas (*CORREIO PAULISTANO*, 25/8/1885, p. 1). Para executar seu projeto, frei Germano de Anncy viajou até a cidade de São Paulo para acompanhar a gravação das notações astronômicas que seriam feitas na oficina dos Martinelli (*O APOSTOLO*, 14/7/1886, p. 3).²²⁰ A marmoraria dos Martinelli foi fundada no ano de 1872, indicando que eles eram conhecidos. Não sabemos se no dia da inauguração da Mogiana em, 11 de abril de 1887 houve alguma comemoração como pretendia o capuchinho, entretanto, especula-se que naquele dia o artefato foi benzido pelo monsenhor Cândido Rosa.

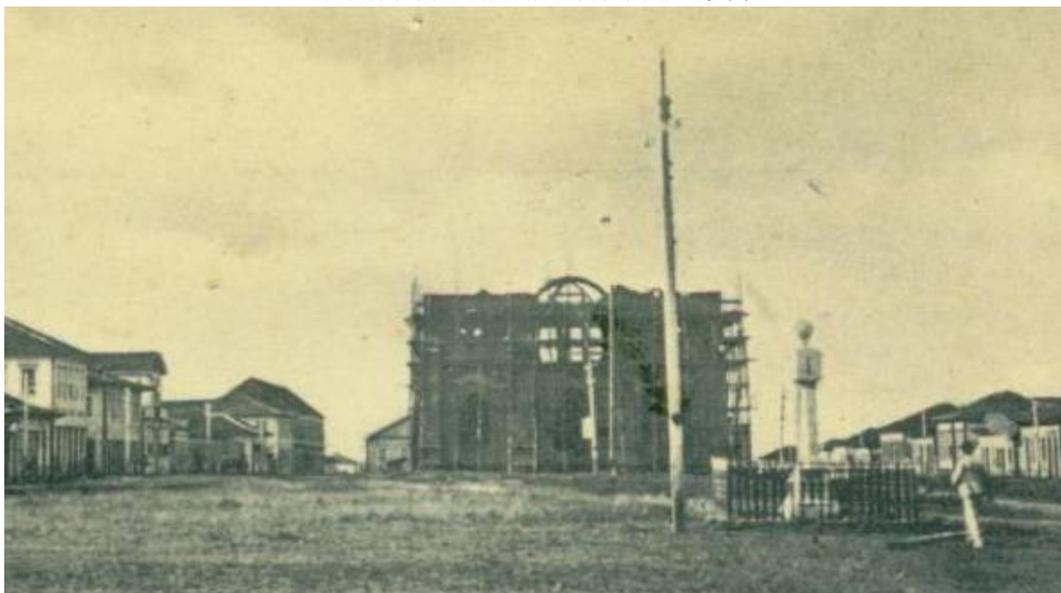
²²⁰ É forçoso notar que a execução desse projeto foi beneficiada pelo próprio desenvolvimento econômico da província de São Paulo cuja expansão da lavoura cafeeira pressionava tanto a expansão da malha ferroviária quanto a vinda de imigrantes italianos. Além de mão de obra para a lavoura a imigração italiana impulsionou a expansão das oficinas de marmoraria, importadoras e especializadas em arte tumular, como é o caso da oficina dos Martinelli (CAVATERRA, 2021).

Antes, ao menos desde o final de novembro de 1886 o relógio de Sol de coluna já encontrava montado na praça como se lê na nota a seguir: “Foi colocado no largo da matriz da Franca o elegantíssimo relógio solar feito sob a direção do revd. padre-mestre frei Germano d’Annecy, e que esteve durante algum tempo exposto nesta capital nas oficinas do sr. Martinelli” (*A PROVINCIA DE SÃO PAULO*, 26/11/1886, p. 2).

De acordo com o *Correio Paulistano* (5/12/1886, p. 2) o transporte das peças fora realizado por via férrea até a cidade de Batatais, onde os trilhos da Mogiana já haviam chegado em 1886. De lá, o artefato seguiu por cerca de 50 quilômetros em carros puxados por muares.

A seguir, duas fotos do relógio de Sol. A primeira é a fotografia mais antiga desse artefato presente no acervo do Arquivo de Franca, a outra é uma imagem mais recente.

Figura 39 – Relógio de Sol vertical projetado por frei Germano de Annecy instalado na cidade de Franca. Foto de c. 1900



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMF)

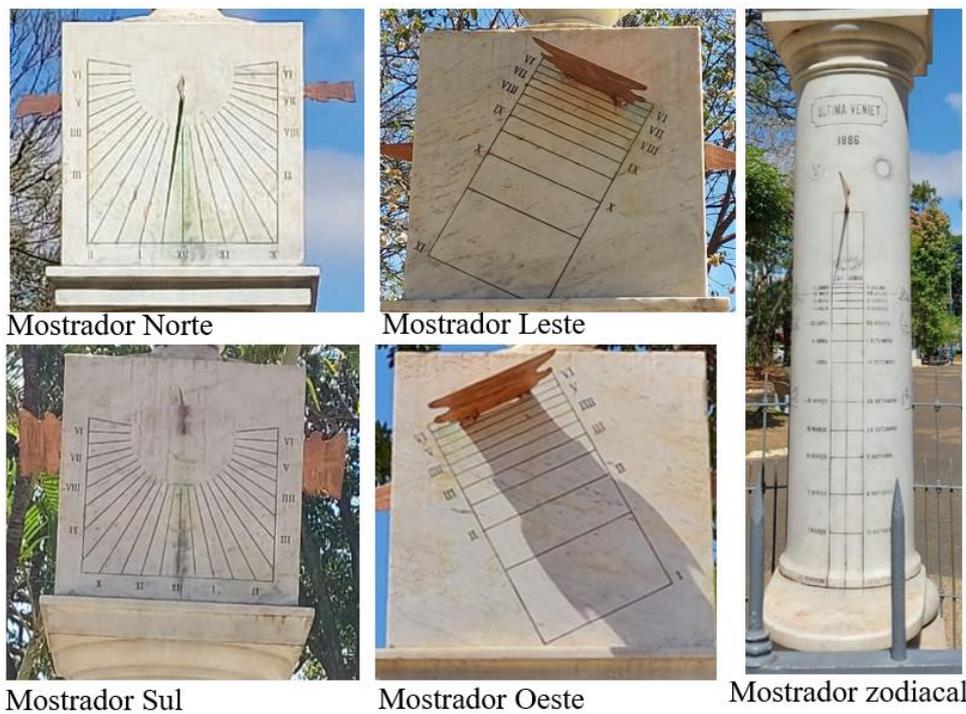
O cenário parecia propício para o funcionamento de um relógio de Sol. Chama a atenção o fato de se tratar de um artefato que compôs a praça central da cidade antes mesmo da igreja da matriz. Um objeto de mármore branco que se destacava em meio a paisagem descampada da cidade e que assistiu o desenvolvimento material do entorno, como sugere a imagem mais recente.

Figura 40 – Relógio de Sol vertical projetado por frei Germano de Annecy instalado na cidade de Franca. Foto de 2022



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 41 – Relógio de Sol de Franca por seus componentes. Foto de 2022.



Fonte: acervo pessoal.

O relógio de Sol instalado na cidade de Franca pode ser compreendido como um artigo de luxo que informava a hora e a posição da Terra na esfera celeste para a população francana a partir das dinâmicas de seus componentes, quadrantes e mostrador zodiacal.

O mostrador norte, marca o horário das 9 até às 16 horas e deve ser utilizado de 3 de janeiro a 13 de dezembro. Já o mostrador sul marca as mesmas horas, devendo ser utilizado de 13 de dezembro a 2 de janeiro. Já os mostradores leste e oeste marcam respectivamente as primeiras e as últimas horas do dia e devem ser utilizados durante o ano todo. Na esfera, frei Germano representou a declinação angular de Franca em relação à esfera celeste. Já na pilastra, o capuchinho deixou representado um mostrador zodiacal, devendo ser utilizado sempre ao meio-dia. A projeção da sombra no artefato, como já discutimos aqui em outra circunstância, indicaria a casa do zodíaco para se referir a posição do planeta na esfera celeste em determinada época do ano.

A partir do início da segunda década do século XX, o relógio deixaria de ser utilizado para ajustar as horas dos relógios dos francanos em razão da inauguração do Observatório de São Paulo e do melhoramento dos sistemas de comunicação que permitiam a difusão e a comunicação da hora-legal via telégrafo e rádio.

Mas, o fato esteve longe de ser um ocaso para o artefato que tinha potencial, ancoragem simbólica para se manter partícipe do cotidiano e da identidade do francano.

Em 28 de novembro de 1929 foi inaugurada a placa a seguir.

Figura 42 – Placa em memória da projeção do relógio de Sol de Franca



Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Franca (AHMF).

A data é simbólica, aniversário de 90 anos da criação da comarca de Franca, a mensagem também situando, para além do auxílio e da adesão do povo ao custeio do projeto, uma associação direta entre o povo francano e o capuchinho em questão. Tal

placa reveste de conteúdo identitário, constituindo uma memória coletiva entorno de um artefato que é a materialização de um saber-fazer instado na longínqua Savóia.

Trata-se de um *lugar de memória* para os francanos. Um artefato que cristaliza um resíduo dos saberes e práticas de frei Germano e que funda representações de uma memória partilhada. Um lugar de memória que se oferece “à mais sensível experiência, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração”. A colocação da placa aponta para uma consciência comemorativa em meio à força desagregadora da aceleração da história da qual nos fala Nora (1993). No artefato destacado sobressai uma dinâmica material, simbólica e funcional, que operam simultaneamente, mas em graus diversos. De acordo com Nora, um lugar de memória é aquele em que a sua materialidade é investida de uma áurea simbólica que cristaliza a lembrança e permite sua transmissão. Um elemento revestido de vontade de memória, cujas apropriações e reapropriações investem o presente e projetam para o futuro para uma maioria da população uma experiência vivenciada por um pequeno grupo de francanos num dado momento de sua história.

O reconhecimento oficial dessa memória ocorreu no dia 8 de março de 1972 quando o Relógio de Sol foi tombado pelo CONDEPHAAT corroborando a inserção sociocultural desse artefato postado na praça da matriz da cidade. O tombamento com o entusiasmo de José Chiachiri, Delegado do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico que no ano de 1969 recomenda e solicita o tombamento do monumento junto ao órgão competente.

Em fevereiro de 1972, a secretaria-executiva do CONDEPHAAT, considerando as ponderações explicitadas por Chiachiri que reforçava a qualidade estética do artefato, sua raridade e dimensão representativa por ter sido “construído com a ajuda do povo” informava que: “a Comissão Técnica de Estudos e Tombamento ressalta o seu valor artístico, precisamente porque foi construído em mármore branco de Carrara e se constitui, como já foi evidenciado, um dos dois únicos exemplares existentes no mundo” (CONDEPHAAT, 1984, pp. 12-13).

O artefato em questão, além de tensionar a representação de uma memória coletiva local exerce ainda um poder de atração derivado de seu potencial turístico como atesta curiosa publicação realizada no ano de 1981 pelo *Diário da Franca*:

Um amigo motorista da praça, cujo ponto é na praça N.S. da Conceição, comentou: “nesses dias de feriados prolongados, nós assistimos aqui do ponto, a todo instante, dezenas de pessoas (certamente turistas) visitando o “Relógio de Sol”. Tem momentos em que a aglomeração é

tanta que chega a chamar atenção (*DIÁRIO DA FRANCA*, 05/03/81, p. 8).

O excerto acima atesta que o relógio de Sol tinha seus dias glória garantidos pelos seus recursos estéticos e tecnicocientíficos. Provavelmente, o relógio era alvo de excursões escolares e outros curiosos. Um poder de atração certamente percebido pelos munícipes e pelos gestores culturais da cidade.

Em 1983, o relógio de Sol ganha mais um reforço simbólico à sua condição de patrimônio cultural da cidade. O Departamento de Educação e Cultura da cidade torna o relógio de Sol um troféu, o principal da cidade, e passar a demandar a fabricação de miniaturas para homenagear os francanos. A esse respeito, o *Diário da Franca* publicou: “Do monumento excêntrico, no sentido de original e raro, o nosso relógio do sol de repente transcende a essa qualidade e ganha foros de símbolo” (*DIÁRIO DE FRANCA*, 12/06/1984, p. 2). Na sequência, informa a publicação que, para aquele ano de 1984 “Os símiles [...] estão sendo confeccionados, com capricho e arte, inclusive com acabamento em pirogravura por alunos da Escola Municipal “Antônio Sichienolli”, apoiados em seu trabalho artesanal, pela Prefeitura de Franca (*DIÁRIO DA FRANCA*, 12/06/1984, p. 2).

Imagino que essa teria sido uma excelente oportunidade em se aliar cultura histórica e científica. Seja como for, em sua trajetória o artefato atravessou e atravessa momentos de vicissitudes quando foi alvo de pichação e vandalismo que resultou também na torção de suas hastes (*DIÁRIO DA FRANCA*, 25/12/1993, p. 1) e no furto de todas as suas placas ocorrido em agosto de 2021 (FRADIQUE, 2021). Além disso, em 2017, uma tempestade derrubou uma árvore de grande porte que em sua queda acertou o quadrante, desmantelando o relógio, tirando-lhe muitas lascas. Condição em que permaneceu por quase dois anos até que se desse entrada, fizesse licitações e se efetivasse todo o restauro da peça (OLIVEIRA, 2020, p. 2).

Em 6 de dezembro de 2019 o processo de restauro foi finalizado e o artefato foi devolvido à cidade. Se antecipando à cerimônia de inauguração, o portal *GCN* (1/12/2019, s.p.), interessado no relógio de Sol de sua cidade, pontuou: “Ícone da cidade há 132 anos, patrimônio histórico tombado e objeto de admiração de incontáveis cientistas e historiadores, o Relógio do Sol, além de ser uma espécie de “mascote”, é também motivo de orgulho para os francanos.” A compreensão desse artefato como “mascote” e “motivo de orgulho” apresenta fator de pertença e identidade. Embora seja inusual, gostaria de apenas de ilustrar desse portal de notícias com base na análise dos dados presentes no site

*tripadvisor*²²¹. Com a tag “Franca”, o relógio de Sol de Frei Germano de Annecy, com 132 comentário é o item cultural mais comentado da cidade, atrás somente de dois *shoppings centers*. Desses comentários, 72 receberam a classificação “Excelente”, 26; “Muito Boa”; 27, “Razoável”; 4, “Ruim”; 3, “Horrível”. Dos comentários agrupados entre ruim e horrível, dois queixavam-se do estado de conservação, enquanto para os outros 5, o artefato seria “tedioso” ou “não tinha nada demais”. Apenas a título de exemplo, selecionamos algumas frases presentes nas avaliações positivas: “Sempre amei esse relógio do sol [...] É um ícone da cidade”; “o Relógio do Sol na Praça da Matriz da cidade de Franca/SP é incrível”; “É também educativo para crianças aprendem a relação entre o Sol e a Terra”; “No centro da praça Nossa Senhora da Conceição, este monumento único no Brasil, tendo apenas mais um na França”; “Excelente, simples e funcional! Grata surpresa. Bem no meio da praça central da cidade, conferi a hora e estava corretíssima”.

O relógio de Sol de frei Germano alocado na praça da matriz de Franca é também um lugar de saber pois cristaliza uma sequência intelectual de gestos e cálculos que comunicam uma arte em que elementos estéticos, técnicos e científicos aparecem fundidos e, no caso desse artefato, continuam a reverberar ainda hoje a partir de uma dupla dinâmica: uma mais geral referente à presença de conteúdos relativos à Astronomia nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) e na Base Comum Curricular (BRASIL, 2018), bem como, num plano mais específico e local como disparador social do interesse pela história, pela técnica e pela ciência de frei Germano, porque é a materialização de um saber-fazer que media cadeias operatórias e saberes tradicionais e científicos (JACOB, 2012).

Instigado pela potencialidade estética, artística, histórica e tecnocientífica desse artefato, o professor Carmelino Corrêa Júnior escreve em 14 de julho de 1957 para o jornal *Comércio da Franca* um artigo de três páginas intitulado o “O gnomo de Frei Germano”, um texto “dedicado aos estudantes de Franca” (CORRÊA JÚNIOR, 14/7/1957, p. 250). O autor justificava a escrita de seu artigo argumentando que era para que fossem “divulgados popularmente os significados histórico e científico do referido gnomo” (CORRÊA JÚNIOR, 14/7/1957, p. 251).

Corrêa Júnior abordou o artefato em seus aspectos históricos, tratando da figura de frei Germano, de sua história no império e, em particular, em Franca, bem como, analisou questões técnicocientíficas circunscritas ao artefato, traçando uma história geral

²²¹ O site *tripadvisor* foi acessado no dia 23 ago. 2022.

do relógio de Sol, afunilando a ótica para discutir questões pertinentes ao relógio francano, cada um dos seus quadrantes, o modo de ver corretamente as horas, a hora média, os símbolos do zodíaco, as estações do ano, além disso, realizou uma espécie de “engenharia reversa” para tentar compreender e revelar as cadeias operatórias subjacentes à projeção desse artefato. De acordo com o autor, frei Germano

1. Determinou a latitude de Franca, no local do gnomo;
2. Determinou e traçou o meridiano de Franca, no mesmo local;
3. Talvez teria determinado a inclinação magnética de Franca em 1885;
4. Corrigiu os erros que resultariam da refração magnética;
5. Calculou as posições do Sol na eclíptica para desenhar o mostrador correspondente;
6. Calculou as duas passagens do Sol pelo zênite de Franca, para desenhar os quadrantes Norte e Sul;
7. Determinou a posição relativa da esfera celeste para a colocação do globo correspondente (CORRÊA JÚNIOR, 14/7/1957, p. 251).

E, para finalizar o artigo: “há, como se vê, tanta coisa interessante no relógio de Sol da praça N.S. da Conceição, que o torna digno da curiosidade dos estudantes francanos.” (CORRÊA JÚNIOR, 14/7/1957, p. 251). Corrêa Júnior realiza um passo a passo das ações intelectuais que frei Germano teria estabelecido na execução de seu projeto e imediatamente ressalta o apelo com que os aspectos estéticos e técnicos do artefato podem atrair atenção para a contemplação e para o estudo de tópicos da Astronomia de posição.

A utilização desse artefato como material didático, como um objeto mediador do ensino é sugerida, por exemplo, no artigo *O ensino interdisciplinar de Matemática e Ciências: um estudo do Relógio de Sol da cidade de Franca* (2008), no qual os autores Marangoni, Geron e Coelho, apresentam um histórico do Relógio de Sol de Franca, seu funcionamento com o intuito de facilitar a compreensão dos alunos acerca dos conteúdos de ciências e matemática. Nas palavras dos autores:

Para facilitar o aprendizado e dirimir dúvidas que os alunos possuem tais como: a causa da ocorrência dos dias e noites; das estações diferenciadas no ano; dos diferentes climas que ocorrem no globo terrestre; dos diferentes fusos horários entre alguns países e qual a razão dos polos da Terra serem congelados, decidiu-se usar um instrumento utilizado há milhares de anos na orientação geográfica e na marcação do tempo, trata-se do relógio solar, verdadeiro laboratório a céu aberto (gnômon). Este estudo diz respeito à questão do ensino interdisciplinar entre a Matemática, Geografia, História e Ciências no ensino fundamental e médio por meio da observação do relógio de Sol da

cidade de Franca e da construção de um relógio de sol na escola (MARANGONI; GERON; COELHO, 2008, p. 1).

Sim, o artefato apresenta essa faceta de material didático, de objeto e fonte de conhecimento postado em ambiente informal aguardando quem faça dele um mediador cultural para uma plateia reunida para estudá-lo ou apenas para obter informações a seu respeito.

Mas, além disso, trata-se de um material colocado em praça pública atraindo curiosidades despreziosas e em menor escala despertando interesses, estimulando imaginação e instigando projetos imprevisíveis. Trata-se de um material que é produto e vetor das relações sociais, um artefato com potencial de atrair a curiosidade e disparar a vontade de conhecimento científico.

Foi assim que um personagem muito conhecido da história de Franca, o Jubileu Ferreira dos Santos, o “Jubileu do amendoim”, falecido em 2014, se viu seduzido pelo artefato da praça. No ano de 1979, produziu uma réplica pesando 36 quilos que ficou exposta na cidade em razão da comemoração da Semana da Pátria. Na ocasião, disse Jubileu: “eu nem dormia direito pensando um dia construir a cópia do famoso relógio” (*DIÁRIO DA FRANCA*, 7/9/79, p. 3). De acordo com seu depoimento prestado para o Museu da Pessoa, Jubileu

Vendia amendoim na Praça Nossa Senhora da Conceição, onde brincava e fazia seu trabalho. [...] Um dia, sentado aos pés do Relógio do Sol, começou a admirá-lo e seu interesse aumentou a cada dia. Assim, de repente, foi tomado por um ímpeto, foi até o Bar Barão e começou a desenhar e estudar. Foi em busca do ponto mais alto, munido de uma bússola e começou a marcar o chão, na procura do norte verdadeiro, não o norte magnético. Abria-se assim o início de uma nova fase de sua vida. [...] Jubileu costumava dar réplicas do Relógio do Sol de presente aos artistas que vinham à cidade. Fez cinco relógios de sol que estão nas cidades de Águas da Prata, Limeira - no Colégio Jandira na Rua Barão do Cascalho, Guairá e dois estão em Franca, um no Castelinho e outro na Franca. Seus relógios são feitos de mármore que vem do Espírito Santo. Fazendo Relógios do Sol e vendendo seus amendoins, Jubileu continua nos brindando com sua arte e seu trabalho (MUSEU DA PESSOA, 2004).

Os relógios de Sol produzidos Jubileu foram inaugurados em Franca em meados da década de 1990. Jubileu narrava que passou a se interessar pelo relógio de Sol projetado por frei Germano quando era ainda garoto. Numa ocasião em que vendia doce pela cidade, um judeu teria ensinando-lhe a ler as horas, ou melhor, a observar depurando sua percepção para decodificar os sinais emitidos pelo teatro das sombras nos mostradores

do relógio. Para encerrar esse assunto, pode-se dizer que o relógio de Sol de frei Germano de Annecy é o grande gerador de interesse sobre a história de sua pessoa.

Tal materialidade instigou ainda a curiosidade de dois francanos José Chiachiri que dá nome ao museu da cidade e o advogado João Nascimento Franco. Foi João Nascimento quem iniciou uma troca de cartas entre 1998 e 1999 com frei Bétemps, então arquivista da ordem. Por intermédio desse capuchinho, os francanos obtiveram documentos importantes tais como a cópia do necrológio e da cópia da certidão de nascimento de frei Germano, a carta de frei Vincent que estivera abordo do navio *Bearn* junto de frei Germano e a carta de frei Fiel do Morro do Castelo no Rio de Janeiro que narrou a passagem de frei Germano por lá no ano de 1890. A documentação permitiu conhecer o nome civil de frei Germano, bem como os de seus pais e de sua avó paterna. Foi por meio desse esforço que se descobriu que frei Germano foi sepultado em Salvador e não no mar, como se pensou por muito tempo. Em contrapartida, os francanos forneceram recortes de jornais, fotografias, xerox de trechos de livros e a íntegra do processo crime aberto por ocasião do roubo dos pertences de frei Germano. Pode-se dizer que o trabalho desses dois francanos constituiu o dossiê de frei Germano hoje presente no Arquivo dos Capuchinhos na França.

Além disso, o interesse e a investigação a respeito de um frei Germano histórico motivaram João Nascimento a viajar para Annecy buscando se encontrar com seu objeto de pesquisa. Para sua surpresa e espanto, João Nascimento se deparou com um relógio de Sol vertical colocado numa das extremidades do lago. Seu construtor? Frei Arsene, outro capuchinho! Essa coincidência, entre a existência de um relógio de Sol em Franca, produzido por um capuchinho de Annecy e a presença de um relógio de Sol em Annecy, projetado também por um capuchinho, motivou esses dois francanos.

Figura 43 – L’unique, relógio de Sol vertical projetado por Frei Arsene, em Annecy



Fonte: Isler (2003, p. 7).

João do Nascimento se deparou com um relógio de Sol formado por uma curiosa estrela de 7 pontas utilizadas para ver com precisão as horas do dia conforme a época do ano. Os dois relógios de Sol, de Annecy e de Franca, além de terem sido projetados por capuchinhos, apresentavam ainda algumas semelhanças técnicas.

José Chiachiri em *O Sol marca o tempo também em Annecy*, artigo publicado no jornal *Comércio da Franca* em 29 de março de 1998, comentou que

Em Annecy, o tempo também é contado pelo sol. Lá, há um gnômon diferente do nosso quanto à sua forma, mas muito semelhante na técnica usada para a sua construção. [...] São evidentes as diferenças plásticas entre o gnômon de Frei Arsênio e o de frei Germano. O primeiro caracteriza-se por suas formas quadradas e linhas retas. O segundo por suas linhas sinuosas. Porém, os dois funcionam na mesma maneira e nos dão os mesmos resultados e informações (CHIACHIRI, 29/3/1998).

A constatação de que esses artefatos compartilhavam algumas semelhanças técnicas, que emergiram de contextos culturais e geográficos comuns, associada ao fato de ambos terem sido produzidos por homens da mesma ordem religiosa pressionava a razão e o imaginário a suporem vínculos entre esses freis relojoeiros. Não por acaso, Chiachiri especulou, “É quase certo que frei Germano tenha sido seu discípulo e, por conseguinte, dele tenha aprendido a técnica da construção do relógio solar. Esta suposição foi levantada pelo próprio padre Francis Betemps”.

As lacunas encontradas na documentação que eles tiveram acesso não os permitiu avançar para além dessa hipótese coerente. No entanto, a busca conduzida por João

Nascimento contribuiu para dirimir e combater lendas urbanas. Ainda de acordo com Chiachiri,

Por muitos anos ouvia-se dizer em Franca que igual ao nosso no mundo, o qual (feito também por frei Germano) se encontrava em Annecy. Com efeito, o fato pode ser esclarecido graças ao Dr. João Nascimento Franco [...]. Acresce-se ainda mais que o relógio de Annecy não é de autoria de frei Germano e, sim, dum outro frade capuchinho de nome Arsênio (CHIACHIRI, 29/3/1998).

Desfeito o equívoco, permanecia, porém o desejo desses francanos em estreitar vínculos entre as cidades de Franca e de Annecy em razão dos aspectos simbólicos mediados por esses artefatos. Em 30 de junho de 1999, João Nascimento Franco publicou no jornal *Comércio da Franca* o artigo “Franca e Annecy, cidades irmãs”. Nele, o autor detalhou sua pesquisa e se seus achados mediante o contato com padre arquivista Bétemps. Ao final do artigo, ele menciona:

o professor Chiachiri sugere que sejam declaradas cidades-irmãs Franca e Annecy. De pronto aderi à sugestão e, numa de minhas viagens a Annecy obtive, além do apoio de Père Bétemps, informações junto à Mairie sobre o procedimento para a “jumelage” das duas cidades. Essa confraternização será homenagem maior à memória de frei Germano (FRANCO, 30/06/1999, p. 3)

Os francanos pretendiam sacramentar o inegável vínculo entre essas cidades buscando legitimá-lo através de uma política de cultura oficial envolvendo as prefeituras das duas cidades no processo de “jumelage”, de gemação, tornando-as “irmãs”. Até onde se sabe, o processo não foi para a frente.²²²

Àquela altura, nenhum dos envolvidos nessa história poderia imaginar que os relógios de Sol presentes em ambas as cidades faziam delas ainda mais próximas do que se supunha e isso em razão dos laços consanguíneos de seus artífices. José Chiachiri e João Nascimento desconheciam que frei Germano de Annecy era um primo mais novo de frei Arsene. Constatação produzida a partir da reconstituição de parte da árvore genealógica de frei Germano utilizando seu nome civil: Claude Charles Marion. Procedimento já apresentado no primeiro capítulo. Como já expus, suponho que entre frei

²²² Uma consulta no site da prefeitura de Annecy permite constatar que a cidade concluiu três processos de gemação, respectivamente com Cheltenham, na Inglaterra, em 1956, Bayreuth, na Alemanha, em 1966, Vicenza na Itália, em 1995. Como se pode notar, nenhuma menção à Franca. Informações consultadas em: <<https://www.annecy.fr/89-les-jumelages-de-la-commune-deleguees-d-annecy.htm>>. Acesso 23 jul. 2022.

Arsene tenha sido um mentor para frei Germano em razão de ser mais velho, de ter entrado antes para OFMcap e de ter, ao menos, um manual de projeção de relógio de Sol destinado ao seu uso pessoal.

A primeira conclusão que se depreende da relação entre frei Germano e frei Arsene é que ela foi marcada pela cooperação e influenciou na formação de um gosto pela projeção de relógios de Sol desenvolvido ainda quando frei Germano se encontrava na Savóia. Porém, além desse aspecto, possível supor que entre os dois também se desenvolveu um espírito competitivo ainda que estivessem a um oceano de distância. Sabemos que, ao menos uma vez, frei Arsene esteve no império brasileiro. Frei Generoso, por meio de uma nota lacônica menciona que na manhã do dia 13 de outubro de 1873 “padre Eugênio, padre Germano e irmãs Fél. e Arsene, foram para Itu” (RUMILLY, s.d., 107).²²³

Ora, a despeito da falta de informação inferimos que se frei Arsene estava com frei Germano e frei Eugênio de partida para Itu, eles só podiam estar saindo do Seminário Episcopal. Não sabemos quanto tempo permaneceu no Seminário ou mesmo na província de São Paulo, não temos a data de seu retorno para Savóia, porém, se esteve no seminário contemplou a enorme projeção de relógio de Sol mural estampado na parede da instituição. O relógio projetado pelo seu primo era maior do que qualquer relógio que ele tinha projetado até então.

Três anos mais tarde, em 1874, já em Annecy, frei Arsène inaugura às margens do lago sua obra-prima, um relógio de Sol vertical que ele batizou, numa clara provocação, de *L'unique*. Arsene falece quatro anos mais tarde, em 1878, sem ver frei Germano inaugurar sua obra-prima em 1886: um relógio de Sol vertical, riscado em mármore de Carrara. Um artefato que se tornaria suporte de memória coletiva entre os francanos.

Frei Germano, a exemplo de seu primo, pouco contemplou seu feito, acabou falecendo cerca de 4 anos após a montagem de seu relógio. Ele parecia traduzir esse momento na seguinte epigrama: “Ó caminantes que passais despreocupados por esta vida, atentei que a última hora há de chegar. Estais preparados para enfrentar a eternidade?”

Estaria frei Germano se preparando para entrar na eternidade?

²²³No original: “Ce matin P. Eugène, P. Germain et les SSrs. Fél. et Arsene sont partis pr Itu.”

Conclusão

Essa é uma história da ciência e de seu ensino. Uma história que abordou a circulação de saberes, de práticas e artefatos, lidou com acasos, com polos geradores e resultados imprevisíveis. Contá-la por meio da biografia de frei Germano de Annecy (1822-1890), um capuchinho que não seguia estritamente a ortodoxia, foi particularmente desafiador porque sua história articula sucessivos contextos e com a recusa de explicações deterministas, pois lida com singularidades e possibilidades operadas nas contradições dos sistemas normativos que os estruturam. Uma história localizada nas minúcias e que considera o que é menos frequente e menos típico.

Frei Germano de Annecy escapa às classificações fáceis porque é sujeito representativo de sua ordem, mas que segue também as suas escolhas e constitui um grupo minoritário dentro da minoria de clérigos que realizaram alguma atividade científica no século XIX. Ele era originário de uma família humilde, não estudou em seminários – instituições onde seria mais propício o desenvolvimento de um gosto pelas ciências entre os clérigos – e prescindiu do recurso da apologética para revestir de significado seus saberes e práticas. Sua história desestabiliza os modelos homogêneos explicativos dos processos de secularização, pois caminha entre as fronteiras porosas que separam os territórios institucionais das ciências e da Igreja Católica que vão se estruturando ao longo século XIX, história da qual ele também é construtor.

Esse trabalho encontrou sua possibilidade de realização sob a orientação teórico-metodológica de uma micro-história que desconfia das regularidades e padrões para fazer emergir o descontínuo e tornar evidente aquilo que é saliente por meio de um jogo de reduções de escala, que se encontram nas peculiaridades do objeto de estudo. Uma pesquisa que mobilizou os recursos da cultura material associada a uma antropologia dos saberes para narrar a história de um frei que praticou a cultura experimental, que era, sobretudo, um observador do tempo e do espaço e cujas práticas interferiram no espaço escolar do Seminário Episcopal tornando-o constituidor de um programa de saber na área da Astronomia e da Meteorologia, que apresentou diversas implicações sociais e contribuiu para conferir estima e prestígio ao seu idealizador.

O compasso cronológico da história de frei Germano de Annecy abre-se antes de seu nascimento e parece não se fechar após a sua morte. Sua história está intimamente ligada às paisagens culturais da Savóia, esse território localizado na periferia do Reino do Piemonte-Sardenha, de fronteiras apenas tardiamente definidas, que em razão da Reforma

Religiosa Católica do século XVI se converteu numa “zona de bloqueio”, especializada no combate à disseminação do protestantismo, e que fez da cidade de Annecy, antiga sede do bispado, um posto avançado do catolicismo romano na região. Lugar que reverberou nos séculos seguintes o catolicismo ante a emergência de sentimentos antirreligiosos que se espalharam por algumas cidades da Savóia no decurso dos séculos XVIII e XIX.

Pela análise, vimos que a história de frei Germano se ligou também às forças desagregadoras da industrialização de Annecy que se fez à custa da destruição de antigas formas de trabalho e tornou a cidade um polo de atração de fluxos migratórios situados nos vilarejos da região, como são os casos das famílias de seus progenitores, Lacombe e Marion. Oriundo de uma família católica e humilde, formada por uma dona de casa e um chapeleiro, marcada pela carestia material que se exprime na baixa expectativa de vida de seus familiares, frei Germano encontrou na OFMcap de Savóia, um local para fruir sua vocação e se refugiar das instabilidades socioeconômicas daquele mundo, seu contemporâneo.

O estranhamento de estarmos diante de um frei cujos saberes, práticas e agenciamentos redundaram na organização de Museu de História Natural, Gabinete de Física, no primeiro Observatório do tempo e do espaço da Província de São Paulo com uma produção mais significativa de dados quantificáveis do clima e dos astros e na constituição inusual de um alunado para as ciências logo no início da segunda metade do século XIX, nos levou a perscrutar o desenvolvimento de seus gostos pelas diferentes ciências que também se constituíam.

Inicialmente, a pesquisa foi orientada aos estudos sobre a história dos capuchinhos de Savóia. Foi imaginado encontrar na documentação referente à ordem, as explicações para os questionamentos do estudo, vestígios foram buscados em milhares de folhas avulsas, manuscritas e textos de historiadores da Ordem. Foi visto uma ordem que enfrentou dificuldades materiais, políticas e de recursos humanos para efetuar seus processos de Restauração no período pós-revolucionário francês. Em meio às regras, ordenamentos, prescrições, sermões, relatos, processos de secularização, cartas motivadas por assuntos diversos foi encontrado um manual de projeção de relógios de Sol destinado ao uso de frei Arsene. A atenção se concentrou na análise desse vestígio que alude conhecimentos tecnocientífico, astronômicos, matemáticos e históricos e que se revelou um elo entre uma paisagem cultural marcada pela disseminação de relógios de sol impulsionada pela expansão das ordens religiosas na região. Um artefato com ares de sacralidade que se popularizou no mundo católico a partir da regra de São Bento,

promulgada no século VI, que definiu uma liturgia católica com base na instituição das horas canônicas. Seduzido pelo poder de atração dos relógios de Sol murais, que ainda hoje estampam a região da Savóia, frei Germano encontrou em seu primo, frei Arsene, um grande mestre no ofício, um mentor.

Mas, as lacunas e o silêncio da documentação pertinente aos capuchinhos de Savóia com relação a outras áreas das ciências fazem constatar que a ideia de uma filosofia experimental estava longe de ser uma prioridade da ordem, mais ocupada em consolidar seus processos de restauração. Essa constatação impôs limites e impediu um caminho fácil para este estudo.

A possibilidade de explicar frei Germano não se encerrava nos conventos dos capuchinhos, mas começava a partir deles. Ao estudar os processos de restauração dessa Ordem em Savóia, foi percebido que havia uma íntima ligação entre eles e o bispado de Chambéry que manifestava o objetivo de utilizar a conduta moral e disciplinar dos capuchinhos como exemplo para os padres seculares. O que torna essa história particularmente interessante é que o movimento restaurador cuja expressão é o Congresso de Viena (1814-1815), se fez acompanhar do restabelecimento da Igreja Católica como agente daquele Estado sardo na Savóia. Sacerdotes como Allexis de Billiet, Chamousset e Rendu buscaram dotar Chambéry com equipamentos culturais destinados à produção e difusão do conhecimento experimental. Ao lado do Seminário de Chambéry que já reservara um espaço para o ensino dos conhecimentos experimentais, houve a fundação da Sociedade Real Acadêmica e da Sociedade de História Natural que se fez acompanhar de um Museu de História Natural. Ambas as instituições reuniam religiosos e leigos entre seus associados e fazem parte do histórico que se constituiu pela designação “ciência”.

Elas devem ser compreendidas no contexto de expansão das ciências, mas não apenas. Savóia era um território periférico no Reino do Piemonte-Sardenha e setores do clero secular ali instalados se imbuíram da tarefa de fomentar a produção e a circulação dos conhecimentos científicos com o intuito de aprofundar o conhecimento local e promover uma aplicação utilitária dos saberes com vistas a desenvolver a economia da região. Ao mapear os trabalhos da Sociedade Real Acadêmica é possível ver que suas publicações eram ecléticas, mas que reservavam espaços para trabalhar conteúdos ligados à História Natural, à Meteorologia e à Física que, de maneira geral, se apresentavam como fatores preponderante para se conhecer a mineralogia, a fauna, a flora, o clima regional entre outros elementos associados ao desenvolvimento agropecuário e industrial local.

O interesse de frei Germano se gestou articulando as possibilidades disponíveis dentro e fora dos conventos dos capuchinhos, aproveitando-se também de uma ambiência criada pelo bispado da região, pelo clero secular. É possível perceber que foi um autodidata se desenvolvendo nas horas vagas, num intervalo entre um exercício espiritual e outro, talvez como lazer e alívio da austeridade da regra.

O modo como os saberes circulam a partir de polos geradores e florescem em novos lugares, por vezes, podem assumir itinerários impensados e imprevisíveis. Em retaliação à participação do clero nacional em movimentos sediciosos e num gesto de adesão momentânea, o dom Pedro II nomeou bispos ultramontanos como é o caso de dom Antônio. Foi dado início a uma reforma religiosa ultramontana, “romanizante”, que refletia o modo como a Igreja, num plano geopolítico, enfrentou um conturbado período no século XIX que implicava na perda de hegemonia política dentre às nações ocidentais.

Tal reforma retomava princípios do Concílio de Trento que, não por acaso, inspiravam o movimento restaurador dos capuchinhos de Savóia. Entretanto, no sentido de mantenedores do Seminário Episcopal, eles sequer haviam sido cogitados por dom Antônio, bispo de São Paulo. Após suas tentativas frustradas de atrair os jesuítas e os lazaristas, o papa Pio IX determinou que os capuchinhos de Savóia assumissem a missão. Tratava-se também de tentar protegê-los das dificuldades que a ordem enfrentava na década de 1850 em razão do avanço dos liberais no Reino do Piemonte-Sardenha.

A pesquisa verificou que a vinda dos capuchinhos resultou de uma confluência de fatores desconexos, mas articulados pela Cúria romana em razão de sua presença mundial e por interesses missionários. A presença de frei Germano de Annecy entre o corpo docente do Seminário Episcopal de São Paulo apresentou resultados que excederam os objetivos da reforma a que se prestava a instituição.

Com os capuchinhos veio um sujeito que atuava com a cultura experimental e era, sobretudo, um observador da natureza, do clima e dos astros. Quando ele chegou, apenas uma parte do seminário estava construída, faltava construir uma segunda parte. Embora, nenhum outro religioso capuchinho seja lembrado naquela instituição por aptidões e práticas semelhantes às de frei Germano, ele encontrou um ambiente favorável para intervir no espaço do seminário. Além de organizar um Museu de História Natural, que não necessariamente foi explorado, por questões de documentação, e coleção de Física, frei Germano agiu para implementar nos espaços do Seminário os seus observatórios. Estes lugares de saber eram o belvedere e no relógio do Sol mural, associados a um

conjunto de instrumentos formados por lunetas, higrômetro, termômetro, anemômetro e barômetro.

Frei Germano de Annecy foi a vitrine científica do Seminário Episcopal na São Paulo da segunda metade do século XIX. Adepto de uma ciência demonstrativa, o capuchinho realizou apresentações de energia elétrica, com luz elétrica em diversas datas, festivas, comemorativas, cívicas ou religiosas comunicando visualmente conteúdo científico a um público heterogêneo. Eram momentos recreativos para um público de não *experts*. Porém, suas práticas foram fundamentais para constituir e manter um alunado em suas aulas de Física ao longo de todo o período em que foi professor do Seminário Episcopal. Trata-se de algo que não é corriqueiro, pois naquela época o ensino era propedêutico e os conteúdos dessa matéria não eram cobrados nos exames de preparatórios. Quem escolhia cursar Física, o fazia por deleite, pelo prestígio de seu professor, e para satisfazer a curiosidade intelectual que os saberes e as práticas de frei Germano despertavam.

Paralelamente a essas atividades, a organização de seu observatório do tempo e do espaço sideral também concorria para a atração de alunado. Seus componentes materiais, relógio de Sol e belvedere, constituíam um programa de ensino da Astronomia que favorecia a observação do céu noturno, mediada pelas estrelas e constelações, e do céu diurno, verificada por meio das sombras projetadas no quadro-horário do relógio de Sol. Trata-se de um sujeito indiscutivelmente observador, lembrado por designar com competência as constelações em qualquer época do ano, e que projetou materialidades para favorecer justamente a observação, decorre disso que a relação entre professor e aluno no âmbito de uma educação dos sentidos concorre por inserir os seminaristas numa cultura de observadores capazes de depreender diversas informações a respeito do movimento aparente do Sol. À observação dos astros se somava a do clima. Suas observações periódicas junto aos seus instrumentos e a instalação de um anemômetro no belvedere também tinha o potencial de atrair um alunado para as aulas de Física.

A organização de seu observatório e os agenciamentos de frei Germano foram determinantes para a constituição de um alunado logo na segunda metade do século XIX. Mas, para além dessa relevância, seu espaço foi pioneiro na província que só teria um observatório público em fins da década de 1880. Ao longo dos 20 anos que esteve no Seminário, o frei publicou algumas observações de efemérides e centenas de boletins meteorológicos, estes se concentraram no jornal *A Província de São Paulo* entre os anos de 1875 a 1878, início das atividades do jornal e fim da era dos capuchinhos na instituição.

Nesses boletins não aparecia o nome de frei Germano, mas sim do Seminário Episcopal, algo que podia significar uma estratégia para beneficiar a instituição naqueles anos turbulentos, ou porque era um sujeito coletivo que não estava em busca de destaque da forma individualizada, ou mais, tratava-se mesmo da apresentação de um corpo da Ordem. A pesquisa concluiu que as publicações de frei Germano tiveram implicações diversas. Se os boletins não serviram propriamente à uma história do clima de São Paulo em razão das condições de produção e da irregularidade de suas publicações, elas certamente interessam à história da ciência. De modo geral, tais publicações dizem respeito ao aumento da veiculação de assuntos científicos nos jornais e para um público mais amplo. Além disso, seus conteúdos, apelando para uma linguagem técnica, desmistificavam, ou criavam novos significados das efemérides astronômicas. Faziam com que os leitores fossem enquadrados por suas percepções corpóreas, para adequar as sensações informadas pelos sentidos, a códigos culturais específicos da Meteorologia, fornecendo parâmetros científicos para interpretação do clima.

O observatório do Seminário Episcopal era um polo gerador de dados quantificáveis a respeito da natureza, disponíveis para serem apropriados em finalidades diversas. Suas publicações participaram da expansão de redes de observatórios no período imperial, além disso, foram utilizadas para dar a conhecer o clima da cidade e integrá-lo a dados enviados por observadores diversos, a fim de fornecer um panorama, ainda que parcial, do clima do país.

Em meio o ocaso dos capuchinhos na direção do Seminário no âmbito de uma reforma religiosa permeada por controvérsias, a figura de frei Germano foi preservada. Um dos momentos de ápice de seu prestígio teria sido convite realizado por dom Pedro II ao capuchinho para assumir a vice direção do IORJ.

Essa história ilustra bem o modo heterodoxo e flexível com que frei Germano conciliava as forças políticas e ideológicas em oposição presentes no império brasileiro naqueles tempos. De São Paulo, frei Germano mudou-se para as cidades de Uberaba e depois para a Franca. Em ambas, o capuchinho sempre esteve resguardado entre as alas monarquistas e conservadores, o que não significava uma adesão total e irrestrita a nenhum desses grupos. Tanto em Uberaba quanto em Franca, frei Germano foi também próximo a maçons como foi o caso de Augusto Cesar Ribeiro de quem foi professor contratado e amigo. A base de sua flexibilidade advinha do seu interesse em produzir e difundir conteúdos científicos, em reunir as potencialidades presentes em diferentes grupos em benefício de suas atividades.

Frei Germano de Annecy gozou da estima social que suas virtudes científicas lhe conferiram. Nas décadas de 1860 e 1870, seu nome pouco aparecia nas publicações dos jornais que veiculavam notícias de suas apresentações e ou observações. O frei era geralmente referido como “um dos professores”, “os sábios do Seminário”, “do Observatório do Seminário fomos informados...”. Uma indistinção normal, frei Germano era um capuchinho, um homem de grupo, cujo interesse pessoal mais imediato era fruir seu prazer e contentamento com a produção e difusão de saberes tendo como um dos resultados concorrer para a construção de uma imagem positiva do Seminário Episcopal dirigido pelos capuchinhos. Porém, a partir do final década de 1870, ele passara a ser referido frequentemente na imprensa como “sábio”, “inteligente”, “insigne”, “amigo do progresso” etc.

O Seminário Episcopal, pela natureza da instituição, por suas finalidades manifestas, sempre esteve envolvido direta ou indiretamente nas questões e disputas políticas do Império, fosse em razão de sua recusa à inspeção da província ou o vínculo imediato à reforma ultramontana. Ser uma peça da reforma romana conferia a imagem de atraso ao Seminário Episcopal matizada pelas ações de frei Germano de Annecy. A pesquisa contribuiu também para mostrar que apesar dos resultados alcançados pelos capuchinhos de Savóia na direção do Seminário Episcopal, a reforma conduzida nessa instituição derivou de um processo errático. A procura significativa por alunos durante toda a década de 1860 não deve escamotear as dificuldades em prover a instituição de mão-de-obra docente formada a partir de uma reunião de professores religiosos, regulares e seculares, de origens nacionais, diferentes. Às dificuldades de relacionamento se somaram as dificuldades financeiras agravadas com a queda na procura de alunos que faz parte de uma outra história a ser contada sobre essa instituição.

É provável que as dificuldades enfrentadas no plano interno, as adversidades atravessadas por frei Eugênio e por frei Generoso e o modo com que os superiores da OFMcap de Savóia lidaram com a questão parecem ter desagradado frei Germano. Além disso, frei Germano estava em busca de estabilidade e de uma vida menos ascética e regrada como parecem exprimir os conventos de Savóia.

A possibilidade de ficar no país derivou de seus agenciamentos e virtudes que ganhavam relevo uma vez que os saberes e práticas que ele propalava eram tidos como símbolos da modernidade e úteis à burocratização do Estado e ainda guardava afinidade com os gostos pessoais do imperador. Tratava-se de um observador, de um diletante, de um sujeito que agiu nos momentos que antecederam a consolidação do ensino de ciências

no currículo da escola e a institucionalização de órgãos estatais destinados a ofertarem uma produção regular e oficial de dados quantitativos a respeito do clima, por exemplo.

Frei Germano de Annecy construiu sua inserção social nos mais variados contextos por meio de suas virtudes científicas. Em Uberaba, testou sua estima social ao abrir uma subscrição para amealhar recursos entre os uberabenses de modo a comprar instrumentos e, assim, inaugurar um Gabinete de Física na cidade. Se colocando como um representante do mundo científico, foi docente de Matemática, Astronomia e Física, colecionou instrumentos de Física, organizou um observatório e durante quase cinco anos produziu boletins meteorológicos. Contudo, não ficou imune às disputas políticas na cidade que culminaram na sua saída.

Não tivemos acesso aos motivos reais ou aos atores sociais que obstaram sua presença em Uberaba, mas a sua ida para Franca legaria ao município um monumento que exprime seu talento de mestre relojoeiro, sua capacidade de mobilização reunindo entorno de seus projetos os católicos, os maçons e os ultramontanos, em suma, exercendo a sua estima social, para fins de trabalho e de permanência no quadro social da cidade. O relógio de Sol de frei Germano é a materialização de um esquema intelectual desenvolvido na Savóia que se cristalizou na paisagem cultural da cidade de Franca de fins do século XIX, tornando-se, talvez, um dos principais lugares de saber e de memória da cidade.

A aventura de produzir uma biografia histórica deriva de um processo imersivo nas fontes acompanhado de um contato frequente com um personagem que vai se tornando estranhamente íntimo sem deixar de ser distante. Trata-se de um canal privilegiado na reconstituição de uma época tanto mais significativo quanto a pluralidade de fluxos culturais, estruturas, contextos e conjunturas que a análise do objeto permite alcançar. Na produção desse trabalho, esforcei-me para tornar inteligível e explicar a vida de um desconhecido, a um só tempo produto e sujeito criativo e inventivo da história, ao qual, pouco a pouco me familiarizava e, na medida em que eu possuía o biografado, acabava também possuído por ele.

Nessa pesquisa, ganharam relevo os vestígios materiais que a ação dele nos legou, sobretudo, no Seminário Episcopal, onde se formou o primeiro observatório da província de São Paulo. Tais vestígios pareciam reclamar uma atenção especial em nosso trabalho guardando uma força geradora que já havia sido captada por Senna Freitas quando, ao produzir seu relato a respeito de frei Germano, informou

O pátio interior deste ginásio eclesiástico em cuja parede se vê ainda um gnomo por ele muito habilmente traçado, o jardim ante cujos canteiros se depara, sobre um pedestal, interessante relógio do Sol, por ele mesmo construído com suas escalas laterais em curiosíssimo quadrante, parece, reclamando agora o humilde filho de S. Francisco d'Assis, chamar por ele, fazer-lhe a autobiografia e opor-se a que a esponja indiscreta da morte apague seu nome da memória e da gratidão dos homens (FREITAS, 1890, p. 1).

O relato de Senna Freitas destaca o exercício de um sujeito observador do tempo e do espaço que reuniu um conhecimento acumulado de séculos de experiência de comunidades de observadores e que contribuiu para instituição daquilo que é científico, atuando paralelamente aos processos de institucionalização das ciências e de estabilização das disciplinas científicas na educação secundária, por meio de um observatório alocado em uma instituição ultramontana.

O trabalho de biógrafo aqui realizado não deixa de guardar analogias com o de realizar uma exumação do biografado, opondo-se “a esponja indiscreta da morte” para construir-lhe um novo túmulo, garantindo-lhe um lugar na intersecção da história da Igreja, das ciências e do ensino de ciências nesse país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha Campos. **O império do divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. 1996. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ALCÂNTARA, Lúcio. Padre Senna Freitas, um açoriano no sertão do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, v. 129, pp. 235-256, 2015.

ALFONSO-GOLDFARB, A. M., FERRAZ, M. H. M., FIGUEIRÔA, S. F. de M. Diffuser les sciences “dans un océan d’analphabétisme”: singularités brésiliennes. In: BENSUADE-VINCENT, B., RASMUSSEN, A. **La science populaire dans la presse et l’édition**: XIX et XX siècles. Paris: CNRS, pp. 225-236, 1997.

ALMEIDA, João José R. L. de. A luz como metáfora na teologia e na filosofia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 67, n. 3, pp. 43-47, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v67n3/v67n3a14.pdf>>. Acesso: 11 out. 2022.

ALVES, Márcia Cristina. **Observatórios do Brasil de Meados do Século XIX e Início do Século XX**: perspectivas de musealização. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) - UNIRIO-Mast, Rio de Janeiro, 2021.

ASSIS, Paula Maria de Assis. **A Educação dos Sentidos nas Escolas Maristas**: o Guide des Écoles. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

AUBIN, David. L’observatoire. Régimes de spatialité et délocalisation du savoir. PESTRE, Dominique (dir.). **Histoire des sciences et des savoirs**. Paris: Seuil, 2015. (Modernité et Globalisation).

AUGUSTO, P.; SOBRINHO, J. O trânsito de Vénus e a Unidade Astronómica. **Internal Report nr.128/07**. Funchal: Universidade da Madeira, 2007. pp. 1-36.

BALLÉ, Catherine. Ciências e técnicas: uma tradição museal? In: BORGES, Marial Eliza Linhares (org.). **Inovações, coleções, museus**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BARBOZA, Christina Helena da Motta. **As viagens do Tempo**: uma história da meteorologia em meados do século XIX. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

BARROSO JUNIOR, Jair, JUNQUEIRA, Selma. Difusão da Hora Legal: O Serviço da Hora do Observatório Nacional. In: MATSUURA, Oscar. (org.). **História da astronomia no Brasil**, Recife: Cepe, pp. 298-332, 2014.

BARROSO JUNIOR, Jair, JUNQUEIRA, Selma. In: LUZ, Sabina Alexandre, VERGARA, Moema de Rezende. Do Congresso de Washington à adoção da Hora Legal Brasileira, **Terra Brasilis** v. 6, 2015. Disponível: <<https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1617#tocto1n3>>. Acesso em: 11 out. 2022.

BAUD, Henry (dir.). **Le diocese de Genève-Annecy**. Paris: Editions Beauchesne, 1985. (Histoire des dioceses de France).

BEDIAGA, Bergonha (org.). **Diário do imperador D. Pedro II (1840-1891)**. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

BELHOSTE, Bruno. Das ciências instituídas às ciências ensinadas, ou como levar em conta a atividade didática na história das ciências. **Revista Brasileira de História da Educação**. v. 11, n. 3, pp. 47-61, set./dez. de 2011.

_____. Les caractères généraux del'enseignement secondaire scientifique de la fin de l'Ancien Régime à la Première Guerre Mondiale. **Histoire de L'Education**, Paris, n. 41, jan. 1989.

_____. **L'histoire sociale des sciences et ses problemes**: réflexions sur um champ de recherche, pp. 1-68, 2001. Disponível em: <https://www.academia.edu/38424559/Lhistoire_sociale_des_sciences_et_ses_probl%C

3%A8mes_R%C3%A9flexions_sur_un_champ_de_recherche>. Acesso em: 25 jan. 2021.

_____. **Science et sécularisation: un débat historiographique**, pp. 1-18, [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.edu/38021374/SCIENCE_ET_S%C3%89CULARISATION>. Acesso em 10 jan. 2021.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Cultura escolar e história eclesiástica: Reflexões sobre a ação romanizadora pedagógica na formação de sacerdotes católicos e o Seminário Diocesano de Santa Maria (1915-1919). **Cadernos Cedex**, a. XX, n. 52, pp. 88-103, nov. 2000.

BENSAUDE-VINCENT. Un public pour la Science: l'essor de la vulgarisation au XIX e siècle. **Réseaux**, v. 11, n. 58, pp. 47-66, 1993. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/reso_0751-7971_1993_num_11_58_2304>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BERTOMEU, José Ramón Sánchez, SIMON, Josep Castel. Viejos objetos y nuevas perspectivas historiográficas: la cultura material de la ciencia en las aulas del siglo XIX. In: LÓPEZ-OCÓN, L., ARAGÓN, S., PEDRAZUELA, M. F. (eds.). **Aulas con memoria: ciencia, educación y patrimonio en los institutos históricos de Madrid (1837-1936)**. Madrid: Comunidad de Madrid, pp. 49-79, 2012.

BESSE, Jean-Marc. Natures, formes et productivité de la visualisation dans la construction des savoirs. In: JACOB, C. (dir.). **Lieux de savoir: les mains des l'intellect**. Paris: Albin Michel, pp. 580-588, 2011.

BIANUCCI, Piero. **Storia sentimentale dell'astronomia**. Milão: Longanesi, 2012.

BITTENCOURT, Águeda B., LEONARDI, Paula. Le catholicisme La place des congrégations religieuses dans l'éducation brésilienne. In: HEYMANN, Catherine (org.). **Pérégrinations d'un intellectuel latino-américain**. Toulouse: Méridiennes, 2011.

BLANCHARD, Raoul. Esquisse de géographie urbaine. **Recueil des travaux de l'institut de géographie alpine**, T. 4, n. 4, pp. 369-463, 1916.

BOCCHI, Luna Abrano. **A configuração de novos locais e práticas pedagógicas na escola: O museu escolar, os laboratórios e gabinetes de ensino do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo (1908-1940)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BOGEY-REY, Annie, PALLUEL-GUILLARD, André. **Mourir en Savoie au fil des siècles**. Chambéry: Société savoisienne d'Histoire et d'Archéologie, 1987. (l'Histoire en Savoie)

BONTEMPI JÚNIOR, B. Do vazio à forma escolar moderna: a história da educação como um fardo na Cidade de São Paulo. In: Paula Porta (org.). **História da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz & Terra, v. 2, pp. 507-549, 2004.

BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). **Inovações, coleções, museus**. São Paulo: Autêntica, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina, PORTELLI, Alessandro. **Usos & abusos da história oral**. Ed. 8, Rio de Janeiro: Editora da FGV, pp. 183-191, 2006.

BOURGUET, Marie-Noëlle, LACOUR, Pierre-Yves. Les mondes naturalistes: (Europe 1530-1802). In: PESTRE, Dominique; VAN DAMME, Stephane (dir.). **Histoire des sciences et des savoirs (de la Renaissance aux Lumières)**. Paris: Seuil, pp. 133-153, 2015.

BRAGHINI, Katya. As aulas de demonstração científica e o ensino da observação. **Revista Brasileira de História da Educação**. Maringá, v. 17, n. 2 (45), pp. 208-234, abr./jun. 2017.

BRAGHINI, Katya, MUNAKATA, Kazumi, TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus A. Apresentação: como e por que estudar a educação dos sentidos: trajetória e motivações.

In: BRAGHINI, Katya, MUNAKATA, Kazumi, TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus A. **Diálogos sobre a educação dos sentidos e das sensibilidades**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017.

BRAGHINI, Katya, PEDRO, Ricardo T., PIÑAS, Raquel Q. Museu Escolar do Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo: constituição, histórico e primeiros movimentos de salvaguarda da coleção. *Esboços*. Revista da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 21, n. 31, 2014.

BRAGHINI, Katya, PIÑAS, R. Q., PEDRO, R. T. Por que um colégio de ensino secundário paulista, católico, privado, adquiriu tantos objetos científicos entre 1858 e 1935? In: IV Seminário Internacional Cultura Material e Ciência, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Editora Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), pp. 217-244, 2016.

BRANHAM, Richard. A new orbit for Comet C/1865 B1 (Great Southern Cometo f 1865). **Revista Mexicana de Astronomía y Astrofísica**, n. 5, pp. 163-169, 2018. Disponível em: <http://www.astroscu.unam.mx/rmaa/RMxAA..54-1/PDF/RMxAA..54-1_rbranhm-XI.pdf> Acesso em: 11 out. 2022.

BRUNO, Ernani Silva. **História e tradições da cidade de São Paulo: Burgo de Estudantes (1828-1872)**. v. II. São Paulo: Hucitec, 1984.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

_____. **O polímata: uma história cultural de Leonardo da Vinci a Susan Sontag**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

CAMARGO, Paulo Florêncio da Silveira. **A Igreja na história de São Paulo (1851-1861)**. São Paulo: Instituto Paulista de História e Arte Religiosa, v. 7, 1953.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. População e sociedade em São Paulo no século XIX. In: PORTA, Paula. **História da cidade de São Paulo: a cidade no império 1823-1889**. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2004.

CAMPOS, Eudes. A cidade de São Paulo e a era dos melhoramentos materiais: obras públicas e arquitetura vistas por meio de fotografias de autoria de Militão Augusto de Azevedo, datadas do período 1862-1863. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 15, n. 1, pp. 11-114, jan./jun. 2007.

_____. Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 13, n. 1, pp. 11-57, jan.-jun. 2005.

_____. São Paulo: desenvolvimento urbano e arquitetura sob o Império. In: PORTA, Paula (org.). **História da Cidade de São Paulo: a cidade no império 1823-1889**. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, pp. 187-250, 2004.

CAMPOS, José Adolfo de. Ensino superior de Astronomia: O Observatório do Valongo e a história do ensino superior da astronomia no Rio de Janeiro. In: MATSUURA, Oscar. (org.). **História da astronomia no Brasil**. Recife: Cepe, pp. 268-298, 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 2019. (Ensaio latino-americanos, 1)

CARVALHO, Márcio Dilmann de; CHAVES, Larissa Patron. Estudo sobre a simbologia maçônica nas logotipias de documentos do Museu Maçônico Rocco Felipe. **XIV Seminário de História da Arte**, pp. 1-16, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/7826>>. Acesso em: 24 out. 2019.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte *et al.* Introduction. In: CASTELNAU-LESTOILE, Charlotte *et al.* (ed.). **Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVIIe-XVIIIe siècle**. Casa de Velázquez: Madrid, pp. 1-22, 2011.

CAVATERRA, C. A. Os italianos, as marmorarias e a imprensa na arte tumular da belle époque paulistana. Simpósio Nacional de História (ANPUH-Brasil), 31º, Rio de Janeiro, 2021. **Anais** [...]. Disponível em: <https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628519786_ARQUIV_O_7e66a57b83eff60bb5af3b813b98f05f.pdf>. Acesso em: 11 out. 2022.

CHAPPEY, Jean-Luc. Catholiques et sciences au début du XIX siècle. **Cahiers d'histoire**. Revue d'histoire critique, n. 87, pp. 13-36, 2002. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/chrhc/1653>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, pp. 97-114, 1994.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 25, n. 2, pp. 149-170, 1999.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, pp. 177-229, 1990.

COELHO, Tatiana Costa. **Discursos ultramontanos no Brasil do século XIX: os bispados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2016.

COLLOMBAT, Michel. **Les bibliothèques des clercs séculiers en Savoie du XVIIIe siècle à 1860**. 2016. These (Doctorat en Sciences Sociales) - Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2016.

CORBIN, Alain. Do Limousin às culturas sensíveis. In: RIOUX, Jean-Pierre, SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, pp. 97-111, 1998.

CORNEC, Jean-Paul; LABAT-SEGALIN, Pierre; ROUXEL, Bernard. **Cadrans solaires de Bretagne**. Morlaix: Skol Vreizh, 2010.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador**: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CRUZ, Heloisa de Faria. A imprensa paulistana: do primeiro jornal aos anos 50. In: Paula Porta. (org.). **História da Cidade de São Paulo**: a cidade no império 1823-1889. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, pp. 351-387, 2004.

DANTAS, Regina; KUBRUSLY, Ricardo; NADER, Rundsthen de. D. Pedro II e a Astronomia. **Simpósio Nacional de História** (ANPUH-Brasil), 25º, Fortaleza, **Anais** [...]. pp.1-10, 2009.

DANTAS, Sandra Mara. **A Fabricação do urbano**: civilidade, modernidade e progresso em Uberabinha/MG (1888-1929). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca (SP), 2009.

DASTON, Lorraine. **Historicidade e objetividade**. São Paulo: Liber Ars, 2017.

DASTON, Lorraine. Philosophies de la nature et philosophie naturelle (1500-1700). In: PESTRE, Dominique; VAN DAMME, Stephane (dir.). **Histoire des sciences et des savoirs (de la Renaissance aux Lumières)**. Paris: Seuil, pp. 133-153, 2015.

DASTON, Lorraine. The Empire of observation, 1600-1800. In: DASTON, Lorraine, LUNBECK, Elizabeth. **Histories os scientific observation**. Chicago: University of Chicago Press, pp. 81-115, 2011.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DEL PRIORE, Mary. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. **Topoi**, v. 10, n. 19, pp. 7-16, jul./dez.2009.

DEVOS, Roger; GROSPERRIN, Bernard. **La Savoie de la Réforme à la Révolution Française**. Paris: Ouest France, 1985.

DEVOS, Roger; JOISTEN, CHARLES. **Moeurs et coutumes de la Savoie du Nord au XIXe siècle**: l'enquête de Mgr Rendu. Annecy: Académie Salésienne, Grenoble: Centre Alpin et Rhodanien d'Ethnologie, 1978.

DEVOS, Roger. **Annecy et le lac**. Paris: Hachette, 1991.

_____. Chapelles et dévotions populaires dans le diocèse de Genève-Annecy aux XVIIe et XVIIIe siècles. 1986. In: XXXIe Congrès des Sociétés Savantes de Savoie: Vie Religieuse em Savoie. **Actas...** Annecy, 1986.

_____. Le triomphe de la reforme catholique (1622-1734). In: BAUD, Henry (dir.). **Le diocese de Genève-Annecy**. 1985. (Histoire des dioceses de France)

DESCHAND, Desidério. **Os grandes sábios e a fé na época contemporânea**. Paris: Descée de Brower, [s.d.].

DOMPNIER, Bernard. Exercice et oisiveté chez les capucins (XVIIe-XVIIIe siècles). **Archives de sciences sociales des religions**, a. 39, n. 86, pp. 199-212, 1994.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2016.

ESCOLANO BENITO, Augustín. Arquitetura como programa. Espaço-escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Agustin. **Currículo, espaço e subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, pp. 19-59, 2001.

_____. Las materialidades de la escuela. In: GASPAR DA SILVA, Vera Lúcia, PETRY; Marília Gabriela (orgs.). **Objetos da escola**: espaço e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Santa Catarina: Editora Insular, 2012.

ESTEBAN, Esteban. Sombras que dan la hora. **Publicaciones de ApEA**, n. 18, pp. 7-45, jun. 2009. Disponível em: <<https://www.apea.es/wp-content/uploads/18-Sombras-que-dan-la-Hora.pdf>>. Acesso em 11 out. 2022.

EYNDE, Jean-Louis Vanden. **La gnomonique monumentale, un outil de composition architecturale tombé dans l'oubli**: Quelques applications européennes entre l'apparition du livre d'architecture (XV siècle) et la généralisation des horloges mécaniques (fin XVIII siècle). Thèse (Faculté d'architecture, d'ingénierie architecturale, d'urbanisme) – UCLouvain, Louvain, 2008.

FAGES, Volny; GUIGNARD, Laurence. Libido sicendi: le gout du savoir (1840-1900). **Revue d'histoire du XIXe siècle**, n. 57, pp. 2-21, 2018/2.

FARIA, Joana Borges de. **Os quadros parietais nas escolas do Sudoeste brasileiro (1890-1970)**. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

FONSECA, André Azevedo da. UMA HISTÓRIA SOCIAL DE UBERABA (MG) **História Revista**, Goiânia, v. 19, n. 1, pp. 197-235, jan./abr. 2014.

FRADIQUE, N. Monumentos são alvo de ladrões; prefeitura tem plano contra furtos. **GCN**, 18 out. 2021. Disponível em: <<https://sampi.net.br/franca/noticias/1701304/franca/2021/08/monumentos-sao-alvo-de-ladros-prefeitura-tem-planos-contra-furtos>>. Acesso em 22 out. 2021.

FRIGHETTO, Hilário. **Les capucins de Savoie (1575-2016)**: 120 ans de présence au Rio Grande do Sul. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 2002.

GARDEN, Maurice. Ouvriers et artisans au XVIII e siècle: L'exemple lyonnais et les problèmes de classification. **Revue d'histoire économique et sociale**, v. 48, n. 1, pp. 28-54, 1970.

GENNEP, Arnold van. **Culte populaire des saints em Savoie**. Paris: Maisonneuve & Larose, 1978.

_____. **Essai sur le culte populaire des saints franciscains em Savoie**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1927.

GHEERBRANT, Alain; CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: José Olympio, 2020.

GILLIO, Jean. Chambéry, capitale régionale (suite). **Revue de géographie alpine**, T. 34, n. 2, pp. 267-311, 1946.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico, PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

GOLISNKI, Jan. El tempo en casa: los instrumentos meteorológicos en los hogares ingleses del siglo XVIII. In: BERTOMEU, José Ramón; BELMAR, Antonio García (dir.). **Abriendo las cajas negras: colección de instrumentos científicos de la Universitat de València**. València: Universitat de València, 2003. pp. 33-45.

GOTTELAND, Andrée. **Cadrans solaires de Haute-Savoie**. Aix-em-Provence: Édisud, 2004.

GRANATO, Marcus; ARAUJO, B. M. Cultura material e Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia: os acervos do Colégio Pedro II e do Ginásio Pernambucano. In: BRAGHINI, Katya; MUNAKATA, Kazumi; OLIVEIRA TABORDA, Marcus Aurélio (org.). **Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades**. São Paulo: EDUC, pp. 79-106, 2020.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha dos; FURTADO, Janaina Lacerda. Objetos de ciência e tecnologia como fonte documental para a história das ciências: resultados parciais. In: VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. **Anais eletrônicos [...]**, ANCIB: Salvador, 2007.

GROS, Monique. Astronomes “professionnels” et “amateurs”, du XVIII siècle à nos jours. In: HUREL, Arnaud (ed.). **La France Savante**. Paris: Éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques, 2018. Disponível em: <<https://books.openedition.org/cths/2532>>. Acesso em: 24 set. 2020.

GRUZINSKI, Serge. **As quatro partes do mundo**: história de uma mundialização. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Edusp, 2014.

GUIJARRO, Víctor Mora. **Artefactos y acción educativa**: la cultura del objeto científico en la enseñanza secundaria en España (1845-1930). Madrid: Dykinson, 2018.

Haidar, M. L. M. **O ensino secundário no império brasileiro**. São Paulo: EDUSP, 2008.

HARRISON, Peter. **Os territórios da ciência e da religião**. Viçosa: Editora Ultimato, 2012.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

HOUSOME, Y.; LEITE, C.; DEL CARLO, S.; Ensino de Astronomia no Brasil – 1850 a 1951 – um olhar pelo Colégio Pedro II. **Ensaio**. Belo Horizonte, v. 12, n. 2, pp.189-204, maio-ago., 2010.

HULIN, Nicole. L’enseignement de la physique du XIX^e au XX^e siècles: permanences et décalages, In: GIRES, Francis. **Physique, côté cours**: cabinets de physique dans l’enseignement secondaire au XIX^e siècle. Périgueux: Musée du Périgord, pp. 10-14, 1997.

_____. **Culture scientifique et humaniste**: um demi-siècle d’engagement sur le rôle et la place des sciences. Paris: L’Harmattan, 2011.

ISLER, François. **Cadrans solaires des pays de Savoie**. Montmélian: La Fontaine de Siloé, 2003.

JACOB, Christian. Faire corps, faire lieu. In: JACOB, Christian (dir.). **Lieux de savoir: espaces et communautés**. Paris: Albin Michel, 2007.

_____. **Lieux de savoir: les mains des l'intellect**. Paris: Albin Michel, 2011.

_____. Retorno aos Lugares de Saber. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n.1, pp. 206-227, jan./dez. 2012.

JULLIARD, Jean-Yves. **Les écoles élémentaires en Savoie: de l'Ancien Régime à la Première Guerre mondiale**. Chambéry: Société savoisienne d'Histoire et d'Archéologie, 2011. (l'histoire en Savoie)

LAGO, Pedro Corrêa do. **Militão Augusto de Azevedo: São Paulo nos anos 1860**. Rio de Janeiro: Capivara, 2001.

LANGLOIS, C. "La Science Catholique" et l'histoire de l'exégèse contemporaine. **Archives de sciences sociales des religions**, n. 167, pp. 213-23, jul./set. 2014.

LAPLANCHE, François. La notion de "Science catholique": ses origines au début du XIXe siècle. **Revue d'histoire de l'Église de France**, T. 74, n. 192, pp. 63-90, 1988.
Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/rhef_0300-9505_1988_num_74_192_3430>. Acesso em: 13 jan. 2021

LE GOFF, Jacques. Comment écrire une biographie historique aujourd'hui? **Le Débat**. n. 54, pp. 48-53, 1989.

_____. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

_____. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

_____. **São Luís**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, pp. 167-182, 1996.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, pp. 133-161, 1992.

LIMA NETO, Gastão Bierrenbach. **Astronomia de posição**. Notas de aula – versão 02/02/2022. Disponível em: <<http://www.astro.iag.uspp.br/~gastao/AstroPosicao/Curso2022.pdf>>. Acesso em: 6 out. 2021.

LINDBERG, Carter. **As Reformas na Europa**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001.

LOCHER, Fabien. **Le savant et la tempête: étudier l'atmosphère et prévoir le temps au XIXe siècle**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

LORENZ, Karl. **Ciência, Educação e Livros Didáticos do Século XIX: os compêndios das Ciências Naturais do Colégio de Pedro II**. Uberlândia: EDUFU, 2010. (Série Novas Investigações, v. 2)

_____. O ensino de ciências e o Imperial Collegio Pedro II: 1838-1889. In: VECHIA, A., CAVAZOTTI, M. A. (org.). **A escola secundária: modelos e planos (Brasil, séculos XIX e XX)**. São Paulo: Annablume, 2003.

LUZ, Sabina Alexandre; VERGARA, Moema de Rezende. Do Congresso de Washington à adoção da Hora Legal Brasileira. **Terra Brasilis** (Nova Série), a. 6, pp. 1-19, 2015.

KIRSCHLEGER, P.-Y. Défendre le christianisme en France au XIXe siècle. **Histoire, économie et Société**, v. 21, n. 1, pp. 29-45, 2002.

KOSSOY, B. Luzes e sombras da metrópole, um século de fotografia em São Paulo (1850-1950). In: Paula Porta (org.). **História da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, pp. 387-455, 2004.

MADI FILHO, José Maurício Ismael. **Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e começo do século XX**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

MANDRESSI, Rafael. Espaces, institutions, artefacts. Figura des savoirs entre architectures et pratiques. In: JACOB, Christian (dir.). **Lieux de savoir: espaces et communautés**. Paris: Albin Michel, pp. 705-716, 2007.

_____. Gestes et formes de l'écriture savan. In: **Lieux de savoir: les mains des l'intellect**. Paris: Albin Michel, pp. 283-290, 2011.

_____. Images, imagination et imagerie médicales. **Lieux de savoir: les mains des l'intellect**. Paris: Albin Michel, pp. 634-655, 2011.

MARANGONI, Antônio Carlos; GERON, Antônio César; COELHO, Lucinda. O ensino interdisciplinar de Matemática e Ciências: um estudo do Relógio de Sol da cidade de Franca. In: **IX Encontro de Pesquisadores do Uni-Facef**. Franca, 2008.

MARCHI, Camila. **Museus escolares no estado de São Paulo (1879-1942)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

MARIANO, Fabiene Passamami, SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Trajetórias e transformações transatlânticas da Festa do Divino Espírito Santo nas Américas. **Revista Brasileira De História Das Religiões**, v. 14, n. 41. pp. 71-96, 2001. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i41.60504>>. Acesso em 11 out. 2022.

MARQUES DOS SANTOS, Paulo. **Instituto Astronômico e Geofísico da USP: memória sobre sua formação e evolução**. São Paulo: Edusp, 2005.

MARTIGNOLES, Nicolas. **Ouvrières & ouvriers de la Manufacture d'Annecy (1830-1914)**. Chambéry: Société savoisienne d'Histoire et d'Archéologie, 2011. (l'histoire en Savoie)

MARTINS, Antonio Egydio. **São Paulo Antigo (1554 a 1910)**. V. 2, São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1912.

MARTINS, Ana Marins, LUCA, Tania Regina de. (org.) **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MARTINS, Patrícia Carla de. **Seminário Episcopal de São Paulo e o paradigma conservador do século XIX**. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

MELLO, Daniel. A beleza dos cometas. In: Martins, Silvia (org.). **Astronomia para poetas**. Rio de Janeiro: Observatório do Valongo, pp. 6-15, 2008.

MELONI, Reginaldo Alberto. A experiência de constituição de uma fonte documental a partir dos instrumentos de ensino de química e física do Colégio Culto à Ciência de Campinas/SP. **Revista brasileira de história da educação**, Campinas-SP, v. 11, n. 1 (25), pp. 43-65, jan. /abr. 2011.

_____. **Saberes em Ciências Naturais: o ensino de Física e Química no Colégio Culto à Ciência de Campinas – 1873/1910**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura Material no estudo das sociedades antigas. In: **Revista de História**, n. 115, jul. /dez., de 1983.

MERLO, G. G. **Em nome de Francisco: história dos frades Menores e do franciscanismo até início do século XVI**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira (1890-1930)**. Livre docência em Sociologia – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985.

MILBACH, Sylvain. La Savoie entre deux annexions (1792-1858). In: MILBACH, Sylvain (dir.). **1860: La Savoie, la France, l'Europe**. Peter Lang, Éditions Scientifiques Internationales, 2012.

_____. Paroles de Prêtres, maux de fidèles: le ministère conteste au village (savoie, 1815-1848). **Histoire & Sociétés Rurales**, n. 42, pp. 85-111, 2014.

MUNAKATA, Kazumi. Microscópio na escola e a observação. **Anuario de Historia de la Educación**, v. 22, n. 2, pp. 98-114, 2021.

MUSEU DA PESSOA. Jubileu Ferreira dos Santos e o Relógio do Sol na Praça Nossa Senhora da Conceição. 19 nov. 2004. Disponível em: <<https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/-45870>>. Acesso em: 8 abr. 2021.

NADER, R. V. de. **Eclipses e trânsitos planetários no século XIX: A modernização da Astronomia Observacional no Brasil de 1850 ao final do Segundo Império**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

NICOLI JUNIOR, R. B., MATTOS, C. R. A disciplina física no ensino secundário nos anos de 1810 até 1930. In: **Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências**. VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, 2007, Florianópolis. Belo Horizonte: ABRAPEC, pp. 1-12, 2007.

NIETO-GALAN, Agustí. **Los públicos de la ciencia: Expertos y profanos a través de la historia**. Madri: Marcial Pons Ediciones de Historia, 2011.

NORA, Pierre. Entre a memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, v. 10, pp. 2-27, jul./dez. 1993.

OLIVEIRA, André Luís. **A Escola Normal de Uberaba (1881-1905): memória e cotidiano**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

OLIVEIRA, Leila de. Restauo do Relógio do Sol da cidade de Franca/SP. **Revista Restauo**, v. 4, n. 8 pp. 1-32, 2020. Disponível em:

<<https://web.revistarestauro.com.br/restauro-do-relogio-do-sol-da-cidade-de-franca-sp/?print=pdf>>. Acesso em 18 maio 2022.

OLIVEIRA FILHO, Kepler de Souza; OLIVEIRA SARAIVA, Maria de Fátima. **Astronomia e Astrofísica**. Rio Grande do Sul: Departamento de Astronomia - Instituto de Física Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <<http://astro.if.ufrgs.br/livro.pdf>>. Acesso em: 3 out. 2022.

PASQUINI, Adriana Salvaterra. **Os frades menores capuchinhos e a educação no Paraná no século XX (1920-1976)**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá (PR), 2017.

PIÑAS, Raquel Quirino. **Prêmio e castigo no Colégio Arquidiocesano de São Paulo (1908-1963)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

PIZZORUSSO, Giovanni. La Congrégation de Propanga Fide a Rome: centre d'accumulation et de production de "savoirs missionnaires" (XVII^e-début XIX^e siècle). In: CASTELNAU-LESTOILE, Charlotte *et al.* **Missions d'évangélisation et circulation des savoirs: XVIe-XVIIIe siècle**. Casa de Velázquez: Madrid, pp. 25-40, 2011.

PERRU, Olivier. **Sciences, raison et religion en France au XIXe siècle**: ouvres philosophiques et littéraires traitant du rapport entre sciences, raison et religions au XIXe siècle. Lyon: Institut Interdisciplinaire d'Etudes Epistémologiques, 2014. (Science-Histoire-Philosophie)

_____. **Sciences, raison et religion en France au XIXe siècle**: savants naturalistes chez les prêtres diocésains et les frères des écoles chrétiennes au XIXe siècle. Lyon: Institut Interdisciplinaire d'Etudes Epistémologiques, 2016. (Science-Histoire-Philosophie)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003.

PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. In: **Cadernos Ig/Unicamp**. Campinas, v. 6, n. 1, pp. 3-57, 1996.

PETITJEAN, Patrick. Ciências, Impérios, Relações Científicas Franco-Brasileiras. In: HAMBURGER, Maria Amélia *et al* (org.). **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)**. São Paulo: Edusp, 1996.

PETRY, Marília Gabriela. **Da recolha à exposição**: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil 1911-1952). Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PLOUX, François. L'estime et la vertu: culture scientifique et identité bourgeoise dans la France provinciale au XIXe siècle. **Revue d'histoire du XIXe siècle**, n. 57, pp. 21-38, 2018/2.

POMATA, Gianna. Observation Rising: Birth of an Epistemic Genre, 1500-1650. In: DASTON, Lorraine, LUNBECK, Elizabeth. **Histories of scientific observation**. Chicago: University of Chicago Press, pp. 45-81, 2011.

RAMOS, Jean-Mar, REINERT, MAX. Les inscriptions du temps sur les cadrans solaires. **Temporalités**: revue de sciences sociales et humaines, n. 1, pp. 22-42, jan. 2004.

REDONDI, Pietro. Physique et apologetique. Le Cosmos de l'abbé Moigno et Marc Seguin. **History and Technology**, v. 6, n. 3, pp. 203-225, 1988.

RELÓGIO DO SOL: A história e a glória do Relógio do Sol. **GCN**, 1 dez. 2019. Disponível em: <<https://sampi.net.br/franca/noticias/1683083/especial/2019/11/a-historia-e-gloria-do-relogio-do-sol>>. Acesso em 18 out. 2022.

RIBEIRO, Renato Ventura, TESCAROLO, Ricardo. **Colégio Arquidiocesano de São Paulo**. São Paulo: Loyola, 1985.

RICCIOPO FILHO, Plauto. **Ensino superior e formação de professores em Uberaba/MG (1881-1938):** uma trajetória de avanços e retrocessos. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2007.

ROHR, René. **Sundial: history, theory and practice.** Canada: University of Toronto Press, 1965.

ROMANO, Antonella. Les savoirs de la mission. In: PESTRE, Dominique et Stephane VAN DAMME (dir.). **Histoire des sciences et des savoirs (de la Renaissance aux Lumières).** Paris: Seuil, pp. 347-369, 2015.

ROUX, Rodolfo R. de. La romanización de la Iglesia católica en América Latina: una estrategia de larga duración. **Pro-Posições**, v. 25, n. 1 (73), pp. 31-54, jan./abr. 2014.

SAMPAIO FERRAZ, Joaquim de. Meteorologia. In: AZEVEDO, Fernando de (dir.). **As ciências no Brasil.** São Paulo. Melhoramentos, s.d.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. **Temporalidades**, v. 2, n. 2, ago./dez. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5387/pdf>>.

Acesso em: 12 nov. 2020.

_____. Dai a César o que é de César e ao papa o que é do papa? A reforma ultramontana no segundo reinado. In: I Seminário Internacional Brasil no Século XIX - Seo, 2015, Vitória. **Anais [...]**, Niterói: Sociedade de Estudos do Oitocentos SEO, v. 1. pp. 1-22, 2014.

_____. Reformas da Igreja em contraposição: o pombalismo luso e o ultramontanismo brasileiro (séculos XVIII e XIX). **Itinerantes**. Revista de História y Religión, v. 5, pp. 65-90, 2015.

_____. O paradigma tridentino e a Igreja Católica no Brasil oitocentista: modernidade e secularização. **Revista Reflexão**, v. 42, n. 2, pp. 169-181, 2017.

SANTOS, Nadja Paraense dos. Pedro II, sábio e mecenas, e sua relação com a química. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, pp. 54-64, jan./ jun. 2004.

SAVOY, Sébastien. La Savoie des Lumières, d'Utrecht à la Révolution (1713-1792), 2017. Annecy. **Conférence...** Les Rendez-vous de l'Académie salésienne. 2017.

SCHECHNER, Sara J. The Material Culture of Astronomy in Daily Life: Sundial, Science, and Social Change. **Journal for the History of Astronomy**, v. 32, pp. 189-222 2001.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: um gênero de fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, Margareth *et. al.* **Narrar o passado, repensar a história.** Campinas: UNICAMP, pp. 181-203, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador:** d. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, DANTAS, Regina. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 46, pp. 123-164, 2008.

SENNETT, Richard. **O Artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, Ana Rosa Clochet da, CARVALHO, Thais da Rocha. A cruzada ultramontana contra os erros da modernidade. **Revista Brasileira de História da Religião**, a. XII, n. 35, pp. 9-42, set./dez. 2019.

SILVA, Ana Rosa Clochet da. Imprensa católica e identidade ultramontana no Brasil do século XIX: uma análise a partir do jornal *O Apóstolo*. **Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (online)**, v. 18, pp. 542-569, 2020.

SORREL, Christian. Deux "réunions" por um destin français : la Savoie de 1792 à 1860. In: BERLIOZ, Jacques; PONCET, Olivier. *Se donner à la France?* Paris: L'École nationale des chartes, 2013. pp. 105-121.

SOUZA, Ney de. Catolicismo, sociedade e teologia no Brasil Império. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 46, pp. 127-144, jan./abr. 2013. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23290/23290.PDFXXvmi=>>>. Acesso em 31 ago. 2022.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da pátria**: História da escola primária do Estado de São Paulo (1890-1976). Campinas: Mercado de Letras, 2009.

_____. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino (org). **Culturas escolares, sabres e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX**: (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

STROUMSA, Guy. Communautés religieuses, communautés de savoir. In: JACOB, Christian (dir.). **Lieux de savoir**: espaces et communautés. Paris: Albin Michel, 2007.

TAUNAY, Afonso de. O Barão Tschudi. In: TSCHUDI, J. J. von. **Viagem às províncias do Rio de Janeiro e S.Paulo**. São Paulo: Martins, 1953 [1866].

TAVARES, Marcelo dos Reis. **Entre a cruz e o esquadro**: o debate entre a Igreja Católica e a maçonaria na imprensa francana (1882-1901). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista, Franca, 2007.

THEBAUD-SORGER, Marie. Spectacles de sciences. In: PESTRE, Dominique; VAN DAMME, Stephane VAN DAMME (dir.). **Histoire des sciences et des savoirs** (de la Renaissance aux Lumières). Paris: Seuil, pp. 133-153, 2015.

TOMAMICHEL, Serge. Les territoires scolaires de la Savoie de la fin du Moyen-Age au rattachement de 1860. **Quaderni di Intercultura**, a. X, pp. 79-131, 2018.

TOSI, Pedro Geraldo. **Capitais no interior**: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945). Franca: Editora Unesp/FHDSS, 2002.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Lições de Coisas: Concepção científica e projeto modernizador para a sociedade. **Cadernos Cedex**, ano XX, n. 52, pp. 74-87, novembro/2000.

VECHIA, Ariclê; LORENZ, Michael (orgs.). **Programa de Ensino da escola brasileira: 1850-1951**. Curitiba: Ed. do Autor, 1998.

VERUCCI, G. Anticlericalismo. In: BOBBIO, N, MATEUCCI, N, PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Brasília, DF.: Editora UNB, pp. 32-34, 1998.

VIDEIRA, Antonio Augusto Passos, HENRIQUES, Vania Patalano. Primeiras pesquisas em Astronomia: ascensão e ocaso das primeiras pesquisas em astrofísica no Observatório Nacional entre as décadas de 1870 e 1930. In: MATSUURA, Oscar (org.). **História da astronomia no Brasil**, Recife: Cepe, pp. 332-356, 2014.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ZANCUL, Maria Cristina de Senzi; SOUZA, Rosa Fátima de. Instrumentos antigos como fontes para a história do ensino de ciências e de física na educação secundária. **Educação: Teoria e Prática**, v. 22, n. 40, pp. 81-99, maio/ago. 2021.

ZUCKER, Arnaud. Les catastérismes. In: JACOB, C. (org.). **Lieux de savoir**: les mains des l'intellect. Paris: Albin Michel, pp. 588-609, 2011.

ZUGNO, Vanildo Luiz. **Os capuchinhos de Saboia e a Reforma Romanizante da Igreja Católica Romana na Região Colonial Italiana e Campos de Cima da Serra (1896-1913)**. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2016.

WERNET, Augustin. **A Igreja paulista no século XIX**: a reforma de D. Antonio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

ACERVOS CONSULTADOS/ DOCUMENTADOS CITADOS

AMARAL, Tancredo do. **O ensino cívico**: o Estado de São Paulo – livro destinado à leitura das classes primárias adiantadas. São Paulo: Alves, 1896.

ANNALES DE LA PROPAGATION DE LA FOI: recueil périodique des lettres des évêques et des missionnaires des missions des deux mondes, et de tous les documents relatifs aux missions et à l'oeuvre de la Propagation de la Foi, 1853.

ARAGO, François. **Astronomie Populaire**. Paris: Librairie Gide et j. Baudry, 1853.

ARAUJO, Oscar de. Le climat du Brésil. **La science française**: revue populaire de vulgarisation scientifique. Paris: Boulanger, 1896. pp. 354-355.

ARFE, J. de. **Manual para construir toda espécie de relójes de Sol**: adicionado com um tratado de los relójes de Sol horizontales, verticales, laterales, etc. Barcelona: Manuel Sauri, 1882.

BABINET. L'astronomie em 1852 et 1853. **Revue de Deux Mondes** (1829-1971), v. 1, n. 2, pp. 376-387, 15 jan. 1853.

BELLEVEAUX, Eugene. **Nécrologie et annales biographiques des FF mineurs capucins de la Province de Savoie 1611-1902**. Chambéry: Louis Pavy, 1902.

BARENTON, Hilaire de. **Les capucins français**. Couvin: Maison Saint-Roch, 1903.

BARBIER, Victor. **La savoie**. Chambéry: Bottero, 1875.

BELVILLE, John Henry. **Manual of the mercurial and aneroid barometers (1858)**. London: Taylor and Francis, 1858.

BIBLIOTHECA do Povo e das Escolas. **Astronomia Popular**. Lisboa: David Corazzi, 1882.

BILLIET, Alexix. Aperçus géologiques sur les environs de Chambéry. ACADÉMIE DES SCIENCES, BELLES-LETTRES ET ARTS DE SAVOIE. **Mémoires de la Société académique de Savoie**. Chambéry: Imprimerie de Plattlt, pp. 120–155, 1825. Tome premier.

BILLIET, Alexix. Reumé des observations météorologiques faites à Chambéry en 1825. In: **Mémoires de la Société académique de Savoie**. Chambéry: Imprimerie de Plattet, T. II, pp. 234-252, 1827.

BILLIET, Alexix. Des brises périodiques dans les vallées des alpes. ACADÉMIE DES SCIENCES, BELLES-LETTRES ET ARTS DE SAVOIE. **Mémoires de la Société académique de Savoie**. Chambéry: Putoud, T. XI, pp. 1-24, 1843.

CARVALHO, C. M. D. de. **Météorologie au Brésil**. Londres: John Bale, Sons & Danielsson, 1917.

CHAMOUSSET, François-Marie. Observations sur la quantité de pluie tombée à Chambéry depuis le commencement de 1829 jusqu'au mois d'août 1842. ACADÉMIE DES SCIENCES, BELLES-LETTRES ET ARTS DE SAVOIE. **Mémoires de la Société académique de Savoie**. Chambéry: Puthod, T. XI, pp. 101-115, 1845.

CHAMOUSSET, François-Marie. Élévation de Chambéry au-dessus du niveau de la mer, pour servir de base au nivellement barométrique. ACADÉMIE DES SCIENCES, BELLES-LETTRES ET ARTS DE SAVOIE. **Mémoires de la Société académique de Savoie**. Chambéry: Puthod, T. XI, pp. 24-90, 1843.

COGNIN, Jean de. **Les capucins en Savoie**. Chambéry: Rosier de Saint François, 1934.

D'AOSTE, Laurent. **Cérémonial et coutumier des frères mineurs capucins de la Province de France**. Paris: Imprimerie W. Remquet et Cie, 1860.

FERRARIS, Aimé. **Chambéry: Aix-les-Bains – leurs monuments et leurs environs**. Chambéry: Puthod, 1847.

FLAMMARION, Camille. **Astronomie populaire: description générale du ciel**. Paris: C. Marpon et E. Flammarion, 1880.

_____. **Astronomie**. In: BUISSON, Ferdinand. **Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire**. Paris: Librairie Hachette, 1882.

_____. **Petite Astronomie descriptive (adaptée aux besoins de l'enseignement)**. Paris: Hachette, 1877.

GAMA, Ayres de Albuquerque. **Noções de Physica e Chimica**. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1876.

GENEVOIS, A. Mémoire sula la nature des vapeurs aqueuses et sur la formation de la grêle. ACADÉMIE DES SCIENCES, BELLES-LETTRES ET ARTS DE SAVOIE. **Mémoires de la Société académique de Savoie**. Chambéry: Puthod, T. IV, pp. 157-191, 1830.

GUILLERMIN, François. **Vie de Mgr. Louis Rendu, évêque d'Annecy**. Paris: Charles Douniol, 1867.

HÉMANN, M. **L'astronomie et la météorologie récréatives: d'après De Lalande, Herschell, Arago, Ajasson de Grandsagne, Cournot, etc**. Paris: Renault, 1835.

JUSSIEU, Alexis de. **Annuaire administratif et historique du département de la Savoie**. Chambéry: Puthold Fils, 1863.

LEEuw, N. R. **Brazillie**: Een land der Toekomst. Amsterdam: Bussy, 1909.

LISBOA, José Maria. **Almanach Litterario de S.Paulo para 1878**. São Paulo: Typ. da província, 1877.

LUNÉ, Antonio; FONSECA, Paulo (orgs.). **Almanak da Província de São Paulo para 1873**. São Paulo: Typographia Americana, 1873.

MARC, Alfred. **Le Brésil**: excursion à travers se 20 provinces. Paris: Boulevard Montmartre, 1889.

MARIÉ-DAVY, Hippolyte. Meteorologie. In: BUISSON, Ferdinand. **Dictionnaire de pédagogie et d'instruction primaire**. Paris: Librairie Hachette, 1888.

MARQUES, Abilio. **Indicador de São Paulo**: administrativo, judicial, industrial, profissional e comercial para o ano de 1878. Edi. Fac-sim. São Paulo: IMESP/DAESP, 1983.

MÉNABRÉA, L. **Compte-rendu des travaux de la Société Royale Académique de Savoie pedante les annés 1844-1845 et 1845-1846**. Chambéry: Puthod, 1846.

MOREIRA, J.; PEIXOTO, A. Les maladies mentales au Brésil. In: Congrès International de Psychiatrie, de Neurologie, de Psychologie et de l'Assistances des aliénés. **Compte Rendu**. Amsterdam: Bussy, 1908. pp. 242-256.

PHILIPPE, Jules. **Annecy et ses environs**. Annecy: Imprimerie de Louis Thésio, 1860.

PILLET, Louis. **Mémoires de l'Académie des sciences, Belles-Lettres et Arts de Savoie**: Histoire de l'Academie et Tables des Matières des quarante-deux premiers volumes. Chambéry: Imprimerie Savoisiennne, 1892.

PINTO, Alfredo Moreira. **Elementos de cosmografia**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves, 1894.

PONTES, Hildebrando. **Frei Germano de Annecy**. Arquivo Público de Uberaba, pp. 1-6, s.d.

POLYANTHEA. **Publicação Commemorativa do 1º quinquagenario da fundação do Seminário Episcopal de S. Paulo**. São Paulo, 1906.

POMPEIA, Raul. **O Atheneu** (chrônica de saudades). Rio de Janeiro: Typp. Da Gazeta de Notícias, 1888.

RAYMOND, G-M. Notice Préliminaire sur l'établissement et les premiers travaux de la Société. ACADÉMIE DES SCIENCES, BELLES-LETTRES ET ARTS DE SAVOIE. **Mémoires de la Société académique de Savoie**. Chambéry: Imprimerie de Plattlt, T. 1, pp. 1-17, 1825.

RENDU, Louis. Des effets que la fumée peut produire dans l'atmosphère pour préserver la végétation d'un abaissement de température capable de la détruire. ACADÉMIE DES SCIENCES, BELLES-LETTRES ET ARTS DE SAVOIE. **Mémoires de la Société académique de Savoie**. Chambéry: Imprimerie de Plattet, T. 2, pp. 35-65, 1827.

RENDU, Louis. Théorie des glaciers de la Savoie. ACADÉMIE DES SCIENCES, BELLES-LETTRES ET ARTS DE SAVOIE. **Mémoires de la Société académique de Savoie**. Chambéry: Puthod, T. 10, pp. 39-159, 1841.

ROMANINI, Pedro Umberto. Frei Germano, 1870: "faça-se luz". **Cespaquista**. a. III, n. 14, pp. 21-23, dez. 1978.

RUFFIN, Jacques. **Vie de Pierre-Joseph Rey, évêque d'Annecy**. Paris: Vrayet de Surcy, 1858.

SANTOS, Affonso José dos Santos. **Elementos de Cosmographia**. Rio de Janeiro: Typp. Garnier Irmãos, 189-.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (São Paulo). Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT):

Estudo de tombamento da Igreja São Cristóvão antiga Capela do Seminário da Luz [...]. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA (São Paulo). Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (CONDEPHAAT). **Solicita o tombamento na cidade de Franca do Imperador, do relógio de sol ali montado em anos passados por frei Germano** [...]. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1972.

SMITH, Asa. **Astronomia ilustrada**. Rio de Janeiro: Garnier, 1853.

SOARES, J. E. de Macedo. **Noções elementares de physica e chimica**: para uso dos alumnos da escola normal. São Paulo: Typp. À Vapor de Jorge Seckler & Com., 1890.

SOUSA FILHO, Clemente Falcão de. Brasil. **Archivo pitoresco**: semanario illustrado. Lisboa, v. 6, pp. 265-266, 1863.

TSCHUDI, J. J. von. **Viagem às províncias do Rio de Janeiro e S.Paulo**. São Paulo: Martins, 1953 [1866].

VILLA-LOBOS, Raul. **Noções de Astronomia**. Rio de Janeiro. Typp. da Corte, 1890.

VICENTE, Manuel. O primeiro corpo docente do Seminário Episcopal. In: POLYANTHEA. **Publicação Commemorativa do 1º quinquagenario da fundação do Seminário Episcopal de S. Paulo**. São Paulo, 1906, pp. 7-12.

ARCHIVES DE HAUTE-SAVOIE (online)

ANNECY (FR). **Déclarations de décès, 1879** [Registro de óbito de Jean Marie Dumurgier (frei Arsene)]. Registrado em 27, p. 147, nov. 1879.

_____. **Registre de actes de décès pour l'année 1842.** [Registro de óbito de Louis Marion]. Registrado em 14 jan. 1842.

_____. **Registre de actes civis de décès (sépulture), 1830.** [Registro de óbito de Jeannette Marion]. Registrado em 20 abr. 1830.

_____. **Registre de actes civis de déclarations de décès, 1861.** [Registro de óbito de Claude François Marion]. 1861.

_____. **Registre de mariages, 1816.** [Registro de casamento de Louis Marion e Philipine Lacombe]. Registrado em 8 nov. 1821.

_____. **Registre de actes de naissance et baptême (1812-1815).** [Registro de nascimento de Claude Charles Marion]. Registrado em 10 ago. 1822.

_____. **Registre de actes de naissance et baptême (1823-1837).** [Registro de batizado de Colette Marion]. Registro em 16 jun. 1824.

_____. **Registre de actes de naissance et baptême (1823-1837).** [Registro de batizado de Jean Pierre]. Registro em 13 fev. 1829.

_____. **Sepultures, 1816.** [Registro de óbito de Colette Marion]. Registro em 7 set. 1825.

_____. **Sepultures, 1830.** [Registro de óbito de Philipine Marion née Lacombe]. Registrado em 12 nov. 1830.

SAINT EUTACHE (FR). **Liber defunetorum Ecclesie Pariechialis de St. Estache (1801-1861)**. [Registro de batismo de Philipine Lacombe]. P. 66, Registro em 28 jun. 1801.

ARCHIVE DES CAPUCINS EN PARIS

Missão Brasil

Pasta 6-p

ROCHE, Matthiew. **Rapport du P.Mathieu de la Roche, prov. et visiteur de Saint Paul, 22 avril, 1877.**

Pasta 7-p

ANNECY, Germano de. **Carta** [Carta enviada em defesa de frei Genoroso]. Piéces de justification du Pére Generaux. 29 jun. 1875.

ANNECY, Germano de. **Carta**. Destinatário: Frei Generoso de Rumilly. São Paulo, 30 jul. 1875.

ANNECY, Germano de. **Carta**. Destinatário: Frei Generoso de Rumilly. São Paulo, 30 out. 1875.

RUMILLY, Eugênio de. **Relatório**. [Relatório de adiantamento de verba e de emprego de recursos no Seminário Episcopal]. 17 nov. 1961.

CASTELLUCCIO, Caracciolo de. **Carta**. Seminário Episcopal. Rio de Janeiro, 27 jan. 1870.

Pasta 13-p

RUMILLY, Generoso. **Notes sur le seminaire épiscopal de Saint Paul (Brésil)**. Manuscrito, s.d.

S/17P – P. Germain d’Annecy (1822-1890)

FREI FIEL. **Carta**. Destinatário: P. Provinciale. Rio de Janeiro, 17 jul. 1890.

FREI VINCENT. **Carta**. [Carta narrando as últimas horas de frei Germano] Destinatário: Província dos Capuchinhos em Savóia. Chartreuse de Valbonne, 31 maio 1890.

CORREA JÚNIOR, Carmelino. O gnomo de frei Germano (dedicado aos estudantes de Franca). *Comércio da Franca*. Franca, 14 jul. 1957.

CHIACHIRI, José. O Sol marca o tempo também em Annecy. [Jornal de Franca], 29 mar. 1998.

FRANCO, João Nascimento. Franca e Annecy, cidades irmãs. *Comércio da Franca*. 30 jun. 1999.

Convento de Chambéry

Pasta S/1 E

ACTES CAPITULAIRES 1817-1890. Archive des Capucins em Paris. Ordonnances de la C. R. Définition, à la suite du Chapitre provincial tenu à Chambéry, p. 34, le 18 août 1848.

VICTORIN, Fr.; AMBROISE, Fr. **Articles adictionnels et explicatifs du Cérémonial pour établir l'uniformité de Discipline dans nos couvents**. 1839.

Pasta S/7B

ARCHIVE DES CAPUCINS EN PARIS. **Prêts de promesse des novices avant leur profession (1781-1845)**. p. 100.

Pasta S13/b

REGOLAMENTO de' Collegi per missioni estere stabiliti, ed affidati dalla Sacra Congregazione di Propaganda Fide all'ordine dei pp. Cappuccini nelle città, e rispettivi conventi di Roma e Chambéry. Roma: Collegio Urbano, 1841.

RÈGLEMENT pour les etudiants capucins. (Manuscrito). S.d.

AnnecyPasta S/23s

TRICHOT, Gabriel (cop.). **Traité D'horlogiographie pour les constructions des cadrans solaires demonstre des plusieurs diferentes manieres.** 1747.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (APESP)

Fundo Ofícios diversos (*online*) – Seminário

PROSPECTO do Seminário Episcopal de S.Paulo. São Paulo: Typ. Imparcial, 1856.

MELO, Antonio Joaquim de. **Relatório.** [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 16 jan. 1857.

COUTINHO, Anacleto José Ribeiro. **Relatório.** [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 7 jan. 1858.

MELO, Antonio Joaquim. **Relatório.** [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 31 jan. 1858.

COUTINHO, Anacleto José Ribeiro. **Relatório** [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 21 jan. 1860.

CENTELHAS, Firmino. **Relatório.** [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 29 nov. 1864.

REGO, Sebastião Pinto do. **Relatório.** [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 14 dez. 1866.

REGO, Sebastião Pinto do. **Relatório.** [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 26 dez. 1867.

RUMILLY, Eugênio. **Relatório**. [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 28 dez. 1871.

CARVALHO, Lino Deodato de. **Relatório**. [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 31 dez. 1876.

ANDRADE, Joaquim Manoel de. **Relatório**. [Relatório a respeito do funcionamento do Seminário Episcopal.] Destinatário: presidente da província. São Paulo, 31 dez. 1877.

ARQUIVO MUNICIPAL DA CIDADE DE FRANCA

Pasta Frei Germano de Annecy

O RELÓGIO DO SOL. *Diário da Franca*. Franca, 05 mar. 1981.

FRANÇA, J. Guimarães. Acertando os relógios. *Diário de Franca*. Franca, 12 jun. 1984.

PICHADORES voltam a emporcalhar a cidade. *Diário da Franca*. Franca, 25 dez. 1993.

JUBILEU REALIZOU seu sonho: construiu o relógio do sol! *Diário da Franca*. Franca, 07 set. 1979.

ANNECY, Germano de. [Depoimento] Ramo Crime (1886). *Comarca da Franca*, 30 abr. 1886.

HEMEROTECA DIGITAL – FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

Gazeta da Tarde

O NOTÁVEL MATEMÁTICO [...]. *Gazeta da Tarde*, ano. 6. Rio de Janeiro, 7 ago. 1885.

FREI GERMANO DE ANNECY [...]. *Gazeta da Tarde*, ano. 9. Rio de Janeiro, 3 maio 1888.

Correio Paulistano

PARTE OFICIAL. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 4, n. 491. 12 fev. 1857.

COMUNICADOS. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 5, n. 813. 8 dez. 1858.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA PROVINCIAL. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 5, n. 908, 7 abr. 1859.

ASSEMBLÉA Legislativa Provincial, 38ª sessão ordinária. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano 11, n. 2388, p. 1, 28 dez. 1864.

SEMINÁRIO EPISCOPAL. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 9, n. 1753, 9 mar. 1862.

NOTICIÁRIO. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 10, n. 2127, 16 jun. 1863.

ASSEMBLÉA LEGISLATIVA PROVINCIAL [...]. *Correio Paulistano*, São Paulo, ano. 11, n. 2388, 28 fev. 1864.

SILIVS, Silvio. Folhetim do Correio Paulistano. *Correio paulistano*, São Paulo, a. 12, n. 2606, 29 jan. 1865.

ARISTACHO. Correspondente do Correio Paulistano. *Correio paulistano*, São Paulo, a. 12, n. 2606, 29 jan. 1865.

AS SEGUINTE OBSERVAÇÕES [...]. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 12, n. 2617, 12 fev. 1865.

ZWINGLI, Ulrico. A pedido, O Ypiranga. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 14, n. 3376, 31 ago. 1867.

HÓSPEDE ILUSTRE. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 15, n. 3664, 25 ago. 1868.

A FREI GERMANO. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 17, n. 4176, 9 jun. 1870.

ANNECY, Germano. Passagem de Vênus. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 21, n. 5452, 22 nov. 1874.

OFICIAL, Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial de S. Paulo pelo presidente da província exm. Sr. Sebastião José Pereira em 2 de fevereiro 1876, *Correio Paulistano*, ano 22, n. 5805, p. 1, 16 de fev. 1876.

E ESTA! *Correio Paulistano*. São Paulo, 10 set. 1878.

UBERABA. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 28, n. 7555, 8 fev. 1882.

RELÓGIO DE SOL. *Correio Paulistano*, ano. 32, n. 8701. São Paulo, 25 ago. 1885.

O LEILÃO [...]. *Correio Paulistano*, ano 32, n. 8744. São Paulo, 15 out. 1885.

REMETE-SE AO [...]. *Correio Paulistano*, ano 33, 9 abr.. 1886.

COM RELAÇÃO AO RELÓGIO [...]. *Correio Paulistano*, ano 33, n. 9084, 5 dez. 1886.

ASSEMBLEIA PROVINCIAL. *Correio Paulistano*, São Paulo, a. 33, n. 9201, 28 fev. 1887.

LYCEU CULTO ÀS LETRAS. *Correio Paulistano*, São Paulo, 13 set. 1887.

FREI GERMANO [...]. *Correio Paulistano*, São Paulo, 3 maio 1887.

MARCONDES, Araujo. Frei Germano. *Correio Paulistano*, São Paulo Ano 36, p. 2, 17 maio, 1890.

Jornal do Commércio (RJ)

CRULS, Luiz. Imperial Conservatório. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, a. 64, n. 329, 26 nov. 1885.

PROVÍNCIA DE S.PAULO. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, a. 64, n. 6, 6 jan. 1886.

Diário de Notícias (RJ)

S.PAULO. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, a. 2, n. 214, 6 jan. 1886.

Jornal Correio Mercantil (RJ)

SOBRE O COMETA [...] *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, a. 22, n. 48, 17 fev. 1865.

O Ypiranga

VARIEDADE, FRUTAS DO TEMPO. *O Ypiranga*, São Paulo, a. 2, n. 14, 2 set. 1868.

A Justiça (SP)

EFEMÉRIDES FRANCANAS. *A Justiça*, Franca, a. 1, n. 52, 1 fev. 1885.

REGISTRO DA CIDADE. *A Justiça*, Franca, a. 2, n. 59, 2 abr. 1885.

ANNECY, Germano de. Relógio de Sol. *A Justiça*, ano 2, n. 84, 25 out. 1885.

O Apóstolo (RJ)

INSTRUMENTOS ASTRONÔMICOS. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, ano 11, n. 54, 14 maio, 1876.

PARA QUE SERVEM OS FRADES? *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1883.

PARA QUE SERVEM OS FRADES? *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, ano 20, n. 125, 6 nov. 1885.

SEMINÁRIO DE S.PAULO. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, 14 nov. 1884.

UM RELÓGIO CELEBRE. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 78, 14 jul. 1886.

JOAQUIM CORRÊA DE MELLO. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, 28 dez. 1877.

Diário de S.Paulo (SP)

ECLIPSE DO SOL. *Diário de S.Paulo*, São Paulo, a. 3, n. 609, 29 ago. 1867.

PUBLICAÇÕES pedidas, progresso do Seminário, *Diário de S.Paulo*, São Paulo, ano 2, n. 562, p. 3, 4 jul. 1867.

PARTE oficial, relatorio, instrucção publica, *Diário de S.Paulo*, São Paulo, ano 4, n. 1100, p. 3, 2 maio 1869.

AGUA NO BAIRRO DA LUZA. *Diário de S.Paulo*, São Paulo, ano 6, n. 1071, 30 mar. 1869.

PARTE official, relatorio, Seminario Episcopal, *Diário de S.Paulo*, São Paulo, ano 5, n. 1326, p. 1, 10 fev. 1870.

FOLHETINS DAS QUINTAS-FEIRAS. *Diário de S.Paulo*, São Paulo, a. 5, n. 1447, 14 jul. 1870.

SEMINÁRIO EPISCOPAL. *Diário de S.Paulo*. São Paulo, 5 dez. 1877.

PARTE official, relatorio, Seminario Episcopal, *Diário de S.Paulo*, São Paulo, ano 13, n. 3660, p. 1, 3 mar. 1878.

O Cruzeiro (RJ)

E ESTA! *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 12 set. 1878.

M. D'A. A morte de frei Germano [...]. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano. 1, n. 106, p. 2, 22 maio 1890.

O Paiz (RJ)

DEVEMOS À GENTILEZA DE [...]. O Paiz, Rio de Janeiro, ano 6, n. 2.077, 18 jun. 1890.

GAZETA DE UBERABA (MG) – (online)

RIBEIRO, Cesar Augusto. Lyceu Uberabense. *Gazeta de Uberaba*. Uberaba, a. 1, n. 12, 13 jul. 1879.

ANNECY, Germano de. Meteorologia. *Gazeta de Uberaba*. Uberaba, a. 1, n. 8, 15 jun. 1879.

ANNECY, Germano de. Externato Culto às Letras. *Gazeta de Uberaba*. Uberaba, a. 1, n. 37, 14 dez. 1879.

GABINETE DE PHYSICA. *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, a. 2, n. 76, 3 out. 1880.

GABINETE DE PHYSICA. *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, a. 3, n. 105, 28 abr. 1881.

FÁBRICA DE TECIDOS. *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, a. 3, n. 99, 17 mar. 1881.

FREI GERMANO D'ANNECY. *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, a. 3, n. 310, 20 maio 1884.

O GRANDE COMETA, comunica-nos frei Germano. *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, a. 5, n. 217, 14 jan. 1883.

ANNECY, Germano. Cometa. *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, a. 4, 30 jun. 1882.

ACERVO ESTADÃO – O ESTADO DE S.PAULO (online)

A Província de São Paulo

METEOROLOGIA. *A Província de São Paulo*, São Paulo, a. 3, n. 761, 29 ago. 1877.

INSTRUÇÃO PÚBLICA. O Seminário Episcopal. *A Província de São Paulo*, São Paulo, a. 4, 9 mar. 1878.

FREI GERMANO D'ANNECY. *A Província de São Paulo*, São Paulo, a. 4. n. 895, 15 jun. 1878.

FRANCA. *A Província de São Paulo*, São Paulo, a. 12, n. 3.335, 9 maio 1886.

OBSERVATÓRIO METEOROLÓGICO. *A Província de São Paulo*, São Paulo, n. 3.244, 16 jan. 1886.

OBSERVATÓRIO METEOROLÓGICO. *A Província de São Paulo*, São Paulo, 26 nov. 1886.

O Estado de S.Paulo

FREITAS, Senna. Frei Germano. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 1, 12 jun. 1890.

FREI GERMANO DE ANNECY. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, p. 1, 13 maio. 1890.

OLIVEIRA, Alypio Leme de. A questão das horas, suas convenções e a hora de verão. *O Estado de S.Paulo*, p. 3, 13 out. 1931.

PERÍODICOS (séries)

MÉMOIRE DE LA SOCIÉTÉ ACADÉMIQUE DE SAVOIE. Chambéry, 1825 a 1846.

A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO. São Paulo, 1875 a 1878.

GAZETA DE UBERABA. Uberaba, 1878 a 1875.

ANEXO A – Informação sobre as aulas abertas no Seminário Episcopal de São Paulo, prestada por Anacleto Coutinho em 7 jan. 1858

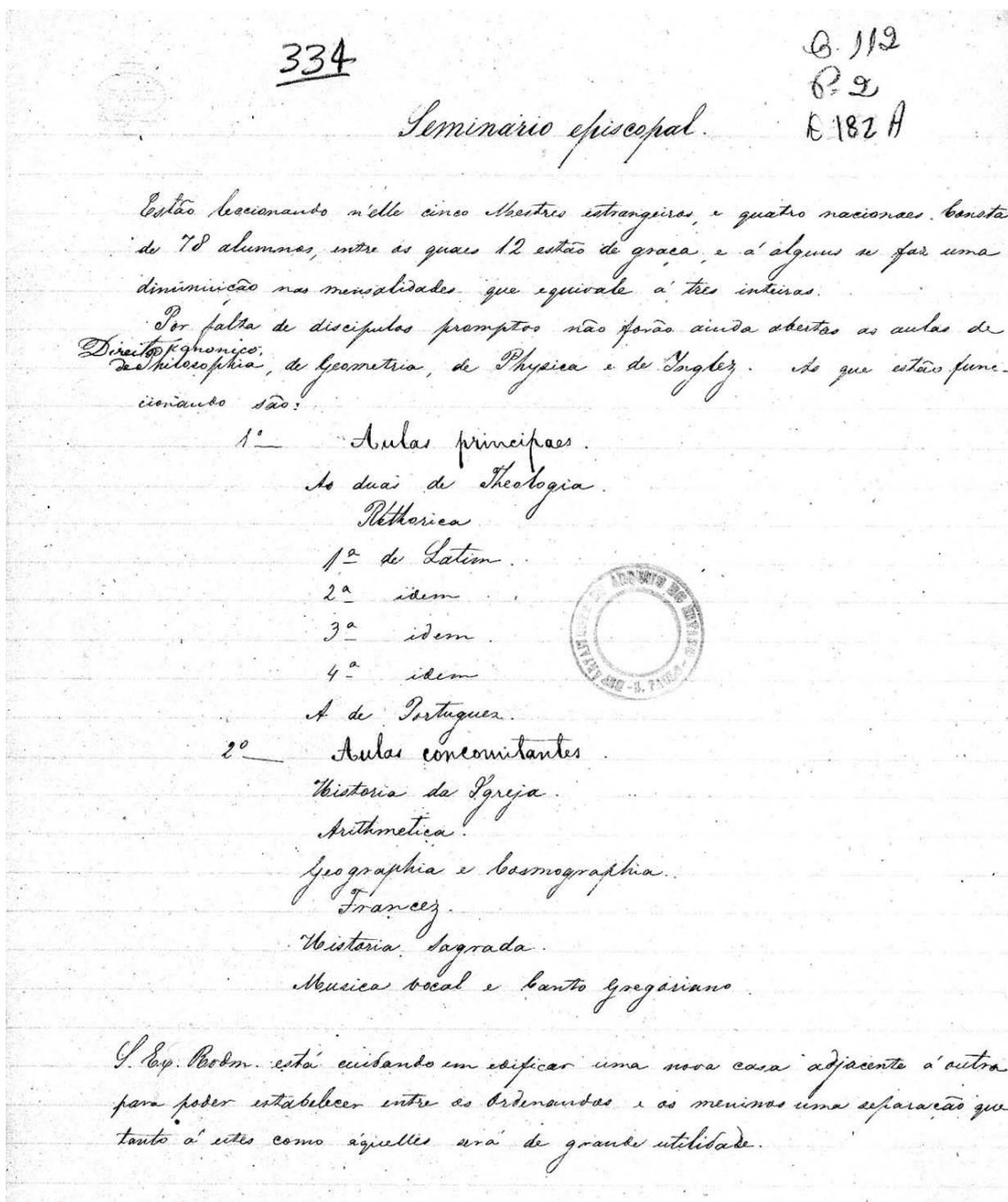
1858

14
Seminário Episcopal no Hospital de São Paulo

Matrícula	Nome do aluno	Idade	Estado de Religião	Obsersações
1	Antônio de Paula	62	Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
2	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
3	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
4	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
5	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
6	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
7	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
8	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
9	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
10	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
11	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
12	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
13	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
14	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
15	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
16	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
17	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
18	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
19	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.
20	Antônio de Paula		Religião Católica	Este o aluno mais antigo e graduado. É seu filho e já se sabe satisfazer o curso de ministrante.

Fonte: Ofícios diversos – Apesp (online)

**ANEXO B – Informação sobre as aulas abertas no Seminário
Episcopal de São Paulo em 1858**



**ANEXO C – Informação sobre as aulas abertas no Seminário
Episcopal de São Paulo, prestada por Anacleto Coutinho em 21 fev.
1860**

8

Seminário Episcopal de São Paulo

<i>Indicações</i>	<i>Materia de ensino</i>	<i>Nome dos Professores</i>	<i>N.º de alunos</i>	<i>Obs.</i>
<i>0-92 2-5-17 2-5-17</i>	<i>Teologia Geral e Chiquena</i>	<i>Rev. Sr.º Cyrano de Almeida</i>	<i>21</i>	<i>Contém actualm. 148 alunos e entre elles 18 gratuitos, e alguns de habilitação p.º exam. de 1.º e 2.º de aulas</i>
	<i>Teologia Dogmatica e Historia Biblica</i>	<i>Rev. Sr.º Termino de Loureiro</i>	<i>21</i>	
	<i>Philosophia</i>	<i>Rev. Sr.º Thom. de Vasconcelos</i>	<i>10</i>	
	<i>Mathematicas e Astronomia e Physica</i>	<i>Rev. Sr.º Antonio de Almeida</i>	<i>15</i>	
	<i>Historia</i>	<i>Rev. Sr.º Joao Jo. de Almeida</i>	<i>5</i>	
	<i>Logica e Mathematica Ingles, Geographia, Musica e Harmonia</i>	<i>Rev. Sr.º Antonio de Almeida</i>	<i>44</i>	
	<i>1.ª aula de Latin e Historia</i>	<i>Thomaz de Paula Rodrigues</i>	<i>9</i>	
	<i>2.ª aula de Latin e Historia</i>	<i>Rev. Sr.º Joao de S.º Paulo</i>	<i>33</i>	
	<i>3.ª aula de Latin</i>	<i>Rev. Sr.º Antonio de Almeida</i>	<i>28</i>	
	<i>aula de portuguezes</i>	<i>Rev. Sr.º Joao de S.º Paulo</i>	<i>32</i>	

Anacleto Joao Coutinho

Fonte: Offícios diversos – Apesp (online)

**ANEXO D – Informação sobre as aulas abertas no Seminário
Episcopal de São Paulo, prestada por frei Firmino de Centelhas em 29**

nov. 1864

p 2
071
0926

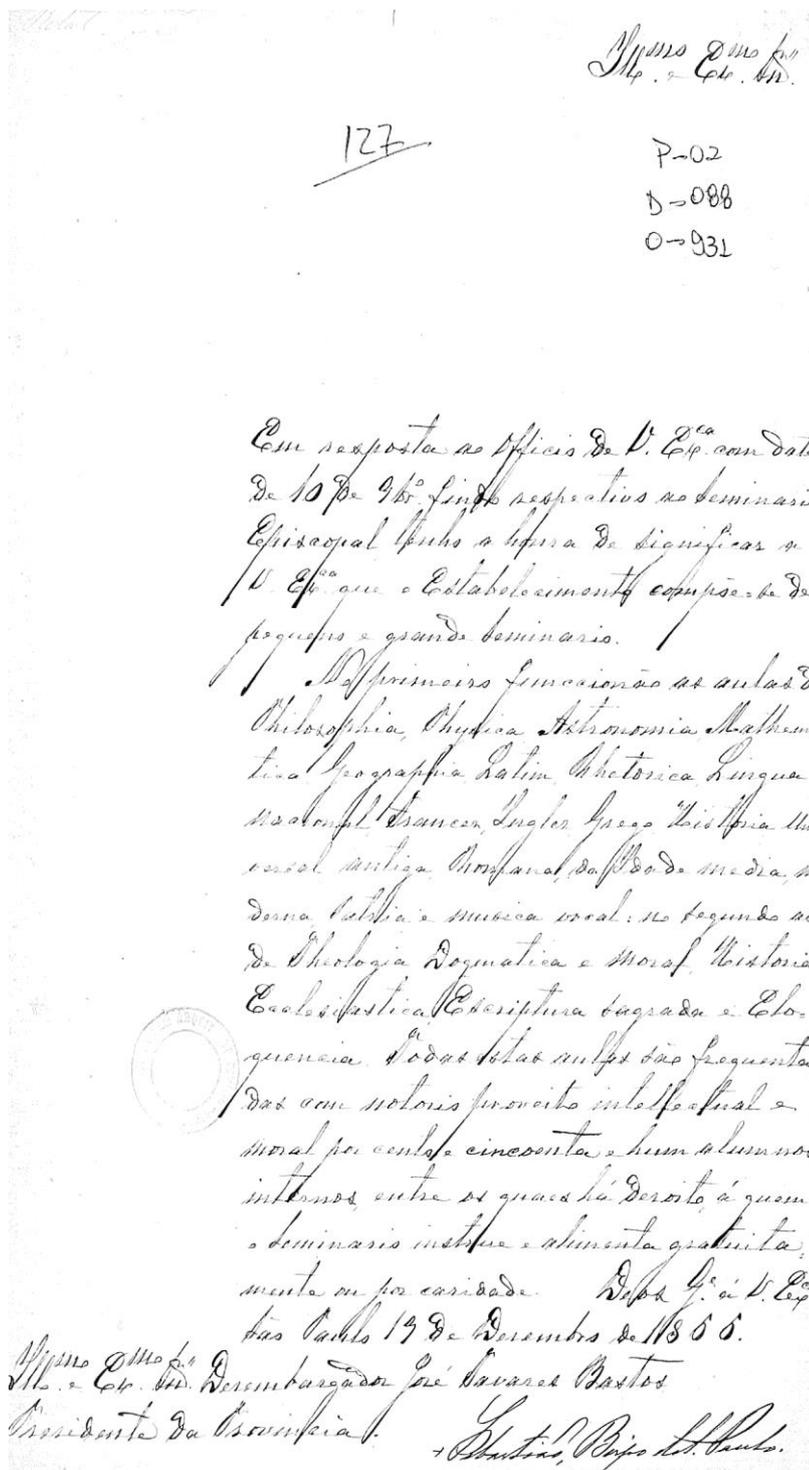
148

Cópia = Emo Pmo Sr. Em resposta ao offi-
cio que recebi de V. Ex. Rev. exigindo
informações sobre o Seminário Episcopal,
tenho a honra de participar a V. Ex. Rev.
que temos este anno no Seminário cento e
vinte alumnos matriculados, frequentan-
do regularmente e com sensivel progres-
so nas respectivas aulas onde se ensinão
as materias seguintes: Theologia moral
e dogmatica, Philosophia, Rhetorica,
Latinum, Grego, Geometria, Physica, Ma-
thematica, Astronomia, Francez, Inglez,
Historia, Geographia e Musica vo-
cal. Deus Guarde a V. Ex. Rev.
Seminário Episcopal a 29 de Novembro
de 1864 = Vice Reitor Fr. Firmino
de Centelhas Capuchinho.

Comprou - João Carlos dos S. 1864



**ANEXO E – Informação sobre as aulas abertas no Seminário
Episcopal de São Paulo, prestada por dom Lino Deodato em 19 dez.
1866**



Fonte: Offícios diversos – Apesp (online)

ANEXO G – Informação sobre as aulas abertas no Seminário Episcopal de São Paulo, publicada no jornal *Diário de S. Paulo* em 10 fev. 1870

Anno V. Quinta-feira, 10 de Fevereiro de 1870 N. 1326.

DIÁRIO DE S. PAULO

As assignaturas, pagas adiantadas, abrem-se em qualquer dia e finalizo em Janeiro, Abril, Julho e Outubro.—Subereve-se na rua das Flores n.º 47 PROPRIETÁRIO—Capitão Paulo Delfino da Fonseca

<p>PARA DENTRO</p> <p>Anno 120000 Semestre 60000 Trimestre 30000</p>	<p>PARA FORA</p> <p>Anno 160000 Semestre 80000 Trimestre 40000</p>
---	---

PARTE OFFICIAL

Relatorio

com que S. Ex. o Sr. Dr. Antonio Candido da Rocha, Presidente da Provincia, installou a Assemblia Legislativa Provincial de S. Paulo no anno de 1870.

(Continuação)

Instrução secundaria

Em instrução secundaria só existem hoje instruções particulares, das publicas, que tinha anteriormente a provincia, só restou as 3 aulas de latin e francez das cidades de Itú, Sorocaba e Santos.

A de Itú contém actualmente 40 alumnos matriculados, dos quaes 36 são frequentes.

A de Sorocaba contém 10 matriculados e frequentes.

A de Santos, 9 matriculados, dos quaes 6 frequentes.

Informo-me o Dr. Inspector Geral da Instrução Publica que passa, nos termos do art. 31 da Lei n.º 8 de 1863, a providenciar sobre a supressão das duas ultimas cadeiras, por não serem frequentadas por 15 alumnos.

Seminario Episcopal

Este estabelecimento, fundado pelo finado Bispo D. Antonio Joaquim de Melo, continúa a funcionar segundo os principios de sua instituição.

O numero de seus alumnos, segundo informa o respectivo Reitor, variou no decurso do anno findo entre 130 e 140, dos quaes 18 são sustentados gratuitamente.

Contém o Seminario Episcopal 14 Professores, sendo 8 religiosos e 2 Padres seculares estrangeiros, e um religioso e 3 Padres seculares brasileiros.

Além das sciencias ecclesiasticas para os ordenandos, existio-não as seguintes materias:

- Portuguez.
- Francuz.
- Latin.
- Ingliz.
- Arithmetica.
- Physica.
- Rhetorica.
- Philosophia.
- Historia.
- Geographia.
- Belgico.

Não funcionou ainda as aulas de grego e allemão, por não haver alumnos que se queira dedicar a essas sciencias.

O estado sanitario e instructivo do estabelecimento é satisfactorio, segundo informa o mencionado Reitor.

Pelo o Reitor é necessaria a fundação para estabelecer em uma collina, que demora cerca de 400 metros do edificio, um cemiterio destinado a todos os Padres que fallecerem nesta cidade.

Depende de vossa autorisação este pedido, que dal-a-heis se vos parecer conveniente.

Estradas

O serviço das estradas da Provincia está, quasi que em sua totalidade, confiado a Inspectores, cuja escolha recae ordinariamente sobre os fazendeiros, que residem nas localidades por onde elles passam.

A Provincia, possuidora de um territorio muito extenso, onde se encontra crecido numero de povoação, tem uma tal multiplicação de estradas, que, sem perigo de erro, pôde-se assegurar que ellas representam um desenvolvimento de mais de 700 leguas.

Isto explica a pratica, sempre adoptada na Provincia, da nomeação de Inspectores, que zellam das estradas, visto não ser possível obter-se um numero de Engenheiros tal, que possa dirigir e fiscalisar devidamente os trabalhos, que ellas, tão desenvolvidas, reclamam.

Os males desta pratica, que se têm seguido, são de primario intuito.

Dirigir a direcção das estradas a pessoas, que não possuem as necessarias habilitações profissionais, é quasi certa a imperfeição dos respectivos trabalhos, ainda mesmo que os Inspectores não os melhores despos de bem desempenhar o cargo, que lhes é confiado.

Tarefa tão importante, descompañada por cuidados, que nenhuma retribuição percebem de seus serviços, porque as rotinas da Provincia seriam insufficientes, não pôde, com tal systema, submetter-se a uma fiscalização rigurosa.

Neste estado de cousas, vê-se a Presidencia forçada a depositar uma confiança illimitada e cega na probidade dos Inspectores, systema esse que, se nos serviços particulares pôde ser adoptado, muitas vezes até com vantagem, incontestavelmente não pôde ser seguido e applicado no que diz respeito a serviços publicos, sem quebra dos mais conselhos principios da sciencia da administração.

Para evitar a estes inconvenientes, logo que entrei em exercicio do cargo, que occupo, dirigi ás Camaras Municipaes uma circular em que recomendei-lhes, por meio de commissões compostas de seus membros, ou de pessoas de sua inteira confiança, procurar-sem saber qual o modo por que nos respectivos Municipios são des-

pendidos os dinheiros publicos com o serviço das estradas; se os Inspectores mostravam-se intelligentes e activos; se o plano dellas era o mais conveniente.

Parecia-me que, dando esta intelligencia a pessoas, que na qualidade de vereadores, deviam empenhar-se pela prosperidade dos seus Municipios, conseguiria dous resultados de reconhecida importancia: —ganhar o conhecimento da marcha dos serviços de todas as estradas da Provincia—e dar ao elemento municipal accção util e benefica.

Por isso me é extremamente digno que até hoje me tenha permitido colhi deitas modica, porque raras foram as Camaras que acudiram ao meu pedido de informações, e isto ao passo que raras não tambem as que não têm dirigido a esta Presidencia representações sobre estradas.

Creára a Inspectoria Geral de Obras Publicas pela Lei n.º 51 de 15 de Abril de 1868, que foi regulamentada a 17 do mesmo mes e anno, tem o seu intelligente e zeloso Inspector intello com as mesmas difficuldades, quanto a este ramo do serviço publico, porque, não possuindo a Inspectoria tantos Engenheiros, quantos seriam precisos para fiscalização dos trabalhos de tão avultado numero de estradas, vê-se forçado a confiar nas informações, que lhe presta os Inspectores.

O serviço faz-se então como accossella o entendimento desses homens baldos de conhecimentos technicos, e não segundo os principios da sciencia, faltando estudos preliminares, planos, plantas, organogramas e até a devida fiscalização, que é impossivel com o actual systema de funcionarios gratuitos.

Parco-me que ha um meio de remover os inconvenientes apontados—e de dividir-se a Provincia em districtos, cada um dos quaes tenha um Engenheiro com residencia no posto mais central delle. Esse Engenheiro deverá percorrer frequentemente o districto e fazer os exames, plantas e organogramas, que devem preceder ás obras, bem como fiscalisalas.

Esta providencia não é nova. Pelo artigo 30 da Lei n.º 8 de 19 de Maio de 1869, já a Provincia foi dividida em districtos, tendo cada um seu Engenheiro. A medida, porém, calhou pela disposição do artigo 13 da Lei n.º 16 de 21 de Abril de 1869, visto não ter produzido os resultados para que foi creada.

A meu vêr, porém, a medida desarticou-se, não pelos seus vícios congenitos, e sim pelo modo de sua execução.

Dividi-se a Provincia, vasta como é, em tres districtos apenas: para cada um delles nomeou-se um Engenheiro, e a cada um nada podia este fazer, tendo sob sua inspecção uma área tão extensa com cerca de 200 leguas de estradas.

Faz-se uma nova divisão de districtos: seito creados tantos, quantos forem necessarios; de se a cada um uma dimensão tal que sobre ellas possa razoavelmente reinar um homem activo; não se cria e não se impoel, como até'ora, mais criterio na escolha do pessoal, e isto certo que a medida produzirá os mais felizes resultados.

Este systema não excede os Inspectores; elles serão sempre indispensaveis, porque nunca poderão os Engenheiros passivamente dirigir as obras de todo o districto, ainda quando seja este de dimensão extensa. Desde, porém, que o Inspector trabalha sob a direcção de um profissional, desde que esses trabalhos sejam de continue visitados por este, indubitavelmente terão mais garantia de perfeição do que os de hoje, determinados e presididos por mãos curiosas, e por conseguinte não responderão pelos seus erros.

Passarei agora a considerações de outro genero.

Acha-se a Provincia cortada de estradas em todos os sentidos. Cada localidade, cada povoação, por mais insignificante que seja, quer ter a sua, que lhe facilite o transito e exportação de generos; mas nenhuma dellas quer depender para isso, reclamando dos cofres provinciais meios ou meios auxiliares.

Estas desarrazoadas pretensões, infelizmente, têm encontrado patronos, e o resultado é que as leis de orçamento ali estão cheias de verbas voltadas para estradas programando municipios, que deviam ser feitas pelas respectivas Camaras, e até para estradas particulares, que deviam ser construidas pelos individuos, a quem exclusivamente applicavel.

A summa dessas verbas produz avultados algarismos nas leis de orçamento e isso não pôde deixar de ser considerado uma verdadeira extorsão ás estradas geraes, que devem ser as unicas feitas e sustentadas pela Provincia.

El mister acabar com este systema; nem mesmo convem a concessão de pequenas quotas para as estradas, propriamente chamadas provinciais, porque a experiencia tem mostrado que essas quantias fractionaes são ordinariamente despendidas sem a menor vantagem para a viabilidade publica.

Quitar annualmente centenas de contos com reparações provisionaes, que poucos meses depois desaparecem, ficando as estradas no antigo estado, pouco-me ser o melhor dos systemas.

Os grandes centros de produção da Provincia são conhecidos; de-á-lhes facil, segura e comoda communicação para os mais proximos pontos de mercado, ou embarques, e teremos conseguido um grande melhoramento. As despesas assim feitas serão brevemente indemnizadas pelo aumento da produção e consequente acrescimo da renda publica; as despesas, porém, feitas com o actual systema de obras de viação tornam-se verdadeiros sorvedouros dos cofres publicos, sem esperanca alguma de reparcmento.

Entendo, pois, que faria um grande beneficio á Provincia extinguindo do orçamento essa multiplicação de insignificantes verbas constantemente voltadas para reparação de estradas e pontes, e consignando uma quota compativel com as forças e recursos della para estradas em geral.

A administração, desobrigada assim de cingir-se a tantas disposições, que acanhão e nullificão a sua accção, poderá attender ás necessidades da viabilidade publica da maneira mais conveniente e proficua; deixando-lhe a maxima das despesas com tal ramo de serviço publico, deit a administração o cuidado e a responsabilidade do

seu emprego; ouo assegurava-vos que o resultado correspondêr á vossa confiança.

Feitas estas considerações, me agora prestar-me alguns esclarecimentos sobre varias estradas, a que dediquei maior attenção em razão de sua reconhecida importancia.

Neste caso acham-se a estrada que, partindo da estação do Rio-Grande, da via ferrea, vai ter á cidade de Mogi das Cruzes.

Logo que assumi a administração da Provincia, fui informado que entre aquellos pontos se estava construindo uma estrada de rodagem.

Fez-me isto impresso, certo, como era, que justamente entre esses dous pontos se tinha de fazer um ramal de via ferrea, para o que já houvera sido concedido o privilegio.

Pôdi, portanto, informações ao então Inspector de Obras Publicas, e ferri ellas inoqueras a mais não se pôde desejar. A estrada, começada, segundo me foi dito, era tão favoravel ao transito, que, apenas aberta a picada, por ella começaram a passar as tropas e vindictas, abandonando a estrada velha; suas condições scientificas erão tão prosperas, que ella se prestaria ao assustamento do trilho, quando se tratasse de realizar o ramal da via ferrea.

Diante de tão apregoadas vantagens, resolvi ir eu mesmo apreciar-as e ir acompanhando do Engenheiro Fox, que havia procedido a estudos e levantado a planta do ramal projectado.

Perecerá a estrada velha em toda sua extensão, examina a nova, e passei pela mais completa descripção, reconhecendo ocularmente que esta, longe de ser melhor, seria sempre inferior á existente.

Ordenei, em consequencia, a cessação immediata dos trabalhos da estrada começada, determinando que seus operarios fossem transferidos para a estrada velha, que, convenientemente reparada, poderia offerecer todos as condições de uma boa via de communicação.

Cheguei mais tarde ao meu conhecimento, e em grande surprehensa minha, que se terminavam ordens, que dei, deitendo de ser cumpridas, e que o Engenheiro empregado naquello serviço continuava a abrir a estrada, que abandonou e determinei.

Pôdes comprehender a priori qual foi o meu procedimento diante de tal rebeldia.

Verificado o facto, castiguei os culpados, levando a demissão do Inspector Geral de Obras Publicas e do Engenheiro, encarregado de aquelle serviço especial.

A estrada que o Capitão se dirige a cidade de Santos, e que a muitos parces superflua pela razão de seguir uma vereda mais ou menos parallelas a via ferrea, não foi por mim assumida.

Entendo que não se se pôde, sem erro e culpa, condemnar ao abandono um grande capital da Provincia, que ali se acha findo.

Acreeço que, sendo a via ferrea sujeita a variados accidentes, e principalmente na Serra, interrompe a regularidade do transito, era necessario conservar sempre por prevenção aquelle meio de communicação entre o interior da Provincia e o seu principal porto de mar.

A actualidade ahi está justificada o meu modo de pensar a este respeito.

Para conservação, pois, dessa estrada de rodagem, trabalhase constantemente nella, achando-se os respectivos serviços a cargo de dous Inspectores, um dos quaes dirige os trabalhos de uma Capital até o alto de Serra, e outro desde este ponto até a cidade de Santos.

Estes Inspectores são os unicos attribuidos, que possuem a Provincia, e a razão é que, não havendo entre a Capital e Santos fazendeiros que tenham interesse na conservação da estrada, impossivel se torna achar quem queira gratuitamente tomar a si, não sendo oão.

Convencido de que o compromisso da Provincia para com a Companhia da linha ferrea de Santos e Juiz de Fora não pôde ser alliviado na razão do augmento da renda da mesma linha, julguei da ultima necessidade melhorar as estradas, que dos pontos produtores de vicio entrosam-se nella, a fim de fazer convergir para a mesma todos os generos de exportação, facilitando ao mesmo tempo a importação.

Nesta empenhe tratei de constrangimento de uma boa estrada entre a estação do Bethlehem-aímb e as cidades de Atibaia e Bagança, visto que assim alliviaria para a via ferrea não só os generos daquelles dous importantes municipios, como os do parte da Provincia de Minas-Geraes, que buscão o grande mercado de Santos e ainda os do municipio de Santo Antonio da Cachoeira.

Os trabalhos desta importante estrada, ferri confiado a um habili Engenheiro, que se dirige, segundo os estudos e planos a que procedo, de combinação com o Inspector Geral de Obras Publicas.

Por has vezes visito a estrada, de que agora me occupo, tendo estado satisfeito com a marcha, que levava ao occupo, tendo o vigente do orçamento, e attenta a sua importancia, abri em favor da mesma um credito de 20.000\$, esperando que este me seja accoerça a vossa approvação.

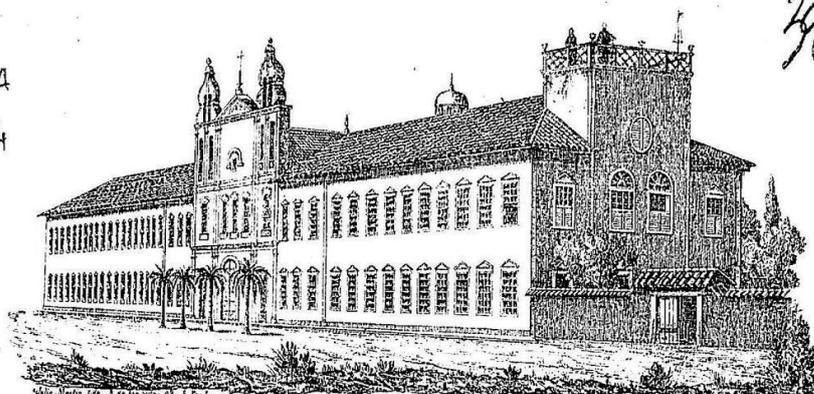
Oportunamente se-vos-ha presente o orçamento da despesa, de que ainda necessita esta estrada para seu completo acabamento, a fim de que o tomem na devida consideração.

Com igual diligencia procurei promover os melhoramentos das dous estradas, que de Juiz de Fora se dirigem para Campinas e Itú, e que possuem em communicação com a via ferrea, não só os cases dous e importantes municipios, como os que decorrem de Campinas até a Franca por Mogi-mirim; de este ponto até Araraquara pelo Rio-Grande, e até as villas de Botucatu e Lenções pela cidade da Constituição, e mais os tambem importantes municipios de Porto-Felix, Tietê e Capivary.

(Continua.)

**ANEXO H – Informação sobre as aulas abertas no Seminário
Episcopal de São Paulo, prestada por frei Eugênio de Rumilly em 28
dez. 1871**

P → 01
D → 154A
O → 944



**PEQUENO SEMINARIO EPISCOPAL
DE S. PAULO**

Esta casa não é senão uma secção do Seminário da Diocese, aberto em 1856. Recbem-se n'ella alumnos de toda idade, e sem distincção alguma a respeito de vocação. Devem saber ler e escrever. O curso dos estudos é o seguinte:

AULAS PRINCIPAES	AULAS ESPECIAES
Philosophia (2 annos)	Geometria, physica, astronomia, historia da idade media e moderna.
Rhetorica	Mathematica, historia romana, Francez, Inglez.
1.ª aula de latim	Historia antiga, geographia, Francez.
2.ª " de latim	Historia universal, geographia, Arithmetica.
3.ª " de latim	Historia patria, geographia, Arithmetica, e musica vocal.
4.ª " da lingua nacional	Geographia, historia sagrada.
Aulas livres	Allemao, grego e desenho.

Os alumnos que não se destinão á alguma carreira litteraria, podem á pedido dos paes, ser dispensados das aulas principaes, e frequentar sómente os cursos especiaes, que lhes couvieren, como francez, geographia, arithmetica etc., etc.

O anno lectivo abre-se a 30 de Junho e acaba a 25 de Abril.

Durante esse tempo os alumnos não sahem da casa, seni ser acompanhados, e sem verdadeira necessidade. Não se permite ir passear na cidade, ou passar o dia em casa de correspondentes, nem mesmo á pedido dos paes. E' facultativo passar as ferias no seminario, porém n'esse tempo a maior parte das aulas estão fechadas.

Alm de que os paes estejam sempre em dia com o estado de seus filhos, receberão cada dois mezes um boletim assignado pelo Reitor e o mestre respectivo, dando informações exactas sobre seu comportamento, sua saude, sua applicação e progresso no estudo.

CONDIÇÕES

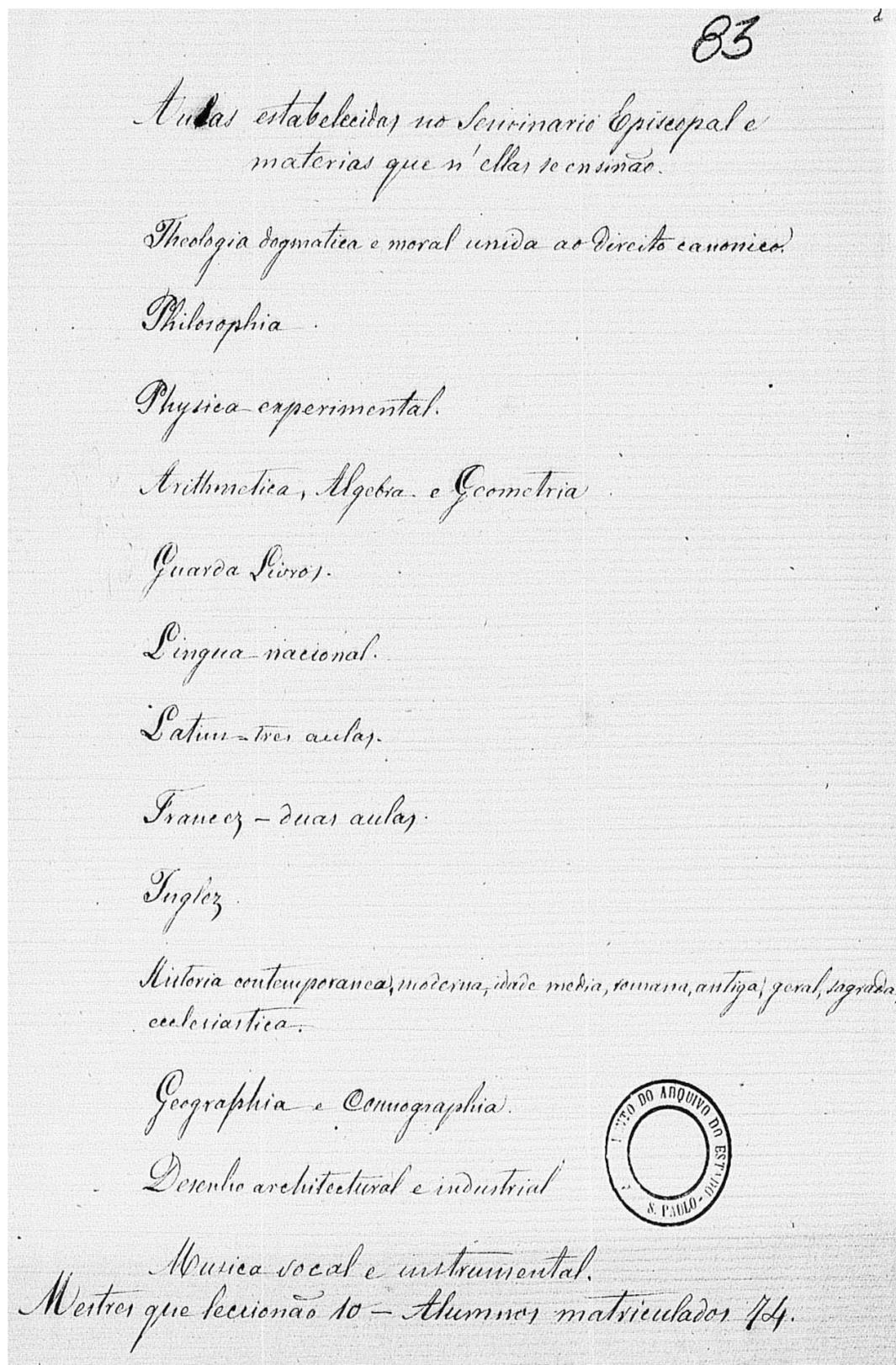
Todo o alumno deve trazer sua certidão de baptismo, e sendo maior de 16 annos, um attestado de bom comportamento passado pelo vigario do lugar do seu ultimo domicilio.

A mensalidade é de 30\$000 rs. e paga-se adiantado até Abril inclusivamente, e até 30 de Junho para aquelles que passão as ferias no Seminario. As despesas de doengas ficão á cargo da casa. A casa se encarrega da lavagem da roupa mediante a quantia de 4\$000 rs. por mez. Os paes devem além d'isto deixar na mão do Reitor uma quantia proporcional ás despesas que seus filhos tiverem de fazer durante o anno, em livros, papel, e outros objectos que, por ordem sua, a casa tiver de lhes fornecer. Para evitar as despesas superfluas, os bilhetes dos alumnos aos seus correspondentes irão sempre assignados pelo Padre Mestre Procurador.

O uniforme consiste em uma sobre-casaca, chapéo de cópa alta, gravata, collete e calça pretos. Devem trazer além d'isto toda a roupa do corpo e de cama sufficiente para um anno; um coláo, bacia, e jarro, um cópo de metal, emfim todos os objectos de uso pessoal.

Fonte: Offícios diversos – Apesp (online)

ANEXO J – Informação sobre as aulas abertas no Seminário Episcopal de São Paulo, prestada por Lino Deodato em 31 dez. 1876



**ANEXO M – Informação sobre as aulas abertas no Seminário
Episcopal de São Paulo, prestada por Joaquim Manoel de Andrade em
12 nov. 1877**

P-3
D-108-B
O-959

232 Aulas
estabelecidas e frequentadas no Seminário Episcopal.

Aula de Theologia moral, incluindo, de um modo sumário, o Direito Canônico.
 " de Theologia dogmática, compreendendo a Escritura Sagrada, Liturgia etc.
 " de Canto-chão;
 " de História eclesiástica;
 " de Philosophia;
 " de Physica, Geometria e Algebra;
 " de Rhetorica;
 " de Latim, dividida em tres secções progressivas;
 " de Lingua nacional;
 " de Inglez;
 " de Francez, dividida em tres secções particulares;
 " de Arithmetica;
 " de História universal, Patria e Sagrada;
 " de Geographia;
 " de Musica vocal e instrumental;
 " de Desenho;

Existem ainda no prospecto as aulas de Allemão, Grego e
 Armonia que não estão em actividade por falta de alumnos, que as
 frequentem.

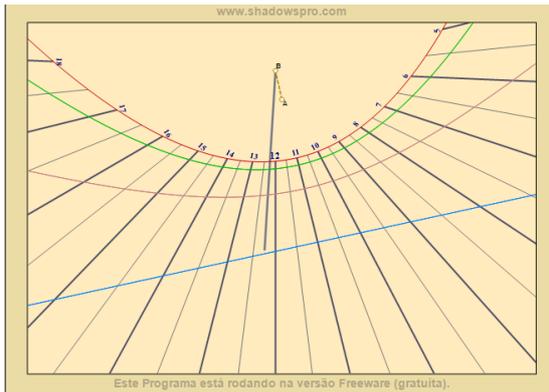
O Seminario conta este anno (Julho 1877-Abril 1878) na
 data presente setenta e um alumnos matriculados.

Sem: Ep! de São Paulo 12 de Novembro de 1877.

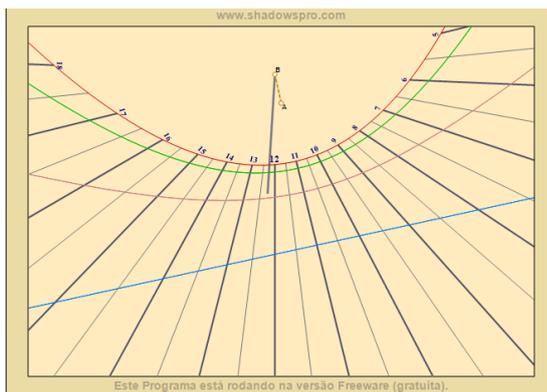


ANEXO N – Perfil de sombras projetadas às 12h15 em quadro-horário que simula o relógio de frei Germano de Annecy conforme os meses do ano.

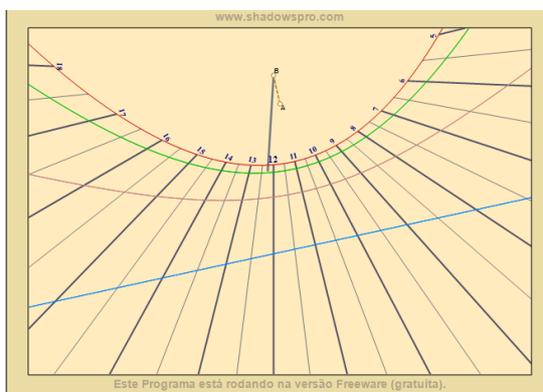
De fevereiro a março



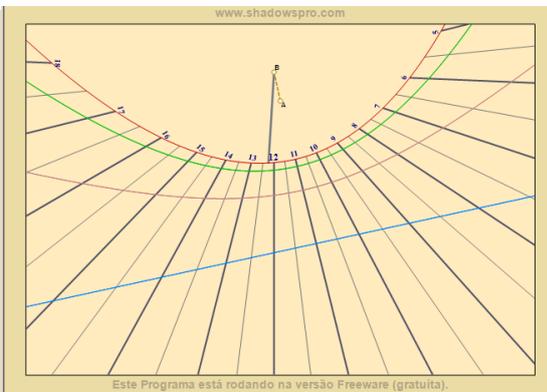
De março a abril



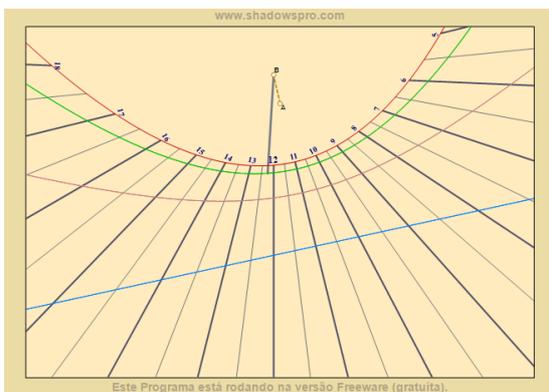
De abril a maio



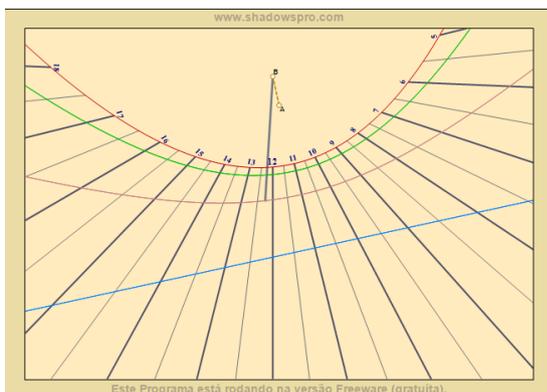
De maio a junho



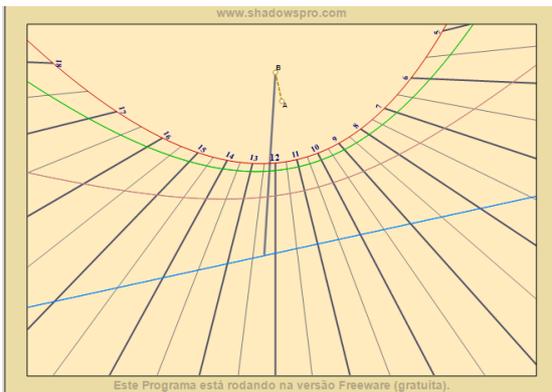
De junho a julho



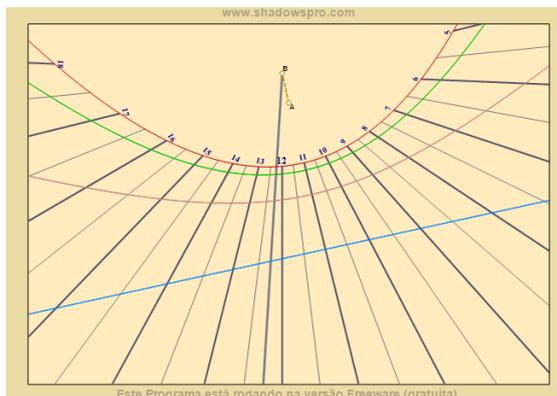
De julho a agosto



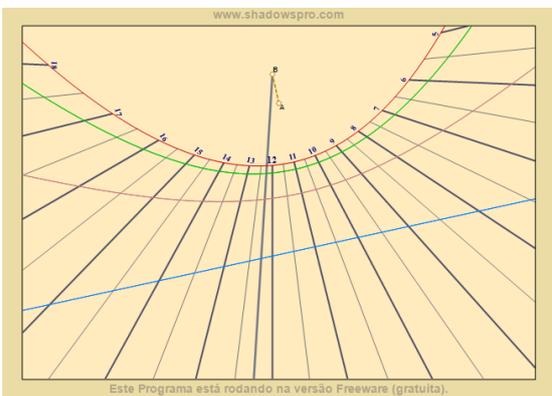
De agosto a setembro



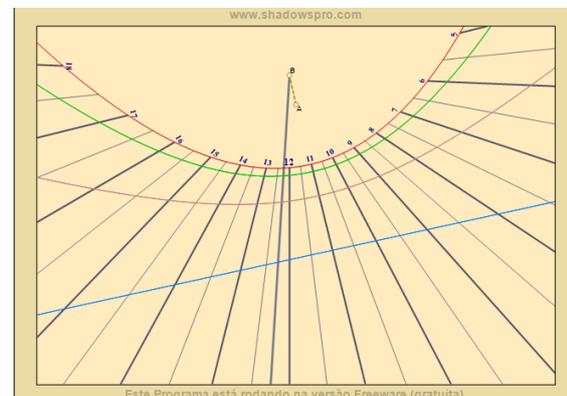
De setembro a outubro



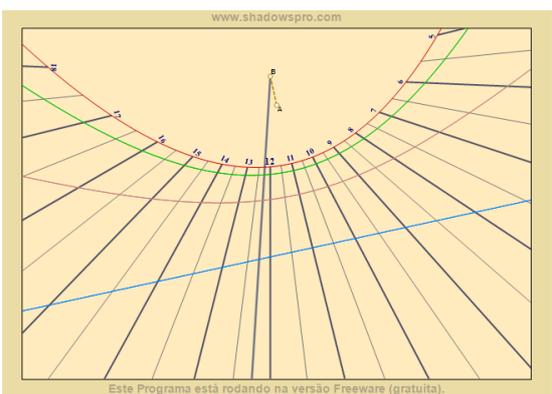
De outubro a novembro



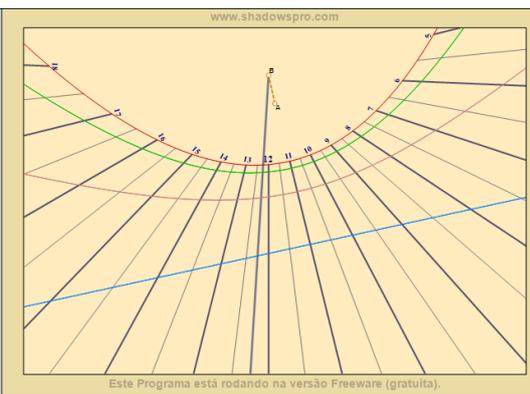
De novembro a dezembro



De dezembro a janeiro



De Janeiro a fevereiro



Fonte: Shadows Pro.